
RAGE
TAMIRES BARCELLOS



TAMIRES BARCELLOS

Copyright © 2019 por Tamires Barcellos

Todos os direitos reservados.

Capa: Dri K. K.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra
sem a autorização prévia da autora.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas
terá sido mera coincidência.

Prólogo

Junho - 1999

Estava frio. Muito frio. Mesmo puxando os meus joelhos para o meu peito, enrolando os braços ao redor do meu corpo e escondendo o rosto entre eles, ainda conseguia sentir o frio que me congelava os ossos. Mamãe dizia que eu tinha que me proteger do frio, pois podia ficar doente; naquele momento, desejei com todas as forças que eu ficasse doente e morresse.

Um barulho alto me assustou e eu me sobressaltei, arregalando os olhos. Não conseguia ver nada, pois o lugar onde me colocaram era muito escuro. A única luz que preenchia o ambiente vinha da porta aberta e, mesmo assim, a claridade era muito pouca. Mas senti do que vi quando um homem alto se aproximou de mim e se ajoelhou na minha frente. Dedos ásperos tocaram o meu queixo.

— Você é ainda mais bonito de perto... — Sua voz era baixa e grosseira, mas ele parecia estar sorrindo. Virou o meu rosto de um lado para o outro e eu estremeci, meu coração batia forte contra o meu peito. — Está com medo? — Perguntou. Eu não sabia se era para responder ou não, pois me mandaram não abrir a boca. Quando tentei falar, levei um chute no estômago que me deixou sem ar e me fez vomitar. Não queria apanhar novamente. — Você pode me responder.

— Es... Estou — gaguejei, puxando ainda mais as pernas para frente do meu peito. Caso ele mudasse de ideia, não poderia chutar o meu estômago. O homem riu.

— Eu adoro o medo. Me enche de tesão.

Eu não sabia o que significava ficar cheio de tesão, mas senti que não era algo bom, pois, assim que disse isso, o homem desceu as pontas dos dedos pelo meu pescoço, me causando um arrepio muito ruim. Quis me esquivar, mas o medo me deixou paralisado.

— Levante-se — ele ordenou.

Tremendo muito, apoiei minhas mãos no chão úmido e me levantei, escorando-me na parede. Meu estômago doía pelo medo, pelo chute e pela fome e senti minha cabeça rodar, mas não me permiti cair. O homem continuou ajoelhado a minha frente e, mesmo com a pouca luz sobre ele, consegui ver que era alto, pois sua cabeça batia praticamente em minha barriga.

— Você é bem alto para um menininho de dez anos. Isso é muito bom — disse ele. — Tenho certeza que será um homem forte e que ficará ainda mais bonito. Vai me dar trabalho — riu.

Engoli em seco quando senti suas mãos em meus tornozelos. Eu usava apenas um short folgado, pois os homens maus haviam tirado toda a minha roupa. Não gostei quando suas mãos subiram pela minha perna e soltei um grunhido quando seus dedos tocaram o meu pênis. O homem riu e senti vontade de vomitar. Também senti vontade de dar um chute na sua cara e fiquei muito surpreso comigo. Eu gostava de assistir lutas na TV e até brincava disso com meus amigos, mas nunca senti vontade de machucar alguém. Naquele momento, eu queria machucar aquele homem.

— Isso aqui também vai crescer — disse ele, acariciando meu pênis por cima do short. — Deus do céu, mal posso esperar para usar você. Mal posso esperar para sentir o seu corpo...

Não entendi o que ele quis dizer, mas soube, naquele momento, que era algo muito ruim. Ele ainda ficou um tempo acariciando meu pênis de cima para baixo e não gostei da sensação que tomou o meu corpo. Era como se eu estivesse gostando, mas eu não queria gostar. Era ruim, me fazia sentir mal, com vontade de o socar até fazer com que ele me deixasse em paz, mas, ao mesmo tempo, eu sentia algo bom lá embaixo. O homem riu de novo e, de repente, se levantou.

— Você está ficando bem animadinho, isso é ótimo, menino.

Senti muito medo do seu tom de voz. Ele parecia estar sorrindo, mas eu podia sentir a maldade nele. Assustado, me espremi mais contra a parede.

— Quero a minha mãe — sussurrei, olhando para baixo. Senti os dedos do homem novamente em meu queixo, levantando o meu rosto para olhar para o seu, que estava coberto pelas sombras.

— Você não tem que querer nada, porque agora você é meu — disse. Seu

tom me fez arregalar os olhos. — Você não é mais nada, você não é ninguém, entendeu? — Ele apertou meu queixo entre os dedos e senti meus olhos se encherem de lágrimas pela dor. — Você entendeu, seu merdinha? Responda!

Quis dizer que não. Quis dizer que ele não mandava em mim, que eu sequer o conhecia. Quis dizer que queria dar um soco na cara dele, mas tudo o que fiz foi dizer em um mísero sussurro:

— Sim.

O homem se aproximou mais, até ter todo o corpo pressionado ao meu. Ele era alto e senti algo duro pressionar a minha coxa. Demorei um pouco para entender que aquele negócio duro vinha de dentro da sua calça, mas não consegui discernir o que era.

— A partir de hoje, você vai obedecer a todas às minhas ordens. Às vezes, eu mesmo virei aqui para falar com você, mas, quando eu não puder, meus homens virão e você vai obedecer sem pestanejar. Não queira descobrir o que vai acontecer se você desobedecer. Eu posso ser bem cruel com aqueles que não cumprem às minhas ordens, entendeu?

— Sim.

— Como hoje estou feliz e bonzinho, vou deixar você me fazer uma única pergunta, antes de arrancar a sua voz — ele pareceu sorrir e seus dedos acariciaram meu pescoço, bem em cima da minha garganta. — Pergunte o que quiser. Prometo que serei sincero.

— Aonde está a minha mãe?

— Morta. — Senti o meu corpo gelar. Tive a sensação de tomar um soco no estômago novamente, pois perdi o ar, perdi a voz, senti vontade de vomitar. Sequer notei quando o homem arrastou o nariz pelo meu pescoço, só percebi que ele estava lá, quando sussurrou em meu ouvido. — Seu pai foi um filho da puta comigo, ele me traiu e eu não perdoo traidores. Você sabe que ele morreu, vi como chorou no enterro dele e foi ali que quis você para mim. Seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas e acho que nunca senti um tesão tão forte como naquele momento. Eu sabia que precisava ter você. Sua mãe era só um obstáculo no meu caminho e sabe o que faço com obstáculos, menino? Eu os destruo. Foi o que fiz com a sua mãe. Ela ficou linda toda destruída e com o pescoço aberto, jorrando sangue. Foi uma das cenas mais bonitas que eu já vi.

Quando ele terminou, começou a rir. Sua gargalhada preencheu o ar e, ao invés de medo, senti algo completamente diferente. Senti raiva. Senti ódio. Minha mãe sempre dizia que eu não podia nutrir sentimentos ruins, mas, naquele momento, não pude e não quis evitar. Antes que eu pudesse percebesse, meu joelho tinha atingido o meio das pernas daquele monstro. Ele zuniu em meu ouvido e caiu no chão com as mãos em cima do pênis. Aproveitei aquele momento e dei um chute em sua cara. Uma vez, duas vezes, três vezes. Eu chutaria uma quarta vez, mas senti mãos fortes me agarrarem e me tirarem do chão.

— Você é um monstro! Você é um monstro! — Eu gritava, mas aquela não parecia ser a minha voz.

Fui arrastado até o canto da sala. Lutei para escapar, mas um tapa forte atingiu o meu rosto e meu ouvido zuniu, deixando-me completamente desorientado e sem forças. Foi naquele momento que prenderam meus braços em uma corrente de ferro, que os esticava até o limite. Gritei de dor e trinquei o maxilar, ficando cego quando uma luz branca preencheu todo o quarto. O homem que havia matado a minha mãe se levantou e caminhou meio trôpego para perto de mim. Ele estava todo vestido de preto, os cabelos grisalhos estavam bagunçados e o canto da sua boca sangrava. Seus olhos eram verdes e frios, cheios de fúria. Mesmo assim, ele sorriu.

— Menino, você é bem melhor do que eu havia imaginado. Nunca pensei que um dia diria isso, mas um garoto de dez anos quase me deu uma surra. Porra, você é fantástico! — Ele riu alto, mas, daquela vez, sua risada não me deu medo. Me deu fúria, ódio. Acho que ele percebeu, pois deu mais dois passos em minha direção e parou bem na minha frente, a centímetros de me tocar. — Está com raiva? — Não respondi. — O que quer fazer comigo agora que sabe que matei a sua mamãezinha?

— Quero fazer a mesma coisa com você — falei, olhando dentro dos seus olhos. Ele sorriu.

— Rage — ele me chamou pelo meu nome pela primeira vez. — Seu nome, por coincidência, combina com a inocência que lhe foi roubada e a raiva que se instalou no lugar dela. — Me olhou de cima a baixo. — Você fica ainda mais bonito quando está furioso. Eu poderia gozar agora mesmo, só olhando para você.

Ele se afastou e olhou para os dois homens que estavam no canto do quarto. Eles eram enormes e também vestiam preto, mas não eram roupas elegantes como as dele. Quando os homens se aproximaram, ele olhou para mim novamente.

— A partir de agora, Rage, você não tem permissão para falar. Só poderá abrir a boca quando for para responder a alguma pergunta que eu lhe fizer. E sempre que for se dirigir a mim, me chamará de Mestre. Entendeu?

Não respondi. A partir daquele momento, me recusei a obedecer a qualquer uma das suas ordens. Ele havia matado a minha mãe. Havia cortado a garganta dela. Ele era um monstro e eu iria acabar com ele. Eu realmente iria acabar com a vida dele. Um chute no meu joelho me fez fraquejar e soltar um grunhido de dor. Mal pude me manter de pé e só não caí porque meus braços estavam presos pela corrente. Nunca senti uma dor tão forte na vida, era como se, a qualquer momento, meus braços fossem ser arrancados de mim. A mão do monstro que matou a minha mãe puxou o meu cabelo próximo a nuca, me fazendo olhar em seus olhos.

— Responda “Sim, Mestre” — ordenou entredentes. — Responda!

Consegui sorrir.

— Não.

Eu não sabia de onde estava vindo tamanha coragem. Nunca fui um menino desobediente ou rebelde, sempre acatei as ordens da minha mãe e do meu pai, mas, naquele momento, me rebelei. Eu não iria obedecer ao monstro que havia matado os meus pais. Eu nunca seria o seu servo, seu escravo ou o que quer que ele quisesse. Nunca. Ele puxou o meu cabelo com mais força e deu um soco em meu estômago, que me deixou completamente desnorteado. Senti que poderia desmaiar a qualquer momento, mas ele manteve minha cabeça firme no lugar.

— Diga “Sim, Mestre”! Anda, porra!

— Nunca — sussurrei.

Ele largou a minha cabeça e, então, me deu um soco na cara. Pensei que meus ossos estivessem se estilhaçado, tamanha a dor que senti, mas logo percebi que aquilo não era nada. Era como se o homem estivesse coberto pelo ódio. Seu punho acertou meus olhos, meu nariz e boca. Seus chutes acertaram

minhas pernas e barriga. Pude sentir um gosto metálico em minha boca e só percebi que era sangue quando, completamente desorientado, cuspi no chão e enxerguei, pelo olho direito que ainda abria, a mancha vermelha no chão. O homem puxou novamente o meu cabelo.

— Você vai se tornar o meu cãozinho... — Ele parecia ofegante e sua voz estava muito distante. — E sabe o que faço com cãozinhos, Rage? Eu os reduzo a pó. Você vai se arrepender amargamente de cada vez que me desobedecer ou se rebelar contra mim. Grave as minhas palavras, seu merdinha.

Ele me soltou e minha cabeça balançou de um lado para o outro. Todo o meu corpo doía e eu já não tinha mais forças em minhas pernas. A única coisa que me impedia de ir ao chão, eram os meus braços, que estavam presos pela corrente de ferro. Ouvi passos se distanciarem e torci para morrer ali, acorrentado, abandonado e machucado, mas foi então que me lembrei das palavras dele. Ele havia matado o meu pai. Havia matado a minha mãe. Foi o ódio que me deu forças para levantar a cabeça e dizer em voz alta:

— Eu vou te matar. Guarde as minhas palavras, *Mestre*.

Olhei em seus olhos verdes frios e sem vida e ele me encarou de volta. Ficamos daquela forma por não sei quanto tempo, até as luzes se apagarem e ele e os seus homens irem embora.

Naquele dia, começou o meu inferno.

Mestre iria se arrepender de ter sequestrado o diabo.

Capítulo 1

Amber

Janeiro - 2019

A mulher que eu encarava no espelho não parecia ser eu, o que, de fato, era meio contraditório, pois durante toda a minha vida, eu encarei esse mesmo reflexo. Desde a infância, fui ensinada que eu deveria ser a menina mais bonita, a mais bem-comportada, a que melhor estivesse vestida e maquiada. Minha mãe não parecia ter muita noção de que uma criança de cinco anos não deveria usar sombra e blush para sair de casa, mas eu também não podia julgá-la — assim como eu, ela apenas seguia as regras.

Cresci sendo vigiada de perto. Durante a infância, não me incomodava, pois estava ocupada demais sendo criança nas pouquíssimas horas livres que tinha. Nunca frequentei a escola, por isso, tinha aulas particulares em casa. Além de aprender o currículo comum escolar, eu também tinha aulas de francês, italiano, espanhol, piano e desenho — não que eu fosse boa em desenhar ou tocar, mas, segundo meus pais, eu precisava ser uma menina culta. Quando todas as minhas tarefas terminavam, eu corria para o meu quarto de brinquedos e passava a próxima hora sendo monitorada por duas babás, enquanto brincava com as minhas bonecas.

Comecei a me incomodar quando cheguei à adolescência. As babás foram substituídas por seguranças que, apesar de não ficarem em cima de mim e tentassem ser discretos, me acompanhavam como uma sombra. Eu realmente não entendia o porquê de tanta vigilância, mas desde muito cedo aprendi a não contrariar ou questionar o meu pai. Fugia dele e de sua fúria como o diabo fugia da cruz. Sendo assim, vivi sob todas as suas regras sem sequer pensar em ir contra ele uma única vez, mas isso não me impedia de ficar resignada ao me encarar naquele espelho.

Havia completado vinte anos há pouco mais de duas semanas. Segundo

meu pai, essa era uma boa idade para uma mulher começar a pensar em se casar. Para ele, não havia sequer a possibilidade de que eu, talvez, desejasse cursar uma faculdade ou ter uma carreira, até porque, mulher deveria ser inteligente sim, mas apenas para não envergonhar o seu marido na frente de outras pessoas. Seu machismo me enojava, mas esse não era, nem de longe, o pior defeito do meu pai.

— Você está linda, Amber. — A voz de Greta me despertou. Pelo espelho, vi quando ela se aproximou de mim. — Esse vestido caiu como uma luva em seu corpo.

— Geralmente é isso que acontece quando se veste um Dior feito exclusivamente para você — murmurei um tanto mais ácida do que gostaria. Greta fez uma careta.

— Não quer participar do jantar, não é?

— Eu nunca quero, Greta, mas meu pai não se importa com o que eu quero ou não.

— Senhor Bloom pode ser um homem duro, mas ele jamais lhe faria mal, Amber — ela disse, acariciando meu ombro.

Greta era nossa governanta há mais de trinta anos. Antes mesmo de eu nascer, ela já trabalhava para o meu pai e creio que nutria por ele um amor secreto. Amor que nunca foi correspondido, pois eu duvidava muito que meu pai amasse alguém além de si mesmo.

— Você pode se iludir, Greta, mas eu já passei dessa fase há muito tempo — falei, tocando no colar de diamante só para ter algo para segurar. — Não me engano mais.

— O que quer dizer com isso?

Encarei seu olhar confuso e desconfiado e soube que deveria escolher cuidadosamente as minhas próximas palavras. Meu pai não confiava em quase ninguém, mas eu sabia que confiava em Greta. Se ele confiava nela, era porque ela o conhecia e sabia sobre quase todos — ou todos — os seus segredos. Não podia deixar que ela desconfiasse de que eu estava lutando para descobrir que segredos eram esses, pois sabia que ela me entregaria a ele sem pensar uma segunda vez.

— Sei que meu pai quer que eu faça um bom casamento, com um homem

rico e que seja de sua escolha. Temo que ele não vá pensar nos meus sentimentos, por isso que falo que não quero mais me enganar. Talvez meu pai não pense em mim da maneira que deveria pensar.

Greta ficou me olhando por alguns segundos em completo silêncio. Sabia que estava me analisando, por isso, fiz de tudo para não demonstrar que estava mentindo. Acho que acreditou em mim, pois soltou um suspiro e me virou para si, para me encarar nos olhos.

— Minha menina, é claro que o Senhor Bloom está pensando em você. Ele só quer o seu bem. Infelizmente, ser uma mocinha rica te torna refém de inúmeros perigos, há homens maus e mercenários lá fora. Seu pai só quer cuidar para que você não caia nas mãos de homens assim, entende?

Assenti e Greta me puxou para um abraço. Antigamente, eu adorava ser abraçada por ela, me passava uma sensação de confiança e carinho. Isso foi antes de perceber que ela também era um dos soldadinhos de chumbo do meu pai. Agora eu a enxergava sob uma outra perspectiva e a minha confiança havia sido aniquilada.

— Você tem mais cinco minutos antes de descer. Todos os convidados já chegaram — disse ela ao se afastar. — Tire essa ruga de preocupação da sua testa e lembre-se de sorrir. Essa noite tem tudo para ser espetacular, basta você querer.

Com um sorriso que não chegava aos olhos, Greta se afastou e saiu do meu quarto. Sozinha, olhei-me novamente no espelho. Realmente, eu estava muito bonita no vestido azul-escuro, os cabelos escovados e jogados sobre o ombro esquerdo, a maquiagem delicada que realçava meus olhos cor de mel, os lábios pintados de vermelho. Sempre me vi assim, arrumada, bem-maquiada, usando vestidos que custavam mais do que um carro popular e joias que valiam uma casa. Mas aquela não era eu.

E o pior é que eu não sabia quem eu realmente era.

Desci as escadas e caminhei até chegar à sala de estar da minha casa. Discretamente, parei alguns passos antes de entrar, olhando rapidamente para os oito homens que estavam espalhados pelo cômodo. Vi meu pai sentado em sua poltrona imponente, com um copo de uísque na mão, conversando com um homem que eu não conhecia. Alguns daqueles senhores eu nunca tinha visto na vida e senti um medo terrível de um deles ser o meu pretendente. Já era ruim o suficiente saber que eu me casaria sem amor; não queria nem pensar se eu tivesse que me casar com um homem que eu nunca tinha visto.

Reconheci o Senhor Dolphins, um dos amigos mais antigos de papai, o Senhor Green e o Senhor Voss, juntamente com seu filho, Harry Voss. Foram os únicos rostos conhecidos além do de meu pai. Respirando fundo para tomar coragem, entrei na sala e emiti um "com licença" baixinho, mas que foi capaz de silenciar a conversa. Meu pai se levantou com um sorriso orgulhoso no rosto e se aproximou de mim. Eu poderia me sentir feliz se aquele fosse um sorriso de um pai orgulhoso de sua filha e não de um homem orgulhoso de si mesmo por *ter* uma filha como troféu para exibir.

— Meus amigos, por favor, queiram receber a minha amada filha, Amber Bloom — meu pai disse, tocando a base das minhas costas.

Por um momento, pensei que iriam bater palmas ou algo assim, pelo modo embevecido como me olhavam, mas apenas se aproximaram com um sorriso no rosto. Tive a mão beijada por cada um deles e murmurei um "*obrigada, é um prazer conhecê-lo*" para os três homens que se apresentaram, mesmo que não sentisse prazer algum. Por último, fui cumprimentada por Harry, que me deu um sorriso sedutor. Eu mentiria se dissesse que ele não era bonito e charmoso. Com os seus vinte e oito anos e mais de um metro e oitenta de altura, ostentava um corpo atlético, pois desde a infância praticava inúmeros esportes, e um lindo sorriso, com o rosto emoldurado por bonitos olhos castanhos.

— Amber, você está maravilhosa — disse ainda segurando a minha mão. — A cada vez que te vejo, a certeza de que você é a mulher mais bonita do mundo, só aumenta.

Eu sabia que deveria sentir alguma coisa, *qualquer coisa* com o seu elogio, mas não senti nada. Mesmo assim, não deixei que ele percebesse e lhe

dei o meu melhor sorriso.

— Você é muito gentil, Harry.

— Meu filho é completamente apaixonado por você, Amber. E eu posso entender o porquê, é difícil não se encantar por uma mulher tão linda e delicada — Senhor Voss disse.

— Vamos conversar um pouco mais sobre essa paixão durante o jantar — meu pai disse.

Com um *timing* perfeito, Greta anunciou que a refeição seria servida e fomos juntos para a sala de jantar. Harry, sempre um cavalheiro, empurrou a cadeira para que eu me sentasse ao seu lado. Depois de ocupar a cabeceira da mesa longa, meu pai permitiu que Greta anunciasse qual seria o menu da noite. Cordeiro acompanhado de arroz negro. Tomei um gole do meu vinho quando ela se afastou e permitiu que a equipe nos servisse o jantar. Meu pai começou a falar quando os serviçais se afastaram:

— Como sabem, depois da morte precoce da minha amada Valentine, nunca mais senti em meu coração o ímpeto de me casar novamente. Por isso, dediquei-me exclusivamente em fazer de Amber uma mulher delicada e inteligente como sua mãe, para que pudesse se casar com um homem honrado, que a merecesse e respeitasse. — Ele se virou para mim e me deu um sorriso. — Querida, agora você é uma mulher adulta, que sabe quais sãos os seus deveres e princípios. Está pronta para deixar a asa protetora do papai e seguir em frente — ele riu e todos na mesa riram também. — Por isso, quando Harry me chamou para conversar e me propôs se casar com você, sequer pensei uma segunda vez. Conheço-o desde que era um menino e sei que é um bom homem, vai cuidar de você como você merece ser cuidada e tratada. Sendo assim, eu decidi dar a sua mão em noivado para ele.

E, simples assim, eu estava noiva. Antes que eu pudesse dizer uma única palavra — não que qualquer um naquela mesa se importasse com o que eu tivesse a dizer —, Harry se virou para mim com uma caixinha de joia aberta. No centro, havia um anel com uma pedra enorme de diamante, que parecia brilhar mais do que o sol.

— Mandei fazer exclusivamente para você — disse, tirando o anel de dentro da caixa. Com um sorriso, o deslizou em meu dedo. — Ficou lindo. Vejam.

Ele exibiu minha mão sobre a mesa, para que todos os homens vissem. Senti como se aquilo não fosse um anel e, sim, uma coleira. Era como se meu pai tivesse tirado sua coleira do meu pescoço e, agora, Harry estivesse colocando a dele. Senti vontade de gritar, mas sabia que eu não tinha voz.

— Vocês serão muito felizes — disse um dos homens que eu não conhecia. Ele havia me dito o seu nome, mas eu não fiz questão de guardá-lo na memória.

— Eu não tenho dúvida disso — Harry disse, virando-se para mim. Com carinho, tocou em meu rosto com as pontas dos dedos. — Prometo que farei de você a mulher mais feliz do mundo.

"Com certeza. Assim como o meu pai fez com a minha mãe", pensei, me obrigando a lhe dar um sorriso.

— Greta, champanhe! — Meu pai ordenou e Greta apareceu segundos depois, já com uma garrafa de champanhe aberta. Serviu rapidamente cada uma das taças sobre a mesa, em seguida, se retirou. — Vamos fazer um brinde aos noivos — meu pai disse, erguendo a taça.

Peguei a minha taça e a ergui, a encostando nas demais. Tomei um gole da bebida borbulhante, desejando, de repente, que fosse algo mais forte. Quase não bebia e, de fato, nunca havia ficado embriagada, mas, naquele momento, desejei muito estar. Queria não só ficar bêbada; queria sumir no mundo e nunca mais voltar.



Deitada em minha cama, olhei para o anel que parecia pesar em meu dedo. Depois do jantar, ainda ficamos um tempo na sala de estar. Harry sentou-se ao meu lado, mas era como se ele não estivesse ali — ou como se eu não estivesse ali, já que sua atenção esteve voltada para os homens o tempo todo. Em nenhum momento ele me perguntou como eu me sentia sobre o noivado

ou se eu realmente queria me casar com ele. Mesmo sabendo que não deveria ficar surpresa, pois vivi toda a minha vida ao lado de homens que não se importavam com as mulheres e suas opiniões, eu não pude afastar o sentimento de surpresa e, de certa forma, incredulidade.

Harry sempre havia sido cortês comigo. Nos conhecíamos desde a adolescência, mas nunca fomos amigos ou muito próximos. Só o via quando nos encontrávamos em alguma festa ou quando ele vinha em reuniões em minha casa. Confesso que, na primeira vez em o que o vi, fiquei surpresa com o quão bonito ele era. Como quase não saía de casa e apenas homens mais velhos frequentavam as reuniões de meu pai, eu só tinha oportunidade de ver meninos da minha idade pela televisão ou por revistas e internet. Então, fui tomada completamente de surpresa quando o vi na minha casa, ao lado de seu pai, pela primeira vez. Mesmo mais novo, ele já era muito charmoso e chamou a minha atenção, mas não senti nada além disso.

No fundo, tinha muito medo de ser fria como meu pai, pois nunca me senti verdadeiramente afetada por um homem. Claro, eu pouco saía de casa e, quando saía, estava sempre acompanhada, mas, de certa forma, ansiava por sentir algo, qualquer coisa que fosse, por alguém. Como meu pai regulava tudo dentro de casa, até mesmo o que poderíamos ler, eu lia escondida pelo meu celular e sentia meu coração acelerar a cada romance em que a mocinha se apaixonava pelo mocinho. Isso me fazia pensar se, um dia, eu também seria capaz de me apaixonar. Casando-me com Harry e sabendo que teria com ele a mesma vida que minha mãe teve com meu pai, eu sabia que isso dificilmente aconteceria.

Nunca vi meu pai bater em minha mãe ou algo semelhante, mas ele era muito duro e ignorante. Não conversava com ela, não fazia questão de ser gentil ou tratá-la bem quando não tinha ninguém de fora por perto. Em festas e reuniões, ele era um outro homem, mas dentro de casa, ele era um carrasco. Eu via como minha mãe ficava magoada com ele, apesar de tentar de tudo para não deixar transparecer. Quando ela ficou doente, aos meus treze anos, tive certeza de que ela não iria se recuperar e, realmente, não se recuperou. Apesar de ter morrido por conta de um tumor no estômago, eu tinha certeza de que, no fundo, mamãe havia morrido de tristeza. Ela nunca foi feliz ao lado do meu pai.

Sabia que eu também jamais seria feliz ao lado de Harry e, por mais que

uma parte minha me dissesse que aquele era o meu destino, a outra parte me dizia que eu deveria parar de ser covarde e lutar. Eu sabia que o resto do mundo não vivia a vida do mesmo jeito que eu. Lia muito, gostava de pesquisar, de estudar, não era uma abitolada, como meu pai achava que eu era, por isso, sabia muito bem que, apesar de eu ter sido criada como se estivesse vivendo no século XVIII, o século XXI era muito diferente. Queria ser livre e dona da minha própria vida, mas sabia que jamais conseguiria essa liberdade, se não tivesse um trunfo na manga contra o meu pai.

Tirei o anel do meu dedo e o deixei em cima da cômoda, em seguida, caminhei até o meu closet e tirei uma caixa debaixo da prateleira de sapatos. Como meu pai tinha a senha de todos os cofres da casa, sabia que precisava de algo onde eu pudesse esconder coisas importantes, sem levantar suspeitas, por isso, havia comprado essa caixa em uma das viagens que havia feito no ano anterior. Por fora, parecia uma caixa de maquiagem e, quem olhasse por dentro, realmente veria alguns batons e sombras que eu havia guardado ali para não levantar suspeitas, mas a caixa tinha um fundo falso, como um cofre, que só abria com a minha digital. Tirei de lá de dentro a minha agenda e a folheei sentada ali mesmo dentro do closet, relendo todas as informações que eu já havia levantado sobre o meu pai.

Cresci sabendo que Maximus Bloom era um empresário de muito sucesso. Com sessenta e três anos, era um dos homens mais ricos, influentes e respeitados do mundo todo. Entrou no mundo dos negócios aos vinte anos, formado em Direito. Trabalhou durante dois anos em um escritório de advocacia e foi crescendo até se tornar sócio, em seguida, sócio majoritário. Em suas mãos, o escritório se tornou um dos mais importantes nos Estados Unidos, mas, anos depois, meu pai deixou a advocacia e montou a Bloom Business, uma empresa que tinha como objetivo comprar empresas que estavam à beira da falência, salvá-las e, em seguida, vendê-las pelo dobro ou o triplo do valor. Foi assim que meu pai conquistou o seu primeiro bilhão aos quarenta e cinco anos.

Sua história poderia ser fascinante e realmente era. Ele sempre saía em revistas como Forbes ou era citado em faculdades renomadas, mas eu comecei a perceber que, talvez, ele não fosse apenas o empresário de sucesso que era venerado no mundo dos negócios. Meu pai era mais do que aquilo, muito mais.

Nunca tinha tido qualquer suspeita sobre ele, até o início do ano passado, quando, sem querer, ouvi um de seus telefonemas. Eu não sabia com quem ele estava falando, muito menos o que a pessoa dizia do outro lado da linha, mas eu consegui ouvir cada uma das suas palavras com nitidez. Era muito raro ver meu pai sem Timothy, seu fiel guarda-costas, ao seu lado, mas naquela tarde de domingo, Timothy foi dispensado e meu pai passou o dia em casa. Seu quarto ficava no último andar da mansão e achei que ele estivesse lá, por isso, decidi ir à biblioteca para pegar um livro, mas parei em frente à porta fechada quando ouvi sua voz histérica do outro lado da linha.

"– Como? Repita o que disse! Como você pôde fazer isso? Eu já disse que não é para bater nele ao ponto de o deixar desacordado, porra! Que merda você tem na cabeça? Já chamou o Doutor Phillipe? Não chamou? Mas que porra, o que deu em você, Joe? Chame o doutor agora, porra, agora!

Eu já tinha visto meu pai nervoso inúmeras vezes, mas nunca o vi tão furioso daquele jeito. Ele parecia andar de um lado para o outro dentro da biblioteca, enquanto xingava um tal de Joe que eu nunca havia ouvido falar. Conhecia todos os seguranças de sua equipe pessoal e nenhum deles se chamava Joe. E quem era o tal homem de quem meu pai falava? Por que ele havia mandado bater em um homem, mas não ao ponto de fazê-lo desmaiar? Sua voz soou de novo de dentro da biblioteca:

— O que o médico disse? O quê? Como assim ele precisa ter o braço esquerdo engessado? Que porra você fez com ele, Joe? Esqueceu do encontro que temos amanhã? Eu prometi que iria leva-lo, porra, ele é a principal atração da noite!

Novamente, ele ficou em silêncio. Aproveitei aquele momento para olhar em volta, pois sabia que, a qualquer momento, algum dos seguranças poderia fazer a ronda pela casa. Por enquanto, eu estava sozinha.

— Eu deveria levar você no lugar dele. Tenho certeza de que você iria adorar, seu filho da puta! Você vai se arrepender do que fez, Joe, me entendeu? Você vai se arrepender, porra!

A próxima coisa que ouvi, foi um vidro se quebrando. Tomei um susto tão grande, que tampei a minha boca para me impedir de gritar e saí correndo dali, com medo de ser descoberta por meu pai ou por um dos seguranças que, certamente, viriam se certificar de que estava tudo bem."

A lembrança veio com tanta nitidez em minha mente, que, por um momento, pensei realmente ter ouvido a voz do meu pai e o barulho do vidro sendo jogado contra a parede. Depois daquele dia, soube que eu não poderia mais me esquecer daquela conversa. Meu pai não estava conversando sobre fusões e aquisições naquele momento, muito pelo contrário, era como se ele fosse algum tipo de bandido, mafioso ou qualquer coisa do gênero. Eu só precisava saber qual dos dois ele era — ou se era tudo junto.

Foi a partir daí que comecei a o investigar. Não tinha sido fácil, mas depois daquele dia, comecei a ficar mais atenta. Percebi que meu pai estava viajando com muito mais frequência do que antes, o que, eu sabia, não era necessário, pois ele era o CEO e só tinha que viajar quando algo muito importante exigia a sua presença. Sendo assim, para onde quer que ele estivesse indo, o motivo não era a sua empresa e, sim, o seu outro negócio.

Comecei a ficar mais atenta nos momentos em que ele ficava sozinho, sem a presença de Timothy em seu encalço e consegui ouvir mais conversas. Pelo o que havia entendido, toda semana acontecia algum tipo de encontro secreto em algum lugar. Eu só não sabia, ainda, aonde era esse encontro e o que acontecia lá. Meu pai também, por telefone, ligava quase todos os dias para alguém e perguntava sobre um homem. A forma como ele parecia interessado nesse homem me deixava um pouco incomodada, era como se ele fosse obcecado por essa pessoa.

Fiz questão de anotar tudo o que eu havia descoberto em um caderno, para não me perder. Como tinha medo de pesquisar qualquer coisa pelos computadores de casa, usei o meu celular para pesquisar sobre todo tipo de crime que poderia existir. Acabei sendo levada para máfias, tráfico de drogas, de armas, de órgãos, de mulheres e de crianças. Exploração sexual, exploração sexual infantil e mais uma infinidade de coisas. A cada vez que me aprofundava mais sobre o assunto, mais assustada e enojada eu ficava. E se meu pai estivesse metido com aquele tipo de coisa? E se sua empresa fosse só uma fachada para esconder o que ele realmente praticava? Seria possível?

Infelizmente, o tempo foi passando e eu não consegui descobrir nada relevante. Apenas escutando as ligações que meu pai fazia, ficava difícil descobrir qualquer coisa e quando tinha reuniões em casa, pelo menos quatro seguranças ficavam em frente à porta do escritório, o que me impedia de tentar ouvir alguma coisa. O sigilo era completamente absoluto, mas eu não

iria desistir. O meu próximo passo era descobrir aonde aconteciam as tais reuniões e, em seguida, saber como eu poderia ir até uma delas, sem levantar qualquer tipo de suspeita.

Felizmente, eu já sabia quem poderia me ajudar.

Capítulo 2

Amber

Acordei bem cedo no dia seguinte e me arrumei com a roupa de academia. Eu tinha uma rotina e sabia que não podia quebrá-la, ou poderia levantar suspeitas. Infelizmente, havia tanta vigilância na minha casa quanto na Casa Branca e eu não podia arriscar. Desci as escadas e encontrei meu pai já arrumado e tomando seu café. Ele não levantou os olhos do jornal para me cumprimentar, mas, mesmo assim, eu desejei bom dia assim que tomei o meu lugar à mesa. Servi-me de chá e estava começando a comer uma torrada, quando meu pai chamou a minha atenção.

— Onde está sua aliança?

Segui seu olhar para o meu dedo anelar direito e inventei uma desculpa rápida.

— Vou à academia quando terminar o café, papai. Não quis colocar a aliança, pois fiquei com medo de perdê-la ou danificá-la.

Ele assentiu, parecendo gostar da minha resposta, o que me deixou aliviada. Receber uma bronca dele era pior do que a morte.

— Sei que você é uma menina inteligente, mas agora precisa ser ainda mais, entendeu, Amber? Precisa ser cuidadosa e solicita, mas sem ser exagerada. Harry Voss é um ótimo partido, você não pode perder a chance de se casar com ele.

— Sim, senhor.

— Seu casamento com ele vai ser ótimo para os negócios — ele disse, voltando a ler o jornal.

Senti meu estômago embrulhar. Se ele falasse isso há pouco mais de um ano, eu me sentiria mal, mas não da forma como estava me sentindo agora. Não sabia o que ele queria dizer com “ótimo para os negócios”, porque eu simplesmente não sabia a que negócios ele estava se referindo. Bebi mais um gole do meu chá para disfarçar meu nervosismo.

— Pode deixar, papai. Não irei decepcioná-lo — falei, vendo-o assentir

novamente. Aproveitei o momento de silêncio para sondá-lo. — O senhor vai viajar essa semana?

Ele me olhou por cima do jornal com o cenho franzido.

— No que isso te interessa?

— É que o senhor tem viajado muito... Estou com saudades da sua companhia — menti. Papai revirou os olhos.

— Amber, já falei para parar de ser tão sentimental. Porra, como pôde puxar tanto a imbecil da sua mãe? Parece que não tem uma gota do meu sangue correndo nas suas veias!

"Eu gostaria que não tivesse, porque sei que o senhor é mau. Só não sei, ainda, que tipo de maldade o senhor faz", quis falar, mas, claro, sequer abri a boca.

— Desculpa — murmurei minutos depois.

— Não, Amber, eu não te desculpo. Você é uma mulher adulta agora, não é mais aquela criancinha birrenta que me implorava por atenção. Aja conforme alguém da sua idade. Eu não vou admitir que você coloque tudo a perder por causa dessa infantilidade!

— Colocar tudo a perder? Do que está falando?

— Do seu casamento com o Harry. Se continuar a agir como uma adolescente carente, ele vai desistir do casamento e se ele desistir, Amber... Você vai se arrepender de ter nascido.

O olhar que ele me deu congelou os meus ossos. Era a primeira vez que via aquela expressão horrenda em seu rosto e senti dificuldade de engolir minha saliva, tamanho o medo que me tomou. Por um momento, pensei que meu pai poderia me matar, caso Harry desistisse do casamento. O pior era saber que, talvez, ele realmente fizesse isso. Talvez, meu pai tivesse coragem de me matar. Sem pedir licença, ele se levantou e jogou o guardanapo de pano em cima da mesa.

— Já que está tão interessada, vou viajar hoje e só volto na segunda-feira.

Ele saiu da sala de jantar sem se despedir e eu fiquei sentada em choque, olhando para a xícara quase vazia em minhas mãos, repassando cada uma de suas palavras em minha cabeça. Por um momento, não soube no que pensar ou em como agir. Sabia que meu pai era um homem frio e praticamente sem

emoção, mas nunca havia me olhado daquela forma, muito menos me ameaçado. Senti um medo desgraçado por mim mesma, por saber que, se eu não descobrisse logo o que eram aqueles encontros, eu estaria fadada a viver daquela forma para sempre. Prisioneira da minha própria vida, dentro de uma casa sem felicidade, em um casamento de conveniência, que me transformaria em uma mulher como a minha mãe havia sido antes de morrer.

— Amy.

Apenas uma pessoa me chamava por aquele apelido. Com o coração pulando no peito, saí rápido da cadeira e o vi na porta da sala de jantar, usando seu costumeiro terno preto. Corri e praticamente me joguei nos braços de Hernandez, ouvindo sua risada grosseira em meu ouvido.

— Que saudades, Hernandez! Por favor, nunca mais tire férias, eu te imploro.

— Menina, acredite em mim, eu também senti muito a sua falta.

Me afastei com um sorriso no rosto, olhando para o homem de cinquenta anos que, de alguma forma, havia suprido a falta do meu pai em minha vida. Conhecia Hernandez desde o meu primeiro dia de vida. Assim que nasci, ele foi designado a ser meu guarda-costas e, sem que eu percebesse, ele acabou se tornando muito mais do que isso. Havia se tornado meu amigo, a única pessoa em quem eu podia confiar naquela casa.

— Vem cá, sente-se e tome café comigo. Quero que me conte como foram as suas férias no México — falei, já puxando-o pela mão, mas ele parou no meio caminho.

— Amy, sabe que não posso me sentar com você. Hoje o patrão está em casa.

— Ele já foi embora.

— Ainda não. Foi ao escritório primeiro — disse, aproximando-se um pouco de mim. — Eu ouvi um pouco da conversa de vocês, vi como ficou assustada com o que ele disse. Por favor, não se preocupe, eu vou te proteger.

Assenti, sabendo que não poderíamos conversar ali, pois era muito perigoso. Por isso, peguei uma banana em cima da mesa e enlacei meu braço no dele.

— Me acompanha até a academia?

— Claro.

A academia ficava na parte de trás da minha casa. Era um espaço enorme com aparelhos modernos e de última geração. Nunca gostei muito de atividade física, mas essa era uma das regras impostas por meu pai. Segundo ele, uma mulher desleixada com a sua aparência não chegava a lugar algum na vida. Esse “lugar algum” poderia ser substituído pela palavra casamento com muita facilidade.

Entrei na academia e fechei a porta de vidro. Lá dentro, por mais que tivessem câmeras, elas não captavam som e os seguranças que faziam ronda do lado de fora, não entravam ali quando eu estava malhando. Era um dos lugares com mais “privacidade” naquela casa.

— Que história é essa de que você vai se casar com aquele mimado do Harry? — Hernandez perguntou, encostando-se em um dos aparelhos. Enquanto descascava a banana, comecei a falar.

— Ele pediu a minha mão ao meu pai e o meu pai aceitou — dei de ombros. — Você precisava ter visto a cena, Hernandez. Foi surreal. Por um momento, realmente achei que eu estava fora do meu corpo, observando a cena de um filme do século XVIII, mas era apenas a porra da minha vida se desenrolando bem na frente dos meus olhos. Cômico, se não fosse trágico.

Hernandez cerrou o maxilar e balançou a cabeça.

— Você não pode se casar com ele. Não vou deixar que aconteça com você, o mesmo que aconteceu a sua mãe.

Quando cheguei a adolescência, comecei a suspeitar que Hernandez era apaixonado por minha mãe. Ele não demonstrava nada, claro, pois sabia o risco que corria, mas eu conseguia enxergar seus sentimentos em pequenos gestos. Ele era muito gentil com ela, preocupado, cuidadoso. Mesmo tendo que cuidar de mim, se desdobrava para também olhar pela minha mãe. Eu nunca o perguntei sobre os seus sentimentos e ele também nunca os revelou para mim, mas a cada vez que ele falava dela, minhas suspeitas sumiam e davam lugar a certeza.

— A última coisa que quero na minha vida, é me casar com ele. Exatamente por isso que eu preciso da sua ajuda, Hernandez — falei, trazendo o assunto fatídico à tona. — Você disse que iria usar as férias para pensar na minha proposta... O que decidiu?

Ele ficou um tempo em silêncio, como se ainda estivesse incerto sobre o que dizer. Senti meu coração apertar no peito. Hernandez era a minha única esperança. Sem a sua ajuda, eu jamais poderia descobrir a verdade sobre o meu pai. Com um suspiro, ele fechou os olhos e apertou as têmporas.

— Você não sabe no que vai se meter, Amber.

Mordi minha bochecha com força, muito nervosa. Quando ele me chamava de Amber, era porque o assunto era sério. Rapidamente, joguei a casca da banana no lixo e me aproximei dele, tomando suas mãos nas minhas.

— Tem razão, eu não sei, mas preciso descobrir, Hernandez e só você pode me ajudar. Por favor, não vire as costas para mim nesse momento. Se eu desistir, meu pai e Harry irão vencer.

Ele me olhou nos olhos, em seguida, respirou fundo e assentiu. Eu não sabia se ele havia assentido porque havia concordado em me ajudar, ou se era porque estava lavando as mãos e me deixando sozinha nessa. Por fim, me senti uma idiota ao ouvir a sua resposta, porque sabia que Hernandez jamais me deixaria sozinha.

— Eu vou te ajudar — disse, rindo quando me joguei em seus braços. Ele me abraçou rapidamente, em seguida, me afastou. — Não esqueça das câmeras, pelo amor de Deus.

— Sim, meu Deus, tem razão, me desculpe — murmurei completamente eufórica. Ele riu um pouco mais. — Muito obrigada, Hernandez, muito obrigada!

— Não agradeça, menina — disse. — Eu descobri algumas coisas. Usei minhas férias para observar o seu pai.

Olhei para ele, confusa.

— O quê? Mas você disse que iria para o México.

— Sim, eu disse, mas não fui. Não quis contar a verdade para você, porque sabia que ficaria ansiosa e acabaria despertando suspeitas.

— Então, você decidiu me ajudar há muito tempo. Seu danado! — Bati de leve no braço dele, fazendo-o rir.

— Na verdade, eu o segui porque queria saber no que iríamos nos meter. Como sabe, sou apenas o seu guarda-costas, não sei nada do que acontece na vida do seu pai, apesar de já ter ouvido e visto muita coisa, e de, também, ter

as minhas desconfianças.

— Do que você desconfia?

— Eu prefiro não falar nada agora, porque é algo muito sério e você pode ficar abalada demais. Só quero te contar isso, quando for uma certeza.

— Está bem. Então, me diga o que você descobriu ao seguir o meu pai.

— Descobri algo sobre os encontros — disse e senti meu corpo gelar. Ele percebeu minha reação. — Calma, não sei ainda o que acontece nesses encontros, mas sei onde e quando ocorrem.

— Há um encontro a cada semana, não é?

— Sim. Todo o sábado — disse. — Sei onde vai acontecer o encontro de amanhã.

Senti meu coração bater forte no peito e as palmas das mãos ficarem suadas.

— Aonde?

— Em uma boate em Nova York.

— Nova York? Meu Deus, é muito longe. Como iremos até lá? Vai levantar muita suspeita...

— Fica calma, eu já pensei em tudo. Lembra do evento de moda em Nova York, que você recebeu o convite no mês passado e disse que não queria ir?

— Sim. O que isso tem a ver?

— Tudo. O evento é amanhã, Amy. É a oportunidade perfeita. O encontro, geralmente, acontece depois de meia noite e o evento de moda termina às oito. Como será uma viagem de emergência, não vamos precisar ficar na sua casa em Nova York, o que será melhor ainda, pois, certamente, seu pai deve estar hospedado lá. Podemos ficar em um hotel, o que nos dará liberdade. Não seremos vigiados.

— Meu Deus, você é um gênio! — Quis os abraçar de novo, mas me contive por causa das câmeras. Hernandez me deu um sorriso e balançou a cabeça.

— Precisamos agir com cautela. Você não pode demonstrar ansiedade pela viagem, ou Greta vai notar e pode estragar tudo. Seu pai, provavelmente, vai usar o jatinho para viajar, mas eu vou reservar as passagens em um voo

para amanhã de manhã.

— Está bem — murmurei, quase me corroendo. — Não acredito que iremos fazer isso.

— Nem eu — disse ele, dando uma risadinha. Por fim, voltou a ficar sério. — Você precisa estar preparada para o que quer que iremos encontrar, Amy. E vai ter que fazer tudo o que eu mandar, certo?

— Sim, pode deixar. Eu prometo que não vou estragar essa oportunidade. Muito obrigada por tudo, Hernandez.

— Não precisa agradecer, menina.



Apesar de ser uma viagem de última hora, conseguimos ajeitar tudo e não levantar suspeitas do verdadeiro intuito da nossa ida à Nova York. Sempre precisava da aprovação do meu pai para qualquer coisa, por isso, quando liguei para ele, temi que não permitisse a viagem, mas quando falei que era um evento de moda, ele deixou sem pensar duas vezes. Ele achava importante que as mulheres Bloom fossem lembradas e convidadas para esse tipo de evento sofisticado e feminino.

Pouco dormi à noite e antes das seis já estava de pé, ansiosa e com muito medo do que poderia descobrir. Às nove da manhã, Hernandez e eu nos acomodamos nas poltronas confortáveis do avião e voamos de Chicago para Nova York, chegando lá no comecinho da tarde. Para não levantar suspeitas do meu pai, gastei muito no cartão de crédito com cabelereiro e maquiagem, pois não podia deixar nenhuma fresta para que ele pensasse que eu estava ali por qualquer outro intuito que não fosse ir ao tal evento.

Com o convite em mãos, entrei no evento com Hernandez como meu guarda-costas. Posei para fotos que seriam divulgadas em revistas e sites, mesmo odiando toda aquela exposição. Mas era por uma boa causa. Para

descobrir algo sobre o meu pai, valia a pena passar por tudo aquilo. O evento era fechado e exclusivo, uma marca de roupa famosa estava lançando uma coleção com um estilista francês e aguentei as quase duas horas de desfile com um sorriso no rosto, para o caso de ser flagrada por algum fotógrafo. Pouco depois das oito, recusei o convite da dona da marca para ir à *after party* que aconteceria em um hotel e fui embora.

— Como iremos despistar os outros seguranças para irmos à boate? — Perguntei a Hernandez assim que chegamos em minha suíte.

— Vou dispensá-los para curtir a noite nova iorquina. Sabe que os seguranças que nos acompanham nesse tipo de viagem não são tão rígidos quanto os seguranças do seu pai. Quando eu disser que você já se recolheu e que não sairá mais, eles vão fugir correndo para se divertir — Hernandez disse. — Aluguei um carro para irmos até lá sem levantar suspeitas. Um dos seguranças da boate é meu amigo e vai nos colocar no andar reservado onde acontecerá o encontro.

— Ele soube te dizer o que acontece nesse tal encontro?

— Não. Disse apenas que é em uma sala fechada e que nenhum segurança fica em frente à porta, apenas circulam pelo corredor de hora em hora. Por isso você vai vestir isso aqui. — Ele abriu a porta do meu closet e tirou um terno de lá de dentro, que eu não tinha visto até então. Também me deu uma peruca curta e masculina e uma barba postiça. — Precisa ir disfarçada de segurança para não levantar suspeita quando chegarmos lá, pois ficaremos juntos com os demais seguranças em uma sala. Há sapatos masculinos do seu número ali embaixo da prateleira.

— Está bem — segurei o cabide com o terno. — Mas e se um dos seguranças do meu pai te reconhecer?

— Seu pai só leva o Timothy, que fica com ele dentro da sala. Os demais seguranças ficam no carro. Dentro da boate não é permitido seguranças de fora, meu amigo me garantiu.

— Ótimo. Que horas vamos sair daqui?

— Vou bater na sua porta às onze e meia. Esteja pronta — disse ele e eu assenti. — Vai dar tudo certo, Amy.

— Sim, se Deus quiser.

Hernadez saiu da minha suíte e passei as próximas horas com um nó de nervosismo em meu estômago e as mãos suando frio. Não sabia exatamente o que eu esperava encontrar, mas, de certa forma, sentia que era algo muito ruim, algo que mudaria tudo dentro de mim. Às onze e meia em ponto eu já estava devidamente arrumada, com a peruca e a barba postiça no lugar. Era um bom disfarce, eu tinha de admitir. Quase não me reconheci ao me olhar no espelho. Abri a porta quando Hernandez bateu.

— Pronta?

— Sim.

Caminhamos lado a lado pelo extenso corredor até chegarmos ao elevador, em seguida, caminhamos rapidamente pelo hall movimentado do hotel até o carro popular que Hernandez havia alugado.

— Você é um segurança bonitão — Hernandez disse enquanto dirigia. — Bem magrelo, mas bonitão.

Não consegui segurar minha risada e Hernandez riu satisfeito. Sabia que ele queria me fazer relaxar um pouco, pois estava muito tensa.

— Você está com inveja do meu físico. Queria ter a minha barriga chapada.

— Ah, isso eu queria mesmo. Velhos tempos em que eu tinha uma barriga chapada — disse, passando a mão em frente ao abdome levemente arredondado. Revirei os olhos.

— Para de graça, você é um gato. Tenho certeza que arrasa com o coração de várias mulheres.

— Ah, se você soubesse... — Ele riu.

Passamos os próximos minutos conversando amenidades, fazendo de tudo para liberar um pouco da tensão que nos rodeava, mas caímos no silêncio quando ele estacionou na parte de trás da boate. Ligou para o segurança que era seu amigo e logo um homem alto e forte saiu por uma das portas pesadas.

— Bom te ver, Hernandez — disse o homem, apertando a mão do meu guarda-costas.

— Também é muito bom de te ver, Derek. Obrigado por tudo, você está sendo sensacional.

— Não tem de que, você já fez muito por mim. Vamos.

Com um aceno para mim, o homem nos guiou pela parte de trás da boate. O som alto era abafado pelas paredes grossas e quando chegamos ao último andar, ouvi apenas o silêncio. Era quase como se eu tivesse voltado para a minha suíte, tamanha a tranquilidade ali. Jamais diria que estava em uma das boates mais caras de Nova York. Derek apontou para um corredor com paredes vermelhas e arabescos dourados.

— O encontro acontecerá naquela sala — disse, apontando para a única porta no fundo do corredor. — Vocês ficarão em uma sala ali embaixo e eu ficarei aqui, no início do corredor, para impedir a entrada de pessoas que não permitidas. Dois seguranças sobem por vez de hora em hora. Além de vocês dois, há mais quatro na sala.

— O encontro vai até que horas? — Hernandez perguntou.

— Até às cinco da manhã. Geralmente, eles não gostam de sair daqui quando já é de dia.

Descemos um lance de escadas e entramos em uma pequena sala com uma mesa, duas cadeiras e dois sofás. Uma TV estava ligada e quatro homens estavam sentados, dois na cadeira em frente à mesa e dois em um sofá de canto. Derek nos apresentou rapidamente, mas eu sequer abri a boca, só acenei quando ele disse que eu me chamava Jack.

— Vou subir, pois eles já devem estar chegando. Aviso pelo rádio quando for a hora da ronda — disse ele, apontando para um aparelho em cima da mesa.

Hernandez e eu nos sentamos no sofá vazio e esperamos. Passei a próxima hora com o coração na boca e as mãos suadas. Sabia que ficaria nervosa, mas não tanto.

— Se você não se acalmar, nós vamos embora — Hernandez sussurrou em meu ouvido.

— Desculpa, vou me acalmar — falei baixinho, engolindo em seco.

Os dois seguranças que foram fazer a ronda voltaram e mais uma hora se passou. Fiquei com medo de que Derek anunciasse pelo rádio que era a vez dos outros dois seguranças e não a nossa, mas senti meu coração falhar uma batida quando ouvi “Hernandez e Jack, podem vir”.

Saímos juntos da sala e, enquanto subia as escadas, pensei no que estava

fazendo e no que eu poderia estar prestes a descobrir. Perguntei a mim mesma se eu estava preparada, se não era melhor voltar atrás e viver a vida que meu pai havia planejado para mim, mas logo descartei essa ideia. Eu sentia que precisava saber quem ele realmente era, pois meu pai não afetava apenas a mim, eu sentia isso. Só precisava descobrir o que ele realmente fazia por debaixo dos panos.

Chegamos ao início do corredor e encontramos Derek. Ele tocou no ombro de Hernandez e disse baixinho:

— Eles já estão lá dentro há mais de duas horas. Eu realmente não sei o que eles fazem, apesar de ter uma ideia, mas tenho certeza que, a essa altura, já estão chapados de tanta droga e álcool. Vai dar para você fazer o que tinha planejado.

— Certo. Obrigado, Derek, te devo a minha vida.

— Eu que te devia a minha — Derek disse, apertando o ombro de Hernandez mais uma vez, antes de nos deixar ir.

Começamos a caminhar pelo extenso e luxuoso corredor e a cada passo que eu dava, sentia meu coração trepidar. Sentia que estava quase hiperventilando, quando Hernandez me segurou pelos ombros e me virou para si.

— Vou abrir a porta devagar, apenas uma frestinha e você vai olhar lá dentro, tudo bem? — Perguntou e eu assenti. — Tem certeza de que quer fazer isso? Depois que olhar, não vai ter como voltar atrás.

— Tenho certeza — sussurrei.

Com um aceno de cabeça, ele me deixou e caminhou até a porta. Fui atrás dele com passos decididos, mas com a mente dando voltas, criando mil e uma possibilidades do que eu poderia ver lá dentro. Silenciosamente, Hernandez contou até três movendo os lábios, em seguida, abriu só um pouquinho a porta. Me inclinei, deixando apenas a minha cabeça perto da fresta e olhei.

Senti meu coração parar de bater por meio segundo e depois subir até a minha garganta.

Nada no mundo me preparou para aquilo.

Havia muitos homens, a maioria nus e com os pênis eretos. Alguns bebiam, outros fumavam, alguns cheiravam um pó branco sobre uma

mesinha próxima ao sofá. E então, tinha o meu pai. Ele estava sentado em uma poltrona de veludo vermelho, como se fosse um rei, completamente nu. Uma mão masturbava o próprio pênis e a outra segurava uma corrente. Eu não queria olhar, mas não pude deixar de acompanhar a corrente, que se conectava a uma coleira de cachorro apertada ao pescoço de um homem que estava no chão, de quatro, usando focinheira e sendo brutalmente penetrado por outro homem.

Meu estômago se revirou quando vi que o homem que o penetrava era Harry. Ele movia os quadris com tanta violência, que o corpo do homem chacoalhava. Mesmo de longe, eu conseguia ver quanto aquilo era humilhante, degradante e cruel. Não era burra, sabia que existiam fetiches, que as pessoas gostavam de se submeter a outras, que muitas sentiam prazer na dor, mas aquele não era o caso. Nada ali era consensual. Aquele homem estava sendo estuprado pelo meu noivo, com o consentimento do meu pai, que parecia ser o seu dono.

Era doentio e senti uma parte de mim morrer. Não porque amava Harry, muito menos porque amava meu pai, mas sim por saber que pessoas tão próximas a mim, eram capazes de cometer atos tão absurdos e cruéis com outra pessoa. Meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu não pude deixar de olhar para aquele homem ali, de quatro, sendo estuprado. Não pude deixar de notar como era alto e forte, mas, ao mesmo tempo, tão pequeno e frágil perante as maldades daqueles homens naquela sala.

Ouvi o gemido alto de Harry, então, ele saiu. O corpo do homem tombou, como se ele já não tivesse forças para se manter naquela posição, mas meu pai o chutou de volta, colocando-o novamente de quatro com um pé em seu ombro. Mesmo com a música alta e as vozes masculinas, pude ouvir a voz rascante do meu pai:

— De quatro, cãozinho. Mostre aos meus amigos como você obedece ao seu Mestre.

Um homem nu se aproximou e passou a mão pelo corpo do que estava de quatro. Vi quando penetrou um dedo em seu ânus e mordi minha bochecha quando percebi que seu dedo saiu sujo de sangue.

— Será que seu cãozinho sabe chupar um pau?

Meu pai riu e jogou a cabeça para trás, assentindo logo depois.

— Ah, ele sabe muito bem. Eu fiz questão de ensinar.

— Vamos ver, então.

O homem tirou a focinheira do rosto do pobre moço. De longe, não conseguia ver suas feições direito, mas notei como seu rosto estava vermelho. Ele tinha cabelos longos, que batiam na altura dos ombros, mas não consegui distinguir a cor. Teve os cabelos puxados pela nuca pelo monstro horrível que começou a passar o pênis em seus lábios.

— Se me morder, arranco todos os seus dentes com alicate. Um por um, bem devagar — o homem disse entredentes, então, enfiou o pau na boca dele.

Não consegui mais olhar. Ofegando, me encostei na parede e desci até me sentar no chão, com os olhos arregalados. Eu sabia que deveria estar fitando a parede vermelha a minha frente, mas tudo o que eu conseguia ver era aquele homem sendo humilhado e estuprado e meu pai bem ali, segurando-o por uma corrente, chamando-o de cãozinho.

— Meu Deus... Meu Deus... — passei as mãos pela minha cabeça, quase arrancando a peruca, sentindo falta de ar.

— Amy, calma, por favor... Vamos, vou te tirar daqui.

Eu não saberia dizer como atravessamos o corredor extenso, descemos todas as escadas, saímos da boate e entramos no carro. Muito menos como passamos pelo hall do hotel, entramos no elevador e chegamos ao meu quarto. Não saberia precisar quantas horas, minutos ou anos havia se passado, simplesmente porque eu não estava ali. Eu ainda estava em frente àquela porta, presa na cena macabra que se desenrolava dentro daquela sala.

— Querida, por favor, beba isso.

Hernandez colocou um copo em minha mão e eu tomei um gole generoso, mesmo sem saber o que era. O gosto forte e o calor abrasador em minha garganta me fizeram tossir e cuspir quase tudo.

— Meu Deus, o que é isso?

— Uísque. Você precisava de algo forte para poder sair do torpor — Hernandez se sentou ao meu lado na cama. Não disse nada, simplesmente esperou o meu tempo. Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Ele é um monstro — murmurei, tentando enxergá-lo através das minhas lágrimas. — Meu pai é um monstro, Hernandez.

— Eu sei, querida...

— Você viu como aquele homem estava? Viu o que estavam fazendo com ele? Meu Deus, o Harry... Ele estava estuprando aquele homem! E meu pai estava lá, meu pai estava o segurando por uma coleira... Pela porra de uma coleira! — Gritei, me levantando da cama. — Eles são doentes! São filhos da puta doentes e sádicos! E eu sou filha dele... Eu sou filha do homem que estava comandando a porra de um estupro! Por quantos anos ele deve fazer isso? Provavelmente, desde antes de eu nascer! Por quê? Por que tanta crueldade? Tanta maldade? Por que, Hernandez?

— Eu não sei, Amy. Eu queria tanto te dar um porque, mas eu não sei — Hernandez disse, tão abalado quanto eu. — Mas isso não é o pior.

Parei no meio do quarto, olhando para ele.

— Há algo pior? — Perguntei e Hernandez assentiu. — O quê?

— Amy...

— O que, Hernandez? Por favor, me diz!

— Eu não tenho certeza, é só uma suspeita, mas eu acho que seu pai está envolvido com exploração sexual infantil.

Suas palavras me atingiram com tanta força, que cheguei a dar dois passos para trás.

— O quê?

— Eu sempre desconfiei de que ele fazia algo sujo por debaixo dos panos. As reuniões secretas e a portas fechadas que acontecem na sua casa, foi o que me fizeram começar a suspeitar. Aquilo não era normal, não podia ser apenas uma reunião de negócios, pelo menos, não de negócios legais. Mas comecei a suspeitar de que ele está envolvido com exploração sexual infantil há alguns meses.

— Por que acha isso?

— Consegui a senha que libera a entrada no quarto do seu pai.

— Mas a porta só é destrancada com a digital dele — falei.

— Um código também a libera, é por isso que Greta consegue entrar nos aposentos dele quando ele não está em casa — ele disse. — Você sabe como Greta é discreta quando o assunto é o seu pai, tanto que cuida pessoalmente

de tudo o que ele precisa e não permite que nenhum serviçal entre no quarto dele, mas teve um dia que ela estava subindo com uma pilha de roupas e deixou quase tudo cair nos degraus da escada. Soube que aquela era a minha chance de conseguir ir ao último andar com ela, por isso, a ajudei com as roupas e mesmo com ela falando que não precisava de mim, levei metade das roupas até a porta do quarto do seu pai. Ela não me permitiu entrar, mas vi quando digitou o código em um teclado digital que fica abaixo da maçaneta da porta. Gravei os números e, na madrugada seguinte, entrei no quarto. Sabia que era arriscado, mas eu tinha que dar um jeito de descobrir algo sobre ele. Foi então que achei algumas pastas dentro de uma das gavetas do closet.

— E o que tinha dentro dessas pastas? — Perguntei, mesmo que estivesse com medo de ouvir.

— Documentos e fotos. Devo confessar que não entendi muito bem o que estava escrito nos documentos, mas as fotos falavam por si só. Havia muitas fotos de crianças, a maioria meninos. Todos eles estavam nus.

Escondi o meu rosto em minhas as mãos e balancei a cabeça, completamente estarrecida, sem querer ouvir mais nada daquilo. Quem era aquele homem que eu passei a vida inteira chamando de pai? Ouvi os passos de Hernandez, em seguida, senti seus braços me rodearem.

— Não queria que você soubesse nada disso, Amy. Se pudesse, te protegeria de todo o mal, mas sei que você precisa da verdade. Precisa se libertar do seu pai.

Balancei a cabeça, afastando-me um pouco dele.

— Não, Hernandez. Eu preciso destruir o meu pai.

Vi que ele me olhou sem entender o que eu queria dizer.

— Como assim?

— Não posso deixar que ele continue a fazer o que faz. Preciso dar um basta nisso.

— Amber... Está brincando, não é?

— Claro que não!

— Amber, pelo amor de Deus! Tem noção de que, se as minhas suspeitas forem verdadeiras, seu pai pode ser ainda mais perigoso e letal do que já sabemos que ele é? Você não pode se meter nisso.

— E o que quer que eu faça, Hernandez? Quer que eu fique de braços cruzados enquanto sei que meu pai chefia uma máfia onde crianças são exploradas sexualmente? Enquanto coloca homens em uma coleira e lidera um estupro?

— Não, quero apenas que você se proteja, só isso! — Disse, tão indignado quanto eu. — Amy, se seu pai apenas imaginar que você sabe o que ele faz, ele te mata. Ele não vai querer saber se você é ou não filha dele.

— Hernandez, meu pai me mataria por muito menos do que isso. Você ouviu a ameaça dele na mesa de café da manhã — falei. — Ali, eu tenho que te confessar, senti muito medo dele. Foi a primeira vez que ele me ameaçou e eu vi que era real. Mas agora... Agora vai muito além de mim. Ele mata pessoas todos os dias, Hernandez! Pode ser que não mate fisicamente, mas mata por dentro. Você viu como aquele homem estava? Viu como estava acabado? Humilhado? Aquele homem já estava morto e a culpa foi do meu pai. Eu não posso deixar que ele continue a fazer isso com mais pessoas, com *crianças*. Eu preciso fazer alguma coisa!

Hernandez me olhou em silêncio, como se eu estivesse completamente louca. Depois do que pareceram minutos, balançou a cabeça e soltou um suspiro de derrota.

— O que você quer fazer?

— Destruir o meu pai.

— Como?

— Como, eu ainda não sei. Mas eu vou conseguir — falei. — Guarde as minhas palavras, Hernandez. Eu vou acabar com Maximus Bloom.

Capítulo 3

Amber

Saímos de Nova York no domingo de manhã e chegamos em casa no começo da tarde. Passei o dia com as imagens do que vi naquela sala, rodando em minha mente. Era como se eu estivesse presa em um *looping* e, no fundo, eu não queria me libertar. Não queria parar de me lembrar do que eu tinha visto, pois as imagens alimentavam o meu ódio e a minha sede de justiça.

Passei praticamente a madrugada acordada, fazendo anotações no caderno onde eu tinha todas as informações sobre o meu pai. Vi o dia amanhecer e consegui cochilar por duas horas antes do despertador tocar. Me preparei para mais um dia e, ao me olhar no espelho, me perguntei se eu conseguiria me sentar à mesa de café da manhã com meu pai. Ele normalmente chegava de suas viagens a tempo de tomar café, por isso, tinha certeza de que o encontraria em seu lugar à cabeceira da mesa.

Respirei fundo e fechei os olhos, obrigando-me a ter foco. Não podia agir de forma diferente, ou ele poderia desconfiar de algo. Certamente, nem passaria por sua cabeça que eu já sabia de tudo, mas meu pai era um homem astuto, se por um acaso desconfiasse de que eu estava diferente, faria de tudo para descobrir o que estava me afetando.

— Você vai conseguir — murmurei para mim mesma ao me olhar no espelho. — Lembre-se de tudo o que Hernandez disse. Lembre-se de tudo o que você viu.

A imagem daquele homem de quatro no chão da sala voltou em minha mente e meu coração doeu. Eu nunca tinha visto algo tão cruel e desumano quanto aquilo. Fiquei me perguntando há quanto tempo ele sofria aquela maldade e quanto mais ele poderia suportar, até eu conseguir libertá-lo. Torci para que ele fosse forte, pois eu faria de tudo para salvar a ele e a todas as crianças que meu pai explorava.

Saí do meu quarto e desci as escadas, encontrando Hernandez a postos perto da sala de jantar. Timothy estava ali também e acenei para ele com a cabeça, olhando para Hernandez e torcendo para que ele me passasse sua força silenciosamente. Ele acenou discretamente com a cabeça e eu entrei na sala de jantar, vendo meu pai em sua cadeira, lendo o jornal. Era uma cena comum, passei toda a minha vida vendo meu pai daquele jeito, sentado à cabeceira da mesa com o semblante fechado, mas tranquilo, como se fosse o dono do mundo. Mas foi a primeira vez que senti um baque em meu coração. Simplesmente porque, em minha cabeça, era inadmissível que ele agisse com tanta tranquilidade, depois de ter participado de algo tão horrível quanto o que havia acontecido na sala secreta daquela boate.

Como uma pessoa podia ser tão fria? Como conseguia agir como se tivesse a consciência tranquila depois de tudo o que havia feito? Como *eu* pude vir de um homem como esse? Como podia ter o seu sangue correndo em minhas veias? Pela primeira vez em minha vida, senti nojo de mim, de quem eu era, simplesmente porque era filha daquele monstro.

— Qual é o seu problema, Amber?

A pergunta do meu pai me despertou. Só naquele momento, percebi que estava parada na porta da sala de jantar, olhando para ele há alguns minutos. Para disfarçar, coloquei a mão na barriga e caminhei devagar até a mesa.

— Desculpe, papai. Estou com uma cólica muito forte, por isso estou caminhando devagar — falei, sentando-me à mesa. Não sei se ele comprou minha desculpa ou não, mas não disse mais nada.

Forcei-me a comer, mesmo sentindo-me enjoada por estar perto dele. Não conseguia tirar da cabeça a imagem dele nu, sentado naquela poltrona, se acariciando e segurando aquele homem por uma coleira. Senti que poderia vomitar a qualquer momento.

— Como foi o desfile? — Perguntou. Forcei-me a engolir a maçã que estava comendo e agir de forma natural.

— Foi ótimo. Encontrei muitos conhecidos e tirei fotos. Deve sair na revista de hoje.

— Isso é muito bom. Sua mãe costumava me envergonhar nesses eventos, às vezes. Não queria ir e, quando ia, sempre vinha embora antes de acabar. Poucas foram as vezes que ela agiu com a elegância e o porte que o nosso

sobrenome exige — disse, terminando de tomar o café. — Sinceramente? Até hoje não sei porque aceitei me casar com sua mãe. Sim, foi um casamento vantajoso, mas ela era medíocre. Só o dinheiro mesmo para fazer com que algum homem aceitasse passar o resto da vida ao lado dela.

Tive que fechar minhas mãos em punho sobre o meu colo, para não partir para cima dele e socar a sua cara. Meu pai sempre falou mal da minha mãe, mas, com o tempo, ele se tornava cada vez mais duros em seus comentários. Quis dizer a ele que a única pessoa medíocre que eu conhecia, estava bem na minha frente e que, infelizmente, eu tinha que o chamar de pai. No entanto, sabia que não podia. Pelo menos, não ainda. Sem esperar por uma resposta, meu pai se levantou e disse que iria trabalhar. Finalmente sozinha na sala de jantar, larguei a maçã em cima do meu prato e fechei os olhos, respirando fundo e tentando me controlar.

— Fique calma — Hernandez disse. Abri os olhos e o vi se aproximando de mim. — Você foi muito bem hoje.

— Não sei até quando vou aturar isso — murmurei. — Preciso arrumar uma forma de acabar logo com ele.

— Amy, você precisa ter paciência. Não vai conseguir isso de um dia pra noite — Hernandez olhou em volta. — Não podemos conversar aqui, é muito perigoso.

— Vamos para a academia.

Saímos juntos da sala de jantar e contornamos a casa até chegarmos na academia. Lá dentro, Hernandez se virou para mim com a expressão séria.

— Eu não devia alimentar essa sua ideia, porque é loucura. Eu realmente acho que você não tem noção de onde está se metendo, Amber.

— Espero que agora venha um “mas”.

— O pior é que sim, vem um “mas” — disse ele balançando a cabeça, como se estivesse incrédulo consigo mesmo. — Tenho um amigo que é detetive. Estava pensando que, talvez, seria melhor contratá-lo, porque sozinhos, não conseguiremos nada. Sem contar que seu pai não deve guardar qualquer documento comprometedor nessa casa. Sinceramente, fiquei muito surpreso em encontrar aquela pasta no closet do quarto dele, mas tenho certeza que ele deve ter se esquecido de guardar em um local seguro ou levá-

la consigo. Seu pai é um homem muito inteligente, não seria tão descuidado sobre algo que pode colocar em risco os seus negócios.

— Tem razão. Contrate seu amigo, eu pago o preço que for — falei. — A herança que minha mãe me deixou está intocada. Claro que meu pai deve monitorar a conta, mas eu posso ir tirando dinheiro aos poucos e em pequenas quantias. Ele não vai suspeitar.

— Certo — ele murmurou, mas a seriedade ainda estava lá, em seus olhos. E a preocupação também. — Tem certeza do que está prestes a fazer? Se der errado, não sei se conseguiremos escapar com vida.

— Sim, eu tenho certeza. Vamos lutar para que dê certo, Hernandez. Meu pai não pode mais cometer tanta crueldade e ficar impune.

Hernandez abriu a boca para falar algo, mas um estrondo ensurdecedor abafou a sua voz. Antes que eu pudesse piscar, ele já estava me jogando no chão e cobrindo meu corpo com o seu, falando algo pelo ponto que ficava em seu ouvido e que fazia comunicação com todos os seguranças da casa. Senti meu coração falhar uma batida quando barulhos de tiro ecoaram. Vi quando as balas ricochetearam no vidro blindado da academia.

— Que porra é essa, caralho? Alguém me responde! — Hernandez gritou e ouvimos mais um estrondo. Era como se tivessem jogando bombas. Vi as janelas da parte de trás da casa estourarem e o fogo tomar conta de tudo.

— Meu Deus! Meu Deus, Hernandez! — Gritei, completamente apavorada. Senti Hernandez ficar tenso em cima de mim, antes de sair de cima do meu corpo.

— Vá para a sala de manutenção!

— Não! Não, por favor...

— Vá agora, Amber! Agora! — Ele ordenou e eu balancei a cabeça, completamente apavorada. Acho que nem conseguia me mexer. Senti suas mãos em meu rosto. — Por favor, Amy, faça o que estou mandando e se esconda na sala de manutenção. Prometo que irei te encontrar em alguns minutos.

— Promete?

— Sim, eu prometo. Agora, vá engatinhando até a sala de manutenção. Não se levante por nada e não saia de lá. Vá!

Trêmula e com o estômago dando um nó, engatinhei até a sala de manutenção que ficava nos fundos da academia. Consegui abrir a porta e fechá-la atrás de mim, então, me sentei agachada e tampei os ouvidos. Mesmo assim, ainda conseguia ouvir o barulho dos tiros e o barulho das bombas.

— Por favor, proteja o Hernandez, por favor, por favor... — era só isso que eu conseguia implorar em voz alta. Nada poderia acontecer com o meu amigo. Se eu o perdesse, não teria mais ninguém.

Não sei por quanto tempo os tiros continuaram, mas logo ouvi o barulho da sirene do carro de polícia. Meu coração parecia que iria sair pela boca a qualquer momento, pois ouvi muita gritaria e mais tiros. Queria saber o que estava acontecendo e quem eram aquelas pessoas que invadiram a minha casa. Logo pensei em meu pai e no tanto de inimigo que ele deveria ter feito ao longo da vida. Era óbvio que aquele ataque à nossa casa era culpa dele, mas não conseguia entender como haviam conseguido invadir a propriedade, principalmente com armas e bombas em punhos. Aquela casa era muito bem protegida, havia dezenas de seguranças, tanto do lado de fora, quanto do lado de dentro. Câmeras estavam espalhadas por todo o lugar. Como conseguiram nos atacar?

Minutos se passaram, até que os tiros cessaram. Só conseguia ouvir vozes alteradas, mas não era capaz de entender o que diziam. A sirene da polícia era alta o suficiente para me mantar em estado de pânico. No fundo, esperava que, a qualquer momento, algum homem armado pudesse abrir a porta da sala de manutenção e me encher de bala. Orei para que isso não acontecesse, pois queria muito sobreviver, eu ainda tinha muito o que fazer, tinha que acabar o meu pai.

Fechei os olhos e puxei mais os joelhos contra o meu peito. Pedi baixinho pela minha vida e pela vida de Hernandez. De todas as pessoas naquela casa, ele era a única com quem eu realmente me importava.

— Amy! — Ouvi a voz de Hernandez atrás da porta e me sobressaltei, levantando-me do chão. — Vou abrir a porta, tudo bem? Não se assuste.

Eu já estava assustada pra caramba, mas não disse nada. Quando Hernandez abriu a porta, sequer pensei, simplesmente me joguei em seus braços, sentindo as lágrimas se derramarem sobre o meu rosto. Senti quando

ele me abraçou com apenas um braço, enquanto seu corpo se retesava.

— Amy, espera... Porra — ele xingou baixinho e eu me afastei, olhando para ele. Só naquele momento eu vi o buraco em seu ombro esquerdo e o sangue sujando seu terno.

— Meu Deus! Meu Deus, Hernandez, você foi atingido!

— Calma, está tudo bem, tenho quase certeza que a bala saiu pelo outro lado...

— Não, você precisa de um médico, pelo amor de Deus...

— Amber, por favor, me escuta! — Ele pediu, segurando-me pelo ombro com a mão direita. — Mataram muita gente, Amber. A maioria dos seguranças, dos empregados... Mataram Greta.

— Meu Deus... — murmurei, completamente abalada. — E os homens que invadiram a casa?

— Eles também foram mortos, só restaram dois e a polícia já os levaram. Não há mais perigo lá fora, mas você precisa estar preparada para o que vai ver. Tem um carro da polícia esperando por você.

— E... E o meu pai?

— Seu pai já havia saído de casa quando invadiram.

Não sabia se ficava aliviada ou não. Uma parte de mim torcia para que ele tivesse morrido, mas a outra parte o queria vivo, porque *eu* queria acabar com ele. Comecei a me perguntar sobre quão cruel aquele tipo de sentimento me tornava, mas não consegui sentir culpa. Meu pai não era o tipo de homem que merecia empatia.

— Vamos, vou te levar até o carro — Hernandez disse, fazendo uma cara de dor.

— Não, eu vou com você até o hospital.

— Amy, você precisa ir para a delegacia. Não é seguro ir para qualquer outro lugar agora.

— Eu vou com você. Um policial pode nos escoltar, se for necessário — falei, tomando a mão de Hernandez na minha. — Não vou te deixar sozinho.

Raras foram as vezes que vi Hernandez emocionado. A primeira vez foi quando consegui o meu diploma no ensino médio, a segunda foi quando

minha mãe morreu e a terceira foi agora. Vi seus olhos se encherem de lágrimas, mas fingi não perceber e passei seu braço bom pelo meu ombro. Só Deus sabia como aquele homem era importante para mim.

— Obrigado — ele disse baixinho.

— Não precisa me agradecer, menino — repeti o que ele sempre dizia para mim.

Quando saímos da academia, me senti entrando em um cenário de guerra. Havia mais corpos no chão do que eu poderia realmente contar. Policiais e legistas já andavam pelo lugar e um homem de terno, com o distintivo da polícia pendurado no pescoço por uma corrente, veio em minha direção.

— Senhorita Bloom, sou o Delegado Colin Emery e irei escoltá-la até a delegacia. A senhorita precisa se resguardar agora.

— Senhor Emery, sinto muito, mas irei acompanhar meu guarda-costas até o hospital. Ele foi baleado.

— Senhorita Bloom, sinto muito, mas não posso permitir que...

— Pode, claro que pode. Só preciso que alguns policiais nos acompanhem até o hospital, para que façam a nossa segurança. Eu também não me sinto muito bem, gostaria de ser avaliada por um médico, antes de seguir qualquer procedimento na delegacia.

O delegado me olhou com o semblante fechado e o cenho franzido. Pensei que iria negar o meu pedido, mas logo assentiu e chamou quatro policiais. Um foi conosco dentro da ambulância e os outros três foram atrás no carro da polícia. Enquanto os médicos começavam a fazer o procedimento em Hernandez, eu segurava a sua mão boa, deixando claro que jamais o deixaria sozinho.



Hernandez tinha razão e a bala tinha mesmo saído pelo outro lado do seu

ombro. Depois de passar por todos os procedimentos necessários, teve o braço imobilizado e foi liberado. Um médico também me examinou e, apesar de eu não ter sofrido nada fisicamente, estava muito abalada, o que mexeu um pouco com a minha pressão arterial, mas depois de ter sido medicada e ter a pressão controlada, também fui liberada. Já era tarde da noite quando Hernandez e eu chegamos à delegacia. Lá, encontrei o meu pai em uma sala reservada. Poucas vezes o vi tão nervoso quanto naquele momento. Ele andava de um lado para o outro, passando a mão pela cabeça e xingando com seu advogado. Só notou que eu estava ali, quando falei com ele.

— Amber! — Ele se aproximou e tocou em meu rosto. Senti vontade de afastá-lo, mas tive sangue frio e deixei que me tocasse. — Meu Deus, o perigo que você correu... Eu nunca imaginei que a nossa casa poderia ser invadida daquela maneira. Por favor, me perdoe.

Ele demonstrou um arrependimento genuíno, mas não consegui acreditar em nada do que vi em seus olhos. Agora que já sabia quem ele era e a maldade que era capaz de cometer, eu duvidava muito que ele tivesse qualquer veia emotiva dentro do corpo.

— Quem invadiu a nossa casa? — Perguntei.

— Eu não sei — disse.

— Como não sabe?

— Amber, eu tenho inúmeros inimigos, sabe disso. Empresários que não aceitam o meu sucesso e querem acabar comigo. Pode ter sido qualquer um deles ou todos eles juntos. Não tenho como saber.

Quis dizer a ele que sabia que seus inimigos iam muito além de simples empresários que não aceitavam que ele fosse bem-sucedido nos negócios. Se fomos atacados, era porque, com certeza, ele tinha inimigos bem mais perigosos e letais. Podia ver em seus olhos que ele estava assustado de verdade e era justamente porque sabia que tinha inimigos tão cruéis quanto ele. Só não esperava que eles fossem mais espertos e mais perigosos.

— Senhorita Bloom, o delegado vai querer pegar o seu depoimento e o depoimento de Hernandez — Michael Hanson, advogado do meu pai, disse.

— Tudo bem. Estou pronta para depor.

Passei a próxima meia hora dentro da sala do delegado, dando o meu

depoimento que, certamente, não iria acrescentar em nada. Apesar de ter sido uma — dos poucos — sobreviventes, fiquei escondida o tempo todo e não vi nada, apenas ouvi. Depois de mim, foi a vez de Hernandez. Quando terminamos, fomos escoltados até um hotel, cercados pela imprensa que pareciam urubus em cima de todos nós. Fiquei surpresa quando meu pai me acompanhou até a minha suíte e entrou em meu quarto, seguido por Hernandez e Timothy.

— Amber, amanhã estarei te enviando para nossa casa nas montanhas, na Carolina do Norte. É o lugar mais seguro onde você poderá ficar agora — meu pai disse. — Até pensei em te enviar para a casa de Harry, mas acho que, ainda assim, você ficará muito exposta.

Senti um baque por dentro ao ouvir suas palavras. Minha mente rodou quando perguntei:

— O senhor quer me deixar isolada nas montanhas?

— Amber, você sabe que praticamente ninguém conhece a nossa propriedade. Você estará segura lá.

Olhei rapidamente para Hernandez e ele me olhou de volta. Não, aquilo não podia acontecer! Se eu ficasse isolada na Carolina do Norte, como conseguiria prosseguir com a investigação contra o meu pai? Seria impossível!

— Mas, pai... Acha que é realmente necessário? Pense bem, eles não irão nos atacar novamente, pelo menos, não tão cedo... Acho que ficar hospedada com Harry será melhor.

Eu não acreditava que estava considerando a possibilidade absurda de estar no mesmo teto que o crápula do meu “noivo”, mas qualquer coisa era melhor do que ficar isolada nas montanhas. Meu pai balançou a cabeça.

— Não, Amber, está decidido. Amanhã você irá para a nossa casa na Carolina do Norte e ponto final.

Quis implorar para que ele me permitisse ficar, mas vi Hernandez balançar discretamente a cabeça. Nervosa, resolvi sondá-lo.

— Por quanto tempo terei que ficar lá?

— Ainda não sei. Mas só vou te trazer de volta quando sentir que o terreno está seguro outra vez.

— E o senhor? Ficará lá também?

— Não. Farei uma viagem para descobrir quem foi o filho da puta que atacou a nossa casa. Ele vai se arrepender de sequer ter cogitado a ideia de que poderia me matar — papai disse entredentes e senti um arrepio horrível passar pela minha espinha. — Esteja pronta amanhã às sete. O jatinho te levará para a Carolina do Norte.

Sem dizer mais uma palavra, meu pai saiu da minha suíte com Timothy em seu encalço. Arrasada e frustrada, joguei-me na cama e abafei um grito de ódio no travesseiro.

— Amy, não adianta ficar assim.

— Eu sei disso, mas não posso acreditar. Vou ficar isolada nas montanhas por tempo indeterminado! Enquanto isso, meu pai vai continuar a cometer mais crimes contra pessoas inocentes. Isso é ridículo — revirei os olhos, completamente frustrada.

— Veja pelo lado bom. Podemos usar esse tempo para planejar melhor como iremos investigá-lo, Amy — Hernandez disse, sentando-se ao meu lado. — Estávamos muito afobados. Esse ataque serviu para nos mostrar como o mundo do seu pai é perigoso e doentio. Se fizeram isso com ele, certamente, ele já deve ter feito o mesmo com alguém. Ou talvez tenha feito pior. Precisamos ter foco agora e agir com cautela.

Fechei os olhos e assenti, sabendo que Hernandez tinha razão. Eu não era nada perto do meu pai e não podia agir com desespero, muito menos meter os pés pelas mãos e acabar fazendo uma burrada. Tinha que ser muito cuidadosa com o que iria fazer, sobre como iria o investigar, para que não pudesse levantar nenhum tipo de suspeita.

Capítulo 4

Amber

A mansão nas montanhas do meu pai era cercada por uma vegetação densa e rústica. Tinha sido construída em 1982, mas havia passado por uma reforma recentemente e estava mais moderna, com janelões de vidro que deixavam a casa arejada e iluminada. Tinha um total de sete suítes, sala de cinema, sala de jogos, duas salas de estar, uma biblioteca e um escritório. A piscina ficava em um deck de madeira atrás da casa.

Havia anos que não vinha aqui. A última vez minha mãe ainda era viva. Ela amava muito esse lugar, pois ficava longe da agitação que era a vida do meu pai. Sabia quanto ela odiava aquele entra e sai de homens de ternos, as reuniões e jantares, as festas que meu pai gostava de dar. Sempre que podia, fugia para a Carolina do Norte, pois aqui havia tranquilidade e como era um lugar muito reservado, papai permitia que ela viesse apenas com dois seguranças, o que lhe dava a impressão de estar livre — mesmo que ela soubesse que estava bem longe disso.

John, um dos dois seguranças que meu pai mandou vir conosco, deixou minhas malas em meu quarto e pediu licença, retirando-se em seguida. Sozinha, abri as portas da sacada e perdi o fôlego com a vista. O dia estava muito bonito, apesar do vento frio por conta do início do inverno. As copas das árvores balançavam com a brisa e o cheiro de terra molhada podia ser sentido por todo o lugar. Por alguns segundos, permiti que a paisagem me trouxesse paz, mas o sentimento não durou muito. Era difícil ficar em paz sabendo que, por muito pouco, você não foi morta em um atentado em sua própria casa, por culpa do seu pai, que era um monstro sem limites.

Depois de um banho, desci e fiz companhia a Hernandez e Peter, o outro segurança que veio conosco. John não estava por ali e Peter me disse que ele estava resolvendo alguns assuntos da casa, fazendo uma segunda ronda, apenas para assegurar que estava tudo bem. Gostei de Peter, ele era tranquilo e sorridente, diferente dos seguranças sérios e distantes que meu pai costumava contratar.

Como fizemos a viagem em cima da hora, meu pai não teve tempo de mandar uma equipe com cozinheiros e copeiros. Por isso, eu mesma fiz a comida e acabei pedindo, por telefone, para que meu pai não se preocupasse em enviar funcionários. Eu ficaria naquela casa sem fazer nada, não iria quebrar a mão se eu cozinhasse todos os dias, muito pelo contrário. Seria bom ter algo para me ocupar. Ele acabou concordando, o que, confesso, me deixou bem surpresa.

— Ele deve estar se sentindo culpado pelo atentado, por isso está sendo bonzinho — Hernandez disse quando comentei com ele sobre a conversa que tive por telefone com meu pai.

— Meu pai se sentindo culpado? Acho que ele não tem esse sentimento tão nobre — falei, mexendo em uma das panelas.

— Até o pior dos homens sente a consciência pesada uma vez na vida — Hernandez disse.

Fiquei quieta, mas não concordava com ele. Meu pai não era o tipo de homem que sentia culpa por qualquer coisa. Se fosse, não seria capaz de cometer tantas monstruosidades. O jantar ficou pronto e chamei Hernandez, Peter e John para comerem comigo. Não era a melhor cozinheira do mundo, mas sabia me virar e gostava de me aventurar na cozinha nos finais de semana, quando meu pai não estava em casa.

— Nossa, ficou uma delícia, Senhorita Bloom — Peter disse, terminando de comer a macarronada.

— Não é nada demais. E, por favor, me chame apenas de Amber.

— Ela é modesta — Hernandez disse, fazendo-nos rir.

Quando terminamos, Peter insistiu que lavaria a louça. Ainda tentei falar que não era necessário, mas ele foi irredutível e me deu aquele olhar de segurança sério — mesmo que, no fundo, eu soubesse que ele estava apenas brincando. Com ele arrumando tudo na cozinha, dei o remédio de dor para Hernandez e o ajudei a se deitar. Ele se fazia de fortão, mas sabia que estava com dor.

— Descanse — falei, terminando de o cobrir. Ele me deu um sorriso.

— Lembro-me de quando fazia isso quando você era apenas uma menininha — ele disse. — Parece que os papéis se inverteram.

— Você sabe como é, os mais novos acabam cuidando dos mais velhos — ri, brincando com ele.

— Sua pestinha, quem é velho aqui?

— Hum... Parece que você é. Já é um senhor de cinquenta anos.

— Esse senhor de cinquenta anos tem mais namoradas do que os dedos das suas duas mãos, menina — ele riu, me fazendo rir também.

— Isso é o que você diz.

Acabamos rindo mais um pouco e eu lhe desejei boa noite. Antes que eu pudesse sair, no entanto, sua voz chamou a minha atenção.

— Tenho muito orgulho de você, Amy. Da mulher forte, justa e determinada que você se tornou. Tenho certeza que sua mãe também está cheia de orgulho de você, onde quer que ela esteja.

Senti minha garganta apertar e os meus olhos se encherem de lágrimas.

— Obrigada, Hernandez.

— Não precisa agradecer, menina.

Saí do seu quarto com o peito cheio de um sentimento bom, algo como amor fraternal ou coisa assim. Era o que Hernandez sempre despertava em mim. Já em minha suíte, tomei um banho e coloquei meu pijama, preparada para dormir, mas, ao me deitar, me senti agitada. Há dias eu não dormia bem e pensei que, por estar isolada naquela casa, conseguiria descansar um pouco, mas a minha mente se recusava a desligar. Quarenta minutos depois, completamente entediada, me levantei e peguei um edredom em meu closet, resolvendo ficar na varanda próxima à sala, onde poderia ouvir o barulho das corujas na floresta e sentir o cheiro da terra molhada.

Desci as escadas e não fiz questão de acender a luz da sala, apenas abri a porta da varanda e me sentei no sofá confortável que havia ali. Me enrodilhei no edredom e passei alguns minutos apenas ouvindo o farfalhar das folhas, sem pensar em nada em específico, até que um movimento na sala chamou a minha atenção. Vi John andando apressado pelo cômodo, com o que parecia ser uma tigela de cachorro em mãos e franzi o cenho. Seria algo comum, se tivéssemos algum cachorro na propriedade, o que, até onde eu sabia, não era o caso.

— John? — O chamei ao entrar na sala, mas ele já não estava mais ali.

Confusa, resolvi ir atrás dele. Não sabia para onde ele tinha ido, mas não desisti. Atravessei a sala de estar, a sala de jogos, em seguida, a outra sala de estar e cheguei ao corredor que levava ao escritório e à biblioteca. Estava confusa, pois, a partir dali, não tinha nenhum lugar para onde ele pudesse ir. Mesmo assim, resolvi arriscar e abri a porta da biblioteca. Não havia nenhum sinal dele, o cômodo estava escuro e deserto. Então, segui para o escritório e fiquei surpresa ao encontrar as luzes acesas. Entrei, mas não encontrei nada fora do lugar, era como se ninguém tivesse entrado naquele cômodo além de mim, mas, se as luzes estavam acesas, era porque alguém havia, sim, entrado naquele lugar.

Olhei minuciosamente o escritório do meu pai. Não era tão grande quanto o da nossa antiga casa, mas, mesmo assim, era um cômodo confortável. Havia uma mesa de madeira de lei e sua cadeira alta de couro, sofás, estantes com livros, um pequeno bar de canto e uma lareira. As paredes eram revestidas com papel de parede na cor creme e, apesar de meu pai não visitar esse lugar há um bom tempo, cada um de seus objetos estava imaculadamente limpo.

— Acho que estou ficando maluca — sussurrei para mim mesma, dando mais uma volta no cômodo. Era impossível que John estivesse ali, pois só havia uma saída naquele escritório, que era a porta por onde eu havia entrado.

Desistindo de procurá-lo, caminhei até a porta, mas parei quando vi uma fresta no papel de parede próximo à lareira. Poderia ter passado despercebido, se eu não tivesse a certeza de que meu pai jamais permitiria que tivesse qualquer tipo de falha em sua casa, principalmente no seu escritório, que era praticamente um santuário. Sem pensar duas vezes, me aproximei da lareira e toquei na fresta no papel de parede. Mas não era apenas uma fresta... Era uma porta.

Boquiaberta, abri a porta que se fundia a parede como se fosse mágica. Com o coração pulando feito um cavalo no peito, não pensei duas vezes e entrei no cômodo escuro, apenas para me deparar com uma escada que me levaria para o que parecia ser um piso subterrâneo. Algumas luzes amarelas e fracas iluminavam os degraus e eu me segurei com força no corrimão de ferro, com medo de perder o equilíbrio e cair. Lá embaixo, segui por um longo corredor mal iluminado, até encontrar duas portas enormes e largas, de ferro. Uma estava trancada, mas a outra estava parcialmente aberta.

Olhei em volta, meio que esperando que alguém fosse aparecer para me deter, mas não chegou ninguém, o que me deu coragem para passar pela porta entreaberta. Caminhei praticamente na ponta dos pés, esgueirando-me pela abertura, pois fiquei com medo de abrir a porta e ela fazer barulho anunciando a minha presença. Quando terminei de passar pela entrada estreita, pisei em uma sala vazia, cheia de televisores, que mostravam cada parte da casa. Era como uma sala de controle, onde passava imagens em tempo real do que acontecia não só na casa, mas ao redor dela também.

Assustada, sentei-me em uma das cadeiras e olhei atentamente para cada televisor, observando que cada um mostrava uma parte diferente do interior da casa. Só não consegui encontrar imagens dos quartos, de resto, até mesmo o escritório era filmado. Eu sabia que meu pai era maníaco por controle, mas não imaginava que até mesmo na casa nas montanhas, onde vínhamos tão poucas vezes, poderia ter todo aquele aparato tecnológico. Imaginei que John deve ter vindo aqui para observar as câmeras e que, talvez, tivesse esquecido a entrada secreta no escritório aberta, mas logo me lembrei da tigela em sua mão. Aquilo não fazia sentido algum. Se não precisássemos usar um carro ou um helicóptero para chegarmos à casa — ou se a propriedade não ficasse em um lugar tão remoto —, até poderia imaginar que algum cachorro perdido estivesse por ali e ele tivesse resolvido o alimentar, mas sabia que não era possível.

Foi então que a imagem em um televisor me chamou a atenção. A tela era bem menor do que as outras, por isso não a havia notado antes. Tive até que me aproximar da mesa, para poder enxergar melhor e o que eu vi estilhaçou o meu coração. John estava dentro de um cômodo parcamente iluminado. Não havia janelas, móveis, nada. O chão parecia ser de cimento e as paredes também. O lugar estaria completamente vazio, se não fosse por John e um homem que estava sentado no chão, preso com correntes longas em seus pés e pulsos. Ele usava apenas um short escuro, seu rosto estava para baixo e os cabelos longos, que batiam em seus ombros, tampavam suas feições.

John deixou a tigela no chão, próximo dele e chutou sua perna com força, me fazendo abafar um grito diante de tamanha violência. Tampei minha boca e arregalei os olhos, vendo que o homem sequer havia se mexido. Era como se ele não sentisse nada. John, então, o pegou pelo cabelo e o puxou até a tigela, fazendo o homem se apoiar nos joelhos e nas mãos para não bater com

o rosto no chão. Foi só quando ele ficou naquela posição, que senti o ar sair dos meus pulmões e minhas mãos começarem a ficar suadas.

Era ele. O homem que havia sido estuprado na boate em Nova York. Eu não sabia como ou o porquê de ter o reconhecido, mas *sabia* que era ele, só poderia ser. John empurrou o rosto dele para a tigela e pareceu gritar, mas as câmeras não captavam som. Senti vontade de invadir aquela sala com tudo e socar John até fazê-lo sangrar, mas sabia que não poderia me entregar. John não poderia saber que eu havia descoberto o esconderijo daquele homem.

Minha mente começou a girar com um monte de perguntas. Por que ele estava aqui? Será que meu pai sempre o escondeu aqui, nesta casa? Levando em consideração que eu não vinha nessa casa há anos, era bem possível. Mas, então, por que me mandou para cá, sabendo que esse homem também estava aqui? Foi então que me dei conta de que meu pai jamais poderia imaginar que eu sabia da existência desse homem. E, muito provavelmente, se não tivesse visto John passar pela sala com aquela tigela, sequer desconfiaria de que havia alguém sendo mantido em cárcere privado sob o mesmo teto que eu.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas com essa constatação. A verdade caiu sobre mim como um prédio de mil andares. Além de ser constantemente estuprado, esse homem ainda era mantido preso, em condições completamente desumanas. Eu poderia estar enganada, mas tinha certeza de que aquele cômodo era tão frio quanto o vento cortante do lado de fora da casa. Como ele poderia sobreviver ali? O que mais ele já não havia sofrido? Vi quando ele finalmente começou a comer, enquanto John parecia ofegante e cansado ao seu lado.

Eu pensei que o ódio que nutria pelo meu pai era o único sentimento ruim que eu poderia sentir, mas me enganei completamente. Naquele momento, eu odiei tanto aquele John, que poderia arrancar seu coração com as minhas próprias mãos e pisar em cima. Nunca senti tanta sede de morte e de justiça. Foi esse sentimento que me fez levantar da cadeira, sair da sala de controle e encarar a única porta naquele corredor que estava trancada. Eu sabia que John e o homem acorrentado só poderiam estar ali. Por um momento, quis muito ir até lá, matar John e libertar o homem, mas uma certa frieza me fez agir com cautela e traçar um plano em minha mente.

A passos largos, voltei para o início do corredor e subi as escadas. Escapei

pela porta secreta e a deixei encostada, como havia encontrado. Antes de sair do escritório, vasculhei qualquer aparelho digital que poderia liberar a porta e foi tão que o encontrei, bem pequeno e discreto ao lado da lareira. Poderia facilmente ser confundido como um aparelho do controle de temperatura da sala, mas eu sabia que não era. Não fazia a menor ideia de qual seria o código para liberar o acesso pela porta, mas eu faria de tudo para descobrir.

Saí do escritório e subi as escadas que me levaria aos quartos. Antes que pudesse pensar, já estava no quarto de Hernandez, que dormia tranquilamente coberto pelo edredom. Toquei em seu ombro bom e o sacudi.

— Hernandez. Hernandez, por favor, acorde — chamei repetidas vezes, até que ele se sentou em um sobressalto.

— O que foi? O que houve?

O jeito que ele me olhava era como se já estivesse acordado há horas. Seu treinamento militar exigia que ele ficasse sempre em alerta.

— O homem que foi estuprado na boate em Nova York está aqui — disse logo de uma vez, sem dourar a pílula. Vi a confusão nas feições de Hernandez.

— Como?

— Ele está no piso subterrâneo da casa, em um quartinho escuro, acorrentado, comendo em uma tigela de cachorro. John levou a comida para ele.

Hernandez me olhou como se eu tivesse criado uma segunda cabeça, em seguida, apertou as têmporas.

— Amy, acho que você estava sonhando e se assustou. Por favor, volte a dormir.

— Não, eu nem sequer dormi. Por favor, me escute com atenção.

Contei tudo a ele, nos mínimos detalhes. Realmente, falar em voz alta fazia com que tudo parecesse uma alucinação, mas não era. Acho que Hernandez viu a verdade em meus olhos, pois, quando terminei, ele estava com a boca ligeiramente aberta e os olhos arregalados.

— Não posso acreditar — ele murmurou, levantando-se da cama. Fez uma careta de dor, mas logo se estabilizou. — Por isso achei estranho quando seu pai mandou mais dois seguranças para cá. Geralmente, ele só manda mais

um, mas pensei que ele estava temendo por sua segurança.

— Com certeza John está aqui apenas para cuidar das necessidades do homem que está lá embaixo. Hernandez, se eu não tivesse visto a tigela em suas mãos e o seguido, passaríamos semanas aqui sem saber que este homem está preso nesta casa, em um estado completamente desumano — falei, andando de um lado para o outro. — Precisamos fazer alguma coisa para ajudá-lo.

— Sim, mas o quê? John está cumprindo as ordens do seu pai.

— Então, precisamos fazer com que ele cumpra as minhas ordens — falei.

— Amy, você sabe como esses homens são leais ao Maximus.

— Será que são leais ao meu pai ou ao dinheiro que recebem do meu pai? — perguntei. — Nunca vi esse tal de John, ele é novo na equipe. Se fosse antigo, poderia ser incorruptível, mas ele não é. Tenho certeza de que, se oferecermos a ele uma boa quantia, ele vai passar para o nosso lado.

— E o Peter? Talvez ele também saiba sobre o homem.

— Se ele souber, vou trazê-lo para o nosso lado também — falei, decidida. — Eu vou fazer qualquer coisa para ajudar aquele homem. Ele vai ser a primeira pessoa que irei libertar das garras do meu pai.

Minha vontade era de confrontar John naquela mesma hora, mas Hernandez me convenceu a esperar. Disse que seria melhor se falássemos com ele no dia seguinte, principalmente porque eu estava muito nervosa e com as emoções à flor da pele. Sabia que ele tinha razão, por isso, fui para o meu quarto. Achei que teria mais uma noite insone, mas assim que me deitei, o sono me pegou de jeito. Acabei sonhando com o homem, ele estava preso, eu tentava chegar perto dele, mas não conseguia de maneira alguma, pois algo parecia me manter no lugar. Acordei suada e agitada, me debatendo na

cama para tentar me libertar. Demorei alguns segundos para me habituar e expulsar o torpor do sono, quando consegui, vi pelo relógio digital que já passava das oito da manhã.

Depois de um banho, me vesti e desci as escadas, encontrando Hernandez na cozinha. Ele estava colocando o café da manhã no balcão, junto com Peter, em meio a uma conversa amena e alguns sorrisos. Os dois me cumprimentaram assim que me viram.

— Sente-se, vou pegar uma xícara para você — Hernandez disse, apontando para o banquinho em frente à bancada. Sentei-me e ele me trouxe uma xícara. — Dormiu bem?

— Mais ou menos. E você?

— Já tive noites melhores — disse, sentando-se ao meu lado.

— Passou bem a noite, Peter? — Perguntei como quem não queria nada, tomando um gole de café.

— Caí na cama feito uma pedra. Teria dormido mais, se não fosse pelo toque estridente do despertador — ele me deu um sorriso.

Forcei um sorriso para ele, perguntando-me se estava sendo sincero ou não. Não o tinha visto na noite de ontem, mas não sabia se podia confiar em sua palavra.

— Bom dia.

A voz de John atrás de mim me trouxe um arrepio na espinha e eu fiz de tudo para disfarçar, murmurando um bom dia por cima da xícara quando ele entrou em meu campo de visão. Ele era mais sério do que Peter, isso eu já havia percebido, mas, naquele momento, comecei a enxergá-lo por uma outra óptica. Talvez, ele fosse fechado daquele jeito porque era tão ruim quanto o meu pai. Isso explicaria o modo como tratou o homem ontem, chutando-o e puxando-o pelo cabelo. Senti meu sangue ferver em minhas veias, a raiva da noite anterior voltando a me engolfar.

Hernandez notou como eu estava, por isso, voltou a puxar assunto com os dois seguranças. Eu me mantive quieta, apenas observando e tomando meu café em silêncio. Assim que eles terminaram, levantei-me e olhei para John.

— John, você pode me acompanhar até o escritório do meu pai? Preciso falar com você.

Se ele suspeitou sobre o que se tratava a conversa, não demonstrou. Simplesmente assentiu e veio atrás de mim e de Hernandez. Entramos no escritório e eu me sentei na cadeira do meu pai, vendo John se acomodar à frente da mesa. Hernandez ficou parado próximo a mim.

— Há quanto tempo você trabalha para o meu pai, John?

— Há pouco mais de dois meses, senhorita.

— Você pode me explicar qual era a sua função, antes de vir para esta casa?

Ele franziu o cenho, parecendo não entender a minha pergunta.

— Minha função era de segurança, senhorita.

— Claro que sim, mas sei que meu pai contrata seguranças para diversas funções. Alguns fazem parte da sua equipe pessoal, outros fazem parte da empresa, outros o acompanham em viagens... Em qual dessas funções você se encaixa?

Vi quando John pareceu engolir em seco, desconfortável, mas logo disfarçou, voltando a me fitar com seriedade. Não desviei o olhar, esperando por sua resposta.

— Eu fazia parte da sua equipe pessoal, Senhorita Bloom.

Eu poderia ter levado a resposta dele em consideração, pois John, em momento algum, desviou os olhos dos meus enquanto falava, mas a sua hesitação ante a minha pergunta o entregou.

— Está mentindo — falei. John arregalou um pouco os olhos.

— Mentindo? Claro que não, senhorita...

— Sim, você está — me levantei da cadeira e dei a volta na mesa, parando bem perto dele. — Você foi contratado para cuidar do homem que o meu pai faz de prisioneiro.

Achei importante falar aquilo em um tom de afirmação e não de pergunta, pois não queria deixar dúvidas de que eu sabia qual era a sua verdadeira função naquela casa. John olhou para mim, em seguida, olhou para Hernandez e franziu o cenho.

— Não sei do que está falando, senhorita.

— Não? Então, se eu pedir para você ir até ali — apontei para lareira — E

digitar um código, uma porta coberta pelo papel de parede não vai se abrir e revelar que há um homem acorrentado no andar debaixo?

— Senhorita Bloom...

— Nós já sabemos a verdade, John — Hernandez disse, aproximando-se. — Não há necessidade de mentir.

Vi quando os ombros de John caíram e seu semblante sério deu um lugar a uma ruga de preocupação e confusão.

— Não entendo. Meu superior disse que ninguém sabia sobre a passagem secreta, muito menos que esse selvagem estaria aqui.

— Selvagem? Veja bem como você fala! É apenas um homem! — Bradei, apertando minhas mãos em punhos para conter a minha raiva. John soltou uma risadinha de escárnio.

— Você não diria isso se estivesse no mesmo lugar que ele. Aquele ali já deixou de ser humano há muito tempo. Está mais perto de ser uma besta selvagem do que um homem.

— Eu vi como ele agiu com selvageria quando você o chutou e o puxou pelo cabelo para que comesse em uma tigela que estava no chão, como se fosse um animal — falei entredentes. Daquela vez, John realmente arregalou os olhos.

— O quê? Como que... Como a senhorita...

— Como Amber viu? Você deixou a porta aberta, John — Hernandez disse. — Uma falha muito grave, que eu tenho certeza de que o Senhor Bloom não vai deixar passar em branco. Eu não sei se você conheceu o Senhor Bloom pessoalmente ou não, mas tenho certeza de que já ouviu histórias sobre ele, principalmente sobre quão cruel ele pode ser com aqueles que não guardam os seus segredos. Imagina se ele descobre o erro que você cometeu ontem? Quem descobriu sobre o homem foi a Amber, mas já pensou se fosse outra pessoa? Já pensou se filmassem e colocassem na internet? Sinceramente... Estou com medo por você.

Hernandez sempre teve o timbre de voz sério, um jeito meio durão de falar, mas, daquela vez, ele havia se superado. Por um momento, pensei que John iria mijar nas calças ao ouvir a sua voz calma, porém potente.

— Eu... Eu não... Foi sem querer, juro que foi sem querer! Não foi a

minha intenção deixar a porta aberta, eu sinto muito... — John me olhou com o semblante espantado. Chegava a ser cômico ver aquele homem alto e forte, que havia batido covardemente no homem acorrentando no andar debaixo, com tanto medo nos olhos. — Eu faço qualquer coisa, eu juro, faço qualquer coisa, mas não contem ao meu superior e nem ao Senhor Bloom... Por favor.

— Timothy é o seu superior? — Hernandez perguntou.

— Sim.

— Timothy é o guarda-costas pessoal do meu pai. Tão fiel a ele quanto um cão de guarda. Se ele apenas imaginar o que você fez... — sorri, gostando de fazer com que John provasse do próprio veneno. Ser cruel com ele e deixá-lo com medo me fazia um bem enorme. Era como se eu já estivesse começando a minha vingança.

— Por favor, Senhorita Bloom, eu imploro, não conte a Timothy ou ao seu pai. Faço qualquer coisa que me pedir.

— Qualquer coisa?

— Sim, qualquer coisa.

Olhei para ele, em seguida, voltei para trás da mesa e sentei-me na cadeira imponente do meu pai. O gostinho doce da vingança se acentuou em minha boca quando me dei conta de que eu estava no escritório dele, sentada em sua mesa, começando a agir para acabar com toda a crueldade que ele cometia. O destino não poderia ter agido de maneira melhor.

— A partir de hoje, você responde a mim e *apenas* a mim — falei. — Esqueça qualquer ordem do meu pai ou de Timothy. Você está jogando do meu lado agora.

— Do seu lado? O que quer dizer?

— Não importa o que quero dizer, apenas as minhas ordens importam e você está aqui para segui-las — falei, colocando em jogo um pouco da autoridade que aprendi com meu querido pai. Quem diria que para alguma coisa ele iria servir. — Comece me contando detalhes de quem é aquele homem lá embaixo.

John me olhou um tanto apreensivo, em seguida, olhou para Hernandez. Acho que ele viu que nenhum de nós dois estava para brincadeira, pois logo começou a falar.

— Eu não sei tantos detalhes assim... A única coisa que sei, é que Rage é como um bichinho de estimação para o seu pai. Ele é mantido preso, acorrentado e precisa ser drogado constantemente, pois quando não está sob o efeito de drogas, se transforma em um monstro. Literalmente. Ele parece não ser humano quando está limpo, ataca quem quer que entre no cômodo onde ele está. Três homens já morreram nas mãos dele.

Olhei para Hernandez, surpresa por ouvir aquilo, mas não me abalei. Se o homem agia daquela forma era porque, certamente, tinha motivo para tal.

— Então, Rage é o nome dele?

— Sim, senhorita.

— E que tipo de droga vocês usam para acalmá-lo?

— É uma espécie de tranquilizante, senhorita. Não o faz dormir, apenas o acalma. É como se a droga imobilizasse suas reações.

— Entendi — murmurei. — Onde ele estava antes de ser mandado para cá?

— Em Nova York, na propriedade do Senhor Bloom. Na verdade, Rage está a cada semana em um lugar diferente, porque participa dos encontros do Senhor Bloom aos sábados. Ele vai para onde o Senhor Bloom vai.

Aquilo não me surpreendeu.

— E como vocês fazem para sair com ele sem chamar a atenção?

— Todas as propriedades do Senhor Bloom têm garagens subterrâneas, então, com Rage drogado e encapuzado, o colocamos em uma van e o levamos para o seu próximo destino. Na maioria das vezes, cruzamos os estados de carro, mas quando é um lugar mais distante, Senhor Bloom disponibiliza o jatinho.

Aquilo realmente me pegou de surpresa. Meu pai não era um homem que media esforços para gastar dinheiro, mas não dava regalias a empregados. Como era possível que disponibilizasse o jatinho para Rage? Mas então me lembrei de que Rage não era um de seus empregados; ele era seu escravo, seu animal de estimação, aquele que ele exibia em orgias. Senti meu estômago se retorcer.

— Por que meu pai resolveu mandá-lo para cá? Pelo o que sei, ele vai viajar e investigar quem cometeu o atentado em nossa casa.

— Senhor Bloom mandou Rage para cá pelo mesmo motivo que mandou a senhorita, para protegê-lo. Não me pergunte o porquê, pois não sei o motivo, mas Rage é importante demais para o Senhor Bloom, quase um ser intocável, por mais que ele não se importe de que surremos Rage quando ele faz por merecer.

— É, eu vi como Rage fez por merecer a sua agressão de ontem à noite — falei com sarcasmo. — Aqui vai mais uma ordem, acabaram as agressões. Você não encostará mais nem um dedo em Rage, entendeu?

— Sim, senhorita — ele assentiu.

— E não irá drogá-lo mais.

John arregalou os olhos.

— Mas, Senhorita Bloom, é impossível lidar com Rage quando ele está limpo.

— Sem drogas.

— Ele vai matar qualquer um que tentar entrar naquele quarto — disse quase que em desespero.

— Eu disse sem drogas, John.

— Sinto muito, senhorita, mas temo que não saiba o que está fazendo.

E eu não sabia mesmo, mas não precisava dizer nada a ele. Resolvi mudar um pouco o foco da conversa.

— Com que frequência você mantém contato com meu pai, para atualizá-lo sobre Rage?

— Geralmente, todos os lugares onde Rage fica são filmados e o Senhor Bloom vê as imagens em tempo real por um tablet, mas como estamos em uma floresta e o sinal de satélite daqui não é tão bom, ele não está podendo acompanhar Rage como costuma fazer. Por isso, Timothy me disse que me ligaria todos os dias para que eu pudesse atualizá-lo sobre Rage.

Aquilo era ótimo. Se meu pai não tinha imagens de Rage, eu tinha mais liberdade ainda para agir. De que forma, eu ainda não sabia, mas aquela informação me deu um gás a mais.

— Ele ligou ontem? — Perguntei.

— Sim, senhorita. Três vezes.

Três vezes? Meu pai era realmente cuidadoso sobre o homem mantido em cárcere no andar debaixo.

— O que você disse no telefonema?

— Que Rage estava estabilizado, sob os efeitos das drogas e que havia dormido o dia inteiro. Depois disse que lhe dei sua ração e que, apesar de ele ter se recusado a comer inicialmente, eu o obriguei e ele cedeu.

— Ração? — Hernandez perguntou antes que eu pudesse sequer abrir a boca. John olhou para ele.

— Não é o que está pensando, ele não come comida de cachorro nem nada do tipo. É uma pasta de proteína, carboidratos e vitamina que ele come diariamente, uma vez por dia.

— Ele só se alimenta uma vez por dia? — Perguntei, incrédula.

— Sim, senhorita.

— Meu Deus, que absurdo... — balancei a cabeça, completamente chocada. Segundos depois, contudo, me obriguei a manter o foco. — Quero que continue falando isso para Timothy, certo? Quero que diga que Rage está bem e... Estabilizado — repeti sua forma de falar. — Diga que ele está se alimentando e que está sendo... Cuidado. Não que você já tenha realmente cuidado dele em algum momento, mas enfim... Garanta que Timothy acredite em suas palavras. Não quero que meu pai resolva aparecer aqui de surpresa para conferir como Rage está, nem que mande alguém para olhá-lo.

— Sim, senhorita.

— Acredite em mim, John, você só tem a ganhar se estiver realmente ao meu lado — falei, pegando um bloco de papel em cima da mesa do meu pai. Escrevi um valor que sabia ser o triplo do que John provavelmente deveria receber por mês e destaquei o papel do bloco, entregando para ele. Vi que seus olhos se arregalaram quando viu o que estava escrito. — Esse será o seu salário a partir de agora. Claro que meu pai continuará a te pagar, mas se fizer tudo o que eu mandar, receberá essa quantia todo o mês.

— Se a desobedecer, contaremos ao Senhor Bloom o erro que você cometeu ontem à noite — Hernandez disse em um tom ameaçador. John balançou a cabeça um tanto atordoado e assustado.

— Não, eu juro que não falarei nada. Por esse valor, acho que venderia até

a minha alma — ele riu, mas parou quando viu que não achamos graça. — Desculpa.

— Peter sabe sobre Rage? — Hernandez perguntou.

— Não, senhor. Apenas eu fui designado para cuidar dele.

— Ótimo, que continue assim, então. Não conte nada a ele — falei.

— Sim, senhorita, pode deixar.

Levantei-me e dei novamente a volta na mesa, dessa vez indo até o aparelho afixado na parede.

— Venha aqui e me dê o código que libera a porta.

— Claro — John se levantou e parou ao meu lado. — O código é 150699.

Não reconheci os números, mas também não esperava entender o significado por trás deles. Estava mais ansiosa para ir lá embaixo do que para qualquer outra coisa que já estive em minha vida. Digitei o código e ouvi um clique, então, como ontem à noite, uma pequena fresta se abriu no papel de parede a minha frente. Sem esperar por eles, comecei a descer as escadas, ouvindo seus passos atrás de mim. No andar debaixo, segui para a sala de monitoramento e, daquela vez, não perdi meu tempo olhando para os outros televisores, foquei direto na tela pequena a minha frente. Observei com atenção o homem deitado no chão, encolhido. Ele parecia estar dormindo.

— Há algum código para entrar lá? — Perguntei, apontando com a cabeça para a tela.

— Não, senhorita. A sala é fechada com corrente e cadeado.

— Então, me dê a chave — falei, estendendo a mão para ele. Sem hesitar, John enfiou a mão no bolso da calça e colocou uma chave grossa em minha mão. — Vou entrar.

— O quê? Amy, está louca? — Hernandez perguntou ao meu lado.

— Nunca estive tão lúcida — falei, já me encaminhando para o corredor. Senti a mão de Hernandez em meu braço, detendo-me no meio do caminho.

— Não vou deixar você fazer isso! Você não conhece esse homem, não sabe como ele é, como pode reagir. Ouviu tudo o que John disse lá em cima! Não seja louca!

— Hernandez, eu vou entrar — falei, olhando em seus olhos.

— Não, você não vai!

— Sim, eu vou!

Foi a primeira vez na vida que enfrentei Hernandez. Normalmente, levava todos os seus conselhos em consideração, mas sabia que não poderia fazer isso agora. O homem que estava dentro daquela sala havia sido judiado, humilhado, estuprado e eu poderia o ajudar. Não iria esperar nem mais um segundo para poder entrar ali e ficar frente a frente com ele. Acho que Hernandez percebeu isso, pois, mesmo contrariado, virou-se para John e perguntou:

— Ele ainda está drogado?

— Não tanto como ontem, mas há o suficiente em seu corpo para que ele não consiga agir com selvageria. Ele também está acorrentado... Mas é bom que não se aproxime muito dele.

Hernandez se virou para mim e me encarou com seriedade.

— Ouviu o que ele disse. Não se aproxime dele.

Quando ele me soltou, voltei a caminhar sem olhar para trás e só parei quando estava de frente para a porta de ferro, com o cadeado em mãos. Torci a chave, tirei as correntes e abri um pouquinho a porta.

Em seguida, entrei e encarei o homem deitado a minha frente com uma dor imensa em meu coração.

Capítulo 5

Amber

Não sei por quanto tempo fiquei ali, parada em frente à porta, olhando fixamente para o homem deitado a alguns metros de mim. Estando tão perto dele, consegui, enfim, observá-lo com atenção. Eu já tinha notado que Rage era um homem alto e forte, mas não tinha noção do quanto. Mesmo deitado e encolhido no chão, eu podia afirmar que ele tinha mais de 1,90m de altura. Músculos saltavam da sua pele, o que me fez questionar como ele poderia ser tão forte, se vivia acorrentado. Os cabelos longos eram castanho-claros, assim como a barba densa, e algumas mechas caíam sobre o seu rosto, escondendo as suas feições. Ele parecia dormir pacificamente e me perguntei se John não tinha mentido. Talvez, ele ainda estivesse muito drogado ou, talvez, a droga fizesse sim com que ele apagasse e dormisse por horas.

Tomando coragem, dei alguns passos em sua direção, sentindo meu coração bater forte no peito. Ele sequer se moveu e, se não fosse pelo subir e descer de seus ombros com a sua respiração, eu teria dúvidas de que ele estivesse vivo. Parei a alguns centímetros do seu corpo deitado no chão e olhei em volta. O quarto não era muito grande, mas também não era pequeno. Não tinha janela ou qualquer lugar que pudesse entrar a luz do dia. O ambiente era iluminado por uma luz amarela bem fraca, que ficava no teto e, como eu havia suspeitado, era frio. Muito frio. Não sabia como ele estava suportando ficar dentro daquele lugar com uma temperatura tão baixa.

— Por que tanta maldade? — perguntei-me baixinho, porque realmente não conseguia entender.

Olhei para as correntes grossas em seus pés e pulsos. Elas eram longas o suficiente para que ele pudesse caminhar pelo lugar, mas duvidava de que ele pudesse chegar perto da porta, por exemplo. Elas pareciam pesadas e temi por ele; certamente, o machucavam. Dei mais dois passos em sua direção e parei. Esperei por algum movimento vindo dele, algo que me fizesse suspeitar de que ele tivesse acordado, mas minutos se passaram e ele não se moveu. Isso me deu coragem para ir contra o conselho de Hernandez e me

aproximar mais um pouco. Em seguida, me abaixei e sentei-me ao seu lado. Observei seu corpo atentamente, ele tinha cicatrizes finas espalhadas pelo braço, bem como algumas manchas roxas, certamente, provenientes de alguma surra.

Senti meu peito ficar pesado diante de tamanha crueldade. Ninguém merecia viver daquela forma, ser tratado daquele jeito. Perguntei-me há quanto tempo Rage vivia naquela situação, há quanto tempo era judiado por meu pai, quanto já havia sofrido. Meus olhos se encheram de lágrimas e, sem poder me conter, deitei-me completamente ao seu lado e toquei em seus cabelos, tirando as mechas da frente do seu rosto. Ele estava deitado de lado, mas, mesmo assim, pude ter um vislumbre das suas feições. Sua boca estava entreaberta, sua bochecha estava coberta pela barba, seus olhos estavam fechados, mas tremeluziam sob as pálpebras.

— Prometo que nunca mais vão te maltratar, Rage.

Assim que me calei, seus olhos se abriram e ele olhou fixamente para mim. Engoli em seco, esperando uma reação vinda da sua parte, mas durante alguns segundos, nada aconteceu. Ele me encarou e eu o encarei de volta, olhando em seus incríveis olhos azuis, que pareciam enxergar a minha alma.

— Rage... — sussurrei.

E o meu erro foi sussurrar. Em um segundo Rage estava me olhando e, no próximo, em um movimento muito rápido, seu corpo estava pairando sobre o meu e sua mão estava em meu pescoço. Senti meu coração disparar, as palmas das minhas mãos ficarem suadas e segurei o seu pulso, tentando tirar sua mão de mim, mas não obtive sucesso. Seu lábio superior se enrolou em cima de seus dentes e um grunhido saiu do fundo da sua garganta quando ele começou a me enforcar.

— Rage... Não... — minha voz saiu esganiçada e tentei me mover, mas a maior parte do seu corpo estava em cima de mim. Senti o ar começar a me faltar. — Não... Por favor...

Olhei fixamente em seus olhos selvagens, que deixavam claro que ele não iria parar. Pelo menos, não até me matar e comecei a me desesperar. Tentei gritar, mas não consegui. Me debati, arranhei seu pulso, mas de nada adiantava, ele não saía de cima de mim, não parava de apertar o meu pescoço. Comecei a ficar tonta, senti minha língua ficar pesada e meus olhos rolaram

em minhas órbitas.

"Estou morrendo, meu Deus, estou morrendo...", era só o que passava pela minha cabeça. Eu não queria morrer, não queria desistir, mas não conseguia mais respirar, muito menos me debater ou arranhar seus pulsos. Com muito esforço, abri meus olhos e olhei para ele. Olhei para o seu rosto, sua boca entreaberta, os lábios enrolados, o cenho franzido em ódio e os olhos cruéis. Mesmo assim, durante aquele milésimo de segundo que o fitei, não consegui sentir outra coisa por ele que não fosse dor, pois sabia que Rage estava condicionado a odiar todas as pessoas. E a culpa era do meu pai.

Não consegui mais lutar para manter os olhos abertos e os fechei, sentindo meus pulmões queimarem, minha cabeça pesada. Por um momento, pensei que eu realmente tivesse morrido, até que senti o ar preencher novamente os meus pulmões. Não consegui entender, mas agradeci por poder voltar a respirar. Senti como se, lentamente, cada um dos meus sentidos estivessem voltando para mim. Primeiro o olfato, depois o tato, pois passei a sentir muito frio, a visão, pois assim que me dei conta de que estava realmente respirando, me obriguei a abrir os olhos e, por último, a audição. Ouvi gritos e socos.

— Seu animal de merda! Filho da puta!

Não conseguia entender o que estava acontecendo, minha cabeça estava pesada, até que vi Hernandez em cima de mim. Ele tocou em meu rosto, em seguida, em meu pescoço. Parecia estar desesperado.

— Meu Deus, Amy, fala comigo! Está me ouvindo?

Demorei mais do que o normal para assentir e apertei os olhos com força, obrigando-me a levantar. Senti a mão de Hernandez em meu braço, puxando-me para cima e tonteei quando me sentei. Novamente, ouvi os gritos de um outro homem.

— Pode ficar aí! Não me obrigue a drogar você!

— Venha, vou tirar você daqui — Hernadez disse.

Eu assenti, pois estava me sentindo desorientada, até que olhei em volta do quarto e meus olhos caíram sobre ele. Rage estava pressionado contra a parede, com os lábios sangrando e os olhos em cima de mim. Pude enxergar a sua raiva, o seu ódio e foi então que consegui me lembrar. Ele havia me enforcado. Meu Deus, ele quase havia me matado! Mesmo assim, não foi

com ele que eu fiquei indignada... Foi com John.

— Você bateu nele? — Perguntei a John, ficando assustada com o tom rouco da minha voz. Minha garganta doía muito, mas eu não liguei. Com a ajuda de Hernandez, me levantei e encarei John, que me fitou com o cenho franzido.

— Ele estava te enforcando.

— Mas eu falei para não bater nele! Qual foi a parte da minha ordem que você não entendeu?

— Amy, ele agiu de forma correta, tirou o cara de cima de você e o imobilizou — Hernandez disse.

— Imobilizar e dar socos são coisas completamente diferentes — falei, olhando para John e depois para Rage. Apesar do ódio em suas feições, conseguia ver como ele parecia acuado, encostado na parede, olhando fixamente para mim. — Por favor, me deixem sozinha com ele.

— Você só pode estar brincando! Está louca, Amber? — Hernandez gritou ao meu lado.

— Ele me atacou porque eu estava deitada ao lado dele. Com certeza o assustei. Não farei isso novamente — falei, olhando para Hernandez. — Eu juro.

— Amber...

— Confie em mim. Hernandez. Por favor.

Hernandez me olhou com seriedade, depois olhou para Rage. Vi a indecisão em seus olhos, sua vontade de me afastar daquela sala e nunca mais me deixar colocar os pés ali, mas, por fim, respeitou a minha decisão. Sem dizer nada, saiu marchando com raiva e John foi logo atrás dele, encostando a porta atrás de si. Tomando coragem, respirei fundo e engoli em seco, ignorando a dor horrível em minha garganta e em meu pescoço e me virei, olhando novamente para Rage. Fiquei um momento em silêncio, esperando que ele falasse alguma coisa, mas som algum veio dele. De fato, ele nem precisava dizer nada — a raiva silenciosa em seu olhar era mais escandalosa do que qualquer grito.

— Oi, meu nome é Amber — comecei um tanto incerta, mantendo uma boa distância dele. — Sei que você nunca me viu antes, que não me conhece,

mas quero que saiba que eu não estou aqui para te machucar, muito pelo contrário... Eu quero te ajudar. Quero te libertar dessa vida horrível que te obrigaram a viver.

Ele franziu um pouco o cenho, mas a raiva em seus olhos e em suas feições não abrandou nem um milímetro. Ele não confiava em mim e era óbvio que não estava disposto a acreditar em nada do que eu dissesse, o que era totalmente compreensível. Mesmo assim, não desisti. Abri os meus braços e as minhas mãos e, devagar, dei um giro completo para que ele pudesse me ver por inteira.

— Está vendo? Não carrego armas comigo, nem drogas ou qualquer coisa que possa te machucar.

Ele me olhou de cima a baixo, lentamente e eu fiz o mesmo, percebendo, só naquele momento, como ele era bonito. Estive certa o tempo todo, ele tinha realmente mais de 1,90m de altura. Suas pernas eram grossas e longas, cobertas por pelos suaves, sua barriga era trincada e seus braços eram musculosos. O cabelo era grande e lhe dava ainda mais um aspecto de homem selvagem. Me senti mal por usar esse termo, mas era como ele se parecia, principalmente quando me olhava daquela forma, com o rosto contorcido em uma careta de ódio que me deixava com o coração partido no peito. Sua beleza era quase exótica, com os olhos azuis expressivos, maxilar apertado em uma linha tensa, lábios enrolados, mostrando dentes longos e bonitos, a barba cheia cobrindo o queixo e as bochechas.

Desci lentamente por seu rosto, até chegar ao seu pescoço e senti meu coração sofrer um baque no peito. Havia uma coleira de ferro ali, com o nome RAGE escrito em letras maiúsculas. Parecia apertada demais em torno do seu pescoço, que tinha algumas veias saltadas e a pele avermelhada. Em nenhum momento eu havia sentido raiva por ele ter me enforcado, pois entendia que, querendo ou não, Rage estava condicionado a desconfiar e odiar quem quer que fosse, mas, naquele momento, soube que mesmo se eu tivesse sentido raiva dele, o sentimento se dissiparia. Não tinha como sentir raiva de um homem que vinha sendo tratado como um animal selvagem, sem direitos, sem escolhas, sem dignidade, que era mantido em cárcere privado, com uma coleira no pescoço e usado como escravo sexual.

Tudo o que eu queria era me aproximar dele, acariciar seu rosto bonito,

arrancá-lo daquela coleira e correntes e garantir que tudo ficaria bem, mas sabia que não podia. Pelo menos, não ainda.

— Aquele homem que tirou você de cima de mim, não vai mais te bater, nem te drogar, eu prometo. Sei que não tem motivos para acreditar ou confiar em mim, mas vou provar a você que estou sendo sincera — falei. — Quero te ajudar, Rage. Apenas isso.

Fiquei mais alguns minutos ali, esperando por qualquer reação vinda dele, mesmo que fosse violenta, mas ele não disse nada ou saiu do lugar. Sem tirar os olhos de cima dele, dei alguns passos para trás em direção a porta. Não queria sair e o deixar sozinho, mas sabia que não podia o forçar a ficar em minha presença — ele já vinha sendo forçado há tempo demais. Por isso, depois de o olhar pela última vez, saí e encostei a porta atrás de mim. Não tranquei, até porque, trancar um homem que está acorrentado à uma parede de concreto era apenas perda de tempo.

Com o coração quase saindo pela boca, me encostei em uma das paredes do corredor e escondi meu rosto em minhas mãos. Meu pescoço e garganta doíam muito, mas não foi por isso que meus olhos se encheram de lágrimas; foi por causa de Rage. O modo como me fitou nos poucos minutos que estive em sua presença só me deu provas de como seria difícil ganhar a sua confiança e eu sabia que só poderia tirá-lo daquele lugar quando ele confiasse em mim, e, consecutivamente, eu confiasse nele.

Comecei a me perguntar se, talvez, ele já não estivesse danificado demais para poder se libertar. Eu não sabia há quanto tempo ele estava nas garras do meu pai, nem conseguia imaginar tudo o que ele já havia visto e sofrido... E se não tivesse mais salvação para ele? Se minha luta fosse em vão?

— Amy... — Senti os braços de Hernandez ao meu redor e chorei baixinho de encontro ao seu peito. — Querida, sinto muito.

— Estou com medo, Hernandez.

— Eu sei, ele te assustou.

— Não, não estou com medo dele. Estou com medo *por* ele — falei, afastando-me um pouco para poder olhar para Hernandez. — E se for tarde demais? E se meu pai tiver destruído qualquer possibilidade desse homem se recuperar?

Hernandez me olhou com pesar e engoli em seco ao ver resposta em silenciosa em seus olhos. Ele acreditava que Rage não tinha mais salvação.

— Sei que você vai fazer de tudo para salvá-lo, Amy — disse ele. — Só, por favor, não seja imprudente. Ele quase te matou.

— Não foi culpa dele — o defendi.

— Não importa se ele fez aquilo por ter achado que você era uma ameaça ou não. No momento, *ele* é uma ameaça. Não dê oportunidade para que ele coloque as mãos em você de novo.

— Está bem. Prometo que serei cuidadosa — falei, limpando os resquícios de lágrimas em minha bochecha. — Não vou desistir dele, Hernandez. Por mais difícil que seja.

— Sei disso, porque você é a mulher mais forte e persistente que eu conheço — ele riu um pouquinho e me abraçou, beijando a minha testa.

Deixei que ele me desse um pouco de carinho, pois sentia que era exatamente daquilo que eu precisava depois de tudo o que havia passado na presença de Rage.

Capítulo 6

Rage

Estava escuro de novo. Houve uma época em minha vida que eu odiava a escuridão, mas, com o tempo, ela se foi tornando cada vez mais bem-vinda. Era fácil se acostumar com a ausência de luz quando você sabia que não tinha nada agradável para ver. Nesses momentos, eu fechava os olhos e deixava a minha mente criar um monte de imagens. Nem sempre elas se conectavam ou tinham algum significado, eu simplesmente me deixava livre para imaginar. Gostava de pensar que eu estava na praia, com os pés na areia, vendo as ondas calmas e o mar azul; também gostava de imaginar que eu estava em algum lugar cercado por árvores e grama e juro que quase podia sentir o cheiro da terra molhada em meu nariz.

Quase. Pois tudo isso era muito distante agora. A cada vez que tentava imaginar, as imagens vinham com menos detalhes em minha mente. Já não conseguia mais discernir o azul do mar ou como me sentia ao pisar na areia morna da praia. Já não conseguia mais imaginar o vento gelado em meu rosto ou o som das folhas das árvores contra o vento. O cheiro de terra molhada já havia se perdido há muito tempo em minha memória.

Por isso, quando *ela* veio em minha mente, eu me deixei acreditar que era apenas porque ela era diferente de tudo o que eu já havia visto. Diferente das outras imagens que invadiam a minha cabeça, a dela, eu conseguia me lembrar com detalhes preciosos. O tom claro do seu cabelo, os olhos cor de mel, o rosto vermelho, os lábios grossos e bonitos. E, então, o modo apavorado como me fitou quando deixei minhas emoções tomarem conta de mim e a enforquei. Trinquei meu maxilar ante a lembrança e fechei minhas mãos em punho, sem conseguir entender o porquê de tanta raiva. Quer dizer, em sempre sentia raiva, mas apenas dos outros e nunca de mim mesmo. Por que diabos estava com raiva de mim por tê-la machucado?

Quase conseguia sentir a textura da sua pele em minhas mãos. Nunca senti algo tão macio. E o seu pescoço? Realmente, não me lembro de já ter tocado em algo tão delicado. *E eu quase o quebrei*. O pensamento me deixou com

dor no estômago e um bolo na garganta. Eu nunca me arrependia de nada. Desde o dia em que me pegaram, eu prometi a mim mesmo que mataria quem quer que se aproximasse de mim, não pensaria duas vezes antes de ver o corpo sem vida ao meu lado, então, por que era diferente com ela? Apenas por que era uma mulher? Quem poderia me garantir que ela não era um inimigo?

"Eu quero te ajudar. Quero te libertar dessa vida horrível que te obrigaram a viver."

Soquei a lateral da minha cabeça, querendo expulsar a voz dela dali. Era mentira! Como ela podia ser tão mentirosa? Ninguém nunca quis me ajudar, ninguém iria me libertar. Por que ela estava fazendo aquilo? Eu já tinha sido torturado de diversas formas, pensei que nada mais conseguiria me abalar, mas deveria saber que o Mestre era criativo, ele sempre inventava uma nova forma de me fazer sentir dor. Ele estava de parabéns, porque tinha atingido o seu objetivo. Meu peito doeu quando ela me disse aquelas palavras, pois, por um milésimo de segundo, eu acreditei. Ela parecia estar sendo muito sincera e eu, burro, imbecil, quase caí na sua mentira.

Ela era... Ela parecia um anjo. Sim, ela parecia um anjo, ela tinha os olhos que um anjo, certamente, deveria ter. Mas eu sabia como o Mestre gostava de usar artifícios para me enganar, para me fazer sofrer. Com certeza, ela estava ali porque ele havia ordenado. Ele queria me enganar, ele queria fazer com que eu acreditasse nela, para depois debochar de mim. Eu não podia cair naquela armadilha, não podia!

Puxei os meus joelhos de encontro ao meu peito e estremeci de ódio, de raiva, mas também de frio. Estava quase insuportável. Depois de tantos anos, eu já deveria ter me acostumado com o frio quase congelante em minha pele, mas parecia que, com o passar do tempo, ficava cada vez mais difícil. Apertei os olhos com força e trinquei o maxilar para fazer com que os meus dentes parassem de bater um no outro. Meu corpo doía e eu estava com fome. Às vezes, os homens maus esqueciam de me dar comida e, pelo visto, hoje não seria diferente.

Não sei quanto tempo se passou, mas já estava quase dormindo sentado contra a parede, quando um clarão machucou os meus olhos. Haviam acendido a luz. Eles nunca acendiam a luz duas vezes no mesmo dia. Será

que já havia amanhecido? Eu não tinha muita noção de tempo ali dentro, mas não havia percebido que as horas haviam passado tão rápido. Será que dormi e não notei? De qualquer forma, a luz acesa me serviu de alerta e me levantei, pronto para tentar atacar quem quer que entrasse ali. Eu sentia minha cabeça limpa, meus reflexos claros, a força em meus braços e pernas, o que significava que eles não haviam me drogado de novo. Pena deles. Se, por um acaso, eles se aproximassem demais, não iriam sair vivos para poderem contar como foi ser atacado pelo cãozinho do Mestre.

Devagar, a porta começou a se abrir e eu me posicionei para o ataque, fechando as mãos em punhos e flexionando os joelhos. Contei quantos passos poderia dar até as correntes em meus pés me impedirem de andar. *Cinco passos.* O homem mau tinha que ficar, pelo menos, a cinco passos de mim. Preparado, cerrei meus olhos e esperei pela figura do homem alto de terno, mas senti um baque em meu peito quando uma onda de cabelos castanhos tomou conta da minha visão.

Não era o homem mau. Era *ela*.

A mulher que parecia um anjo entrou devagar no quarto escuro e me deu um olhar assustado. Eu também fiquei assustado, pois não esperava por ela. Vi que já não usava mais a calça e a blusa de mais cedo, agora, ela usava um short e uma blusa de manga comprida e segurava uma espécie de coberta em uma mão e um prato na outra. O cheiro da comida fez o meu estômago doer e a minha boca se encher d'água, o que me assustou ainda mais. Eu não comia comida, Mestre nunca me dava comida, ele me dava ração. O que ela estava fazendo? Será que estava descumprindo alguma ordem dele?

"Ou, talvez, ele a tenha mandado trazer esse prato de comida, para poder te torturar. Ver, cheirar e não poder comer", minha mente me alertou. Fazia sentido, esse era um castigo que, certamente, o Mestre reservaria para mim.

— Oi — ela disse, tirando-me dos meus pensamentos. Vi como parecia hesitante ali na minha frente, quase com medo, mas não fiz nada para parar de intimidá-la, pelo contrário, aprumei a minha posição e enrolei meus lábios na frente dos meus dentes, deixando claro que eu não iria cair na sua armadilha. — Por favor, não precisa me olhar assim, eu não vou te machucar.

"Mentirosa! Mentirosa, mentirosa, mentirosa! Você é uma mentirosa do caralho!", quis gritar, mas não podia. No fundo, estava com medo de fazer

alguma coisa e ser drogado novamente. Normalmente, eles não me davam tempo de ficar limpo e eu não queria lembrá-los do meu “remedinho”, como Mestre o chamava.

A mulher olhou hesitante para mim, em seguida, deu um passo em minha direção. Fiquei com raiva. Que porra ela pensava que estava fazendo? Eu já não havia dado provas suficientes de que *não queria* que ela se aproximasse de mim?

— Não sei se você se lembra, mas o meu nome é Amber — ela disse. — Mas você pode me chamar de Amy, se quiser. É meu apelido.

Amy. Quis falar o nome em voz alta, apenas para ver como ele se desenrolaria na minha língua, mas não podia. Apenas continuei a olhar para ela e vi quando estremeceu.

— Aqui faz mais frio do que pensei. Trouxe esses cobertores para você, mas, se quiser, posso trazer mais — disse ela, dando mais um passo em minha direção. — Também trouxe comida. Sei que você não se alimentou hoje.

Observei com atenção quando ela deu mais um passo em minha direção e parou. Parecia que ela estava testando os meus limites, tentando descobrir se eu iria atacá-la ou não. Quando viu que não me movi, deu mais dois passos hesitantes e, naquele momento, percebi que os cincos passos que as correntes me permitiam dar, me fariam chegar facilmente até ela. Eu poderia puxá-la para mim, prendê-la sob o meu corpo e enforcá-la novamente, sem que ela ao menos percebesse. Só ia notar o que aconteceu quando estivesse completamente sem ar, com os pulmões queimando e o coração desistindo de bater.

Mas algo me impediu de fazer isso. Eu não sabia o que era, mas, quando olhei para ela, para os cobertores que segurava na mão esquerda, o prato que trazia na mão direita e as manchas roxas que *eu* havia deixado em seu pescoço, senti algo dentro de mim se romper e abrandar, ao ponto de me questionar se eu estava começando a enlouquecer. Só aquilo explicaria o modo como eu estava me sentindo na presença daquela mulher que, certamente, era minha inimiga.

— Eu vou deixar os cobertores aqui, está bem? — Disse, apontando para um lugar no chão. Devagar e sem tirar os olhos de mim, ela se abaixou e

colocou as cobertas no lugar em que havia indicado, em seguida, se levantou e, com a mão trêmula, estendeu o prato para mim. — Pegue. É bife com salada de batata e feijão verde. Espero que goste.

Meu estômago se retorceu e fez um barulho tão alto que me senti envergonhado, mesmo assim, Amy não deixou de olhar para mim com gentileza e um pouco de medo. Não consegui conter o espanto quando olhei para o prato em suas mãos. Ela dizia a verdade. Havia um bife enorme ali, feijões e salada de batata. Minha boca salivou tanto que, por um momento, fiquei com medo de começar a babar e minhas mãos tremeram para pegar o prato de suas mãos, mas consegui ser mais forte e não me movi. Não iria cair naquela armadilha. Eu sabia que, se tentasse pegar o prato, provavelmente, ela iria se afastar e rir da minha cara.

"Ou você pode ser mais rápido do que ela, pegar o prato de suas mãos, jogá-la contra a parede e comer tudo enquanto ela se recupera", meu subconsciente disse, mas logo rejeitei a ideia. Pensar em machucá-la trazia um aperto ruim no meu peito. Eu não gostava.

— Rage, por favor, pegue. Eu juro que não há nada na comida que possa te fazer mal. Eu mesma que cozinhei.

Ela cozinhou... Para mim? A possibilidade de acreditar naquilo me fez querer dar um tapa na minha própria cara. Eu era mesmo muito idiota, um burro, como o Mestre falava. Surpreendendo-me, Amy deu mais um passo em minha direção, depois mais outro. Pelo amor de Deus! Ou ela era idiota, ou não dava valor a própria vida. Será que não estava traumatizada pelo o que eu havia feito com ela mais cedo?

— Sei que não confia em mim e, acredite, estou com muito medo de estar tão perto de você dessa forma, mas faço qualquer coisa para que você se alimente. Eu posso ver em ver seus olhos como está com fome e sei que não come comida de verdade há muito tempo. Por favor, pegue o prato, Rage.

O tom amoroso em sua voz, a gentileza, o medo e a dor que eu vi em seus olhos, mexeram comigo de uma forma que me fez quase perder o ar. Eu não entendia. Se ela estava ali a mando do Mestre, como conseguia demonstrar emoções tão verdadeiras? Será que era alguma atriz famosa? Premiada? Isso explicaria o porquê de representar tão bem.

— Já sei. Vou deixar o prato aqui no chão e me afastar, você nem vai

precisar encostar em mim ou algo do tipo. Só precisa se alimentar — ela disse e, com cuidado, sem tirar os olhos de mim, deixou o prato praticamente aos meus pés, em seguida, se afastou completamente. Só parou quando quase encostou as costas na porta fechada. — Pronto. Por favor, coma.

Foi difícil tirar os olhos dela — até porque, ela era a coisa mais linda que eu já havia visto até então —, mas o cheiro e a possibilidade de comer o que ela me oferecia, falaram mais alto. Olhei para o prato aos meus pés e a comida me encarou de volta, me seduzindo, me instigando, me chamando para comê-la. Antes que eu pudesse pensar uma segunda vez, me agachei e, como o animal que o Mestre insistia em dizer que eu era, joguei longe o garfo e a faca e puxei o prato para mim, enfiando meu rosto ali e devorando a batata e o feijão. Acho que soltei um gemido de contentamento, porque não me lembrava de já ter comido algo tão gostoso. Devorei tudo em segundos, logo depois, larguei o prato no chão e peguei o bife em minhas mãos, dando uma mordida enorme. Macio. Suculento. Tão bom, que quase senti meus olhos se encherem de lágrimas.

Só voltei a respirar depois que o bife acabou. Ainda sentia fome, mas estava tão grato por ter comido algo tão bom quanto aquilo, que nem liguei. Demorei alguns minutos para poder sair do torpor que a comida havia deixado em minha mente e, só então, me lembrei dela. Encontrei Amy praticamente pressionada contra a porta, com os olhos arregalados e a mão sobre o peito, olhando para mim como se estivesse vendo uma besta que havia acabado de devorar um bichinho indefeso. Eu conseguia entendê-la, pois era exatamente aquilo que eu era; uma besta que estava faminta e havia atacado a comida sem gentileza alguma. Sabia que eu não deveria, mas, mesmo assim, senti muita vergonha. O que ela não deveria estar pensando de mim?

— Você... Gostou? — Ela perguntou baixinho, olhando de mim para o prato vazio a minha frente. — É, acho que gostou. — Então, ela sorriu. Não foi um sorriso enorme, quase não vi os seus dentes, mas, mesmo assim, foi a coisa mais adorável que já pude colocar os meus olhos. Não consegui desviar o olhar, não consegui me mover, acho que sequer respirei. — Quer mais?

Franzi o cenho. Do que ela estava falando? Queria mais o quê? Mais do seu sorriso? Sim, eu queria mais do seu sorriso, mesmo sem entender o porquê. Então, ela apontou para o prato vazio.

— Quer mais comida?

Arregalei os olhos. Eu poderia comer *mais*? Aquilo nunca havia acontecido antes.

— Eu vou pegar mais comida para você e já volto.

Assim que terminou de falar, ela pegou o prato vazio que deixei no chão e saiu, me deixando sozinho. Fiquei alguns segundos ainda agachado, sem conseguir ter outra reação que não fosse o choque. Então, a constatação do que havia acontecido me bateu com força. Porra! Eu havia caído na sua armadilha, era lógico! Comi o que ela havia me oferecido, agora, com certeza, algum homem mau, ou o próprio Mestre, iria entrar e me castigar. Meu Deus, como pude ser tão burro? Como?

Assustado comigo mesmo e com raiva daquela mulher com olhos de anjo, me levantei e comecei a andar de um lado para o outro. Sabia que tinha que me concentrar, tinha que me preparar para atacar quem quer que fosse entrar por aquela porta, mas não consegui. Ela havia me enganado. Como era possível? Seus sentimentos pareciam ser tão reais, tão verdadeiros. Com raiva, soquei a minha cabeça.

"Burro! Burro, burro, burro!", me xinguei mentalmente, sabendo que não deveria ter caído na conversa dela. Mas eu estava com tanta fome... E ela era tão bonita, tão... Doce. Havia me enganado. Havia me enganado!

Com o coração batendo forte, parei de andar de um lado para o outro me posicionei, flexionando os joelhos e apertando as mãos em punhos. Não seria fraco daquela vez, não deixaria que mais ninguém me enganasse. Trinquei o maxilar e esperei, sentindo o sangue ferver em minhas veias, a raiva me engolfar, me fazendo concentrar toda a força que eu tinha em meus pés, para correr, e em meus braços, para aniquilar a pessoa que passasse por aquela porta.

Foi naquele momento que a porta começou a se abrir. Eu sequer pensei, nem consegui enxergar direito, pois no próximo segundo, dei os cinco passos que precisava e me estiquei o máximo que consegui, sentindo meus dedos se agarrarem a algo. Puxei com tanta força que surpreendi a mim mesmo e fechei minha mão outra em punho para poder aplicar um soco forte, mas um grito feminino e um choramingo me fizeram parar, seguido pelo barulho de algo caindo e se espatifando no chão.

Só então eu me obriguei a enxergar e senti meu estômago se torcer em um nó. Era ela. *Amy.* Eu tinha o cabelo dela em minhas mãos e estava puxando com força, enquanto ela tentava arranhar os meus pulsos e chorava alto. Fiquei tão assustado, que a larguei de supetão, vendo quando caiu de joelhos no chão a minha frente. Ela ofegou e engatinhou rápido para longe de mim, sentando-se próxima à porta. Acho que nunca senti uma dor tão forte no meu peito, quanto naquele momento. Ela chorava muito, tremia da cabeça aos pés, seus cabelos estavam bagunçados e seus joelhos estavam ralados e sangravam. Havia comida e cacos de vidro espalhados por todo o chão.

Olhei para aquela bagunça sentindo um baque por dentro. *Comida*. Ela disse que ia pegar mais comida e eu não acreditei. Eu não acreditei nela e a agredi. Ela foi gentil comigo e eu a *agredi*. Eu já tinha sentido vontade de chorar antes, mas era sempre por mim e nunca por outra pessoa. Daquela vez, no entanto, senti minha garganta ficar apertada, pois senti vontade de chorar por ela. Porque *eu* a havia machucado. De novo. Sem saber o que fazer, dei dois passos em sua direção, sem me importar com os cacos de vidro que espetavam os meus pés. Ela me olhou com os olhos arregalados e balançou a cabeça, negando, não querendo que eu me aproximasse, mas eu queria... Eu não sei o que eu queria. Eu queria cuidar dela. Queria secar suas lágrimas e limpar o sangue em seus joelhos. Queria me desculpar.

— Pare... Pare! — Ela gritou, estendendo as mãos abertas para mim em um claro sinal para que eu parasse de avançar e eu parei, mas só porque as correntes me impediram. Estava a poucos passos dela, mesmo assim, era como se eu estivesse a quilômetros de distância. — Por favor, eu não quero você perto de mim.

Meu peito doeu ao ouvir suas palavras. Eu não entendia o porquê da dor, mas, mesmo assim, ela estava bem ali, quase me sufocando. Eu não sabia o que fazer para fazer a minha dor parar ou para fazer a dor *dela* parar, porque ela me olhava daquela forma, como se o peito dela também estivesse doendo.

— Não estou aqui para fazer mal a você, Rage — ela disse tão baixinho, que quase não consegui ouvir. — Por favor, não faça mal a mim também.

Eu não quis fazer mal a ela. Não foi intencional. Mas como eu poderia demonstrar isso sem ter que falar? Eu não podia falar, se falasse, iriam me drogar. Sem saber mais o que fazer, me abaixei devagar para que ela não se

assustasse e comecei a juntar os cacos de vidro no chão. Podia a ver a mancha de sangue em alguns e sabia que era porque, provavelmente, meus pés estavam sangrando por ter passado por cima deles sem me importar, mas eu não conseguia sentir nada. A dor no meu peito parecia tomar conta de tudo. Vi quando Amy se levantou com dificuldade.

— Vou pegar uma vassoura e uma pá para limpar o chão. — Ela colocou a mão na maçaneta da porta e me olhou com os olhos brilhando de lágrimas. — Por favor, não me ataque de novo quando eu voltar.

Ela me deixou sozinho e eu fiquei com medo de que não voltasse mais. Eu não sabia quem era aquela mulher, o que ela queria comigo ou se estava realmente sendo sincera, mas sabia que ela tocava algo dentro de mim, me fazia sentir coisas que eu nunca havia experimentado antes. Me assustava, me deixava com medo e me fazia ficar arrependido por conta das minhas atitudes.

Um tempo enorme pareceu se passar até ela voltar. Eu ainda estava no mesmo lugar, mas me levantei quando ela começou a varrer o chão, colocando em uma pá os cacos de vidro e a comida. Eu queria ajudar de alguma forma, mas não sabia como, por isso, com medo de atrapalhar, me afastei e deixei que ela terminasse de limpar tudo. Ela jogou o lixo em um saco plástico preto e o amarrou, o tempo todo sem nem olhar para mim. Quando terminou, colocou os cabelos para trás da orelha e me olhou de um jeito diferente. Ainda havia gentileza, mas o medo era maior.

— Seus pés estão sangrando.

Seus joelhos também, quis dizer, mas não o fiz. Vi quando ela tirou algo de dentro do bolso traseiro do short e estendeu para mim. Era um frasco pequeno e estranho, que eu nunca havia visto antes.

— Por favor, espirre isso nos seus pés. É um remédio que não deixará que as feridas inflamem.

Eu sabia que não deveria confiar nela, mas depois do que eu havia feito, senti que seguir seu conselho poderia, de certa forma, servir como uma maneira de me desculpar. Me sentei no chão e olhei para a sola do meu pé direito. Ainda sangrava e eu sentia que alguns cacos de vidro estavam lá dentro, mas aquela não seria a primeira — muito menos a última — vez que meu corpo iria se cicatrizar sozinho. Comecei a espirrar o remédio, que ardeu

um pouco e logo ouvi a voz hesitante de Amy.

— Tem muitos cacos de vidro? — Ergui meus olhos e vi que ela queria a minha resposta. Como não sabia o que dizer, dei de ombros. Ela me surpreendeu novamente ao dizer: — Se quiser, eu posso tirar.

Sem dizer mais nada, ela se sentou no chão com as pernas cruzadas, a alguns passos de mim, em seguida, tirou um objeto de dentro do bolso da frente do short.

— É uma pinça — disse. — Por favor, coloque o seu pé aqui. — Ela pousou a mão suavemente na altura das coxas.

Olhei para ela, em seguida, para a sua perna e, hesitante, fiz como me pediu. Pousei meu pé direito sobre a sua coxa, me sentindo mal por estar sujo e sangrando — já havia alguns dias que eu não tomava banho —, mas ela pareceu não se importar com isso. Devagar, tocou meu pé com uma mão, em seguida, analisou a sola e começou a tirar os cacos de vidro. Estremeci, mas não foi porque doeu e, sim, porque o seu toque fazia com que meu corpo se arrepiasse por inteiro. Engoli em seco ante a sensação e ela parou o que estava fazendo, olhando-me rapidamente.

— Está doendo? — Perguntou. Eu balancei a cabeça de um lado para o outro, negando. Depois de me olhar por mais alguns segundos, ela voltou a trabalhar em meu pé.

Ninguém nunca cuidou de mim ou me tratou com tanta delicadeza. Eu queria entender o porquê de tudo aquilo, mas não conseguia. Minha mente dava voltas com as inúmeras perguntas que eu queria fazer em voz alta, mas as mais importantes eram: quem era aquela mulher? De onde ela veio? E por que se importava tanto comigo? Assim que terminou de tirar os cacos, ela aplicou o remédio novamente, em seguida, lhe dei o meu outro pé. Ela estava muito focada no que fazia e isso me deu tempo para analisá-la melhor.

Seu cabelo bagunçado e o pescoço com manchas roxas eram a prova da maldade que eu havia feito com ela e, mesmo assim, ela ainda estava ali. Ela estava cuidando de mim de uma forma que nunca fui cuidado. Ninguém se importava comigo, muito pelo contrário, todos pareciam gostar de me infligir dor. Por isso, comecei a me perguntar se, talvez, ela não estivesse sendo sincera. Não fazia sentido o Mestre mandar uma mulher para cuidar de mim, quando ele era o meu principal carrasco. E se Amy estivesse ali para me

ajudar, como ela havia falado desde o princípio? E se ela quisesse mesmo me libertar?

Há muito eu havia deixado de sonhar com a liberdade. A única coisa que me motivava a ficar vivo, era o sentimento de vingança que eu nutria pelo Mestre. Um dia, eu ainda iria cumprir a minha promessa e o mataria com as minhas próprias mãos. Não tinha um plano sobre o que faria depois que ele morresse — era como se o meu futuro fosse preenchido com o nada. Se ficasse livre, o que eu faria? Será que saberia viver lá fora, sem as correntes? Será que eu seria capaz de ser social? Eu nem sabia mais se eu ainda conseguia ler ou escrever, não tinha ideia de quantos anos eu tinha ou de quanto tempo havia se passado desde que eu havia sido sequestrado. Eu poderia chutar entre dezesseis e dezoito anos, mas não tinha certeza. Como faria para sobreviver sozinho?

Nunca havia pensado naquelas hipóteses, mas logo me repreendi por alimentá-las. Não, eu não podia me agarrar aquilo. Por muitos anos, alimentei a esperança de que, um dia, eu iria sair das garras do Mestre e seria livre e isso só serviu para me causar dor. Doía ver o tempo passar e constatar que nada havia mudado. Eu ainda estava preso, ainda era obrigado fazer coisas que me envergonhavam, que me machucavam e me faziam sofrer. Provavelmente, viveria daquela forma até ter a oportunidade de, finalmente, arrancar o coração do Mestre com as minhas próprias mãos. Depois que fizesse isso, não me importava se os homens maus iriam me pegar e me matar, eu já estaria satisfeito por ter cumprido com a promessa que eu havia feito para aquele monstro que havia assassinado os meus pais e acabado com a minha vida.

No momento, eu só precisava me agarrar aos questionamentos sobre a mulher a minha frente. *Amber*. Era um nome bonito, mas eu gostava mais de Amy. Era um apelido doce e delicado, combinava com ela.

— Terminei — ela disse, tirando meu pé de cima de sua perna e se levantando em seguida. — Trouxe algo para você, espere só um minuto.

Ela saiu, mas voltou segundos depois com um novo prato de comida e o deixou na minha frente. Olhei para o bife, as batatas e o feijão, em seguida, olhei para ela. Eu não merecia aquilo, não depois de ter feito o que fiz. Por que era tão boa para mim?

— Eu... Eu preciso ir. Coma tudo, por favor.

Olhando-me uma última vez, ela se virou, pegou o saco de lixo, a vassoura, a pá e saiu, fechando a porta atrás de si. Fiquei completamente sozinho de novo e senti um aperto no peito quando olhei para o prato cheio à minha frente. Eu não merecia ser tratado com tanta gentileza e preocupação, mesmo assim, Amy havia sido boa para mim mais uma vez.

Novamente, me perguntei quem era ela. E se eu iria vê-la de novo.

Capítulo 7

Rage

Ela não voltou mais.

Eu não conseguia precisar o tempo ali dentro, pois não havia janelas para que eu pudesse ver o dia se transformar em noite, mas como estava sem as drogas em meu sistema, eu usava o sono para me basear. Com a letargia das drogas, eu acabava dormindo muito, mas, sem elas, conseguia regular o meu sono e dormia como uma pessoa normal — pelo menos, era dessa forma que eu pensava — e eu já havia dormido três vezes, com um grande intervalo de tempo entre um sono e outro. Se essas três vezes se equivalessem a dias, então, três dias haviam se passado desde a primeira — e última — vez que a vi.

O que eu poderia esperar depois de tudo o que fiz? Apesar de ter sido muito gentil comigo antes de ir embora, eu sabia que a havia assustado demais depois de tê-la atacado pela segunda vez. Eu também ficaria sem vir me ver se fosse ela. Merda, eu ao menos olharia na minha cara uma segunda vez depois do que fiz. Ela ainda voltou, limpou a minha bagunça, cuidou dos meus pés machucados e me deixou um segundo prato de comida — terceiro, se eu for contar com o que ela deixou cair no chão por minha culpa.

Mas, mesmo com a sua ausência, muita coisa começou a mudar. Nesses três dias, acordei com uma bandeja de café da manhã perto de mim. Eu nunca tomava café da manhã. Tomei um susto ao ver uma bandeja com frutas, um copo de suco, torrada e ovos. Eu nem lembrava mais qual era o gosto do ovo ou da banana. Dizer que ataquei tudo como um selvagem era eufemismo — se pudesse, teria lambido a bandeja. Também recebi almoço, lanche e jantar, mas quem veio me entregar as refeições foi o homem mau que vinha olhando por mim há algum tempo. Ele entrava, deixava a comida e saía. Não falava nada, não me xingava, sequer olhava para mim.

Perguntei-me diversas vezes o que estava acontecendo, qual era o motivo de tanta mudança e, principalmente, quando Amy iria me ver. Eu não entendia porque sentia a sua falta, sendo que a vi tão poucas vezes e em um

único dia, mas a sua gentileza havia tocado algo dentro de mim. Também estava muito arrependido do que fiz. A cada vez que fechava os olhos, me lembrava das minhas mãos em seu pescoço, apertando-o até fazê-la perder o ar, mesmo vendo o medo em seus olhos. Também me lembrava do seu choro quando puxei seu cabelo e ataquei. Não importava quantas vezes balançasse a cabeça ou andasse de um lado para o outro, ainda assim, as imagens não me deixavam em paz e causavam uma sensação horrível em meu peito.

Será que ela nunca mais iria voltar? Ela não prometeu que voltaria, mas pensei... Não sei o que pensei. Eu só olhava para porta a cada minuto com a esperança de que ela entrasse por ali, mas depois de todo aquele tempo, comecei a me conformar com a ideia de que eu a havia assustado mais do que ela poderia suportar.

Para liberar a tensão, resolvi me exercitar. Aprendi que, para não ficar maluco, eu precisava arrumar algo para fazer, então, fazia abdominais, flexões e corria até onde as correntes permitiam. Também usava as correntes presas em meus pulsos para exercitar meus braços, balançando-as para cima e para baixo com força. Não sei por quanto tempo me exercitei, mas só parei quando ouvi a porta ser aberta atrás de mim. Por um momento, meu coração pulou forte no peito com a possibilidade de ser Amy, mas fiquei frustrado ao ver que era apenas o homem mau. Sem dizer nada, ele jogou uma barra de sabonete em minha direção.

— Hora do banho, cãozinho — disse com sarcasmo.

Eu odiava que me chamassem assim e, por um momento, pensei em dar um jeito de atraí-lo para mim, até que estivesse perto o suficiente para agarrá-lo pelo pescoço e bater com a sua cabeça na parede, mas me contive antes mesmo de aceitar a ideia. A imagem de Amy me passou pela cabeça e me perguntei se ela ainda estava ali por perto. Se estivesse, não queria que ela conhecesse aquele meu lado violento — já não bastava tudo o que eu já havia feito com ela.

— Vou me aproximar para tirar as correntes dos seus pés. Se me atacar, vai se arrepender — disse ele e vi o aparelho que me dava choque preso no cinto de sua calça.

Quase ri ante sua ameaça, porque era ridículo que ele acreditasse que eu tinha medo daquilo. Se eu realmente quisesse o atacar, tiraria aquele aparelho

de merda dali e o faria provar do seu próprio veneno antes mesmo que ele tivesse a chance de respirar. Normalmente, eles me drogavam antes de me dar banho, mas não daquela vez. Eles já não me drogavam havia dias. Acho que foi por isso que o homem mau se aproximou de mim com muita cautela, abaixou-se, liberou meus tornozelos das correntes e saiu quase correndo, voltando a pegar a mangueira que havia deixado no chão.

Conhecendo os procedimentos, tirei o short que usava e, antes que o homem mau pudesse me dar o primeiro jato d'água, chutei o short e os cobertores que Amy tinha me dado para bem longe. Jamais me esqueceria de como me senti ao me cobrir com eles quando me deitei, depois de ter comido o segundo prato de comida que ela havia me dado. Foi como entrar no céu. Dormir sem ter o medo de congelar era quase como um sonho para mim e ela havia o realizado. Nada do que eu fizesse no mundo, seria o suficiente para agradecê-la.

Com os cobertores praticamente do outro lado da sala, virei-me para o homem mau e esperei o primeiro jato d'água. Havia dias que eu não tomava banho e ansiava por isso como um camelo cheio de sede no deserto, mas, mesmo assim, quando a água me atingiu, senti vontade de correr para bem longe. Estava muito, muito gelada. Meus dentes começaram a bater, mas obriguei-me a esfregar meu corpo trêmulo com o sabonete, dando atenção especial às minhas axilas e as partes mais íntimas. Meu cabelo também estava pegajoso, por isso, esfreguei o couro cabeludo e quase xinguei quando senti o jato d'água em mim de novo. Sequer sentia os dedos das minhas mãos ao esfregar rápido os meus cabelos, querendo que aquela tortura acabasse logo, quando, de repente, a água cessou. Eu estava de costas para o homem mau, porque queria proteger meu rosto do jato d'água, por isso, não vi o motivo de ele ter parado. Mas ouvi.

— O que você está fazendo?

Era a voz dela. Amy. Antes que eu pudesse raciocinar, me virei para vê-la e quase perdi o fôlego. Ela estava linda. Usava um vestido de manga comprida e tênis, os cabelos estavam soltos e ela olhava para o homem mau com uma carranca bem feia. Não entendi o porquê.

— Eu estava dando banho nele — o homem mau respondeu.

— Banho? Isso não é banho! — Ela balançou a cabeça e estendeu a mão.

— Quero sentir a temperatura da água.

O quê? Não! A água estava muito fria, ela não tinha que fazer aquilo.

— Senhorita...

— Eu quero sentir, John!

John? O homem mau tinha um nome?

Vi quando ele ligou o jato d'água, que saiu bem mais fraco do que quando usava para me lavar e Amy estremeceu ao sentir quanto estava gelada.

— Meu Deus, está congelando. Será que você não tem coração? Como pode fazer com que ele tome banho com a água nessa temperatura?

Uma parte de mim ficou com muita vergonha por ela estar presenciando aquela situação. Apesar de a água ser mesmo muito fria, eu já estava acostumado, ela não precisava se preocupar daquela forma. No entanto, a outra parte estava encantada justamente por ela se *preocupar*.

— Estava apenas cumprindo ordens, senhorita — O homem mau disse em um tom de voz irritado, que eu não gostei nem um pouco.

Aproximei-me dele e soltei um rosnado do fundo da minha garganta, que chamou a sua atenção e a atenção de Amy também. Vi quando seus olhos se arregalaram ao me ver nu e, novamente, fiquei envergonhado. Que porra eu tinha na cabeça? Era óbvio que iria assustá-la! Constrangido, escondi meu pênis com as mãos, mas não deixei de olhar ameaçadoramente para o homem mau.

— Meu Deus — ouvi o murmúrio de Amy e engoli em seco, olhando para ela de soslaio. Ela se virou de costas para mim. — Por favor, John, saia.

— Mas, senhorita...

— John, saia — a voz dela soou baixa, mas decidida.

Quis dizer a ela que o homem mau não cumpria as ordens de outra pessoa que não fosse o Mestre, mas fiquei boquiaberto quando ele largou a mangueira no chão e simplesmente saiu. Como aquilo era possível? Ela dava *ordens* aos homens maus do Mestre? Naquele momento, mais do que nunca, eu quis saber quem ela era.

— Rage, me desculpa, eu não sabia que ele ia fazer isso com você — ela disse ainda de costas. Um segundo depois, foi até o meu short embolado no

chão e o pegou, trazendo-o para mim. Entregou-me sem me olhar. — Por favor, vista-se.

Eu ainda estava congelando e tremendo muito por causa da água fria, mas fiz o que ela pediu e me vesti. Quando terminei, fiz um barulho no fundo da garganta para avisá-la e acho que ela entendeu, pois se virou para mim e me olhou.

— Você ainda tem sabão nos cabelos — ela constatou. — Quer terminar de se lavar? — Eu demorei um pouco, mas assenti. — Não se importa com a temperatura da água? — Ela perguntou e eu apenas dei de ombros. Mesmo se me importasse, não era como se algo fosse mudar e eu pudesse tomar banho de água quente. Vi quando ela pegou a mangueira e trouxe para perto de mim. — Tome, termine de tirar o sabão. Vou buscar uma toalha e uma roupa para você.

Peguei a mangueira das mãos dela e vi quando saiu, fechando a porta atrás de si. Fiquei com medo de que não voltasse, mas logo me repreendi. No dia em que ela me deu comida, disse que iria buscar mais e que logo voltaria. Eu não acreditei nela, mas, mesmo assim, ela voltou, o que me provava que ela não mentia. Se Amy havia dito que iria voltar, então, eu acreditava nela.

Demorei alguns minutos para descobrir como fazia a água sair pela mangueira, mas, quando aprendi, terminei rapidamente de tomar banho. Já quase não sentia a temperatura da água, o que foi bom, pois consegui tirar o sabão do cabelo e do resto do meu corpo sem sofrer demais. Porém, quando terminei e desliguei a água, comecei a tremer como um condenado e o short molhado e grudado no meu corpo, não ajudava em nada. Para tentar me esquentar, sentei no chão e abracei os meus joelhos. Era daquela forma que eu ficava até me secar, já era para eu estar acostumado com a sensação, mas o frio, daquela vez, estava bem intenso, quase impiedoso. Quando vi a porta se abrir e Amy entrar com uma toalha em uma das mãos, eu quase agradeci. Ela deixou algumas coisas perto da porta e caminhou para perto de mim, estendendo a toalha logo em seguida.

— Seque-se. Você deve estar congelando.

Peguei a toalha de suas mãos e, por um momento, nossos dedos se encontraram. Os meus, uma pedra de gelo, os dela, tão quentes e macios que eu quase senti o calor se espalhar pelo meu corpo. Vi quando ela estremeceu

de leve e se afastou rapidamente, ficando de costas para que eu pudesse me secar e olhei para ela por alguns segundos, incapaz de me mover. O que será que ela sentiu com o meu toque? Nojo? Raiva? Eu entenderia se ela sentisse algumas dessas coisas, mas isso não queria dizer que eu não me sentia afetado.

Sequei-me rapidamente, sentindo o frio abrandar um pouco, em seguida, sequei um pouco meus cabelos. Vi Amy se abaixar e pegar algo no chão, em seguida, sem me olhar, deu alguns passos em minha direção e me estendeu uma calça masculina.

— Vista-se, por favor.

Para não deixar a toalha cair no chão molhado, a pendurei em minha nuca e peguei a calça, vestindo-me rapidamente. Ficou um pouco curta, mas tampou o que tinha que tampar. Fiz novamente o som com a garganta, então, Amy se virou para mim e me olhou da cabeça aos pés.

— Acho que precisamos comprar roupas para você — ela deu um sorrisinho e senti um nó esquisito se formar em meu estômago, em seguida, abaixou-se e pegou algo no chão. — Tome, é um desodorante. Espirre debaixo das axilas. — Peguei o frasco das mãos dela e olhei com curiosidade. Ela logo respondeu. — É para impedir que fique com mau cheiro.

Fiz como ela pediu e espirrei debaixo de cada axila, sentindo um cheiro perfumado tomar conta do ar. Devolvi o produto para ela e vi outra coisa em sua mão. Daquela vez, reconheci o que segurava, era um pente.

— Achei que você fosse precisar — disse, estendendo-o para mim.

Peguei e passei pelo meu cabelo, mas não sabia se estava fazendo da maneira certa, porque o pente parava em uma mecha e não descia mais. Puxei com força e senti uma dor horrível no couro cabeludo.

— Calma, assim você vai arrancar todo o seu cabelo — ela disse, aproximando-se de mim. — Quer... Que eu penteie para você?

Sua sugestão pegou-me completamente de surpresa, mas sequer pensei em recusar. Tirei o pente do meu cabelo com um pouco de dificuldade e dei a ela. Nossa diferença de tamanho era muito grande, o rosto dela praticamente batia no meu peito. Pensei em me sentar no chão para que ela pudesse pentear o meu cabelo, mas logo descartei a ideia, pois estava tudo molhado e eu não

conseguia ir para o lado que estava seco, por causa das correntes em minhas mãos — também não queria que ela se abaixasse no chão frio e úmido para ficar da minha altura. Foi então que pensei em simplesmente ficar agachado, mas acho que ela teve uma ideia melhor, pois me pediu para esperar um pouco e deixou a sala. Esperei e ela voltou minutos depois, segurando um banquinho de madeira.

— Sente-se — ela pediu, colocando o banquinho atrás de mim. Sentei-me e ela se posicionou em minhas costas. — Prometo que serei deliciada.

Ela nem precisaria ter dito aquilo, pois já tinha notado que a delicadeza fazia parte dela. Logo senti o pente nas pontas do meu cabelo e ela penteou suavemente, conseguindo desembaraçar os fios sem me causar dor. Quis perguntar como ela fazia aquilo, mas sabia que não podia e simplesmente relaxei. Cheguei a fechar os olhos, apenas me permitindo sentir sua movimentação atrás de mim, seus dedos em meu cabelo, o calor do seu corpo em minhas costas. Acho que foi a primeira vez que me permiti confiar em alguém, mesmo que fosse apenas por alguns minutos.

— Seu cabelo é tão bonito — ela disse baixinho e eu abri os olhos. Queria muito olhar para ela, mas me contive e fiquei parado no mesmo lugar. — Muitas mulheres se matariam para ter uma cor dessa — ela riu baixinho e eu senti vontade de sorrir também, mesmo sem ter entendido o que ela queria dizer. — Pronto, acabei.

Senti meu corpo murchar sobre o banco, mas não saí do lugar e percebi que ela também não. O calor do seu corpo ainda continuava atrás do meu e me perguntei o que ela estava fazendo, o que poderia estar olhando. Sem querer, senti meu corpo gelar quando a ideia de ela puxar a seringa com a droga e enfiá-la em meu braço tomou conta da minha mente. Quase me levantei para me afastar dela, mas sufoquei um gemido de susto quando senti suas duas mãos em meus cabelos. Não era mais o pente entre os fios, eram os dedos dela, mexendo suavemente, fazendo meu corpo relaxar muito mais do que se estivesse sob o efeito da droga, mas era uma sensação completamente diferente. Senti vontade de simplesmente me curvar para trás e pedir para que ela continuasse, mas apenas fechei os olhos e... Aproveitei.

— Rage... Você pode falar comigo, se quiser — ela disse e, por um momento, pensei que tivesse sussurrado em meu ouvido. Ou, talvez, eu

estivesse apenas delirando. — Ninguém vai te machucar.

Abri os olhos e fitei a parede de concreto alguns metros a minha frente. Amy não sabia o que estava dizendo. O Mestre não só iria me machucar, como iria me drogar de novo. Se isso acontecesse, eu sabia que não iria conseguir aproveitar a sua presença quando ela viesse me visitar.

— Você não está em perigo aqui, eu juro. É tudo diferente agora — ela disse.

Como poderia ser diferente? Sim, não me drogavam mais nem batiam em mim, eu vinha recebendo comida de verdade e não mais ração, mas, ainda assim, eu estava preso naquele mesmo quarto, acorrentado, impossibilitado de sair. Eu não sabia qual era o intuito do Mestre de mandá-la aqui, mas sabia que nada havia mudado. Eu ainda era um prisioneiro, ainda era o *cãozinho* do Mestre.

Foi só então que eu consegui entender de verdade o porquê de Amy estar ali. Claro, era tão óbvio, mas a minha carência, o meu encantamento por ela, não me deixaram perceber. Mestre a havia mandado ali para me ludibriar, me deixar confuso e dependente de seus carinhos! Como não pude enxergar isso antes? Amy jamais estaria aqui por vontade própria, cuidando de um selvagem como eu, me dando comida, arrumando roupas para mim, cobertores e penteando meu cabelo.

Senti a raiva me engolfar de tal forma que, por um momento, só quis puxá-la pelo cabelo e quebrar o seu pescoço, mas um resquício de consciência me impediu e eu apenas me levantei, afastando-me rapidamente. Vi seus olhos arregalados, como se ela não estivesse entendendo nada, mas ela não precisava entender mesmo, porque *eu* já havia entendido tudo. Eu não era tão idiota como pensavam! Também não era burro com o Mestre gostava de falar. Ninguém iria me enganar, ninguém!

— Rage...

Rosnei para ela me aproximei a passos largos, com os punhos cerrados. Eu sabia que ela ia se afastar e foi por isso que avancei. Se não podia brigar com ela como se ela fosse um homem, iria assustá-la até fazê-la correr para longe de mim. Ela deu passos assustados para trás e pareceu engolir em seco.

— Rage, o que está fazendo?

Balancei meus pulsos com força, fazendo as correntes se movimentarem e fazer um barulho assustador, em seguida, mostrei meus dentes para ela. Amy balançou a cabeça, parecendo estar incrédula.

— Por que está fazendo isso? Por quê? Me fala, Rage! — Gritou.

"Não vou falar! Eu nunca vou falar com você, porque você é uma mentirosa, está aqui a mando do Mestre para me fazer sofrer!", quis gritar para ela, mas apenas grunhi, puxando meus pulsos com tanta força que, por um momento, quase senti as correntes deixarem a parede. Acho que ela pensou o mesmo, pois soltou um grito abafado.

— Pare, Rage, pare com isso! Eu só quero ajudar você, por favor...

Ela me olhou de cima a baixo, como se não conseguisse entender o que estava acontecendo. Foi então que tive uma ideia que poderia deixar bem claro que a queria fora dali. Sem pensar duas vezes, arranquei as calças que me deu e joguei nela com tanta força, que ela deu dois passos para trás. A calça caiu sobre o seu rosto e, quando ela tirou a peça para poder me enxergar, vi seus olhos cheios de lágrimas. Quase vacilei, pois, a expressão de dor que ela carregava era tão real, que, por um momento, perguntei-me se eu não tinha entendido tudo errado, mas eu sabia que não. Ela era uma farsa! Era uma atriz muito boa e estava ali representando um papel sob às ordens do Mestre. Ela não iria me enganar, *ele* não iria me enganar. Balancei novamente as correntes e ela piscou, fazendo com que lágrimas grossas molhassem suas bochechas.

— Eu já estou indo, já estou indo... — murmurou em uma voz atordoada e machucada. Senti uma pressão no meu peito, mas não me permiti parar.

Pensei que ela iria sair, mas antes disso, ela dobrou a calça, bem como os cobertores que eu havia jogado para longe na sala. Quase ri ao observar a cena, porque era tão óbvio! Agora que ela sabia que eu já tinha descoberto a verdade, levaria tudo embora e eu voltaria a ser tratado como o cãozinho do Mestre. Quis gritar para ela e chamá-la de vadia e mentirosa, quase fiz isso, mas minha voz ficou engatada em minha garganta quando ela colocou todas as roupas dobradas em cima do banquinho e se afastou com passos vacilantes.

— Por favor, vista-se. Não precisa passar frio por minha causa. Prometo não voltar mais aqui e irritar você — falou e, em seguida, saiu, me deixando

sozinho.

Olhei para a porta fechada e para roupa dobrada em cima do banquinho, bem perto de mim. Quase senti a raiva em meu peito abrandar, mas sabia que aquilo era só um truque e que, em breve, o Mestre entraria por aquela porta e faria maldades comigo.

Por isso, nu, sentei-me no chão, puxei meu joelho de encontro ao meu peito e esperei.

Mas o Mestre nunca veio.

Capítulo 8

Amber

Eu podia sentir as mãos dele em meu pescoço e conseguia enxergar a ferocidade em seu olhar. Ainda conseguia respirar, mas a sensação de estar presa, completamente à sua mercê, era quase paralisante. *Quase*. Porque, mesmo agoniada, eu não sentia vontade de sair dali. Ao invés de arranhar seus pulsos para me libertar, eu os acariciei, sentindo meu coração bater forte no peito quando consegui enxergar a vulnerabilidade no fundo do seu olhar.

— Rage... — murmurei em um fiapo de voz. — Por favor, fale comigo.

Ele fez aquele som quase animalesco, que vinha do fundo da garganta e enrolou os lábios na frente dos dentes brancos e retos. Apesar da raiva em sua expressão, eu podia sentir que seu ódio estava começando a ceder. Trêmula, levei minhas mãos até seus braços fortes, sentindo a dureza dos músculos e a suavidade da pele. Ele pareceu estremecer também.

— Por favor, Rage... Ninguém vai te machucar.

Logo me arrependi de ter dito isso, pois algo nele pareceu despertar. A vulnerabilidade foi embora e o ódio voltou a dominá-lo completamente, fazendo-o apertar meu pescoço com força. Já não conseguia mais respirar. Apertei seus pulsos com força, me debati, mas seus olhos cheios de ódio não abrandaram nem um segundo.

Eu estava morrendo.

Estava morrendo pelas mãos do homem por quem eu estava completa e perdidamente obcecada.

Acordei com o corpo suado e trêmulo, completamente ofegante e desorientada. Sentando-me na cama, acendi o abajur que ficava na mesinha de cabeceira e passei a mão pelo pescoço, sentindo que poderia respirar, apesar de estar com o coração pulando forte, como se eu tivesse corrido uma maratona.

— Foi só um sonho... Só um sonho — murmurei para mim mesma, levantando-me e indo até o banheiro.

Acendi a luz e abri a torneira, jogando a água fria em meu rosto, em seguida, olhei-me no espelho. Já era a terceira noite que eu tinha praticamente o mesmo sonho. Eu podia sentir que, apesar da raiva, Rage estava começando a confiar em mim, mas era só dizer que ninguém iria o machucar, que tudo mudava. Era como se ele despertasse de um torpor e me visse novamente como sua inimiga. Estremeci ao pensar que era dessa forma que ele realmente me via, como sua *inimiga*. Porque, no fundo, meu sonho estava apenas imitando a realidade. Depois de ter falado que ninguém iria machucá-lo, ele mudou completamente e quase me atacou de novo.

Um pouco mais calma, voltei para cama e olhei para o relógio digital na cabeceira, vendo que era quase cinco da manhã. Caía uma chuva torrencial lá fora e a única coisa que eu podia ouvir eram os barulhos das árvores balançando com a força dos ventos e alguns raios que caíam aqui e ali. Perguntei-me como Rage deveria estar lá embaixo, se ele tinha medo do barulho da chuva, se estava se sentindo sozinho e abandonado. Senti muita vontade de descer e alimentar o meu vício de observá-lo pelas câmeras, mas obriguei-me a ficar no mesmo lugar.

Eu não tinha mais voltado em seu quarto desde o dia em que ele havia me expulsado, mas isso não queria dizer que eu tinha parado de o observar. Era quase como um vício, uma obsessão. Eu passava praticamente o dia todo dentro daquela sala de controle, observando-o como se estivesse acompanhando um *reality show*. Via sua movimentação, sua rotina e foi ali que comecei a aprender um pouquinho mais sobre ele. Notei que gostava de se exercitar e fazia isso quase o dia todo. Fazia abdominais, flexões, agachamentos, corria até onde as correntes permitiam e as usava para exercitar os braços. Aquilo explicava o porquê de ele ser tão forte e ter um corpo espetacular.

Ele também adorava comer. Eu não sabia se era porque, provavelmente, havia muito tempo que ele não comia comida de verdade, ou se era simplesmente porque vivia com fome, mas, assim que John colocava a bandeja com comida perto dele, Rage não esperava um segundo antes de começar a devorar. Simplesmente atacava a comida de uma maneira nem um pouco cortês, da mesma forma que havia feito quando levei comida para ele

pela primeira vez.

Também notei que ele parecia estar muito estressado. Quase atacava John quando ele entrava, correndo até ele e sendo impedido apenas pelas correntes em seus pulsos. Ele não tinha mais as correntes nos pés, pois acho que John ficou com medo de se aproximar dele para prendê-lo. Como não permiti que voltasse a o drogar, senti que John estava sendo muito cuidadoso ao se aproximar de Rage, entrava no quarto apenas quando era estritamente necessário e saía quase correndo meio segundo depois.

Com isso, Rage e eu "ficávamos sozinhos" o dia todo, pois John não se demorava lá embaixo e eu ficava sozinha na sala de controle. Eu sabia que era errado fazer aquilo, que eu deveria deixar Rage de lado, já que ele tinha se fechado novamente, mas simplesmente não conseguia. Me preocupava se ele estava bem ou não, se estava dando algum sinal de que estava doente, pois a temperatura lá embaixo era baixa demais. Apesar de ter mandando John ir até a cidade, que ficava a pouco mais de duas horas de distância, para poder comprar roupas para ele, Rage se recusava a vesti-las e havia voltado a usar o short fino que pouco fazia para cobrir suas coxas.

Ele também não estava mais usando os edredons que eu havia deixado dobrado sobre o banquinho. Eles ainda continuavam no mesmo lugar e ele dormia encolhido no chão, cheio de frio. Aquilo partia o meu coração, pois era lógico que ele estava sofrendo com a baixa temperatura, mas parecia querer provar que não precisava de regalia alguma, a não ser a comida. Eu não sabia o que havia mudado dentro dele, pois sabia que ele estava começando a confiar em mim. Ele não deixaria que eu me aproximasse, que cuidasse dos machucados em seus pés ou penteasse os seus cabelos, se não estivesse. Mas alguma coisa que falei naquela noite, havia feito com que ele voltasse a desconfiar de mim e das minhas intenções, eu só não conseguia entender o que era.

Mas iria descobrir.

Acomodei-me melhor na cama e me enrodilhei no edredom, sentindo o frio cortante da noite, pensando em como Rage estava, se ele também estava coberto ou se ainda se recusava a pegar os edredons. Antes que meus olhos se fechassem completamente, orei baixinho para que ele estivesse protegido do frio.



Acordei pouco antes das oito da manhã e, depois de fazer minha higiene matinal, desci as escadas e fui em direção à cozinha. Comecei a preparar o café da manhã rapidamente, pois estava ansiosa para descer e observar Rage pelas câmeras na sala de controle. A chuva ainda caía do lado de fora, mas, apesar de estar mais fraca agora, a temperatura não havia aumentado e eu sabia que não iria melhorar pelas próximas semanas. O inverno era impiedoso, ainda mais em uma casa nas montanhas.

Estava terminando de fazer os ovos mexidos quando John e Peter entraram na cozinha. Peter era muito simpático e logo me cumprimentou com um bom dia animado, diferente de John, que, apesar de manter o respeito, fez um muxoxo e se sentou à mesa. Hernandez entrou na cozinha logo depois e me deu um sorriso quando coloquei uma xícara de café à sua frente.

— Bom dia — saudei, sentando-me ao seu lado. — Como está o seu braço?

— Praticamente novo em folha. Estou louco para me livrar dessa tipoia.

— Você ainda tem algumas semanas pela frente antes de se despedir dela — Peter disse. — Já passei por isso.

— Sei disso, não é a primeira vez que levo um tiro — Hernandez riu e eu estremeci sobre a cadeira.

— Espero que tenha sido a última — falei.

— Eu também espero — Hernandez assentiu.

Terminamos de tomar o café da manhã e eu logo tratei de tirar a mesa e arrumar uma bandeja para que John levasse para Rage. Hernandez ficou comigo enquanto eu colocava uma porção de ovos e bacon em um prato, duas torradas grandes com manteiga em outro, frutas picadas em uma tigela e um copo grande de suco. Sabia que era bastante comida, mas Rage era um

homem enorme e devoraria tudo aquilo em questão de minutos.

Quando terminei, peguei a bandeja e fui em direção ao escritório, sentindo Hernandez em meu encalço. Encontrei com John no meio do caminho e ele pegou a bandeja de minhas mãos, em seguida, entrei no escritório e digitei a senha, vendo a porta se abrir. John desceu e quando fui fazer o mesmo, senti a mão de Hernandez em meu braço.

— Hoje você não vai.

Olhei para Hernandez sem conseguir processar direito as suas palavras. Confusa, perguntei:

— O que disse?

— Disse que hoje você não vai lá embaixo.

Eu ri baixinho.

— É claro que eu vou.

— Não, você não vai. — Ele me olhou com seriedade. — O que está fazendo não é saudável, Amber. Há três dias você vem monitorando esse homem como se fosse uma louca, só sai lá debaixo quando precisa usar o banheiro, até as refeições você está pulando. Não vê que isso é loucura?

— Não estou ficando louca, eu apenas me preocupo com ele.

— Você sabe que não é apenas isso.

— Você está exagerando, Hernandez...

— Não, eu não estou. Exatamente por isso que, hoje, eu não vou deixar você ficar lá embaixo.

— Não vai *deixar*? Quem você pensa que é? O meu pai? — Eu ri com sarcasmo, mas logo me arrependi. Hernandez me deu um olhar duro.

— Não, eu não sou o seu pai. Se eu fosse, não estaria me preocupando com você.

Foi quase como levar um chute no estômago, não pela dureza em suas palavras, mas por saber que elas eram verdadeiras. Soltando um suspiro, Hernandez passou o braço bom sobre o meu ombro.

— Sei que se preocupa com o garoto, mas precisa parar de passar o dia todo lá embaixo, acompanhando-o por uma tela, Amy. Isso só vai te fazer mal.

— Não quero deixá-lo sozinho.

— Você estando naquela sala não fará com que ele se sinta menos sozinho. Ele não quer a sua companhia, Amy.

— Eu estava pensando em entrar e tentar falar com ele. Talvez a raiva dele tenha amainado... — falei, mesmo sem acreditar em minhas próprias palavras.

— Você sabe que isso não aconteceu. Viu como ele vem tratando John toda vez que ele entra lá.

— Eu sei, mas, talvez, comigo seja diferente.

— Não vou deixar que você corra esse risco — Hernandez disse, voltando a ficar de frente para mim. — Além do mais, sinto que você precisa dar um tempo, fazer outra coisa além de se preocupar com esse garoto. Ontem, Peter trouxe da cidade algum dos livros que você tinha pedido a ele no início da semana, por que não vai ler um pouco? Aproveita que não tem ninguém aqui para monitorar o que você está lendo ou não.

Uma parte de mim sabia que Hernandez estava certo. Realmente, não era saudável passar tanto tempo lá embaixo, observando Rage como ele fosse o ar que eu precisava para respirar, mas, ainda assim, meu peito doeu ao pensar que não o veria hoje. Eu só queria me certificar de que ele estava bem, apenas isso. Indecisa, olhei para a porta entreaberta, mas Hernandez me chamou novamente a atenção.

— Assim que John subir, vou pedir para que ele vá ao seu encontro e te conte como Rage está. Você não vai ficar sem notícias dele, prometo.

Assenti e saí do escritório com ele, indo em direção ao meu quarto. Em cima da poltrona próxima à janela, estavam os livros que eu havia pedido para Peter comprar para mim. Escolhi um romance e me sentei, ouvindo a chuva cair do lado de fora, enquanto me obrigava a começar a ler. Depois de alguns minutos, o romance realmente me envolveu e só consegui parar quando John bateu em minha porta. Assim que ele entrou, eu me levantei.

— Como ele está?

— Ele está bem, senhorita. Ainda está dormindo, mas deve acordar em breve.

— Está coberto?

— Não, senhorita.

Fiz uma careta e passei as mãos pelos cabelos. Meu Deus, Rage só poderia ser maluco! Se aqui em cima, com o aquecedor ligado, eu sentia frio, imagina como não deveria estar a temperatura lá embaixo?

— Precisa de mais alguma coisa, senhorita?

— Só mantenha um olho nele, John.

— Claro. Com licença.

Sem dizer mais nada, John saiu e eu voltei a me sentar em minha poltrona, sentindo-me frustrada e com uma pontinha de raiva de Rage. Por que ele era tão... Estúpido? Tão durão ao ponto de preferir passar frio do que usar as cobertas que deixei para que ele se cobrisse? Por um momento, quase saí do meu quarto e fui lá embaixo, apenas para acordá-lo e gritar com ele, mas ainda sentia um pouco de medo pela forma como me tratou da última vez e não saí do lugar.

Uma parte de mim também queria ser egoísta e deixar de me preocupar, até porque, ele havia me tratado mal diversas vezes, mas eu não conseguia. Talvez porque eu o entendesse. Sua falta de confiança nas pessoas, sua raiva, seu ódio, se tornavam completamente compreensíveis quando eu me lembrava do que fizeram com ele naquela sala privada na boate. Se eu estivesse em seu lugar, provavelmente, agiria da mesma forma. Não tinha como o julgar.

Com o coração pesado, torci para que ele desse o braço a torcer em algum momento e pelo menos vestisse a calça que John havia deixado para ele dias atrás e me sentei novamente, pegando o livro. Voltei a ler, mas, apesar de me concentrar na história, uma grande parte de mim ficou lá embaixo, presa a Rage.



Já passava das duas da tarde quando senti fome e resolvi descer para almoçar. Havia sobrado bastante comida na noite anterior, por isso, arrumei um prato para mim e outro para Rage, chamando John para que levasse a bandeja lá embaixo. Depois que ele saiu, sentei-me em frente ao balcão da cozinha e comecei a comer, observando o céu cinzento pela janela. A chuva havia dado uma trégua, mas sabia que ela poderia voltar a cair a qualquer momento. Estava terminando de comer quando John entrou novamente na cozinha e me deu um olhar preocupado.

— Senhorita Bloom, acho melhor vir comigo e dar uma olhada em Rage.

Senti meu estômago gelar e, sem pensar duas vezes, me levantei e fui em sua direção.

— O que aconteceu? — Perguntei enquanto íamos em direção ao escritório.

— Rage não tocou no café da manhã e está dormindo até agora. Isso é muito estranho, pois ele não costuma dormir até tarde quando está limpo e também não dispensa comida.

Sequer consegui responder, apenas desci as escadas correndo e atravessei o corredor largo a passos rápidos, entrando no quarto de Rage com o coração na boca. Sem me importar se ele poderia me atacar ou não, aproximei-me e me ajoelhei ao seu lado, tocando em seu braço. Sua pele estava tão quente que, por um momento, pensei estar tocando em uma fornalha.

— Meu Deus — murmurei assustada, tocando em sua testa. Seu corpo tremia. — Ele está queimando em febre.

Com esforço, virei o corpo de Rage para mim e me assustei com a sua expressão. Ele tinha o rosto vermelho por causa da alta temperatura, seus lábios estavam entreabertos e o cenho estava franzido, como se tivesse sentindo dor. Os músculos do seu peito, braços e pernas sofriam espasmos e um murmúrio de desalento soou no fundo da sua garganta.

— John, preciso que libere os pulsos dele, rápido. — Assim que terminei de falar, John veio correndo e desacorrentou os pulsos de Rage. Senti meu estômago dar um nó ao ver como a pele em volta do seu pulso estava praticamente em carne viva. — Agora, me ajude a levantá-lo.

John me olhou com o cenho franzido.

— Como?

— Ajude-me a levantá-lo, John. Vamos levá-lo para o quarto de hóspedes.

— Quarto de hóspedes? Mas, senhorita...

— Ou fazemos isso, ou ele vai morrer! Não tem como cuidar dele aqui, olha a temperatura desse quarto, pelo amor de Deus! Ele pode ter uma pneumonia ou algo mais sério — falei, olhando severamente para John. — Não vai querer que o menino dos olhos do seu patrão morra justamente quando você é o responsável por cuidar dele, não é?

John arregalou tanto os olhos, que pensei que eles poderiam sair rolando de suas órbitas, mas logo tratou de me ajudar. Rage era muito mais pesado do que eu havia imaginado, mas, mesmo assim, consegui passar o seu braço sobre o meu ombro e, com John levando a maior parte do seu peso, deixamos o quarto frio e seguimos pelo corredor, subindo as escadas bem devagar. Quando chegamos ao escritório, eu já não conseguia mais respirar, mesmo assim, fui forte e segui em frente. Assim que chegamos perto da escada, Peter e Hernandez, que vinham em nossa direção, pararam de supetão. Peter nos fitou com os olhos arregalados e a boca aberta.

— Por favor, Peter, ajude John a colocá-lo no quarto de hóspedes — pedi com um fio de voz por causa do esforço.

Sem pensar duas vezes, Peter tomou o meu lugar e, com muito mais facilidade do que eu, ajudou John a subir as escadas que levava aos quartos. Antes que eu pudesse fazer o mesmo, Hernandez me segurou.

— O que você está fazendo? Enlouqueceu?

— Rage está inconsciente e ardendo em febre, não poderia deixá-lo lá embaixo — falei, desvencilhando-me de seus braços. — Por favor, Hernandez, traga uma bacia com água e um pano. Preciso fazer uma compressa para que a temperatura dele abaixe.

Sem esperar por sua resposta, subi as escadas correndo e fui até o meu quarto, pegando a caixinha de primeiros socorros e o meu *nécessaire* com remédios, bem como a jarra com água que ficava ao lado da minha cama. Quando entrei no quarto de hóspedes, encontrei John e Peter terminando de colocar Rage deitado sobre a cama. Assim que eles se afastaram, me sentei ao lado dele, coloquei o termômetro em sua axila e tirei um antitérmico de

dentro da minha bolsa.

— Por favor, levante-o pela nuca e mantenha a boca dele aberta, preciso que ele tome esse remédio — falei.

Peter se aproximou e fez o que pedi. Torcendo para que Rage não se engasgasse, coloquei o comprimido na língua dele, em seguida, encostei o copo com água em sua boca e inclinei um pouco, para que o líquido entrasse e empurrasse o remédio. Ele conseguiu engolir tudo com facilidade. Quando terminei de lhe dar a água, Peter voltou a deitá-lo e vi pelo canto de olho quando Hernandez colocou a bacia com água na mesinha ao lado da cama.

— Por favor, me deixem sozinha com ele — pedi, mergulhando o pano e o torcendo, colocando na testa de Rage em seguida.

— Não vou te deixar sozinha. E se ele acordar? Ele não está acorrentado, esqueceu? — Hernandez disse.

— Ele está doente, Hernandez, sequer tem forças para abrir os olhos.

— Amy...

Decidida, virei-me para ele e o olhei com seriedade.

— Hernandez, eu quero cuidar de Rage sozinha. Se eu precisar de ajuda, eu chamo, grito, faço sinal de fogo... Eu juro, agora, por favor, deixe o quarto.

Hernandez olhou para mim, em seguida, olhou para Rage, como se ponderasse o meu pedido. Por fim, assentiu.

— Está bem.

Com um aceno de cabeça, ele saiu, acompanhado por Peter e John, que fechou a porta atrás de si. Voltando à minha atenção para Rage, tirei o termômetro debaixo do seu braço e me assustei um pouco. Ele estava com quase quarenta graus de febre. Preocupada, toquei na compressa em sua testa, que havia ficado quente rapidamente por causa da sua temperatura e a molhei de novo, voltando a colocar sobre a sua testa. Não sei por quanto tempo fiquei assim, sentindo os tremores de seu corpo, ouvindo seus murmúrios baixinhos e mudando a compressa em sua testa, até que ele virou o rosto e, com os olhos fechados, disse em um tom rouco:

— Amy... Amy... Fica...

Ele havia acabado de dizer o meu nome. Em choque, toquei em seu rosto

e ele fez uma careta como se tivesse sentindo dor.

— Amy...

— Eu estou aqui. Estou aqui, Rage — respondi, acariciando sua bochecha. Ele se inclinou contra o meu toque, sua pele ainda muito quente.

— Fica...

— Não vou a lugar algum.

Eu sabia que ele estava delirando, mas, mesmo assim, me senti na obrigação de responder e fazer com que ele sentisse a minha presença. Por isso, mesmo depois de ele ter se acalmado e de sua pele ter esfriado um pouco, continuei tocando em seu rosto, até que tocar ali já não era mais o suficiente. Sem conseguir me conter, desci a ponta dos meus dedos pelo seu maxilar anguloso, seu pescoço e cheguei ao seu peito desnudo. Seus músculos ainda sofriam alguns espasmos esporádicos e senti quando seu peito tremeu sob minhas mãos. Sua temperatura era convidativa e a pele dourada era ainda mais bonita sob a luz que entrava pelas janelas fechadas.

De fato, ele *todo* era mais bonito sob a luz do dia. Sua pele parecia reluzir, seu rosto parecia ter sido esculpido com cuidado e seu corpo era de tirar o fôlego. Antes que eu pudesse impedir, sua imagem nua invadiu a minha mente e eu engoli em seco. Tive apenas dois vislumbres de seu corpo nu, primeiro quando se aproximou um pouco depois de ter tomado banho e, segundo, quando tirou a calça com violência e jogou a peça sobre mim. Ainda assim, a imagem parecia ter ficado gravada à ferro em minha mente, pois eu não conseguia esquecer.

Mesmo sob a barba, eu sabia que Rage era o homem mais lindo que eu já havia visto. Ele poderia ser facilmente um modelo ou ator de Hollywood, pois sua beleza era máscula, agressiva, inesquecível. Precisei respirar fundo para poder afastar a imagem indecente da minha mente e focar nele, pois, sem querer, senti meu corpo começar a corresponder às lembranças. Medi novamente sua temperatura, vendo que a febre havia cedido um pouco e troquei a compressa. Fiquei ao seu lado por mais algum tempo e ele finalmente dormiu com tranquilidade, perdendo o tremor no corpo e parando de delirar.

Vendo que ele estava mais calmo, o cobri um lençol fino e fui até a porta do quarto, chamando por Hernandez, que saiu de seu quarto um segundo

depois.

— Pode ficar com ele por um tempinho? Vou fazer uma sopa bem forte para que ele possa comer quando acordar.

— Claro. A febre cedeu?

— Um pouco, mas espero que diminua mais. Já volto.

Com o peito pesado, olhei para Rage uma última vez e saí do quarto.

Capítulo 9

Amber

Passei a próxima hora na cozinha, fazendo uma sopa com quase todos os legumes que achei na geladeira. O cheiro estava muito bom e perfumava o cômodo, mas minha mente estava no andar de cima. Estava preocupada demais com Rage. E se não fosse apenas uma febre simples? Se ele tivesse alguma doença mais grave? Como faria para cuidar dele sem chamar a atenção do meu pai? Estava com medo, mas torcendo muito para que fosse apenas uma gripe e não algo mais sério como pneumonia.

Assim que a sopa ficou pronta, coloquei um pouco em um prato e subi, encontrando Rage da mesma forma que o deixei. Hernandez estava trocando a compressa em sua testa e suspirou quando me viu.

— A febre cedeu mais um pouco, mas ele não acordou.

— Obrigada, Hernandez.

— Não precisa agradecer — ele disse. — Amy, se ele não melhorar... O que vamos fazer?

— Não sei. Mas se Deus quiser, não será nada que não possamos tratar em casa — falei, sentando-me ao lado de Rage na cama. Sua pele realmente estava um pouco mais fria. — Pode segurar a cabeça dele, por favor? Vou ver se consigo alimentá-lo, pelo menos um pouco.

— Claro.

Hernandez conseguiu apoiar a cabeça de Rage com o braço bom e eu, com cuidado, comecei a alimentá-lo. Fiz questão de deixar a sopa bem ralinha para que ele conseguisse engolir com mais facilidade e ele tomou quase tudo, fazendo uma careta quando o prato estava quase vazio. Seus olhos se abriram um pouco, completamente sem foco e o olhei com atenção, esperando que ele me olhasse de verdade, mas ele logo voltou a dormir.

— Vai demorar para ele despertar completamente, Amy. O sono é uma forma que o corpo encontra para se recuperar mais rápido.

— Eu sei. Vou cuidar dele enquanto isso.

— Tenho certeza que sim. Vou levar a bandeja para a cozinha, qualquer coisa, me chame.

Hernandez saiu do quarto e eu voltei a minha atenção para Rage. Nas próximas horas, não tive muito o que fazer a não ser mudar a compressa em sua testa e verificar a sua temperatura que, apesar de ter abaixado, ainda indicava que ele estava com febre. Sem querer tirar os olhos dele, peguei meu livro e me sentei ao seu lado na cama, lendo e prestando atenção em algum sinal de mudança em sua temperatura, mas acabei pegando no sono. Acordei ao senti-lo se agitar ao meu lado e olhei rapidamente no relógio, vendo que passava das duas da manhã. Por um momento, pensei que ele tivesse acordado, mas logo vi seus olhos apertados.

— Não... Não... Mestre, não...

— Rage... — Me aproximei, tocando em seu rosto. Ele balançou a cabeça com força de um lado para o outro. Pude notar como sua pele estava quente novamente. — Rage, fique calmo.

— Não... Não vou fazer isso, não vou... Por favor... Mestre...

Quem deveria ser o Mestre? Será que era meu pai? Meu estômago deu um nó ao pensar nessa possibilidade.

— Não! — Dessa vez ele disse com raiva. — Eu odeio você! Odeio!

— Rage...

— Não!

Ele se debateu na cama, chutando o lençol para longe. Seu corpo tremia novamente por conta da febre, mas, mesmo assim, parecia que ele iria se levantar a qualquer momento. Toquei em seu peito, que começava a ficar banhado de suor e tentei segurá-lo na cama, mas não adiantou. Já estava quase chamando por Hernandez ou John, quando tive a ideia de me deitar ao seu lado e o abraçar. Eu não sabia se daria certo ou não, mas queria fazer qualquer coisa para ajudá-lo por mim mesma, pois colocar qualquer homem ao seu lado quando estava tão frágil, me fazia sentir mal. Ele já havia ficado rodeado por homens durante tempo demais.

Passei meu braço por seu peito agitado e comecei a acariciá-lo, enquanto falava baixinho em seu ouvido:

— Sou eu, Rage, Amy... Por favor, fique calmo, vai ficar tudo bem...

Ele balançou a cabeça.

— Não... O Mestre...

— O Mestre não está aqui — falei, sentindo um nó em meu estômago ao pronunciar aquilo. Algo dentro de mim me dizia que o tal Mestre e o meu pai eram a mesma pessoa. — Ele está longe e você está seguro, Rage.

— Não...

— Eu estou com você, apenas eu.

Ele murmurou mais alguma coisa, mas seu corpo começou a se acalmar de encontro ao meu. Ainda fiquei mais um tempo ali, sentindo sua pele quente na minha, sussurrando em seu ouvido, acariciando seu peitoral, até sentir que ele não falaria mais nada. Afastei-me devagar, em seguida, coloquei o termômetro em sua axila, medi sua temperatura, que havia subido de novo e o mediquei, voltando a fazer a compressa em sua testa. Foi assim que passei a madrugada, cuidando dele, até a febre ceder um pouco mais e ele se acalmar. Já estava amanhecendo quando, finalmente, a temperatura abaixou ao ponto de eu conseguir tirar um cochilo. Despertei com o toque de Hernandez em meu ombro.

— Amy? Amy, levante-se, trouxe um pouco de comida para você.

Abri os olhos e senti como se um trator tivesse passado por cima de mim. Havia adormecido com o corpo todo o torto na cama e meus olhos estavam pesados por conta do sono. Com a ajuda de Hernandez, me levantei e fui até o banheiro, onde lavei o rosto e escovei os dentes com uma escova nova que estava dentro da gaveta na pia. Prendi o cabelo de qualquer jeito em um rabo de cavalo e fui até a mesa próxima à janela, onde Hernandez havia deixado uma bandeja.

— Como ele passou a noite? — Hernandez me perguntou assim que me sentei.

— Teve febre de madrugada e a temperatura só diminuiu agora pela manhã. Foi quando consegui dormir um pouco.

— Poderia ter me chamado, Amy, eu ficava aqui com ele para você descansar.

— Não quis arriscar, ele poderia acordar e dar de cara com um homem poderia lhe despertar lembranças ruins — falei, começando a comer. Só

naquele momento me dei conta de que a minha última refeição tinha sido o almoço no dia anterior. — Espero que ele melhore logo, se não, não sei o que vou fazer.

— Vamos ter que colocá-lo novamente no quarto escuro e pedir para que John informe ao seu pai.

A maçã quase parou em minha garganta com aquela sugestão de Hernandez.

— Nunca! Meu pai, com certeza, o levaria embora daqui e eu nunca mais iria o ver.

— E o que pensa em fazer, Amy? Não é como se pudéssemos aparecer com um homem como Rage em um hospital. Iriam querer saber porque ele tem hematomas pelo corpo, porque usa uma coleira e porque não tem documentos. Sem contar que o hospital mais próximo fica a duas horas e meia daqui de carro.

— Podemos chamar um médico para vir aqui. Posso pagar em dinheiro, meu pai jamais suspeitaria.

— Um médico decente faria os mesmos questionamentos que receberíamos em um hospital.

— Um médico decente seria discreto, principalmente se recebesse o dobro para ficar de bico calado — falei, determinada. — Faço qualquer coisa, até subornar um médico, para que meu pai não venha até Rage.

Hernandez me olhou por um tempo em completo silêncio, como se me analisasse. Comecei a ficar nervosa, pois não sabia o que poderia estar passando pela sua mente, mas, mesmo assim, não deixei transparecer. Por fim, ele soltou um suspiro preocupado.

— Por favor, Amy, só não confunda as coisas.

— O que quer dizer?

— Não misture a sua indignação e sua sede justiça com o que aconteceu com o Rage, com outros tipos de sentimentos.

— Outros tipos de sentimentos?

— Sim. Paixão, amor... Não quero que você se machuque, menina. Só isso.

— Não vou me machucar — falei com convicção, já me levantando. — Pode ficar um pouco com ele? Vou tomar banho.

— Claro.

Dando uma última olhada em Rage, saí do quarto e fui direto para a minha suíte, seguindo para o banheiro. Fiquei um tempo debaixo do chuveiro, repetindo as palavras de Hernandez em minha cabeça. Será que eu poderia mesmo misturar as coisas? Meu Deus, nem queria pensar em algo assim, pois, se por um acaso eu sentisse algo mais por Rage, tinha certeza de que ele não iria retribuir. Ele demonstrou não confiar em mim no quarto escuro. Quando melhorasse, certamente, voltaria a me tratar com o ódio que era acostumado a dar a todo mundo.

Saí do chuveiro e troquei de roupa, levando um tempo em frente ao espelho para pentear o meu cabelo. Ali, olhando para o meu reflexo, decidi que seria firme e não me deixaria levar pelas emoções. Não poderia deixar que, em meu coração, nascesse algo por Rage que não fosse preocupação e esperança de libertá-lo das garras do meu pai.



Rage passou os próximos dois dias entre a consciência e a inconsciência, enquanto eu ajudava seu corpo se recuperar da febre alta. Quando não estava delirando e sofrendo espasmos, ele abria os olhos e murmurava algumas coisas que não faziam muito sentido, tateando na cama, como se estivesse tentando reconhecer, pelo tato, aonde estava. Naqueles momentos, eu segurava sua mão e garantia que ele estava seguro, que eu estava ao seu lado e que nada de mal iria acontecer.

Eram nesses momentos que eu sentia um aperto na garganta e uma comichão em meu peito, porque ele parecia reconhecer a minha voz e

acreditar em mim. Sua mão apertava a minha e ele ficava tranquilo, voltando a fechar os olhos e ressonar. Eu sabia que não deveria me enganar, que ele estava agindo de forma inconsciente, mas eu conseguia me lembrar da forma como ele me chamou em meio ao delírio e me pediu para ficar. Apesar da promessa que havia feito a mim mesma, era impossível ficar indiferente aquilo.

Sempre com a ajuda de Hernandez, eu o alimentava da forma que podia e lhe medicava. A febre começou a se espaçar e, quando vinha não era mais tão forte como antes, o que me aliviava. Ele estava melhorando e saber que não precisaria de um médico ou ir ao hospital era tranquilizador.

Terminei de jantar com Hernandez no quarto de hóspedes e, depois de me desejar boa noite, ele saiu. Me preparei para dormir e troquei de roupa no banheiro, colocando uma blusa de manga comprida e o short do pijama, em seguida, escovei os dentes e me deitei ao lado de Rage, que dormia com a expressão tranquila. Sua pele estava morna e isso me tranquilizou bastante, ao ponto de eu pegar no sono sem nem perceber.

Acordei por conta dos murmúrios ao meu lado e me sentei rápido na cama, vendo Rage de olhos semiabertos e a pele arrepiada. Sem nem esperar, coloquei o termómetro debaixo do seu braço e vi que sua temperatura estava acima dos trinta e oito graus. Olhando no relógio, constatei que eu havia lhe dado o remédio há menos de quatro horas. Ele precisava de um banho.

Não quis pedir ajuda a homem algum e fui em direção ao banheiro. Pensei em encher a banheira, mas não tinha certeza se conseguiria colocá-lo e tirá-lo lá de dentro, então, comecei a pensar em um modo de colocá-lo debaixo do chuveiro. Quando olhei para a cadeira em frente à mesa que havia no quarto, a ideia surgiu em minha mente. A coloquei debaixo do chuveiro, em seguida, fui até Rage e tirei o lençol de cima dele. Obrigando meu corpo a não se alterar, puxei o short folgado por sua cintura e o joguei no chão.

Quase não pude conter meu olhar guloso sobre o seu corpo e sobre a sua masculinidade. Olhei bem rapidinho, apenas para me certificar de que ele era como eu me lembrava, mas sabia que nada faria jus ao seu corpo, nem mesmo as minhas lembranças. Seu pênis, mesmo relaxado, era grande e os pelos castanhos em volta davam a ele um ar ainda mais selvagem. Precisei engolir em seco e respirar fundo para me concentrar no que realmente

importava e, com toda a força que eu tinha, passei seu braço pelo meu pescoço e levantei o seu tronco, fazendo-o se sentar na cama. Vi quando ele abriu os olhos, muito grogue e o ouvi resmungar.

— Ajude-me, Rage, preciso levar você até o banheiro. São só alguns passos.

Não sei se ele me entendeu ou não, mas consegui fazer com que colocasse os pés no chão e se levantasse. Seu peso tombou quase todo em cima de mim, mas, mesmo assim, consegui firmá-lo pela cintura e fomos a passos de tartaruga até o banheiro, onde o coloquei sentado na cadeira sob o chuveiro. Seu corpo quase tombou para frente, mas consegui segurá-lo pelo ombro e abri o registro. Vi como ele estremeceu e pareceu despertar quando a água morna, quase fria, caiu sobre ele.

— Não... Frio — ele resmungou, parecendo querer sair dali, mas consegui o firmar pelos os ombros e entrei no chuveiro com ele, sem me importar de ficar molhada no processo.

— Rage, você precisa tomar um banho para abaixar a sua temperatura — falei, tocando em seu rosto. Ele me olhou com olhos semicerrados, forçando-os para ficarem abertos e franziu o cenho.

— Amy? — Murmurou.

— Sim, sou eu. Vou cuidar de você.

Seus olhos pareceram se fechar, mas ele logo os abriu, ficando um pouco mais desperto. Ajustando o jato d’água para deixá-lo mais fraco, aproveitei aquele momento para espirrar um pouco de sabonete líquido em minhas mãos e lavar o seu corpo, pois sabia que havia dias que ele não tomava banho. Não me importei de ficar de joelhos a sua frente para poder esfregar suas axilas e engoli em seco quando escorreguei as mãos pelo seu peitoral. O problema real foi quando cheguei na parte baixa do seu corpo. Sem querer olhar muito, fitei seus olhos semicerrados e lavei sua virilha, ignorando seu pênis e escorregando as mãos para suas coxas musculosas e panturrilhas.

Conforme os minutos foram passando, vi que ele foi ficando mais desperto, por isso, peguei um pouco de sabonete e coloquei em sua mão, em seguida, a pressionei sobre o seu pênis, sem tirar meus olhos dos dele.

— Lave-se — pedi baixinho.

Rage pareceu ofegar debaixo da água que caía sobre os seus ombros e deixei meus olhos se perderem ali, pois, de repente, até seu olhar era difícil de suportar. Senti o movimento das suas mãos lá embaixo e mordi minha bochecha para me obrigar a não olhar para baixo e ver o que fazia. Sem querer, senti um rastro de fogo passar pela minha espinha e meus mamilos ficaram duros, pressionando o tecido da blusa que eu usava. Apesar de ainda ser virgem, eu não era tola, muito menos ingênua e entendi os sinais que o meu corpo estava me dando. Eu estava ficando excitada e aquilo não podia acontecer. Assustada, me afastei um pouco e vi os olhos de Rage me seguir.

— Vou pegar uma toalha para você — falei, já me levantando para sair do box, mas sua mão enorme segurou a minha.

— Fica.

Uma palavra. Uma única palavra que pareceu me desarmar completamente. Sem poder ir a lugar algum, completamente cativa em seu olhar, voltei a ficar de frente para ele e me ajoelhei entre suas pernas. Senti medo do que iria encontrar ao olhar para baixo, por isso, continuei a olhar em seus olhos e ele fez o mesmo, lavando-se sem tirar os olhos dos meus. Por puro reflexo, vi o momento em que suas mãos caíram na lateral de seu corpo e ele jogou a cabeça para trás, deixando a água cair em seu peitoral.

"Não acompanhe o caminho da água, não acompanhe o caminho da água...", repeti para mim mesma, olhando fixamente para o seu pescoço, que tinha aquela coleira horrível como adorno, até ele voltar a me fitar. Meu coração parecia que ia sair pela boca, meu corpo parecia em chamas e minha mente rodava, fazendo-me sentir um pouco mal por, de repente, desejar ir muito além do que eu poderia.

— Terminou? — perguntei e ele assentiu. — Vou pegar a toalha.

Fechei o registro do chuveiro e saí rápido do box, sem dispensar a ele um segundo olhar. Eu tremia, mas não era por causa do frio e sim por causa das reações do meu corpo ao Rage. Me senti muito mal. Não podia sentir aquelas coisas por ele, pelo amor de Deus! Rage passou a vida sendo usado como um objeto sexual, sendo tocado sem a sua permissão, tendo o corpo usado por vários homens... O que pensaria de mim, se soubesse que fiquei excitada ao vê-lo nu?

A culpa me remoeu com força, ao ponto de fazer a minha garganta se

apertar em um nó. Eu não era como o monstro do meu pai, sendo assim, não podia deixar que o meu corpo guiasse a minha mente e as minhas emoções. Ainda mais cedo eu havia prometido a mim mesma que não iria sucumbir a sentimentos que poderiam tirar o meu foco. Eu estava ali para cuidar de Rage, para ajudá-lo a se libertar das garras do meu pai, não para sentir qualquer outra coisa por ele.

Um pouco mais calma, me virei e o encontrei sentado no mesmo lugar, com os olhos abertos e focados em mim. Nunca vi um olhar tão forte, tão marcante, como se pudesse me enxergar por dentro e aquilo me deixou nervosa novamente. E se ele percebesse o modo como eu havia ficado? Decidida a não demonstrar nada, estendi a toalha para ele.

— Seque-se, por favor. Vou pegar algumas roupas para você e já volto.

Gosto de pensar que eu não estava fugindo, estava apenas indo ao meu quarto pegar as roupas que pedi que John comprasse para Rage, mas o modo como corri para fora do banheiro e alcancei a maçaneta da porta do quarto, não me deixava outra opção a não ser encarar a verdade. Estava fugindo como uma covarde, coisa que eu odiava. Em minha suíte, entrei no closet e levei um minuto inteiro para acalmar as batidas loucas do meu coração, enquanto me obrigava a voltar a raciocinar. A culpa ainda me corroía, mas eu não havia cedido ao desejo, não era? Eu não olhei enquanto ele se lavava, não dei nem mesmo uma espiadinha.

Mesmo assim, o fato de ter *desejado olhar* estava me deixando péssima, com um gosto amargo na boca e um peso esquisito no peito. Era como se eu tivesse invadido a intimidade dele, embora tivesse plena consciência de que estava ali apenas para ajudá-lo.

— Você não fez nada de mal, Amber. Pelo amor de Deus, se acalme! — falei para o meu reflexo no espelho. Encarando-me, percebi que eu estava encharcada e resolvi me trocar antes de voltar para o quarto de hóspedes.

Saí da minha suíte e entrei na de Rage com uma calça de moletom e uma blusa de meia manga para ele. Respirei fundo e contei até dez antes de entrar no banheiro e o encontrar com a toalha amarrada na cintura, apoiando-se na bancada da pia como se não tivesse muita força para se manter de pé. Dispensei a vontade de olhar para o seu corpo coberto apenas pela toalha e lhe estendi as peças de roupa.

— Quando terminar de se vestir, me chame.

Deixei o banheiro e encostei a porta atrás de mim, caminhando até a cama. Rage havia ficado deitado ali por três dias inteiros e os lençóis estavam amassados e, provavelmente, cheios de bactéria que haviam provocado a sua gripe, por isso, decidi trocá-los rapidamente, pegando um jogo de cama limpo dentro do closet vazio. Estava terminando de prender o lençol de elástico no colchão, quando a porta do banheiro se abriu e Rage cambaleou para fora, segurando-se na parede para não cair. Corri em sua direção.

— Espere, vou te ajudar — falei, já passando seu braço pelo meu ombro. — Por que não me chamou?

Esperei por sua resposta, mas ela não veio em nenhum momento enquanto caminhávamos até a cama. O ajudei a se sentar, em seguida, fui até o closet e peguei uma toalha limpa.

— Posso secar o seu cabelo? — perguntei, sendo encarada intensamente por ele. Devagar, ele balançou a cabeça para cima e para baixo.

Com cautela, aproximei-me dele e coloquei algumas mechas de seu cabelo na toalha, apertando suavemente para tirar o excesso da água. Rage não disse nada e o quarto mergulhou em um silêncio absoluto, deixando-me subitamente nervosa. Diferente dos últimos três dias, agora, Rage estava bem desperto, apesar de estar fraco fisicamente. O que estaria passando pela cabeça dele? Finalmente, ele estava fora do quarto escuro, mas a expressão em seu rosto não demonstrava se isso o afetava ou não. Decidida a não o deixar com dúvidas, comecei a explicar:

— Você ficou muito doente, Rage. Pegou uma gripe muito forte, acho que por causa da temperatura do quarto onde estava e teve febre muito alta. Por isso, o trouxe para esse quarto, para poder cuidar de você.

Ele não disse nada, mas senti sua respiração mudar um pouco e seu corpo ficar tenso. Continuei a secar o seu cabelo e voltei a falar, como se não tivesse percebido a sua mudança.

— Sei que você não me conhece e que não confia em mim, mas juro que não fiz outra coisa a não ser cuidar de você, Rage. Jamais te machucaria, de forma alguma — falei, deixando a toalha de lado. — Posso pentear o seu cabelo?

Ele me olhou e assentiu. Fui até o banheiro e peguei um dos pentes que ficavam guardados na gaveta da bancada, voltando logo e encontrando Rage no mesmo lugar. Sem querer, o flagrei olhando com curiosidade para o quarto e passando a mão aberta sobre o lençol na cama. Fiquei alguns segundos em silêncio, observando-o, até que seus olhos caíram sobre mim. Rapidamente, ele tirou a mão do colchão e a colocou sobre o seu colo.

Fingi que não tinha visto nada e me aproximei dele, começando a pentear o seu cabelo com delicadeza. Não estava tão embaraçado quanto da primeira vez que o penteei, mas, ainda assim, havia alguns nós, o que me permitiu ficar bons minutos perto dele, com seus cabelos sedosos em minhas mãos. Enquanto o penteava, aproveitei para olhar o seu perfil. Acompanhei o caminho da sua sobrancelha até as maçãs magras do seu rosto e a bochecha coberta pela barba farta. Senti minhas mãos coçarem para tocá-lo ali, para sentir a textura dos pelos e me perguntei como ele deveria ser sem toda aquela barba escondendo metade de seu rosto. Sabia que Rage era um homem lindo, mas, sem a barba, deveria ser impressionante.

— Está com fome? — perguntei ao terminar de penteá-lo. Ele me olhou, em seguida, balançou a cabeça de um lado para o outro. — Você vem tomando sopa desde que ficou doente e te dei um pouco há algumas horas, mas, mesmo assim, você precisa se alimentar. Vou pegar um copo de leite para você. Já volto, tudo bem?

Ele assentiu e eu deixei o quarto, descendo as escadas rapidamente. A casa estava escura e silenciosa, mas a luz da cozinha estava acesa, como de costume. Não querendo que Rage bebesse nada gelado, eu mesma preparei o leite, diluindo em água e acrescentando um pouquinho de açúcar. Também peguei o xarope que havia pedido para que John comprasse dois dias antes e coloquei um pouco no medidor que vinha nele. Estava terminando de fechar os armários, quando vi um vulto pela porta de vidro da cozinha e pulei de susto ao sentir uma mão em meu ombro.

— Meu Deus! Meu Deus do céu! — Quase gritei, colocando uma mão no coração e a outra sobre a boca. Encarei Peter logo atrás de mim, vestido casualmente em uma calça de pijama e regata branca. — Peter, quase que você me mata do coração!

— Perdão, Senhorita Bloom! Meu Deus, não era a minha intenção.

— Tudo bem, só se anuncie quando chegar. Se eu sofresse de problemas cardíacos, acho que estaria morta agora. — Consegui rir, enquanto as batidas do meu coração se acalmavam. Peter me olhou fazendo uma careta, extremamente sem graça.

— Perdão. Eu ouvi uma movimentação na cozinha e vim ver o que estava acontecendo. A senhorita precisa de alguma coisa?

— Não, eu estou bem. Já estou voltando para o quarto — falei, pegando o copo de leite e o xarope que havia separado para Rage. — Por que ainda está acordado?

— Tenho insônia e desci para fazer um chá — falou ele, já indo pegar a chaleira em um dos armários. — Como dizia a minha avó, nada como um chá de camomila para ajudar em uma boa noite de sono. A senhorita aceita uma xícara?

— Não, muito obrigada. É meio engraçado ver um segurança como você preparando um chá para beber.

— Sei que os caras costumam recorrer ao uísque, mas não funciono muito com destilados e não gosto de beber quando estou trabalhando — falou, colocando a água para esquentar. — Aproveitando a oportunidade, gostaria de saber como aquele homem está. Ele parecia muito mal no dia em que o colocamos no quarto de hóspedes.

Fiquei um pouco tensa quando ele citou Rage. Segundo John, Peter não sabia sobre a existência dele e eu ainda não tinha me reunido com ele para explicar melhor sobre quem Rage era e a importância que ele tinha para o meu pai. Agora que Peter já tinha o visto, seria imprescindível explicar quem era o homem que estava lá em cima e fazer com que se juntasse a mim no plano de derrotar Maximus.

— Está melhor, acordou agora e vim buscar um copo de leite para ele. Sei que está confuso, que não sabe quem ele é e de onde surgiu, mas, assim que ele melhorar completamente, vou te explicar tudo. Só peço para que não comente nada com meu pai ou com Timothy, caso um deles ligue e lhe pergunte se está tudo bem.

— Claro, Senhorita Bloom, por favor, conte com a minha descrição — disse, colocando a mão sobre o lado esquerdo do peito, como se estivesse fazendo um juramento. — Espero que ele melhore logo.

— Ele irá. Obrigada, Peter.

— Não há o que agradecer, senhorita.

Olhando-o uma última vez, desejei boa noite e saí da cozinha. Gostei de Peter desde a primeira vez que o vi e sentia que ele ficaria ao nosso lado naquela batalha, principalmente depois que eu explicasse tudo e lhe dissesse quem Rage era. Entrei no quarto e encontrei Rage no mesmo lugar, sentado na beirada da cama, com as mãos sobre o colo. Ele me olhou assim que passei pela porta.

— Beba o leite e, depois, vou lhe dar um pouco de xarope — falei, estendendo o copo em sua direção.

Ele o pegou e tomou um gole, demorando alguns segundos para tomar o próximo. Acho que estava sentindo o sabor e senti um aperto no peito. Quando tinha sido a última vez que Rage havia tomado um simples copo de leite? Sentia minha alma doer todas as vezes que me pegava pensando sobre a vida que ele havia tido. Minutos depois, ele me entregou o copo vazio e eu lhe estendi o medidor pequeno com o xarope. Vi como olhou com curiosidade para o líquido vermelho.

— É um remédio que vai te ajudar a curar a gripe. Pode tomar, não vai lhe fazer mal, eu juro.

Eu tinha plena consciência de que o fato de lhe garantir que algo não iria o fazer mal não fazia diferença alguma. Rage não me conhecia, não tinha motivo algum para acreditar em mim ou confiar em minha palavra, mesmo assim, eu gostava de deixar bem claro que nada do que eu fazia para ele ou do que lhe dava, iria o prejudicar de alguma forma.

Ele olhou para o remédio, em seguida, olhou para mim. Era como se estivesse pesando na balança se valia a pena correr o risco de confiar em mim ou não. Não saí do lugar, não mudei a minha expressão ou fugi do seu olhar. Não sei se isso fez com que ele visse a verdade em mim, mas, segundos depois, ele colocou o medidor próximo aos lábios e bebeu todo xarope, fazendo uma careta em seguida. Era muito doce e sabia que ele não estava acostumado a tomar aquele tipo de coisa, por mais que eu tivesse lhe dado o xarope enquanto ele esteve inconsciente.

— Vou terminar de trocar as fronhas do travesseiro para você poder se deitar — falei, colocando o medidor em cima da mesinha de cabeceira.

Rage me observou atentamente enquanto eu colocava as fronhas usadas ao lado dos lençóis sujos no chão e colocava as limpas nos travesseiros. Quando terminei, coloquei os travesseiros no lugar e deixei os lençóis sujos no cesto de roupa no banheiro.

— Pode se deitar, Rage — falei, assim que voltei para o quarto. Ele olhou para a cama grande, como se estivesse perdido e não soubesse ao certo se poderia mesmo se deitar ou não, por isso, reafirmei: — Pode se deitar, prometo que ninguém irá te machucar.

Para que ele acreditasse em mim, fui para o outro lado da cama e me deitei. Não sabia se isso iria o aproximar ou afastar de vez, mas queria que soubesse que, se nada acontecia comigo quando eu me deitava na cama, com ele também não iria acontecer. Ele continuou a me olhar, logo depois, olhou para todo o quarto, parando na porta que levava ao corredor. Acho que ficou esperando para ver se algum homem entraria por ali ou não, mas ao ver que nada acontecia, seus ombros cederam a tensão e ele se acomodou na cama, deixando uma distância segura entre nós dois. Apoiou as duas mãos no peito e olhou fixamente para o teto.

Naquele momento, o que eu mais queria era tocar em seu rosto, seu cabelo, até fazer com que ele relaxasse sob o meu toque. Até fazer com que ele confiasse em mim. Mas, claro, sabia que isso só iria o assustar, por isso, falei baixinho:

— Você está seguro, Rage. Você sempre estará seguro ao meu lado.

Capítulo 10

Rage

Sentia-me tonto e nauseado e demorei alguns segundos para, finalmente, conseguir focar minha visão no teto do quarto onde eu estava. Desde o momento em que abri os olhos e vi Amy na minha frente, não consegui pensar em nada mais que não fosse ela. Eu não me importava com a dor em meu corpo e em minha garganta, nem com a letargia em minha mente, eu só me importava com ela.

No banheiro, em meio ao frio horrível que eu sentia, só consegui focar em Amy e no fato de que eu não estava me sentindo muito bem. Apenas quando ela me deixou sozinho, foi que me dei conta de que eu não estava no quarto frio e escuro, nem estava acorrentado. Pela primeira vez em anos, eu não sentia o peso das correntes de ferro em meus pulsos, que me prendiam no lugar. Incerto, pisei fora do lugar onde estava tomando banho e senti o piso liso e quente abaixo dos meus pés. Estava em um banheiro, isso era óbvio, mas havia tantos anos que eu não entrava em um, que demorei um pouco para reconhecer.

Era tão bonito e tão branco que senti medo de encostar e sujar alguma coisa, por isso, me sequei rapidamente, tonteando um pouco, em seguida, olhei para frente, ofegando baixinho ao ver a imagem de um homem enorme e nu diante de mim. A sensação que tive foi de, realmente, estar encarando um outro homem, pois a ideia de que eu estava olhando para o meu reflexo em um espelho, demorou a se fixar em minha mente. Hesitante, dei um passo para frente e toquei no vidro frio, apenas para ter a certeza de que eu não estava delirando, em seguida, olhei para mim mesmo.

Eu tinha ideia de que havia me tornado um homem alto, mas não tanto. Também não imaginava que estava tão forte. Meus braços eram definidos, assim como minhas pernas e minha barriga. Meus cabelos batiam na altura dos ombros, meus olhos ainda eram azuis e meu rosto estava preenchido pela barba. Eu sabia que tinha barba, mas não imaginava como ela era até aquele

momento. De fato, eu não sabia como *eu* era e a ideia de nunca ter me conhecido, de nunca ter me visto em um espelho desde os dez anos de idade, me invadiu como um soco no estômago.

Quem, no mundo, não se reconhecia ao se olhar no espelho? Provavelmente, apenas eu. Ainda mais nauseado, fechei os olhos com força ante a lembrança, sentindo muita dor em minha cabeça. Parecia que alguém havia batido nela com força, mas não me lembrava de ter apanhado. Ainda estava dessa forma, com os olhos fechados, quando ouvi uma voz suave ao meu lado.

— Está com dor?

Em momento algum eu havia me esquecido de que Amy estava deitada ao meu lado. Pelo contrário, sua presença era tão forte, tão esmagadora, que eu me sentia nocauteado. Quis dizer a ela que, apesar da dor de cabeça e do enjoo, eu nunca estive tão bem antes, deitado em uma cama confortável, em um lugar com a temperatura alta o suficiente para não me fazer bater os dentes ou me encolher de frio, mas fiquei quieto. Senti um movimento sobre o colchão.

— Rage... Por favor, olhe para mim.

Eu não conseguia entender o que a sua voz fazia comigo. Era como se ela conseguisse me tocar profundamente, mesmo sem sequer encostar em mim. Sua voz parecia fazer uma viagem pelo meu corpo, invadia meus ouvidos, acariciava cada centímetro da minha pele, envolvia minha mente e antes que eu pudesse perceber, já estava fazendo o que ela havia me pedido. Meus olhos se encontraram com os dela e senti um baque por dentro, como se uma mão pegasse o meu coração apertasse até me fazer perder o ar.

A iluminação do quarto escuro não havia me dado a real dimensão do quanto Amy era linda. Ali, tão de perto, com o quarto iluminado, eu conseguia enxergar cada detalhe do seu rosto. Seus cabelos estavam soltos e caíam livres, com alguns fios tocando seus olhos. Senti vontade de tocá-los, de tirá-los dali, mas me segurei e só a fitei. Seus olhos cor de mel estavam bem abertos, suas bochechas estavam levemente coradas e seus lábios me deixavam ver um pouco dos seus dentes.

— Você está com dor? — perguntou de novo e eu assenti, sem saber como mentir para ela. Suas sobrancelhas se franziram e ela me olhou com

preocupação. — Aonde? Aonde está com dor?

"No coração", quis muito dizer a ela, porque era verdade. Meu coração parecia doer a cada vez que eu a fitava e eu não conseguia entender o porquê. Ao invés disso, apontei para a minha cabeça e ela se levantou.

— Vou pegar um remédio para você.

Vi quando entrou em uma porta larga e voltou segundos depois com algo pequeno e branco na mão. Ao lado da cama, havia uma mesinha pequena com uma garrafa de água e um copo, que ela encheu antes de estender para mim.

— Sente-se, por favor.

Com cuidado, fiz o que ela me pediu. Meu corpo doía muito e minha cabeça rodou um pouco, mas logo consegui me firmar e olhar para ela.

— Tome, é um comprimido para dor de cabeça. Não vai te fazer mal — disse, estendendo o remédio.

O peguei de sua mão e olhei com certa curiosidade, pensando se valia a pena o tomar ou não. Então, me lembrei do que ela havia dito, que vinha cuidando de mim há dias, me alimentando e me ajudando a curar a gripe. De certa forma, sabia que ela não estava mentindo, pois eu me sentia mal de verdade. Mas não foi isso que me fez colocar o remédio na boca e o engolir com a ajuda da água; foi o sentimento de que eu podia *confiar* em Amy.

Era loucura, eu sabia que não podia me dar ao luxo de confiar em ninguém, principalmente em uma mulher que eu nunca havia visto na vida, que tinha o poder de mandar no homem mau do Mestre e que, mesmo sendo muito gentil, poderia estar ali para me enganar. Mesmo assim, ao olhar para Amy, ao ver o modo preocupado e quase protetor como me olhava, ao saber que havia me ajudado e me tirado do quarto escuro, eu sentia que abaixar a minha guarda e confiar nela seria muito mais fácil do que eu sequer poderia imaginar.

Terminei de tomar a água e ela voltou a colocar a copo sobre a mesinha, indo para o seu lugar na cama em seguida. Quis perguntar se ela havia passado os últimos dias comigo naquele quarto, dormindo ao meu lado, enquanto estive praticamente inconsciente. Agora que estava lúcido, conseguia me lembrar de alguns flashes, mas eram vagos e inconsistentes, a

maioria eram como borrões. Conseguia me lembrar da voz calma de Amy, do seu rosto próximo ao meu, seu toque gentil em minha testa, mas só isso. O seu toque, de fato, era do que eu queria lembrar mais. Queria sentir a delicadeza da sua mão sobre a minha pele, pelo menos em minha mente, mas não conseguia recordar com clareza suficiente.

— Pode se deitar, Rage — disse ela ao meu lado.

Deitei-me, mas, ao invés de encarar o teto, olhei para ela. Amy estava deitada de lado, virada para mim, com uma mão embaixo do rosto. Seus lábios grossos e bem desenhados estavam fechados e eu me perguntei como ela deveria ser quando sorria.

— Está com sono? — perguntou. Não, eu não estava com sono, mas talvez, se eu fingisse que sim e fechasse os olhos, conseguiria ignorá-la da maneira que, conscientemente, eu sabia que deveria fazer. Mesmo assim, não consegui mentir e neguei com a cabeça. — Quer assistir a um filme?

Filme? Senti algo apertar forte a minha garganta. Conseguia me lembrar, vagamente, de quando era criança e minha mãe me deixava ver filmes na TV da sala. Sempre gostei muito de filmes de ação, mesmo com ela dizendo que não eram apropriados para a minha idade. Eram os meus favoritos. Antes que eu pudesse pensar, me vi balançando a cabeça para baixo e para cima, em um claro “sim”. Amy me deu um leve sorriso e seus olhos pareceram brilhar, enquanto se esticava e pegava o que eu reconheci como sendo o controle remoto, na mesinha ao lado da sua cama.

Ela apertou um botão e um zumbido bem leve alcançou os meus ouvidos. Sem entender de onde vinha o som, me virei e fiquei chocado quando uma tela enorme saiu de dentro do teto, até parar no meio do quarto, a alguns metros de distância da cama. Uma imagem nítida, do fundo de um oceano, surgiu bem na minha frente. Boquiaberto, olhei para Amy, mas ela parecia concentrada demais mexendo no controle remoto e não estava, nem de longe, tão chocada como eu. Pelo contrário, ela parecia estar muito acostumada àquilo e eu quis dar um soco na lateral da minha cabeça. Claro que ela estaria acostumada com aquilo, pois *eu* havia vivido preso durante anos, não ela.

Normalmente, eu sentia amargura quando pensava nas pessoas que estavam livres do lado de fora do quarto escuro. Era muito fácil sentir raiva do mundo quando se estava acorrentado, passando frio e fome, sendo

obrigado a se submeter a um homem cruel. Mas não foi com amargura que me dei conta de que Amy era livre. O que senti foi uma espécie de alívio, o que me deixou tenso, frio por dentro. Como poderia sentir aquilo por ela? Eu sequer a conhecia! Não podia me deixar levar por sentimentos, não podia confiar cegamente, muito menos permitir que eu me enganasse ao ponto de esquecer que, provavelmente, ela trabalhava para o Mestre e poderia estar ali para me enganar.

— O que você quer assistir? Você pode escolher qualquer um desses — disse ela, apontando para a tela enorme. Quando me virei, vi que uma seleção de capas de filmes aparecia na tela. Não conhecia qualquer um deles, então, sequer sabia o que escolher. — Talvez a gente possa assistir uma comédia, o que acha?

Assenti, pois, com tantas opções e sem saber ao certo sobre o que cada filme falava, eu me sentia perdido. Amy me olhou com um sorrisinho no canto dos lábios.

— Esse é muito bom, se chama “Os Pinguins do Papai”. Acho que você vai gostar.

Ela apertou algum botão no controle, que deixou o quarto parcialmente iluminado, em seguida, o filme começou a rolar na tela. Eu olhava para cada detalhe daquela tela enorme como um menino em frente à uma vitrine de doces. Por dentro, era exatamente assim que eu me sentia; como um menino fazendo algo completamente novo. Pela minha visão periférica, vi Amy se acomodar melhor nos travesseiros e isso fez com que seu corpo ficasse mais perto do meu. Não ousei me aproximar, mas também não me afastei e fui envolvido, levemente, pelo seu calor. Isso fez com que o meu coração diminuísse suas batidas quase frenéticas e comecei a perceber que tê-la ao meu lado não era ruim. Se eu fosse sincero comigo mesmo, tinha que admitir que era muito bom.

Apesar de estar muito consciente de ter Amy ao meu lado, me vi completamente envolvido com o filme. O personagem era um pouco ignorante no começo, metido, mas foi mudando quando os pinguins chegaram e atrapalharam a sua vida. Nem percebi que meus lábios estavam esticados em um sorriso, até uma gargalhada sair do fundo da minha garganta quando os pinguins fugiram do apartamento e foram atrás dele em um evento

chique do seu trabalho.

Levei alguns segundos para tomar ciência de que aquele barulho estrondoso, feliz, havia saído de mim. Eu nem sabia como era o som da minha risada, pois nunca tive motivos para rir, mas, naquele momento, era isso que eu estava fazendo. Eu estava sorrindo, estava *gargalhando* pela primeira vez na minha vida. Uma emoção tão forte se apoderou do meu peito, que senti um nó apertar a minha garganta e os meus olhos se encherem de lágrimas. Engoli com dificuldade e estremeci quando senti a mão de Amy por cima da minha.

— Sua risada é linda, Rage — ela disse e eu me virei para olhá-la. Mesmo com a pouca iluminação no quarto, a tela emitia luz suficiente para que eu pudesse enxergá-la com clareza. Percebi que parecia estar tão emocionada quanto eu. — Estou muito feliz que você esteja gostando do filme.

"Obrigado por isso. Obrigado por me permitir gargalhar pela primeira vez na minha vida." Quis muito dizer isso a ela, cheguei a abrir um pouco os lábios para poder falar, mas me segurei e voltei a prestar atenção no filme. Não fiz movimento algum para que sua mão saísse de cima da minha e senti uma comichão passar pelo meu corpo quando Amy não se afastou. Ela continuou com a mão sobre a minha durante todo o filme, mesmo quando eu gargalhava e nossas mãos acabavam vibrando sobre o meu peito.

Ela ria também e fiquei encantado com o som. Peguei-me olhando para ela por segundos sem fim, observando que Amy parecia rir com o corpo, com a alma, com tudo de si. Seu corpo vibrava, seus olhos brilhavam e suas bochechas ficavam coradas. Ela conseguia ficar ainda mais bonita quando sorria e me perguntei se havia, no mundo, uma mulher mais bonita do que ela. Eu podia apostar que não.

Quando o filme acabou, ficamos rodeados pelo silêncio naquele quarto pouco iluminado. Eu olhava para ela quase sem piscar e prendi a respiração quando seus olhos encontraram os meus. Não sei por quanto tempo ficamos daquela forma, um olhando para o outro, sua mão em cima da minha, nossos corpos próximos na cama, mas senti algo dentro de mim estalar e me fazer despertar. Sentia-me completamente divido por dentro.

Parte de mim queria acreditar fielmente em sua palavra, queria fechar os olhos e se agarrar na garantia de que ela era boa de verdade, que não iria me

machucar de forma alguma. Mas a outra parte, aquela que já estava calejada pelo tempo, que só conhecia a maldade e que havia aprendido a desconfiar de tudo, me fazia gelar por dentro e pensar com a cabeça, não com os sentimentos que me invadiam a cada vez que eu olhava para ela. Foi essa parte que fez com que eu tirasse a minha mão debaixo da dela e me afastasse na cama, ao ponto de quase cair no chão. Vi quando ela se assustou e arregalou os olhos, ofegando baixinho.

— Rage... — murmurou e senti vontade de fechar os olhos e apenas ouvir o som da sua voz. — Por favor, não fique assim. Eu não vou te machucar.

Ela parecia muito sincera, mas eu não quis ouvir mais nada e me virei completamente para o outro lado, fugindo do seu olhar. Queria fugir dela, da sua voz, da sua presença. Talvez fosse melhor voltar ao quarto escuro e não sair nunca mais de lá, mas senti meu coração se apertar quando a ouvir ofegar de novo. Senti o colchão se mexer, cheguei a pensar que ela sairia do quarto e me deixaria sozinho, mas não ouvi o barulho da porta se abrindo e depois se fechando, então, concluí que ela havia se virado de costas para mim.

Curioso, virei-me só um pouquinho e vi que estava certo, ela estava deitada para o outro lado, mas os seus ombros tremiam levemente. Será que estava com frio? Pensei em puxar o cobertor para cobri-la, mas arregalei os olhos quando a ouvi ofegar de novo e fungar baixinho. Se eu não estivesse prestando atenção, jamais teria ouvido e até cheguei a pensar que estava delirando, mas quando a ouvi fungar de novo, o som abafado contra os travesseiros, eu tive certeza. Amy estava chorando. *Por minha causa.* Eu não sabia o que tinha feito de errado, mas tinha certeza que a culpa era minha.

Sem saber o que fazer, olhei para as suas costas, para os seus ombros trêmulos e senti minhas mãos coçarem para tocá-la e, quem sabe, acalmá-la, mas ao menos sabia como fazer aquilo. Nunca tive que acalmar alguém em toda a minha vida, muito menos uma mulher tão delicada e sensível como Amy. O que eu poderia fazer? O quê? Sentia minha mente rodar, até que percebi que, talvez, se eu me aproximasse só um pouco, ela poderia se acalmar com o calor do meu corpo, assim como eu me acalmei quando ela se aproximou de mim na hora do filme.

Sem tocá-la de modo algum, aproximei-me um pouco e deitei minha cabeça em seu travesseiro, deixando minhas mãos no espaço vazio que havia

entre nós dois. Vi quando ela pareceu segurar a respiração e ouvi quando ofegou baixinho. Sem conseguir me conter, respirei fundo, sentindo o cheiro adocicado do seu cabelo, querendo enfiar meu nariz entre os fios e guardar aquela fragrância em minha memória.

Fiquei esperando para ver se ela fungaria de novo, se continuaria a chorar, mas não ouvi mais nada e senti o aperto em meu peito abrandar ao perceber que a minha tática havia dado certo. Amy havia se acalmado ao sentir o calor do meu corpo. Talvez, tivesse até pegado no sono, mas percebi que estava muito acordada quando, de repente, se virou para mim e me encarou nos olhos. Pude ver como a ponta do seu nariz estava vermelha, como seus olhos estavam ainda úmidos pelo choro. Senti-me muito incapaz, pois pensei que eu havia a ajudado, mas percebi que não. Algo pareceu até a murchar dentro de mim, mas logo senti cada poro do meu corpo se arrepiar quando Amy tocou de leve o meu rosto.

Seus dedos percorreram a minha testa, minha sobrancelha, a ponte do meu nariz, até chegar em minha barba farta, de onde não saiu mais. Foi a minha vez de prender a respiração, pois não queria que nada atrapalhasse aquele momento, por mais que, em minha mente, eu soubesse que tinha que me afastar e me preservar. Vi quando seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Amy... — falei baixinho, vendo como seus olhos se arregalaram. Senti vontade de secar a lágrima que desceu lentamente pela lateral do seu rosto.

— Fale comigo, Rage — pediu. — Por favor.

O que ela queria que eu falasse? Eu não sabia o que dizer, tinha medo de me atrapalhar, de falar errado... Tinha medo que fosse uma armação e algum homem mau do Mestre viesse me castigar. Senti seus dedos acariciando a minha barba e mais lágrimas encheram os seus olhos.

— Não... Não cho-chore — gaguejei em meu pedido e vi Amy abrir a boca para falar algo, mas parar no meio do caminho. Ela parecia estar em choque. Será que não havia entendido o que eu tinha falado? Antes que eu pudesse me conter, me vi repetindo com mais clareza. — Não chore, Amy.

Um sorriso lindo se abriu em seus lábios e eu a olhei entre confuso e admirado. Por que ela estava sorrindo? Eu não entendia, mas queria que continuasse daquele jeito. Vê-la chorar trazia um aperto muito ruim ao meu

peito.

— Você falou comigo — disse, aproximando-se até fechar completamente a distância entre nós. Tomei um susto quando tirou a mão do meu rosto e passou braço pelas minhas costas, puxando-me para o que parecia ser um abraço. Quando escondeu o rosto em meu pescoço, senti cada parte do meu corpo se arrepiar. — Você falou comigo, Rage! Estou tão feliz!

Ela estava *feliz?* Por quê? Eu não conseguia entender, mas ela parecia mesmo estar eufórica. Apenas por que eu havia falado? Talvez Amy fosse louca. Isso explicaria o fato de estar me agarrando daquele jeito, parecendo sorrir de encontro ao meu pescoço. E, talvez, *eu* fosse louco, porque estava gostando daquilo, ao ponto de não querer que ela se afastasse.

— Obrigada, Rage — falou, afastando-se um pouco para me olhar. *"Pelo o quê?"*, quis perguntar, mas ela se adiantou. — Obrigada por ter confiado em mim ao ponto de falar comigo. Prometo que não vou te decepcionar, nunca.

Sua promessa tocou em algo bem fundo dentro de mim e sequer pisquei enquanto olhava em seus olhos e via a verdade. Amy estava sendo verdadeira. Eu não sabia como conseguia entender isso, como podia ter certeza, mas eu tinha. Foi naquele momento que percebi que, querendo ou não, eu já confiava nela de certa forma, pois jamais abaixaria a guarda para ficar tão próximo de alguém sem agir com violência, sem sentir o desejo de matar e me vingar. Por ela, eu sentia coisas que não entendia, mas eram sentimentos bons, que me impeliam a me aproximar, a me deixar ser tocado, a sentir um gosto amargo na boca quando ela chorava.

De alguma forma, Amy havia se infiltrado em mim. E eu não tinha certeza se queria que ela fosse embora.

Capítulo 11

Rage

Permaneci boa parte da madrugada acordado, observando Amy dormir. Depois de me prometer que nunca me decepcionaria, ela ainda ficou um tempo me olhando, passando os dedos pela minha sobrancelha, até que vi seus olhos ficarem pesados. Uma parte minha quis que ela ficasse acordada apenas para continuar a sentir o seu toque, mas sabia que depois de passar noites em claro cuidando de mim, ela deveria estar exausta e obriguei-me a parar de ser egoísta.

Amy não tinha obrigação alguma de cuidar de mim, mesmo assim, ela se dispôs a ficar do meu lado em um momento que eu não tinha forças para nada. Praticamente inconsciente, eu sabia que, se ficasse no quarto escuro, provavelmente, iria morrer. Antigamente, essa ideia me atingia como um bálsamo — a morte pode parecer bela quando você passa uma vida sendo torturado e humilhado —, mas, agora, eu agradecia pela morte não ter vindo ao meu encontro, pois apenas vivo e respirando é que eu conseguiria ter mais algum tempo ao lado de Amy.

Não sabia porque a ideia de ficar perto dela mexia tanto comigo. Depois que a expulsei do quarto escuro e percebi que o Mestre não entraria pela porta para me torturar, eu entendi que tinha sido injusto mais uma vez. Em todos aqueles dias, Amy nunca mentiu para mim. Ela prometeu que eu não seria mais drogado e eu realmente não fui, prometeu que o homem mau não iria mais me bater e, de fato, ele não voltou a me tratar com violência. Ela também havia mudado a minha alimentação e eu não comia mais ração.

O fato de eu ainda estar no quarto escuro, acorrentado, me fez duvidar de suas palavras, mas, como eu poderia julgá-la por me manter ali? Eu era uma besta selvagem, já tinha a tratado com violência várias vezes, em poucos momentos demonstrei gentileza... Amy não confiava em mim para me libertar. Com certeza, ela tinha medo de que eu fosse atacá-la na primeira oportunidade. E eu também não sabia se confiava nela o suficiente para

acreditar em suas palavras ou se confiava em mim mesmo para não surtar do lado de fora.

De certa forma, a minha doença serviu para quebrar vários obstáculos entre nós dois. Agora que estava com a mente mais calma, sem a dor de cabeça, eu conseguia entender melhor o que estava acontecendo. Para cuidar de mim, Amy teve que me tirar do quarto escuro. Em nenhum momento ela demonstrou duvidas ou arrependimento pelo o que havia feito. A sua preocupação por mim foi bem maior do que o medo que, certamente, ela ainda deveria sentir. Naquele momento, mais do que em outros, senti-me muito arrependido pela forma como a tratei da última vez em que foi me ver no quarto escuro. Amy não foi nada mais do que gentil comigo, me deu o que vestir, penteou meus cabelos, cuidou de mim e eu a ataquei como um selvagem.

Mesmo tendo consciência de que eu não tinha como saber se ela estava sendo sincera ou não, eu não tinha o direito de ter feito o que fiz. Errei com ela mais uma vez; mesmo assim, ela não mediu esforços para estar ao meu lado e cuidar de mim.

Vi o dia amanhecer, senti sono, mas não me permiti dormir. Fiquei na mesma posição a noite toda, virado para ela e a cobri no meio da noite quando vi sua pele se arrepiar de frio. Sabia que era muito pouco perto do que ela havia feito por mim, mas foi a minha forma de retribuir. Quando não aguentei mais segurar o xixi, me levantei e cambaleei um pouco até chegar ao banheiro e me avaliar. Novamente, me perdi em frente à minha imagem no espelho e, depois de lavar as mãos, apoiei-me na bancada e olhei com atenção para mim mesmo.

Eu não via nada além de um homem selvagem, que já havia sofrido muito na vida e que estava quebrado por dentro. Por isso, queria muito perguntar a Amy o porquê de ela se importar comigo. O que ela via em mim que eu não conseguia enxergar? Por que ela parecia disposta a me ajudar? Por que fazia questão de me tratar com tanta gentileza, sendo que, na maioria das vezes, eu fiz de tudo para assustá-la? Por que continuava a voltar para mim, quando eu queria afastá-la?

Minha mente estava cheia de dúvidas, de perguntas, até que a principal de todas me invadiu: quem era Amy? Como poderia ter poder sobre os homens

do Mestre? O que ela representava?

Senti um frio no estômago, pois, de repente, eu não sabia se queria aquelas respostas. E se ela, de alguma forma, trabalhasse para o Mestre? Eu já sabia que ela era boa para mim, mas, se ela trabalhava para ele, então, talvez, ela não fosse tão boa assim. Senti minha mente rodar em confusão, pensando em um monte de coisas, até que uma movimentação do outro lado da porta me chamou a atenção. Aproximei-me devagar e ouvi quando alguém falou:

— Amy? Amy, acorde!

Era a voz de um homem. Havia um homem no quarto e Amy estava sozinha, desprotegida. Sem pensar duas vezes, abri a porta do banheiro e encontrei o cara curvado sobre Amy, tocando em seu cabelo. Ele estava *tocando* nela! Só entendi o que eu havia feito quando ouvi o baque do corpo do homem contra a parede, enquanto apertava o seu pescoço.

— Me... Sol... Solta... — ele gemeu em um tom esganiçado e eu olhei bem dentro dos seus olhos. Nunca o tinha visto antes, mas sabia que o Mestre tinha muitos homens em sua equipe. Aquele poderia ser mais um. Apertei seu pescoço com mais força e pressionei sua virilha com a minha perna. Ele ficou vermelho e se debateu. — Se afas... afaste...

— Meu Deus! Rage, pare! Rage! — Senti as mãos de Amy em meus ombros, mas não parei. Aquele homem poderia ser perigoso, ele estava tocando nela, poderia tê-la machucado. Senti meu sangue ferver nas veias e enrolei meus lábios na frente dos dentes. Filho da puta! Eu nunca deixaria que ninguém a machucasse, nunca! — Rage, por favor, pare! Eu o conheço, esse é Hernandez, ele é meu amigo! Pare! Você vai matá-lo!

Olhei para ela e vi o seu desespero, seus olhos cheios de lágrimas, sua expressão apavorada, em seguida, olhei para o cara. Seu rosto já estava quase roxo, eu precisava de apenas mais alguns minutos para terminar com ele, mas foi a expressão de pavor no rosto de Amy que me fez soltá-lo e dar um passo pequeno para trás. Vi quando ele caiu sentado no chão, tossindo e tentando respirar ao mesmo tempo, enquanto Amy se abaixava ao seu lado para o ajudar.

— Meu Deus, Hernandez, fale comigo... Eu sinto muito... — ela murmurava, tocando em seu rosto. Quando ela se virou para me olhar, senti

meu coração despencar no peito. Ela parecia estar com raiva. Com raiva de mim. — Afaste-se, Rage! Fique longe!

Dei mais um passo para trás, sem saber o que fazer. Não estava arrependido por ter atacado o homem, mas estava me sentindo mal por fazer com que Amy chorasse e sentisse raiva de mim. Eu não queria aquilo, não queria que ela ficasse com raiva de mim, não queria que me odiasse. Eu não entendia o porquê, mas sabia que iria doer muito se ela começasse a me odiar. O homem finalmente parou de tossir e me olhou com a respiração ofegante. Amy tocou em seu rosto.

— Está melhor? Quer uma água? — Ela perguntou e o homem balançou a cabeça, ainda olhando para mim.

— Por que me atacou? — Eu sabia que ele estava fazendo a pergunta para mim, mas eu não iria responder. Eu não falaria com ninguém, apenas com Amy. — Eu te fiz uma pergunta, rapaz.

Rapaz. Ninguém nunca me chamava assim. Era sempre cão, aberração, inútil... Será que ele não sabia como deveria me tratar?

— Rage, você pode responder — Amy disse, ainda me olhando. Ela parecia ainda estar com raiva de mim e suas bochechas estavam molhadas com lágrimas.

Eu a fiz chorar de novo. A constatação caiu sobre mim e senti meu estômago afundar e o meu peito doer. Querendo fazer qualquer coisa para que ela não sentisse mais raiva de mim, respondi para o homem.

— Pensei que queria machucar.

— Machucar quem? A Amber? — Ele perguntou com a voz ainda rouca e eu assenti. Vi quando apertou o maxilar e se levantou com a ajuda de Amy, parecendo estar com raiva. Só naquele momento notei que seu braço estava imobilizado, como o meu já havia ficado várias vezes. — Eu nunca machucaria a Amber! Nunca! Ela é como uma filha para mim, seu moleque!

— Fique calmo, Hernandez, por favor — Amy pediu, acariciando o peito dele. Não entendi porque meu a coração se apertou ao ver aquilo, nem porque senti um pouco de raiva. Ele parecia ser importante para ela, mas por quê? Quem era ele? — Ele não tinha como saber — Amy disse, olhando para mim sem chorar. A raiva dela parecia ter diminuído.

— Vai atacar todo homem que chegar perto dela? — O homem, Hernandez, me perguntou.

— Sim — respondi sem pensar duas vezes. Eu não sabia no que isso me transformava aos olhos de Amy, mas não podia deixar que ela corresse qualquer tipo de perigo. Enquanto eu estivesse ao seu lado, ela estaria segura.

De algum jeito, a raiva do homem pareceu abrandar e o aperto em seu maxilar desapareceu. Ele me olhou de cima a baixo, não como os outros homens faziam, mas como se estivesse me avaliando, tentando descobrir quais eram as minhas intenções. Por fim, soltou um suspiro e tocou o pescoço, fazendo uma careta.

— Bem, pelo menos Amy estará protegida. Isso eu tenho que admitir — murmurou e olhou para Amy. — Vim te chamar para tomar café da manhã. Você precisa se alimentar, não comeu quase nada ontem.

— Eu... Eu já vou — ela respondeu, parecendo incerta. — Está mesmo bem? Não é melhor ir ao médico?

O homem riu e balançou a cabeça.

— Essa não é a primeira vez que alguém aperta o meu pescoço, apesar de ter sido a pior de todas. O rapaz é forte e sabe o que faz — disse ele, olhando-me mais uma vez. Amy me olhou com um pouco de ressentimento e eu me senti mal de novo. Ouvi quando Hernandez disse para ela. — Estarei te esperando lá embaixo.

Hernandez passou por mim e saiu do quarto, deixando-me sozinho com Amy. Eu não sabia ao certo o que fazer, muito menos o que falar, por isso, sentindo-me envergonhado, abaixei a cabeça e olhei para os meus pés. Fiquei assim por incontáveis minutos, sentindo o os olhos de Amy sobre mim, mas sem coragem de encará-la. Eu era mesmo um covarde.

— Não precisava ter feito aquilo, Rage — Amy disse, mas continuei a olhar para os meus pés. — Hernandez é meu amigo. Sei que você ainda não o conhecia, mas aquilo foi desnecessário... Foi horrível.

Enfiei minhas mãos nos bolsos, me sentindo mal, mas, ao mesmo tempo, sabendo que não poderia me desculpar. Ele era amigo dela, mas, e se não fosse? Eu não poderia arriscar.

— Ele estava curvado sobre você. Achei que queria te machucar — falei

baixinho, olhando para ela rapidamente. — Eu queria te proteger.

Assim que as palavras deixaram a minha boca, senti uma espécie de dor no meu peito. Foi ali que entendi que eu não era indiferente a Amy, muito pelo contrário, eu me *importava* com ela. Eu não sabia como aquilo era possível, mas era como se ela tivesse se entranhado dentro de mim e estivesse mexendo com cada sentimento que eu nem sabia que poderia nutrir.

Por um momento, ela apenas me encarou e eu esperei que falasse alguma coisa, mas nada saiu de seus lábios. Sem poder parar a minha mente, comecei a imaginar um monte de coisas. E se ela não entendesse que eu queria apenas protegê-la? E se ela achasse que eu era como os homens do Mestre? Se achasse que eu fosse um monstro? Senti um medo horrível ao pensar nessa possibilidade e, desesperado, já estava pronto para lhe dizer que eu não era como os homens ruins do Mestre, quando ela se aproximou a passos rápidos e me abraçou com força pelos ombros, ficando nas pontas dos pés.

Senti meu coração bater forte no peito e fiquei estático, sem saber o que fazer. Era a segunda vez que ela me abraçava e, mesmo odiando que me tocassem, eu me senti bem. Me senti... *Protegido*. Nunca, desde que fui sequestrado, eu me senti desse jeito. Ela me acolhia de uma forma que fazia cada parte do meu corpo se esquentar e eu me senti muito idiota por não saber como retribuir.

"Tente, Rage. Apenas... Tente", uma voz disse em minha cabeça e, muito sem jeito, passei meus braços ao redor do seu corpo, puxando-a completamente para mim. Amy era baixinha, sua cabeça batia na altura do meu peito, mas, mesmo assim, eu sentia como se fosse o meu encaixe perfeito. Nunca me senti tão bem em toda a minha vida.

— Obrigada — ela disse baixinho e eu não entendi o porquê de estar me agradecendo. Ela explicou segundos depois: — Obrigada por querer me proteger, mesmo quando não é necessário. Obrigada por se importar comigo.

Quis dizer que não tinha como eu não me importar com ela, porque, desde o dia em que a vi pela primeira vez, algo mudou dentro de mim. Eu não sabia o que era, mas sabia que ela havia me tocado lá no fundo, se infiltrado em meu peito e em minha cabeça. Contudo, não disse nada, simplesmente acariciei suas costas sentindo o efeito do seu corpo tão perto do meu, sentindo o seu cheiro, a textura sedosa do seu cabelo.

Percebi que eu poderia ficar ali para sempre e foi isso que me assustou mais do que tudo. Eu nunca havia sentido necessidade de ficar perto de outra pessoa, muito menos de sentir o seu toque ou o seu abraço. O que estava acontecendo comigo? Eu não sabia, mas também não queria achar a resposta, pois tinha muito medo dela. Segundos depois, Amy saiu dos meus braços e se afastou um pouco de mim.

— Como você está se sentindo? — Perguntou.

"Confuso", quis dizer, mas apenas respondi:

— Bem.

Ela tocou em minha testa e em meu pescoço, me dando um sorrisinho aliviado.

— Sem febre, isso é muito bom. Está com fome?

— Não muita.

— Mas precisa comer, se não, não vai melhorar. Que tal irmos na cozinha tomar café da manhã?

Eu não queria sair daquele quarto, assim como não queria que ela saísse. Em partes, porque sentia medo do que poderia nos aguardar do outro lado daquela porta e, em partes, porque queria ficar apenas com Amy. Por mim, poderíamos viver naquele quarto para sempre, mas logo me repreendi por ter aquele tipo de pensamento. Acho que estava ficando louco.

— Não há perigo lá fora, Rage. Eu juro — ela disse e eu assenti, porque, de certa forma, eu estava entendendo que eu confiava nela. Contra todas as possibilidades, contra tudo o que eu conhecia e acreditava, eu estava *confiando* em Amy. E isso não me assustou.

— Está bem.

Ela me deu um sorriso enorme, sincero e eu me vi respondendo, lhe dando um sorrisinho pequeno. Acho que era o máximo que eu conseguia, mas isso pareceu deixá-la feliz. Realmente, Amy parecia ficar feliz com pouca coisa e eu me senti aliviado por ela não estar mais magoada comigo e nem com raiva de mim.

Tomando a minha mão, ela me levou para a porta do quarto e eu senti meu coração acelerar quando ela girou a maçaneta e deu o primeiro passo para o corredor. Eu estava fazendo aquilo, estava livre das correntes, caminhando ao

lado de Amy. Silenciosamente, torci para que aquilo não fosse apenas um delírio da minha mente. Torci para que durasse para sempre.

Amy me levou pelo extenso corredor, até pararmos em uma escada. Descemos os degraus e eu olhei para tudo em volta, querendo absorver o máximo de detalhes possível. A casa era grande e muito chique, mas não foi isso que me chamou a atenção, o que me fascinou, de verdade, foram as grandes portas de vidro na sala, que deixavam uma visão completa para a floresta do lado de fora. Percebi que a casa era protegida por cercas brancas, que deixavam a floresta a alguns metros de distância, mas não me ative a isso, pois estava completamente sem fôlego.

— Se você quiser, a gente pode ir lá fora depois — Amy disse ao meu lado e eu me virei para olhá-la. — Mas vamos precisar colocar uma roupa quente em você, pois está muito frio e não quero que piore.

Apenas assenti, sabendo que concordaria com qualquer coisa que ela quisesse, se pudéssemos realmente ir lá fora. Segurando a minha mão, Amy me fez caminhar pela casa enorme, até chegarmos a uma cozinha gigante e muito branca. Quis olhar em volta, como havia feito nos outros cômodos da casa, mas não consegui, pois vi que aquele homem estava lá. Hernandez estava lavando algo na pia e se virou para nós dois. Vi que olhou para mim, em seguida, olhou para a minha mão unida a de Amy, franzindo o cenho em seguida.

Senti meu corpo ficar tenso e, mesmo sabendo que ele era amigo dela, não conseguia confiar. Por que estava olhando daquele jeito para nós dois? Será que iria nos atacar por eu estar segurando a mão de Amy? Se ele fizesse qualquer movimento suspeito, esqueceria na hora o pedido dela para não o atacar mais e partiria com tudo para cima dele.

— Rage? Está tudo bem, Hernandez não vai te machucar — Amy disse ao meu lado, apertando levemente a minha mão.

— Pode ficar tranquilo, rapaz. Comigo você não corre perigo — Hernandez disse, me dando um olhar tranquilo. — Vou deixá-los a sós para que possam tomar o café da manhã.

— Obrigada, Hernandez.

Com um aceno de cabeça, ele saiu e nos deixou sozinhos. Amy me levou para perto da mesa e indicou uma cadeira para que eu me sentasse,

acomodando-se ao meu lado. Tinha tanta comida sobre a mesa, que me senti um pouco perdido.

— O que quer comer? Pode pegar qualquer coisa, Rage.

Eu sentia o meu estômago um pouco embrulhado, mas lembrei-me do que Amy havia falado para mim no quarto. Se eu não me comesse, não iria melhorar da minha doença, mas me perguntei o que aconteceria comigo se eu melhorasse. Será que eu voltaria para o quarto escuro? Será que me acorrentariam de novo? Talvez, permanecer doente fosse a melhor opção, mas logo descartei essa ideia. Não seria justo com Amy e eu me sentia um covarde só de pensar nessa possibilidade.

— Vou colocar um pouco de salada de fruta para você — disse ela, colocando um monte de fruta picada em um potinho de vidro. Depois, o colocou na minha frente. — Coma uma pouco, Rage.

Peguei a colher ao meu lado e fiquei envergonhado por não saber ao certo como segurá-la. Ao menos conseguia me lembrar da última vez que eu havia comido com algum talher. O que Amy não pensaria de mim? Engoli em seco o nó que se formou em minha garganta e olhei para a colher pequena em minha mão, parecendo muito frágil em meu aperto de ferro. Senti o toque delicado de Amy em meu braço.

— Você pode segurar assim — ela disse ao meu lado, tocando levemente na minha mão. Abri os meus dedos e deixei que ela posicionasse a colher de forma correta na minha palma, mas achei muito estranho segurar daquele jeito. Parecia que eu deixaria a comida cair quando tentasse pegá-la. Mesmo assim, não reclamei. — Tente comer.

Levei a colher ao pote com as frutas picadas e peguei um pouco, tentando levar até a minha boca. Na primeira tentativa, as frutas caíram na mesa e eu morri de vergonha. Eu era mesmo uma besta, um inútil! Quem, na minha idade, não sabia comer com uma simples colher? Senti-me muito frustrado, com uma vontade estranha de chorar, mas Amy pousou a mão sobre a minha e olhou nos meus olhos com um sorriso gentil.

— Está tudo bem, Rage, não tem problema. Você pode tentar quantas vezes forem necessárias. Sabia que eu também demorei a aprender? Principalmente a comer de garfo e faca, é um saco. — Ela sorriu e eu não sabia se estava falando aquilo para me acalmar ou se estava sendo verdadeira.

— Tente de novo, não precisa ter pressa.

Senti que minha mão tremia um pouco, mas respirei fundo e tentei novamente. Não deixei as frutas caírem, mas tremi ainda mais quando aproximei a colher da minha boca. Pelo menos consegui comer sem deixar nada cair. Ainda estava mastigando, quando notei o olhar de orgulho de Amy sobre mim e o seu sorriso enorme. Senti uma pontada no peito, algo como satisfação por tê-la deixado orgulhosa.

Voltei a comer, sentindo-me menos trêmulo a cada tentativa. Acho que nunca havia comido uma salada de frutas antes e o gosto era muito bom. Algumas frutas eram bem doces, outras eram azedas e eu me concentrava para tentar sentir o gosto de cada uma delas. Apesar de não estar com muita fome, comi tudo e bebi um pouco do suco que a Amy colocou para mim.

— Quer comer mais? — perguntou e eu neguei com a cabeça. — Tudo bem. Que tal subirmos, trocarmos de roupa e irmos lá fora? Acho que você vai gostar.

Senti meu coração disparar no peito. A possibilidade de ir lá fora, depois de tantos anos, estava prestes a se tornar real. Sem palavras, apenas assenti e me levantei da mesa junto com ela, segurando a mão que me estendeu.

Apesar de estar muito feliz por estar prestes a sentir o sol em minha pele de novo, foi segurar a mão de Amy que deixou a minha alma eufórica.

Capítulo 12

Rage

Amy me deixou no quarto aonde dormimos e disse que iria à suíte dela trocar de roupa e trazer roupas mais quentes para mim. Sozinho, sentei-me na beirada da cama, pensando em como a minha vida havia mudado desde o dia em que abri os olhos e a encontrei deitada ao meu lado no quarto escuro. Infelizmente, eu ainda podia sentir o seu pescoço entre as minhas mãos, quando, completamente furioso, parti para cima dela com a intenção de matá-la. Agora, eu me arrependia muito do modo como agi.

Apesar de ter consciência de que eu não sabia quem ela era e que estava apenas me defendendo, eu deveria ter parado no meio do caminho. Ela era uma mulher e isso, por si só, já deveria ter me impedido. Apesar de ter vivido anos dentro de um quarto escuro, eu ainda conseguia me lembrar, mesmo que vagamente, da minha mãe dizendo que era errado agredir uma mulher e eu havia agredido Amy. A culpa me remoía com muita força, até porque, eu não havia feito isso apenas uma vez.

Eu não era acostumado a sentir culpa, muito menos pelo modo como eu agia. Ficar preso, ser humilhado e obrigado a fazer coisas que eu não gostava havia, de certo modo, alimentado a raiva e o ódio que tinham nascido dentro de mim e isso parecia me dar carta branca para acabar com quem quer que se aproximasse ou que desse uma brecha para que eu pudesse me defender. Agora, no entanto, eu sentia que isso não cabia a Amber. Em um primeiro momento eu não sabia, mas agora tinha consciência de que ela, talvez, não fosse uma ameaça. Se fosse, não teria cuidado de mim, certo? Não teria me tirado do quarto escuro e nem estaria me dando a oportunidade de ir lá fora pela primeira vez em anos.

Com um peso esquisito no peito, torci as mãos em meu colo e tentei pensar em algo que eu pudesse fazer para me redimir. Acabei ficando frustrado, pois minha mente rodava e eu não conseguia chegar a lugar algum. O que uma pessoa fazia para tentar se desculpar com a outra? Sentia-me um

inútil ao perceber que nem isso eu sabia. Foi por isso que deixei de sonhar com a liberdade enquanto estava no quarto escuro. Depois de anos agindo como um animal selvagem, era extremamente difícil saber como agir de modo sociável, como um ser humano.

O que Amy pensaria de mim se soubesse que eu não sabia como agir como uma pessoa normal? Será que voltaria a me colocar no quarto escuro? Será que me abandonaria? Não entendi o nó que se formou em minha garganta ao pensar nessa possibilidade. A verdade era que eu não sabia o que esperar. Estar sem as correntes, poder caminhar por aquela casa com ela, não significava que eu estava livre de verdade e isso me fez murchar um pouco sobre a cama. O que iria acontecer comigo? O que Amy reservava para mim?

Despertei dos meus pensamentos quando ouvi a porta se abrindo. Rapidamente me levantei da cama e perdi o fôlego ao ver Amy caminhar em minha direção. Ela estava linda usando uma calça azul que se agarrava em suas pernas, blusa de manga comprida e os cabelos soltos e penteados. Em suas mãos, ela trazia um casaco preto e grosso e uma escova de dentes.

— Achei uma escova de dentes nova no meu banheiro — ela me disse, estendendo-me a escova. — Ali no banheiro tem um creme dental fechado, que você pode usar.

Peguei a escova de sua mão e fui em direção ao banheiro, achando o creme dental no lugar aonde ela havia indicado. Coloquei um pouco na minha escova, em seguida, comecei a escovar os dentes. Quase suspirei ao sentir o gosto bom do creme dental. Mestre só me deixava escovar os dentes quando me levava para fora do quarto escuro e isso havia acontecido há muito tempo. Assim que terminei, voltei para o quarto e Amy me deu um sorrisinho, tocando em minha testa.

— Sem febre, isso é muito bom — falou, estendendo o casaco para mim. — Para você. Precisa se proteger do frio lá fora.

Vesti-me rapidamente e tive um pouco de dificuldade para subir o fecho. Ela logo se aproximou e me ajudou.

— Pronto? — Sorriu, estendendo a mão para mim.

Coloquei a minha mão sobre a dela, sentindo como os seus dedos eram delicados e macios. Desde a noite anterior, quando ela colocou a mão sobre a minha, eu não conseguia tirar da cabeça a sensação de nossas mãos unidas. A

cada vez que nos tocávamos, a sensação parecia ficar mais intensa. Amy me olhou mais uma vez, em seguida, se virou para ir em direção a porta, mas eu a puxei de volta até ter os seus olhos nos meus de novo. Por um momento, só pude olhar para eles, pensando nas palavras certas para lhe dizer.

— Rage... O que foi?

Abri a boca, mas senti as palavras se perderem dentro de mim. Amy franziu o cenho.

— Rage? Não quer ir lá fora? É isso? Não há perigo algum, eu juro, eu...

— Desculpa. — A interrompi, sentindo meu coração disparar no peito e as palmas das minhas mãos ficarem suadas. Estava nervoso, pois sabia que uma simples palavra não poderia apagar tudo o que eu havia feito com ela.

— Desculpa? Pelo o quê?

— Por... Machucar você. — Consegui dizer. Ela me olhou em confusão.

— Me machucar? Você não me machucou, Rage.

— Machuquei, sim. No quarto escuro. Três vezes. — Fiz o número três com os dedos que não seguravam a sua mão. — Desculpa.

Amy me olhou com a boca aberta, como se, agora, fosse ela que não tivesse palavras para me responder. Eu sabia que pedir desculpas não era o suficiente, mas esperei, do fundo do coração, que ela pudesse me perdoar.

— Ah, Rage... — ela murmurou, aproximando-se de mim. Segurei a respiração quando senti sua mão tocar o meu rosto, pois não queria fazer nada que pudesse afastá-la. — Você tem a alma mais gentil que eu conheço.

Fiquei confuso. Como ela poderia achar algo assim de mim? Será que havia se esquecido de tudo o que eu havia feito a ela? Comecei a balançar a minha cabeça de um lado para o outro.

— Não.

— Sim — disse ela, tocando em minha barba. — É verdade, Rage. Você tem uma alma gentil.

— Não. Machuquei você. Machuquei você *três* vezes — repeti, pois, talvez, ela realmente tivesse se esquecido.

— Você se defendeu da maneira que sabia. Sei que não fez por maldade e, sim, para se proteger. Eu entendo.

Aquilo não era desculpa para o que eu havia feito e, agora que entendia isso, queria que ela entendesse também.

— Foi errado. Eu... Eu poderia ter... — "*matado você*." Era isso que eu tinha que falar, mas não conseguia. As imagens das minhas mãos apertando o seu pescoço voltaram a invadir a minha mente e eu me senti nauseado. Sem conseguir falar as palavras, toquei de leve em seu pescoço já livre das marcas roxas que eu havia deixado nele. — Desculpa, Amy, por favor.

— Eu nunca culpei você.

— Mas preciso que me desculpe — falei, voltando a olhar nos seus olhos. — Por favor.

Ela voltou a acariciar o meu maxilar coberto pela barba e eu senti um arrepio bom passar pela minha espinha. A sensação da sua mão em mim parecia ser a melhor coisa mundo. Acho que nem o fato de ir lá fora poderia superar o que eu estava sentindo dentro daquele quarto e, apesar de me sentir um pouco assustado com aquele sentimento, eu resolvi não pensar muito e aproveitar.

— Eu desculpo você — ela disse olhando nos meus olhos. Senti meu coração se aliviar no peito. — Eu desculpo você, Rage.

Foi a minha vez de acariciá-la. Eu não sabia se estava fazendo da forma correta, se eu poderia tocá-la daquele jeito ou não, mas senti dentro de mim a vontade de retribuir o que ela me fazia sentir. Devagar, subi as pontas dos meus dedos pelo seu pescoço até o maxilar delicado, chegando as suas bochechas levemente coradas. Ali, deixei meu polegar a acariciar levemente, sentindo como sua pele era macia e quente contra a minha. Amy me olhava sem piscar, parecendo estar surpresa com a minha atitude.

— Obrigado, Amy — sussurrei, sentindo uma vontade enorme de puxá-la contra o meu peito e abraçá-la, mas senti medo de a assustar.

Surpreendendo-me, Amy fechou os olhos e inclinou o rosto em direção a minha mão. Era como se ela estivesse aproveitando o meu carinho, gostando de verdade. Será que ela sentia o mesmo que eu? Será que seu coração também estava disparado? Será que ela também queria me abraçar? Quando voltou a me olhar, senti vontade de lhe perguntar tudo isso, mas me contive.

— Não precisa agradecer — ela sussurrou, pegando a minha mão que

estava em seu rosto. Abri a boca em choque quando ela deu um beijo na palma. A sensação dos seus lábios em minha pele fez cada pelo do meu corpo se arrepiar, deixando-me sem fôlego e confuso ao mesmo tempo. Será que o que eu estava sentindo era normal? Será que, se eu beijasse a palma da sua mão, ela sentiria o mesmo?

"Não se atreva, Rage! Você irá assustá-la!", uma voz disse dentro da minha cabeça e eu me segurei.

— Ainda quer ir lá fora? — Ela perguntou.

— Sim.

— Então, vamos.

Dando-me um sorriso, Amy entrelaçou nossos dedos e saímos do quarto. Fizemos o mesmo caminho pelo corredor extenso até a escada, em seguida, atravessamos a sala chique e paramos em frente à porta enorme de vidro. Olhei rapidamente em volta, querendo saber se aquele amigo dela estava ali, mas não encontrei ninguém. Estávamos sozinhos e eu estava prestes a sentir a brisa no meu rosto. Quando ela abriu a porta e me levou para o lado de fora, eu perdi o fôlego.

Andei ao lado dela sem realmente ver aonde eu pisava, pois meus olhos estavam perdidos na floresta a minha frente. As árvores eram grossas e enormes, o sol brilhava de modo fraco e a brisa gelada batia em meu rosto, trazendo o cheiro de terra molhada.

Cheiro de terra molhada. Eu lembro que era um dos meus cheiros favoritos quando era criança, pois morávamos em uma casa grande, com três árvores no quintal e, sempre que chovia, esse cheiro se espalhava pelo ar. Senti vontade de chorar. Um filme passou pela minha cabeça quando me dei conta de que sequer me lembrava de quando havia visto uma árvore pela última vez, ou de quando senti uma brisa no meu rosto e o sol em minha pele.

Atravessamos a cerca branca que separava a casa da floresta e seguimos em frente, até nos embrenharmos entre as árvores. Eu quase não podia piscar.

— O que quer fazer? — Amy perguntou ao meu lado. Ela me olhava com um enorme sorriso no rosto.

"Quero ficar aqui para sempre", quis falar. Ao invés disso, olhei rapidamente em volta, sentindo que eu tinha um mundo de possibilidades

bem a minha frente pela primeira vez na minha vida.

— Posso tocar a árvore? — perguntei.

— Claro que sim.

Fiquei um pouco triste por ter que soltar a sua mão, mas senti que eu precisava fazer aquilo sozinho. Tomando coragem, dei alguns passos e parei em frente à uma árvore muito alta, com o tronco grosso. Ela parecia me chamar, por isso, ergui minhas duas mãos e a toquei. Não sei bem o que senti, foi uma mistura de euforia e raiva. Senti-me alegre por finalmente estar do lado de fora e senti raiva do Mestre por ter me privado de algo tão simples durante anos. A pergunta que há muito eu havia deixado de me fazer, voltou com força total em minha mente.

Por que eu?

Por que eu?

Eu não desejava tudo o que passei para ninguém — só para o Mestre —, mas, mesmo assim, eu me perguntava o porquê de justamente eu ter sido o escolhido para viver uma vida tão ruim, para ser preso e humilhado, ter meus pais mortos, ser torturado e obrigado a fazer coisas que machucavam não só o meu corpo, mas a minha alma. Por quê? Por que o Mestre tinha que ser tão mau? Por que havia *me* escolhido?

Eram perguntas que eu havia desistido de encontrar as respostas, mas, estando ali fora e percebendo tudo o que perdi, quis muito saber cada uma delas. Lágrimas grossas desceram pela minha bochecha, mas fiquei com vergonha de Amy ver e as sequei rapidamente, respirando fundo antes de me virar para encará-la. Foi com surpresa que percebi que ela também chorava.

— Ah, Rage... — ela murmurou, correndo em minha direção e se atirando em meus braços. A segurei por reflexo, por conta do susto, mas logo aproveitei para abraçá-la com força, do jeito que eu queria fazer quando estávamos no quarto.

— Obrigado — sussurrei em seu ouvido, sentindo lágrimas invadirem os meus olhos. — Obrigado por isso, Amy.

Ela balançou o rosto de encontro ao meu peito e me apertou com força pela cintura, como se não quisesse se desgrudar de mim. Eu também não queria que se afastasse, por isso, com ela em meus braços, sentei-me no chão

levando-a comigo e a segurei com mais força quando ela se acomodou entre as minhas pernas abertas.

Ficamos daquele jeito, agarrados um ao outro, no meio da floresta, com o cheiro de terra molhada nos envolvendo e as árvores nos protegendo. Percebi que não havia outro lugar, no mundo inteiro, em que eu preferia estar.



Amber

Tentei me concentrar no livro que estava lendo, no entanto, mais uma vez, peguei-me envolta de lembranças do que vinha acontecendo entre mim e Rage. Tantos sentimentos me invadiam, que eu sentia com intensidade cada momento que passávamos juntos. Encarando o livro em meu colo, minha mente voltou ao momento em que peguei Rage com as mãos no pescoço de Hernandez. Não lembro exatamente o que senti, mas lembro com exatidão do momento em que meu coração derreteu no peito quando ouvi as suas palavras baixinhas.

"Eu queria te proteger."

A voz de Rage voltou com tudo em minha cabeça e senti meu coração disparar no peito. Seus olhos arrependidos e envergonhados, sua voz suave e incerta, cortaram de vez o choque que senti ao pegá-lo com as mãos no pescoço de Hernandez. Vi minha decepção cair por terra quando percebi que Rage quis me defender. Ele quis *me proteger*. Nunca passou pela minha cabeça que ele poderia agir dessa forma por minha causa e, no fundo, eu não sabia como pensar ou reagir. Derreteu meu coração saber que ele se importava comigo aquele ponto, mas também me pegou completamente de surpresa.

Eu ainda me sentia pisando em ovos com Rage. Era muito difícil saber

como agir perto dele, o que falar, pois ele era muito difícil de se ler. Rage guardava um mundo dentro de si e pouca coisa colocava para fora. Ele não sabia como se expressar, tinha receio de falar e, apesar de estar se abrindo aos poucos, ainda parecia manter a maior parte para si mesmo, o que era compreensível. Por isso, eu gostava de tomar cuidado quando estava ao lado dele, tinha medo de falar qualquer coisa que pudesse fazer com que ele se fechasse.

Sabia que, em algum momento, teria que explicar para ele quem eu era e o porquê de querer o ajudar a se libertar das garras de Maximus. Conseguia ver que, às vezes, ele me olhava com um interesse redobrado, como se quisesse saber quem eu era de verdade. Doía em meu coração saber que lhe contar a verdade poderia o afastar. O que ele pensaria de mim ao saber que eu era filha do homem que era seu carrasco? Será que pensaria que eu era como ele, mesmo eu tendo demonstrado que nós dois não tínhamos nada em comum? Será que me odiaria? Será que voltaria a me tratar com violência?

O seu pedido de desculpas naquela manhã ainda parecia levitar dentro da minha alma. Foi outra coisa que me pegou completamente desprevenida. Pude ver em seus olhos como parecia culpado por ter me machucado, mesmo que tenha agido apenas para se defender de um suposto inimigo. Eu o entendia completamente, em seu lugar teria agido da mesma forma, mas ele parecia não aceitar muito bem aquela desculpa. Ficou muito claro como ele estava incomodado, culpado de verdade pelo o que havia feito comigo.

A cada vez que Rage se abria e me permitia conhecê-lo melhor, com mais clareza eu conseguia ver que, dentro daquele homem machucado, havia uma alma linda, que reluzia pelas frestas do muro que ele havia erguido em torno de si. Ficava me perguntando como ele seria se tivesse vivido como um homem normal. Certamente, seria tão encantador, que teria milhares de mulheres aos seus pés. Com aquele coração gentil, que se sentia culpado mesmo depois de ter agido apenas em sua própria defesa, ele poderia ter quem quisesse.

Não entendi porque me senti incomodada ao pensar nisso. Minha mente criou uma imagem estranha de Rage abraçado a outra mulher e um gosto amargo invadiu a minha boca. Não gostando nada do rumo dos meus pensamentos, olhei rapidamente para ele, que dormia na cama e voltei para o livro, mas não foram nas palavras que me concentrei e, sim, no momento em

que saímos de casa e na expressão de Rage ao entrarmos na floresta.

Não sabia há quanto tempo ele estava nas mãos do meu pai, mas, pela sua expressão, parecia que fazia anos. Ele olhava para todos os lados com euforia, curiosidade e um brilho nos olhos que me afetou e me deixou profundamente emocionada. Quando perguntei o que ele queria fazer, achei que falaria que queria andar mais um pouco ou talvez correr, mas a sua simplicidade me tocou de uma forma que fez com que lágrimas escapassem dos meus olhos.

"Posso tocar a árvore?"

Nada no mundo poderia descrever como me senti ao vê-lo se aproximar da árvore e tocá-la com reverência. Naquele momento, senti-me tão incapaz, tão inútil por saber que ele havia perdido anos da sua vida, que havia sido privado das coisas mais simples que um ser humano poderia ter. O modo gentil como acariciou o tronco fez com que meu coração se quebrasse em mil pedaços, porque eu só podia imaginar o que estava passando pela sua mente naquele momento.

Senti tanta dor por ele. Meu Deus, se eu pudesse, faria qualquer coisa para lhe dar de volta os anos que perdeu, para tirar dele cada marca que meu pai deixou. Como um ser humano podia ser tão ruim? Como podia não ter um pingo de sentimento dentro de si? Era inconcebível que, em minhas veias, corresse o mesmo sangue que aquele monstro. Matava-me por dentro o fato de ser sua filha. Queria vomitar a cada vez que me dava conta de que o mesmo homem que havia acabado com a vida de Rage, era o meu pai.

Quando Rage parou de tocar a árvore e se virou para mim, senti vontade de rodeá-lo em meus braços e o proteger do mundo. Quis tanto colocá-lo dentro de mim, guardá-lo, que sequer pensei, apenas me joguei nos seus braços e torci para que me abrasasse de volta. Só me dei conta de que ele realmente havia me segurado, quando se sentou comigo no chão e me agarrou com tudo de si.

Enquanto eu vivesse, não me esqueceria daquele momento. Nós dois nos braços um do outro, no meio da floresta, unidos por uma força, um sentimento que parecia ser maior do que a vida. Não havia explicação para o que senti naquele momento, para forma como o meu coração disparou no peito e se encheu ao ponto de parecer explodir. Ali, me dei conta de que Rage

era muito mais importante do que eu poderia mensurar. De alguma forma, ele havia invadido cada parte dentro de mim e tomado o meu coração para si. Estava muito mais envolvida com ele do que poderia imaginar.

Não sei por quanto tempo ficamos sentados na terra úmida, agarrados um ao outro, mas, em algum momento, soubemos que precisávamos voltar. Entramos em casa e fomos direto para o quarto. Depois disso, assistimos a um filme e ficamos juntos a tarde inteira, aproveitando a companhia um do outro em meio ao silêncio. Rage não era a pessoa mais comunicativa do mundo e eu também não sentia muita vontade de falar, envolta por pensamentos e sentimentos que me preenchiam.

Naquela semana, entramos em uma rotina e, sempre depois do café da manhã, dávamos uma volta lá fora. Rage parecia amar cada passeio e, quando voltávamos, ficávamos no quarto e eu colocava algum filme para assistirmos. Ele não parecia ficar à vontade em qualquer outro cômodo da casa, por isso, eu não o forçava a deixar a segurança do quarto e sentia que, ali, ele se sentia livre e se abria um pouco mais para mim.

Depois do passeio de hoje, almoçamos juntos e pensei que, talvez, ele quisesse ficar sozinho. Eu vinha dormindo ao seu lado todos os dias, mesmo sabendo que ele já tinha melhorado a olhos vistos e ele parecia gostar da minha companhia. Mas me perguntei se, talvez, eu não estivesse invadindo demais a sua vida. Pensei em lhe dar um pouco de espaço, mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Rage me perguntou se poderia dormir um pouco e eu disse que sim. Ele se deitou e eu me levantei da poltrona, pronta para o deixar sozinho, quando ele disse:

— Vai sair do quarto?

— Só se você quiser que eu saia.

— Não quero — respondeu de prontidão, fazendo meu coração se acelerar. — Fica, Amy.

— Eu fico.

Sentei-me novamente na poltrona, que eu havia arrastado para ficar perto da cama e ele ficou me olhando por um tempo, até pegar no sono.

Aproveitei que ele dormia para ler um pouco, mas, enquanto virava uma página e outra, acabei dispersando em meio a vários pensamentos e

sentimentos que me envolviam. Sentia como se eu fosse uma outra pessoa, uma nova Amber, pois eu não me parecia em nada com aquela menina tola que eu era, antes de descobrir a verdade sobre o meu pai. Se antes eu não tinha objetivo na vida, agora, era só nisso que eu conseguia pensar. E em Rage. Rage parecia ocupar cada espaço dentro de mim.

— Amy?

A voz levemente rouca de Rage me despertou. Inclinei-me um pouco na poltrona e vi seus olhos abertos, ainda meio nublados pelo sono.

— Estou aqui — falei, tocando levemente em sua mão. — Se ainda estiver com sono, pode voltar a dormir.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e se sentou na cama, espreguiçando-se. Fiz de tudo para não ficar olhando para o seu braço musculoso.

— Está com fome? Sede? — perguntei e ele negou com a cabeça. — Quer ir ao banheiro? — Ele negou novamente e eu sorri. — O que quer fazer?

Ele olhou para mim, depois, desceu os olhos para o livro. Vi que fitou com interesse a capa e senti minhas bochechas ficarem vermelhas ao notar a foto do homem de costas e sem camisa.

— É um livro de romance. — Achei melhor explicar. Ele voltou a me olhar. — Quer saber um pouco da história? — Ele assentiu. — Tudo bem, vou tentar resumir. O nome do livro é “A Voz do Arqueiro”. Conta a história de uma mulher que sofreu muito no passado e que está buscando um lugar para recomeçar. Ela se muda para uma cidade pequena e, lá, acaba conhecendo um homem chamado Archer. Archer é um homem misterioso, mudo, que vive isolado em uma casa longe do centro cidade. De alguma forma, o caminho deles se cruzam e eles acabam se apaixonando um pelo o outro.

Quando terminei de falar, vi Rage arquear as duas sobrancelhas, como se estivesse interessado por mais. Por isso, decidi perguntar:

— Quer que eu leia em voz alta para você? — Seus olhos pareceram brilhar e ele assentiu com a cabeça.

Comecei a ler em voz alta a parte em que eu estava no livro. Era uma cena entre Bree, a protagonista, e Archer. Eles estavam na praia e Bree observava

Archer jogar uma pedra no mar, fazendo-a quicar várias vezes. Em meio à leitura, eu levantava os olhos e observava as reações de Rage. Ele prestava o máximo de atenção, seu rosto expressava, levemente, o que ele parecia estar sentindo. Logo Bree e Archer começaram a conversar e o assunto se estendeu para o estilo de vida que ele levava. Bree não entendia porque ele vivia de forma solitária e porque deixava que o pessoal da cidade pensasse mal dele.

Em algum momento, Bree perguntou o que Archer poderia ensinar a ela e a conversa entrou em um âmbito mais sensual, o que me deixou com o rosto em chamas. Eu sabia que o livro tinha algumas cenas eróticas e, por sorte, não era nelas que eu estava. Uma parte em especial fez o meu coração disparar, pois lembrei-me muito de Rage.

"*Ele sorriu. Ainda não estava acostumada com os sorrisos dele e aquele em especial fez meu coração acelerar mais um pouco. Eram como um presente que ele distribuía de forma parcimoniosa. Eu o recolhi e guardei em algum lugar dentro de mim.*"

Li em voz alta e percebi que era assim que eu me sentia com Rage. Cada coisa que ele fazia quando estava comigo, fazia meu coração se acelerar. Seu olhar, seu toque, a maneira como falava, como parecia confiar em mim aos poucos. Tudo era especial, principalmente porque sabia que ele só fazia isso comigo. Era para *mim* que ele olhava, era em mim que ele tocava, era em mim que ele estava aprendendo a confiar. Acabei me dando conta, também, que, de certa forma, Rage e Archer eram parecidos. Ambos eram solitários, pouco sabiam sobre a vida em sociedade e estavam começando a confiar em uma mulher. O fato de a minha história ser real trazia um frio em meu estômago e fazia as minhas mãos suarem.

Acabei lendo para Rage até o final do capítulo e, quando terminei, perguntei:

— Gostou?

Surpreendendo-me, ele respondeu em voz alta:

— Sim. Muito.

Sorri para ele, sentindo uma espécie de orgulho. Durante essa semana, havíamos assistido a alguns filmes, ele havia me abraçado, eu havia o levado lá fora e, agora, eu estava lendo para ele. Era como se eu estivesse mostrando o mundo a Rage, mesmo que de forma limitada.

— Se quiser, posso ler mais para você.

— Quero.

Como era possível uma única palavra, que não tinha qualquer conotação sentimental, mexer tanto comigo? Era assim que eu me sentia a cada vez que Rage se dirigia a mim em voz alta.

— Está bem. Que tal você tomar um banho e depois comer alguma coisa? Eu posso ler mais um pouco para você antes de dormirmos.

Ele assentiu e se levantou da cama. Por alguns segundos, sequer consegui me mover, presa demais ao notar como ele se tornava mais alto enquanto eu ainda estava sentada. Meus olhos percorreram o seu corpo e, involuntariamente, sua imagem nua voltou com força em minha mente, fazendo-me perder o fôlego. Antes que eu perdesse completamente a cabeça, fechei o livro e me levantei.

— Vou tomar um banho também e já volto.

Ele me olhou nos olhos antes de assentir. Passei por ele com o coração acelerado e as pernas levemente bambas. Senti inúmeros sentimentos invadirem meu coração, mas o maior deles era a ansiedade em voltar a estar ao lado de Rage.

Capítulo 13

Rage

Assim que saí do banho, encontrei o quarto vazio e sentei-me na poltrona onde Amber estava sentada antes, lendo para mim. O livro estava em cima da mesinha ao lado da cama e pensei duas vezes se eu poderia pegá-lo ou não. Será que Amy brigaria comigo? Fiquei na dúvida, mas, mesmo assim, resolvi arriscar, pois a curiosidade estava gritando dentro de mim.

A capa do livro era um pouco estranha ao meu ver. Era um homem de costas, nu da cintura para cima. Não sabia o que isso tinha a ver com o título do livro e nem com o personagem — porque, pelo o que eu me lembrava da parte que Amy havia lido para mim, ele estava vestido. Mas o que eu entendia de livros, afinal? Resolvendo ignorar aquilo, abri o livro em uma página aleatória e vi as letras saltarem em meus olhos. Senti dificuldade em juntar as palavras no início, e, por um momento, temi não conseguir, mas me esforcei e, devagar, comecei a ler. Tomei um susto assim que eu entendi sobre o que estava lendo. Meu coração disparou e minhas mãos ficaram suadas, mas não consegui largar.

“Senti a ereção dele, firme e volumosa, e ajeitei o corpo até que ela estivesse pressionada onde eu precisava, o calor atravessando o tecido da calça jeans e do meu short fino. Ele deixou o ar escapar com força dentro da minha boca outra vez e eu me deleitei com aquilo, pois sabia que era um gemido sem som.”

Fechei o livro.

O taquei longe e ele caiu em cima da cama em um baque mudo, enquanto eu me levantava com o coração batendo forte no peito, quase saindo pela garganta. O que... O que era aquilo? O que era *aquilo*? As pessoas escreviam sobre aquele tipo de coisa?

“Ereção” era uma palavra que eu não conhecia, mas quando li as palavras “firme e volumosa”, entendi exatamente o que ela significava. E ele estava...

Se pressionando contra ela? Como? E o que era um gemido?

Será que Amy sabia que tinha aquele tipo coisa no livro? Enquanto ela lia para mim, não suspeitei que pudesse ter esse tipo de cena... Acho que ela não sabia. Ou será que sabia e era por isso que estava lendo? E por que eu sentia vontade de ler mais? Olhei para o livro em cima da cama, senti minha mão coçar para pegá-lo, mas me contive. Os personagens pareciam estar gostando do que estava acontecendo. Seria possível gostar desse tipo de coisa? Eu acreditava que não.

Senti meu estômago ficar levemente embrulhado, apesar de sentir o meu corpo desperto, vivo, o que era muito estranho. Parecia que minha mente estava brigando entre a curiosidade de ler mais e a vontade de nunca mais ouvir falar sobre aquele livro. Talvez fosse melhor falar com Amy e avisá-la sobre a cena que eu havia encontrado. Ou, talvez, fosse melhor simplesmente falar para ela que eu não queria que ela lesse para mim. Mas, então, eu estaria mentindo, porque eu *queria* que ela lesse. E queria que ela lesse *aquele* livro.

Minha cabeça doeu diante de tamanha confusão e sentimentos. Não sabia o que fazer ou o que pensar e foi exatamente nesse momento que Amy entrou no quarto, vestindo um short fino e uma blusa de meia manga. Senti um baque no peito ao vê-la e estaquei no meio do quarto, com a garganta subitamente seca. Será que algum dia eu iria me acostumar com a beleza dela e deixaria de ter essa sensação ao vê-la na minha frente?

— Rage? O que foi? — Amy perguntou, aproximando-se de mim. — Está sentindo alguma coisa?

Eu estava sentindo muitas coisas, mas nem sabia por onde começar a explicar, por isso, apenas balancei a cabeça. Ela franziu um pouco o cenho.

— Tem certeza? — Perguntou e eu disse sim com a cabeça. Ela ainda ficou alguns segundos me olhando, como se esperando que eu dissesse alguma coisa, mas desistiu quando viu que eu não iria falar nada. — Vim saber se você quer um sanduíche.

Senti meu estômago roncar baixinho à menção de comida. Era a primeira vez que eu sentia fome de verdade desde a hora em que acordei. Disse sim com a cabeça.

— Está bem, vou lá embaixo fazer. Quer vir comigo?

Achei melhor não. Eu ainda me sentia muito confuso com o que havia lido e precisava de alguns minutos para tentar colocar ordem em minha cabeça. Neguei e ela se afastou, falando que voltava em alguns minutos. Assim que fiquei sozinho, corri até a cama e coloquei o livro novamente sobre a mesinha, em seguida, sentei-me no colchão e fechei os olhos.

Certo... Havia uma cena esquisita no livro, que havia *me* causado coisas esquisitas. E, apesar da confusão, eu estava certo de que ainda queria que Amy continuasse a ler para mim. Eu achei a história interessante, diferente, queria saber mais. Pelo menos, agora que sabia o que iria encontrar no meio do livro, estaria mais preparado para quando Amy voltasse a ler. Não seria pego de surpresa.

Um pouco mais calmo, respirei fundo e abri os olhos, apenas esperando Amy voltar. Ela abriu a porta minutos depois, segurando uma bandeja e eu fui correndo em sua direção para ajudá-la. Tirei a bandeja da sua mão e a coloquei sobre a mesa que havia no quarto.

— Obrigada — ela agradeceu, me dando um sorriso. — Sente-se, Rage.

Sentei-me e ela se sentou na cadeira ao meu lado, tirando um prato da bandeja e o colocando na minha frente. Serviu suco para nós dois e eu esperei que ela começasse a comer, para dar uma mordida no meu sanduíche. Pelo menos para comer aquilo não era preciso usar talher e eu fiz de tudo para não agir como um selvagem, comendo devagar.

— Está bom?

— Sim — respondi logo depois de engolir. Às vezes era difícil me lembrar que com Amy eu podia falar em voz alta e, quando percebia, já estava balançando a cabeça em um “sim” ou “não”. Iria me esforçar mais para falar com ela. — Muito bom.

Amy sorriu, parecendo satisfeita e continuamos a comer em silêncio, até acabarmos.

— Quer mais? Se quiser, pode falar e eu faço mais um para você.

— Não. Estou bem — falei, terminando de beber o suco. Uma parte de mim estava ansiosa para que terminássemos logo e ela voltasse a ler. Será que chegaria *naquela* parte ainda hoje?

Ela terminou de beber o suco, em seguida, me olhou com um sorriso

ansioso.

— Ainda quer que eu leia o livro?

— Sim. Por favor. — Me lembrei de ser educado.

— Está bem, vamos lá.

Daquela vez, Amy sentou-se na cama, de frente para mim com as pernas cruzadas. Senti meu coração disparar no peito quando ela abriu o livro e torci para que aquela parte aparecesse logo. Por que eu estava daquele jeito? Não conseguia entender.

Amy começou a ler.

Bree, a mulher no livro, estava prestes a sair com um outro cara que eu não conhecia. Amy me explicou que ele era primo do Archer, mas que parecia ser uma pessoa ruim. Não entendi porque a Bree precisava sair com outra pessoa, se ela estava gostando do Archer, mas Amy prosseguiu com a leitura. Eu adorava o som da sua voz e, apesar de estar gostando da história, perdi algumas partes por simplesmente olhar para ela.

Amy lia com o cenho levemente franzido, lambia os lábios de vez em quando, o que fazia com que eles brilhassem. Sem querer, lembrei-me da parte do livro que eu havia lido assim que saí do banho. Se Archer deixou o ar dele escapar para *dentro* da boca da Bree, então, eles estavam com os lábios grudados. Será que estavam se beijando? Perguntei-me qual seria a sensação de ter os lábios de Amy sobre os meus e senti um arrepio descer pela minha espinha e se concentrar no meio das minhas pernas. Assustei-me quando senti o meu pau pulsar levemente.

— Rage? O que foi? — Amy perguntou, olhando para mim.

O que eu iria dizer? Eu nem sabia o que havia acabado de acontecer! Assustado, pisquei e balancei a cabeça.

— Nada — respondi.

— Você pulou. Se assustou com alguma coisa?

— Não foi nada.

— Tem certeza? Você pode me falar o que quiser, sabe disso.

“Meu pau pulsou ao pensar nos seus lábios sobre os meus. E eu não sei o porquê!” Imagina se eu teria coragem de falar uma coisa dessas para ela?

Amy iria se assustar, provavelmente me expulsaria do quarto e nunca mais falaria comigo.

— Não foi nada — repeti. — Continue, por favor.

Ela me olhou por mais alguns instantes, em seguida, voltou a ler. Obriguei-me a prestar atenção dessa vez, mas não consegui. A cada vez que Amy lambia os lábios, algo acontecia dentro das minhas calças e me assustei de verdade ao perceber que dava para ver. Se ela olhasse, conseguiria ver que o meu pau... Estava duro. *Ele* estava duro! Por quê? Desde criança eu não ficava duro sem as drogas do Mestre... Por que isso estava acontecendo justo agora? E por que acontecia quando eu pensava em Amber? Fiquei tão confuso, tão assustado, que pulei da cama e corri para o banheiro, fechando a porta atrás de mim.

Olhei para baixo e minha calça estava armada, com um volume enorme. O que era aquilo? Meu coração pulou forte no peito e arranquei a calça de mim aos chutes. Tentei pressionar meu pau para baixo com a mão, mas doeu muito e desisti.

— Rage? Rage, fale comigo, o que está acontecendo? — Amy bateu de forma desesperada na porta. — Rage, por favor!

Olhei para a porta, em seguida, olhei para o meu pau. Ele pulsava, implorava para ser tocado e eu engoli em seco, sem saber o que fazer. Aquilo *nunca* havia acontecido antes. Senti vontade de chorar.

— Rage, por favor... Me deixe entrar, me deixe ajudar você...

— Não! — falei alto. Amy não poderia entrar, não poderia!

— Então me fale o que está acontecendo. Foi alguma coisa que eu fiz? Por favor, fale comigo...

— Não foi você — falei, mas, na verdade, foi ela. Foram os lábios dela. Foram os *meus* pensamentos sobre os lábios *dela*. No final, a culpa era só minha e eu fiquei ainda mais confuso, pois, se soubesse que isso iria acontecer, jamais teria imaginado nada.

Mas eu quis parar de imaginar e não consegui! Era como se eu não tivesse qualquer controle sobre a minha mente.

— Então, só me fale o que está acontecendo, só isso — ela pediu.

Respirei fundo, sentindo minha testa suar. Tentei pensar em qualquer

outra coisa, na floresta do lado de fora, no cheiro de terra, mas isso só trouxe à tona o momento em que me sentei com Amy no chão e a segurei em meus braços. Pensar nela só fazia com que o meu pau pulsasse mais, ao ponto de eu sentir dor. Precisava fazer aquilo parar!

— Rage... Posso abrir a porta?

Não respondi. Ao invés disso, tirei a camisa, corri para o chuveiro e quase gritei quando a água gelada caiu sobre o meu corpo. O calor escaldante que parecia estar me invadido se acalmou um pouco e eu respirei fundo, abaixando a cabeça e deixando que a água escorresse até embaixo. Estremeci quando tocou no meu pau e fechei os olhos, pedindo em pensamento para que aquela tortura acabasse.



Amber

— Rage! Rage, se não me responder, vou abrir a porta! — avisei batendo contra a madeira. Não ouvi nada vindo lá de dentro e me desesperei.

O que havia acontecido com ele? Em um momento estávamos na cama, sentados um de frente para o outro e ele parecia estar concentrado na leitura, no outro, ele já estava a caminho do banheiro, fechando a porta em um estrondo. Será que eu havia feito alguma coisa de errado? Ele havia dito que eu não tinha feito nada, mas, como eu poderia confiar?

Com o coração aos pulos, resolvi ignorar o seu pedido para que eu não entrasse e testei a maçaneta da porta, que cedeu e se abriu. Entrei e encontrei Rage dentro do box, com a porta de vidro aberta. Suas mãos abertas estavam encostadas na parede e sua cabeça estava para baixo, deixando a água cair sobre o seu corpo. Por que ele estava tomando banho de novo? Quando percorri o caminho que a água estava fazendo e cheguei na altura do seu

quadril, eu entendi. Seu pau estava tão duro, que a cabeça chegava a estar vermelha.

Foi como levar um choque e cheguei a dar dois passos para trás. Como... Por quê? Por que ele estava daquela forma? Eu não estava lendo nenhuma cena erótica e havia decidido deixar aquela parte apenas subtendido para ele, não iria ler em voz alta. O que havia acontecido para deixá-lo daquela forma? Ele levantou a cabeça e deixou a água cair diretamente sobre o seu pênis, soltando um gemido que parecia ser de dor. Não me aguentei e me aproximei.

— Rage...

Ele deu um pulo e me olhou com os olhos arregalados e as bochechas levemente coradas. Pude ver quando engoliu em seco.

— O que... O que aconteceu? — Perguntei. Ele não respondeu, parecia estar mudo, estático no lugar. Dei mais um passo em sua direção, depois outro, até estar dentro do box. A água gelada espirrou em mim, mas eu não liguei. — Rage? — Ele continuou parado, apenas olhando para mim. Sem saber o que fazer, toquei levemente em seu peito. Senti como seu coração estava disparado sob a minha mão. — Rage, fale comigo. O que está acontecendo?

Pegando-me de surpresa, ele ergueu a mão. Achei que iria me empurrar, me expulsar dali, mas, ao invés disso, ele tocou o meu rosto e, com delicadeza, passou o polegar sobre os meus lábios, franzindo levemente o cenho, olhando-me com tanta intensidade que, por um momento, pensei que pudesse ver a minha alma. Senti meu corpo se arrepiar e foi a minha vez de engolir em seco quando seu polegar capturou um pouco da minha saliva.

— Rage... — murmurei com dificuldade, pois ele ainda acariciava os meus lábios e me aproximei.

Nossos corpos estavam quase colados, se eu me aproximasse mais um pouco, poderia sentir o seu pau em minha barriga, mas não ousei a dar nenhum passo. Meu coração disparou quando ele tocou na minha mão sobre o seu peitoral e a desceu sobre a sua barriga, até chegar lá embaixo.

— Toque.

Sua voz saiu rouca e dura e a maneira como suas sobrancelhas estavam franzidas, fez o meu corpo sofrer um calafrio. Ele estava falando sobre tocá-

lo... *Lá?* Não era possível.

— Rage...

— Toque — repetiu, tomando meu rosto em suas mãos. — Toque, Amy.

— Onde? — perguntei, pois ainda não conseguia acreditar.

Foi em choque que o senti pegar a minha mão e a pressionar contra o seu pênis. Um calafrio de prazer passou pelo meu corpo ao sentir como ele estava quente e duro e, com sua ajuda, o envolvi com a minha mão. Foi Rage quem começou a esfregar minha mão em seu pênis, para cima e para baixo. Pressionei minhas pernas uma na outra, começando a sentir um desejo absurdo, que fez a minha vagina pulsar e soube que eu precisava olhar. Não tinha mais como negar aquele desejo. Desci meus olhos sobre seu queixo, seu pescoço, seu peitoral, a barriga dura e musculosa e reprimi um gemido quando olhei para o seu pau, pois nada no mundo me preparou para aquela visão.

Minha mão estava sobre ele, isso era lógico, mas olhar enquanto Rage a movimentava para cima e para baixo em seu pênis, era algo completamente diferente. Tornou tudo mais vivo, mais... *real*. Sendo cuidadosa, apertei um pouco em minha mão e comecei eu mesma a fazer o movimento.

Não consegui mais desviar o olhar e pressionei mais as minhas coxas, sentindo minha vagina pulsar, meu clitóris implorando por atenção. Eu gostava de me masturbar, gostava de tocar o meu próprio corpo e me excitava quando lia alguma cena erótica ou via algum vídeo na internet, mas nada se comparava aquilo. Nunca me senti daquele jeito, inquieta, com os mamilos doendo, a calcinha ficando molhada rapidamente. Fiquei ainda mais excitada quando Rage, de repente, abriu mais as pernas e soltou um gemido rouco, aumentando a velocidade da minha mão em seu pau e enfiando o polegar em minha boca.

Precisei de alguns segundos para olhar para *ele*. Nunca vi um pênis tão bonito, nem mesmo nos filmes pornôs que, às vezes, assistia. Tudo bem que era o primeiro pênis que eu via ao vivo, mas sentia que poucos chegariam perto daquela beleza. Ele era grande, as veias saltavam, a cabeça era redonda, bonita e, apesar de todo o seu pênis estar molhado por conta da água que havia escorrido pelo seu corpo, a pequena abertura em sua cabeça brilhava com uma gota espessa e transparente saindo dali. Precisei engolir o excesso

de saliva que se acumulou em minha boca porque, de repente, tudo o que eu queria era lamber aquela gota e sentir o seu sabor. Ao invés disso, lambi o seu polegar e Rage soltou um gemido que abalou todas as minhas estruturas.

— Amy...

Meu nome saiu em um tom rouco pelos seus lábios e olhei para ele. Seu cenho estava franzido, sua boca estava aberta, seu corpo estava tenso e seus olhos estavam presos nos meus. Suas reações ao que eu fazia em seu corpo me encheram de gás e, de repente, eu já não me deixava ser guiada por sua mão e comecei eu mesma a tocá-lo do jeito que eu queria. Subi e desci minha mão por seu pênis, deixando a outra passar por seu rosto, seus lábios entreabertos, seu queixo pronunciado, seu pescoço, ignorando aquela coleira horrível presa a ele. Desci para o seu peitoral, sentindo a pele morna sob os meus dedos e segui pela sua barriga, até chegar em sua virilha. Quando toquei em suas bolas, ele estremeceu e apertou meu pulso com força.

— Amy... Amy...

Acho que ele estava avisando que iria gozar, pois seu rosto ficou feroz, seus dentes apareceram e ele apertou meu pulso com tanta força, que senti dor, mas não parei. Acariciei suas bolas, desci e subi a mão por seu pau, que pulsou descontroladamente em minha mão e apertei minhas coxas, puxando o ar em haustos por conta da minha própria excitação, então, olhei para baixo e vi seu sêmen espirrar para o alto e descer diretamente em minha mão. Fiquei tão fascinada com a cena, tão excitada, que só me dei conta do que aconteceu a seguir, quando senti meu corpo cair com tudo no chão molhado do box e, por puro reflexo, consegui me impedir de bater com a cabeça na parede.

Pensei ouvir um grito e acho que foi meu e fechei os olhos ao sentir uma dor forte em meu cóccix. Tentei puxar o ar, mas ele não vinha e meus olhos se encheram de lágrimas. Mãos tocaram o meu rosto.

— Amy... Amy...

Era a voz de Rage. Ainda com dor, pisquei para ajustar minha visão e o vi ajoelhado na minha frente, nu e molhado da cabeça aos pés. Ele parecia desesperado ao tocar em meu rosto, meus ombros e meus braços.

— Amy... — chamou-me de novo. — Amy...

Meu Deus, será que ele só sabia falar aquilo? De repente, me senti irritada

e, mesmo com dor, o empurrei.

— Saia! Sai, Rage!

Ele se afastou um pouco e eu me levantei, fazendo uma careta de dor e massageando meu cóccix por cima do short. Eu já estava molhada antes, mas agora estava completamente encharcada. Saí do box e puxei uma toalha, em seguida, me virei para ele. Rage estava em pé, ainda dentro do box, olhando-me com pesar e arrependimento.

— Por que me empurrou? — Perguntei diretamente, aproximando-me um pouco. — Por quê?

Ele abriu a boca como se estivesse prestes a falar, mas logo a fechou. Irritada, larguei a toalha no chão e entrei novamente no box, ficando tão perto dele quanto era possível. Ele era bem mais alto, minha cabeça batia na altura do seu peito, mas isso não me impediu de o encarar como se tivéssemos a mesma altura.

— Fale comigo, Rage! Na hora de me pedir para tocar o seu pau você nem sequer hesitou!

Vi suas bochechas ficarem vermelhas e seus olhos perdidos e senti um pouco de culpa por o pressionar daquela forma. Rage não era como as outras pessoas, então, eu sabia que não deveria pressioná-lo àquele ponto, mas eu precisava saber, precisava que ele me respondesse. Continuei o encarando e, quando pensei que realmente não falaria nada, ouvi sua voz em um sussurro:

— Desculpa.

Ele não precisou dizer mais nada. Ali, com aquela simples palavra, ele derreteu completamente o meu coração e dissolveu a irritação que havia tomado conta de mim. Sentindo-me estúpida e culpada pelo modo como o tratei, desliguei o chuveiro e peguei uma toalha no aparador, abrindo-a e a envolvendo em seu peito. Ele segurou a toalha, mas em momento algum tirou os olhos de mim.

— Seque-se. Eu já volto.

Saí do box, pois precisava ir até o meu quarto tirar aquela roupa molhada, mas a sua mão na minha me fez parar.

— Amy. Fica.

Virei-me para ele e encontrei tanta culpa em seu olhar, tanto

arrependimento, que senti meu estômago dar um nó.

— Eu só vou trocar de roupa — falei, apertando sua mão na minha para que ele sentisse, através do meu toque, que estava sendo sincera.

Dando-lhe um último olhar, saí do seu quarto e entrei em minha suíte. Fiquei alguns minutos pressionada contra a porta, tentando diminuir as batidas frenéticas do meu coração, enquanto me perguntava sobre o que havia acabado de acontecer entre mim e Rage.

Capítulo 14

Rage

Não consegui sair do lugar.

Minha mente repetia as imagens do que havia acabado de acontecer, enquanto eu olhava sem ver a parede branca a minha frente. Não sabia o que sentir. Era como se eu estivesse preso entre o momento em que me tranquei no banheiro, decidido a manter distância de Amy enquanto não recuperava o controle do meu corpo e o momento em que ela apareceu na minha frente e eu perdi a batalha.

No segundo em que a vi, perdi completamente a minha linha de raciocínio, minhas prioridades se inverteram e a única coisa que eu conseguia pensar, era que queria as mãos dela em mim. Queria as mãos dela no meu pau. No momento, pareceu tão certo que sequer pensei uma segunda vez, agora, no entanto, sentia que eu poderia vomitar a qualquer minuto.

O que foi que eu fiz? Meu Deus, o que foi que eu *fiz?*

Lembrava-me com exatidão da confusão em seus olhos quando toquei os seus lábios. Eu ainda estava fantasiando com os seus lábios em minha mente e, como sabia que não poderia beijá-la — até porque, eu ao menos sabia como fazer isso —, pensei que tocar em seus lábios seria o suficiente. Mas não foi. Tocá-la daquela forma foi como tacar fogo no álcool, acendeu tudo dentro de mim e me fez querer mais. Sem conseguir lutar contra o desejo estranho que tomou conta de mim, arrastei sua mão para a parte baixa do meu corpo, e, mesmo sabendo que ela não estava entendendo nada e, certamente, que ela *não queria*, eu a forcei a tocar no meu pau.

Não sabia o que tinha dado em mim, nunca me senti daquela forma. Era como se uma força, uma vontade bem maior do que eu, houvesse tomado conta do meu corpo. Eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse nas mãos de Amy em mim, me acariciando *lá*. Eu não gostava quando tocavam no meu pau, não gostava da sensação de mãos ásperas nele, do modo como apertavam e me faziam sentir dor até eu expelir aquela gosma

branca — que o Mestre chamava de porra — mesmo quando eu não queria.

Para ficar daquela forma, duro daquele jeito, o Mestre injetava algo em mim e eu não conseguia evitar, por isso, quando o senti ficar duro ao pensar nos lábios Amy, me assustei e fugi, mas quando ela entrou no chuveiro comigo, eu não a afastei. A sensação que tomou o meu corpo era boa demais para ser ignorada e, sem sequer pensar, coloquei a mão dela *lá*. Sua mão era macia, delicada, seu toque me despertava e a fiz me tocar do jeito que aqueles homens me tocavam. Do jeito o que Mestre me tocava. Novamente, senti vontade vomitar.

Eu era nojento. Meu Deus, eu era podre, literalmente. Como pude fazer aquilo com ela? Como pude colocá-la naquela posição e forçá-la a me tocar, mesmo sabendo que ser forçado a fazer aquilo era a pior coisa que existia no mundo? Como pude... Como pude sujá-la com o que saiu de mim? Só me dei conta de que a *porra* estava saindo, quando vi sua mão inundada por ela e a empurrei quando já era tarde demais. Ela já estava suja, mas, a quem eu queria enganar? Eu a sujei no momento em que a deixei tocar em mim.

Estava tão arrependido, que senti um nó se instalar em minha garganta e pensei que iria chorar. Queria sair dali e voltar a ser acorrentado, voltar ao lugar que eu merecia. Mestre tinha razão, eu era mesmo um animal, não merecia nada na vida que não fosse dor. Naquele momento, queria que me infligissem dor, para pagar pelo o que eu havia feito a Amy.

— Rage.

Com o coração acelerado, me virei e a encontrei parada na porta do banheiro. Ela estava com outra roupa agora, usava um vestido fino de dormir que batia na altura das coxas e tinha os cabelos presos. Gostei dela de cabelos presos, deixava o seu pescoço livre, mas gostava ainda mais quando eles estavam soltos. Ela olhou para as minhas roupas que ainda estavam no chão.

— Por favor, vista-se. Vou te esperar aqui fora.

Ela saiu, deixando-me sozinho novamente. Mesmo envergonhado pelo o que eu havia feito agora há pouco, vesti rapidamente a calça e a blusa de manga, pois o medo de ela ir embora e não voltar mais era ainda maior do que a minha vergonha. Antes de sair, vi em cima da pia um frasco de desodorante e o espirrei em minhas axilas, deixando o banheiro logo em seguida.

Ao sair, dei de cara com Amy, que estava sentada na cama. Ela bateu no lugar ao seu lado quando olhei para ela e, hesitante, me aproximei e sentei-me aonde havia indicado. Eu não sabia como agir, por isso, fiquei olhando para minhas mãos cruzadas em meu colo.

— Rage.

Seu toque em meu ombro me fez estremecer, não porque eu não o queria, mas porque eu não o merecia. Antes que ela pudesse me tocar mais e eu acabasse perdendo o controle, me afastei para o lado.

— Rage, olha para mim.

Por que ela queria que eu olhasse para ela? Por quê? Por que ela ainda estava falando comigo, depois de todas as coisas horríveis que eu havia feito com ela?

— Rage...

Sua voz era doce demais para ser ignorada e, perdendo as forças, olhei para ela. Meu Deus, a cada vez que a olhava, ela se tornava mais bonita. Eu não sabia como aquilo era possível, mas era verdade. No banheiro, depois do que eu a havia forçado a fazer, ela me olhou com raiva, mas agora, ela me olhava com ternura e delicadeza. Ela sempre me olhou assim, mesmo quando estava assustada com os meus atos, mesmo quando ficou magoada comigo quando a expulsei depois de ter penteado os meus cabelos. Amy havia dito que a minha alma era gentil, mas ela estava errada. A alma *dela* era gentil. Ela era a pessoa mais gentil que eu já havia conhecido.

"Um anjo", pensei. *"Ela é um anjo e, mesmo assim, eu havia acabado de fazer com ela o mesmo que o Mestre fazia comigo."* Nunca me odiei tanto como naquele momento.

— Por favor, Rage, fale comigo. Eu estou preocupada.

Ela estava preocupada *comigo*. Um tapa na cara doeria menos, porque, mesmo depois de tudo o que eu fiz, ela ainda se importava comigo. Envergonhado, tomei um pouco de coragem e murmurei olhando em seus olhos:

— Desculpa.

Era só isso que eu podia lhe pedir. Eu não tinha direito de falar mais nada, muito menos de olhar para ela, por isso, voltei a abaixar a cabeça. Ela tocou

em meu rosto de novo.

— Pelo o quê? Por ter me empurrado ou por...

Não! Eu não iria conseguir ouvir o resto, por isso, a interrompi:

— Desculpa.

— Eu desculpo você — ela disse, tocando em minha mão. Senti meu corpo estremecer sob o seu toque, cada centímetro da minha pele se arrepiando e enviando sinais para *aquela* parte que eu não queria que tivesse despertado. O que estava acontecendo comigo? — Mas queria entender o que aconteceu. Quer conversar sobre isso?

Como eu poderia falar se nem mesmo entendia? Seria loucura tentar colocar em palavras algo que eu não fazia ideia do que era. Por isso, mesmo sabendo que iria desapontá-la, balancei a cabeça.

— Não — respondi em voz alta.

— Tudo bem — ela murmurou. — Quer se deitar? Eu posso colocar um filme.

Assenti e me deitei, vendo-a se acomodar em seu lugar na cama. Mexendo no controle remoto, ela diminuiu as luzes do quarto e o telão voltou a descer do teto. Murmurei um "sim" quando ela sugeriu um filme, mas me sentia muito longe dali. Minha cabeça ainda estava presa em tudo o que eu havia sentido no banheiro e na forma como Amy me fez sentir.

Era como se eu ainda pudesse sentir seus olhos dentro dos meus e suas mãos me tocando. Eu podia sentir meu corpo vivo com a lembrança do que havia acontecido no banheiro e, mesmo culpado, não conseguia impedir que cada parte do meu corpo ficasse viva em reação à lembrança, principalmente o meu pau.

Mestre me fez ser consciente sobre essa parte do meu corpo quando eu era pequeno e nem entendia o que ele estava fazendo. Quando comecei a ficar mais velho, ele me estimulava muito e eu ficava duro, doía e eu não gostava, já quando fiquei adulto, mesmo me estimulando como fazia antes, meu pau não ficava duro mais, só à base das drogas que ele me dava. Eu sentia orgulho por ter conseguido matar aquela parte do meu corpo, principalmente porque via como o Mestre ficava cheio de raiva. Ele me batia, enfurecido, mas eu não ligava, porque a parte que ele mais queria de mim, ele não tinha

mais, pelo menos não sem os remédios.

Mas hoje foi diferente. Realmente, foi diferente de tudo o que eu já havia sentido e, ao mesmo tempo que a culpa me corroía, a vontade de sentir de novo me consumia. Eu podia sentir como estava ficando duro novamente, como meu coração pulsava rápido e cada parte do meu corpo parecia viva. Apesar do estômago nauseado pela culpa, minha cabeça começou a criar imagens de mim e Amy juntos. Partes era apenas imaginação, pois eu ainda pensava naquela cena do livro e no que eu sentiria se colocasse os meus lábios sobre os dela, mas também havia a realidade, o que havia acontecido entre nós dois. Quase não conseguia me controlar e tomei um susto ao ver que a calça grossa que eu vestia estava armada de novo, tentando conter meu pau endurecido dentro dela.

Pensei em como conseguiria fugir daquela situação. Não podia sair correndo para o banheiro de novo, muito menos fazer com que Amy me tocasse, por isso, virei de lado e me encolhi um pouco, fazendo de tudo para que ela não percebesse como eu estava. Respirei fundo e olhei fixamente para a tela, mesmo sem estar entendendo nada do filme.

— Rage? Você está bem?

— Sim — respondi em um sussurro, sentindo meu coração disparar no peito enquanto tentava acalmar a minha respiração.

Parecia que cada parte do meu corpo pulsava. Sentia minha mente embaralhada, porque, enquanto meu corpo parecia implorar por uma coisa, minha cabeça implorava por outra. Eu *não queria* sentir aquilo, não queria ficar com o pau duro ao pensar em Amy, mas parecia que eu não tinha controle algum sobre mim mesmo. Confuso, apertei os olhos bem fechados e implorei baixinho para que eu voltasse ao normal. Tomei um susto quando senti a mão se Amy em meu ombro.

— Calma, Rage, está tudo bem — falou, me acariciando. Ela parecia estar tão confusa quanto eu. — Por favor, fale comigo. O que está acontecendo?

Olhei nos olhos dela sem ao menos piscar. Queria pedir para que ela saísse do quarto e só voltasse quando eu tivesse voltado ao normal. Melhor ainda, queria pedir para que ela me levasse para o quarto escuro e me acorrentasse novamente, porque, ao mesmo tempo que a sua bondade enchia o meu peito de um sentimento bom, também me alertava para o modo como

eu estava me sentindo em relação a ela, como, mesmo depois de tudo o que eu havia feito, mesmo com o peito preenchido pela culpa, eu ainda estava com o pau duro, a desrespeitando. Tudo o que fiz, no entanto, foi fechar os olhos e sentir o seu carinho em meu ombro, enquanto murmurava:

— Estou bem.

— Não, você não está — ela disse. — Por que correu para o banheiro daquele jeito? Por que me empurrou quando... Quando você...

Senti meu coração bater tão rápido no peito, que sequer pensei. Simplesmente me virei de costas para ela, puxei o edredom para cima de mim e falei alto para que escutasse:

— Quero dormir.

Por um momento, fiquei com muito medo de que ela chorasse como na outra noite, por isso, fiz o máximo de silêncio possível e fiquei com os olhos bem abertos, tentando acalmar as batidas frenéticas do meu coração. Não sei quanto tempo se passou, mas ouvi quando ela desligou a TV enorme e apagou algumas luzes, deixando o quarto parcialmente iluminado. Movendo-se na cama, ela puxou o edredom para cima de si e ficou quieta.

Não ouvi nenhum som que pudesse denunciar o seu choro, mesmo assim, preocupado, me virei na cama para poder conferir se ela estava bem. Arrependi-me assim que me virei, pois Amy estava deitada de frente para mim e nossos olhos se encontraram em meio ao silêncio do quarto. Não me movi nem falei nada, acho que até esqueci de respirar, preso dentro daqueles olhos lindos e expressivos que ela tinha. Amy parecia preocupada comigo e eu me senti ainda pior por dentro, pois sabia que ela se importava. Ela se *importava* comigo, mesmo sem eu merecer.

Lentamente, ela levantou a mão e acariciou o meu rosto, deixando-me subitamente ofegante. Podia sentir que meu pau havia amolecido um pouco, mas não completamente. Torci para que ele não voltasse a endurecer.

— Durma, Rage — ela sussurrou. — Vou dormir também.

Ela fechou os olhos, mas não tirou a mão do meu rosto. Também não fiz nada para afastá-la, pelo contrário. Quando percebi que ela havia dormido, pousei a minha mão sobre a dela e a escorreguei para perto da minha boca. Como ela havia feito comigo na primeira vez que me levou lá fora, eu beijei a

palma suave da sua mão, sentindo meu coração ficar apertado dentro do peito.

— Me desculpa por tudo, Amy — sussurrei antes de fechar os olhos e tentar dormir.

Capítulo 15

Amber

Acordei um pouco desorientada, sem saber onde eu estava ou que horas eram e levei alguns minutos para me habituar. Com os olhos ainda pesados de sono, senti que eu estava colada a um corpo quente. Sem querer me mexer, consegui me situar e, por fim, me dei conta de que estava com a cabeça enfiada no pescoço de Rage e que meu braço circundava a sua cintura. Sabia que tinha que me afastar, mas, antes de o fazer, respirei fundo, sentindo o cheiro de sabonete em sua pele misturado a uma fragrância que era só dele.

Sem que eu pudesse evitar, meu corpo despertou completamente, assustando-me com a forma como os meus mamilos ficaram tesos, enquanto eu fechava os olhos e deixava as cenas de horas atrás voltar a minha mente. Era como se eu estivesse vivendo tudo de novo, meu coração se acelerou no peito, meu corpo se arrepiou e a minha vagina começou a ficar úmida, enquanto eu visualizava a cena do pau de Rage na minha mão. Eu podia até mesmo sentir a textura da pele lisa, as veias saltadas e o modo como pulsava. Podia me lembrar com perfeição das feições de Rage, o modo intenso como me olhou, os lábios entreabertos, a forma como segurou o meu pulso antes de gozar.

Não conseguia tirar da cabeça o momento em que o primeiro jato de sêmen saiu de seu pau e caiu bem em minha mão. Queria ter visto o espetáculo todo, pois sentia que podia chegar ao orgasmo apenas com aquela cena, mas Rage me empurrou para longe e eu ainda não sabia o porquê. Ele pareceu querer aquilo desde o início, foi ele quem me pediu para tocá-lo daquela forma. Não conseguia entender o porquê de, no auge de seu prazer, ter me empurrado para longe daquela maneira, como se não suportasse mais o meu toque.

Senti minha mente se dividir entre a lembrança e o pensamento horrível de que, talvez, ele tivesse se lembrado do que aqueles homens faziam com ele. Do que o *meu pai* fazia com ele. Sexo para Rage era dor e me doeu

imaginar que o meu toque tivesse despertado nele a mesma agonia que ele parecia sentir na sala privada daquela boate. Com o coração doendo e o corpo ainda excitado, me afastei um pouco e olhei para ele. Rage ainda dormia, tinha o semblante sereno e os lábios levemente entreabertos. Uma mão repousava em seu peito e a outra estava em meu travesseiro, levando-me a crer, apenas naquele momento, que eu estive deitada sobre o seu braço.

Esticando-me um pouco, vi que o relógio digital ao lado da cama marcava mais de duas da manhã. Lentamente, pousei minha mão sobre o seu rosto e, constatando que Rage parecia estar pregado no sono, aproveitei aquele momento para olhar bem para as suas feições iluminadas pela luz do abajur. Sem poder me conter, desci delicadamente a ponta dos dedos pela sua têmpora, seu maxilar marcado, o pelo sedoso da barba e deixei meu polegar tocar de leve em seus lábios.

Nunca namorei, meu pai jamais permitiu, mas já havia beijado alguns rapazes — sempre escondida, claro. Aproveitava as poucas ocasiões em que os seguranças me davam uma trégua em uma das festas que meu pai me obrigava a ir, para beijar algum dos meninos que, por alguma artimanha do destino, não sabiam de quem eu era filha. Podia contar nos dedos de uma mão as vezes em que fui beijada, mas em nenhuma delas eu senti realmente o desejo de beijar. Foi muito mais para ter a experiência do que por querer. Por isso, não entendia essa vontade absurda que estava me tomando agora, me impelindo a encostar os meus lábios nos de Rage e experimentar a sensação de beijar com desejo pela primeira vez.

Assustada, afastei-me um pouco, mas não tirei a minha mão de seu rosto. A pousei sobre a sua bochecha e, não sei se foi por causa do meu movimento sobre o colchão ou do meu toque, mas Rage acabou despertando. Primeiro, ele piscou algumas vezes, como se estivesse lutando para escapar da inconsciência, mas, segundos depois, arregalou os olhos e me fitou com intensidade. Não consegui falar nada, acho que sequer respirei, apenas o olhei de volta, encarando suas pupilas que, à pouca luz, pareciam azuis-escuros. Não sei por quanto tempo ficamos dessa forma, um encarando ao outro incessantemente, até que senti sua mão cobrir a minha.

— Rage — sussurrei. — Está tudo bem.

Não sabia porque, mas sentia a necessidade de reafirmar para ele que nada

de mal iria acontecer, que ele estava seguro. Ele não disse nada, mas senti seu polegar subir e descer sobre a minha mão, fazendo-me lembrar do momento em que tocou o meu lábio no chuveiro. A lembrança me pegou completamente desprevenida e senti meu coração bater descompassado no peito, deixando-me um pouco ofegante. Rage parecia sentir o mesmo que eu, pois seus lábios se entreabriram e ele puxou o ar com força. Antes que eu pudesse me impedir, me vi perguntando novamente:

— Por que correu para o banheiro, Rage? E por que me empurrou naquela hora? No chuveiro?

Vi quando arregalou os olhos, parecendo surpreso por eu ter trazido o assunto à tona de novo. Quase me arrependi, senti medo de que ele fosse me rechaçar, mas eu precisava saber. Precisava da sua resposta, não aguentava mais criar suposições em minha mente.

Mas a resposta não veio. Rage continuou a me fitar, continuou a acariciar a minha mão, mas não disse nada. Eu sabia que ele não se sentia confortável em falar, mas pensei que, por ser um assunto sério, ele falaria alguma coisa. Estávamos sozinhos no quarto e ele havia falado antes. Por que não podia falar agora? Tentando mudar de tática, deitei minha cabeça em seu braço e me aproximei um pouco mais dele, sentindo o calor do seu corpo bem perto do meu, por debaixo do edredom.

— Eu gostei de tocar em você — murmurei, sentindo meu rosto ficar quente de vergonha. — Não esperava por aquilo, mas gostei. Eu gostei muito.

Ele franziu o cenho e me olhou como se eu tivesse falado em outra língua. Nervosa, mordi a parte de dentro da minha bochecha e esperei que falasse algo, mas minutos se passaram e ele não falou nada.

— Rage...

— Gostou?

Sua pergunta soou em um sussurro e, se eu não estivesse tão perto dele, não teria escutado. Fiquei surpresa, meu coração bateu rápido e um arrepio passou pelo meu corpo.

— Gostei muito. Você não gostou?

Foi a primeira vez que ele desviou os olhos dos meus desde que acordou e eu engoli em seco, esperando por sua resposta. No fundo, estava com medo

de o pressionar demais e acabar o afastando, por isso, me aproximei mais um pouquinho. Ele me olhou ao perceber o meu movimento.

— Você não gostou, Rage? — perguntei de novo.

Sua respiração acelerou e ele pareceu engolir com dificuldade antes de responder baixinho:

— Gostei.

Ele era um homem de poucas palavras, eu já havia entendido isso, mas o que dizia sempre despertava algo em mim. Daquela vez, foi uma onda de tesão que me deixou quase sem fôlego, com os mamilos duros e a calcinha molhada. Eu não sabia se aquela reação era normal, mas eu não podia evitar. Tentando ser racional, respirei fundo e tirei minha mão de seu rosto, entrelaçando meus dedos aos dele e posicionando nossas mãos entre os nossos corpos. Baixinho, perguntei:

— Então, por que me afastou?

Novamente, ele não disse nada, apenas me fitou. Pensei que ficaria daquele jeito para sempre, até sua voz soar novamente.

— Não queria... sujar você.

— Me sujar? Como? — Perguntei sem entender.

Ele desviou os olhos dos meus, como se quisesse fugir e respondeu enquanto olhava para longe de mim.

— Com o que saiu de mim.

De primeira, não entendi o que ele quis dizer, mas logo a cena do banheiro voltou a minha mente e compreendi com perfeição. Ele havia me empurrado justamente quando começou a gozar. Foi a única coisa que “saiu dele” enquanto estive o tocando, sendo assim, ele estava falando daquilo, do seu orgasmo. Senti meu coração ficar apertado no peito ante a repulsa que ele parecia nutrir por si mesmo e apertei a sua mão na minha.

— Você não iria me sujar.

— Iria — ele me olhou nos olhos com o semblante sério. — Com a minha porra.

Ele falou a palavra com tanto nojo, que, por um momento, pensei em deixar o assunto para lá, mas sabia que não podia. Queria deixar claro para

ele que o seu orgasmo não era sujo, que *ele* não era sujo, que não precisava sentir tanto asco de si mesmo.

— Você não é sujo, Rage. Não iria me sujar.

Ele franziu o cenho entre a raiva e a incompreensão, olhando-me como se, de repente, eu tivesse criado mais uma cabeça.

— Sou sujo.

— Não, você não é.

— Sou.

Era um embate, mas eu não estava disposta a perder, por isso, sem que ele esperasse, soltei sua mão e colei totalmente os nossos corpos. Eu só queria mostrar a ele que, apesar de tudo o que havia acabado me dizer, eu tinha plena convicção de que ele não era sujo, mas me surpreendi ao sentir a sua ereção pressionar contra a minha barriga. Por um momento, fiquei sem reação e ele também, mas, segundos depois, ele se afastou no colchão, como se, de repente, eu tivesse o queimado.

— Rage...

— Não — disse, olhando-me com os olhos arregalados. — Não pode ficar perto.

— Por quê?

— Porque ele está duro. Você não pode ficar perto.

Ele falou rapidamente, mas eu entendi o que quis dizer. Eu não podia ficar perto dele, porque ele estava excitado, contudo, entender suas palavras e compreender o porquê delas, eram coisas completamente diferentes.

— Rage — tentei me aproximar, mas ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não.

— Quero ficar perto de você — falei, chamando a sua atenção. — Não me importo se *ele* está duro ou não.

Ele me olhou como se não conseguisse me entender.

— Não?

— Não — respondi. — Posso ficar perto?

Ele engoliu com dificuldade, pressionou a cabeça contra o travesseiro e fechou os olhos com força, em seguida, assentiu rapidamente. Aproveitando o seu aval, me aproximei antes que ele votasse atrás em sua decisão e praticamente grudei meu corpo no dele, sentindo a sua ereção em minha barriga. Ele afastou rapidamente os quadris.

— Olhe para mim, por favor — pedi, tocando de leve a sua barba. Segundos se passaram até ele abrir os olhos. — Pode encostar em mim, se quiser.

Eu não sabia o que estava fazendo, não tinha noção se estava agindo de maneira correta ou não, mas não consegui me importar, pois tudo o que eu queria naquele momento, era sentir o corpo de Rage contra o meu. Queria sentir a sua ereção me pressionando. Era como se eu estivesse sendo guiada pelo desejo, mas ainda com uma ponta racional me fazendo agir com metade da impulsividade que eu sentia em minhas veias.

Devagar, Rage fechou a nossa distância na cama e se encostou completamente em mim. Suas mãos estavam fechadas em punhos debaixo da sua cabeça, como se ele estivesse buscando algum resquício de controle e me perguntei o que não deveria estar passando por sua mente e pelo seu corpo naquele momento. Não sabia se o que o impedia era só a aversão que parecia sentir por si mesmo ou as lembranças do que aqueles homens fizeram com ele. Quis muito lhe perguntar, quis dizer que não era sua culpa, mas não sabia como ele iria reagir, por isso, sem tirar os olhos dos dele, acariciei o seu rosto, descendo as pontas dos dedos pelo seu pescoço, ignorando a coleira e descendo até a borda da camisa em seu peito. Ali, pude sentir como sua respiração estava ofegante e como o seu coração batia rápido.

— Gosta do meu carinho? — Perguntei baixinho. Ele apenas assentiu, engolindo em seco. Resolvi fazer uma nova pergunta. — O que aconteceu enquanto eu estava lendo para você?

Achei que seria mais sútil questionar assim, do que perguntar novamente o porquê de ele ter fugido para o banheiro. Como se quisesse fugir do meu olhar, Rage encarou os meus lábios e ficou em silêncio por vários minutos, até falar baixinho:

— Eu li o livro.

Não entendi o que ele quis dizer.

— Como assim?

— Quando você estava no banho. Peguei o livro, abri e li — falou ainda sem encarar os meus olhos. — E eles estavam fazendo... Coisas. Coisas que me deixaram assustado.

Ah, meu Deus.

Ah, meu Deus do céu!

Não soube o que dizer. Completamente sem palavras, olhei para ele sem nem saber o que pensar. Por um momento, quis dar um tapa em mim mesma por ter deixado o livro no quarto, em um lugar onde ele poderia pegar e ler, mas, como eu iria adivinhar que ele faria isso? E que, ainda por cima, acabaria se deparando com uma cena de sexo? Fiquei completamente dividida entre o constrangimento e a indignação.

— Você sabia que tinha aquilo no livro? — Ele perguntou de repente, voltando a me olhar nos olhos. Senti meu rosto ficar quente de vergonha e assenti.

— Sabia — murmurei. Ele franziu o cenho.

— Você gosta de ler aquilo que eles estavam fazendo?

Apenas assenti. Acho que eu não tinha condições de falar aquilo em voz alta. Ficamos algum tempo em silêncio, um olhando nos olhos do outro, nossos corpos ainda juntos, até que consegui me recuperar e perguntar:

— O que você sentiu quando leu?

— Confusão — respondeu prontamente. — E susto. Eu não sabia que as pessoas escreviam sobre isso.

— Sobre sexo? — perguntei e ele assentiu. — As pessoas escrevem muito sobre isso.

— Por quê?

— Porque têm pessoas que gostam de ler.

— Como você.

— Como eu — falei, sentindo uma espécie de constrangimento e excitação.

Ficamos novamente em silêncio, até Rage dizer devagar:

— Eu... Eu senti coisas enquanto li e, depois... Depois eu pensei... Em

você.

Meu coração sofreu um baque por dentro.

— Em mim?

— Sim. Foi por isso que eu corri para o banheiro, porque... Eu fiquei duro, eu não queria ficar, mas fiquei. Não queria desrespeitar você. E, então, eu fiz você me tocar e depois eu a machuquei... Desculpa, Amy, desculpa — falou com aflição, tocando o meu rosto. — Desculpa.

Ah, meu Deus. Eu sentia como se o meu coração fosse explodir no peito.

— Rage, por favor, não se sinta assim. Você não me desrespeitou...

— Desrespeitei, sim.

— Não, não me desrespeitou. Está tudo bem — garanti. — Eu disse para você que eu gostei, lembra? Eu gostei de tocar em você.

Ele me olhou com intensidade e seu quadril pareceu sofrer um espasmo, fazendo a sua ereção se esfregar contra a minha barriga. Fiquei ainda mais excitada, querendo que ele se esfregasse mais embaixo, no meio das minhas pernas. Assustado, ele voltou a se afastar e eu engoli em seco, querendo muito que ele ficasse, mas sabendo que jamais poderia o obrigar. Nervosa e com a calcinha melada, estremeci e esfreguei minhas pernas uma na outra, pensando seriamente em me levantar e tomar um banho frio para espantar o desejo, mas não consegui sair do lugar.

— Está com frio? — Ele perguntou baixinho, surpreendendo-me. Com o coração galopando no peito, balancei a cabeça de um lado para o outro.

— Não — murmurei, tocando em seu peito. Fiquei com vergonha e desviei o olhar, mas Rage tocou em meu queixo e levantou o meu rosto em sua direção.

— Está com frio, sim — afirmou ele, olhando para o meu corpo.

Involuntariamente, eu estremeci sob o seu olhar, ficando tão excitada que o meu clitóris chegava a doer. Nunca me senti daquela forma e sabia que precisava fazer algo a respeito, ou iria enlouquecer. Decidida, afastei-me um pouco dele e tirei o edredom do meu corpo, preparando-me para dar uma desculpa e escapar para o banheiro, mas o seu olhar abaixo do meu pescoço me congelou no lugar. Seguindo na direção em que ele estava olhando, dei de cara com os meus mamilos apontando contra o tecido da camisola como se

fossem dois faróis. Acho que nunca senti tanta vergonha em toda a minha vida.

— Eu... Eu preciso...

— Por que estão assim? — Ele perguntou, aproximando-se de mim de repente. Engoli em seco quando ele apontou para os meus seios. — Duros?

Quis abrir um buraco não colchão e me esconder, mas seus olhos curiosos me mantiveram no lugar. Fiquei completamente paralisada, sem saber o que dizer, pois só havia uma resposta para aquela pergunta. Eu teria que falar que estava excitada, mas apenas a possibilidade de falar as palavras em voz alta me deixava mortificada.

— Por quê? — Questionou de novo.

— Porque estou excitada — sussurrei rapidamente, torcendo para que ele tivesse entendido, pois eu não sabia se conseguiria repetir.

Ele olhou para o meu rosto, em seguida, olhou novamente para os meus seios, perguntando em um tom confuso:

— Excitada?

— Sim.

— O que é isso?

Ah, não. *Ah, meu Deus*. Ele não sabia o significado por trás da palavra e eu teria que explicar. Fiquei completamente dividida entre a excitação, a vergonha e o choque por saber que ele era tão leigo sobre sexo. Senti vontade de me dar um tapa por não ter pensado nisso antes. Era *óbvio* que ele seria leigo sobre sexo, pois tudo o que ele conhecia era estupro e não prazer. Se Rage não sabia o que significava ficar excitado, então, o que será que ele sabia? Provavelmente, nada.

— Uma pessoa fica excitada quando sente desejo... — Comecei a explicar, tentando encontrar as palavras certas. — Desejo de fazer sexo.

Seus olhos se arregalaram tanto que, por um momento, fiquei com medo de que saltassem das órbitas. Sua boca se abriu e fechou umas duas vezes, como se ele quisesse falar algo, mas não tivesse palavras.

— Quer fazer sexo? — Ele perguntou, franzindo o cenho. — Por quê?

Jesus Cristo.

Como eu iria responder aquilo? Sem saber o que dizer, pensei em fugir, mas sabia que não podia.

— Não, eu não quero fazer sexo.

Seu cenho se franziu tanto, que uma ruga surgiu entre as suas sobrancelhas.

— Não entendo.

Respirei fundo, pensando que eu deveria explicar do começo, por isso, olhei em seus olhos e falei devagar.

— O homem, quando fica excitado, fica com o pênis enrijecido — falei e ele continuou a me olhar com o cenho franzido. Decidi não usar palavras difíceis. — Fica com *ele* duro. — Olhei para baixo, deixando a entender que estava falando do seu pau. Quando voltei a olhar para ele, vi seus lábios entreabertos, como se ele estivesse em choque. — E a mulher fica com os bicos dos seios duros e... A vagina fica molhada.

Quando terminei de falar, minhas bochechas estavam tão quentes, que fiquei com medo de o meu rosto entrar em combustão. Rage me olhou por alguns segundos, completamente paralisado, até que disse baixinho:

— Não quero fazer sexo.

Sua afirmação me pegou completamente de surpresa e eu sorri, aproximando-me um pouquinho mais dele.

— Eu também não.

— Por que estamos assim?

— Porque... Sentimos desejo um pelo o outro — respondi em um murmúrio. Rage me olhou com intensidade e um interesse completamente renovado. A confusão em seu rosto ficou para trás.

— Posso ver? — Perguntou ele. Não entendi.

— O quê?

— Seus seios.

Fiquei totalmente sem palavras. Por um momento, pensei que ele iria dizer que era apenas uma brincadeira, mas, claro, ele não disse nada, simplesmente porque Rage não era um homem comum, que havia passado por situações comuns. Um homem da idade dele, com toda a certeza, já tinha visto

milhares de seios em sua vida, mas não Rage. Provavelmente... Provavelmente, eu seria a sua *primeira*. A ideia tanto me excitou, como me apavorou completamente, porque, se eu aceitasse... Ele também seria o meu primeiro.

— Quer mesmo ver?

— Sim. — Ele sequer hesitou antes de responder.

Não sei se foi a onda de tesão que tomou o meu corpo ou se foi a sua resposta tão imediata, mas decidi não pensar e apenas agir. Com os dedos trêmulos, desci as alças finas da camisola, em seguida, respirei fundo e afastei tecido, ficando completamente nua do umbigo para cima. Quis desviar os olhos do rosto de Rage, pois estava morta de vergonha, mas não consegui, porque, ao mesmo tempo, eu queria acompanhar cada uma das suas reações.

Era a primeira vez que um homem me via nua. Sempre imaginei como me sentiria nesse momento ou o que o homem poderia fazer, mas nunca, em toda a minha vida, imaginei que seria assim. Rage sentou-se rapidamente na cama e olhou fixamente para os meus seios, quase sem piscar. Minha respiração estava ofegante, então meus peitos subiam e desciam e ele acompanhou o movimento com fascínio, como se fosse a coisa mais bonita que ele já tivesse colocado os olhos. Estremeci quando ele lambeu os lábios e fitou o meu rosto rapidamente.

— Linda.

Novamente, apenas uma palavra, mas o furacão que passou pelo meu corpo ao ouvi-la, me deixou completamente desnorteada. Rage apertou o lençol entre os dedos e engoliu com dificuldade, enquanto voltava a olhar os meus seios. Aproveitei aquele momento para olhar para ele todo, seguindo por seu corpo até chegar a sua calça, que estava armada com a sua ereção. Era como se fosse uma tenda e senti meus dedos dos pés formigarem, minhas paredes vaginais se apertarem com força.

— Posso tocar?

Sua pergunta me pegou desprevenida e voltei a olhar para ele, encontrando seus olhos nos meus. Com os lábios subitamente secos, assenti.

— Pode.

Sua mão também estava trêmula, eu pude ver assim que ele a ergueu.

Lentamente, seus dedos tocaram em meu umbigo e começaram a subir por minha barriga, me fazendo estremecer sobre a cama, deixando um rastro de fogo por onde passavam. Tive que morder os lábios para não gemer, pois Rage estava totalmente concentrado no caminho que seus dedos faziam, tocando-me com uma delicadeza tão grande que, por um momento, senti-me como uma boneca de porcelana. Ele parou antes de tocar os meus seios e me olhou com intensidade.

— Como posso tocar? — Sua voz saiu rouca e senti cada pelinho do meu corpo se arrepiar.

— Como você quiser.

Ele assentiu e sua mão pairou sobre o meu seio direito, me fazendo respirar fundo, meu corpo ansiando pelo seu toque, como se ele fosse oxigênio. Quando ele finalmente fechou a mão sobre o meu seio, eu soltei um gemido e ele se afastou com os olhos arregalados.

— Machucou?

— Não! Não, não machucou — falei, puxando a sua mão para mim. Ele tentou puxá-la de volta.

— Você gritou.

— Porque foi bom — falei e ele franziu o cenho. — Não foi um grito, foi um gemido. A gente geme quando é bom.

Seu rosto se cobriu com compreensão, mas vi quando apertou o maxilar com força e balançou a cabeça. Era como se estivesse tendo uma lembrança ruim — o que eu sabia que era bem provável — e, para espantá-la de vez da sua mente, coloquei sua mão novamente sobre o meu seio. Isso pareceu despertá-lo, seus olhos se avivaram e ele fechou a mão sobre o meu peito, massageando, conhecendo, me fazendo soltar um outro gemido. Ele entendeu que estava bom, pois logo pegou o outro seio com a mão livre, me fazendo pressionar as coxas uma contra a outra.

Era bom. Meu Deus, era muito bom, mas, ao mesmo tempo, era uma agonia. Mordi os lábios, puxei os lençóis e estremeci quando ele passou os polegares sobre os mamilos tesos. Era como se estivesse testando cada toque e, quando via que eu gostava, ele repetia. Foi assim quando massageou, quando tocou os mamilos e, em seguida, quando os apertou de leve entre os

dedos. Daquela vez foi tão bom, que eu me arqueei na cama, precisando muito gozar.

— Meu Deus, Rage... — gemi com a voz rouca, sem me reconhecer. Toquei em seu braço e senti as veias saltadas ali, a pele quente. Apertou os mamilos novamente e eu cruzei as pernas, sentindo meu clitóris pulsar.

— Quero ver lá embaixo.

Demorei alguns segundos para entender o que ele quis dizer. No entanto, quando compreendi, em sequer pensei, simplesmente agi pelo impulso, pelo desejo e me livrei da camisola e da calcinha, ficando completamente nua para ele. Ouvi um gemido e, por um momento, pensei que tivesse sido meu, mas não... Tinha sido de Rage. Ele olhava para a junção das minhas coxas com intensidade, seu corpo estremecendo. Não pude me segurar e olhei para onde a sua ereção formava uma barraca na calça e quis muito tocá-lo ali. Meu Deus, eu só queria ter o seu pênis nas minhas mãos de novo, enquanto sentia suas mãos em meu corpo.

— Quero ver — ele disse, olhando rapidamente para mim, seguindo para a junção das minhas pernas logo depois. Sem pensar muito, me recostei mais nos travesseiros e abri as pernas, deixando-o me ver completamente. Nunca fiquei tão exposta antes, mas a sensação era indescritível. Um misto de desejo, timidez e um toque de proibido que estava me deixando louca, completamente excitada. — Amy... Brilha muito.

Sorri ante as suas palavras, entendendo o que ele quis dizer. Sim, brilhava porque eu estava tão excitada, que minha lubrificação já molhava meus lábios vaginais. Ansiosa, precisando do seu toque, peguei sua mão direita, que ainda estava em meus seios e a desci pela minha barriga, parando bem perto do monte de vênus. Rage me olhou.

— Quer tocar? — Perguntei. Vi quando seu quadril se impulsionou na cama e o modo como o seu corpo estremeceu.

— Como? — Perguntou. — Mostre.

Ainda olhando em seus olhos, desci sua mão até parar em minha vagina, abrindo os grandes lábios e fazendo seu dedo tocar em meu clitóris. O rodei ali, gemendo ao sentir o prazer me golpear com uma força sem igual. Rage acompanhou o movimento com os olhos, engoli em seco sentindo-o se aproximar de mim, até que entendeu como tinha que fazer e começou a me

masturbar sozinho. Sua mão voltou a apertar meu seio e ele colocou mais um dedo em meu clitóris, pressionando-o, rodeando-o, me fazendo estremecer sobre a cama.

Meus quadris começaram a acompanhar seu movimento e eu fechei os olhos, jogando a cabeça para trás, sentindo o cheiro da minha lubrificação preencher o ar, meu corpo se arrepiar, o mundo desaparecer completamente. Abri mais as pernas e ouvi Rage gemer, prendendo meu mamilo em seus dedos e aumentando o movimento ao ver que eu gemia mais alto.

— Isso, Rage... Não para, por favor... — Gemi, apertando seu braço, querendo tocá-lo de alguma forma. Ele olhou em meus olhos e balançou a cabeça.

— Não vou parar — garantiu em uma voz rouca.

Sem poder me impedir, toquei em sua perna e tateei até achar a sua ereção. Quis tirá-la de dentro da calça, mas minha mão tremia muito, por isso, o toquei por cima do pano grosso, sentindo como seu pau estava duro. Rage gemeu, se esfregou em mim e tocou em meu clitóris, me fazendo delirar de prazer. Eu estava perto demais e só precisei sentir seus dedos beliscarem meu mamilo mais uma vez, para poder explodir.

Eu já havia gozado antes, mas nunca foi daquela forma. Foi como levar um choque, fiquei sem ar, sem voz, meu corpo se arqueou na cama, minhas pernas tremeram, minha mente rodou, minha vagina pulsou com força. Nem sei o que aconteceu nos segundos em que permaneci presa naquelas sensações que pareceram durar para sempre, mas quando acabou, senti a mão de Rage pressionar a minha por cima da sua calça, até que ouvi seu próprio gemido. Foi meu nome. Ele disse o meu nome, enquanto jogava a cabeça para trás com os olhos fechados. Foi a cena mais hipnótica que já vi na minha vida.

— Oh, Amy... Amy...

— Rage... — chamei por ele também, acariciando seu pau, sentindo sua calça ficar molhada sob os meus dedos.

Ele tremia assim como eu, seu quadril sofria espasmos, o suor escorria pelo seu pescoço e eu senti vontade de o lamber. Quis o lamber por inteiro, desde sua boca até o seu pênis, praticamente salivei e cheguei a me levantar para fazer isso, mas ele me olhou logo e tirou minha mão de cima da sua

calça.

— Rage...

— Sem sujar você — disse ele com a voz rascante e o cenho franzido. — Sem sujar.

— Não vai me sujar, Rage — falei. Ele balançou a cabeça.

— Sem sujar você — repetiu, olhando para o meu corpo por inteiro.

Sua mão ainda estava entre as minhas pernas e a outra segurava o meu pulso longe do seu quadril. Senti seus dedos se mexerem lá embaixo e gemi baixinho em agonia, pois o orgasmo ainda cobrava o seu preço. Sem querer que ele percebesse que seu toque, por enquanto, não era mais bem-vindo, puxei a sua mão de lá e a olhei com interesse. Ele também olhou e viu como os seus dedos estavam molhados.

— Acho que precisamos de um outro banho — falei rindo baixinho.

— Gostou? — Ele perguntou, chamando a minha atenção. — Do meu toque?

— Muito — sussurrei.

— Você gritou muito — ele disse com uma sinceridade que chegava a ser dilacerante. Acabei rindo, sentindo graça e um pouco de vergonha.

— Porque foi muito bom — falei, mas, então, me dei conta de que, talvez, os meus gemidos pudessem ter o feito se lembrar das coisas horríveis que aqueles homens fizeram com ele. Perdi a graça totalmente e fiquei séria. — Você não gostou?

— Gostei. Toda vez que você gritava, pulsava aqui — ele apontou para o próprio pênis. — Não sei porquê.

Fiquei aliviada e, ao mesmo tempo, curiosa para saber mais sobre o seu corpo, sobre os seus desejos. Era a minha primeira vez com um homem e, apesar de não ter sido nada convencional, eu ainda queria aprender — por mais que, naquele momento, eu estivesse na posição de explicar.

— Porque você sentiu desejo por mim — respondi simplesmente e ele pareceu entender, pois assentiu. — Que tal um banho agora? Você pode tomar banho ali e eu tomo no meu quarto.

Rage franziu o cenho e balançou a cabeça.

— Não, você vai comigo.

— Quer que eu tome banho com você?

— Sim. — Ele assentiu, decidido.

Eu apenas sorri e me levantei, tendo plena consciência de que eu estava completamente nua e que ele me olhava sem conseguir disfarçar.

— Então, vamos.

Capítulo 16

Rage

Segurei a mão de Amy e me levantei da cama. Ela caminhou na minha frente, segurando a minha mão e eu fui logo atrás dela, olhando pela primeira vez para as suas costas nuas. Eu não sabia como aquilo era possível, mas ela era tão linda de costas quanto era de frente.

Em algum momento da noite, ela havia soltado o cabelo e agora eu podia ver como ele era longo, pois batia na altura da sua cintura. Desci meus olhos dele e cheguei a sua bunda, que era firme, redonda, linda como ela. Senti um espasmo dentro da calça e fiquei assustado por pensar que eu poderia ficar duro de novo, em tão pouco tempo. Não queria que aquilo acontecesse, mas, ao mesmo tempo, não conseguia tirar os olhos dela — e olhar para ela mexia com cada parte do meu corpo. Amy ligou o chuveiro e olhou para mim.

— Precisa tirar a roupa para tomar banho — disse em um sorriso travesso. Eu adorava o seu sorriso.

Ela já tinha me visto pelado, mas, mesmo assim, fiquei envergonhado ao tirar a blusa e depois a calça, porque eu sabia que estava todo sujo com a minha porra e que havia deixado uma mancha enorme no tecido. Não era para eu ter aceitado o seu toque, mas estava tão desesperado, tão desnorteado e o meu pau pulsava tanto que, quando ela me tocou por cima da calça, eu não pude fazer outra coisa a não ser permitir que aquela sensação boa me envolvesse de novo. Nunca me senti daquele jeito, pois foi ainda mais forte do que quando ela havia me tocado no banheiro. Todo o meu corpo parecia estar concentrado no meu pau, minhas bolas doíam, meus quadris se moviam sozinhos, meus olhos se reviravam. Eu não entendia o porquê, mas a sensação era gostosa demais para ser ignorada.

Lembrar do que aconteceu há poucos minutos mexeu comigo e com o meu pau, que parecia estar prestes a endurecer de novo. Eu tinha que o impedir, por isso, passei por Amy feito um flash e entrei debaixo do

chuveiro, sem me importar se a água estaria fria ou não — na verdade, se ela estivesse fria, seria ainda melhor. Passei a mão pelo meu pau, limpando todo o vestígio de porra dele e dos meus pelos e estremeci quando senti as mãos de Amy em minhas costas.

— Rage, o que foi?

Fechei os olhos rapidamente, sem saber o que dizer ela. Suas mãos acariciaram minhas costas, meus ombros e eu respirei fundo, querendo sentir tudo o que ela tinha para me dar, mas, ao mesmo tempo, sentindo medo de *tudo* o que ela tinha para me dar.

— Rage? — Ela me chamou de novo e eu me virei, olhando para ela.

Foi como tomar um soco no estômago, cheguei a pensar que eu poderia ficar tonto e cair de joelhos no chão, porque ela era perfeita. Eu já sabia que ela era linda, mas sem nenhuma roupa... Não achava que era possível alguém ser tão bela assim. Amy tinha os olhos vivos, as bochechas estavam vermelhas, os lábios entreabertos, como se quisesse me dizer algo, mas não soubesse o quê. Aproveitei aquele momento de silêncio para olhar para ela por inteiro e me senti tonto de verdade, minha boca salivou ao ver os seus seios tão bonitos, redondos, com os mamilos apontando para mim. Não estavam tão duros quanto antes, ainda assim, olhavam para mim como se quisessem o meu toque novamente.

Desci por sua barriga, sabendo como sua pele era delicada ali, lembrando-me nitidamente de como ela ficou arrepiada com o meu toque, até chegar à junção de suas coxas. Quase não podia ver a sua vagina, mas eu podia me lembrar de cada detalhe, como era rosada, delicada, o cheiro diferente que exalava e como estava molhada. Acho que nunca vi algo tão bonito — principalmente levando em consideração que aquela era primeira vagina que eu vi na porra da minha vida. Também não me lembro de já ter tocado em algo tão macio e escorregadio antes, sensível, pois pulsava sob os meus dedos. Só de me lembrar, eu já podia sentir a pressão novamente em minhas bolas, o sangue correndo mais rápido nas veias, a vontade que senti de ficar ali por horas, para gravar para sempre em minha memória cada reação de Amy.

E ela reagiu. Ela reagiu a *mim*, ela gostou do *meu* toque, ela se entregou completamente. Eu ainda não acreditava que aquilo realmente havia

acontecido, que ela havia confiado em mim, que ela havia *me* desejado. Como era possível? Eu não merecia nenhum tipo de sentimento vindo dela, eu não era nada e a tratei mal em diversas ocasiões. Como ela poderia colocar o seu corpo em minhas mãos? Como poderia me desejar depois de tudo? Em meio àquela loucura, não me dei conta disso, mas agora essas questões estavam me espezinhando. Será que Amy era louca? O que passava pela cabeça dela?

— Rage, fala comigo — ela pediu, tocando em meu rosto, fazendo-me encontrar os seus olhos. Só naquele momento me dei conta de que eu estava completamente perdido em pensamentos, fitando o chão. — No que está pensando?

Como eu poderia explicar ela? Minha mente era uma confusão, eu não sabia como falar direito, nem como me fazer ser entendido. Depois de tantos anos sem pronunciar uma palavra sequer, eu havia perdido a habilidade de colocar minhas ideias, meus pensamentos, em voz alta. Mesmo assim, tentei me esforçar, pois sabia que Amy merecia uma resposta.

— Por que me deixou tocar em você?

Ela franziu o cenho, como se não tivesse entendido a minha pergunta. Pensei que eu não havia sido claro o suficiente, mas ela logo me respondeu:

— Porque eu gosto de você.

Olhei para ela, ficando surpreso. Ela *gostava* de mim? Eu não me lembrava de alguém já ter me dito isso antes.

— Por quê? — Perguntei.

— Por que o quê?

— Por que gosta de mim?

— Acho que não há uma explicação... Eu simplesmente gosto — ela disse, tocando meu rosto. Eu odiava ser tocado, pois, geralmente, só me tocavam para me fazer sentir dor, mas do toque dela eu gostava. Não, eu adorava. Sim, eu adorava o toque dela, mesmo sabendo que não merecia.

Amy me deu um sorriso e não disse mais nada, simplesmente tomou o meu lugar e foi para debaixo do chuveiro. Ela havia prendido o cabelo no alto da cabeça para não o molhar e, sem querer, eu segui o rastro da água pelo seu corpo, descendo pelo seu rosto, pescoço, os seios, sua barriga, sua vagina e

pernas. Engoli em seco, sem conseguir parar de olhar, mesmo sabendo do efeito que ela causava em mim.

Vi quando pegou o sabonete e colocou um pouco na mão, em seguida, estendeu o frasco para mim.

— Dê-me sua mão — pediu e eu o fiz, estendendo minha mão para ela. Colocou um pouco de sabonete na palma e disse: — Lave-se.

Assenti e comecei a passar o sabão pelo meu corpo, vendo que ela fazia o mesmo. Precisei respirar fundo e me controlar para não me aproximar e tocá-la de novo, porque minhas mãos comichavam para fazer o mesmo caminho que as mãos dela. Não queria me lavar, queria lavar o corpo *dela*, mas senti medo de não conseguir me conter. Já estava difícil controlar o meu pau agora, imagina se eu tocasse em seu corpo? Não queria ficar duro e acabar sujando-a de novo. Quando ela terminou, voltou ao chuveiro e se enxaguou e depois foi a minha vez. Limpos, saímos debaixo do chuveiro e começamos a nos secar.

— Vou ao meu quarto pegar uma roupa para mim e para você — ela disse, pegando um roupão que estava pendurado perto da pia. — Já volto.

Ela saiu do banheiro e me deixou sozinho. Aproveitei aquele momento para terminar de me secar, em seguida, espirrei desodorante e penteei meu cabelo de qualquer jeito com um pente que encontrei em cima pia. Quando ela voltou, eu já estava preparado para me vestir. Daquela vez, Amy usava short e blusa que pareciam de dormir e me estendeu uma nova calça e camisa, que vesti no minuto seguinte. Saímos juntos do banheiro e Amy se deitou ao meu lado e acariciou o meu rosto.

— Vamos dormir, já está tarde.

Eu sabia que ela não tinha que aturar o meu toque, mas ela disse que gostava. Ela disse que gostava de mim e acho que isso me deu coragem para me aproximar e tocar o seu rosto também. Por alguns segundos, ela fechou os olhos e sorriu, como se estivesse aproveitando o meu carinho e eu mantive os olhos bem abertos, para poder enxergar bem e guardar aquele momento em minha memória. Eu não sabia até quando teria a oportunidade de estar ao lado de Amy até o Mestre voltar de onde quer que estivesse, por isso, queria aproveitar cada segundo que eu tinha.

Quando ela voltou a me olhar, senti o ar deixar os meus pulmões, pois seus olhos pareciam brilhar. Naquele momento, quis fazer alguma coisa,

qualquer coisa, para que aqueles minutos durassem para sempre.

— Posso abraçar você? — Ela perguntou.

— Sim — respondi rapidamente, porque Amy podia tudo. Ela podia fazer qualquer coisa comigo.

Devagar, ela se aproximou do meu corpo e passou braço pela minha cintura, me rodeando. Seu cheiro era muito bom e decidi aproveitar aquele momento que eu tinha com ela. Tomando coragem, a puxei para mais perto de mim e passei meu braço pelo seu corpo, a abraçando também, sentindo o seu calor me envolver. Não sei por quanto tempo ficamos assim, até que a senti relaxar contra mim e soube que ela havia dormido.

Amy estava dormindo em meus braços. Ela estava ali porque gostava de mim. Poucas vezes me permiti sonhar sobre como seria a minha vida quando eu me libertasse, mas sabia que sonho algum chegaria perto da perfeição que era tê-la entre os meus braços.



— Sabe o que eu faço com meninos maus, cãozinho?

Eu estava no quarto escuro. Meus braços estavam presos nas correntes e meus shorts estavam enrolados em meus tornozelos. Mesmo sabendo que era inútil, me balancei nas correntes, tentei sair dali, mas tudo o que senti foi uma dor horrível em meus ombros. Pude ouvir a risada do Mestre atrás de mim.

— Eu admiro a sua coragem, Rage. Admiro a sua força, mas é tão inútil... Você é tão inútil! Acha mesmo que pode lutar contra mim? Eu sou o seu dono, Rage, eu e apenas eu*!*

Mestre parou na minha frente e olhou em meus olhos. Ele usava apenas um roupão de seda negra e pude ver como ele estava duro. Senti vontade de vomitar, pois sabia o que acontecia quando ele estava daquela forma. Sabia

o que ele iria fazer comigo.

— Você está ficando cada dia mais lindo — ele disse, dando um passo em minha direção. Quando as pontas dos seus dedos tocaram o meu rosto, eu estremeci. Ele riu. — Meu cãozinho ainda tem medo de mim? Ora, Rage, você já tem onze anos! Já pode parar de agir como um bichinho assustado!

— Não sou um cão — falei entredentes, sentindo seus dedos descerem pelo meu queixo até o pescoço. Lá, ele puxou a coleira que havia colocado em mim.

— Isso aqui diz outra coisa — riu, puxando a coleira até ter o meu rosto encostado ao seu. — Só um cão usa uma coleira. Só um cão tem um Mestre e é obrigado a obedecer. Só um cão é estúpido, inútil e desprezível.

Sua saliva espirrava em minha cara, mas eu fiquei quieto, olhando em seus olhos e ouvindo suas palavras. Eu sabia que se eu afastasse um pouco a minha cabeça e a jogasse com tudo para frente, minha testa ia colidir com o seu nariz e ele iria sangrar, mas já havia aprendido a não ser tão impulsivo. Cada um dos meus atos se voltavam contra mim, essa foi a primeira lição que aprendi. Se eu batesse no Mestre, seus homens iriam fazer bem pior comigo e eu não queria mais apanhar. Eu queria ganhar força e lutar para me libertar.

As mãos do Mestre desceram pelo meu peito, minha barriga e eu trinquei o maxilar quando senti o seu toque lá embaixo. Primeiro, ele passou as duas mãos sobre o meu pênis, em seguida, apertou minhas bolas com força. Não pude evitar o grito de dor que escapou pela minha garganta e Mestre sorriu, começando a acariciar o meu pênis para cima e para baixo.

— Você gosta, cãozinho... Pode fazer essa cara de bravo, mas eu sei que você gosta — disse ele. — Você é sujo, Rage, muito sujo por gostar do que faço com você e sua sujeira acaba transbordando pelo seu pau e inunda a minha mão... Eu até gosto, mas depois tenho que ficar uma hora debaixo do chuveiro para me livrar da sua sujeira. Ninguém pode descobrir que eu tenho um cãozinho sujo dentro do meu porão.

Apertei a corrente com força entre as minhas mãos, porque suas palavras me atingiam muito mais do que eu gostaria. Sim, eu era sujo, porque uma parte de mim gostava do seu toque. Eu não conseguia entender, eu não queria gostar, mesmo assim, eu ficava duro feito pedra e a sensação só

terminava quando a minha sujeira saía. Eu não sabia como aquilo era possível, mas era verdade. Eu era mesmo um cãozinho sujo do Mestre, só isso poderia explicar o porquê de eu gostar. O porquê de eu estar duro agora, mesmo com raiva, com ódio, mas tomado de sensações pelo o que ele fazia comigo lá embaixo.

— Porra, olha para isso! Que delícia, Rage... Você me deixa louco, porra — ele xingou, desamarrando o nó do roupão com uma mão, enquanto a outra ainda me tocava. Um gemido alto escapou de seus lábios quando começou a tocar a si mesmo. Senti vontade de vomitar quando passou a cabeça de seu pênis pelas minhas bolas. — Mal posso esperar para fazer tudo o que quero com você, Rage... Se você ama isso, vai amar ainda mais o que está por vir.

Ele sempre fazia essa ameaça e eu sentia meu coração afundar no peito. O que ele queria dizer? O que mais ele poderia fazer comigo? Será que eu amava mesmo aquilo? A resposta veio clara na minha mente, não, eu não amava. Mas, então, por que eu ficava duro? Por que aquela sensação tão boa, tão potente, tomava conta de mim quando ele me tocava? Acho que eu jamais saberia a resposta e, em meio ao arrepio que tomou conta do meu corpo, senti aversão por mim mesmo.

Mestre tinha razão, eu era estúpido, era inútil. Era uma aberração. Só isso poderia explicar o porquê de eu estar dividido entre a raiva, o ódio e a vontade de deixar que aquela sujeira *saísse de dentro de mim.*

— Vamos, Rage, quero a sua porra suja na minha mão — Mestre disse, passando o nariz pelo meu pescoço. — Vamos, cãozinho... Sei que você está louco para gozar. Eu sei que eu estou.

"Eu te odeio", *quis dizer a ele, enquanto apertava o meu maxilar e sentia aquele raio descer em direção as minhas bolas.* "Eu te odeio com todas as minhas forças e vou te fazer sangrar até morrer", *gritei por dentro, pois era uma promessa. Ele iria me pagar por tudo o que fazia comigo.*

— Vamos, Rage... Solte a sua sujeira para mim.

"Vou arrancar o seu pau e fazer você morrer com ele engasgado em sua garganta", *falei em minha cabeça, olhando dentro dos seus olhos.* "Você vai queimar no fogo do inferno".

— Isso, cãozinho... Bem assim... Nossa, você é uma delícia gozando,

porra... — ele gemeu enquanto minha sujeira caía em sua mão e a dele cobria a minha barriga.

Eu fechei os olhos, pois não aguentaria ver aquela cena. Já não bastava sentir a sua mão em mim e a sua porra em meu corpo... Não aguentava ver. Eu o odiava! Meu Deus, como eu odiava esse monstro, odiava quando ele me tocava, odiava quando olhava para mim, quando falava comigo, quando me deixava ainda mais sujo com a sua porra.

Ainda olhos fechados, senti quando ele se afastou. Meu pau caiu entre as minhas pernas, ainda um pouco duro, mas não quis abrir os olhos para ver. Não queria estar ali. Eu queria que aquilo acabasse de uma vez por todas, pois não sabia até quando iria aguentar.

— Olhe para mim, seu cãozinho covarde — Mestre gritou, apertando o meu maxilar com força. Olhei para ele, encontrando sua expressão feroz. — Se fechar os olhos de novo enquanto eu estiver aqui, vou me certificar de que você fique sem enxergar por um mês com os dois olhos roxos e inchados, ouviu? Você me ouviu, porra?

— Sim.

— Sim o que, sua aberração?

— Sim, Mestre. — Saiu mais como um xingamento, mesmo assim, ele deixou passar e se afastou, olhando-me de cima a baixo. Senti meu estômago se revirar.

— Você fica ainda mais lindo com a minha porra te enfeitando — disse em uma voz rascante, mas com um sorriso nos lábios. — Você é um cãozinho precioso, Rage. O melhor que eu já tive. Nada no mundo poderá tirar você de mim.

Olhando-me uma última vez, ele amarrou o roupão e saiu do quarto, deixando-me sozinho no escuro. Senti-me fraco, derrotado e sujo. Sempre me sentia assim depois que ele me visitava, pois, o peso do que havia acabado de acontecer descia sobre mim como se pesasse uma tonelada. Novamente, ele me tocou.

E uma parte de mim gostou.

Eu não poderia *gostar, porque era errado, ele não tinha o direito de me tocar, ele matou a minha família, ele me mantinha preso, me batia, me*

xingava. Como eu poderia gostar daquilo? Como?

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e abaixei a cabeça, sabendo que o Mestre tinha razão. Eu era mesmo um cãozinho sujo. Era uma aberração.

Acordei suado, sobressaltado, com o coração na boca e a cabeça presa nas imagens do passado. Demorei alguns segundos para tomar ciência de que havia sido apenas um sonho e tentei acalmar minha respiração, olhando rapidamente para o lado e encontrando Amy deitada em meus braços, com os cabelos espalhados pelo travesseiro e a mão sobre o meu peito. Será que ela conseguia sentir as batidas do meu coração? Será que iria acordar com o tremor do meu corpo? Será que conseguia sentir a sujeira em mim?

Pensar nisso me fez ofegar e, tentando ser o mais delicado possível, a tirei de cima do meu peito e a coloquei deitada em seu travesseiro. Como poderia tocar nela depois de tudo o que eu havia feito? Senti tanto nojo de mim mesmo, que quase vomitei. Não, eu não podia sequer ficar perto dela. Não podia. Ainda me sentindo um pouco desorientado, levantei-me da cama e notei que o dia já havia amanhecido. Uma parte de mim quis afastar ainda mais as cortinas para ver a luz do dia, mas a outra parte foi maior e eu fui direto para o banheiro, fechando a porta atrás de mim.

Um bolo parecia se formar em minha garganta e eu me apoiei na pia, fechando os olhos por alguns segundos. Eu não era mais aquele menino que o Mestre conseguia manipular. O sonho havia sido real porque, em partes, ele era uma lembrança e, por um momento, eu voltei a ser aquele menino imbecil e idiota, que sentia *coisas* quando o Mestre me tocava. Com o tempo, percebi que a fraqueza só faria com que o Mestre tivesse mais poder sobre mim e fui ficando cada vez mais forte. Seu toque já não me causava outra coisa que não fosse asco e nunca mais tive aquelas sensações quando ele me tocava.

Por que estava sentindo aquilo agora? Por que aquelas lembranças voltaram a me assombrar? Apertei meus dedos com força na pia, tentando fazer parar. Sentia-me preso, sufocado, com nojo de mim mesmo, com o coração pesado por saber que eu havia deixado que Amy tocasse em mim, mesmo sabendo quão sujo eu era. E *eu* havia tocado nela. Minhas mãos estiveram em suas partes mais íntimas. Meu Deus, por que ela havia

permitido aquilo? Será que não enxergava a podridão em mim?

Balancei a cabeça, me sentindo um idiota quando a resposta veio com tudo em minha mente. Talvez ela não soubesse. Talvez Amy não tivesse conhecimento de tudo o que o Mestre já havia feito comigo. Um pouco assustado, abri os olhos e encarei o espelho a minha frente, mas não foi a minha imagem que eu vi. Preso em meus pensamentos, comecei a me questionar se Amy tinha alguma ideia de como o Mestre me usava. Será que ela pensava que eu era apenas um prisioneiro? Isso explicaria o fato de ela me deixar tocá-la sem receio algum e o motivo de ter falado que eu não era sujo.

Se eu contasse, o que ela iria fazer? Será que voltaria a me trancar no quarto escuro? Será que me abandonaria? Senti meu coração despencar no peito ao pensar nessa possibilidade. E eu nem poderia ficar com raiva, porque iria entender se ela fizesse isso comigo. Quem iria querer se envolver com o cãozinho do Mestre? Com o homem que havia sido reduzido a nada?

Abaixei a cabeça, sentindo-me muito mal, com um peso muito grande assolando o meu peito. Estava confuso, sem saber ao certo como organizar os meus sentimentos. Ao mesmo tempo que queria voltar para a cama e segurar Amy em meus braços, queria manter distância para que eu não a sujasse com o que eu era. Ia muito além do que saía do meu pau, a minha sujeira vinha de dentro de mim e tocá-la, agora que estava livre das sensações que ela me fazia sentir, parecia ser um insulto. Como tive coragem de fazer tudo aquilo com ela? *Como*?

— Rage?

Levantei a cabeça e a encarei atrás de mim pelo reflexo do espelho. Amy me olhava com uma expressão confusa, parecendo ainda estar com sono, apesar de já ter amanhecido. Não soube o que dizer para ela. Agora que estava em sua presença, parte da minha mente havia se calado e a única coisa que eu queria fazer, era puxá-la para os meus braços. Ela andou para perto de mim e parou ao meu lado, tocando de leve o meu braço.

— O que houve?

"Ela não sabe", concluí, sentindo o seu toque gentil, seu olhar terno para mim. *"Ela não sabe o que o Mestre faz comigo. Por isso me toca assim, por isso me trata dessa forma e me deixa tocar em seu corpo."*

Uma parte de mim ficou aliviada ao constatar isso, mas a outra parte ficou

cheia de culpa, porque, assim que o pensamento de contar a verdade a ela cruzou a minha mente, eu o empurrei para longe. Empurrei porque não suportaria que ela soubesse o que o Mestre fazia comigo e não era apenas porque eu sentia vergonha e nojo, era porque eu não suportaria ver esse olhar no rosto dela. Não suportaria ver o seu asco dirigido a mim, nem aguentaria a sua rejeição.

Sem conseguir falar nada, a puxei para os meus braços e a abracei com força pela cintura, quase tirando seus pés do chão. Senti como ficou surpresa no início, mas logo retribuiu o abraço, cercando-me pelos ombros. Enfiei meu rosto em seu pescoço e fechei os olhos, respirando fundo enquanto implorava para que ela perdoasse a minha omissão. Eu não fazia por maldade, fazia apenas porque... Porque eu gostava de Amy. Ela havia sido o melhor presente que eu já havia recebido na vida. Não suportaria perdê-la.

"Me desculpa, me desculpa, me desculpa, Amy..."

— Rage... Fale comigo — pediu, acariciando a minha nuca.

— Tive um sonho ruim — falei, pois sabia que ela iria insistir até que eu dissesse algo. Seu corpo ficou tenso.

— Um sonho ruim? Sobre o quê?

— Sonhei que você se afastava de mim — falei. Não era mentira. Eu havia sonhado com uma lembrança distante entre mim e o Mestre, mas serviu apenas como um lembrete para o que aconteceria, caso Amy soubesse a verdade.

— Rage, isso nunca vai acontecer — ela disse, puxando meu rosto para as suas mãos. — Eu não vou me afastar de você. Nada nunca vai me afastar de você. Acredita no que eu digo?

— Eu acredito em você. Eu... Eu confio em você, Amy — falei, porque era a verdade. Não tinha mais volta, em algum momento desde que acordei neste quarto e tive ciência de que ela vinha cuidando de mim e que nunca, desde o princípio, havia mentido para mim, eu comecei a confiar nela. E não me arrependia. Vi seus olhos se encherem de lágrimas.

— Confia?

— Sim — respondi.

— Eu também confio em você, Rage — disse ela, acariciando o meu

rosto. — Sei que não vai mais me machucar.

— Eu te machuquei ontem — murmurei, descendo minha mão para a lateral do seu corpo. Parei em cima da sua bunda, onde eu sabia que ela havia batido no chão. — Desculpa, Amy.

— Eu já te desculpei, está tudo bem. A culpa não foi sua — falou, descendo os dedos pela minha barba até o meu pescoço. Fiquei tenso quando senti tocar a coleira. — Queria tanto tirar isso de você...

— Não dá — falei, vendo duas lágrimas molharem as suas bochechas. — É de ferro.

— É muito apertada.

— Eu já me acostumei — falei, vendo que ainda olhava para a coleira em meu pescoço. Me senti muito mal, pois ela parecia sentir a minha dor. Não querendo que ela olhasse mais, puxei seu rosto em minha direção com uma mão, ainda rodeando a sua cintura com o outro braço. Mesmo sabendo que eu não era digno, limpei as suas lágrimas. — Só não olhar para ela. Esqueça que ela está aqui. Eu já esqueci.

Seu queixo tremeu e mais lágrimas escaparam dos seus olhos, fazendo meu coração doer.

— Eu sinto muito, Rage.

— Não sinta — murmurei, descendo os olhos para a sua boca. Seus lábios estavam levemente vermelhos e eu toquei o inferior com o polegar, sentindo as mesmas emoções que na noite anterior, mas agora mais intensas. Ela ofegou baixinho e seu corpo estremeceu.

— Rage... — ela subiu a mão pelo meu rosto e seu polegar também tocou os meus lábios. Sem conseguir frear o meu desejo, beijei a ponta do seu dedo olhando em seus olhos. Meu pau sofreu um espasmo dentro da calça e Amber se agarrou a mim.

Senti no fundo da minha mente um alerta soando para que eu me afastasse, pois poderia me arrepender novamente. Então, lembrei-me que Amy não sabia o que o Mestre fazia comigo... E se eu não a sujasse com a minha porra, estaria tudo bem. Talvez eu pudesse tocar nela de novo, em seus seios, em sua vagina. Meu pau pulsou com força quando pensei em tocar lá embaixo e sentir como ela era macia e molhada.

Queria fazer aquilo. Queria que ela ficasse nua, se deitasse no chão e me deixasse tocar em seu corpo como na noite anterior. Naquele momento, toda a culpa que eu sentia ao acordar, havia evaporado da minha mente e nenhum resquício de dúvida ou confusão haviam restado. Eu só queria Amy, apenas isso.

— Amy, eu posso...

Não consegui terminar de perguntar se poderia tocá-la, pois o barulho da porta do quarto se abrindo ecoou dentro do banheiro. Assustada, Amy se afastou de mim e saiu, deixando-me sozinho. Pude ouvir sua voz, pois a porta do banheiro estava aberta, mas não me aproximei para olhar. Pude ouvir também a voz do seu amigo, Hernandez e senti um pouco de raiva. O que ele estava fazendo ali? Por que havia nos atrapalhado? Ouvi a porta do quarto se fechando novamente e, minutos depois, Amy entrou em meu campo de visão. Ela estava um pouco ofegante.

— Hernandez veio nos chamar para tomar café da manhã — ela disse, descendo olhar pelo meu corpo. Ficou alguns minutos olhando para o meu pau duro dentro da calça e, um pouco envergonhado, coloquei as mãos na frente dela. Ela piscou duas vezes antes de voltar a me olhar. — Eu vou... Eu vou ao meu quarto rapidinho e já volto aqui para descermos, está bem?

— Sim — respondi, mas queria dizer não. Queria ficar no quarto, com ela nua e queria que me deixasse tocar em seu corpo. Senti um pouco de raiva de mim mesmo, porque agora a consciência me atingia aos poucos, lembrando-me de todos os motivos pelos quais eu não era digno de tocar em um fio de seu cabelo.

Dando-me um sorriso, Amy se virou e saiu do quarto, deixando-me sozinho. Com o corpo tenso, virei-me para o espelho e me encarei. Prometi a mim mesmo que tentaria me controlar perto de Amy, apesar de sentir que era uma promessa falsa.

Capítulo 17

Amber

Sentia as minhas pernas bambas enquanto caminhava até o meu quarto e precisei me sentar na cama para tentar me recuperar. Por um momento, enquanto estávamos juntos no banheiro, achei que Rage iria me beijar. Seu olhar intenso, seu toque em meus lábios, sua respiração ofegante, sua ereção pressionada contra a minha barriga... Todos os sinais me fizeram entender que, naquele momento, ele me daria um beijo. E se isso realmente tivesse acontecido, eu sabia que não teria mais volta.

Os acontecimentos da noite passada voltaram com tudo em minha mente, roubando meu fôlego. Eu nem precisava fechar os olhos para me lembrar das suas mãos em meu corpo, porque seu toque parecia ter ficado gravado a ferro em minha pele. Era como se eu tivesse sido marcada por Rage, pela sua intensidade, pelo seu cuidado para comigo, pela curiosidade nítida em seus olhos, misturada a um desejo latente. Naquele momento, em seus braços, completamente nua naquela cama, eu não consegui pensar em mais nada. Qualquer senso de certo ou errado havia evaporado da minha mente e todo o meu ser respirou e sentiu Rage e acho que ele se sentiu da mesma forma.

Eu não sabia em que momento o desejo havia crescido entre nós dois. Rage era um homem fascinante, sua beleza agressiva foi uma das primeiras coisas que me marcou quando entrei no quarto escuro pela primeira vez, mas o que prevaleceu dentro de mim foi a sensação de que eu deveria lutar por ele e o proteger. Acho que a intensidade que tomou conta da nossa relação quando comecei a cuidar dele enquanto estava doente, acabou transformando os meus sentimentos. O mesmo parecia ter acontecido com ele.

“Eu confio em você, Amy.”

Sua voz soou nítida e clara em meus ouvidos. Quando acordei e não o encontrei na cama, mil coisas passaram pela minha cabeça. Senti muito medo de que tivéssemos ido longe demais na noite anterior e que Rage tivesse

surtado de alguma forma. Envolvida pelo desejo, sequer me preocupei com o fato de que ele vinha sendo abusado por meu pai e por vários outros homens, mas acordar e não o ver ao meu lado fez com que essa lembrança amarga caísse com tudo sobre mim. O peso que senti em meu peito nem chegava perto de explicar a dor que me tomou ao pensar que tudo o que havia acontecido entre nós dois pudesse, de certa forma, ter despertado lembranças ruins nele e saí correndo pelo quarto, desesperada para encontrá-lo.

Ele parecia derrotado em frente à bancada do banheiro, se encarando no espelho. Não conseguia imaginar o que estava passando pela sua mente e senti uma dor quase física ao pensar que ele poderia estar comparando o que havia acontecido entre nós dois, com o que o meu pai fazia com ele. E se eu tivesse me enganado? Se eu tivesse achado que, por ter gozado e ter sentido prazer, tinha sido bom para ele também? Como pude ser tão estúpida? Enquanto olhava para ele, pensei de que maneira eu poderia me desculpar, mesmo sabendo que nada que eu dissesse ou fizesse apagaria o que havia acontecido na noite anterior. Estava pronta para dizer que a culpa havia sido minha, quando ele me pegou em seus braços e me apertou com força.

Foi a primeira vez que Rage me abraçou. E, por mais incrível que pudesse parecer, senti muito mais intimidade naquele abraço, do que em tudo o que havíamos partilhado na noite anterior. Meu coração, que parecia estar sendo apertado por mãos de ferro, se libertou no momento em que senti seus braços ao meu redor. Senti tudo mudar a partir dali. A noite de ontem havia sido importante, marcante, mas depois daquele abraço, depois de ouvir que Rage havia sonhado que eu o abandonava e ver o medo real em seus olhos de que aquilo pudesse acontecer e, principalmente, depois de o ouvir dizer que *confiava* em mim, senti que tudo realmente havia mudado entre nós dois. Eu não saberia explicar como, mas havia mudado.

Eu faria de tudo para não desperdiçar a sua confiança em mim. Estaria ao lado dele o tempo todo, jamais o deixaria sozinho e fortaleceria a nossa relação. Também teria mais cuidado com ele, com o desejo que nos envolvia e tentaria fazer com que ele se abrisse ainda mais comigo, fazer com que colocasse as suas dúvidas para fora, pois sentia que ele guardava muita coisa para si mesmo. Aproveitaria a sua confiança para o ajudar ainda mais.

Depois de controlar as minhas emoções, troquei de roupa, lavei o rosto e escovei os dentes. Pronta, fui ao quarto de Rage e o encontrei sentado na

poltrona, olhando fixamente para o livro em cima da mesinha de cabeceira. Senti meu rosto esquentar ao constatar que foi por causa daquele livro que a nossa relação mudou completamente.

— Vamos tomar café da manhã? — perguntei, chamando a sua atenção. Ele assentiu e se levantou, agarrando a mão que estendi para ele.

Rage ficou ao meu lado durante todo o caminho que fizemos até a cozinha. Podia sentir seus olhos curiosos sondando a casa, observando cada detalhe, mesmo que já tivéssemos feito aquele mesmo caminho durante aquela semana. Eu conseguia entender a sua curiosidade, o seu fascínio; depois de passar anos trancado em um quarto escuro e gelado, saindo apenas para ser torturado por meu pai e por todos aqueles homens, era compreensível a sua curiosidade sobre qualquer coisa que fugisse ao padrão que ele, infelizmente, conhecia.

Pensar nisso fez o meu coração se apertar. Dentro do quarto, em meio à loucura que cometemos naquela madrugada, era fácil esquecer de tudo o que Rage havia passado até então, mas a cada vez que a realidade voltava e dava um tapa na minha cara, eu sentia o mundo estremecer sob os meus pés. Não podia ignorar tudo o que Rage já havia sofrido, pelo contrário, deveria me agarrar a tudo o que sabia, para poder destruir o meu pai. Iria fazer com que Maximus Bloom pagasse por tudo o que havia feito a Rage e as suas inúmeras vítimas.

Encontramos com Hernandez na cozinha, terminando de colocar o café da manhã sobre a bancada. Olhei rapidamente em volta, procurando por John ou Peter, mas fiquei aliviada em não os ver por ali. Desde que Rage havia acordado, pedi para que Hernandez mantivesse os seguranças longe de nossas vistas, pelo menos por enquanto. Ainda precisava conversar com eles e também com Rage.

— Sentem-se, o café já está pronto — Hernandez anunciou.

Apesar de já conhecer Hernandez e de eu ter garantido que ele não era uma ameaça, Rage ainda ficava tenso na presença dele. Apertei a sua mão na minha e o levei para os bancos em frente à bancada, onde Hernandez havia arrumado o café da manhã.

Hernandez olhou atentamente para nós dois, antes de falar:

— Vou deixá-los sozinhos. Depois, precisamos conversar, Amy — disse,

completando em seguida: — A sós.

— Tudo bem. Te encontro quando terminamos aqui.

Com um aceno de cabeça, Hernandez saiu e nos deixou sozinhos na cozinha imensa. Virei-me para Rage, encontrando os seus olhos em cima de mim.

— O que quer comer? — Perguntei, indicando para as comidas em cima do balcão. Rage seguiu o meu olhar e analisou tudo por alguns segundos.

— Eu gosto da salada de frutas.

Coloquei a tigela na sua frente e lhe estendi uma colher, que ele segurou sem muita delicadeza, mas com mais firmeza do que na primeira vez, e enfiou dentro do potinho de vidro, pegando uma quantidade generosa de frutas e levando a boca. O observei por alguns segundos sem conseguir disfarçar, lembrando-me da forma com que ele havia devorado o prato de comida que eu havia lhe dado noites atrás, enquanto ele ainda estava preso. Naquele momento, ele parecia um selvagem faminto, agora, ele parecia apenas um homem que não conhecia nada sobre etiqueta à mesa e que segurava os talheres da forma que conseguia.

Ele percebeu meu olhar sobre ele minutos depois e eu disfarcei, colocando café em minha xícara, não querendo que ele ficasse constrangido na minha frente. Enquanto me servia, voltei a me perguntar sobre a vida de Rage. Em que momento ele havia caído nas garras do meu pai? Como foi que isso aconteceu? Por que justamente ele parecia ser o preferido de Maximus Bloom? Eram muitas perguntas, mas eu ainda não sabia como obter as respostas de Rage. Tinha muito medo de tocar nesse tipo de assunto e fazer com que ele acabasse se afastando de mim. Apesar de já ter a sua confiança, eu precisava ser muito cuidadosa com o que perguntava, pois sabia que era algo doloroso demais para ele.

Tomei um gole do meu café e peguei um *pretzel* com manteiga, dando uma mordida, enquanto voltava o meu olhar para Rage.

— Quer? — ofereci, estendendo o *pretzel* para ele. O cheiro do pão alemão com manteiga estava espalhado pela cozinha e pude ver os olhos curiosos de Rage sobre ele. Com uma delicadeza que me surpreendeu, ele inclinou-se para mim e deu uma mordida, mastigando e franzindo o cenho, como se estivesse tentando detectar os sabores. — Gostou? — Ele assentiu.

— Quer mais?

Ele assentiu novamente e eu tirei um pedaço do *pretzel* com a ponta dos dedos, levando até a sua boca. Minha garganta ficou seca e um arrepio passou pelo meu corpo quando ele fechou os lábios sobre o meu polegar e o indicador e pegou o pão entre os dentes. Eu olhei como que hipnotizada para os seus lábios que brilhavam por causa da manteiga derretida e senti o meu coração falhar uma batida quando aquela vontade de o beijar se apossou do meu corpo novamente. Para afastar o desejo, pigarreei e tomei mais um gole do meu café, torcendo para que o líquido forte me despertasse do torpor.

— Mais — pediu ele quando coloquei minha xícara sobre o pires. Sua voz estava levemente rouca e, por um momento, perguntei-me se ele estava sentindo o mesmo que eu.

Será que também queria me beijar? Será que Rage sabia como era beijar alguém? Provavelmente não, e o pensamento me deixou dividida entre querer ser a primeira e única mulher a provar os seus lábios e com pesar por saber que meu pai havia o privado de tudo. Rage não merecia aquilo. Ele tinha que ter sido livre para viver uma vida normal, para crescer como qualquer garoto, conhecer cada fase da vida. Como alguém se sentia no direito de prender uma outra pessoa e torturá-la de diversas formas? Como esse alguém poderia ser o meu *pai*? Nada se encaixava naquela equação.

— Amy? — Rage me chamou, franzindo um pouco o cenho ao me ver quieta e perdida em pensamentos.

— Desculpa — murmurei, pegando mais um *pretzel* no prato, tirando um pedaço e estendendo para ele. — Tome.

Ele olhou para pão entre os meus dedos, em seguida, para os meus olhos. E foi olhando no meu olho que ele o pegou das minhas mãos, me fazendo estremecer um pouco em cima do banquinho. Como aquilo era possível? Eu estava mesmo ficando excitada ao alimentá-lo? Quis rir de mim mesma diante desse absurdo, mas não consegui, pois senti meus mamilos se arrepiarem quando ele cobriu meus dedos com seus lábios novamente. Será que Rage sabia o que estava fazendo comigo?

— Está com desejo de novo? — Ele perguntou baixinho, olhando diretamente para os meus seios. Nem precisei seguir o seu olhar para saber que meus mamilos deveriam estar aparentes sob a blusa que eu usava e fiquei

mortificada, completamente dividida entre o desejo e o constrangimento. Rage subiu o olhar e me encarou. — Está?

— Um pouco — admiti, querendo fugir do seu olhar, mas sem ter forças para olhar para qualquer outro lugar que não fosse os seus olhos azuis.

— Quer que eu toque você de novo?

Rage não conhecia meio termo e nem discrição, ele era direto e certeiro, o que fez com que minha vagina pulsasse. Deus do céu, nunca senti nada parecido com aquilo, sequer sabia como reagir. Com o rosto vermelho, balancei a cabeça e respondi:

— Não.

Ele franziu o cenho.

— Por quê? Você gostou.

— Sim, eu gostei, mas agora não podemos fazer isso. Estamos na cozinha — falei, como se aquilo explicasse tudo, mas eu deveria saber que com Rage as coisas não funcionavam assim.

— Não posso te tocar na cozinha?

— Não, porque alguém pode entrar e ver.

— Seu amigo? — Perguntou.

— Também.

Seu cenho se franziu ainda mais quando um pensamento pareceu cruzar a sua mente.

— Tem homem mau aqui?

— Quem? — Perguntei sem entender e tomei um susto quando ele se levantou de repente, olhando atentamente de uma ponta a outra da cozinha. Levantei-me também, sentindo meu coração acelerar. — Rage, de quem está falando?

— Do homem mau do Mestre. Ele está aqui? — Perguntou, virando-se rapidamente para mim. — Está?

— Rage, fique calmo, por favor...

— É perigoso. Ele pode bater em você! — Disse entredentes, parecendo estar com raiva. Senti um pouco de medo ao olhar em seus olhos furiosos e confusos. — Ele vai descobrir que você me tirou das correntes e vai contar

para o Mestre!

— Não, Rage... — Tentei falar, mas ele me puxou rapidamente pela mão e começou a sair da cozinha, levando-me consigo. — Rage, espere, por favor... Rage! — Tentei parar de andar, mas ele me puxou com mais força, sem querer saber se eu queria ou não ir com ele. — Rage, pare!

Mas ele não parou. Apertando a minha mão, Rage andou mais rápido, me fazendo tropeçar atrás dele. Fiquei com medo de cair, tendo que correr para tentar andar no mesmo ritmo que o dele. Ele já havia gravado o caminho da cozinha até as escadas e subiu de pressa, me fazendo tropeçar mais uma vez. Senti meu coração bater tão forte no peito, que comecei a sentir uma pressão em meu ouvido.

— Rage! Pare!

Foi inútil e, quase correndo, atravessamos o corredor do segundo andar que nos levava ao quarto que ele estava ocupando. Rage só me largou quando entramos e fechou a porta atrás de si, passando a chave. Nervosa, me aproximei dele e, com a mão que não estava dolorida, empurrei o seu peito. Ele sequer saiu do lugar, mas me olhou assustado.

— Nunca mais faça isso, você me ouviu? — Gritei e ele arregalou os olhos. O empurrei de novo. — Nunca mais!

— Amy...

— Você não pode sair me arrastando dessa forma, sem saber se quero ou não ir com você! Isso não se faz, Rage!

— Mas era perigoso...

— Não era perigoso! Se me deixasse falar, você iria saber! Mas não, agiu como um ogro e saiu me arrastando sem me dar o direito de falar. Você me machucou!

— Amy...

Não quis ouvir mais nada. Com raiva, ainda assustada pela forma como ele havia me arrastado pela casa, fui em direção ao banheiro e fechei a porta com um estrondo atrás de mim, precisando colocar alguma distância entre nós dois. Sentei-me sobre a tampa do vaso sanitário e escondi meu rosto entre as mãos, sentindo-me um pouco perdida, tentando acalmar as batidas do meu coração. Estava ressentida com Rage, mesmo que uma parte minha soubesse

que, no fundo, ele não tinha culpa. Rage não sabia nada sobre como viver com outra pessoa, estava aprendendo tudo naquele momento, vivendo cada experiência. O fato de não ter me ouvido ou não ter parado quando pedi, não significava que ele fosse ignorante e, sim, que ainda precisava aprender a lidar com diversos tipos de situações.

Foi a isso que me agarrei quando, enfim, consegui me acalmar e saí do banheiro. Assim que pisei no quarto, Rage veio em minha direção e parou na minha frente, olhando em meus olhos. Quando sua voz arrependida chegou aos meus ouvidos, senti meu peito apertar.

— Amy... Desculpa — pediu e tomei um susto quando pegou a minha mão e a passou pelo seu rosto e lábios. Era a mão que ele havia apertado ao me arrastar para o quarto. — Desculpa, desculpa, desculpa, Amy...

Olhei para ele, encontrando-o com os olhos fechados, o rosto encostado em minha mão, enquanto murmurava um pedido de desculpa repetidamente. Meu coração derreteu, senti minha garganta se apertar um pouco, pois ele tinha uma expressão de dor no rosto, como se estivesse genuinamente arrependido. Dei um passo à frente e toquei em seu cabelo com a mão livre.

— Rage...

— Não pensei que iria machucar... Eu não sabia — disse, olhando-me de um jeito sentido. — Desculpa.

— Está tudo bem, mas não faça mais isso, certo? Não saia me arrastando novamente.

— Não vou mais fazer isso, eu juro — disse, ainda segurando a minha mão com gentileza. — Eu só queria te proteger.

— Me proteger?

Ele assentiu e murmurou:

— Do homem mau do Mestre. Ele não pode saber que você me tirou das correntes.

— Você está falando daquele homem que estava te dando banho naquele dia? — Perguntei e ele assentiu novamente. — Ele não vai mais te machucar, Rage. Eu falei que aqui você está seguro, lembra?

Ele me olhou com o cenho franzido novamente, como fez na cozinha. Era como se algo estivesse passando pela sua mente e eu esperei pacientemente,

até o ouvir falar:

— Naquele dia, você pediu para o homem mau sair do quarto escuro e ele obedeceu. O homem mau só obedece ao Mestre. Por que ele fez o que você pediu? — Ele fez uma pausa e olhou em meus olhos. — Quem é você e por que está aqui comigo?

Senti um baque em meu peito quando suas perguntas caíram sobre mim. Eu ainda não havia parado para pensar em como poderia explicar a ele quem eu era ou o porquê de estar o ajudando. Não sabia como lhe dizer a verdade. Como poderia dizer a ele que eu era *filha* do Mestre? Do homem que era seu carrasco por anos? Que o manteve em cárcere privado, em condições desumanas? Rage jamais acreditaria que eu queria o libertar, se soubesse da verdade. Ele perderia o pouco da confiança que parecia ter em mim, iria me afastar... Poderia me matar.

Não foi o medo da morte que me fez pensar em uma mentira, foi o medo de perder Rage para sempre. Foi o medo de jogar por terra a relação que havíamos construído até ali e a chance que eu tinha de o ajudar. Naquele momento, soube que a verdade só serviria para me atrapalhar. No futuro, quando ele já estivesse livre e o meu pai estivesse na prisão, eu contaria tudo a ele e explicaria o porquê de ter omitido o fato de que Maximus era meu pai. Até lá, ele não poderia suspeitar da verdade. Por isso, sem ter coragem de olhar nos seus olhos, uni as nossas mãos e falei baixinho:

— Eu sou secretária do Mestre. Trabalho para ele há algum tempo, mas foi só uma maneira que arranjei para descobrir os crimes que ele comete e o colocar na cadeia. O homem mau fez o que eu disse porque, como o Mestre está fora, eu mando na casa e... Neles também. Foi só por isso.

Fiquei calada por alguns segundos, esperando que ele dissesse alguma coisa, mas nada saiu dos seus lábios. Sem aguentar mais, olhei para o seu rosto quase inexpressivo, suas sobrancelhas ainda franzidas e seus olhos, que pareciam enxergar a minha alma. Fiquei com muito medo de que ele pudesse ver que eu não estava falando a verdade.

— Você é uma traidora — ele disse e eu arregalei os olhos, sentindo minhas pernas tremerem. Por um momento, pensei que ele fosse me empurrar para longe ou gritar comigo, mas tudo o que ele fez foi me puxar de encontro ao seu corpo e colocar as duas mãos sobre o meu rosto. — Se o Mestre

descobrir, mata você.

— O quê? — Perguntei, piscando duas vezes.

— É isso que o Mestre faz com quem o trai. Por que está fazendo isso? Por que está traindo o Mestre?

— Porque ele não pode mais cometer tantos crimes e ficar impune — falei, tocando em seu rosto com as pontas dos meus dedos. — Ele não pode mais fazer o que faz com você.

Senti quando o seu corpo ficou rígido contra o meu e a cor sumiu do seu rosto. Olhando em meus olhos, ele me perguntou com a voz rouca:

— Sabe o que o Mestre faz comigo?

Fiquei com muito medo de responder. A maior parte de mim queria dizer que sim, eu sabia, mas a outra parte morria medo de que Rage fosse se afastar de alguma forma. Usei alguns segundos para pensar e fiquei com o peito apertado com o peso da mentira que havia acabado de contar para ele. Soube, naquele momento, que eu não poderia mentir mais.

— Sim, eu sei. Eu vi — sussurrei.

Tudo o que eu mais queria naquele momento, era ter o poder de ouvir os seus pensamentos. Queria saber o que estava passando pela sua cabeça, o que ele estava sentindo, qual seria a sua reação ao descobrir que eu sabia de tudo, no entanto, Rage ficou parado, quase sem piscar, olhando para mim. Não sei por quanto tempo ficou assim, até dizer baixinho:

— Por que me quer aqui se sabe tudo o que ele faz comigo? Se *viu* o que faz comigo?

Sua pergunta pegou-me totalmente de surpresa.

— Por que não iria o querer aqui?

— Eu acho que você não viu o que ele realmente faz comigo — falou, olhando em meus olhos. De repente, ele já não parecia mais estar chocado, ele parecia estar com raiva. — Se tivesse visto, não ia me querer por perto.

— Claro que iria querer, Rage...

— Não iria. — Seus lábios se transformaram em uma linha fina e seu maxilar ficou tenso. Engoli em seco quando ele se afastou e suas mãos se fecharam em punho ao lado do corpo. — Acho que você não viu que o

Mestre não me machuca sozinho. Ele convida vários homens e eles me colocam de quatro e enfiam o pau no meu cu, várias e várias vezes. Não deve ter visto que eles tocam o meu pau e o apertam até eu chorar de dor, muito menos que eles me obrigam a colocar o pau *deles* na minha boca, até a garganta. Também não deve saber que eu passo por isso desde os dez anos de idade!

Assustada, ofeguei e dei dois passos para trás, com lágrimas querendo escapar dos meus olhos.

— Desde os dez anos? — perguntei incrédula, vendo-o assentir. — Meu Deus, Rage... — Sem saber ao certo o que fazer, aproximei-me dele e tentei tocar em seu rosto, mas ele se afastou. Senti meu coração doer no peito. — Rage...

— Por que quer tocar em mim? Por que ainda fica perto de mim?

Era como se ele fosse um menino perdido. A raiva de minutos atrás havia quase desaparecido, enquanto ele me olhava esperando por uma resposta que fosse fazer com que todas as suas dúvidas desaparecessem. Tentei ser a mais clara e objetiva possível:

— Porque você é uma vítima deles, Rage. É uma vítima do Mestre. A culpa é toda deles, não sua! Eles te obrigam a fazer isso desde quando você era uma criança, é uma crueldade e precisa parar!

Ele desviou os olhos dos meus e fitou os próprios pés, colocando as mãos dentro dos bolsos da calça. Sem suportar mais a distância entre nós, dei dois passos à frente e toquei em seu ombro, esperando que ele olhasse em meus olhos, mas tudo o que fez foi perguntar em um sussurro:

— Não tem nojo de mim?

— Não. Claro que não, Rage — respondi imediatamente, com um nó se instalando em minha garganta. Pude enxergar toda a sua dor quando ele olhou para mim. — Eu nunca vou ter nojo de você.

Ele balançou a cabeça e se afastou novamente, mas eu fui atrás dele, sem me importar se ele queria ficar longe de mim ou não. Sentia que, se eu permitisse que ele se afastasse, talvez, não quisesse ficar perto de mim de novo.

— O Mestre diz que eu sou sujo. Eu não quero sujar você.

— Rage, você não é sujo. Não é — falei, tomando seu rosto em minhas mãos. — O Mestre é um homem ruim, ele só fala isso para te machucar, mas você não é sujo... Ele é.

— Estou sujo com a sujeira dele também — disse olhando em meus olhos, parecendo estar envergonhado e muito machucado. Olhando-o daquele jeito, fiquei completamente dividida entre o pegar em meus braços e matar o meu pai. — Você sabe... Você viu.

Ele se afastou completamente dessa vez e se sentou na poltrona próxima a janela. Seus ombros se curvaram e eu tive que engolir em seco as lágrimas que encheram os meus olhos. Rage era um homem que havia conhecido apenas a crueldade, a dor, a tortura. Havia crescido sendo xingado e humilhado de todas as formas e, naquele momento, entendi que meu pai não havia dominado apenas o seu corpo, mas a sua mente também.

Como fazer com que ele acreditasse que não era sujo? Que eu não tinha que sentir nojo dele ou que ele não deveria sentir nojo de si mesmo? Como eu poderia levantar, apenas um pouquinho, a autoestima dentro daquele homem? Ainda sem saber o que fazer, aproximei-me dele devagar e me ajoelhei aos seus pés, tocando de leve em seu rosto. Pensei que encontraria lágrimas molhando a sua bochecha, mas sua pele estava seca, diferente dos seus olhos, que pareciam chorar quando ergui a sua cabeça.

— Lembra do que fizemos ontem à noite? Da forma como você me tocou e eu gostei? — Perguntei e ele assentiu lentamente. — Eu nunca fiz aquilo com ninguém. Nenhum homem tocou em mim do jeito que você fez ontem.

Seus olhos se arregalaram um pouco.

— Nenhum?

— Não, nenhum, porque eu nunca senti por ninguém o que senti por você ontem à noite. Eu te desejei, Rage, eu quis o seu toque e quis tocar em você também. Isso só prova que eu não sinto nojo de você — falei, acariciando de leve o seu rosto. — Eu vou entender se você não quiser o meu toque por causa de tudo que já fizeram com você, mas...

— Não — ele me interrompeu. — Eu não quero sujar você.

— Você não é sujo, o Mestre é, aqueles homens são... Não você. Você não vai me sujar.

— Você ainda vai me deixar tocar em você? — Ele perguntou, ao invés de concordar comigo ou não.

— Sim, e você? Vai me deixar tocar em você também?

Vi quando ele engoliu em seco, em seguida, olhou para o meu corpo. Quase tirei as minhas roupas e fiquei nua, para que pudéssemos terminar aquela conversa com as suas mãos no meu corpo e as minhas no corpo dele, mas, ao invés disso, deixei meus dedos percorrerem seu maxilar coberto pela barba, sua bochecha, o nariz e os olhos, fazendo-o fechar as pálpebras. Perguntei baixinho em meio ao silêncio:

— Confia em mim?

— Sim — respondeu imediatamente. — Eu disse no banheiro. Confio em você.

Pensei que meu coração fosse explodir no peito com a forma como ele reafirmou aquilo. Ele *confiava* em mim, de verdade. Ter ainda mais certeza daquilo me deixou dividida entre a dor de ter mentido para ele sobre o meu pai e a emoção de ter conquistado algo tão difícil quanto a sua confiança. Não sabia o que eu havia feito para merecer aquilo, mas prometi silenciosamente que não iria o decepcionar.

Em meio a emoção e a coragem que se infiltraram em mim, olhei para ele, que ainda estava de olhos fechados e me aproximei devagar, fechando meus olhos quando encostei de leve os meus lábios nos dele. Senti sua surpresa, a forma como seu corpo reagiu, ficando tenso, mas ele não se afastou e eu o beijei. Não coloquei a língua, não movi meus lábios, simplesmente pressionei as nossas bocas por alguns segundos, sentindo a sua respiração no meu rosto, seus lábios macios e a forma como meu corpo começava a reagir.

Não queria sair dali, queria prolongar aquele momento para sempre, mas quis me afastar para saber a sua reação. Abri os meus olhos e esperei que Rage me seguisse, o que ele fez segundos depois. Seus lábios se abriram, como se ele fosse falar algo, mas não tivesse palavras e me vi como ele. Eu também não tinha o que dizer, só conseguia sentir meu coração batendo forte no peito, minhas mãos suadas, meu corpo arrepiado. Por fim, ele disse:

— Você me beijou.

— Beijei — reafirmei, sem conseguir conter o meu sorriso. Rage não me

acompanhou, ele parecia estar chocado e eu fiquei lívida antes de perguntar:
— Não gostou?

— Ninguém nunca me beijou antes — ele disse, olhando em meus olhos. — Eu... Eu gostei. Gostei muito — murmurou no final, como se fosse para si mesmo, enquanto franzia o cenho e tocava os próprios lábios com as pontas dos dedos. Segundos depois, voltou a me olhar. — Quero mais.

Sorri para ele antes de me aproximar devagar e tocar os nossos lábios mais uma vez. Aproveitei aquele momento para tocar em seu rosto com delicadeza e ele fez o mesmo comigo, arrepiando-me quando senti a ponta dos seus dedos em minhas bochechas, acariciando-me até o pescoço. Senti uma vontade absurda de lamber os seus lábios, de sentir o seu sabor em minha língua, mas consegui me segurar e suspirei ao sentir seus dedos em minha nuca, pressionando a boca com mais força contra a minha. Eu poderia ficar ali por toda a eternidade, não queria romper aquela conexão de forma alguma, mas duas batidas na porta me fizeram abrir os olhos e me afastar um pouco de Rage. Ele fitou a porta com atenção, mas não tirou as mãos de mim.

— Amy, está aí? — Reconheci a voz de Hernandez do outro lado a porta.

— Sim... Sim, estou — reafirmei, pois, minha voz soou ofegante.

— Você disse que me encontraria depois do café.

— Eu já estou indo. Por favor, me espere no escritório.

— Está bem.

Ouvi os seus passos se afastando da porta e me virei para olhar para Rage novamente. Toquei sua bochecha com carinho.

— Vou conversar com Hernandez, mas prometo voltar logo. Quer ficar aqui no quarto? Você pode andar pela casa, se quiser.

— Vou esperar aqui.

— Tudo bem — falei, levantando-me do chão. — Logo estarei de volta.

O olhei uma última vez e fui em direção a porta, mas antes que eu pudesse alcançar a maçaneta, senti sua mão na minha, virando-me delicadamente para si. Seus olhos estavam intensos e quase perdi o fôlego ao ver que olhavam para a minha boca.

— Mais um beijo, por favor.

Por favor. Era normal sentir o coração bater forte no peito por causa de duas palavrinhas? Pois foi isso que aconteceu comigo, antes de eu ficar nas pontas dos pés e o beijar mais uma vez. Ficamos com os lábios pressionados por incontáveis segundos, até eu me afastar de vez, lhe dar um sorriso e sair do quarto.

Quando pisei no corredor, senti que uma parte do meu coração havia ficado lá dentro, nas mãos de Rage.

Capítulo 18

Amber

Desci as escadas e fui em direção ao escritório, encontrando Hernandez sentado em uma das poltronas, folheando um livro. Assim que entrei, ele levantou a cabeça e me olhou, colocando o livro em cima da mesinha de centro.

— Desculpe a demora — pedi, sentando-me na poltrona em frente a ele. — Sobre o que quer falar?

— Temos muita coisa para conversar, mas vou começar pelo principal — disse com seriedade. — Seu pai ligou para John hoje de manhã, perguntando por Rage.

Senti minhas pernas tremerem e agradeci silenciosamente por estar sentada.

— John disse que quem ligava para ele era Timothy.

— Sim, Timothy ligou ontem, mas seu pai ligou hoje. Quis saber pessoalmente como Rage estava.

— E o que John disse?

— Disse o que você ordenou. Que Rage está estabilizado, que vem cuidando dele da forma que foi recomendada. Seu pai acreditou nele.

— Menos mal — suspirei, ficando um pouco mais calma. — Ele comentou algo sobre vir aqui para ver o Rage?

— Não, mas se ele quiser vir, provavelmente, não avisará antes. Vamos ter que ficar atentos a isso, Amy. Ele não pode chegar aqui e encontrar Rage fora do quarto.

— Meu Deus, nem quero pensar nisso! — Falei, engolindo em seco. — Não podemos correr esse risco.

— Sabe que estamos correndo perigo com o Rage aqui em cima — Hernandez disse e eu franzi o cenho.

— E o que sugere? Que o deixemos preso lá embaixo? Não vou fazer isso.

— Não, claro que não, Amy. Só precisamos tomar mais cuidado — disse. — Como está a relação de vocês?

— Como assim?

— Como Rage tem te tratado? Ele parece estar confiando um pouco mais em você. Não consigo tirar da cabeça o momento em que ele me atacou para te proteger.

Senti meu rosto ficar quente e me remexi um pouco na poltrona, querendo fugir dos olhos de águia de Hernandez. Em minha mente, cenas do que Rage e eu fizemos no quarto na noite passada, voltaram com tudo e me deixaram dividida entre o desejo de fazer tudo novamente e o medo de contar a Hernandez e ele me chamar de louca. Resolvi que era melhor deixar aqueles detalhes da nossa relação para mim mesma.

— Sim, ele está confiando em mim. Expliquei a ele que não precisa ter medo, pois aqui dentro não há perigo e que ninguém mais vai o machucar. Disse que ele não é um prisioneiro.

— Disse isso a ele? Amy... Não conhecemos esse rapaz, não sabemos que o podemos esperar dele. Não sei se é certo dizer que ele não é um prisioneiro, pois isso pode fazer com que ele sinta liberdade e possa nos atacar.

— Não, Rage jamais faria isso.

— Ele fez. Ele me atacou e você viu.

— Apenas porque pensou que você poderia me machucar. — O defendi. — Estar fora daquele quarto horrível, não estar mais acorrentado, ter o direito de tomar banho, vestir roupas limpas, se alimentar, é algo novo para ele, Hernandez. *Minha presença* é algo novo para ele. Não acho que ele tenha convivido com muitas mulheres ao longo desses anos. Provavelmente, eu sou a primeira e Rage está se acostumando com isso, aprendendo a pisar em um terreno desconhecido... Temos que dar um voto de confiança para ele.

— E o que disse a ele sobre toda essa mudança? Ou ele simplesmente está aceitando tudo isso sem questionar?

— Eu disse que o tiramos daquele quarto porque ele estava doente e que, agora, eu iria cuidar dele.

— Amber — Hernandez me interrompeu e o tom sério em sua voz me fez

olhar para ele com atenção. — Disse a ele que você é filha do Maximus?

Engoli em seco e desviei o olhar, sentindo-me, de repente, como uma criança que havia sido pega fazendo alguma coisa errada. De fato, mentir era uma coisa errada, principalmente sobre algo tão sério.

— Não — respondi em um murmúrio. Pude ouvir a respiração resignada de Hernandez e, tomando coragem, olhei para ele. Seus olhos estavam levemente arregalados.

— Como não? Ele ainda não perguntou sobre quem você é? Acho que essa seria a primeira coisa que eu iria fazer assim que tivesse capacidade de raciocinar.

— Ele perguntou — falei, sabendo que era melhor contar tudo a Hernandez. — Mas eu disse que sou secretária do meu pai e que estou usando o emprego para poder descobrir sobre os seus crimes.

Hernandez ficou alguns segundos paralisado, olhando para mim sem piscar, parecendo nem respirar. Lentamente, sua testa foi se franzindo e sua boca se abriu, como se ele estivesse em choque.

— Mentiu para ele — constatou.

— Sim, mas...

— Não, Amy... Como pôde mentir para ele sobre algo tão sério? O rapaz já viveu uma vida miserável, foi torturado e humilhado por anos! Acha justo que ele acredite em uma mentira?

Acho que nunca me senti tão mal na vida. Claro, todas aquelas questões já haviam passado pela minha mente antes, mas ouvir em voz alta fazia tudo ainda mais real. Esfregava na minha cara a covardia que eu havia cometido com Rage. Ainda assim, me agarrei ao motivo que me fez mentir.

— Como eu iria dizer para ele que sou filha do homem que o manteve em cárcere por todos esses anos? Eu não tive coragem, Hernandez! Ele nunca mais iria olhar na minha cara, provavelmente iria me odiar. Eu tenho o mesmo sangue daquele monstro em minhas veias... Se eu não consigo suportar essa ideia, imagine ele?

— Amy...

— Eu sei que o que fiz foi horrível, que mentir era, de longe, a melhor opção que eu tinha, mas depois que eu acabar com o meu pai, quando ele não

for mais um perigo para Rage ou para qualquer uma de suas vítimas, eu vou contar a verdade a ele, vou explicar o motivo de ter mentido, eu juro. Eu só... Eu não podia dizer a verdade agora. Simplesmente não podia.

— Está gostando desse rapaz — Hernandez concluiu, olhando-me com seriedade. — Está gostando muito mais do que deveria, Amy.

— Eu sei, mas não posso evitar — admiti.

Hernandez suspirou e passou a mão pelo cabelo, parecendo frustrado. Eu sabia que, para ele, talvez, a minha explicação não fizesse sentido, mas, para mim, fazia. Rage e eu estávamos construindo uma relação que eu nunca tive com ninguém. Eu gostava dele, gostava de verdade, ao ponto de me entregar a ele de uma forma que nunca me entreguei para qualquer outro homem. Eu não podia perder isso. Talvez fosse egoísta e constatar isso fazia com que eu me sentisse muito pior, mas eu não podia abrir mão de Rage e do que estávamos construindo.

Eu iria lidar com a sua reação à verdade quando meu pai estivesse na cadeia. Antes disso, eu continuaria sendo a secretária do Mestre.

— Ainda não acho que essa foi a melhor solução, mas agora que você já mentiu, é melhor mesmo deixar para contar a verdade quando o seu pai não for mais uma ameaça, o que nos leva a um outro assunto importante — disse Hernandez, chamando a minha atenção. — Conversei com aquele meu amigo por telefone.

— O detetive?

— Sim. Juarez é um profissional excelente, discreto e eficaz. É um dos melhores que conheço e confio nele totalmente, Amy, sei que irá nos ajudar.

— Ele aceitou investigar o meu pai?

— Sim. Disse que preciso passar para ele tudo o que eu sei sobre Maximus, mas estava esperando para falar com você. O serviço dele não é barato, mas ele é muito bom no que faz.

— Dinheiro não é problema, eu vou usar toda a herança da minha mãe, se preciso for. Passe tudo o que você sabe para ele, Hernandez, e peça para que comece o quanto antes.

— Está bem, farei isso hoje mesmo e, amanhã, vou à cidade. Vou comprar dois telefones baratos, um para mim e outro para você. Tenho medo de que o

nosso possa ser rastreado — Hernandez disse, me olhando com cautela.

— Tem razão. Todo cuidado é pouco nesse caso.

— Também há algo que não contei para você — disse ele, inclinando-se um pouco na poltrona. — Há muitos anos, enquanto ainda estava no exército, conheci um homem chamado Nicholas Thompson. Na época, ele ainda era policial, mas hoje é um agente do FBI. Estou pensando em entrar em contato com ele e contar sobre a nossa investigação.

Senti um baque por dentro. A possibilidade de ter a ajuda do FBI era algo que sequer havia passado pela minha cabeça, mas agora que era real, queria agarrá-la com as duas mãos.

— Meu Deus, Hernandez! Entre em contato com ele, por favor.

— Farei isso. Ainda não sabemos a dimensão dos negócios do seu pai, mas, se ele trabalhar apenas dentro dos Estados Unidos, só o FBI precisará ser envolvido. Se não, o caso vai parar nas mãos da Interpol. Mas vou me informar melhor com Nicholas. Não nos falamos há algum tempo, mas confio totalmente nele.

— Se você confia, eu também confio — falei.

Hernandez assentiu e se inclinou mais um pouco para pegar a minha mão.

— Você precisa ficar preparada, Amy. Já sabemos muito sobre o seu pai, mas sei que ainda há mais a ser descoberto. Maximus é um homem cruel, perverso e perigoso, certamente, não age sozinho e deve ter pessoas poderosas ao seu lado. Precisamos agir com muita cautela, porque, se ele sequer desconfiar sobre o que estamos fazendo... — Ele deixou as palavras se perderem no ar e eu engoli em seco, sentindo medo, mas também confiança de que iríamos liquidar o meu pai.

— Vai dar tudo certo, Hernandez, eu tenho certeza disso.

— É o que eu espero — disse ele, se levantando. Fiz o mesmo, entendendo que a nossa conversa estava encerrada. Antes que eu pudesse sair do escritório, no entanto, senti sua mão na minha. — Tome cuidado, também, com aquele rapaz lá em cima, Amy. Não quero que você se machuque.

— Rage jamais me machucaria.

— Estou falando sobre os seus sentimentos — ele disse e eu senti um baque em meu peito. — Não sou idiota, sei que vocês estão cada vez mais

próximos... Não quero que crie esperanças por um homem tão quebrado quanto ele. Não sabemos até que ponto Maximus o destruiu.

— Vou reconstruir cada parte que meu pai quebrou dentro dele — falei com convicção.

— Amy...

— Confie em mim — pedi, esticando-me na ponta dos pés para dar um beijo em sua bochecha, antes de me encaminhar para a porta do escritório.



Rage

Não sei por quanto tempo fiquei sentado na poltrona do quarto, repassando em minha mente o momento exato em que Amy me beijou pela primeira vez. Era como se eu ainda pudesse sentir o calor da sua pele próximo a minha, a textura suave dos seus lábios, a pressão que fizeram em minha boca. Foi inesperado, mas tão bom, que só a lembrança conseguia fazer com que meu coração disparasse no peito e que minhas mãos ficassem suadas.

Eu não me lembrava de já ter sentido tantas emoções antes, mas estava se tornando uma constante desde o dia em que vi Amy pela primeira vez. Era como se, na presença dela, meus demônios se silenciassem e deixassem uma brecha para que outros sentimentos me invadissem. Eu não entendia como aquilo era possível ou como ela tinha o poder de me tocar tão profundamente. Só sabia que, enquanto estava ao seu lado, eu me sentia bem, me sentia... Livre. Sim, eu tinha certeza de que era assim que a liberdade deveria ser.

“Você pode andar pela casa, se quiser.”

As palavras de Amy voltaram em minha mente e senti um aperto no fundo da garganta. Uma parte de mim queria não só andar pela casa, mas sair dali com ela ao meu lado e nunca mais voltar, mas, como sabia que não era

possível, me dei por contente por poder me levantar da poltrona e andar pelo quarto sem o peso das correntes em meus pulsos e em meus tornozelos. As janelas estavam fechadas, mas a porta da varanda estava entreaberta e eu as afastei, recebendo a luz do sol em minha pele.

Acho que nunca vi nada tão vivo quanto o verde escuro das folhas, misturado ao céu nublado, que deixava a luz do sol tocar a minha pele timidamente. Lembrei-me imediatamente da primeira vez que Amy me levou do lado de fora. Jamais conseguiria descrever o que senti. Foi uma mistura de felicidade, euforia, gratidão e raiva. Sim, a raiva estava presente, pois eu não conseguia entender o que eu havia feito de tão ruim para ser privado de algo tão simples quanto sentir o calor do sol ou o cheiro que a chuva deixava ao tocar a terra. Mesmo agora, que já tinha ido várias vezes do lado de fora, eu ainda conseguia sentir uma pressão ruim no peito, mas logo fiz questão de afastar a raiva, pelo menos naquele instante.

Queria aproveitar a visão das montanhas, das árvores, da brisa gelada em meu rosto. Eu não sabia aonde o Mestre estava ou quando ele iria voltar, ele nunca ficava muito tempo longe, por isso, sabia que eu não podia me dar ao luxo de desperdiçar nenhum segundo da liberdade que eu tinha. Não podia desperdiçar nenhum segundo ao lado de Amy.

Senti um nó em meu estômago ao me lembrar de tudo o que ela havia me dito. Ela era uma traidora. Ela sabia que o faziam comigo e não tinha nojo de mim. Será que ela sabia do risco que estava correndo ao se voltar contra o Mestre? Será que me ter fora do quarto escuro iria lhe render alguma punição? Minha mente rodava com perguntas e dúvidas e senti muito medo de que ela fosse castigada por minha causa. Não podia permitir que o Mestre colocasse suas mãos nela, pois eu sabia como ele podia ser cruel quando queria. E se... E se ele fizesse com ela o mesmo que fazia comigo? Pior, se a colocasse à mercê daqueles homens?

A imagem de Amy sobre suas mãos e joelhos, sendo tocada e fodida por aqueles monstros, me deu tanta raiva que, por um momento, fiquei cego e surdo para tudo. Apertei minhas mãos em punho, sentindo meu sangue ferver nas veias, minhas unhas perfurarem as minhas palmas. Não! Amy não podia passar por aquilo, não podia ser torturada ou machucada como eu fui. Não podia ser tocada por outro homem.

“Nenhum homem tocou em mim do jeito que você fez ontem.”

Eu quase podia ouvir as suas palavras bem ali, sussurradas em meu ouvido. Só eu havia tocado nela. Não permitiria que o Mestre fizesse o mesmo, muito menos aqueles homens. Tentando me acalmar, respirei fundo e apoiei minhas mãos no parapeito, fechando meus olhos por alguns segundos. Não queria ficar nervoso, pois sentia medo de assustar Amy de novo. Eu precisava ficar calmo e guardar a minha raiva para o Mestre. Ele merecia tudo de ruim que havia dentro de mim, não Amy. Ela só merecia gentileza e carinho.

Perguntei-me se eu poderia ser gentil do jeito que eu sabia que ela esperava que eu fosse. Eu vinha me esforçando, mesmo que, na maioria das vezes, não desse muito certo. Ainda me arrependia do que havia feito no café da manhã, do modo como a arrastei para o quarto. Nunca pensei que poderia machucá-la e guardei em minha mente que eu tinha que ter noção da minha força quando se tratava dela. Nunca precisei ser delicado com ninguém, muito pelo contrário; quanto mais forte eu fosse, mais chances eu tinha de escapar dos homens maus do Mestre e das drogas que eles injetavam em mim, mas com Amy, eu não poderia ser assim.

Com ela eu tinha que ser bom e aproveitar cada momento que tivéssemos juntos. Eu não sabia até quando teria aquela oportunidade.

— Rage?

Assim que me virei, Amy apareceu na porta da varanda. Ela deu mais alguns passos e parou ao meu lado.

— Está frio aqui fora e você está sem casaco.

— O sol está me aquecendo — falei, mesmo sabendo que as nuvens pesadas não deixavam que os raios do sol aparecessem muito. — É lindo aqui.

— Sim, é lindo mesmo — ela sorriu um pouco. — Podemos ir lá fora daqui a pouco, se você quiser.

— Podemos? — Perguntei ansioso. Amy assentiu.

— Sim, podemos.

Eu mal podia esperar por aquilo. Senti a mão de Amy na minha.

— Vem cá, eu trouxe chocolate quente para nós dois.

— Chocolate quente?

— Sim. Senti vontade de tomar e fiz um pouco.

Olhei mais uma vez para a copa das árvores, as montanhas ao longe, em seguida, entrei com ela no quarto. Amy largou a minha mão, foi em direção à mesa perto da janela e pegou as duas xícaras, dando uma para mim.

— Beba.

Tomei um gole da bebida quente e me surpreendi com o gosto forte e adocicado do chocolate. Não conseguia me lembrar se já havia tomado chocolate quente quando era criança e meus pais ainda eram vivos. Era muito bom, mas ficou ainda melhor em minha língua quando me dei conta de que Amy havia o feito para mim. Ela cuidava de mim, se importava comigo. Eu não sabia o que havia feito para merecer a sua afeição, mas gostava muito. Eu gostava de qualquer coisa que pudesse vir dela. Vi quando sorriu e se aproximou.

— Por que está me olhando assim? — Perguntou.

— Assim como?

— Assim, como se... Como se estivesse me admirando. — Suas bochechas ficaram vermelhas e eu senti um arrepio em meu corpo. Havia aprendido que Amy só ficava vermelha em dois momentos: quando estava envergonhada ou quando estava com desejo por mim. Eu torci para que fosse pelo segundo motivo.

— Eu gosto de olhar para você — respondi. Seus olhos pareceram brilhar por causa do que eu disse.

— Gosta?

— Você é a mulher mais linda que eu já vi. — Senti vontade de falar, porque era verdade. Eu não tinha visto mulher alguma durante os anos que fiquei preso no quarto escuro, mas sabia que, mesmo se tivesse visto milhares delas, nenhuma chegaria perto de Amy.

— Você também é o homem mais lindo que eu já vi — ela disse sem tirar os olhos dos meus. Senti minhas mãos tremerem um pouco e fiquei com medo da xícara cair no chão.

— Sou?

Amy se aproximou mais um pouco, até seu corpo estar em frente ao meu.

Com carinho, ela tocou em meu rosto e eu senti vontade fechar os olhos, mas não o fiz. Não queria perder nenhum segundo de olhos fechados, quando poderia olhar para ela.

— Sim, você é.

Minhas mãos tremeram de verdade daquela vez, por isso, deixei a xícara sobre a mesa e Amy fez o mesmo. Aproximando-me, toquei o rosto dela com as duas mãos. Diferente de mim, ela fechou os olhos e inclinou o rosto um pouco para cima. Senti minha respiração ficar ofegante, um arrepio descer pelo meu corpo e o meu pau despertar na calça, enquanto mirava seus lábios entreabertos. Queria beijá-la de novo, era como se eu precisasse mais disso do que do ar para respirar.

— Quero um beijo — pedi em um sussurro, pois senti medo de que ela pudesse recusar.

Seus olhos se abriram um pouco e ela respondeu no mesmo tom:

— Então me beije.

Ela havia me beijado antes de sair do quarto, mas, daquela vez, estava *me* deixando beijá-la. Uma parte de mim quis que eu me afastasse, lembrando-me de que eu não a merecia, que eu não era ninguém, que Amy não tinha que se sujar com a minha sujeira. Mas uma outra parte fez com que eu me lembrasse de suas palavras. Amy havia dito que eu não era sujo, havia dito que me desejava, que nenhum homem a tocou do jeito que eu toquei. Como eu poderia ignorar isso? Como poderia me obrigar a me afastar, quando tudo o que eu mais queria era colocar meus lábios nos dela? Quando ela parecia querer o mesmo que eu?

Deixando as dúvidas de lado, dei um passo à frente, fechando a nossa distância completamente e colando seu corpo ao meu. Amy era baixinha, mas eu não me importei em me abaixar para ficar perto dos seus lábios. Respirei fundo, sentindo o cheiro doce da sua pele, olhei para todo o seu rosto, para os seus olhos fechados, as bochechas vermelhas, querendo guardar cada detalhe dela em minha mente. Então, fechei os olhos... E a beijei.

Nossas bocas ficaram juntas, mas, daquela vez, eu pude provar a sua saliva, pois seus lábios estavam entreabertos sobre os meus. Então, pensei... Será que eu podia fazer o mesmo? Será que podia abrir minha boca também? Abri só um pouquinho os meus lábios e suspirei forte quando seu lábio

inferior ficou dentro da minha boca. Amy me agarrou pelos ombros e soltou um múrmuro do fundo da garganta, mas não entendi o que quis dizer. Então, tive noção de que ela não queria dizer nada, ela estava soltando um daqueles gritos, só que mais baixo. *Gemido*. A palavra veio forte em minha mente e eu senti meu pau pulsar na calça. Se ela estava gemendo, então, estava gostando, certo? Estava com desejo. Desejo por mim, de novo.

Amy mexeu o rosto, então, meu lábio estava dentro da boca dela, em seguida, senti algo molhado sobre ele. Sua língua. Sua língua queria entrar em minha boca. Um pouco assustado, abri os olhos, mas ela ainda estava com os dela fechados, então, fechei os meus também, entendendo que ela não havia feito aquilo sem querer. Ela *queria* colocar sua língua em minha boca e eu deixei. Senti meu corpo se retesar quando sua língua raspou na minha, acariciando, despertando meu corpo, meus sentidos, fazendo meu corpo se colar mais ao dela. Não entendi porque senti necessidade de mais. Eu não sabia o que era aquele *mais*, mas senti vontade de tocá-la, de passar minhas mãos pelo seu corpo, pelos seus seios, pela sua vagina... Tudo isso por causa da sua língua na minha? Como era possível? Ela gemeu de novo e um som saiu do fundo da minha garganta quando suas unhas rasparam em minha nuca.

Meu pau pulsou tão forte, que senti uma pontada de dor em minhas bolas. Estava cheio de desejo por ela, sabia que, se continuasse daquele jeito, iria sujar minha calça de novo com a minha porra, mas tudo o que fiz foi descer minha mão por suas costas e puxá-la para mim pela cintura, enquanto enroscava minha língua na dela e sentia seu gosto em minha boca. Não sabia se estava fazendo da forma correta, mas Amy parecia estar gostando, pois ficou na ponta dos pés e me puxou para ela, fazendo com que meu pau duro pressionasse o fim da sua barriga. Ela soltou um gemido alto quando pressionou mais o corpo contra o meu e tirou a língua da minha boca, puxando meu lábio inferior de leve com o dente. Senti meu pau babar na ponta quando abri os olhos e encontrei seus lábios vermelhos e inchados.

— Quero tocar em você — ela disse em um sussurro ofegante. — Igual você me deixou fazer no chuveiro.

Só a lembrança fez com que minhas bolas se apertassem, mas uma voz no fundo da minha mente me fez querer recuar.

— Amy...

Suas mãos desceram pelos meus ombros, meu peitoral, passaram pela minha barriga até chegarem no cós da blusa. Ela levantou e eu deixei que tirasse a roupa de mim, deixando-me nu da cintura para cima. Então, ela levou as mãos a própria blusa e a tirou também, deixando-me sem fôlego ao ficar só com o sutiã azul e os shorts. Olhando em meus olhos, ela tirou o sutiã e eu senti minha boca se encher d'água quando vi seus seios e seus mamilos inchados.

— Toque-me — ela pediu.

Eu nem pensei, simplesmente fechei uma mão sobre o seu seio e ofeguei quando senti seu mamilo duro contra a minha palma, enquanto ela puxava meu rosto para perto do seu. Nos beijamos de novo, do mesmo jeito que antes, com nossas línguas juntas, só que dessa vez foi ainda melhor, pois eu podia tocar em seu corpo. Amy gemeu quando prendi seu mamilo entre meus dedos e eu estremeci quando senti suas unhas descendo pela minha barriga, até chegarem ao cós da minha calça. Eu sabia o que ela estava prestes a fazer, mas o desejo de sentir sua mão em meu pau de novo foi mais forte do que os motivos pelos quais eu sabia que ela *não* podia me tocar.

Seus dedos desfizeram o laço do cordão da minha calça e sua mão abaixou o suficiente para fazer com que meu pau pulasse para fora. Ele bateu abaixo do meu umbigo e pude sentir como a cabeça estava molhada. Ainda estranho saber que eu estava duro daquele jeito sem as drogas do Mestre. Era só por causa de Amy e do modo como ela me fazia sentir. Sua língua serpenteou a minha e eu apertei seu seio com mais força em minha mão quando senti seu polegar tocar a cabeça do meu pau.

— Posso tocar em você? — Ela perguntou se afastando um pouquinho para poder olhar em meus olhos. Eu não consegui dizer nada, apenas assenti e mordi meu lábio para não gemer alto quando senti sua mão segurar o meu pau. Seus olhos caíram sobre o que ela estava lá embaixo e eu não consegui me conter, tive que olhar também. A cabeça do meu pau estava vermelha e brilhava e sua mão movimentava a base para cima e para baixo. — Você é lindo, Rage... Seu pau é lindo.

Eu já havia ouvido aquilo antes sobre o meu pau, mas sempre senti nojo ante o elogio. Com ela, foi diferente. Uma onda de desejo se espalhou pelo

meu corpo e meus quadris se impulsionaram sozinhos. Gemi quando, com o movimento, meu pau se esfregou contra sua barriga e molhou a sua pele. Pensei que iria sujá-la com a minha porra naquele momento, mas consegui me controlar. Amy gemeu e esfregou a cabeça do meu pau em sua pele de novo, apertando as pernas uma na outra. Como ela havia feito comigo, desci minha mão pela sua barriga até chegar em seu short.

— Posso te tocar também? — Perguntei e me assustei com a rouquidão em minha voz. Amy ergueu os olhos para mim e esperei que dissesse sim ou não, mas me assustei quando ela simplesmente me largou e se afastou. Senti meu coração se apertar no peito. O que eu havia feito de errado? — Amy... — murmurei, já preparado para pedir desculpas, mas engoli em seco quando vi seus dedos irem em direção ao short que ela usava.

Ela desabotoou, em seguida, desceu o zíper e tirou o short junto com a calcinha, ficando completamente nua. Meu pau pulsou tão forte, que senti uma gota escapar pela frestinha na cabeça. Sem tirar os olhos dos meus, Amy caminhou até a mesa aonde havíamos deixado as xícaras e se sentou ali, abrindo um pouco as pernas. Engoli em seco ao ver como ela estava molhada, igual na noite anterior. Sua vagina brilhava com o líquido incolor.

— Vem cá, Rage — ela pediu, tirando algumas mechas de cabelo dos ombros e as jogando para trás, deixando sua pele livre para que eu pudesse olhar.

Sentia minhas pernas trêmulas, mas, mesmo assim, fui em direção a ela e entendi onde eu tinha que parar quando ela abriu mais as pernas, deixando espaço suficiente para que eu ficasse entre elas. Daquela forma, sentada na mesa, ela não ficava tão baixa. Eu poderia beijá-la sem ter que me curvar ou abaixar muito os joelhos, como tinha que fazer quando estávamos de pé. Olhando em meus olhos, ela pegou as minhas mãos e as deixou sobre as suas coxas, subindo as suas próprias pelos meus braços, até chegar em meu pescoço e puxar minha cabeça delicadamente em direção a sua.

— Toque-me — ela pediu baixinho, seus lábios perto dos meus.

Pensei que iria me beijar, mas ela apenas olhou em meus olhos, enquanto eu escorregava minhas mãos para o meio das suas pernas. Quando toquei em sua vagina, ela gemeu e jogou a cabeça para trás. Aproveitei aquele momento para olhar para baixo, porque eu precisava ver aquilo, precisava gravar cada

detalhe da sua vagina em minha mente, enquanto meus dedos estavam nela. Meu pau doeu com a visão dos meus dedos em meio aos lábios rosados e delicados e eu procurei pelo lugar certo onde tinha que tocá-la. Sua mão logo cobriu a minha, guiando meu dedo até o ponto rígido escondido e escorregadio.

— Isso, bem aí... — ela gemeu e eu rodeei meu dedo ali, vendo como mordeu os lábios com força. Queria fazer aquilo também, queria morder seu lábio e enfiar minha língua em sua boca de novo. — Isso, Rage, toca a minha boceta assim... Ai, meu Deus... — Eu parei por um segundo, sem entender o que ela disse. Boceta? Ela voltou a me olhar. — O que foi?

— O que é boceta? — Perguntei. Vi quando ela abriu e fechou a boca duas vezes, enquanto suas bochechas atingiam um novo tom de vermelho.

— Boceta e vagina são a mesma coisa, é só... É só um jeito vulgar de falar. Como pênis e pau — ela murmurou, desviando os olhos dos meus.

A compreensão caiu sobre mim e eu senti vontade de sorrir. Amy gostava de palavras vulgares quando estávamos fazendo aquilo. Um pensamento cruzou a minha mente e eu voltei a tocá-la, sentindo seu corpo estremecer de encontro ao meu. Meu pau raspou em sua barriga de novo e ela o tomou em suas mãos, tocando-me para cima e para baixo. Minhas bolas se retesaram.

— Gosta de quando toco sua boceta assim? — Perguntei, puxando seu rosto para o meu pelo queixo com a mão livre. Vi quando seus olhos se arregalaram um pouco e ela assentiu, mordendo os lábios. Aproveitei que estava com a mão sobre o seu queixo e puxei seu lábio da prisão dos seus dentes, passando meu polegar sobre ele. — Você está molhada em cima e embaixo. Quero muito enfiar minha língua na sua boca.

— Então enfia.

Ela não precisou pedir uma segunda vez. Assim que comecei a beijá-la, senti seu corpo estremecer e toquei sua boceta com mais pressa, rodeando o ponto inchado com o polegar, enquanto sentia sua mão subir e descer pelo meu pau. A sensação era tão boa que, por um momento, perdi completamente o controle e esfreguei a cabeça molhada com força em sua barriga, precisando desesperadamente de mais do seu toque, mais daquele sentimento poderoso que se espalhava pela minha espinha e descia diretamente nas minhas bolas.

— Rage... Ah, Rage, eu vou gozar... — ela avisou entre os meus lábios e eu lambi sua língua, sentindo uma pressão insuportável em minhas bolas, que subia até a cabeça inchada do meu pau. — Meu Deus, Rage...

Ela chamou meu nome e o som se propagou pela minha boca, pelo meu corpo, pela minha alma. Senti quando estremeceu e sua boceta ficou mais molhada, enquanto aquele ponto inchado pulsava com desespero de encontro aos meus dedos. Senti o mesmo acontecer comigo, meu pau pulsou, empurrei meu quadril com força e minha porra espirrou por sua barriga. Eu assisti sem nem poder piscar, gravando em minha memória o momento em que o líquido branco saiu do meu pau e jorrou com força em sua pele, enquanto ela ainda me tocava e apertava as minhas bolas com a outra mão.

Amy só parou com os movimentos quando a porra parou de escorrer pelo meu pau. Mesmo assim, sua mão continuou em mim e senti quando apertou as coxas uma na outra, fazendo-me despertar para o fato de que eu ainda estava a tocando lá embaixo. Ainda um pouco chocado, subi meus olhos para o seu rosto e vi o seu sorriso, suas bochechas vermelhas, a forma como seus olhos brilhavam.

— Foi muito bom — ela disse com a voz meio rouca. — Você gostou?

Olhei em seu rosto, em seguida, em seu corpo nu, sua barriga suja pelo o que havia saído de dentro de mim. Quis lutar contra a aversão, pois sabia que Amy já devia estar cansada de falar que eu não era sujo e eu não acreditar, mas fiquei chocado demais com a onda de desejo que tomou conta de mim, enquanto via minha porra escorrer lentamente por sua pele. Eu... Eu estava gostando daquilo. Estava gostando de tê-la sujado com o que havia saído de mim. Era como se... Se eu a tivesse marcado, assim como ela havia feito comigo.

Quão bastardo eu era por sentir isso?

— Rage? — Ela tocou em meu rosto e me fez olhar em seus olhos. — O que foi?

— Sujei você — murmurei, ainda em choque.

— Não, Rage, você não me sujou...

— Estou sentindo desejo por ter a minha porra na sua barriga. Isso é muito ruim, não é? Eu sou um doente mesmo, igual o Mestre diz...

Tentei me afastar, mas Amy largou meu pau ainda meio duro e me puxou rapidamente pelo pulso, mantendo-me no lugar. Sem dizer nada, ela levantou a minha mão que estava entre suas pernas segundos antes e me mostrou meus dedos molhados com o que havia saído de sua boceta.

— Se você me sujou, então, eu também te sujei. Você está molhado pelo o que saiu de mim, assim como eu estou molhada pelo o que saiu de você.

Senti meus olhos se arregalarem. Não, ela não havia me sujado de forma alguma.

— Não, Amy...

— E, sabe de uma coisa? Também sinto desejo por ver seus dedos sujos por minha causa — ela disse e eu fiquei ainda mais assustado. Ela também sentia aquilo? — Se você é doente por causa disso, então, eu também sou.

— Não, você não é — falei, pegando seu rosto em minhas mãos. Meus dedos ainda estavam molhados, mas não me importei e ela também não. — Você não é doente.

— Então você também não é, Rage. Pois tudo o que você sente sobre nós dois, eu também sinto.

Olhei para ela, um pouco atordoado, ainda anestesiado com tudo o que havia acontecido há poucos minutos. Minhas pernas tremiam, meu pau ainda sofria alguns espasmos e eu sentia vontade de começar tudo de novo. Mesmo assim, me agarrei aos olhos dela e falei baixinho:

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada, só acredite no que eu digo — ela pediu, inclinando-se um pouco para mim. Pensei que me beijaria de novo, mas seus lábios pressionaram meu pescoço e foram descendo até parar do lado esquerdo do meu peito, em cima do meu coração. — Não quero que se sinta assim da próxima vez.

Próxima vez. Ela também queria de novo. Senti vontade de sorrir, mas apenas assenti e passei meu polegar por sua bochecha.

— Agora eu posso te beijar? — Perguntei e ela sorriu.

— Você sempre pode me beijar.

Sua resposta fez o meu coração pulsar forte no peito e, novamente, me vi sem palavras. Eu sempre poderia beijá-la. Eu não sabia o que tinha feito para

merecer algo assim, mas, de qualquer forma, agradeci em pensamentos e me inclinei para capturar os seus lábios nos meus.

Capítulo 19

Amber

Rage ainda ficou me beijando por incontáveis minutos, até nos afastarmos para respirar. Era fácil esquecer do mundo naquele momento, em seus braços, ainda sentindo os efeitos do orgasmo por todo o meu corpo. Parecia que não havia problema algum assolando nossas vidas, nenhuma preocupação ou um passado aterrorizador. Acho que Rage sentia o mesmo, pois um pequeno sorriso dançava no canto dos seus lábios enquanto ele me olhava com toda aquela intensidade que tirava o meu ar.

Precisei de alguns segundos para voltar a vida real, mas não queria encarar a realidade. Queria ficar ali para sempre, mesmo sabendo que não podia. Por isso, afastei-me um pouco e perguntei se ele não queria passear lá fora, pois sabia que tínhamos que aproveitar enquanto a temporada de chuvas intensas não chegava nas montanhas. Ele aceitou e, depois de nos limparmos, saímos de mãos dadas pela casa silenciosa.

Do lado de fora, o frio era intenso, mas não forte o suficiente para nos fazer desistir de andar por entre as árvores. O cheiro constante de terra molhada era uma delícia e, quando ficamos afastados o suficiente da casa para termos privacidade, estendi o cobertor que havia levado e sentamo-nos no chão, com Rage atrás de mim, encostado contra uma árvore. Ficamos em silêncio, um nos braços do outro e deixei minha mente voltar algumas horas e parar na conversa que tivemos.

Rage havia dito que sofria nas mãos do meu pai desde os dez anos. Olhando para ele, poderia chutar que ele tinha entre vinte e oito e trinta anos. Se estivesse certa, significava que ele estava em cativeiro há cerca de vinte anos. Isso era a minha idade e o choque que senti ao constatar que o tempo que eu tinha vida era o mesmo tempo que Rage vinha sofrendo nas mãos do meu pai me deixou quase sem ar, completamente sem fala.

Um nó intenso se formou em minha garganta, mas fiz de tudo para não chorar. Acariciando a mão de Rage sobre a minha barriga, eu perguntei baixinho:

— Rage, você se lembra de algo da sua vida antes de parar nas mãos do Mestre?

Era difícil falar aquela palavra, "*Mestre*", e senti um embrulho no estômago. Rage ficou muito tenso atrás de mim e até a sua respiração mudou, fazendo-me sentir um pouco culpada. Eu queria tentar entender o porquê de justamente ele ter ido parar nas mãos do meu pai, mas não sabia se isso era justificativa suficiente para o fazer voltar ao passado que, certamente, o machucava. Arrependida, virei-me um pouco para olhar para ele e toquei o seu rosto com a minha mão.

— Me desculpe, não precisa falar nada. Sinto muito por ter perguntado.

Ele olhou nos meus olhos, mas não consegui identificar os seus sentimentos. Sua expressão era dura, como se estivesse com raiva, mas não sabia se era de mim ou das lembranças que eu havia reavivado com a minha pergunta. Acariciei o seu rosto, pensando em uma forma de o fazer relaxar e esquecer o que eu havia falado, quando sua voz baixinha penetrou meus ouvidos.

— Eu me lembro da minha casa. Era grande. Não como essa em que estamos, mas era grande e tinha um quintal maior ainda, com três árvores. Eu adorava as árvores, principalmente porque meu pai havia prometido que iria construir uma casa para mim em cima de uma delas... Mas ele nunca construiu.

Senti meu coração ficar apertado no peito.

— Por quê? — perguntei. Será que ele havia sido sequestrado antes disso? Aonde estariam os seus pais?

— Porque ele morreu antes disso.

— Ah, Rage, eu sinto mui...

— Mestre o matou — ele me interrompeu. — Depois, matou a minha mãe. E, então, me sequestrou.

Foi como levar um soco no estômago, acho que cheguei até a perder o ar. Por um momento, fiquei apenas olhando para Rage, sentindo-me presa em um limbo, com suas palavras se repetindo dentro da minha cabeça. Meu pai *matou* os pais dele. Eu não entendia como aquilo me surpreendia, porque, de um homem como Maximus, eu deveria esperar todo o tipo de atrocidade,

mas, ainda assim, fiquei completamente em choque. Como poderia existir tanta maldade dentro de uma única pessoa?

— Rage, eu sinto muito — murmurei, mas aquilo não era nada. Minhas palavras não eram nada, elas não diminuiriam a sua dor, nem faria com que o tempo voltasse para, talvez, as coisas acontecerem de modo diferente. — Você... Você se lembra em que ano foi sequestrado?

— Junho de 1999. Eu não me permiti esquecer — falou.

Senti como se tivesse levado mais um soco. Eu havia nascido em dezembro de 1998. Quando Rage foi sequestrado, eu tinha apenas alguns meses de vida e vinte anos já haviam se passado. Estive certa o tempo todo, o tempo que eu tinha de vida, era o tempo que Rage havia sofrido nas mãos do meu pai.

— Rage... Você tem alguma ideia de que ano nós estamos?

Ele me olhou com o cenho meio franzido, como se tivesse fazendo alguns cálculos.

— Não sei. Eu acho que se passou uns dezesseis ou dezoito anos desde que fui sequestrado, mas não tenho certeza — falou, franzindo um pouco mais o cenho. — Em que ano nós estamos, Amy?

— 2019 — sussurrei, porque acho que não tinha forças para falar mais alto. Senti uma dor quase física ao continuar. — Você foi sequestrado há quase vinte anos, Rage. Estamos no mês de fevereiro do ano de 2019.

Não conseguia fazer ideia do que estava passando pela sua cabeça naquele momento. Rage me olhava quase sem piscar, o cenho muito franzido, as mãos firmes ao redor da minha cintura. Apenas a sua respiração ficou alterada, mais rápida, mais forte, fazendo seus ombros subirem e descerem. Desci minhas mãos até eles e o acariciei.

— Vinte anos — ele sussurrou, quase como se quisesse afirmar para si mesmo. Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Rage...

— Quantos anos você tem? — perguntou de repente, olhando dentro dos meus olhos.

— Vinte anos — murmurei. — Fiz vinte anos em dezembro.

— Eu nasci em janeiro. Fiz trinta anos em janeiro — concluiu.

— Mês passado — falei, tocando em seu peito. — Não faz muito tempo. Você se lembra em qual dia de janeiro você faz aniversário?

— Dia 30.

30 de janeiro. Foi o dia em que chegamos à casa da montanha. Senti uma espécie de alívio ao saber que Rage não havia passado o seu aniversário sendo estuprado ou torturado, mas não podia afirmar se os seus outros aniversários também tinham sido assim. Só o fato de passar todos eles preso em correntes, em um quarto frio e escuro, já era demais para suportar.

Meu pai sempre gostou de dar festas enormes e exuberantes, por isso, praticamente todos os meus aniversários foram comemorados em meio à pompa e elegância, com pessoas que eu sequer conhecia ou tinha muita intimidade. Como não tinha amigos, meu pai convidava os amigos *dele* e a festa era, basicamente, feita para eles. Eu era apenas um pretexto. Nunca fui feliz em nenhum aniversário e, depois que minha mãe morreu, as festas — que Maximus não deixou de fazer — perderam ainda mais o seu significado.

Eu gostava mesmo era do dia seguinte, pois Hernandez sempre arrumava um jeito de me tirar de casa. Íamos ao cinema, depois, íamos a uma sorveteria e nos empanturrávamos de sundae com muita calda de chocolate. Quando mamãe era viva, ela nos acompanhava e também se divertia, coisa que pouco fazia ao lado do meu pai. Com ele, ela era quase um robô, seguindo às suas regras rígidas, educando-me do modo que ele queria. Mas, com Hernandez, ela era livre.

Eu ainda tinha aquelas memórias para me agarrar, mas e Rage? O que ele conseguia lembrar dos primeiros dez anos de sua vida, quando ainda era uma criança normal, com uma família comum? Será que se lembrava de algum aniversário? Será que se lembrava de já ter cantado parabéns? Novamente, senti um aperto horrível no peito, uma tristeza sem fim e olhei em seus olhos azuis e distantes. Ele estava pensativo, quieto, apesar de ainda me segurar pela cintura. Olhando para aquele homem de trinta anos, mas que por dentro ainda era um menino perdido, tive uma ideia que aqueceu o meu peito e me levantei de supetão, fazendo-o se assustar um pouco. Estendi a mão para ele.

— Venha comigo.

— Para onde?

— Você vai ver — sorri.

Ele me deu a mão e o fato de não fazer mais questionamentos fez a minha alma quase levitar. Apesar de ter dito duas vezes que confiava em mim, eram as suas ações que provavam isso. Segurar a minha mão e caminhar ao meu lado, sem saber para onde eu poderia o levar, era uma prova real de que a sua confiança em mim era verdadeira.

Deixei o cobertor sobre uma poltrona no sofá e fui com Rage para a cozinha. Lá, separei em cima da bancada tudo o que eu precisava e vi o seu olhar curioso sobre mim.

— Vai fazer comida? — perguntou.

— Não — falei, olhando para ele. — Vou fazer outra coisa.

— O quê?

Dei a volta na bancada e parei de frente para ele, tomando a sua mão na minha.

— Vou fazer o seu bolo de aniversário — respondi, vendo seus olhos se arregalarem.

— Bolo de aniversário?

— Sim.

— Para mim?

— Sim — sorri, vendo a sua surpresa, o modo como parecia não acreditar.

— Por quê?

— Porque, mesmo com algumas semanas de atraso, o seu aniversário merece ser comemorado. A sua vida merece ser comemorada, Rage — respondi, ficando emocionada. Na verdade, não eram semanas de atraso, eram *anos*. Mas eu não queria entristecê-lo com esse fato. — Por isso, quero fazer um bolo para você, para que possamos comemorar juntos.

Vi quando seus olhos se encheram de lágrimas e ele engoliu em seco, como se não quisesse chorar. O fato de se emocionar com um simples bolo de aniversário mexeu muito comigo. Rage não tinha nada, mas, naquele momento, parecia que ele tinha acabado de ganhar o mundo inteiro. Sem dizer nada, ele se abaixou e pressionou os lábios contra os meus, me dando o beijo mais doce e amoroso que eu já havia recebido. Ficamos daquele jeito por segundos sem fim, até eu me afastar e sorrir.

— Vou começar, se não o bolo não ficará pronto hoje.

Ele se sentou no banco em frente ao balcão e eu comecei a preparar o bolo, seguindo uma receita antiga que uma das empregadas havia me ensinado quando eu ainda era uma menina. Rage acompanhava tudo com os olhos vivos, atentos, ora olhando para a massa tomando forma dentro da vasilha, ora olhando para mim com aquela intensidade que me deixava toda abobalhada.

Com o bolo no forno, fiz um recheio de chocolate e bati o creme de leite em chantily. Não era a melhor cozinheira do mundo, muito menos a melhor confeiteira, mas, depois que o bolo esfriou, consegui cortá-lo ao meio para rechear e cobri com o chantily, colocando raspas de chocolate por cima. Não era o bolo mais bonito, nem o melhor confeitado, mas Rage olhava para ele como se fosse o bolo mais lindo da face da terra. Seus olhos brilhavam e, naquele momento, quis ter uma câmera comigo para poder tirar uma foto e guardar aquele momento para sempre.

— Me ajuda a levar o bolo lá para cima?

Ele assentiu e pegou a tábua onde estava o bolo com delicadeza, andando devagar até as escadas. Eu segurava algumas velas que encontrei no armário da cozinha, uma caixinha com fósforos, pratos de sobremesa e alguns talheres. Ao chegarmos no quarto, ele colocou o bolo em cima da mesa e eu levei alguns minutos posicionando as velas. Antes de acendê-las, olhei em seus olhos.

— Pronto?

Ele balançou a cabeça para cima e para baixo rapidamente, como se estivesse emocionado demais para falar. Eu também estava muito emocionada e as lágrimas quase molharam a minha bochecha quando acendi as velas e comecei a cantar parabéns. Rage não me seguiu, mas olhava encantado para o bolo, para as velas acesas, com um sorriso emocionado dançando em seus lábios fechados. Quando terminei de cantar, passei a mão pelo seu rosto e falei:

— Faça um pedido, e, depois, apague as velas.

Ele me olhou, em seguida, fechou os olhos com força, acho que fazendo o pedido mentalmente, antes de se inclinar e assoprar as chamas. Quando terminou, olhou para mim e eu me joguei em seus braços, o abraçando com

força.

— Feliz aniversário, Rage. Os próximos serão ainda melhores do que esse, eu prometo a você.

— Você que vai fazer o bolo dos próximos? — perguntou, me dando um sorriso enorme, de tirar o fôlego.

Como ele podia ser ainda mais bonito sorrindo?

— Você quer que eu faça?

— Quero.

— Mas você ainda nem comeu esse. E se estiver ruim?

— Impossível.

Sorri para ele e cortei o bolo, colocando uma fatia em cada prato. Ele pegou a colher do jeito que havia se acostumado e comeu um pedaço grande, fechando os olhos ao mastigar. Senti um frio no estômago, ficando um pouco nervosa.

— Está bom?

Ele me olhou e me deu mais um sorriso.

— Muito bom. Acho que nunca comi algo tão gostoso em toda a minha vida.

Fiquei toda boba e comi um pedaço. Estava bom mesmo, mas eu sabia que não era o melhor bolo do mundo. Ainda assim, me emocionei, porque era o melhor bolo do mundo do *Rage*. Para ele, não havia nada melhor do que aquilo e fiquei muito feliz por poder proporcionar a ele um simples bolo de aniversário. Comi duas fatias e ele comeu três, sem nunca tirar o sorriso do rosto. Com a barriga lotada de tanto bolo, deitamos na cama e ele se virou de lado, pairando um pouco em cima de mim. Soltei um suspiro quando senti sua mão acariciando lentamente o meu rosto.

— Eu não me lembro da última vez que tive um bolo de aniversário — murmurou. — Eu lembro que meu pai morreu um pouco antes de eu fazer dez anos e minha mãe e eu estávamos muito tristes para comemorar o meu aniversário. Então, acho que desde os meus nove anos, essa foi a primeira vez que tive um bolo. Eu não consigo descrever o que estou sentindo, Amy.

— Ah, Rage... — Daquela vez, minhas lágrimas desceram com força. Ele

limpou cada uma. — Eu quero fazer muito mais. Quero libertar você das mãos desse homem, Rage. Quero que você seja feliz.

— Você me fez feliz hoje — disse ele, me surpreendendo. — Eu estou feliz, Amy.

— Está?

— Sim. — Seus olhos se encheram de lágrimas e quando uma escorreu, eu limpei. — Obrigado.

— Não agradeça, Rage.

— Eu sempre vou agradecer, Amy. Sempre.

Quando ele me beijou, o mundo inteiro se calou e se tornou apenas nosso.

Capítulo 20

Amber

Acordei na manhã seguinte com uma sensação maravilhosa em meu peito, relembrando o dia anterior com muito carinho.

Não sei por quanto tempo ficamos um nos braços do outro, às vezes nos beijando, às vezes apenas nos olhando nos olhos. Não era necessário palavras naquele momento; depois de partilhamos algo tão especial, que foi o seu bolo de aniversário, falar qualquer coisa parecia dispensável. Era como se conversássemos em silêncio, por meio do nosso toque, do nosso olhar. Agora, acordada e vendo-o dormir tranquilo ao meu lado, eu sentia que era o momento perfeito para olhar um pouquinho para dentro de mim e, finalmente, dar atenção ao meu coração.

Eu não sabia como e nem porquê. A certeza de que eu estava me apaixonando por Rage veio de repente, como uma onda calma que lambe a areia sem a pretensão de atingir ninguém, mas que acaba molhando os nossos pés e deixa um arrepio em nosso corpo e uma sensação gostosa na alma.

Por um momento, pensei que iria me desesperar, que iria negar, mas não tive forças e nem vontade de fingir que eu não estava me envolvendo com aquele homem. A sensação que tinha, era que eu havia me envolvido com ele muito antes, quando o vi naquela sala na boate, sendo usado de maneira tão cruel. Naquele momento, uma parte de mim ficou com Rage, pois era inconcebível que ele ficasse sozinho. Mesmo que ele não tenha me sentido, eu estava lá. Eu fui embora, mas fiquei com ele. Minha alma já era dele antes que eu pudesse sequer imaginar.

Eu não sabia se ele se sentia da mesma forma por mim. Talvez ele sequer entendesse o que estava sentindo naquele momento, mas eu não era egoísta e nem tinha pressa. Ficar ao lado de Rage, ter a sua confiança, receber o seu carinho e os seus beijos, já eram suficientes.

Fiquei como que hipnotizada olhando para ele enquanto dormia, sentindo

meu coração pular forte no peito enquanto reconhecia cada um dos meus sentimentos. Tive vontade de sorrir e também de chorar, não de tristeza, mas de emoção. Estava coberta por sensações e, por mais que quisesse compartilhar cada uma delas com Rage, sabia que ainda era cedo demais.

Duas batidas na porta me tiraram dos meus pensamentos e me levantei devagar para não o acordar. Encontrei Hernandez do lado de fora, no corredor, carregando algumas bolsas.

— Já foi à cidade? — perguntei, encostando a porta atrás de mim.

— Sim. Comprei os telefones e aproveitei para ligar para as pessoas que te falei — disse, olhando rapidamente em volta. — É perigoso falar sobre isso aqui, Amy. Não confio no John e no Peter.

— Está bem, vamos para o seu quarto.

Espiei rapidamente pela porta para ver se Rage ainda estava dormindo, mas me deparei com ele sentado na cama, esfregando um pouco os olhos. Virei-me para Hernandez.

— Só me deixe dizer a Rage que vou conversar com você e já te encontro no quarto.

Hernandez assentiu e eu entrei na suíte, encontrando os olhos de Rage sobre mim.

— Bom dia.

— Bom dia — falei, segurando a sua mão. — Eu vou conversar com Hernandez rapidinho e já volto, tudo bem?

Ele assentiu e eu me inclinei para perto do seu rosto, deixando um beijo rápido em seus lábios. Ainda era difícil de acreditar que eu realmente poderia beijá-lo. Se alguém me falasse isso semanas atrás, eu teria rido até perder o fôlego. Ele me olhou com ternura quando me afastei e saí do quarto, encontrando Hernandez em sua suíte. Pedi para que ele esperasse alguns minutos para que eu pudesse trocar de roupa, lavar o rosto e escovar os dentes e corri para o banheiro. Quando voltei para o quarto, ele me entregou um celular assim que me acomodei em uma poltrona.

— Esconda esse aparelho e só deixe para usá-lo quando eu tiver que ir à cidade, tudo bem? Para que possa se comunicar comigo.

— Pode deixar. Agora, me conte... Conseguiu falar com o detetive e com

o seu amigo do FBI?

— Sim. Primeiro falei com Juarez. Ele está em Nova York e vai começar as investigações o mais rápido possível, depois, liguei para Nicholas e você não sabe o que eu descobri, Amy.

— O quê?

— Nicholas me disse que está investigando um senador e a linha de investigação está chegando a uma rede pequena de exploração sexual infantil. Ele não quis me dar mais detalhes, mas o fato é, se ele compartilhou essa informação comigo, é porque desconfia que seu pai possa estar envolvido.

— Mas, como ele chegou ao meu pai?

— Não sei, as informações são confidenciais, mas ele me pediu o contato pessoal de Juarez. Juarez já prestou serviços para o FBI e Nicholas disse que eles podem trabalhar juntos. Também falou que, se as suas suspeitas forem verdadeiras, ele vai compartilhar tudo comigo.

Fiquei alguns segundos em silêncio, tentando encaixar as peças daquele enorme quebra-cabeças.

— Se essa rede de exploração for mesmo do meu pai e se o FBI está prestes a pegar o senador, isso significa que estamos bem mais perto de destruir Maximus do que imaginávamos — concluí.

— Exatamente! — Hernandez disse com entusiasmo. — Mesmo se não nos metêssemos na investigação, seu pai, provavelmente, seria pego.

— Mas eu nunca o vi com senador algum, Hernandez. Já o vi com o prefeito de Chicago, alguns governadores, mas nunca com um senador.

— Acho que o senador e seu pai não seriam burros ao ponto de se encontrarem em público, Amy. Se estão mesmo juntos, devem fazer tudo por debaixo dos panos.

— Tem razão — falei, sentindo uma espécie de euforia se misturar a esperança que eu carregava dentro de mim. — Meu Deus, não posso acreditar que isso está acontecendo, Hernandez.

— Nem eu, menina. No começo, estava achando a sua ideia uma loucura e tinha muito medo de não conseguirmos nada, ou, pior, que seu pai descobrisse o nosso plano e acabasse conosco, mas, agora, tenho certeza de que vai dar tudo certo, Amy — Hernandez pegou em minha mão. — Nós

vamos conseguir.

— Sim, nós vamos conseguir — sorri, apertando a sua mão na minha.

— Juarez tem uma equipe enorme que trabalha com ele e disse que, agora, tem ao seu lado um dos hackers mais poderosos do mundo, ou seja, se seu pai armazena alguma coisa na nuvem ou na *deepweb*, eles vão descobrir.

— Ótimo. Deixou claro para ele que o dinheiro não é um problema?

— Sim, inclusive, ele vai me passar todos os dados bancários para o e-mail que criei hoje no celular novo. Vou deixar você a par de tudo.

— Tudo bem. Aproveite que você tem contato direto com ele e peça para que ele procure o lugar aonde meu pai mantêm as crianças. Com certeza Maximus deve ter algum tipo de cativeiro — falei, estremecendo com a ideia.

— Conversamos sobre isso, Amy. Juarez é um homem inteligente, ele não vai deixar nenhuma ponta solta.

— Precisamos proteger essas crianças, Hernandez.

— Pode ter certeza que essa será a prioridade da polícia, Amy. Eles não vão deixar as crianças desamparadas e vão investigar como elas foram parar nas mãos do seu pai.

— Isso me tranquiliza. Imaginar o que essas crianças devem estar sofrendo agora, me deixa aterrorizada — falei.

— Será por pouco tempo, Amy — falou, segurando a minha mão. Aproveitei aquele momento para fazer uma pergunta que vinha me atormentando há algum tempo e me deixando angustiada.

— Hernandez, você acha que teremos provas suficientes para prender o meu pai antes que ele termine de procurar pelo mandante do ataque à nossa casa? Eu tenho muito medo de que ele resolva rápido essa situação e apareça aqui para me mandar de volta para Chicago. Eu não posso permitir que ele volte a ter acesso ao Rage.

— Amy, eu não sei. O seu pai é imprevisível, ele pode aparecer aqui a qualquer momento.

— E se ele aparecer? O que vamos fazer, Hernandez?

— Vamos ter que colocar o Rage de volta no quarto escuro sem que o seu pai perceba.

— O quê? Não! Isso não, Hernandez! — falei, levantando-me. O alívio anterior dando lugar ao pavor.

— Amber, é a única forma de ele não desconfiar de nada. Sei que gosta do Rage, mas não podemos arriscar que o seu pai descubra que você sabe sobre ele.

— Não, isso não... Peça urgência para o detetive e para o seu amigo do FBI! Eles precisam achar provas suficientes para deter o meu pai o quanto antes!

— Amber, não é tão fácil quanto está pensando.

— Eu sei disso, mas estamos falando do Rage, Hernandez! Estamos falando de um homem que está preso há vinte anos, que vem sendo humilhado, torturado e estuprado pelo meu pai desde quando era uma criança! Ele está vendo em mim uma chance de se libertar... Não posso o decepcionar! — Senti meus olhos se encherem de lágrimas, mas não me permiti chorar. Respirei fundo para me conter e logo senti os braços de Hernandez em volta de mim.

— Ele contou isso para você? Que está nas mãos do seu pai há vinte anos?

— Ele foi sequestrado quando tinha dez anos, em junho de 1999. São quase vinte anos sofrendo nas mãos do meu pai, Hernandez. Não posso permitir que ele sofra mais, nem que seja por um único dia.

— Ah, menina... — Hernandez acariciou as minhas costas com cuidado. — Queria te dar a certeza de que vamos pegar o seu pai antes que ele volte, mas eu não posso. Também queria proteger o Rage, mas seria arriscado demais tentar tirá-lo daqui. Isso chamaria a atenção do seu pai e ele iria atrás de vocês nem que fosse no inferno. E, se achasse vocês, com certeza iria te matar. Ele não ia querer saber se você é filha dele ou não, ele só pensaria no Rage. É por ele que ele é obcecado.

Assenti de encontro ao seu peito. A possibilidade de sair daquela casa nem sequer havia passado pela minha cabeça, pois sabia que seria impossível. Estávamos há duas horas e meia da cidade, não sabia se John e Peter ficariam ao nosso lado para nos dar cobertura e, mesmo se ficassem, a ajuda deles não iria valer de nada do lado de fora. Antes que pudéssemos chegar a algum lugar seguro, meu pai certamente iria nos achar.

— Olha para mim — Hernandez pediu, pegando meu rosto entre as mãos. — Não se agarre ao medo, Amber, se agarre ao que temos. Sabemos que Nicholas pode estar muito perto de pegar o senador e o seu pai, Juarez já começou as investigações, os dois estão juntos e vão lutar ao nosso lado para prender o Maximus. Vai dar tudo certo, menina, tenha fé.

— É à fé e à esperança que eu estou me agarrando, Hernandez — falei. — Eu nem sei como agradecer o seu apoio, a sua coragem por embarcar nessa loucura comigo.

— Já disse que você não precisa me agradecer por nada, menina. Eu que me sinto honrado por ter a sua confiança e poder participar de tudo isso com você. Um dia, vou pegar o seu filho no colo e dizer a ele que ele tem a mãe mais corajosa do mundo.

Foi impossível não me emocionar com as suas palavras, acho que meu coração quase explodiu no peito de tanto amor.

— Ele vai te chamar de vovô — falei, lhe dando um sorriso.

— Claro que vai! Não aceito nada menos do que isso — ele riu, mas sabia que também estava emocionado. Minutos depois, ele se afastou e voltou a assumir uma postura mais séria. — Amy, você não acha que já adiou demais a conversa com John e Peter? John já sabe sobre as suas regras e disse não vai dizer nada a Maximus, mas tenho medo de que Peter acabe soltando alguma coisa. Você precisa falar com eles.

— Encontrei com Peter na cozinha algumas noites atrás e pedi para que ele não comentasse nada com Maximus. Ele disse que não falaria nada, mas sei que não posso confiar.

— Então, esse é mais um motivo para que chame os dois para conversar — falou. — Mas, claro, não conte nada a eles sobre a investigação. É de suma importância que isso fique apenas entre a gente.

— Está bem. Peça para eles me esperarem no escritório. Eu já vou descer.

— Vou falar com eles agora mesmo.

Hernandez saiu e eu fiquei um tempo no quarto, tentando reorganizar os meus pensamentos. Saber que tinha não só um detetive, mas um agente do FBI ao meu lado, me tranquilizava, mas também me deixava um pouco nervosa, ansiosa. Eu tinha que ficar a par de todas as investigações, ou sentia

que iria enlouquecer. Naquele momento, tudo o que eu queria saber era quem era o tal senador e se a rede de exploração a qual ele estava ligado, era realmente do meu pai. Também queria ter a garantia de que meu pai seria preso antes de voltar a pisar nesta casa.

Com ele preso e com o apoio do FBI, Rage estaria seguro e longe daquele monstro. Pois eu sabia que, se meu pai aparecesse de surpresa, ele levaria Rage consigo e eu não conseguia sequer imaginar Rage longe de mim e voltando a sofrer nas mãos daquele monstro.

Um pouco mais calma, saí do quarto e desci as escadas. John e Peter já estavam no escritório, sentados nas duas cadeiras em frente à mesa do meu pai. Sentei-me na poltrona confortável atrás da mesa e me inclinei um pouco para falar com eles.

— Chamei vocês aqui para falar sobre Rage. — Comecei observando olhar atento de John e o olhar curioso de Peter. — Peter, esse é o momento em que eu preciso da sua total honestidade. Por favor, seja sincero ao responder cada pergunta que eu lhe fizer.

— Sim, Senhorita Bloom.

— Você tinha conhecimento da estadia de Rage nesta casa?

— Não, senhorita. Inclusive, não entendi até agora de onde ele apareceu. O encontrei nos seus braços e nos braços de John naquele dia e ele se recusou a me contar qualquer coisa — Peter disse, olhando rapidamente para John.

— Tem certeza que não sabia do andar subterrâneo? — Hernandez perguntou ao meu lado.

— Andar subterrâneo? — Peter perguntou, parecendo estar extremamente confuso. — Não havia nenhum andar subterrâneo na planta da casa que me foi enviada. Trabalho para a equipe de viagens do Senhor Bloom há pouco mais de seis meses e é uma norma padrão recebermos as plantas das casas para qual seremos enviados. Em nenhuma delas eu soube da existência de um andar subterrâneo. Se quiser, posso pegar a planta para que possam ver.

— Pegue, por favor.

— Claro. Volto em um instante.

Peter pediu licença e saiu do escritório. Assim que a porta se fechou atrás dele, John disse:

— Acho que Peter realmente não sabia da existência do andar subterrâneo e de que Rage estava preso lá embaixo, Senhorita Bloom, pois o Senhor Timothy deixou bem claro que eu não poderia deixar que ele descobrisse. Na verdade, eu não poderia deixar que ninguém descobrisse.

— Mas Amy descobriu — Hernandez disse, aproximando-se um pouco dele. — Tenho algumas curiosidades sobre você John... Não caí naquela história de que você trabalha para Maximus há apenas dois meses, mas deixei passar porque o importante ali era ter você ao nosso lado e não saber sobre o seu passado. Agora, no entanto, eu quero saber e quero que seja sincero. Há quanto tempo você é segurança do Rage?

— Há quatro meses, senhor — ele respondeu sem hesitação.

— E como conseguiu se tornar segurança dele? Sei que esse é um cargo de extrema confiança.

— Assim como Peter, eu também trabalhava na equipe de segurança que viajava com o Senhor Bloom. No entanto, em uma dessas viagens, um dos seguranças que fazia o transporte do Rage, passou mal e teve que ficar internado. Na época, eu não sabia da existência do Rage, também não sabia nada sobre os encontros, apenas acompanhava o Senhor Bloom nas viagens e fazia a segurança do hotel ou da casa aonde ele se hospedava, mas, quando esse segurança ficou doente, o Senhor Timothy me chamou para substituí-lo. Uma coisa que aprendi ao trabalhar para o Senhor Bloom, é que perguntas não são bem-vindas, então, eu acatei a ordem sem pensar duas vezes e tomei um susto quando me deparei com Rage. Ele estava drogado, com hematomas roxos pelo corpo. Senti muita pena dele, mas fiz o que tinha que fazer.

— O que você tinha que fazer? — perguntei.

— Colocá-lo dentro da van e o acompanhar até o lugar aonde aconteceria o encontro. Foi nesta noite que soube sobre os encontros, mas não sabia o que acontecia lá. Até hoje eu não tenho certeza, apesar de suspeitar — falou, fazendo uma careta.

— Se sentiu pena dele, por que estava o tratando como um animal na noite em que descobri sobre o andar subterrâneo? — perguntei, inclinando-me um pouco mais sobre a mesa.

— Porque Rage tentou me matar duas vezes! — falou um pouco consternado. — Depois que substituí o segurança que passou mal, fui

transferido para cuidar especificamente de Rage. Minhas responsabilidades aumentaram e o Senhor Timothy deixou bem claro que, a partir daquele momento, não tinha mais como voltar atrás. Pensei que estava querendo dizer que eu não poderia voltar ao cargo que ocupava antes, mas quando me deparei com o lugar aonde Rage estava e como ele era tratado, entendi o que ele quis dizer. Ao aceitar ser o homem que cuidaria de Rage, eu não poderia fazer mais nada. Havia acabado de entrar em um mundo perverso, do qual eu não tinha conhecimento algum. Quero que saiba, Senhorita Bloom, que eu não sou uma pessoa ruim e jamais aceitaria um trabalho onde teria que maltratar outra pessoa, mas eu não tinha mais escolhas. Eu sabia demais, eles não me deixariam sair vivo... Eu sabia disso, ainda sei.

Olhei para Hernandez e ele me olhou de volta, parecendo estar tão confuso quanto eu. Não sabia se ele desconfiava do mesmo que eu, mas, naquele momento, comecei a pensar que, talvez, John não soubesse sobre os verdadeiros negócios do meu pai. E, se ele não sabia, Peter com certeza não sabia também.

— Por que Rage tentou te matar? — Hernandez perguntou.

— Apesar de ter sido alertado por Timothy que Rage não poderia ficar sem as drogas, eu sentia muita pena dele. Era humilhante demais vê-lo naquela situação, por isso, pensei que, talvez, se eu tentasse ser seu amigo, ele poderia ficar calmo comigo. A primeira vez que o deixei limpo, entrei no quarto com a sua ração e ele me olhou pelo canto do olho, encolhido. Eu não me aproximei, só coloquei o pote no chão e chutei para ele, deixando claro que não iria o machucar. Ele comeu sem tirar os olhos de mim e eu saí do quarto, sentindo um pouco de confiança por ele não ter tentado me atacar de primeira. Quando voltei, me aproximei um pouco mais e esse foi o meu erro. Ele me atacou antes que eu pudesse piscar e começou a me enforcar. Se não fosse pelos seguranças que estavam na sala de controle naquele momento, observando as câmeras, eu teria morrido. Eles entraram e drogaram Rage, depois o tiraram de cima de mim.

— O que você queria que ele fizesse, John? Queria que te abraçasse? Que sorrisse para você? — Perguntei com um pouco de sarcasmo. — Você e todos os outros homens que “cuidaram” dele, são basicamente a mesma coisa. Rage jamais confiaria em você.

— Sei disso, Senhorita Bloom, por isso que tentei convencê-lo uma segunda vez, mas não adiantou, ele me atacou da mesma forma e os seguranças me salvaram de novo. Daquela vez, a história chegou aos ouvidos do Senhor Timothy e, por um momento, achei que havia deixado de morrer pelas mãos de Rage, para morrer pelas mãos do meu superior, mas não foi isso que aconteceu. Eu não morri, mas, certamente, preferia que tivesse morrido.

— Bateram em você? — Hernandez perguntou.

— Muito. Fiquei sem conseguir andar por quase uma semana. O Senhor Timothy deixou bem claro que eu não estava ali para ser bonzinho com o Rage e, sim, para mantê-lo saudável para o Senhor Bloom e que a minha próxima insubordinação não seria tratada com tanta... Delicadeza. Essas foram as palavras dele — John disse, virando-se para me olhar. — Foi por isso que comecei a tratar o Rage do jeito que me havia sido ordenado, Senhorita Bloom. Claro, também senti raiva dele, ódio, porque tentei ajudá-lo duas vezes e ele tentou me matar nas duas, além de eu ter sido espancado logo depois. Minha raiva ajudou a engolir a pena que eu sentia e comecei a seguir às ordens sem pestanejar. Não me orgulho, mas percebi que era basicamente um jogo de sobrevivência. Se eu não tratasse Rage como um animal, era eu que seria abatido.

Fiquei alguns segundos em silêncio, um pouco chocada depois de tudo o que havia ouvido. Obviamente, não sabia se poderia confiar nele ou não, mas o modo como havia contado tudo aquilo, a emoção em seus olhos, deixava toda a história muito real.

— Por que resolveu ficar ao meu lado se sabe que pode morrer por estar traindo Maximus Bloom? — perguntei.

— Primeiramente, eu aceitei porque sabia que, se chegasse aos ouvidos dele que a senhorita havia descoberto sobre Rage, me matariam na hora. Segundo, por causa do dinheiro que a senhorita me ofereceu. Estou sendo extremamente sincero, então, sim, fiquei de olho no dinheiro, porque vai ser com ele que eu vou sumir do mapa em breve. Não quero ter mais nada a ver com o Senhor Bloom, muito menos ficar sob a sua mira. E, também, porque estou percebendo que estive certo o tempo todo.

— Certo sobre o quê? — Hernandez perguntou.

— Sempre soube que Rage ainda tinha algo para ser resgatado dentro de si. Apesar de ter sido atacado duas vezes por ele e de, por um momento, ter acreditado que ele era mesmo um selvagem sem uma veia humana, ainda tinha alguma coisa dentro de mim que me dizia que, no fundo, ele era apenas um homem que havia sofrido demais — falou. — Não sei há quanto tempo ele está nas mãos do Senhor Bloom, também não imagino o motivo para isso, mas tenho certeza de que está há tempo suficiente para transformar um homem em um louco. Agora, ao seu lado, Senhorita Bloom, ele finalmente está tendo a chance de se libertar. Não sei como a senhorita vai conseguir isso, mas quero que saiba que pode contar comigo. Sei que não tem motivo algum para acreditar em minha palavra, mas quero deixar claro que estou disposto a tudo para ajudá-la a libertar o Rage. É o mínimo que posso fazer depois de ter passado quatro meses ajudando-o a ser torturado e humilhado.

Novamente, Hernandez e eu nos encaramos. Eu estava completamente sem palavras, tocada de verdade por tudo o que tinha ouvido, apesar de saber que não poderia confiar. Infelizmente, naquele momento, apesar de aparentemente estar ao meu lado, John ainda poderia ser um inimigo. Por isso, apenas falei:

— Quero que continue a fazer o que pedi a você na nossa primeira conversa, John. Apenas minta para o meu pai e diga a ele que Rage está no quarto escuro, acorrentado e drogado — falei e ele assentiu.

— Inclusive, era exatamente sobre isso que queria falar com a senhorita... Ontem de manhã, o Senhor Bloom me ligou perguntando por Rage. Eu fiz como a senhorita me ordenou, mas, hoje, assim que acordei, Timothy me ligou e pediu imagens dele.

Senti o meu sangue ficar gelado em minhas veias.

— Imagens? Como assim?

— Imagens dele no quarto escuro. Como eu havia dito, o Senhor Bloom não recebe as imagens em tempo real por conta do sinal de satélite, mas pediu que eu enviasse algumas imagens hoje.

— E o que você disse?

— Falei que poderia demorar um pouco por conta do sinal da internet, mas que eu iria enviar. Foi apenas uma desculpa para que eu pudesse falar com a senhorita primeiro. Eu tenho algumas imagens gravadas do Rage no

quarto escuro, posso enviá-las, se quiser.

— Faça isso, John, por favor. E faça o quanto antes, pois meu pai pode suspeitar de algo e vir aqui. Ele está muito quieto e isso me preocupa — falei.

— Farei isso assim que terminarmos de conversar, Senhorita Bloom.

— Obrigada, John.

Duas batidas na porta me silenciaram e logo Peter apareceu em meu campo de visão. Ele carregava uma pasta nas mãos.

— Desculpe a demora, Senhorita Bloom. A pasta estava no fundo de uma gaveta e demorei para encontrar.

Ele me entregou a pasta e Hernandez e eu começamos a olhar. Era uma planta da casa e, apesar de eu não entender quase nada, tinha o nome de um cômodo no centro de cada desenho. Realmente, não havia nada sobre o andar subterrâneo e, depois do que John havia nos contado, eu não via motivos para não levar em conta a palavra de Peter.

— Tudo bem, Peter, eu acredito em você — falei, fechando a pasta. — Rage estava preso no andar subterrâneo desta casa. Ele é mantido em cativeiro há anos pelo meu pai, vivia acorrentado e era constantemente drogado. Agora que você já sabe a verdade, quero que saiba que estou fazendo de tudo para tirar Rage das garras de Maximus e, para isso, você e John não podem, de maneira alguma, contar para o Senhor Bloom o que está acontecendo aqui. Se ficar ao meu lado, você terá muito a ganhar, Peter.

Peguei uma folha em branco e escrevi nela o mesmo valor que falei que pagaria a John. Vi como os olhos de Peter se arregalaram ao ver a quantia.

— Você receberá esse valor todo o mês se obedecer apenas a mim e continuar fingindo para o Senhor Bloom que nada de diferente está acontecendo nesta casa.

Peter me olhou boquiaberto e com o cenho levemente franzido.

— Senhorita Bloom, sinceramente... Eu nem sei o que dizer. Esse dinheiro é totalmente irrelevante perto do que acabou de me contar. Se eu soubesse que o Senhor Bloom cometia tamanha atrocidade, jamais aceitaria trabalhar para ele. Por favor, acredite em mim, eu não sabia de nada disso. Eu juro.

— John também não sabia quando trabalhava na mesma posição que você — falei. — Acredito na sua palavra, Peter.

— Então, por favor, não precisa me pagar nada disso — falou, colocando o papel sobre a mesa. — Não acho justo receber um valor tão alto para ajudar a Senhorita a acabar com essa injustiça.

— É melhor você aceitar, Peter. Pense em como esse dinheiro vai te ajudar quando você tiver que sumir das vistas de Maximus. Vai ser melhor você ir para bem longe quando conseguirmos libertar o Rage — Hernandez disse.

— É isso que eu estou fazendo, cara. Vou juntar esse dinheiro, pois sei que vou precisar dele para fugir — John disse. — Aceite.

Peter parecia um pouco confuso, incerto sobre aceitar ou não a quantia. Por fim, assentiu e guardou o papel no bolso do paletó.

— Está bem, eu aceito.

— Ótimo. Bom, agora preciso que saibam de mais algumas coisas. Rage não é mais um prisioneiro, ele continuará na casa e tem liberdade para circular por onde quiser. Ele não gosta de homem algum perto dele e, talvez, possa ficar agressivo, por isso, tomem cuidado. E, o mais importante, ele não sabe que sou filha de Maximus Bloom. Ele pensa que sou uma secretária do meu pai. Achei melhor falar assim, porque tinha medo de ele não confiar em mim, portanto, nada de me chamar de Senhorita Bloom na frente dele, por favor.

— Como devemos nos dirigir à senhorita?

— Chamem-me de Amber — falei. — Senhorita Bloom me dá enjoo. Tenho nojo de saber que carrego o sobrenome sujo daquele homem. — Fiz uma careta e Hernandez apertou o meu ombro para me dar apoio.

— É compreensível, Senhorita Bloom... Ou melhor, Amber — Peter disse, olhando-me com gentileza. Ele era uma boa pessoa, havia sentido isso desde o primeiro dia.

— Amanhã de manhã eu vou apresentar o Rage a vocês. Preciso que ajam com tranquilidade, sem demonstrar nenhuma ameaça. Também não quero que fiquem o encarando por muito tempo, pois ele pode se sentir desconfortável — falei, levantando-me. — Por enquanto, é só isso. Estou feliz que estejam ao meu lado.

— Pode contar comigo, senhorita — John disse, levantando-se também.

— Posso ir lá embaixo enviar as imagens para o Senhor Bloom?

— Sim, é claro — assenti.

— Vou te acompanhar, John — Hernandez disse.

Peter observou com os olhos arregalados quando John digitou o código e a entrada secreta se abriu. Quando eles sumiram do nosso campo de visão, ele se virou para mim com uma expressão chocada.

— Eu não poderia imaginar.

— Eu também não. Fiquei exatamente assim quando descobri — falei, dando a volta na mesa. — Foi um choque.

— Como descobriu?

— Vi John passar pela sala com um pote de cachorro e sumir logo depois. Vi a luz do escritório acesa, entrei aqui e não vi ninguém, mas só precisei olhar com mais cuidado e percebi essa entrada — falei, chegando perto da porta encostada. — Foi uma falha dele, a porta não deveria ter ficado aberta, mas ficou e eu entrei.

— Isso é loucura — murmurou, balançando um pouco a cabeça. — Mas fico feliz que tenha descoberto, Senhorita Bloom.

— Apenas Amber, Peter — ri um pouco.

— Isso, Amber. Desculpe, é a força do hábito. — Ele sorriu um pouco, mas logo ficou sério. — Quero que saiba que pode realmente contar comigo, Amber. Vou ajudar no que for necessário.

— Obrigada, Peter. Qualquer ajuda é necessária nesse momento.

Ele assentiu e pegou a pasta com a planta da casa em cima da mesa.

— Se precisar de qualquer coisa, é só me chamar — falou e eu assenti, vendo-o se dirigir à porta.

Fiquei sozinha no escritório do meu pai e olhei para a sua cadeira imponente, aonde eu havia acabado de me sentar e concluir mais uma etapa do meu plano contra ele. Só consegui pensar em como eu queria que tudo aquilo acabasse logo e ele fosse para a prisão.

Capítulo 21

Rage

Amy estava demorando e, para não ficar ansioso por ela não estar no quarto comigo, resolvi me levantar e tomar um banho. Ainda era estranho estar dentro de um banheiro, com um chuveiro que derramava água quente sobre mim, por isso, eu aproveitava aqueles minutos, pois sentia como se fossem únicos. Eles só não eram melhores do que os momentos que eu passava ao lado de Amy e a forma como ela me fazia sentir.

Nunca pensei que o coração pudesse se encher de tantos sentimentos bons, ao ponto de quase explodir. Era assim que eu me sentia desde o dia em que acordei neste quarto e tive ciência de que Amy não era uma pessoa ruim. Convivi durante tanto tempo ao lado da raiva, do ódio e da dor, que não via possibilidade de sentir qualquer outra coisa, principalmente por outra pessoa, mas, ao lado de Amy, estava descobrindo que os anos que passei preso não haviam destruído a minha capacidade de nutrir sentimentos bons, sentimentos que me deixavam felizes.

Era até difícil lembrar que ainda pairava alguma ameaça sobre a minha cabeça. Eu não fazia ideia de onde o Mestre pudesse estar, nem o porquê de ainda não ter aparecido, mas deixava de me preocupar quando estava ao lado de Amy. Era como se ela fosse a única coisa que eu pudesse ver ou sentir e, ao invés de ficar assustado com tanta intensidade, eu me sentia maravilhado. Nunca vivi nada parecido e me perguntava se era normal sentir esse tipo de coisa. Eu esperava que sim, pois, caso não fosse, tinha medo de que, ao se dar conta de como eu me sentia em relação a ela, Amy ficasse assustada e se afastasse de mim.

Demorei mais tempo do que o previsto debaixo do chuveiro e me sequei correndo, com medo de que Amy estivesse no quarto, esperando por mim. Contudo, ao sair do banheiro, encontrei o quarto ainda vazio. Sentei-me na beirada da cama e encarei a mesa vazia onde, ontem, colocamos o bolo de aniversário que ela havia feito para mim. Senti meu coração quase explodir

de novo e meus olhos ficaram marejados. Eu não acreditei que ela realmente estava fazendo um bolo para mim, até vê-lo pronto e com as velas em cima. Senti tanta coisa enquanto ela cantava parabéns, que me vi incapaz de piscar no momento ou até mesmo respirar. Era como se o mundo tivesse parado e só existisse nós dois.

"*Faça um pedido, e, depois, apague as velas.*"

Eu olhei para Amy no momento em que ela me disse essas palavras, em seguida, fechei os olhos e o pedido veio com tudo em minha mente.

"Que Amy esteja protegida das maldades do Mestre. Que possamos ficar juntos para sempre."

Eu sabia que Amy havia dito para fazer um pedido só, mas não vi problema em fazer dois. Passei vinte aniversários sem fazer um único pedido, será que Deus ficaria bravo comigo se eu fizesse um pedido a mais naquele momento? Eu torcia para que não. Quando apaguei as velas, lembrei-me da minha mãe e do meu pai. Eu podia não me lembrar do último aniversário que comemorei com eles, mas me lembrava perfeitamente do modo carinhoso como me tratavam, como pareciam me amar. Será que eles estavam felizes por ver que eu estava assoprando as velas do meu bolo de trinta anos?

Há muito tempo eu não pensava nos meus pais. Assim que fui sequestrado pelo Mestre, fiquei esperando ansiosamente pelo momento em que minha mãe atravessaria a porta de ferro e me salvaria, pois não queria acreditar que o Mestre tivesse mesmo a matado, mas o tempo foi passando e ela nunca apareceu. Acabei acreditando que ela estava morta de verdade e, mesmo sem querer, senti raiva dela e, principalmente, do meu pai. Mestre havia dito que tinha o matado por ele ter o traído, então, comecei a me questionar sobre o porquê de o meu pai ter se envolvido com o Mestre em primeiro lugar e, logo depois, o porquê de ter o traído. Será que ele não sabia que o Mestre era ruim? Será que não tinha noção de que a sua traição iria cair sobre mim?

Durante muito tempo, só consegui sentir raiva por ele, raiva pela minha mãe por não ter me protegido, mas, conforme fui crescendo, entendi que aquela raiva só me fazia mal. Meu coração doía e me sentia muito culpado por odiar os meus pais, então, deixei o sentimento ir embora e resolvi me apegar as lembranças, que logo foram desaparecendo da minha mente. Ainda conseguia me lembrar do sorriso do meu pai e do olhar gentil da minha mãe,

mas o resto eram apenas flashes.

No momento em que assoprei as velas, no entanto, pensei neles e torci para que estivessem felizes por mim naquele momento, pois, quase vinte anos depois, eu estava tendo a oportunidade de ter um bolo de aniversário feito especialmente para mim, pelas mãos da pessoa mais incrível e amorosa que eu já havia conhecido. Sentia-me muito sortudo e, mesmo sabendo que para muitas pessoas aquilo poderia ser nada, para mim, era tudo. Era muito mais do que um dia eu ousei imaginar ou desejar.

— Rage?

A voz de Amy me tirou dos meus pensamentos e me virei para ela.

— Oi — respondi, sentindo meu coração disparar. Será que algum dia eu deixaria de me sentir dessa maneira quando a visse?

— Tomou banho? Está com o cabelo molhado.

— Sim — falei, tocando em meu cabelo. — Você estava demorando, então, pensei que seria bom tomar banho.

Ela sorriu um pouco para mim e sentou-se ao meu lado na cama, tomando a minha mão na sua.

— Rage, preciso te falar uma coisa — disse, ficando muito séria. — Lembra que você me perguntou hoje mais cedo se havia algum homem mau aqui nesta casa? — Eu apenas assenti. — Além de Hernandez, há mais dois homens aqui, mas eles não são ruins. Um é o Peter, ele é apenas um segurança e cuida da casa e o outro é o John. Era ele que ficava com você, quando estava no quarto escuro.

— Ele é um homem mau — falei, tirando a minha mão da dela e me levantando. Amy se levantou também. — Ele é um homem mau do Mestre.

— Não, Rage, me escute...

— Não! Ele é um homem mau, ele me tratava da mesma maneira que os outros — falei, aproximando-me um pouco dela. — Não quero ele perto de você! Ele é ruim e pode te maltratar, igual fazia comigo.

— Rage, por favor, me escute — ela pediu, segurando a minha mão de novo. — John estava apenas cumprindo as ordens do Mestre. Se ele não fizesse aquilo, poderia morrer.

— Mentira!

— É verdade. Ele me disse que deixou você sem drogas duas vezes e que você o atacou — ela falou.

Senti meu estômago se revirar e, novamente, me afastei. Será que Amy achava que eu era um monstro? Tratei logo de me defender.

— Ataquei porque sabia que ele podia me machucar. Se eu não o matasse, ele poderia me matar.

— Sei disso — ela falou e me olhou com ternura. Senti uma espécie de alívio me invadir por dentro. — Você só quis se defender, Rage, mas ele não ia te machucar.

— Claro que ia. Todos eles sempre me machucam!

— Ele queria te ajudar, Rage. Queria te deixar livre das drogas, para poder conversar com você e se tornar um amigo, mas desistiu depois que você o atacou pela segunda vez. O Mestre descobriu o que ele estava tentando fazer e mandou que o surrassem. Disse que, se ele descumprisse as ordens mais uma vez, iria o matar.

Amy parecia estar falando a verdade, mas eu não conseguia acreditar. Nenhum homem mau tentou me ajudar, nunca. Esse último realmente havia me deixado limpo algumas vezes, mas não parecia que queria me ajudar em momento algum. Eu não confiava em nenhum deles e ponto final.

— Eu só estou falando tudo isso, porque, agora que você está aqui na casa, pode acabar se encontrando com algum deles e não quero que fique assustado. Eu prometo que eles não te farão nenhum mal, pelo contrário, eles vão te proteger junto comigo.

— Me proteger? Impossível. — Quis rir.

— É verdade, eles vão me ajudar a te proteger do Mestre — ela disse com uma sinceridade que me abalou um pouco.

— Por que eles fariam isso?

— Porque eles também querem que o Mestre vá para a cadeia.

— Eu não quero que o Mestre vá para a cadeia — falei. Amy ficou estática no meio do quarto, olhando para mim com o cenho franzido.

— Não?

— Não.

— Então... O que você quer que aconteça com ele?

Olhei para Amy e senti uma dor forte no meu peito, pois sabia que ela não merecia que eu mentisse e a verdade poderia afastá-la de mim para sempre. Mas eu tinha que fazer aquilo, tinha que contar a ela a promessa que havia feito para o Mestre e para mim mesmo.

— Eu prometi ao Mestre que eu iria o matar e eu vou — falei com decisão em minha voz, para que ela não ficasse com nenhuma dúvida. — Primeiro eu vou fazer com que ele sofra muito, então, eu vou o matar.

Vi como Amy empalideceu e ficou estática me olhando com os olhos arregalados. Não queria que ela ficasse com medo de mim, muito menos que se afastasse, mas não sabia o que poderia fazer para que isso não acontecesse. A única certeza que eu tinha, era que nada iria me fazer desistir de matar o Mestre, nem mesmo Amy. Ao ver que ela não se mexia e nem dava sinais de que iria falar alguma coisa, aproximei-me dela e peguei seu rosto em minhas mãos.

— Não me odeie, por favor — pedi baixinho. — Mas eu preciso fazer isso, Amy. Preciso me vingar por tudo de ruim que o Mestre me fez passar.

Ela piscou duas vezes, parecendo sair de um transe e tocou as minhas mãos por cima do seu rosto.

— Eu... Eu entendo, Rage, eu entendo você e a sua sede de vingança.

— Então sabe que eu não posso desistir, não é? Preciso fazer o Mestre sofrer, Amy, só assim eu vou viver em paz.

— Mas você lembra do que eu disse? Eu falei que estava reunindo provas para colocar Maximus Bloom na cadeia.

— Maximus Bloom?

— O Mestre. Esse é o nome dele.

— Maximus Bloom... — repeti em voz alta, sentindo o nome se desenrolar na minha língua. Parecia veneno e me senti intoxicado, com muito nojo. Ele tinha nome de gente ruim.

— Eu sei que você quer que ele sofra por tudo o que lhe fez passar, mas ele não fez isso apenas com você, Rage.

— Não? — perguntei sem entender.

— Não — ela disse com pesar. — Maximus é chefe de uma organização que explora crianças sexualmente. Ele faz com várias crianças o que fez com você quando era menor.

Foi como levar um soco no estômago. Completamente chocado, dei dois passos para trás e minhas mãos caíram do rosto de Amy, pousando desajeitadas ao lado do meu corpo. Em minha frente, não era mais ela que eu via e, sim, uma cena horrível do meu passado. Eu não me lembrava com exatidão do momento em que fui sequestrado, apenas me lembrava dos sons. Eu estava deitado na minha cama, quase dormindo, quando ouvi o grito da minha mãe. Ela estava tendo muitos pesadelos desde a morte do meu pai, mas aquele grito dela era diferente, era mais assustador. Com medo, me levantei para vê-la, mas antes que eu pudesse descer as escadas, um homem muito alto apareceu na minha frente e empurrou um pano no meu nariz.

Apaguei. Minha próxima lembrança já era do quarto escuro, sentindo muito frio e muito medo. Não usava mais as minhas roupas e, sim, um short. Gritei por ajuda, mas um homem me mandou ficar quieto e eu não obedeci. O soco que levei no estômago me deixou nauseado e quase vomitei, pensando que aquela era a pior dor que eu já havia sentido na vida, mas nem imaginava que aquela era, de longe, a pior coisa que eu poderia sentir. Então, o Mestre apareceu e me tocou daquela forma que me fez sentir mal, me fez sentir medo e, depois, disse que havia matado o meu pai e a minha mãe. Meu ódio por ele naquele momento foi maior do que tudo e eu vinha alimentando esse sentimento há quase vinte anos, enquanto era assombrado pelo seu toque desde quando era apenas uma criança.

Sempre me perguntei o porquê de tudo aquilo acontecer comigo. Por que eu havia sido o escolhido? Por que outra pessoa não poderia estar no meu lugar? Eram questionamentos que me seguiam desde o momento em que me encontrei naquele quarto frio, mas, agora que sabia que eu *não era* o único, eu sentia vontade de gritar de ódio, de fúria, de dor. Ele fazia aquilo com outras crianças? Quantas? Desde quando? Por quê? Como era possível que um único homem fosse capaz de cometer tantas maldades?

— Rage.

Despertei do transe com a voz e o toque de Amy em meu braço. Pisquei com força, obrigando-me a enxergá-la na minha frente. Sua mão estava

gelada e ela parecia nervosa.

— Como sabe disso?

— Disso o quê?

— Que ele faz isso com outras crianças?

Ela me olhou por alguns segundos, como se pensasse em como me contar.

— Eu descobri há pouco tempo, junto com Hernandez. Nós contratamos um detetive para descobrir mais coisas sobre Maximus e, em breve, teremos mais provas para o colocar na cadeia — ela disse. — Eu sei que você quer que ele sofra, sei que quer o matar, mas, se fizer isso, não vamos conseguir resgatar as outras crianças e protegê-las.

— Aonde elas estão? Também estão em algum quarto escuro?

— Eu não faço ideia de onde elas possam estar, mas estou torcendo muito para que o detetive descubra logo.

— Eu nunca vi criança alguma. Sempre fiquei sozinho.

— E nos encontros? Nunca viu nenhuma criança naqueles encontros que o Mestre te levava?

— Não, nunca — falei. — Se tivesse visto, conseguiria me lembrar. Eu sempre pensei eu fosse o único a sofrer nas mãos do Mestre. Eu juro, Amy, se eu tivesse visto alguma criança, eu faria de tudo para protegê-la.

— Meu Deus, Rage — ela murmurou e seus olhos se encheram de lágrimas. Não entendi o porquê. — É por isso que eu falo que você tem a alma mais gentil que eu conheço.

— Por quê?

— Porque, mesmo sofrendo, você tentaria ajudar outra criança. Tentaria protegê-la — falou, passando a mão pelo meu rosto. — Eu fico tão feliz que o Mestre não tenha matado essa bondade em você com a maldade dele.

Ela estava emocionada e eu também senti um aperto na garganta com as palavras dela. Não sabia se querer proteger uma criança das maldades do Mestre me fazia ter uma alma gentil ou não, só sabia que eu nunca conseguiria olhar uma criança sofrendo — principalmente o que eu havia sofrido nas mãos do Mestre — e não tentar protegê-la de alguma forma.

— Por que ele faz tudo isso com crianças, Amy? Eu não entendo. Pensei

que ele fazia comigo porque meu pai havia o traído, mas, agora que você me disse tudo isso, vejo que talvez o meu pai tenha sido apenas uma ponte para ele chegar em mim.

— Ele faz isso porque é um pedófilo, Rage.

— Pedófilo? O que é isso?

— Pedófilo é um adulto que tem preferência sexual por crianças. É uma doença, segundo a Organização Mundial da Saúde e quem pratica, ou até mesmo armazena qualquer tipo de conteúdo com pornografia infantil, é um criminoso. O que o Mestre fez com você e o que faz com essas outras crianças, é crime, Rage. E só conseguiremos proteger essas crianças, se o colocarmos na cadeia.

Enquanto Amy falava, eu sentia minha cabeça rodar. Eu sequer imaginava que havia um nome para o que o Mestre fazia comigo quando eu era pequeno, muito menos que ele fazia o mesmo com outras crianças. Naquele momento, tomei ciência de que nem tudo era sobre mim, que o que o Mestre fazia não deixava marcas apenas em mim e, sim, em outras vítimas. Outras *crianças*. Meu ódio por ele aumentou, a minha raiva também, mas, ao mesmo tempo, pensei nos pequenos que ele estaria machucando naquele momento e tomei uma decisão que surpreendeu a mim mesmo.

— Quero que ele seja preso.

As palavras saíram da minha boca, mas pareciam ter sido ditas por outra pessoa, pois a possibilidade de abrir mão de *matar* o Mestre nunca havia passado pela minha cabeça.

— Rage...

— Eu quero — reafirmei, a interrompendo. — Quero que ele seja preso e quero que aquelas crianças sejam salvas. Não quero mais que elas sofram o que eu sofri. Só eu sei o que passei nas mãos daquele monstro e saber que ele faz o mesmo com outras crianças está me enlouquecendo — falei, puxando Amy para mim pelas mãos. — Por favor, Amy, me prometa que ele vai ser preso e que vai pagar por toda a maldade que fez.

— Eu prometo, Rage. Esse monstro seja preso, nem que seja a última coisa que eu faça na minha vida — ela disse, tirando as mãos das minhas para segurar o meu rosto. — Eu sei como deve estar sendo difícil para você abrir

mão da decisão de matar o Mestre, de fazer com que ele sofra. Eu nem tenho palavras para agradecer pelo que você está fazendo.

— Eu prometi que iria o matar unicamente pelo o que ele fazia para mim, Amy. Nunca imaginei que ele pudesse fazer a mesma coisa com outras crianças, mas, se ele faz, então, eu tenho que deixar de olhar para mim mesmo e olhar por elas também. Se a única forma de as proteger é colocando o Mestre na cadeia, então, é para lá que ele vai. Não há outra opção.

— Você é altruísta, Rage.

— O que é isso?

— Uma pessoa é altruísta quando coloca os interesses das demais pessoas, acima dos seus mesmos. É quando não é egoísta, quando ajuda o próximo. É um dos sentimentos mais bonitos que alguém pode nutrir.

— Então você também é isso, Amy. Também é altru... Altro... Desculpa, eu não sei falar — murmurei no final, sentindo-me envergonhado pela minha dificuldade. Amy sorriu de modo gentil.

— Al-truís-ta — ela repetiu devagar.

— *Altruísta* — falei, vendo-a assentir. — Você também é isso, pois está se virando contra o Mestre, mesmo sabendo que pode morrer por causa disso, para poder salvar as outras crianças... Para poder *me* salvar — falei, dando-me conta de como Amy era ainda mais especial do que eu pensava. — No final, sou eu quem tenho que te agradecer.

— Eu só estou fazendo o que é certo — ela disse.

— Fazer o que é certo parece ser muito difícil para as pessoas, Amy. Eu sei disso, pois convivi durante muitos anos com a maldade — falei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. — Mas, por sua causa, eu estou aprendendo que a bondade ainda existe.

— Ah, Rage... — ela murmurou e algumas lágrimas molharam a sua bochecha. Ficando nas pontas dos pés, ela me abraçou pelo pescoço. — Você é o homem mais encantador que eu já conheci. Eu nem sei por onde começar a explicar tudo o que eu sinto quando olho para você, quando estou com você.

— Eu também não sei. O meu coração dispara e parece que eu não vou conseguir respirar enquanto não tocar em você — sussurrei, finalmente

expondo os meus sentimentos. — Isso é normal, Amy? Será que eu tenho algum problema?

— Eu não sei se isso é normal, mas sei que sinto a mesma coisa por você — ela disse, surpreendendo-me. Seu sorriso era lindo, mas seus olhos ainda estavam cheios de lágrimas de emoção. — Eu estou apaixonada por você, Rage.

— Apaixonada? — Sussurrei.

— Sim.

— Como sabe disso?

— Sei disso porque, quando você está apaixonado, sente vontade de ficar ao lado da pessoa, sente vontade de tocar, de cuidar e de proteger. O coração dispara e a gente perde o fôlego quando vê a pessoa. O mundo parece parar de girar e, de repente, é como se só existisse você e a pessoa pela qual você está apaixonada. Você sabe disso, quando quer pegar toda a dor que a pessoa sente e fazer desaparecer. Quando quer substituir as lembranças ruins pelas boas... Eu sinto tudo isso por você, Rage — falou, olhando nos meus olhos. — Não quero que você se assuste, nem que se sinta obrigado a falar que sente o mesmo por mim. Eu só senti que era hora de falar tudo isso para você.

Senti meu coração disparar no peito e, por um momento, pensei que eu estivesse delirando. Como era possível que ela sentisse as mesmas coisas que eu sentia? Tentei encontrar palavras para explicar a ela os meus sentimentos, mas não consegui.

— Eu sinto o mesmo que você, Amy — falei. — Eu pensei que só eu sentia isso. Eu não... Eu não sei como colocar em palavras o que eu sinto, eu... Desculpa, Amy, eu não sei falar como você falou.

Senti-me muito mal, um imbecil de verdade, pois, naquele momento, era como se a minha cabeça estivesse muda. Eu não conseguia pensar em palavras para dizer a Amy o que eu sentia, mesmo quando ela tinha acabado de me falar tudo aquilo. Eu sentia o mesmo, mas achava que dizer apenas isso, era muito pouco. Eu queria que ela sentisse o mesmo que eu havia sentido enquanto eu ouvia o que me dizia.

— Então, não diga nada. Não precisa dizer nada — falou, passando a mão pelo meu cabelo. — Só me beije, Rage. Nesse momento, eu quero sentir os

seus sentimentos através dos seus beijos.

Eu não tinha conseguido colocar em palavras tudo o que eu sentia por ela, mas acho que conseguia fazer com que ela entendesse ao beijá-la. Vi o momento em que seus olhos se fecharam quando eu me aproximei e fechei os meus no momento em que nossos lábios se tocaram. Por um momento, pensei que eu conseguiria levitar pelo quarto, pois a minha alma parecia estar eufórica e o meu coração lutava para escapar do meu peito.

Como Amy disse, o mundo se calou, parou de girar e se tornou apenas de nós dois.

Capítulo 22

Rage

Acordar com Amber em meus braços era uma coisa única, diferente de tudo o que eu já havia conhecido ou experimentado. Gostava de ficar simplesmente olhando para ela enquanto dormia, acariciando seu cabelo, sentindo a sua respiração calma contra a minha pele. Seus olhos tremeluziam de tempos em tempos e, às vezes, os seus lábios se abriam, mostrando um pouco dos seus dentes. Eu ficava como um bobo, completamente encantado olhando para ela, querendo gravar cada um dos seus traços delicados em minha memória.

Depois do que me contou na noite anterior, ficamos na cama apenas nos beijando e acariciando. Eu sentia desejo de ir além, de tocá-la, mas fiquei um pouco envergonhado por querer enfiar a mão em sua calcinha, quando ela não parecia querer o mesmo. Ela apenas me olhava, me beijava, passava a mão pelo meu rosto e pelas minhas costas, como se estivesse cuidando de mim e, apesar de sentir o meu pau doer dentro da calça, eu me senti muito bem. Eu gostava de ser tocado por Amy, gostava de sentir seus beijos, seu carinho e me perguntava o porquê de o meu pau querer se intrometer quando não era chamado. Será que algum dia eu conseguiria ficar perto dela, beijá-la ou tocá-la, sem que ele ficasse duro lá embaixo? Era como se ele acordasse e se recusasse a voltar a dormir.

Quando Amy adormeceu nos meus braços, eu fiquei um tempo passando a mão pelo seu rosto e respirando fundo para tentar diminuir o desejo que eu sentia. Não consegui e, vencido pelo cansaço, acabei adormecendo também, mas tive um sono muito agitado. Sonhei com muitas coisas, principalmente com o Mestre em cima de mim e de outras crianças. Acordei com o coração acelerado, suando e tremendo, querendo tirar a imagem horrível da minha cabeça. Eram lembranças, eu sabia, mas, com as informações que Amy havia me dado na noite passada, minha mente havia criado cenas horríveis e eu apenas queria esquecer.

Já havia amanhecido quando acordei, mas não fazia ideia de que horas

eram, por isso, não acordei Amy. Fiquei olhando para ela e passando a mão pelo seu cabelo, pelo seu rosto, por minutos que pareciam não ter fim. Eu não queria que tivessem mesmo, pois, por mim, eu poderia ficar daquela maneira para sempre, sentindo o calor do corpo dela contra o meu, com o seu cheiro levemente adocicado em meu nariz e tendo livre acesso para poder acariciá-la aonde eu quisesse. Talvez, essa fosse a definição de paraíso na Terra. Pelo menos, para mim, era.

Duas batidas na porta fizeram o meu coração acelerar no peito. Amy não se mexeu na cama, dormindo profundamente e eu olhei em volta do quarto, sem saber o que fazer. Será que era o homem mau do Mestre? Mesmo que Amy tenha garantido que ele não iria me machucar mais, eu não confiava nele. Não confiava em ninguém. Bateram na porta de novo.

— Amy?

Reconheci aquela voz. Era o amigo dela, Hernandez. Com cuidado, tirei a cabeça de Amy de cima do meu braço e me levantei, indo em direção à porta. Assim que abri, Hernandez deu dois passos para trás, parecendo surpreso em me ver.

— Bom dia, Rage.

— Amy está dormindo. — O interrompi. Ele arqueou uma sobrancelha e me olhou rapidamente de cima a baixo.

— Vim chamar vocês para tomar café da manhã.

— Vou acordá-la — falei, já prestes a fechar a porta, mas não consegui, pois Hernandez a segurou com a mão que não estava na tipoia.

— Rage, espere um pouco. Será que podemos conversar?

— Não quero conversar com você.

Ele pareceu um pouco surpreso com a minha sinceridade.

— Olha, eu sei que você não me conhece e não tem motivo algum para confiar em mim, mas quero mudar isso, Rage. Quero que você me conheça. Amy é muito importante para mim, rapaz, e sei como você é importante para ela, por isso, acho que devemos ter um momento só nosso e conversar.

“Um momento só nosso”, eu não sabia o que aquilo significava, mas o modo como Hernandez me olhava, sem aquele interesse que eu sempre via nos olhos dos homens, me mostrou que, talvez, ele não fosse ruim. Ele era

amigo da Amy e ela jamais faria amizades com homens parecidos com o Mestre. Foi por ela que eu assenti e fechei a porta do quarto atrás de mim, antes de seguir Hernandez pelo corredor. Ele parou em frente à uma outra porta e a abriu, me deixando passar e entrar em um outro quarto que eu não conhecia.

— Eu durmo aqui — ele disse, apontando para uma poltrona em seguida. — Sente-se.

— Não.

— Rapaz, eu não sou uma ameaça. Pode se sentar — falou, indicando a poltrona novamente. Sentei-me e ele fez o mesmo, sentando-se na minha frente. — Eu conheço Amy desde que ela era apenas um bebê. Sempre fui... Amigo da mãe dela e, com isso, participei ativamente de sua vida. Amy sempre foi essa menina doce que você conhece, amorosa, dedicada e leal. Por isso, quando me disse que iria fazer de tudo para colocar o Maximus na cadeia, eu acreditei, apesar de, no começo, achar a ideia uma loucura. Você conhece muito bem esse monstro, sabe de tudo o que ele é capaz, mas, mesmo assim, Amy não desistiu da ideia e, agora que conheceu você, ela está ainda mais decidida em destruir completamente o homem que você conhece como Mestre.

Eu ouvi tudo atentamente e apenas balancei a cabeça para cima e para baixo. Não sabia exatamente o que ele queria ouvir de mim, por isso, decidi não falar nada. Hernandez continuou:

— Estou falando tudo isso para você, porque quero que saiba que estou ao lado da Amy. Ela jamais permitiria que eu estivesse aqui, se eu não a apoiasse ou se não confiasse em mim. Amo a Amber como se fosse minha filha, Rage e vou fazer de tudo para protegê-la do Maximus e, como você é muito importante para ela e como sei que estão construindo um relacionamento, eu farei de tudo para te proteger também. Sei que só a minha palavra não vai servir de muita coisa para você, mas quero que sabia que eu não sou uma ameaça, eu jamais te machucaria ou faria qualquer coisa semelhante ao que você sofreu nas mãos do Maximus.

— Amy disse que você não é perigoso.

— E eu não sou. Você vai perceber isso conforme a gente for convivendo — ele disse.

— Amy é secretária do Mestre e está o traindo. O que você é? — Quis saber.

— Eu sou um dos seguranças de Maximus, mas estou aqui com o mesmo objetivo que a Amber.

— Então, você também é um traidor — concluí.

— Sim, eu sou.

— Não tem medo do Mestre descobrir?

— Tenho medo por Amber, não por mim.

Sua resposta me pegou um pouco de surpresa, porque me identifiquei com ela. Eu também sentia medo por Amy, pois sabia o que acontecia com quem traía o Mestre. Se alguma coisa acontecesse com ela, eu esqueceria tudo o que havia falado na noite anterior e mataria o Mestre com as minhas próprias mãos.

— Então você tem que protegê-la — falei. — Você é um segurança, não pode deixar que o Mestre chegue perto dela, caso ele descubra que estão o traindo.

— Não vou deixar, Rage.

— Prometa.

— Essa foi a primeira promessa que me fiz, antes de aceitar o plano de Amber de acabar com Maximus. Eu vou proteger a Amber, nem que seja com a minha própria vida, Rage.

Foi a primeira vez que enxerguei a sinceridade em um homem. Naquele momento, vi que Hernandez não mentia, ele realmente se importava com Amy, eu conseguia ver em seus olhos. Senti alívio por saber que ele estava sendo sincero e me perguntei se poderia confiar quando ele dizia que não era uma ameaça para mim.

— Acredito em você — falei em um tom baixo, quase em um sussurro. Era difícil falar aquelas palavras em voz alta, pois me sentia muito exposto. Era como se eu estivesse dando uma brecha para que ele pudesse me atacar. No entanto, Hernandez sorriu.

— Fico feliz, Rage. Posso ver como você gosta da Amber.

— Muito. Eu confio a minha vida a ela. — Dessa vez, não murmurei, pois

não me sentia abalado por confiar em Amy. Com ela, eu me sentia seguro.

— Você não vai se arrepender de confiar nela, prometo a você — disse ele, se levantando. Levantei-me também. — Então, agora que conversamos, pode apertar a minha mão para selarmos o início da nossa amizade?

— Sim.

Ele me estendeu a mão e, hesitante, a apertei firmemente. Pensei que sentiria nojo ou até mesmo raiva com o seu toque, mas não senti nada disso. Eu me senti... Bem. Era isso, eu estava me sentindo bem por apertar a mão de Hernandez, por mais que eu não conseguisse entender o porquê. Vi quando ele abriu a boca para falar mais alguma coisa, mas foi interrompido pelo barulho alto da porta se abrindo. Tomei um susto quando vi Amy parar de supetão na entrada do quarto com os olhos arregalados e o rosto vermelho.

— Amber, o que foi? — Hernandez perguntou, largando a minha mão e indo até ela. Eu fiz o mesmo e toquei em seu rosto, sentindo seu corpo tremer.

Milhões de coisa passaram pela minha cabeça. E se algum homem tivesse entrado no quarto dela? Se tivesse feito alguma maldade com ela? Eu não deveria ter saído do quarto e ter a deixado sozinha!

— Amy? Amy? — perguntei, pegando seu rosto nas minhas mãos. — Amy! O que aconteceu?

Ela piscou duas vezes, parecendo atordoada.

— Eu... Eu acordei e não vi você, eu... Meu Deus, meu Deus, eu tomei um susto. Você não estava no quarto, nem no banheiro, não estava em lugar algum, eu pensei um monte de coisas...

Seus olhos se encheram de lágrimas e senti um aperto ruim no peito ao ver como ela estava nervosa por minha causa. A puxei para os meus braços e a segurei contra o meu peito.

— Amy... — murmurei, beijando seus cabelos. — Não aconteceu nada.

— Estávamos apenas conversando, Amy. Está tudo bem — Hernandez disse, passando a mão pelas costas dela. Quis que ele se afastasse, mas não falei nada, porque sabia que ele era seu amigo.

— Fiquei assustada. Por que não me acordaram? — Ela perguntou, afastando-se um pouco para me olhar. Limpei as suas lágrimas com o meu

polegar.

— Foi uma conversa rápida, Amy, inclusive, já até terminamos — Hernandez disse. — Vou esperar vocês lá embaixo para tomarmos café da manhã.

Hernandez saiu do quarto e fechou a porta, deixando-nos sozinho. Apesar de estar mais calma, Amy ainda tremia e eu a puxei novamente para os meus braços.

— Desculpa, Amy. Eu não sabia que iria acordar antes que eu voltasse.

— Eu me assustei. Quando não te vi em lugar nenhum dentro do quarto, pensei que o Mestre pudesse ter voltado e levado você... Acho que nunca senti tanto medo em toda a minha vida — ela disse contra o meu peito e senti seu corpo estremecer.

— Ele pode voltar e me levar, não é? — perguntei, mesmo já sabendo a resposta. Amy se afastou um pouco e me olhou com os olhos cheios de lágrimas, balançando a cabeça de forma desesperada.

— Não, isso não vai acontecer. Vamos prendê-lo antes que ele pense em voltar.

— Mas se ele voltar antes...

— Não, Rage, não vai acontecer!

— Amy, apenas me escute — pedi, pegando seu rosto em minhas mãos. — Se ele voltar antes que o detetive consiga as provas, você vai me colocar de volta no quarto escuro e fingir que eu nunca saí de lá.

Ela arregalou os olhos e tentou se afastar, mas eu não deixei.

— O que Hernandez falou para você? — perguntou.

— Nada. Ele só pediu para que fôssemos amigos e disse que vai te proteger do Mestre. Eu também quero proteger você, Amy e sei que se o Mestre chegar e me ver fora do quarto, ele vai saber que você o traiu e vai te matar. Por isso, quero que me prometa que, se ele voltar antes de você ter as provas para o colocar na cadeia, você vai me colocar de volta no quarto escuro e fingir que nunca me tirou de lá.

— Não, Rage. Se isso acontecer, ele vai te levar para longe de mim, vai fazer aquelas maldades com você de novo... — Ela começou a chorar de verdade, mas eu não fraquejei.

— Não importa, Amy, eu só quero que você fique segura.

— Como não importa? Como pode falar que isso não importa? — perguntou, segurando meus pulsos com força. — Não quero que você sofra mais, Rage. Nunca mais!

— E eu não quero que você morra! — falei mais alto. — Sei que é isso que vai acontecer se o Mestre descobrir que eu estou fora do quarto escuro. Eu quero te proteger, Amy.

— Rage... — ela soluçou.

— Por favor. Prometa, Amy.

Ela me olhou com os olhos marejados, quase como se sentisse dor e me senti dividido por dentro. Uma parte de mim sabia que seria necessário que eu voltasse para o quarto para protegê-la, mas uma outra parte estava se sentindo culpada por colocá-la naquela situação. De qualquer forma, eu não conseguia enxergar uma outra saída. Agora que estava entendendo tudo o que estava acontecendo, agora que sabia do seu plano e entendia o risco que ela estava correndo, eu tinha que fazer alguma coisa para mantê-la segura.

— Se isso tiver que acontecer, quero que você saiba que eu não vou desistir de achar você. Eu vou prender o Mestre e vou te salvar, Rage, eu juro — falou baixinho com as bochechas molhadas pelas lágrimas. Quanto mais eu secava, mais elas caíam.

— Eu sei, eu acredito em você. Só quero que me prometa que vai fazer o que eu pedi.

— Eu prometo — sussurrou, tocando em meu rosto. — Eu prometo, mas não vai ser necessário, Rage.

Nós não sabíamos se seria necessário ou não, mas não quis falar isso para ela, por isso, a puxei para os meus braços e a beijei. Seus lábios estavam molhados pelas lágrimas e ela fungou baixinho, mas me beijou de volta, agarrando-me com força pelo pescoço e enfiando a língua na minha boca. Mesmo em meio aquele caos, eu senti meu desejo por ela explodir e tomar conta de mim, mas tentei me controlar e gemi baixinho quando ela se afastou.

— Nunca mais me dê um susto como esse — pediu ela, seus lábios tão perto dos meus que eu quase podia tocá-los.

— Sinto muito. Não vai acontecer mais, Amy — garanti, tomando seus

lábios nos meus de novo.

Com ela em meus braços, o medo do futuro se tornava apenas um pontinho em meio ao turbilhão de sentimentos que invadiam o meu coração.



Estava muito frio, mas, mesmo assim, quando Amy perguntou se eu queria ir lá fora horas depois de termos tomado o café da manhã, eu aceitei. Colocamos roupa de frio e caminhamos de mãos dadas por entre as árvores, sentindo a brisa molhada e a terra úmida sob os nossos pés. Eu usava uma bota de Hernandez, estava um pouco apertada, mas não me importava. Estar do lado de fora era maravilhoso o suficiente para me fazer esquecer do incômodo que estava sentindo em meus pés.

Como havia chovido na noite anterior e a terra ainda estava molhada, Amy resolveu não levar o edredom para que pudéssemos nos sentar. Ao invés disso, encontramos um tronco caído a alguns metros da árvore em que costumávamos nos recostar e nos sentamos. Estava úmido, mas não muito. Eu podia ouvir alguns pássaros cantando ao longe e sorri ao ver duas borboletas voando acima da minha cabeça. Pensei que Amy também tinha visto e estava pronto para comentar com ela, quando observei seu olhar longe, como se estivesse com a cabeça em outro lugar.

Ela estava assim desde a conversa que tivemos no quarto do Hernandez. Era como se estivesse muito triste para sequer olhar para mim e me senti culpado pela promessa que a fiz fazer, mesmo sabendo que era necessário. Se o Mestre chegasse de surpresa naquela casa e me pegasse fora do quarto escuro, ao lado dela, ele ia entender que ela havia se voltado contra ele. Ia entender que ela era uma traidora e Mestre não permitia que traidores continuassem vivos. Será que Amy achava que eu estava exagerando? Será que não acreditava quando eu falava que o Mestre poderia matá-la? Será que estava chateada comigo?

Sem saber o que fazer, aproximei-me mais dela e a puxei para mim pelo ombro. Ela veio sem impor resistência e encostou a cabeça no meu peito, fechando os olhos. Talvez ela não estivesse chateada comigo, mas eu queria confirmar.

— Amy... Você está triste comigo? — perguntei baixinho.

— Não — ela respondeu de olhos fechados, mas acariciou o meu peito com a mão. — Não estou triste com você, Rage.

— Então, por que não está falando comigo?

Ela ficou em silêncio e se afastou um pouco para me olhar. Seus olhos ainda eram lindos, mas pareciam tristes e aquilo fez o meu peito doer.

— Eu estou falando com você. Desculpe se eu fiquei calada, é que eu estava pensando sobre um monte de coisa.

— Estava pensando sobre o quê?

— Sobre o Mestre. Sobre como eu quero que tudo isso termine e que ele seja preso logo. Sobre o medo de ele voltar e te levar para longe — ela sussurrou.

— Você sabe aonde o Mestre está?

Ela me olhou e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não. A única coisa que eu sei, é que a casa dele foi atacada. Invadiram e tacaram fogo, mataram alguns empregados e seguranças e, agora, ele está atrás do culpado. Ele te enviou para cá, porque aqui é um lugar seguro. Você é... Importante para ele.

— Então, ele pode voltar a qualquer momento? — perguntei, sentindo um frio ruim no estomago.

— Sim — ela murmurou. — Eu não quero pensar sobre isso, mas é mais forte do que eu.

Ela parecia estar muito triste e preocupada, por isso, resolvi deixar de lado o medo que senti ao saber que o Mestre poderia aparecer de surpresa naquela casa e peguei seu rosto em minhas mãos.

— Então, não pense. Eu estou aqui, a gente pode fazer alguma coisa juntos.

Ela me deu um sorrisinho que fez o meu coração disparar no peito.

— O que você quer fazer?

— Qualquer coisa. Eu só não quero que você fique triste, Amy — falei, acariciando seu rosto com o meu polegar. — Você disse que o detetive já está atrás das provas. Vai dar tudo certo.

— Estou sendo boba, não é? — perguntou ela, balançando a cabeça. — Me desculpe. Que tal assistirmos um filme? Eu posso fazer pipoca.

— Pipoca?

— Sim.

— Eu não lembro qual foi a última vez que comi pipoca — falei, franzindo um pouco o cenho para tentar ter alguma recordação. Foi em vão, obviamente.

— Então, precisamos resolver isso. Quer pipoca doce ou salgada?

— Pode ser os dois?

Ela riu e se levantou, estendendo-me a mão.

— Pode, claro que pode.

Voltamos juntos para casa e deixamos os casacos pendurados perto da porta. Tirei as botas e Amy tirou os tênis, seguindo para a cozinha. Eu fui atrás dela, mas parei no momento em que vi dois homens sentados à mesa, conversando. Um eu identifiquei como o homem mau que me dava comida no quarto escuro e o outro eu não sabia quem era. Mesmo que Amy tivesse me dito que nenhum dos dois representava perigo, eu a puxei para mim pela cintura e a mantive ao meu lado, sem deixar chance para que saísse do meu alcance. Caso eles tentassem atacar, eu iria protegê-la.

Eles se levantaram e eu enrolei meus lábios na frente dos dentes, sentindo vontade partir para cima dos dois com toda a raiva que eu havia deixado de lado desde o momento em que comecei a confiar em Amy. Quando o homem que eu não conhecia olhou com interesse para a minha mão na cintura dela, eu a puxei para trás de mim e dei dois passos à frente.

— Rage! Rage, está tudo bem — Amy disse, saindo de trás de mim. Tomando meu rosto em suas mãos, ela me obrigou a olhá-la. — Lembra do que eu falei para você ontem? Eles não vão te machucar.

Olhei para ela, em seguida, olhei para os dois. Eles ainda estavam no mesmo lugar, como se não soubessem o que fazer ou como agir.

— Este você sabe quem é, o nome dele é John — Amy disse, apontando para o homem mau. — E este é Peter.

— É um prazer conhecê-lo, Rage. Fico feliz que tenha se recuperado da gripe. — O homem que eu não conhecia, falou.

— Fora! — ordenei em um grunhido, querendo dar mais um passo à frente. Amy pousou as mãos nos meus ombros. — Fora!

— Rage, fique calmo — Amy pediu.

— Não quero eles aqui. Fora!

— Rage, nós não vamos te fazer mal. Eu dou a minha palavra. — O homem mau disse. Eu senti vontade de rir, mas a minha raiva foi maior. Ele dava a *palavra* dele? Que merda era a palavra dele?

— Fora!

— Está bem, nós vamos sair — Peter disse, levantando as mãos. — Sei que não confia na gente, mas quero que saiba que não vamos te machucar, Rage.

— Fora! — ordenei de novo, mais alto daquela vez.

Os dois passaram pela gente e eu os acompanhei com o olhar. John sequer me olhou, mas o tal do Peter sim. Ele me encarou por incontáveis segundos, até finalmente sair da cozinha e nos deixar sozinhos, mesmo assim, ainda fiquei olhando para a entrada, preparado para atacá-los se eles ousassem voltar.

— Rage, fique calmo. Olhe para mim — Amy pediu e só depois que eu me certifiquei de que eles não voltariam, foi que olhei para ela. — Eu falei para você, eles não vão te machucar.

— Não gosto deles. Não gosto de homem nenhum! — falei, me afastando dela. Estava nervoso e com medo de fazer alguma coisa que pudesse machucá-la. Não suportaria machucar Amy de novo. Ela veio atrás de mim.

— Eu sei disso, você não precisa gostar deles, muito menos confiar, mas não precisa ficar nervoso. Você confia em mim?

— Confio a minha vida a você, Amy — repeti para ela o mesmo que falei para Hernandez. Vi como ficou surpresa, um pequeno sorriso nascendo no canto dos seus lábios.

— Eu também confio a minha vida a você, Rage. Jamais deixaria que qualquer pessoa que pudesse te fazer mal, se aproximasse de você — falou, tocando a minha mão. — Acredite em mim, não precisa ficar nervoso perto do John e do Peter. Eles estão aqui para nos ajudar.

— Por que eles não podem ir embora?

— Porque o Mestre iria desconfiar. Para ele, você ainda está preso no quarto escuro, John ainda é o seu carrasco e Peter não sabe que você existe.

Fiquei confuso.

— Esse Peter não sabia sobre mim?

— Não. A única pessoa que sabia sobre você, era John — ela disse. — Eu só descobri que você estava sendo mantido preso nesta casa, porque vi John passar com a sua comida em uma tigela de cachorro. Como não tem cachorro algum na propriedade, eu estranhei e o segui, então, descobri sobre você. Peter só teve conhecimento quando eu precisei de ajuda para tirar você do quarto escuro. Ele ajudou John a te levar lá para cima.

O Mestre tinha muitos homens que trabalhavam para ele, vários dele já haviam "cuidado" de mim, então, fiquei um pouco surpreso por saber que um dos seus homens não sabia sobre a minha existência.

— Eu só não quero que eles fiquem perto de mim.

— Não vão ficar.

— Nem perto de você — falei, puxando-a com delicadeza para os meus braços. — Não gosto deles perto de você.

Vi quando suas bochechas ficaram levemente coradas e seus olhos brilharam.

— Por que não gosta deles perto de mim?

— Porque não gosto — falei. Para mim, aquilo explicava tudo. — Só eu posso ficar perto de você. E o Hernandez.

— Você gosta do Hernandez? — Ela perguntou, me dando um sorriso.

— Ele gosta de você igual a uma filha. Sei que vai te proteger.

— Mas *você* gosta dele? — perguntou de novo.

Fiquei alguns segundos em silêncio, sem saber o que responder. Gostar era algo muito grande, pelo menos para mim.

— Não sei. Mas gosto que ele goste de você. — Fui sincero, tocando em seu rosto. Ela fechou os olhos e eu lhe dei um beijo rápido na boca, sentindo meu coração acelerar. Era incrível que eu realmente pudesse beijá-la. Eu não sabia o que havia feito para merecer aquilo, mas agradecia. — Ainda vai fazer pipoca?

Ela riu um pouco e se afastou.

— Vou fazer agora.

Ela mexeu em algumas coisas na cozinha e, enquanto pegava uma panela, olhou para mim e sorriu. Gostei do seu sorriso, do brilho nos seus olhos. Era como se ela estivesse diferente desde a nossa conversa do lado de fora. Não sei se a tristeza realmente havia passado, mas torcia para que sim. Não queria que Amy ficasse triste, queria que ela ficasse feliz. Sempre feliz.

Capítulo 23

Rage

O cheiro da pipoca tomou conta do quarto assim que entramos e eu lutei muito para não babar como um menino em frente à uma loja de doces. Assim que nos acomodamos na cama, Amy diminuiu a iluminação do quarto e pressionou o botão no controle remoto, fazendo a tela enorme descer do teto. Quando as capas dos filmes apareceram, ela colocou o controle na minha mão.

— Escolha você.

— Eu?

— Sim.

— Mas eu não sei mexer nisso — falei, olhando para o controle como se ele fosse um extraterreste. Amy apontou para um botão.

— Aqui você passa para o lado as capas dos filmes, olha — ela disse, apertando o botão. As capas dos filmes foram passando na tela. — Depois que escolher o filme que você quer, é só apertar aqui e ele vai começar.

Realmente, não parecia difícil e eu segui as suas instruções. Eram muitos filmes, eu não sabia o que escolher e, no fundo, nenhum estava realmente me chamando a atenção — era bem mais fácil quando Amy escolhia para nós dois. Já estava quase desistindo, quando um título despertou a minha curiosidade.

— O que significa “amizade colorida”? — perguntei, lendo o título do filme em voz alta. Amy demorou alguns segundos para responder e eu olhei para ela, vendo um sorrisinho envergonhado nascer no canto dos seus lábios.

— É uma amizade com benefícios — ela disse e eu fiquei ainda mais confuso. Acho que ela percebeu na minha expressão. — Significa que duas pessoas são amigas, mas fazem coisas que vão além de amizade. Sabe... Sexo.

— Amigos que fazem sexo?

— Isso — ela respondeu, desviando os olhos rapidamente.

Olhei para a capa do filme. Era estranha, com uma mulher e um homem, ela enfiando o dedo entre os dedos dele, o que me fez lembrar da capa do livro que Amy havia lido para mim. Não achei que a capa combinava com o livro e, aqui, não estou achando que a capa combina com o filme, mas, mesmo assim, a minha curiosidade levou a maior. Apertei o botão e o filme começou.

— Quer mesmo ver esse? — Amy me perguntou parecendo estar surpresa.

— Sim.

Eu estava curioso sobre sexo, essa era a verdade. Desde que toquei em Amy, eu me pegava pensando em como seria fazer mais, mesmo sem saber ao certo o que esse "mais" significava. Ela não havia lido o livro de novo para mim e eu não tive coragem de pegar para procurar por mais daquelas cenas, mas, agora que tinha um *filme* falando sobre isso, eu queria ver. Queria entender.

O filme começou e eu fiquei ansioso, esperando pela parte do sexo. A história era legal e um pouco engraçada, entendi que eles se tornaram amigos depois que a moça fez uma entrevista de emprego com o homem e muitas coisas me chamaram a atenção. Eles viviam uma vida que nunca sonhei para mim. Trabalhavam, saíam, se divertiam e eu me perguntei como seria passar por cada uma daquelas experiências, como seria viver de verdade e não sobreviver acorrentado. Era como se eu estivesse observando um mundo completamente diferente, mesmo sabendo que aquilo na tela era comum e que a minha vida que era incomum.

Não deixei que aquelas questões me perturbassem ao ponto de eu me sentir mal e resolvi focar apenas no filme, enquanto comia a pipoca deliciosa que Amy havia feito. Intercalava entre a doce e a salgada e, às vezes, a minha mão esbarrava na dela dentro da tigela e a gente ria junto, como dois bobos. Eu me sentia bobo ao lado dela, mas era um bobo bom — se é que isso realmente existia — e aproveitava aqueles momentos para acariciar os seus dedos e sentir como a sua pele era delicada de encontro a minha.

Foi em um desses momentos, enquanto acariciava os dedos de Amy, que os amigos no filme resolveram que queriam fazer sexo. Sem querer, senti

uma espécie de calafrio descer pelo meu corpo, enquanto ouvia os dois conversando de forma natural, mas um pouco nervosa. Era como se os dois estivessem nervosos com o que estavam prestes a fazer e percebi que era assim que eu me sentia. Estava nervoso, ansioso para ver aquilo acontecer. Quando eles se beijaram, minha mente viajou para os beijos que eu já havia dado em Amy e imaginei nós dois naquela situação, perguntando-me se o casal no filme também iria se tocar como nos tocamos.

Tomei um susto quando o cara desceu o rosto para o meio das pernas da mulher.

— O que ele está fazendo? — perguntei em voz alta antes que pudesse evitar.

— Ele... Hum... Ele está fazendo sexo oral nela — Amy respondeu.

— Sexo oral? O que é isso?

— É quando o homem beija a mulher lá embaixo — ela disse, apontando rapidamente para a sua boceta com o olhar. — E quando a mulher faz a mesma coisa no homem.

Abri a boca para falar alguma coisa, mas estava sem palavras. Senti uma espécie de enjoo ao me lembrar que já haviam feito aquilo comigo, o Mestre já havia colocado a boca em mim e já havia me obrigado a o receber em minha boca também. Não apenas ele, mas outros homens.

No entanto, eu não sentia enjoo nem me sentia mal ao ver o que acontecia no filme, pelo contrário, eu sentia o meu corpo vivo. A mulher começou a gemer, como Amy havia feito quando eu a toquei e me perguntei se ela iria gemer se eu colocasse a minha boca na sua boceta também. Será que ela iria gostar? Só de pensar em tocá-la novamente, em beijá-la lá embaixo, eu sentia meu pau ficar duro na minha calça. Olhando rapidamente para ela, vi como parecia concentrada no filme e engoli em seco quando ela lambeu os lábios, parecendo estar com desejo também.

Lentamente, tirei meus dedos de dentro da tigela com a pipoca e os lambi para tirar o sal e a manteiga. Amy ainda olhava para tela, mas eu olhava para ela e sentia minha cabeça cheia de imagens minha no meio das suas pernas. Sem conseguir me segurar mais, puxei o seu rosto para mim e me aproximei até os nossos lábios quase se tocarem.

— Posso te beijar?

Amy olhou para mim, em seguida, olhou para a minha boca. Fiquei doido quando lambeu os próprios lábios.

— Você sempre pode me beijar.

Não ouvi mais nada depois disso, porque a puxei para mim e beijei a sua boca com uma fome que nem eu mesmo entendi. Senti o quarto ficar em silêncio, apesar de eu saber que o filme ainda estava passando na tela e o mundo pareceu parar de girar para que apenas Amy e eu pudéssemos existir. Era assim que eu me sentia, como se não houvesse mais ninguém no planeta, apenas nós dois.

Parecendo sentir o mesmo desejo que eu, Amy enfiou a mão no meu cabelo e eu a puxei para mim pela cintura. As tigelas com as pipocas ainda estavam entre nós dois, por isso, as joguei no chão sem me preocupar com a bagunça e Amy aproveitou o espaço livre para se acomodar em cima de mim. Quando ela se sentou em meu colo e se esfregou contra o meu pau, eu me senti alcançar o céu. Uma sensação indescritível correu pelo meu corpo e um gemido rouco escapou da minha garganta.

— Amy... — Chamei por ela, passando meus lábios pelo seu pescoço, enquanto levantava a sua blusa.

Ela me ajudou a tirá-la e logo se livrou também do sutiã, me fazendo perder o fôlego com a visão dos seus seios. Eu poderia vê-los por mais mil vezes e, ainda assim, eles não perderiam a beleza. Subi minhas mãos pelas suas costelas e ela estremeceu, jogando a cabeça para trás quando acariciei seus seios com as minhas mãos.

— Você é linda... Você é linda, Amy... — Achei importante falar, pois ela precisava saber. Ela era linda, a mulher mais linda que eu já tinha visto.

Ela me olhou com o lábio preso entre os dentes e se mexeu novamente sobre o meu colo, fazendo meu pau pulsar com força dentro da calça. Desci meus olhos pelo seu queixo, seu pescoço delicado e parei sobre os seus seios escondidos pelas minhas mãos. Deixei os mamilos amostras para mim e senti minha boca se encher d’água com a vontade de lambê-los, de sugá-los com os lábios. Será que era normal ter esse tipo de desejo? Será que Amy se assustaria, caso eu lambesse os seus seios? Resolvi pagar para ver, pois a vontade era bem maior do que o meu bom senso.

Segurei seus seios com as mãos e, olhando em seus olhos, me aproximei e passei a língua por um mamilo. O bico estava duro, sensível, eu acho, pois Amy soltou o meu nome do fundo da garganta e me segurou pela nuca, pressionando-me de encontro ao seu peito. Ela havia gostado. Porra, ela havia gostado! Senti uma espécie de euforia, uma vontade de sorrir e de abocanhar o seu seio ao mesmo tempo e não consegui me conter mais, sendo guiado pela fome, suguei seu mamilo para dentro da minha boca e belisquei o outro com a ponta dos dedos, sentindo meu pau babar na ponta quando ela se esfregou com mais força em cima do meu colo.

— Meu Deus, Rage... Não pare, por favor.

Eu não ia parar. Eu estava muito longe de parar. Quando ela se esfregou em meu colo mais uma vez, soube que não conseguiria me segurar por mais tempo naquela posição e a virei, colocando-a deitada na cama e me deitando por cima dela. Eu gostava de ficar por cima, era melhor para ver os seus olhos, tinha mais acesso ao seu corpo e podia controlar um pouco mais as minhas reações — por mais que meu pau doesse de desejo do mesmo jeito. Voltei a abocanhar seus seios e senti sua unha raspar em minha nuca, enquanto via seus olhos se revirarem e sua boca se abrir, soltando um gemido que me deixou com ainda mais fome dela.

Cada uma das suas reações mexia comigo e eu ainda não conseguia acreditar que *eu* era o responsável por causar tudo aquilo nela. Deixando seu seio, fui para o outro e repeti cada um dos movimentos. Lambi, suguei, deixei meus dentes rasparem de leve sobre o bico, pois sentia como ela estremecia de prazer a cada vez que fazia isso. Estava aprendendo uma forma diferente de fazer com que ela delirasse e estava adorando aquilo.

Foi então que percebi que eu precisava dar o próximo passo. Precisava lambê-la lá embaixo. Desci meus lábios pela sua barriga, enquanto deixava meus dedos se arrastarem pelas laterais do seu corpo, sentindo o calor da sua pele, a forma como ela estava arrepiada, como estremecia. Quando cheguei ao cós da calça, desabotoei com um pouco de dificuldade e desci o zíper, puxando-a para baixo até deixá-la apenas com a calcinha rosa. Aproveitei aquele momento para olhar para ela toda, pois queria gravar cada pedacinho do seu corpo na minha mente. Queria eternizar aquele momento, para poder revisitá-lo quando eu quisesse.

— Rage — ela me chamou, sentando-se na cama. Olhando em meus olhos, levou as mãos a minha blusa e eu a ajudei a tirar a peça, jogando-a no chão em seguida, sem me importar com mais nada. Gemi baixinho quando passou os dedos pelo meu peitoral. — Quero beijar você.

Ela inclinou o rosto para o meu e lambeu de leve a minha boca, primeiro o lábio de cima, depois o debaixo. Senti um calafrio tão potente, que meus quadris sofreram espasmos, meu pau pareceu babar ainda mais na ponta, quase como se eu pudesse gozar sem nem me tocar. Segurei a sua cintura com força para me controlar e lambi seus lábios, encontrando a sua língua no meio do caminho e beijando com força a sua boca. Ela se deu para mim, me agarrou, me beijou com tudo de si e eu me entreguei da mesma forma. Naquele momento, nada mais passava pela minha cabeça, eu conseguia ver apenas Amy, só conseguia senti-la e adorá-la. Quando me afastei, ela estava sem fôlego, com os lábios inchados e as bochechas vermelhas.

— Quero beijar você — falei com a voz rouca, escorregando minha mão para o meio das suas pernas. — Aqui. Quero beijar você aqui, Amy.

Ela ofegou, parecendo estar surpresa.

— Tem certeza?

— Sim. Me ensine como fazer.

— Vamos aprender juntos, porque ninguém nunca fez isso em mim — ela disse, me dando um sorriso meio ofegante, parecendo estar ansiosa.

Eu me sentia da mesma forma, principalmente por saber que eu seria o primeiro homem a tocá-la daquela forma — e o único. Nenhum homem tocaria em Amy da forma como eu tocava, nunca. Ela voltou a se deitar na cama e me puxou junto consigo, me fazendo beijá-la na boca. Enquanto envolvia sua língua com a minha, toquei na lateral da sua calcinha e a desci, deixando sua boca para poder deslizar a peça pelas suas pernas. Com ela totalmente nua, separei as suas coxas e senti meu pau doer de tanto desejo ao notar como sua vagina estava molhada. Amy estava *excitada.* Por *minha* causa. Senti orgulho, mesmo sem saber se era normal me sentir assim ou não.

Escorreguei minhas mãos pela parte de dentro das suas coxas e ela prendeu a respiração quando cheguei à sua boceta e separei os lábios com os dedos. Só havia tocado ali duas vezes, mas já havia memorizado onde deveria tocar para fazer com que ela gemesse para mim. Achei o nervo duro e

pulsante e o rodeei com o polegar, vendo os quadris dela pularem na cama. Ali era o lugar onde ela delirava, então, eu tinha que tocar ali com a minha língua.

Amy fechou os olhos quando sentiu meus beijos pela sua perna. Eu não sabia se estava fazendo da maneira certa ou não, mas ela parecia estar gostando, então, eu continuei. Quando cheguei à sua boceta, respirei fundo, sentindo aquele cheiro diferente e inebriante que saía dela e voltei a afastar os lábios com os dedos, sentindo como estava molhada. Minha boca se encheu d'água para prová-la e eu não me segurei mais; coloquei a língua para fora e a lambi.

Amy estremeceu com força e eu me afastei, achando que tinha feito algo errado. Ela nunca havia tremido daquela forma. Pensei em me afastar e perguntar se estava tudo bem, mas ela se apoiou nos cotovelos e olhou em meus olhos.

— Continue, por favor.

Era um pedido, mas eu o levei como uma ordem e voltei a passar a minha língua pela sua vagina. Seu gosto era diferente de tudo que eu já havia provado. Meio salgado, um pouco cítrico até, mas gostoso e senti vontade de mais, de nunca sair dali. Sua mão tocou em meu cabelo e eu lambi de novo, conhecendo, procurando aquele nervo que eu sabia que fazia ela gritar.

— Mais em cima Rage... Ah, isso... Agora um pouco para o lado... Meu Deus, bem aí — ela gemeu mais alto quando eu achei. — Assim, bem aí, Rage... Ah, isso!

Ela jogou a cabeça para trás quando fechei meus lábios sobre o nervo e suguei com delicadeza, enquanto passava meu dedo mais embaixo, conhecendo toda a sua vagina. Sentia como ela tremia, como seus quadris se moviam e precisei segurar sua cintura com uma das mãos para poder controlá-la. Lambi seu nervo de novo e esfreguei meus quadris na cama, sem suportar a pressão na cabeça do meu pau.

— Seu gosto é muito bom, Amy... — murmurei com a voz rouca, acariciando a sua cintura. — Você é linda.

Ela pareceu sorrir, mas seus olhos se reviraram quando voltei a passar minha língua pela sua boceta.

— Meu Deus, Rage... Eu não vou aguentar...

Seus dedos puxaram meu cabelo, esfregando meu rosto em direção à sua boceta e eu adorei, abrindo minha boca toda sobre ela, enquanto descia um pouco mais a minha língua. Sem querer, a penetrei em um buraco pequeno, apertado, que parecia pulsar mais do que o nervo em cima. Mesmo sem ter conhecimento nenhum, entendi que era ali que o meu pau poderia entrar e estremeci sobre a cama, minha porra quase saindo, enquanto eu pensava em como era apertado, mas quente. Enfiei de novo a língua e deixei meu dedo tocar no nervo pulsante em cima. Amy caiu sobre a cama e suas costas se curvaram, seus seios ficaram empinados e ela gritou.

— Rage... Rage, ah, meu Deus... Eu vou gozar... Rage!

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, seu corpo sofreu espasmos e sua vagina pareceu sugar a minha língua enquanto ela gozava. Foi como assistir a um espetáculo, por um momento eu sequer respirei, nem pisquei, apenas olhei para ela e continuei a fazer o que estava fazendo, enquanto sentia seu corpo estremecer com força e ela gemer até quase perder a voz. Quando terminou, senti seus espasmos a cada vez que penetrava minha língua ou que tocava no nervo mais em cima e precisei parar o que fazia quando suas pernas se fecharam, prendendo-me entre elas.

— Espere... Só um pouco, pare — ela pediu, afastando a minha cabeça da sua vagina com as mãos trêmulas.

Parecia que ela não tinha controle sobre o próprio corpo e fiquei preocupado. E se eu a tivesse machucado e não percebi? Ergui-me, ignorando meu pau que implorava por atenção e pairei sobre o seu corpo, puxando seu rosto em minha direção.

— Amy, machuquei você?

— Não, não... — ela disse, balançando a cabeça de um lado para o outro. Cada músculo dela parecia tremer embaixo de mim. — É que foi tão bom, tão intenso, que parece que cada parte dentro de mim está sensível. Foi... Incrível, Rage — ela sorriu, maravilhada. — Eu não sabia que podia ser assim.

Não pude conter o meu sorriso quando ela terminou de falar. Havia sido *incrível* e *eu* tinha causado aquilo nela. Minha boca tinha feito aquilo, meu toque, minha língua... Eu nem sabia como me sentir. Sem saber o que falar,

beijei de leve os seus lábios, apenas um pouquinho porque ela havia me dito que estava sensível, mas gemi quando senti sua língua querendo encontrar a minha. Meu corpo estava tenso, meu pau estava igual a uma barra de ferro dentro da calça, mas eu só me importava com ela. Só queria saber de Amy.

Suas mãos desceram pelas minhas costas e pararam no cós da minha calça. Senti quando seus dedos buscaram o cordão para desamarrar abaixo da minha barriga.

— Quero fazer o mesmo em você — ela pediu entre os meus lábios, desamarrando o cordão da minha calça e enfiando a mão lá dentro. Fechei os olhos com força e agarrei os lençóis da cama quando ela me tocou. Nunca me senti tão sensível lá embaixo como naquele momento. — Me deixe beijar você também, Rage.

— Amy... — alertei, porque ainda não me sentia seguro sobre aquilo.

— Por favor — ela pediu, lambendo os meus lábios. — Por favor, Rage.

Olhei em seus olhos e trinquei o maxilar antes de assentir. Ela me olhou com um sorriso enorme no rosto e tirou a mão do meu pau, empurrando-me pelo ombro para que eu pudesse me deitar em seu lugar. Sem esperar pela minha ajuda, puxou a calça pelas minhas pernas e me deixou completamente nu, com meu pau caindo pesado e molhado contra a minha barriga. Seu olhar de desejo mexeu comigo, me deixou ainda mais excitado e gemi alto quando passou as coxas pelas minhas pernas e me tocou.

— Amy — chamei, segurando seu pulso. — Eu acho que não vou conseguir me segurar.

— Não tem problema, eu quero isso, Rage... Quero você na minha boca — falou, ajoelhando-se com as minhas pernas no meio das dela. Ela se inclinou toda, encostando os seios nas minhas coxas e deixando a bunda para o alto. A posição era linda, mas me trouxe um incômodo horrível, que eu fiz questão de empurrar para o fundo do meu cérebro. — Quero que goze para mim.

Sua voz estava rouca, suas palavras eram excitantes, mas, novamente, senti um incômodo. Quando ela colocou a língua para fora e lambeu a cabeça do meu pau, eu pulei na cama e senti um prazer tão intenso que me fez fechar os olhos com força por alguns segundos e esquecer de tudo.

— Você é uma delícia — ela gemeu e eu abri os olhos a tempo de ver sua boca se fechando sobre o meu pau.

Mas, de repente, não era mais ela ali. Não era mais a sua boca ou o seu rosto. Era o rosto do Mestre.

— Não... Não! — Tentei empurrá-lo pelo ombro, mas parei quando vi os olhos de Amy sobre os meus. Era Amy ali, não era mais *ele*.

— Rage? O que foi?

Estou enlouquecendo... Estou enlouquecendo!

— Eu... Eu... — Não conseguia falar. As palavras pareciam entaladas em minha garganta.

— Quer que eu pare? — perguntou, tocando de leve no meu pau. Estremeci com o prazer e apertei os olhos força, abrindo rapidamente para ter certeza de que eu ainda a enxergava na minha frente. Amy continuava lá.

"É a Amy, Rage, não é o Mestre. É a Amy, não o Mestre!", falei para mim mesmo.

— Continue — pedi em um sussurro.

Amy sorriu e lambeu os lábios, parecendo estar ansiosa para continuar, o que me levava a crer que ela não havia percebido a minha confusão. Agradeci internamente e me obriguei a relaxar, gemendo quando ela sugou a cabeça do meu pau. Seus lábios eram lindos, cheios e vê-los ali, em volta de mim, deixou-me louco de prazer. Toquei em seus cabelos e meus quadris empurraram contra os lábios dela, me fazendo entrar mais em sua boca quente, que me sugava com delicadeza.

Não queria respirar, não queria nem piscar, mas quando ela passou a língua pela pequena fresta no meu pau e tocou minhas bolas, eu delirei e joguei a cabeça para trás. Era bom, meu Deus, era muito bom...

"Você está gostando, não é?", a voz do Mestre entrou em minha cabeça. *"Claro que está gostando, porque você é um cãozinho sujo, Rage. Você adora a minha boca no seu pau."*

— Não... — sussurrei, abrindo os olhos e encontrando Amy. Ela sugou com força e eu tremi, segurando seu cabelo. Era o cabelo dela em minhas mãos, era Amy me chupando, não o Mestre. Não era ele, não era...

"Apenas eu posso fazer você se sentir assim, Rage. Olha como você fica

duro para mim... Você adora isso, seu merdinha.”

Balancei a cabeça com força, querendo que ele saísse dali, querendo expulsá-lo de dentro de mim, mas não conseguia. Meu corpo estremecia com o prazer, mas a minha cabeça doía com a voz do Mestre dentro dela.

“Goza para mim, Rage...”

— Goza para mim, Rage — Amy repetiu as palavras do Mestre, descendo a boca toda pelo meu pau quase até chegar ao fim.

— Não, Amy... — murmurei agoniado, querendo que ela parasse, querendo que o *Mestre* parasse, mas não consegui dizer mais nada.

Uma onda de prazer golpeou o meu corpo e eu apertei o cabelo de Amy com força em minha mão, sentindo minha porra cair direto em sua língua. Mesmo olhando para ela, mesmo sabendo que era *ela* que estava ali e não o Mestre, foi a voz dele que soou em meu ouvido. Foi a sua imagem que assolou a minha mente.

“Isso mesmo, Rage... Goze para mim como o cãozinho obediente que eu sei que você é.”

Não consegui mais ficar ali. Empurrando Amy pelos ombros, corri para o banheiro, tranquei a porta atrás de mim, ajoelhei-me em frente ao vaso sanitário e vomitei.

Naquele momento, eu quis morrer.

Capítulo 24

Amber

Só me dei conta de que estava sozinha na cama quando ouvi o estrondo da porta do banheiro sendo fechada. Por um momento, não consegui piscar ou reagir. Eu ainda sentia o orgasmo de Rage em minha boca, a sensação de prazer por tê-lo feito gozar, por sentir seu corpo estremecer de encontro ao meu, enquanto a minha mente tentava organizar seus pensamentos. Quando, enfim, entendi que ele havia gozado em minha boca e se *trancado* no banheiro um segundo depois, eu me desesperei e levantei da cama.

Tremendo, quase esmurrei a porta do banheiro.

— Rage! Rage, por favor, abra a porta!

Ele não me respondia. Era como se tivéssemos voltado dias atrás, quando ele se trancou no banheiro ao ficar excitado enquanto eu lia em voz alta. Naquele momento, ele se afastou por estar excitado e, agora, ele se afastou porque havia gozado. Será que estava se culpando por ter esporrado em minha boca? Será que ainda achava que havia me sujado com o que havia saído de dentro de si? Com muito medo do que poderia estar passando pela sua cabeça, resolvi não esperar por sua resposta. Girei a maçaneta da porta, pronta para entrar ali e afastar qualquer pensamento ruim de sua cabeça, mas não consegui nada. Ele havia trancado.

— Rage! Por favor, Rage, fale comigo, por favor! — Pedi, realmente entrando em desespero. Pude sentir meus olhos se enchendo de lágrimas. — Rage! Pelo amor de Deus, não faz isso comigo.

"Não faça isso consigo mesmo", quis pedir. Encostei minha testa na porta e bati de novo.

— Rage, por favor... Por favor...

Pude ouvir um soluço vir de lá de dentro. O quarto estava em silêncio, o filme já havia acabado e eu, que ansiava por ouvir qualquer coisa vindo da parte dele, odiei ouvir aquele soluço, pois sabia muito bem o que ele significava. Rage estava chorando.

— Rage, por favor, fale comigo... — pedi, sentindo minhas próprias lágrimas descerem pela minha bochecha. — Por favor... Escute, você não me sujou. Se é com isso que está preocupado, pare agora. Você não é sujo, Rage, acredite em mim...

Ele soluçou de novo e eu me senti muito mal, com uma dor horrível assolando meu peito, completamente desalentada. Eu não sabia o que fazer. Não sabia aonde ficavam as chaves reservas naquela casa, nem mesmo sabia se elas existiam. E eu não iria sair para procurar e deixar Rage sozinho. Naquele momento, eu sabia que ele precisava de mim, mesmo se fosse através daquela porta. Sem saber o que fazer, bati novamente.

— Me perdoe, Rage... Me perdoe se eu fiz alguma coisa que você não gostou — falei em meio às lágrimas, sem saber ao certo o que dizer para me desculpar. De alguma forma, eu sabia que a culpa era minha. Talvez, tivéssemos ido longe demais naquela noite. Ou *eu* tinha ido longe demais ao tocá-lo de uma forma tão íntima. O que eu tinha na cabeça? Como eu pude fazer aquilo com ele? — Por favor, me perdoe, Rage. Me perdoe.

Sentindo meu corpo tremer, sentei-me no chão, de costas para porta e encostei a minha cabeça na madeira, fechando os olhos. Eu ainda podia ouvir os soluços de Rage e logo percebi que os meus soluços haviam se juntado aos dele. Estávamos chorando juntos, mas afastados por uma simples porta, que parecia nos deixar a quilômetros de distância um do outro.

Sem saber mais o que falar para que ele me perdoasse, encarei o teto borrado pelas minhas lágrimas e deixei minha mente voar por todos os momentos que passamos juntos, desde a primeira vez que o vi, até agora. Baixinho, comecei a cantar uma música que eu sabia que falava muito mais do que as minhas palavras poderiam expressar.

When the rain is blowing in your face
(Quando a chuva estiver soprando no seu rosto)
And the whole world is on your case
(E o mundo todo incomodar você)
I could offer you a warm embrace
(Eu poderia te oferecer um abraço caloroso)

To make you feel my love
(Para fazer você sentir o meu amor)

When the evening shadows and the stars appears
(Quando as sombras da noite e as estrelas aparecerem)
And there is no one there to dry your tears
(E não houver ninguém lá para secar as suas lágrimas)
I could hold you for a million years
(Eu poderia te segurar por milhões de anos)
To make you feel my love
(Para fazer você sentir o meu amor)

I know you haven't made your mind yp yet
(Eu sei que você não se decidiu ainda)
But I would never do you wrong
(Mas eu nunca te faria nada de mal)
I've known it from the moment that we met
(Eu soube desde o momento que nos conhecemos)
No doubt in my mind where you belong
(Não há dúvida em minha mente de onde você pertence)

A porta se abriu de repente e eu me segurei no chão para não cair de costas no banheiro. Assustada, me virei e encontrei Rage encolhido próximo ao boxe, com os joelhos encostados no peito e os braços ao redor das pernas. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas e seu rosto estava vermelho de tanto chorar. Com o coração partido por vê-lo daquela forma, engatinhei rapidamente pelo chão e o peguei em meus braços, deitando sua cabeça de encontro aos meus seios. Ele chorou tão alto quanto uma criança e eu o amparei, o segurei e voltei a cantar.

I'd go hungry, i'd go black and blue
(Eu passaria fome, eu ficaria triste e deprimida)
I'd go crawling down the avenue
(Eu iria me arrastando avenida abaixo)
No, there's nothing that I wouldn't do
(Não, não há nada que eu não faria)
To make you feel my love
(Para fazer você sentir o meu amor)

Ele não parava de chorar e eu não parava de cantar. Mesmo quase sem voz, sem quase enxergar um palmo na frente do meu nariz por conta das lágrimas grossas que enchiam os meus olhos, eu não me desgrudava dele, não parava de sussurrar em seu ouvido, ou de amá-lo com todo o meu coração. Naquele momento, eu queria enfiar a mão dentro do peito de Rage e tirar toda a sua dor. Queria apagar cada uma de suas lembranças ruins e substituir por sorrisos que ele nunca havia dado a alguém. Queria preenchê-lo com uma alegria que ele nunca sentiu e fazer com que ele nunca mais voltasse a sofrer. Eu queria fazer um milhão de coisas... Mas tudo o que eu podia no momento, era segurá-lo enquanto a sua dor extravasava em meio ao choro.

I could make you happy, make your dreams come true
(Eu poderia fazê-lo feliz, poderia tornar seus sonhos realidade)
Nothing that I wouldn't do
(Não há nada que eu não faria)
Go to the ends of the Earth for you
(Vou ao fim da Terra por você)
To make you feel my love
(Para fazer você sentir o meu amor)[i]

Cantei a música repetidas vezes até ele se acalmar e seu choro compulsivo diminuir para soluços e espasmos. Segurei seu corpo trêmulo contra o meu

com força, sem me importar se meu peito estava molhado por suas lágrimas e sua saliva e não me movi até ele se afastar. O deixei ir com relutância e esperei que ele olhasse para mim, mas ele nunca olhou.

— Rage... — O chamei em um sussurro, tocando o seu rosto com delicadeza. Ele forçou o rosto para baixo quando tentei fazer com que olhasse para mim. — Me perdoe, por favor.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e eu senti vontade de morrer. Ele estava negando. Não queria me perdoar.

— Rage... — murmurei em um fiapo de voz, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas novamente. — Eu sinto muito... Eu... — Parei de falar, pois não sabia mais o que dizer. Minha garganta deu um nó e minha cabeça ficou em branco, enquanto sentia meu coração se estilhaçar no peito.

— Não foi culpa sua — ele disse de repente, ainda olhando para baixo. Sua voz estava grave, quase irreconhecível e, por um momento, temi não ter entendido o que ele havia dito.

— Foi minha culpa...

— Não! — Me interrompeu com rispidez, sem olhar para mim. — Não foi sua culpa!

— Como não? Eu... Eu forcei você. Eu fui longe demais e...

Ele me olhou de repente e pegou meu rosto entre as mãos. Sua testa estava franzida e seu maxilar estava apertado, como estivesse com raiva.

— Não! Você não me forçou! Você nunca me forçou a nada!

— Mas...

— Não! — repreendeu-me novamente. — Não fale mais isso!

Ele me largou e voltou a olhar para o chão. Apesar de estar ao meu lado, sentia como se Rage estivesse a quilômetros de distância de mim. Quis tocá-lo, puxá-lo para os meus braços de novo, mas me contive, porque não sabia ao certo como ele iria reagir.

— Por que você se trancou no banheiro? — perguntei baixinho.

Não sentia medo dele, mas sentia medo de que pudesse se afastar ainda mais de mim com as minhas perguntas. Foi exatamente o que aconteceu. Sem me olhar, Rage se levantou e entrou no boxe, fechando a porta atrás de si.

Levantei-me também e fui até ele, querendo acabar com aquela distância, querendo que falasse comigo, mas quando toquei na porta de vidro para entrar no boxe, ele se virou e falou novamente com rispidez:

— Não! Fora!

Foi como levar um chute na boca do estômago. Por um momento, fiquei completamente sem reação. Ele apontou para a porta do banheiro atrás de mim.

— Fora, Amy!

Ele não parou de me olhar até o momento em que me dirigi para a porta do banheiro. Caminhei sem realmente sentir o chão aquecido sob os meus pés e só parei quando ouvi o barulho da água caindo contra o piso dentro do boxe. Virei-me, encarei suas costas molhadas e, por um segundo, esperei que ele fosse se virar e me chamar para abraçá-lo, mas ele não se virou. Ele não me chamou... E eu saí.

Encarei o quarto vazio, a pipoca caída no chão, nossas roupas espalhadas, o lençol da cama revirado e a TV mostrando imagens do fundo do oceano. Enquanto observava os peixes nadando, senti como se eu estivesse no mar também, completamente submersa, em choque, paralisada. Levei incontáveis minutos para me obrigar a encarar a realidade e as palavras ríspidas de Rage voltaram com tudo na minha cabeça.

"Fora, Amy!"

Ele não me queria por perto. Ele simplesmente *não* me queria. Por um momento, pensei que eu estivesse tendo um pesadelo e que estava prestes a acordar, mas quando pisquei e senti a mesma dor no meu peito, soube que não era um sonho. Era real. Rage havia me *expulsado* dali.

Saí do transe quando lágrimas desceram com força pela minha bochecha e me obriguei a agir. Não sabia ao certo o que fazer, por isso, catei as minhas roupas do chão. Vesti a calcinha e o sutiã, rodei o quarto atrás da minha blusa e, por fim, encontrei a minha calça. Com as mãos trêmulas, me vesti e estava terminando de abotoar o meu jeans quando vi Rage entrar no quarto enrolado apenas em uma toalha. Ele parou e me olhou de cima a baixo.

— Já estou saindo — falei, antes que ele voltasse a me expulsar. — Estou saindo agora — repeti.

Eu não me sentia bem. Era como se eu estivesse presa em um redemoinho de emoções e não conseguisse respirar. Sentia minhas mãos trêmulas, minhas pernas moles e a cabeça prestes a explodir.

— Amy...

Rage deu dois passos em minha direção, mas parou. Ele me olhava com os olhos arregalados, o maxilar ainda tenso e o corpo duro. Era como se ele estivesse tão perdido quanto eu.

— Sinto muito — sussurrei antes de me virar e sair do quarto.

Eu não sabia ao certo o porquê de estar me desculpando, mas, assim que caí em minha cama, percebi que o meu "sinto muito" não era apenas um pedido de desculpas. Era muito mais. Eu sentia muito por tudo o que Rage havia passado, pelo meu toque ter o afastado, por não poder voltar no tempo e fazer com que ele vivesse uma vida diferente. Sentia muito pelo meu pai existir e ser aquele monstro, por ser o responsável pela dor daquele homem. Sentia muito por eu ser incapaz de fazer com que ele se sentisse melhor e por errar quando eu só queria acertar.

Fechei os olhos e foi a minha vez de chorar alto contra os travesseiros, sentindo-me insuportavelmente sozinha. Era como se o peso do mundo estivesse nas minhas costas, massacrando-me, impedindo-me de respirar. Eu só queria estar nos braços de Rage naquele momento, queria cuidar dele, queria fazer qualquer coisa para que ele pudesse me perdoar, mas ele não me queria mais por perto. Em algum momento enquanto estivemos na cama e eu tive o seu corpo em minha boca, eu havia errado, mas não sabia em quê.

Ele havia dito que a culpa não era minha, mas como eu poderia acreditar? Se a culpa não era minha, por que ele havia me mandado embora? Por que havia me expulsado depois de chorar contra o meu peito e se agarrar a mim como se eu fosse a única salvação que ele tinha?

Sentia meus olhos tão inchados, que mal conseguia abri-los e tive que respirar pela boca, pois meu nariz estava entupido. Queria ter forças para me arrastar para o banheiro, mas fiquei largada na cama, chorando até a minha cabeça doer. Quando pensei que iria desmaiar de exaustão, senti o colchão ao meu lado afundar e ofeguei baixinho quando senti braços fortes me puxarem pela cintura. Eu não precisava me virar para saber quem estava me segurando.

— Desculpa, Amy... Desculpa, por favor — Rage pediu baixinho em meu ouvido e eu estremeci. Seu corpo estava colado em minhas costas e seus braços me seguravam em um aperto de ferro. — Eu não queria machucar você, eu não queria, Amy.

Consegui me virar para e ele e apertei os olhos para conseguir enxergá-lo através das pálpebras inchadas. Ele estava sem camisa e com os cabelos ainda úmidos. Vi quando ele ficou assustado.

— Amy... — Ele passou os dedos pelos meus olhos e eu os fechei, sentindo seu carinho. — Desculpa.

— A culpa foi minha — sussurrei.

— Não. A culpa foi minha. Eu não devia ter mandado você sair — falou e eu abri os olhos para enxergá-lo.

— Você estava com raiva de mim pelo o que eu fiz. Por favor, Rage, me perdoe, eu...

Ele colocou dois dedos nos meus lábios e eu me calei. Vi quando ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Eu não estava com raiva de você, estava com raiva do Mestre. E também estava com muita vergonha... Não queria que tivesse me visto daquele jeito — falou baixinho.

— Com raiva do Mestre? — perguntei sem entender. Ele assentiu e desviou os olhos dos meus.

— Quando você estava com a boca em mim... Lá embaixo... Eu fiquei com a cabeça muito confusa.

— Confusa como?

Ele ficou alguns segundos sem falar nada, como se estivesse pensando em como colocar em palavras o que estava passando por sua cabeça. Eu podia sentir a sua confusão e a sua vergonha chegarem em mim como ondas. Sem saber ao certo que fazer para acalmá-lo, toquei em seu cabelo úmido com cuidado e sussurrei:

— Não precisa me dizer.

— Eu quero dizer. Eu não quero esconder nada de você, Amy — falou, voltando a me olhar. — Era como se o Mestre estivesse na minha cabeça e, por um momento, eu o vi ali, no seu lugar.

Senti um baque no peito e minha mão parou no meio do seu cabelo. Acho que eu sequer conseguia respirar.

— O quê?

Rage desviou o olhar do meu e balançou a cabeça.

— Eu não queria que ele estivesse ali, não queria ouvir a voz dele, mas eu não conseguia parar. Eu sabia que era você que estava comigo, era o seu toque que eu sentia, mas era voz dele que estava em minha cabeça. Eu fiquei muito confuso, não queria que o Mestre estragasse o que estava acontecendo entre a gente, mas eu não consegui evitar, Amy, era como se eu não tivesse controle algum dos meus pensamentos... Eu sinto muito. Me desculpa por isso, por favor.

Eu ainda estava sem reação enquanto olhava para ele e sentia seus olhos dentro dos meus, sua vergonha, sua confusão e uma pontinha de raiva. Engoli em seco ao entender, pelo menos um pouco, o que havia acontecido.

— A culpa não foi sua — falei. — O que eu fiz, desencadeou lembranças em você, Rage. Como um gatilho. Você reagiu a mim através das suas memórias.

Ele me olhou com o cenho franzido.

— Mas eu não queria isso. Eu nem estava pensando no Mestre quando você colocou a boca em mim.

— Eu sei que não, mas, inconscientemente, foi a isso que o seu cérebro se agarrou quando eu comecei a chupar você — falei de forma crua, porque não sabia como explicar aquilo de forma melhor.

Estava longe de ser uma psicóloga, mas já tinha lido sobre aquilo algumas vezes. Certas situações poderiam desencadear memórias traumáticas, que conseguiam inibir as sensações do presente e fazer a pessoa ficar presa no passado. Aquilo havia acontecido com Rage e me senti extremamente mal por saber que a culpa, de certo modo, havia sido minha. Em meio ao desejo, eu me esqueci completamente do seu passado cruel e segui em frente sem qualquer preocupação sobre o que ele poderia estar sentindo.

Eu deveria ter percebido no momento em que ele disse “não” e me afastou. Ali, ele já estava estranho, mas não prestei atenção e segui em frente quando ele pediu. Por que eu havia sido tão irresponsável? Por que não tinha

tomado mais cuidado?

— Sinto muito por eu não ter percebido o que estava acontecendo, Rage. Eu deveria ter prestado atenção, ter tido mais cuidado.

— Não. Eu queria aquilo, eu desejei, Amy. Mesmo contra a aversão que sinto de mim mesmo, eu me agarrei às palavras que você me disse na última vez que ficamos juntos e desejei que você me tocasse daquela forma. Eu só não sabia que isso poderia mexer com a minha cabeça — ele disse, parecendo estar muito triste. — Eu não queria que aquilo tivesse acontecido. Queria ter aproveitado até o fim, assim como você aproveitou quando eu te beijei lá embaixo.

— A culpa não foi sua, a culpa é toda daquele monstro — falei, tocando em seu rosto. Ele me olhou com melancolia.

— Será que vai ser sempre assim? Será que ele sempre vai estar na minha cabeça? — perguntou baixinho, como se estivesse com medo da resposta.

— Não sei, mas se você se sentir assim de novo, fale comigo. Eu vou parar e nós vamos conversar até você se sentir bem.

Ele me olhou com ternura e tocou o meu rosto.

— Você é muito boa para mim, Amy — falou, seus olhos se enchendo de lágrimas. — E, mesmo assim, eu fiz você chorar. Eu não queria que você chorasse. Só pedi para você sair, porque eu estava muito nervoso, eu não sabia como agir, estava com vergonha também... Não queria que você me visse daquele jeito, não queria ter chorado daquela forma... Eu parecia uma criança e não um homem. Fiquei com medo de que você pensasse pouco de mim.

— Ah, Rage... Eu nunca pensaria pouco de você, meu amor — falei, encostando minha testa na dele. — Eu sei que você é um homem. Você é um homem maravilhoso, Rage, muito especial, com um coração enorme e uma alma muito gentil. Nada no mundo me faria enxergar menos do que isso em você.

— Verdade? — perguntou, inseguro.

— Sim, é verdade. Não quero que sinta vergonha de mim, nem que pense que vou te diminuir de qualquer forma. Para mim, não existe no mundo um homem mais forte que você. Eu te admiro muito.

— Eu também te admiro muito — sussurrou. — Eu sinto como se não pudesse mais viver sem você, Amy. Os minutos que fiquei sozinho no quarto depois que você saiu, foram os piores da minha vida. Pensei que eu tivesse te perdido para sempre. Eu jamais iria me perdoar.

— Você nunca vai me perder. Não importa o que aconteça, eu sempre estarei aqui para você, Rage. Eu prometo.

— Eu também prometo — falou, tocando meus lábios com o polegar. — Eu prometo, Amy.

Ele fechou a nossa distância e me beijou com cuidado, como se estivesse com medo de me machucar ou que, talvez, eu fosse sumir. Eu retribuí, tocando em seu rosto, seu pescoço, sua nuca, colando nossos corpos e deixando meu coração voar. Doía demais saber que o trauma do Rage era tão grande, mas eu sabia que faria qualquer coisa para o ajudar.

— Obrigado por ter cantado para mim — ele sussurrou entre os meus lábios. — Sua voz me acalmou. Foi como se a dor estivesse me deixando aos poucos.

— Então, eu sempre vou cantar para você — respondi, sorrindo um pouco. — Eu faço qualquer coisa para fazer a sua dor sumir, Rage.

— Estar ao seu lado já faz a minha dor sumir. Você foi o melhor presente que eu já recebi, Amy. Mesmo sem saber o que eu fiz para merecer você, eu agradeço. Eu agradeço todos os dias.

Senti como se meu coração fosse explodir de tanto amor e, antes que eu começasse a chorar — agora por um motivo que ia muito além da tristeza — o puxei para mim e o beijei de novo. E continuei a beijá-lo até ter a certeza de que o que sentíamos um pelo outro, era forte o suficiente para nos fazer passar por cada atribulação que aparecesse em nosso caminho.

Capítulo 25

Rage

Passei a noite praticamente em claro, observando Amy dormir. Ela parecia estar tendo um sono agitado, assim como eu tinha quando acabava dormindo por alguns minutos, por isso, a mantinha contra o meu peito e acariciava seu cabelo de tempos em tempos. Estava sendo muito difícil fechar os olhos naquela noite, pois, a cada vez que eu piscava, as cenas do que haviam acontecido mais cedo voltavam a minha mente e me perturbavam.

Eu não conseguia esquecer tudo o que senti. A forma como meu corpo pareceu aproveitar cada toque de Amy, enquanto o Mestre dominava a minha mente. Foi muito ruim, apesar de eu ter amado sentir a boca dela em mim. Queria ter aproveitado, queria ter relaxado e sentido apenas ela, mas a minha cabeça não permitiu. O *Mestre* não permitiu.

Estava com muito medo de que, de agora em diante, fosse sempre assim. Quando Amy me tocou com as mãos, minha cabeça não ficou confusa, mas com a sua boca, sim. E se acontecesse de novo? Se o Mestre voltasse a entrar na minha cabeça justamente quando ela me tocasse? Fiquei angustiado. Eu desejava Amy com uma força que nunca senti em toda a minha vida. Enquanto estive a beijando no meio de suas pernas, só conseguia pensar em como seria se não fosse a minha boca lá e, sim, o meu pau, principalmente quando a penetrei com a minha língua. Naquele momento, nenhum pensamento ruim cruzou a minha cabeça e eu queria que fosse sempre assim. Não queria que o Mestre voltasse a me perturbar.

Pensar no que eu havia feito com ela, na forma como ficou louca com a minha língua, com o meu toque, deixou o meu pau duro dentro da calça e eu engoli em seco, sentindo um desejo avassalador. Tentei ficar quieto e respirar fundo para fazer passar, mas, de repente, Amy se mexeu na cama e jogou a perna por cima do meu quadril. Um gemido baixo escapou da minha garganta quando ela roçou a perna no meu pau e eu estremeci, sem saber o que fazer. Deveria me afastar, mas não queria. Queria senti-la contra mim, queria provar

para mim mesmo que apenas ela estava em minha cabeça e não o Mestre.

Mesmo assim, senti que era errado fazer aquilo. Amy estava dormindo, ela não estava ciente do que estava fazendo e me aproveitar daquele momento me fazia sentir um pouco doente, pois só eu sabia como era ruim ser tocado quando eu não queria, ser usado. Com cuidado, tentei tirá-la de cima de mim para que eu pudesse me sentar na cama e respirar até o desejo passar, mas ela se mexeu novamente e murmurou alguma coisa que não entendi. Esperei alguns segundos e tentei afastá-la de novo, mas, daquela vez, ela não só se mexeu como também abriu os olhos. Por um momento, pensei que ela estivesse sonhando e que logo voltaria a dormir, mas ela piscou algumas vezes até conseguir me olhar.

— Rage, o que foi? — perguntou com voz de sono.

"Estou excitado porque estava pensando no que fiz com você hoje à noite."

— Nada. Eu só preciso ir ao banheiro. — Inventei uma desculpa.

— Ah, me desculpe. — Ela deu um sorriso meio envergonhado e se mexeu para sair de cima de mim, mas parou ao sentir meu pau duro contra a sua perna. O sorriso sumiu dos seus lábios e ela me olhou com os olhos arregalados. — Rage...

— Estou assim porque me lembrei do que fizemos mais cedo. — Resolvi ser sincero, segurando sua perna contra o meu quadril. — Me lembrei como você gostou quando eu te beijei lá embaixo.

Suas bochechas ficaram levemente coradas e ela ficou um pouco ofegante.

— Eu gostei muito — sussurrou. — Foi indescritível.

Olhei para ela, para os seus lábios entreabertos, os olhos ainda um pouco chocados ao constatar como eu estava e senti vontade de beijá-la, de correr meus lábios pelo seu corpo e fazer com que ela delirasse de novo. Queria fazer com que ela se esquecesse de tudo de ruim que havia acontecido naquela noite, principalmente da forma como fiquei e como a tratei. Fui um animal com ela, um estúpido e ainda me culpava muito por isso. Queria fazer qualquer coisa para que ela ficasse bem... Queria fazer com que *eu* ficasse bem. Queria provar para mim mesmo que o Mestre não tinha controle algum sobre a minha mente.

Toquei em seu rosto, passei o meu polegar pelos seus lábios e, sem falar nada, a coloquei deitada de costas na cama, subindo em cima dela. Amy soltou um suspiro de surpresa, mas não deixei que me fizesse qualquer pergunta, simplesmente fechei os olhos e ataquei a sua boca. Beijá-la era como entrar no céu. Eu me sentia no paraíso enquanto envolvia sua língua com a minha e passava a mão pelo seu rosto, pela lateral do seu corpo, sentindo o calor da sua pele delicada contra a minha mão. Minha mente voava, meu corpo se aquecia e nenhum pensamento ruim me invadia. Enquanto eu a beijava, o Mestre ficava longe da minha cabeça e eu gravei aquilo no fundo da minha mente. Ele não conseguia me atingir quando eu beijava a Amy.

Suguei o seu lábio inferior para dentro dos meus e senti suas mãos em minha nuca, descendo para os meus ombros. Ela me empurrou um pouco para poder me olhar e gostei da forma como a sua respiração estava ofegante.

— Rage, o que você...

Ela tentou falar, mas eu a interrompi, beijando-a de novo. Não queria ouvir nada, queria apenas aproveitar aquele momento em que a minha mente focava única e exclusivamente nela. Amy gemeu baixinho dentro da minha boca e eu revirei os olhos quando empurrei meus quadris entre as suas coxas. Ela havia tomado banho antes de dormir e usava uma camisola, que agora estava enrolada em sua cintura. Eu pressionava direto contra a sua calcinha e, mesmo através do tecido da calça que eu usava, conseguia sentir o seu calor. Ela estremeceu e passou a unha pela minha nuca, murmurando o meu nome quando desci meus lábios pelo seu pescoço.

— Rage, espere... Meu Deus — ela gemeu quando eu desci as alças da sua camisola e abocanhei seu peito, sugando o mamilo com força. — Nossa, Rage! Ah... — Vi quando revirou os olhos e lambeu os lábios, esfregando-se contra mim lá embaixo. Eu amava fazer aquilo com ela, ver o seu descontrole, a forma como sentia de verdade tudo o que eu fazia. Quando fui para o outro seio, ela me olhou ofegante. — Rage, por que está fazendo isso?

— Porque eu quero — respondi com a voz rouca, passando a língua pelo bico do seu peito. Ela gemeu baixinho. — Quero fazer você enlouquecer de novo, Amy. Quero beijar o seu corpo todo. O Mestre não vai me atrapalhar dessa vez.

Ela abriu a boca como se fosse falar alguma coisa, mas só consegui ouvir o seu gemido quando chupei seu mamilo para dentro da minha boca. Ela parecia estar mais sensível do que antes, cada toque fazia com que estremecesse e gemesse mais alto e eu aproveitei para fazer tudo o que eu sentia vontade. Lambi, suguei, apertei seus seios, tirei a camisola do meu caminho e percorri a boca pela sua barriga até chegar a sua calcinha, que desci pelas suas pernas com rapidez. Eu me sentia um pouco descontrolado, como se estivesse sendo guiado unicamente pelo desejo, por mais que estivesse totalmente consciente do que eu estava fazendo.

Como da primeira vez, Amy se apoiou nos cotovelos para me observar, mas eu logo achei onde deveria tocar com a língua e lambi, a vendo delirar e jogar a cabeça para trás. Foi tão bom, que fechei os olhos para apreciar. Agora que já sabia o que fazer, sentia-me seguro para tocá-la, para passar a língua, abrir seus lábios com os dedos e penetrá-la. Amy gemia sem controle, estremecia sobre a cama, tocava em meus cabelos e chamava meu nome. Quando vi o momento em que tocou um dos mamilos e o torceu entre os dedos, senti um espasmo dentro da minha calça.

— Rage — ela gemeu, abrindo mais as pernas. — Eu não aguento, meu Deus...

— Não segure — falei, tocando seu nervo com o polegar. Ela estremeceu visivelmente e prendeu os lábios com os dentes. Nunca quis tanto beijar a sua boca como naquele momento. — Goza, Amy.

Enfiei minha língua no seu buraco apertado e segurei com força a sua cintura, a tocando e lambendo até sentir que começava a gozar. Seus olhos se reviraram, seus quadris sofreram espasmos e sua voz ficou rouca enquanto chamava meu nome e se contorcia sobre a cama. Eu suguei tudo o que me dava, adorando sentir o seu sabor e saber que eu tinha feito aquilo. De novo, gravei no fundo da minha mente que o Mestre não tinha poder sobre mim quando a beijava na vagina. Ali, ele não conseguia me perturbar.

Quando ela terminou, subi pelo seu corpo beijando a sua barriga, sentindo sua respiração ofegante. Sorri um pouco quando vi suas bochechas vermelhas e suguei seu lábio inferior para dentro da minha boca. Ela gemeu baixinho.

— Quero fazer amor com você — sussurrou entre os meus lábios, tocando de leve o meu rosto.

— Fazer amor? — perguntei sem entender. O que aquilo significava?

— Sim. Quero você dentro de mim.

Demorei alguns segundos para entender, mas, quando entendi, senti meu coração disparar no peito e as minhas mãos tremerem um pouco.

— Quer fazer sexo? — perguntei, pois precisava confirmar que eu não havia entendido errado.

— Sim — ela me deu um sorriso bobo, ansioso. — Mas só se você quiser.

Lembrei da sensação da minha língua dentro dela, do modo como era quente e suave, como me apertou e senti um arrepio passar pelo meu corpo e atingir o meu pau. Eu queria aquilo. Queria fazer amor com Amy, mas senti receio. E se eu não soubesse o que fazer? Ela parecia ser tão pequena, tão delicada... E se eu a machucasse?

— Rage — ela me chamou, tocando novamente em meu rosto. — Eu vou entender se você não quiser. Não se preocupe com isso, por favor.

— Eu quero — falei com convicção. — Mas... Eu não sei como se faz isso.

— Eu também nunca fiz nada disso, lembra? Vamos aprender juntos.

Meu pau pulsou na calça ao ouvir aquilo. Era a minha primeira vez, mas também era a primeira vez dela. Teríamos que aprender juntos e o fato de ela também não saber — pelo menos na prática — como era fazer amor, me deixou mais calmo, mais relaxado. Daria certo. Aquela era uma coisa que eu nunca fiz com ninguém, nunca entrei no corpo de ninguém antes, nem mesmo no do Mestre. Apenas ele e os outros homens entravam no meu corpo, então, talvez, aquele seria mais um momento que o Mestre não iria invadir a minha mente e estragar tudo.

— Quero fazer amor com você — reafirmei, tocando em seu rosto, em seus lábios, em todo o lugar aonde eu conseguia alcançar. — Quero muito, Amy.

Só de pensar naquilo, me sentia enlouquecer. De repente, estava ansioso demais para sentir o corpo de Amy com o meu pau, para tocá-la e penetrá-la que nem fiz com a minha língua. Com o coração pulando forte, assaltei a sua boca e a beijei até perder o fôlego, sentindo seus dedos desamarrarem o cordão da minha calça e a puxar para baixo. Eu mesmo me livrei da peça aos

chutes, ficando completamente nu. Gemi quando meu pau tocou a sua barriga e Amy abriu mais as pernas para me acomodar. Minha mente rodou quando constatei que eu só precisaria descer um pouquinho os quadris para que meu pau tocasse a sua boceta molhada.

— O que eu faço? — perguntei, afastando-me só um pouquinho para olhar em seus olhos.

— Posso tocar em você?

— Você sempre pode tocar em mim, Amy. Em qualquer lugar, no momento em que quiser — falei, pois queria que ela guardasse as minhas palavras.

Amy era a única pessoa que tinha livre acesso ao meu corpo, pois eu amava o seu toque. Eu amava tudo naquela mulher. Vi quando ela sorriu e seus olhos brilharam de emoção, enquanto enfiava a mão entre os nossos corpos a procura do meu pau. Quando ela me tocou, vi estrelas e precisei agarrar o lençol da cama para me segurar e não gozar.

— Desce só um pouco o seu quadril — ela pediu e eu obedeci. Era bem mais alto que ela, então, ainda conseguiria beijá-la enquanto estivesse com o meu pau na sua boceta. Ela me tocou de cima para baixo e eu gemi com a voz rouca, sentindo prazer. Quando a cabeça do meu pau tocou a sua vagina, não consegui me controlar e meus quadris se moveram sozinhos. Amy me olhou um pouco assustada, mas sorriu. — É isso que você tem que fazer.

— Não foi por querer. Não queria assustar você — falei, sentindo meu coração pular forte, como se fosse sair pela garganta.

— Eu sei. Foi a resposta do seu corpo, Rage. Mesmo que você ache que não sabe como fazer, o seu corpo sabe, sua cabeça sabe — ela disse, tocando meu rosto com a mão livre. Senti quando me posicionou de novo lá embaixo e gemi ao sentir como ela estava molhada contra o meu pau. Parecia estar mais melada do que antes. — Está pronto?

— Sim.

— Então, entre em mim, devagar — pediu, tirando a mão do meu pau e a colocando em meu quadril.

Vi como mordeu o lábio e me encarou nos olhos, parecendo estar tão nervosa, excitada e ansiosa quanto eu. Respirando fundo, segurei meu pau na

mão, pois tinha medo de ele sair da posição certa e empurrei meu quadril para frente. A cabeça a penetrou e eu apertei meu maxilar com força quando tomei ciência do prazer se espalhando pelo meu corpo.

— Amy... Você é muito apertada — gemi com o maxilar cerrado, sentindo a minha testa suar. Ela disse que eu tinha que ir devagar, mas a única coisa que eu queria fazer, era empurrar até o fundo de uma vez só.

— É porque eu nunca fiz isso antes — ela murmurou com a voz ofegante. Penetrei mais um pouco, mas a senti ficar tensa embaixo de mim. — Espere... Meu Deus — ela ofegou.

— O que foi? Estou machucando você? — perguntei, ignorando a vontade insana de continuar. Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, mas a expressão de dor em seu rosto me dizia outra coisa. — Amy, fale comigo.

— Está doendo um pouco...

— Então eu vou parar — falei, pronto para sair de dentro dela e me afastar. Não me importava se meu pau estava doendo para gozar ou se eu queria me enfiar dentro dela até o fim, Amy era muito mais importante do que as coisas que eu queria fazer ou do que eu sentia. Ela me segurou pelos ombros antes que eu pudesse sair do seu corpo.

— Não, não quero que pare! É normal doer na primeira vez — falou com um pouco de desespero. Acho que estava com medo de que eu desistisse.

— Mas não quero que você sinta dor.

Eu sabia como era ruim sentir dor quando alguém entrava no seu corpo. Jamais permitiria que Amy sentisse o mesmo.

— É inevitável, Rage, mas depois vai ficar bom.

— Como você sabe?

— Bem... Se não ficasse bom, nenhuma mulher faria sexo, não é mesmo? — perguntou, me dando um sorrisinho com o canto dos lábios. Fazia sentido, mas, mesmo assim, a ideia de lhe infligir dor me deixava muito mal. — Apenas continue.

— Tem certeza?

— Sim. Quero fazer amor com você, Rage. Não vamos desistir.

Ela parecia estar muito certa sobre aquilo e eu também estava, apesar de

me sentir um pouco frustrado por saber que ela estava sentindo dor por minha causa. Mesmo assim, segui em frente e quando a penetrei um pouco mais, senti uma espécie de cegueira por causa do prazer. Era muito bom, como ela poderia sentir dor com algo assim? Precisei respirar fundo para me controlar e quando voltei a enxergar, encontrei os seus olhos em cima de mim.

— Me beije — ela pediu.

Ficou ainda melhor quando a minha língua se enroscou com a dela. A sensação que tomou conta do meu corpo foi indescritível e precisei me controlar para não ir até o fundo e a machucar. Senti como ficou tensa quando encontrei dificuldade para ir adiante e tomei um susto com aquilo. O que estava acontecendo?

— Amy...

— Só continue — ela pediu, segurando meus quadris com as duas mãos. Não sabia se era para me fazer continuar ou para me fazer parar.

— Mas tem algo me impedindo.

— É o meu hímen — ela disse ofegante. Não entendi. — Minha virgindade. Você precisa... Empurrar para ela se romper.

— Vou te machucar — concluí. Aquilo parecia doloroso. Amy negou com a cabeça.

— Não vai. Só continue o que estava fazendo — ela pediu. — Será assim só dessa vez, Rage. Eu juro.

Ela tirou uma mão do meu quadril e agarrou a minha nuca, puxando-me para beijá-la. Fiquei ainda mais excitado com a sua língua na minha e, decidindo seguir com o que ela me pediu, puxei meu pau um pouco para trás, em seguida, empurrei com um pouco mais força. Acho que o tal hímen se rompeu, pois foi mais fácil ir até o final e eu empurrei sem pensar em mais nada. Foi incrível. Inacreditável de tão bom! Amy ficou dura embaixo de mim.

— Amy — murmurei, afastando-me um pouco para olhar em seu rosto. Tomei um susto quando vi uma lágrima escorrer em direção a sua orelha. — Amy! Machuquei você! Desculpa, eu sinto muito, eu...

Ela abriu os olhos de repente e eu parei de falar, sentindo meu coração bater forte em desespero. Pensei que ela iria começar a chorar, mas, ao invés

disso, ela sorriu. Seus olhos pareciam brilhar, mas não eram com lágrimas.

— Não me machucou. Você me fez sua, Rage — ela disse, tocando em meu rosto. — Me fez sua mulher.

Senti uma espécie de euforia por dentro, orgulho e amor. Foi difícil pensar em qualquer outra coisa, porque eu só conseguia sentir Amy, ouvi-la, tocar nela. Eu estava *dentro* dela. Completamente, assim como ela estava dentro de mim.

— Minha mulher. — Precisei falar em voz altar e o sentimento ficou mais vivo em meu peito.

— Sua — ela sussurrou. — Eu amo você, Rage. Eu te amo do fundo do meu coração.

Fiquei sem palavras. Meu coração disparou, meu corpo estremeceu e senti uma vontade de imensa de a prender entre os meus braços e nunca mais soltar. Foi então que percebi que aquilo era amor. Aquela vontade de estar sempre ao seu lado, querer cuidar, proteger, adorar, beijar... Era amor. Eu amava Amy. Contra todas as possibilidades, depois de ter conhecido apenas a maldade em minha vida, eu havia aprendido a amar. Senti meus olhos se encherem de lágrimas, mas consegui segurá-las.

— Eu também amo você — respondi, segurando seu rosto entre as minhas mãos. — Eu amo você, Amy. Amo muito.

— Ah, Rage... — Ela me puxou para um beijo e eu fui com fome, com desejo, retribuindo tudo o que ela me fazia sentir.

A vontade de mover meus quadris superou um pouco do cuidado que eu estava tendo e saí um pouco, apenas para entrar nela de novo. Fui devagar, apesar da vontade de ir cada vez mais rápido e gemi entre os seus lábios ao sentir como era bom. Ela era apertada, quente e pulsava ao meu redor, como se me sugasse a cada vez que eu entrava e saía. Precisei deixar os seus lábios para poder olhar em seus olhos e me guiar sobre o que estava sentindo, mas ela não tinha mais aquela expressão de dor. Mesmo assim, perguntei:

— Está doendo?

— Só um pouco, mas está muito bom — falou, arranhando de leve as minhas costas. — Não pare.

Eu só pararia em último caso, pois, naquele momento, sentia que nada

poderia me tirar de dentro de Amy. Nunca havia me sentido daquela forma, era como se o prazer estivesse me devorando vivo, minhas bolas pulsavam, minha pele suava, meu pau enviava inúmeras sensações para o meu corpo. Fiquei preocupado de que Amy pudesse não estar sentindo o mesmo e me lembrei de como ela sentia prazer quando eu tocava aquele nervo em sua boceta. Meu pau não o alcançava, pois eu estava dentro dela, por isso, afastei só um pouco o meu quadril e a toquei com o polegar. Amy revirou os olhos.

— Ah, isso, Rage... Assim...

Senti ainda mais prazer por saber que *ela* estava sentindo prazer. Vê-la daquela forma me deixou com mais fome, com mais vontade e senti que eu estava prestes a gozar. Por um momento, pensei em sair de dentro dela e deixar a minha porra cair no colchão, mas quando imaginei enchê-la com o que saía de mim, não pude me segurar. Se eu senti desejo ao ver a minha porra em sua barriga, como não sentiria ao vê-la sair de sua boceta?

Senti minha mente girar com o pensamento, meti com mais força, mais rápido e Amy me arranhou de verdade, chamando o meu nome em um gemido e estremecendo. Já conhecia os seus sinais, ela nem precisava me avisar, sabia que iria gozar. Meti mais rápido, a acariciei com o dedo e quando a senti me apertar com força dentro de si, meu orgasmo disparou pelo meu corpo e eu gozei, capturando sua boca na minha e engolindo todos os seus gemidos.

Nada poderia descrever o que senti. Foi melhor do que ter as suas mãos em mim, a sua boca ou qualquer outra coisa que eu já tivesse experimentado na vida. Nada se comparava aquilo. Era como se eu estivesse voando, por mais que, conscientemente, eu soubesse que ainda estava na cama, beijando a sua boca. Só consegui voltar a raciocinar quando a sensação de prazer diminuiu e estremeci com o seu toque. Era como se cada parte do meu corpo estivesse sensível.

Encostei minha testa na de Amy e me segurei sobre os meus braços trêmulos para não a esmagar com o meu peso. Meu pau ainda pulsava dentro dela, minha respiração estava ofegante e meu coração batia feito um louco. Quando, enfim, consegui abri os olhos, me afastei um pouquinho para olhar para ela.

— Você gostou? — perguntei, sentindo-me um pouco inseguro de

repente. E se eu tivesse me enganado em meio ao prazer e Amy tivesse odiado?

Ela me olhou com um sorriso enorme no rosto e os olhos emocionados.

— Eu amei. Foi perfeito, Rage — respondeu, tirando alguns fios de cabelo grudados em minha testa. — E você? Gostou?

— Eu nem sei dizer o que senti. Pensei que a minha alma fosse sair do meu corpo.

Ela deu uma risada e eu a acompanhei.

— Eu também.

Olhando em seus olhos, toquei em seu rosto e, com cuidado, saí de dentro dela, sentindo seu corpo estremecer. Curioso, ajoelhei-me na cama e olhei com fascínio para a minha porra escorrendo de dentro da sua vagina. Fiquei um pouco confuso com a sensação que me tomou. Antes, eu sentiria pavor de uma cena como essa, pois o medo de sujá-la era enorme, mas, agora, tudo o que sentia era prazer e uma vontade insana de entrar nela e recomeçar. Queria fazer amor de novo, por mais que meu pau não estivesse duro o suficiente ainda.

— O que foi? — Amy perguntou, apoiando-se nos cotovelos.

— Minha porra está escorrendo de dentro de você — falei com a voz um pouco rouca de desejo. Amy ficou com as bochechas vermelhas. Desviei meus olhos para a sua boceta de novo, fascinado, mas não escorria mais nada dela.

— Não se preocupe com isso, eu não vou engravidar — falou, chamando a minha atenção. — Eu tomo injeção por causa do meu ciclo menstrual.

Por um momento, olhei para ela sem entender nada do que estava dizendo, mas, então, me lembrei vagamente dos cachorros da casa vizinha de onde eu morava. Uma vez, peguei os dois juntos, o macho em cima da fêmea e não entendi o que eles estavam fazendo, mas meu pai me explicou. Eles estavam... Copulando. Meu pai disse que era daquela forma que surgiam os filhotinhos, pois o macho plantava uma semente na fêmea. Então, era lógico que era dessa forma com os humanos também. Nunca havia pensado naquilo, mas, agora, eu entendia com clareza.

— O que é ciclo menstrual? — perguntei, porque aquilo eu não tinha

entendido.

Amy limpou a garganta antes de começar a me explicar.

— A mulher fica alguns dias do mês sangrando pela vagina... Se chama menstruação — ela disse. — No meu caso, a minha menstruação era desregulada e o anticoncepcional, que é o remédio que não permite que a mulher engravide, ajuda a fazer com que a minha menstruação venha corretamente todo mês.

— Ah... — murmurei, sem saber ao certo o que dizer. Aquilo parecia difícil. Não imaginava como deveria ser sangrar todo mês. — Mas você está bem agora que tomou esse remédio?

— Sim, estou — ela sorriu, tomando a minha mão. — Não se preocupe.

Entrelacei os nossos dedos e pensei um pouco mais sobre aquilo. O remédio não deixava que ela engravidasse. Fiquei com uma dúvida.

— Você não quer ter filhos?

— Por que a pergunta?

— Porque você disse que o remédio não deixa você engravidar.

— Eu quero ter filhos, mas não agora — falou. — E você?

— Eu nunca pensei sobre isso. — Fui sincero. — Nunca acreditei que poderia ficar livre de verdade. Eu costumava achar que, depois que eu matasse o Mestre, alguém chegaria para me castigar e eu deixaria a pessoa me matar, mas, agora, está tudo diferente na minha cabeça, porque eu tenho você. Eu não sei como será o meu futuro, eu tenho muito medo do mundo lá fora, de não ser aceito, de não me adaptar, mas sei que quero ficar com você, Amy. Quero ficar com você para sempre e, como o para sempre é muito tempo, eu acho que um dia vou querer ter filhos com você.

Amy me olhou com uma expressão esquisita, como se estivesse emocionada e encantada ao mesmo tempo. Sem que eu esperasse, se jogou para cima do meu colo e eu a peguei, sentindo seus braços rodearem o meu pescoço.

— Meu Deus, Rage... Eu não tenho palavras para descrever o que estou sentindo agora — disse ela com lágrimas nos olhos. — Só posso dizer que eu te amo e que você é o homem mais forte e corajoso que eu conheço. Sei que, com ajuda, vai conseguir lidar com o mundo lá fora e será um pai

maravilhoso para os filhos que vamos ter algum dia.

Senti meu coração se encher de esperança, de alegria ao ouvir as suas palavras. Era indescritível a sensação de saber que Amy tinha fé em mim e no futuro que poderíamos ter juntos.

— Eu vou tentar de tudo, Amy. Prometo que vou tentar.

— E vai conseguir. Vou estar ao seu lado, Rage. Vou te ajudar.

— Então eu não preciso de mais nada. Só preciso de você, Amy — murmurei, a deitando na cama e caindo por cima dela. — Eu te amo.

— Eu também te amo, Rage. Muito.

Capítulo 26

Amber

Depois que fizemos amor, Rage me pegou no colo e me levou para o banheiro. Diferente da sua suíte, na minha, havia uma banheira grande e ele perguntou como fazia para encher. Fui explicando e ele foi abrindo as torneiras, colocando um pouco de sais de banho, preparando a banheira para nos receber, o que aconteceu minutos depois. Com ele sentado atrás de mim, relaxei de encontro ao seu peitoral e sorri ao sentir os seus beijos em meu rosto e suas mãos passeando pelo meu corpo, enquanto via o dia amanhecer pela janela grande a minha frente.

Aquele momento foi muito além do sexo e, finalmente, entendi o que eu tanto lia nos livros. O momento *após* o sexo também era maravilhoso. Parecia que não havia mais barreira alguma entre nós e a nossa intimidade era gigantesca. Depois de tudo o que havia acontecido no quarto dele, da nossa dor — a dele muito maior do que a minha —, do meu desespero, da forma como ele reagiu para, de certa forma, se proteger do que achava que eu iria sentir por ele, eu não imaginava que iniciaríamos o dia assim, juntos na minha banheira, depois de ter nos entregado totalmente ao amor que sentíamos.

Em algum lugar pelo caminho, os meus sentimentos por Rage mudaram, se intensificaram. Não sei se foi antes ou depois de eu ter cuidado dele quando mais precisou, mas, o que eu tinha certeza, era que parte da minha alma havia ficado com ele desde o primeiro dia em que o vi, ainda naquela boate em Nova York. Ali, eu fui tocada por ele, mesmo que ele nem tivesse se dado conta da minha existência. Saber que ele sentia o mesmo por mim, que também me amava, me provava que, de certa forma, nossos destinos já estavam cruzados. De alguma forma, nós iríamos nos encontrar. Só me doía que tivesse sido de uma maneira tão dolorosa.

Depois do banho, nos vestimos e, assim que voltamos para o quarto, Rage me olhou horrorizado ao enxergar uma mancha vermelha no lençol. Não

tínhamos percebido antes, mas a mancha de sangue estava ali, intensa e viva para que qualquer um pudesse ver. Ele me olhou com preocupação, falando que tinha me machucado e eu não havia contado e precisei lhe explicar que era normal que a mulher sangrasse um pouco na primeira vez. Conversar sobre aqueles assuntos já não me deixava tão envergonhada quanto antes e, de alguma forma, eu me sentia bem por ser aquela que mostrava o mundo para Rage, mesmo que de forma tão limitada. De primeira, ele não acreditou muito em mim, mas quando garanti que eu estava bem, ele me ajudou a trocar a roupa de cama e se deitou comigo.

Meu corpo doía em lugares que eu nem sabia que existiam e eu me sentia em êxtase deitada com a cabeça em seu peito, deixando que as imagens do que fizemos voltasse a minha mente. Havia doído muito, tinha que confessar. Rage era grande e, por mais que tivesse sido cuidadoso, no começo, parecia que estava me rasgando por dentro, mas depois que ele começou a me tocar, ficou bom. Não foi espetacular, senti muito mais prazer com a sua boca, mas foi maravilhoso do mesmo jeito, porque houve muito mais do que sexo entre nós dois, houve amor. E eu sabia que as próximas vezes seriam ainda melhores.

Adormecemos sem nem sentir e só acordei quando ouvi batidas na porta do meu quarto. Estava muito cansada, mesmo assim, me levantei e deixei Rage dormindo na cama. Assim que abri a porta, encontrei Hernandez no corredor e sua expressão de quem suspeitava muito bem do que havia acontecido na noite anterior me deixou mortificada.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Eu que pergunto. Já passa do meio dia.

— Perdemos a hora, sinto muito — murmurei, querendo fugir do seu olhar. Eu me sentia como uma adolescente que havia sido pega pelo pai fazendo coisa errada, o que eu sabia que era absurdo, pois Rage e eu éramos adultos. Pensei que Hernandez diria alguma coisa, ou até mesmo me daria uma bronca, mas sua expressão séria me deixou em alerta. — O que houve?

— Seu pai — ele sussurrou e eu senti um frio na espinha, fechando a porta atrás de mim.

— O que tem o meu pai?

— Ele ligou para o telefone do escritório. Está na linha, esperando para

falar com você. — Meu sangue congelou nas veias e fiquei com medo de desmaiar. Vendo o meu estado, Hernandez pousou as mãos nos meus ombros e falou baixinho: — Amy, você precisa agir normalmente ao falar com ele, ou ele vai suspeitar que tem algo acontecendo.

— Está bem — respondi no automático.

— Respire fundo — Hernandez pediu e eu respirei como ele, sentindo meu coração bater com muita força contra as minhas costelas. — Vamos? Sabe que ele odeia esperar.

Assenti e fui com Hernandez para o andar debaixo, sem conseguir focar em pensamento algum. Meu pai esteve quieto por semanas e, apesar de ele não perder tempo com ligações para saber sobre o meu bem-estar, nunca ficou tanto tempo sem se comunicar. Por que tinha ligado justo agora? Será que já tinha pego o mandante do ataque à nossa casa? Será que me mandaria embora? Senti minhas mãos ficarem suadas só de pensar nisso.

Respirando fundo, obriguei-me a ficar calma e ocupei a sua cadeira no escritório. Eu tremia visivelmente ao pegar o telefone e o colocar contra a minha orelha.

— Papai?

— Amber! Como você está?

— Bem — falei um pouco mais alto, olhando atentamente para Hernandez. — E o senhor?

— Bem, como sempre — disse com a sua costumeira seriedade. — Estou ligando, porque sei que deve estar ansiosa por notícias sobre o ataque à nossa mansão em Chicago. Ainda estou atrás do filho da puta que achou que poderia me matar. Infelizmente, o canalha se esconde melhor do que um rato de esgoto, mas eu vou o achar.

— O senhor já sabe quem foi?

— Tenho suspeitas, mas serão confirmadas em breve — disse ele. — Sei que deve estar ansiosa para voltar à Chicago, mas vai precisar ficar aí por mais algumas semanas. Ainda não é seguro te trazer de volta.

Nunca pensei que qualquer coisa que pudesse sair da boca do meu pai poderia me trazer alívio, mas foi assim que me senti. Fiquei extremamente aliviada por saber que eu só iria embora dali a algumas semanas. Esperava

que fosse tempo suficiente para que Juarez ou o amigo de Hernandez que era agente do FBI, reunissem algumas provas para que pudessem prender o meu pai.

— Eu gosto muito dessa casa, mas não vejo a hora de ir embora — menti, sentindo-me um pouco mais confiante.

— Sei disso, mas vai precisar esperar — falou com certa rispidez. — Harry disse que deve entrar em contato com você em breve, pois está com saudade. Ele é um bom homem e parece se importar com você. Creio que vai querer marcar a data do casamento assim que você voltar.

Senti um embrulho no estômago só de pensar naquela possibilidade. Ali estava mais um motivo para que meu pai fosse preso antes que o meu tempo naquela casa terminasse.

— Sei que ele é um bom homem. Não posso mentir e dizer que sinto a falta dele, pois mal tivemos tempo para ficarmos juntos, mas vou aguardar ansiosa pela sua ligação.

— Não esqueça de ser educada.

— Claro, papai. Não vou lhe decepcionar.

— Assim espero. Preciso desligar. Ligarei novamente assim que tiver mais notícias — falou, desligando o telefone sem ao menos dizer tchau, o que não me desapontou. Certifiquei-me de que a linha estava mesmo muda e coloquei o telefone na base, vendo o olhar ansioso de Hernandez.

— O que ele disse?

— Disse que ainda não encontrou o mandante do ataque à nossa casa e que eu vou ter que ficar aqui por mais algumas semanas, pois ainda não é seguro voltar — falei me levantando da cadeira, quase eufórica. — Semanas, Hernandez! Ouviu isso? Acha que é tempo suficiente para que Juarez ou Nicholas ache alguma prova consistente para colocar o meu pai atrás das grades?

— Eu espero que seja, Amy, espero de verdade — disse ele, me dando um sorriso. — Acho que o destino está cooperando ao nosso favor.

— É Deus ouvindo as minhas preces — falei, pegando as suas mãos nas minhas. — Agora estou cheia de esperança, Hernandez. Acho que vai dar tudo certo.

— Vai dar sim, menina. E se não der, a gente faz dar.

Não pude deixar de rir do que ele disse e saímos juntos do escritório. Como já era mais de meio dia e eu havia pulado o café da manhã, estava cheia de fome e resolvi fazer algo para que Rage e eu pudéssemos comer. A cozinha estava vazia, Hernandez já havia retirado a mesa de café da manhã e não havia sinal de Peter ou John.

Fiz ovos mexidos, torradas, assei alguns *waffles* e fiz chocolate quente. Estava arrumando tudo em uma bandeja quando vi Peter entrar na cozinha usando o seu costumeiro terno preto e bem cortado. Ele sorriu ao me ver.

— Boa tarde, Senhorita Bloom.

— Apenas Amber, Peter. E boa tarde para você também. Uma ótima tarde, na verdade — sorri, pois estava insuportavelmente feliz e esperançosa.

Rage e eu havíamos feito amor, meu pai havia ligado para dizer que eu teria mais algumas semanas naquela casa e eu tinha uma bandeja cheia de comida para devorar. Melhor do que aquilo, só se Hernandez entrasse pela cozinha falando que meu pai estava prestes a ser preso. Mas sabia que por aquilo eu teria que esperar.

— Está alegre — ele constatou.

— Estou mesmo. Acho que o dia de hoje será incrível — falei, colocando dois copos de suco na bandeja. — Agora, se me der licença, vou subir com isso daqui.

— Deixe-me ajudá-la. — Ele se adiantou, pegando a bandeja do balcão. Pensei em negar, mas ele estava sendo tão gentil, que fiquei sem coragem.

— Obrigada.

Saímos da cozinha e subimos juntos a escada. Parei quando cheguei em frente à porta do meu quarto.

— Pode deixar que eu sigo daqui — falei, estendendo a mão para pegar a bandeja.

— A senhorita não prefere que eu coloque lá dentro?

— Não, não precisa se incomodar — falei, lhe dando um sorriso simpático. A última coisa que eu precisava era que ele entrasse em meu quarto e que Rage o visse. Acho que ele entendeu o porquê da minha recusa, pois seus olhos se arregalaram um pouco e um sorriso sem graça se abriu em

seus lábios.

— Entendi. Espero que a senhorita e o Rage apreciem o lanche — falou, colocando a bandeja em minha mão. — Chame-me se precisar de qualquer coisa.

— Obrigada, Peter. Você é muito gentil.

— Não, a senhorita que é muito gentil. Está fazendo muito bem ao Rage. Ainda fico muito chocado com tudo o que ele vivenciou.

— Ele está superando — falei. — Só, por favor, não leve para o lado pessoal o que aconteceu ontem na cozinha. Ele não gosta de ficar perto de homem algum.

— É compreensível, não se preocupe com isso — Peter disse, acenando levemente com a cabeça. — Agora, se me der licença, preciso terminar de fazer a ronda no andar debaixo.

— Claro, pode ir.

Ele me deu mais um sorriso, em seguida, se virou e foi embora. Ainda fiquei alguns segundos ali no corredor, pensando em como era irônico que um homem aparentemente tão digno quanto Peter, acabasse trabalhando diretamente para um monstro como o meu pai. Tinha certeza de que, se ele soubesse quem Maximus realmente era, jamais teria aceitado este emprego. Confortava-me saber que agora ele estava somando força ao meu lado e estivesse contra Maximus naquela batalha.

Com um pouco de dificuldade, abri a porta e entrei no quarto, encontrando Rage ainda dormindo. Ele havia se mexido na cama e agarrava meu travesseiro entre os braços. Usava apenas a calça de moletom e suas costas fortes, com algumas cicatrizes, brilhavam sob a luz do dia que entrava pela janela. Deixei a bandeja em cima da mesinha de cabeceira e deitei-me ao lado dele, acariciando sua barba e o chamando baixinho.

— Rage, trouxe café da manhã para gente — falei quando ele abriu os olhos e me olhou com uma expressão sonolenta.

Ele levou alguns minutos para se habituar e sentou-se na cama, esfregando os olhos. Não sabia se era o meu amor comandando o meu cérebro, mas ele pareceu ainda mais bonito daquela forma, com o cabelo desgrenhado, o peitoral viril amostra e os olhos um pouco nublados pelo sono. Sem

conseguir me segurar, engatinhei pela cama e sentei-me em seu colo, de frente para ele, lhe dando um selinho.

— Bom dia. Ou melhor, boa tarde — sorri.

— Tarde?

— Sim, perdemos a hora hoje. Não sei o porquê — murmurei, me fingindo de besta. Ele riu e suas bochechas ficaram levemente coradas. Deus do céu, ele era adorável.

— Você sabe sim — falou, segurando minha cintura e puxando-me um pouco mais para frente. Fiquei excitada ao sentir o início da sua ereção cutucar o meio das minhas pernas.

— Está com fome?

— Estou — ele disse, mas não olhou para o meu rosto e, sim, para os meus seios escondidos atrás da camisola. Senti meus mamilos ficarem duros e minha calcinha ficar molhada quando ele lambeu os lábios, parecendo não ter ciência do que estava fazendo. Precisando me controlar, puxei seu rosto para mim e olhei em seus olhos.

— Estou falando de comida.

Ele franziu o cenho e subiu a mão para minha nuca, enfiando os dedos entre os meus cabelos.

— Não quero comida. Quero você.

Nem tive tempo de responder, pois sua boca calou a minha em um beijo exigente, cheio de língua, que me deixou completamente entorpecida e sem fôlego. Em um movimento rápido, ele me colocou deitada de costas na cama e gemi entre os seus lábios quando sua mão começou a subir a minha camisola, passando pela lateral da minha coxa até a barriga. Minha vagina pulsou de desejo, mas uma dorzinha incômoda lá no fundo me fez empurrá-lo um pouco para que eu pudesse falar. Enlouqueci quando escorregou a boca pelo meu pescoço e sugou a pele com força suficiente para que eu sentisse o sangue pulsar ali.

Deus do céu, aonde ele havia aprendido aquelas coisas?

— Rage... Ah, nossa! — Soltei um gemido ofegante quando ele enfiou a mão em minha calcinha e achou o meu clitóris na primeira tentativa. Sim, ele aprendia rápido. Rápido *demais*. — Rage...

— Sua boceta está molhadinha... Quero entrar em você de novo — sussurrou em meu ouvido, lambendo o lóbulo da minha orelha. — Vamos fazer amor.

Não era uma pergunta e aquilo me deixou ainda mais excitada, mas também dolorida. Eu queria muito fazer amor com ele, toda hora, em todas as posições, mas havia perdido a virgindade há apenas algumas horas. Meu corpo me dizia que eu precisava esperar. Ele esfregou o meu clitóris de novo e eu arfei com a onda de prazer que me tomou e me deixou com a mente nublada pelo desejo. Precisei ser forte.

— Rage... Rage, me escuta — pedi, puxando sua cabeça com as minhas mãos. Ele não parou de me tocar, mas me olhou. — Não posso fazer amor agora.

Sua testa se franziu e seu dedo parou dentro da minha calcinha.

— Não pode? Por quê?

— Porque eu estou um pouco dolorida por causa do que fizemos ontem — falei, sentindo meu rosto ficar quente. Seus olhos se arregalaram um pouco e ele se afastou completamente, ajoelhando-se na cama.

— Machuquei você! Machuquei você, Amy! Por que mentiu para mim?

— Não, meu amor, você não me machucou — reafirmei, sentando-me na sua frente.

— Machuquei, sim. Você está sentindo dor.

— Não, eu só estou um pouco dolorida, só isso. É normal com as mulheres na primeira vez, acredite em mim.

Ele me olhou um pouco desconfiado.

— Mas, o sangue...

— O sangue também é normal — falei, aproximando-me dele e tocando seu rosto. — Eu jamais mentiria para você.

"Pelo menos não sobre isso", meu subconsciente alertou. Não permiti que a culpa, que eu inevitavelmente sentia por ter mentido para ele sobre ser filha de Maximus, me atingisse naquele momento.

"Só mais algumas semanas... Só mais algumas semanas e eu vou poder dizer a verdade a ele", falei para mim mesma.

— Então me deixa beijar a sua boceta — ele disse de repente, pegando-me de surpresa. — Eu adoro fazer você gozar com a minha boca.

Apesar da sua voz estar rouca pelo desejo, Rage não parecia ter noção de como as suas palavras mexiam comigo. Meu tesão alcançou níveis absurdos e minha vagina estremeceu dentro da calcinha. Desviando os olhos dos meus, ele pegou as duas alças da minha camisola e as escorregou pelos meus braços, deixando-me arrepiada ao sentir as pontas dos seus dedos percorrendo a minha pele.

— Deixa, Amy — pediu baixinho, tocando meu mamilo com o polegar. — Por favor.

Por favor. Eu não tinha experiência sexual nenhuma, mas tinha quase certeza de que não havia muitos homens que pediam por favor para poder chupar uma mulher. Mas o meu homem, o meu Rage, pedia. Completamente excitada, não me vi sendo capaz de dizer nada em voz alta, por isso, assenti e o puxei para cima de mim.

Rage passou os próximos minutos me fazendo enlouquecer com os seus lábios e língua, agora bem experientes, em minha boceta.



Depois da loucura que fizemos na cama, precisamos correr para um banho, pois eu estava insuportavelmente melada lá embaixo e tinha feito Rage gozar em toda a minha barriga enquanto o masturbava. Debaixo do chuveiro, ele não me deixou um segundo sequer, ensaboou meu corpo, me ajudou a lavar os cabelos, beijou a minha boca e eu fiz o mesmo com ele, sentindo-me relaxada de verdade pela primeira vez em semanas.

Quem diria que uma ligação do meu pai poderia me deixar assim? A notícia de que eu ainda teria mais algumas semanas pela frente antes de voltar para Chicago, havia renovado as minhas esperanças de que conseguiríamos o

colocar na cadeia antes que ele pusesse os pés nesta casa.

Nos secamos e, vestidos, caímos na cama e começamos a devorar tudo o que eu havia feito. Os ovos e os chocolates estavam frios, o suco já não estava tão gelado, mas comemos e bebemos tudo mesmo assim. Entre uma mordida e outra, eu me pegava olhando para Rage e tentando imaginar como os nossos caminhos se cruzariam, caso ele não tivesse ido parar nas mãos do meu pai. O que Rage seria? Com o que trabalharia? Essas perguntas fizeram a minha mente viajar e, antes que eu pudesse me segurar, me vi questionando a ele em voz alta:

— Rage, você tinha algum familiar vivo sem ser o seu pai ou a sua mãe?

Ele parou com copo perto da boca e me olhou com o cenho um pouco franzido, surpreso com a minha pergunta. Depois de passar alguns segundos em silêncio, como se estivesse puxando memórias em sua mente, ele respondeu:

— Eu tinha uma tia.

— Tia?

— Sim.

— E qual era o nome dela? — perguntei, com o coração batendo forte. Se Rage tinha uma tia, talvez, ela pudesse estar viva. Pudesse estar procurando por ele.

— Sabrina. O nome dela era Sabrina — ele disse, colocando o copo em cima da bandeja. — A minha mãe pintava quadros e a tia Sabrina trabalhava com artes, então, ela levava os quadros da minha mãe para vender. Eu me lembro disso. Também lembro que ela sempre me trazia lápis para que eu pudesse desenhar.

— Você gostava de desenhar?

— Muito — ele falou, balançando a cabeça para cima e para baixo. — A minha mãe também me ensinava a pintar, mas eu gostava mais de desenhar.

Ele tinha uma expressão saudosa no rosto, como estivesse se lembrando de coisas boas, o que aqueceu o meu coração, pois eu sabia que Rage tinha mais memórias ruins do que boas para compartilhar.

— Do que mais você consegue se lembrar, Rage? Consegue se lembrar do seu sobrenome? Da cidade aonde você morava?

— A cidade eu não sei, mas o nome do meu pai era Richard — ele falou, franzindo um pouco o cenho. — Richard Foster e a minha mãe se chamava Hillary Foster também.

— Espere aí, só um minuto.

Corri até o meu closet e peguei a caixa com fundo falso aonde eu guardava o caderno com as anotações sobre o meu pai. Felizmente, os bombeiros chegaram a tempo na nossa casa em Chicago e conseguiram conter o fogo antes que ele se alastrasse para o segundo andar, deixando assim, o meu quarto e os meus pertences intactos. Peguei o caderno e uma caneta e voltei para o quarto, sentando-me na cama e começando a fazer anotações.

— Ok, vamos repassar tudo o que você me disse. Você tinha uma tia chamada Sabrina e ela trabalhava com artes, certo?

— Isso.

— Você sabe me dizer se ela era irmã da sua mãe ou do seu pai?

— Da minha mãe — ele disse com muita certeza. — A tia Sabrina era irmã da minha mãe.

— Irmã da sua mãe — repeti em voz alta, enquanto escrevia. — Seu pai se chamava Richard Foster e sua mãe era Hillary Foster, correto?

— Sim.

— Você foi sequestrado em junho de 1999 — anotei também. — Nasceu no dia 30 de janeiro de 1989.

— Isso — falou. — Por que está anotando essas coisas, Amy?

Tirei o olho do caderno e olhei para ele.

— Porque você tem uma história que vai muito além daquele quarto escuro, Rage. Você tem o direito de resgatar a vida que o Mestre te roubou — falei, esticando-me para pegar a sua mão. — Quando tudo isso acabar e aquele monstro estiver preso, nós dois vamos recomeçar as nossas vidas e acho importante que você tenha lembranças que vão além do tempo que passou preso.

— Eu não tenho muitas lembras, mas têm coisas que não me permiti esquecer, como a data em que fui parar nas mãos do Mestre, o nome dos meus pais, o quintal grande que havia na nossa casa — ele disse,

entrelaçando os nossos dedos. — Mas, agora que você perguntou, foi que me lembrei da tia Sabrina. Ela havia ficado escondida em algum lugar na minha mente.

— Nós podemos investigar sobre ela. Talvez ela ainda esteja viva.

Ele me deu um olhar arregalado, mas cheio de esperança.

— Podemos?

— Sim, podemos. Eu vou pedir para Hernandez falar com o detetive que está investigando Maximus Bloom. Ele com certeza vai achar alguma coisa. Foster é o sobrenome de casada da sua mãe, mas ele pode usar essas informações que você me deu para chegar na sua tia.

— Quero isso, Amy, quero encontrá-la, mas não agora — ele disse, pegando-me de surpresa.

— Por quê?

— Porque, primeiro, quero que o detetive investigue apenas o Mestre. Aquele monstro tem que ser preso o mais rápido possível, Amy. Depois disso, ele pode encontrar a minha tia. Eu não sou prioridade agora.

Como se fosse possível, eu amei ainda mais aquele homem depois de ouvir as suas palavras. Deixando meu caderno de lado, sentei-me em seu colo e beijei a sua boca com o meu coração pulsando de amor.

— Você sempre será prioridade para mim — sussurrei entre os seus lábios. — Mas eu entendo o que quer dizer. Vamos acabar com Maximus primeiro, salvar as crianças, em seguida, vamos focar em você.

Ele me olhou meio tímido e sorriu.

— Eu te amo — ele sussurrou.

— Eu também te amo muito. Vamos descobrir tudo sobre essa sua tia, Rage. Eu prometo — falei, tocando em seu peito e o puxando para um beijo.

Eu faria qualquer coisa para resgatar, pelo menos um pouco, a vida que meu pai havia roubado de Rage.

Capítulo 27

Amber

Assim que acabamos de comer, levei a bandeja para cozinha e encontrei Hernandez preparando o almoço. Ele vinha cozinhando desde o dia que trouxemos Rage para casa e eu era simplesmente apaixonada pelo seu tempero. Ele sabia disso e parecia caprichar, só para receber um elogio e eu dei vários enquanto pegava um pedaço de carne de dentro da panela.

Aproveitei aquele momento para contar para ele sobre a família de Rage e vi como ficou tão surpreso quanto eu quando falei que Rage não queria que o detetive procurasse pela sua tia agora e, sim, depois que o meu pai estivesse preso. A gentileza de Rage e seu jeito altruísta ainda conseguiam me encantar e vi que Hernandez sentiu o mesmo. Ele garantiu que iria pesquisar sobre a família dele na internet pelo celular que havia comprado para falar com Juarez quando voltasse da cidade, pois naquela tarde ele tiraria a tipoia e começaria a fisioterapia.

Saber que ele iria na cidade me deu uma ideia e pedi para que ele comprasse algumas folhas para desenho e lápis para Rage. Ele havia me dito que adorava desenhar quando pequeno e me perguntei se ainda tinha essa habilidade depois de tanto tempo. Talvez ele fosse gostar de tentar.

Como havíamos tomado café da manhã mais tarde naquele dia, Rage e eu pulamos o almoço e eu passei o dia lendo para ele. Ainda era o mesmo livro, “A Voz do Arqueiro”, e ele parecia cada vez mais interessado na história, principalmente quando li em voz altas as cenas de sexo. Seu olhar pousou em mim com interesse.

— Então, o Archer era virgem — concluiu ele.

— Sim.

Ele olhou para a capa do livro com o cenho um pouco franzido, em seguida, olhou para mim.

— Será que eu também era virgem? — perguntou um pouco confuso. —

Porque eu nunca fiz amor com ninguém. Eu também nunca... Entrei no corpo de ninguém.

Eu não esperava por aqueles detalhes e senti um aperto no peito.

— Nunca?

— Nunca. Só entravam em mim, mas nunca fiz nada disso com ninguém — falou como se fosse uma coisa normal, o que não era. — Então, eu também era virgem, Amy?

— Sim, você era — falei, saindo da poltrona e indo me sentar no seu colo. Ele me amparou e pousou as mãos na minha bunda.

— Você também era — disse ele, olhando rapidamente para a minha boca. — Fomos os primeiros um do outro. Eu pensei nisso ontem, antes de fazermos amor.

— Jura?

— Sim. E quero que continue assim, Amy. Eu não quero que mais ninguém entre no seu corpo, só eu. E também não quero entrar no corpo de nenhuma outra mulher. Eu só quero você, Amy.

— Eu também só quero você — falei, colocando seu cabelo atrás da orelha, olhando cada detalhe do seu rosto. — Rage, você quer que eu tire a sua barba? — perguntei antes que pudesse pensar uma segunda vez.

— Você me quer sem barba? — perguntou um pouco surpreso.

— Eu te quero de qualquer jeito — ri. — Mas pensei que, talvez, você tivesse curiosidade de se ver sem a barba.

— Você tem curiosidade?

— Um pouco — admiti. — Mas sei que você vai ficar lindo, porque você *é* lindo.

— Então, eu quero tirar.

— Mas quer tirar por que você *quer* ou por que eu disse que estou curiosa? — perguntei, rindo um pouco. Ele me deu um sorriso lindo e apertou um pouco a minha bunda.

— Um pouco dos dois.

Resolvi não discutir mais.

— Então, pegue uma cadeira e vá para o banheiro. Eu vou pegar o kit de

barbearia do Hernandez — falei, já me levantando do seu colo.

— Ele não vai brigar?

— Não, ele confia em mim.

Rage se levantou e me deu um olhar profundo, que me arrepiou dos pés à cabeça.

— Não tem como não confiar em você, Amy.

Senti meu coração ficar pequenininho no peito e me estiquei nas pontas dos pés para beijá-lo na boca. Sua confiança em mim me exaltava, mas também me abalava, pois eu sabia que não estava sendo cem por cento honesta com ele. Quando eu fosse contar a verdade, no entanto, torceria para que ele conseguisse me entender.

Depois de pegar o kit de barbear do Hernandez, voltei para o meu quarto e encontrei Rage no banheiro. Com a sua ajuda, coloquei a cadeira perto da pia e, depois que ele se sentou, separei o que eu precisaria usar e comecei a trabalhar. Com uma toalha de rosto em seu peito e sua cabeça inclinada para trás, comecei a cortar a sua barba, pois estava longa demais para que eu pudesse usar a navalha.

— Já fez isso antes? — Rage perguntou quando terminei de cortar. Seu rosto já estava diferente ao meu ver.

— Já fiz a barba de Hernandez algumas vezes, mas a sua é bem maior que a dele — falei, pegando a espuma. — Está com medo de eu te machucar?

— Não, eu sei que você nunca me machucaria — falou, fechando os olhos quando comecei a espalhar a espuma pelo seu rosto.

Novamente, sua confiança me deixou tocada e um pouco arrasada, mas não me prendi àquilo e segui em frente. Concentrada, comecei a passar a navalha de leve no seu rosto, revelando alguns centímetros da sua pele. Rage estava muito tranquilo, com as mãos pousadas no colo, mas agora de olhos abertos e focados em mim. Eu podia sentir como seu olhar viajava do meu rosto para o meu decote e segurei um sorriso ao pensar que ele poderia estar ficando excitado, assim como eu.

Assim que terminei, peguei uma toalha menor, molhei na água morna que saía da bica e passei levemente pelo seu rosto. O resultado foi incrível e me senti arrebatada ao perceber que eu não havia errado em meu achismo; Rage

havia ficado lindo sem a barba. Seu maxilar era bem cortado, as bochechas eram masculinas e os seus lábios pareceram ainda mais cheios e vivos. Senti minha boca se encher d'água com o desejo de beijá-lo.

— Veja — falei, indicando o espelho atrás dele.

Rage se virou e ficou um tempo se olhando sem expressar absolutamente nada. Fiquei com medo de não ter gostado, mas fiquei quieta, dando um tempo para que ele se conhecesse naquela nova versão. Devagar, ele passou a mão pelo rosto, conhecendo suas feições através do tato, enquanto eu me coçava para saber o que ele estava pensando. Sem aguentar mais, perguntei:

— O que achou?

— É muito diferente — disse, olhando-me através do espelho. — Mas eu acho que gosto mais da barba.

Não pude deixar de sorrir ante a sua sinceridade. Eu amava aquela sua característica.

— Eu gosto dos dois. Sou suspeita para falar.

— Eu acho que posso deixar crescer, mas não precisa ficar grande demais, não é? Pode ser menor.

— Sim, nós podemos aparar quando ela estiver muito grande — falei, o abraçando por trás. — Agora você se conhece com e sem a barba e tem o direito de escolher se quer ficar com ela ou não. O nome disso é liberdade, Rage.

Ele me deu um sorrisinho emocionado e se virou para mim, tomando meu rosto em suas mãos.

— Eu gosto da liberdade, mas gosto ainda mais de ser livre com você.

— Você faz o meu coração disparar quando fala essas coisas — sorri, tocando agora em seu rosto sem pelos. Sua pele era sedosa e muito suave.

— O meu coração sempre dispara quando olho para você, Amy. Ainda bem que agora eu sei que isso é amor, porque, antes, eu ficava assustado e pensava que eu era doido.

Ele me fez rir alto daquela vez e fiquei toda boba quando o ouvi me acompanhar. Rage não ria muito, mas, quando o fazia, eu sentia vontade de fazer o mundo parar de girar só para eu poder apreciar sem a preocupação de que algo pudesse nos interromper. Sem palavras, me estiquei e o beijei,

estranhando um pouco a suavidade da pele contra a minha, quando antes eu sentia um pouco de cócegas por causa da sua barba.

Rage retribuiu meu beijo com mais intensidade, encostando-me na pia e pressionando-se contra mim, me fazendo sentir a sua ereção. Era como se ele só vivesse assim agora, excitado e com fome de mim. Seus beijos eram mais exigentes, carregados de luxúria, seu toque era íntimo, percorria meu corpo e seu amor parecia invadir a minha alma.

— Você ainda está dolorida, Amy? — ele perguntou com os lábios entre os meus. Eu estava, mas resolvi parar de ser cuidadosa comigo e o beijei com fome antes de responder.

— Eu quero você dentro de mim.

Acho que foi o suficiente, pois Rage não disse mais nada, simplesmente atacou a minha boca e levou as mãos ao meu short jeans. Eu gemi quando fiquei nua da cintura para baixo e desci a sua calça, tomando seu pau duro em minhas mãos, sentindo como estava quente, a cabeça melada, as veias saltadas e rígidas. Com as mãos em minha cintura, Rage me colocou sentada no balcão da pia e eu abri as pernas para acomodá-lo e recebê-lo. Seu gemido ecoou pelo banheiro quando coloquei a cabeça do seu pênis na minha abertura.

— Entre devagar — pedi e ele começou a me penetrar.

Foi bem diferente do que da primeira vez, apesar de ainda ser um pouco doloroso. Era como se o meu corpo já tivesse memorizado o corpo de Rage e consegui recebê-lo até o fim sem sentir um incômodo muito grande. Ele ficou parado lá dentro, esperando que eu me acostumasse com o seu tamanho e me beijou com amor, escorregando a mão para dentro da minha blusa para tocar o meu seio. Eu amava que ele fosse tão carinhoso, que, mesmo duro e cheio de desejo, ainda se preocupasse comigo.

— Vem. — Puxei a sua cintura de encontro ao meu corpo e ele começou a se movimentar devagar, gemendo baixinho entre os meus lábios. — Isso, Rage...

— Está gostoso? — perguntou com a voz rouca, apertando meu mamilo entre os dedos.

— Muito. Não para.

E ele não parou. Aumentou a velocidade quando percebeu que eu não sentia mais dor e mandou ver dentro de mim, fazendo meus olhos se revirarem com o prazer que me atingia. Era muito diferente do que ter os seus lábios ou dedos em minha vagina, agora, sem o incômodo, conseguia sentir como era mais intenso, eu me sentia cheia a ponto de explodir e, mesmo assim, queria mais, queria tudo.

Abri mais as pernas para o receber e Rage me inclinou para trás, fazendo com que eu apoiasse minhas costas no espelho. Naquela posição, ele pareceu ir mais fundo e nós dois gememos quando voltou a me penetrar, levantando minha blusa para poder abocanhar meu peito. Ele mamou com força, apertando minha cintura ao ponto de eu sentir que ficaria marcas, mas não senti dor, só prazer, principalmente quando parou e rebolou lá dentro, tocando em lugares que eu não tinha conhecimento ainda.

— Meu Deus, Rage... Isso é bom — gemi, arranhando sua nuca. Ele me olhou nos olhos e fez de novo. Pulsei tão forte, que fiquei à beira do orgasmo. — Faz de novo — pedi e ele fez. Estremeci e quando ele rebolou mais uma vez, comecei a gozar. — Estou gozando... Rage...

Ele voltou a me penetrar com força, olhando em meus olhos sem nem piscar e abriu a boca chamando o meu nome quando alcançou o orgasmo, esporrando dentro de mim. Percebi que sentir ele gozar era uma das melhores sensações que já havia experimentado, pois Rage não deixava de me encarar enquanto vinha, eu conseguia sentir o seu pau pulsar, sua voz saía rouca e seus braços tremiam ao me segurar. Foi incrível, maravilhoso e quando acabou, o acolhi em meus braços e o beijei com força.

Ele se afastou e passou a mão pelo meu rosto, tirando os fios grudados na minha testa.

— Eu não sabia que sexo podia ser bom dessa forma — falou com a respiração ofegante. — Por isso que as pessoas escrevem sobre sexo nos livros. É bom de ler e bom de fazer também.

Não pude deixar de rir ao ouvi-lo e tive que concordar.

— É verdade, é muito bom — murmurei, tocando em seu rosto. Estava fascinada pela sua pele macia.

— Quando o Mestre começou a me tocar, eu não entendia o que ele estava fazendo e nem porque, mesmo sem querer, uma parte de mim gostava — ele

contou de repente, sem aviso prévio. Senti meu sorriso morrer nos lábios e engoli em seco. — Eu ficava duro quando ele me tocava, mas eu não queria ficar, eu não queria gostar, mas era mais forte do que eu. Até hoje eu não entendo porque isso acontecia.

— Era o seu corpo respondendo, Rage, mesmo contra a sua vontade — expliquei sentindo dor no meu coração. Como eu queria que Rage não tivesse passado por aquilo! — Você disse que foi sequestrado com dez anos, não foi?

— Sim.

— Então, você estava prestes a entrar na puberdade. A puberdade é a transição entre a infância e a adolescência e, nessa época, o nosso corpo está cheio de hormônios, que estão trabalhando para nos transformar em adultos. As meninas têm a primeira menstruação, os meninos começam a ter as primeiras ereções e os corpos de ambos começam a se preparar para a vida sexual, que será iniciada dali a alguns anos. Foi por isso que o seu corpo respondeu ao toque daquele homem, mesmo que, conscientemente, você não quisesse.

Ele me ouviu com atenção e ficou um pouco embaraçado.

— Eu não queria mesmo — disse baixinho. — Por muito tempo, ele me tocou e eu senti algo parecido com prazer, mas, conforme o tempo foi passando, eu aprendi a bloquear a minha mente e quando ele tocava em mim, eu não ficava mais duro. Aquilo o enfurecia muito, ele sempre me batia, mas não adiantava, eu não dava o que ele queria. Eu me negava, Amy. Então, ele começou a me dar algo que chamava de remedinho. Era uma droga que me deixava duro em segundos, doía demais e, mesmo depois que ele me fazia gozar, eu continuava duro. Ele aproveitava esses momentos para fazer tudo o que queria comigo. Eu odiava, mas a outra droga que o homem mau me dava, me incapacitava, eu não conseguia fazer com que ele parasse. Era muito ruim, Amy, mas, depois, ficou pior. Eu nunca vou esquecer da primeira vez que ele entrou em mim por trás, nem da primeira vez que permitiu que outros homens me tocassem.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas ao ouvir tudo o que me dizia, mas não me permiti chorar, com medo de que ele achasse que eu estava sentindo pena dele, por mais que, no fundo, eu realmente estivesse. Doía muito saber de tudo o que ele tinha passado, mas ouvir... Ouvir era mil vezes

pior. Mesmo assim, deixei que ele desabafasse e acariciei o seu peito quando ele olhou para baixo e voltou a falar:

— O Mestre só deixou outros homens tocarem em mim quando fiquei maior, quase adulto. Durante anos, eu não saí do quarto escuro para nada, mas, então, um dia, um dos homens maus do Mestre me drogou, colocou um capuz preto na minha cabeça e me arrastou. Eu não vi nada, fiquei muito tempo com aquele capuz na minha cabeça, até que o tiraram de mim e eu não estava mais no quarto escuro e, sim, em uma sala. Bem, eu acho que era uma sala, porque tinha sofás, poltronas e muita luz. O Mestre apareceu, me colocou nas minhas mãos e joelhos e colocou um negócio na frente da minha boca. Ele disse que era uma focinheira e me mandou ficar quieto. Eu queria me levantar dali, queria lutar e apertar o pescoço dele até que ele caísse morto aos meus pés, mas a droga não deixava que eu me movesse. Eu conseguia ouvir tudo, sentir tudo, mas não conseguia sair do lugar ou falar nada. Por horas eu fiquei daquele jeito, igual um cachorro no meio da sala, enquanto homens e mais homens chegavam e ficavam me observando. Quando começaram a se despir, eu senti o meu coração disparar.

— Ah, Rage... — murmurei, sem conseguir me conter.

Eu queria fazer tantas coisas naquele momento. Queria abraçá-lo e o proteger do mundo todo, queria enfiar minha mão dentro da sua cabeça e arrancar aquelas memórias dolorosas, queria curar o seu coração. E o sentimento mais forte de todos: queria matar o meu pai.

— Eu entendi na hora o que ia acontecer e nem pude fugir. Não pude fazer nada, Amy, nada! Eu me senti tão incapaz, tão sozinho e humilhado! Aqueles homens estavam ali para me usar como se eu não fosse nada, como se eu não fosse uma pessoa. Foi a primeira vez que eu realmente entendi o que era ser um “cãozinho” do Mestre. Quando eles começaram a me tocar, eu quis morrer — disse ele, olhando-me com os olhos cheios de lágrimas. Podia sentir o seu sofrimento, mas também a sua raiva.

— Eu sinto muito — sussurrei, puxando seu rosto para mim.

Beijei seus lábios, suas bochechas molhadas pelas lágrimas que ele começou a derramar, sua testa, seus olhos fechados. Beijei seu rosto todo, querendo que ele sentisse cada beijo em seu coração. Quando terminei, ele encostou a testa na minha e continuou de olhos fechados, chorando em

silêncio. Não pude conter as minhas próprias lágrimas e o acompanhei, sentindo sua dor atravessar a minha alma.

— Me machucaram muito naquele dia, mas teve um homem em especial que foi pior do que todos os outros juntos. Ele foi o primeiro a me pegar por trás e usou tanta violência, que pensei que eu ficaria sem andar por vários dias. O Mestre já tinha sido violento comigo, mas não como aquele homem. Quando ele saiu de dentro de mim, eu quase desmaiei, mas me obrigaram a ficar acordado. Não aguentei por muito tempo e, quando acordei de novo, eu já estava no quarto escuro. O Mestre me surrou por eu ter sido fraco e eu nem tentei me defender, primeiro porque as drogas não deixavam e, segundo, porque todo o meu corpo doía. Eu só conseguia pensar que não queria viver aquilo de novo, nunca mais, mas aquela foi apenas a primeira vez. O Mestre passou a me levar para vários outros lugares, com inúmeros homens, mas o que me tratou com mais violência na primeira vez, sempre estava lá. Ele era sempre o primeiro a me pegar por trás.

Fiquei chocada ao ouvir aquilo. Já não bastava tudo que ele passava nas mãos do meu pai, ainda existia outro homem que o tratava de maneira pior? Fiquei devastada.

— Você se lembra de como era esse homem?

— Eu nunca vou me esquecer. Ele era branco, alto, tinha os olhos castanhos e sempre me olhava com raiva. Era como se ele quisesse me castigar. Seus cabelos eram escuros e ele não tinha barba. Sempre usava terno e se despia olhando nos meus olhos e me xingando.

Meu coração se comprimiu contra o meu peito e senti vontade de vomitar quando constatei que eu conhecia o homem de quem ele estava falando. A lembrança nítida de Harry penetrando violentamente o ânus de Rage na sala privada da boate em Nova York, voltou a minha mente.

— Meu Deus... — murmurei, engolindo a bile em minha garganta. Senti Rage me segurar pelos ombros quando meu corpo ficou mole sobre a bancada.

— Amy? Amy, o que você tem?

Não era possível. *Não era possível!* Não bastava Rage ser torturado e mantido em um cativeiro pelo meu pai desde que era uma criança, ele também tinha que ser constantemente estuprado pelo homem que havia se

tornado o meu *noivo*? Mesmo que eu não desse a mínima importância para aquele enlace, ele era mais uma pessoa na minha vida que havia maltratado Rage. Por mais que eu tivesse visto aquela cena horrorosa na boate de Nova York, jamais tinha passado pela minha cabeça que ele estuprava Rage com frequência, a ponto de Rage ter *gravado* as suas feições.

Mesmo que, conscientemente, eu soubesse que não tinha culpa em nada do que havia acontecido a Rage, o fato de aquele homem que tinha o maltratado ser meu noivo e de o seu principal carrasco ser o meu pai, me cobria de vergonha, dor, culpa e decepção.

— Amy? — Rage tocou o meu rosto e eu pisquei duas vezes, focando meus olhos nele. Pude ver a sua preocupação. — O que você tem? Foi por causa do que eu contei? Desculpa, eu...

— Não! Não peça desculpas, Rage, nunca! Você não é o culpado de nada, eles são! — Meu "noivo" era, meu *pai* era, não ele. — Nós vamos colocar esse homem na cadeia também, ouviu? Eu prometo a você!

— Como? Você o conhece?

— Eu... Não, não o conheço — menti, sentindo-me péssima, mas prometi a mim mesma que, quando eu contasse que Maximus era meu pai, contaria também que Harry era meu ex-noivo. — Mas ele também será preso. Eu juro.

— Se apenas o Mestre for preso, eu vou ficar feliz. Só quero que a justiça seja feita, Amy.

— E será, Rage. A justiça vai ser feita — falei, tomando seu rosto em minhas mãos. — Você nunca mais vai sofrer nas mãos daqueles homens, Rage. Nunca mais.

Ele fechou os olhos e assentiu, recebendo meu beijo em sua boca. Ele acreditava fielmente em minhas palavras e eu pedi a Deus para que eu conseguisse cumprir cada uma das promessas que havia feito para ele.

Capítulo 28

Rage

Precisei tomar um banho depois de Amy ter feito a minha barba, pois tinha pelos em todas as partes do meu corpo. Enquanto eu me enxaguava, fiquei a observando guardar tudo o que havia usado em mim e limpar o chão do banheiro com uma vassoura e uma pá. Ela estava linda e eu não conseguia olhar para ela ou para o seu corpo e não sentir desejo de fazer amor com ela de novo. Fiquei me perguntando se aquilo era normal, pois eu estive dentro do seu corpo há menos de meia hora e já sentia meu pau ficar duro novamente.

Obriguei-me a ficar calmo e consegui aplacar o desejo mudando a temperatura da água. Assim que terminei, enrolei-me na toalha e Amy me olhou com um sorriso pequeno nos lábios, que não parecia ser verdadeiro. Ela havia falado muito pouco depois que terminei de contar as coisas que o Mestre havia feito comigo. Era como se estivesse muito triste e eu fiquei culpado por ter aberto a minha boca. O que eu tinha na cabeça? Amy não merecia saber daquelas coisas ruins, porque ela era boa e me amava.

Acontece que, depois de ter me visto sem a barba, senti-me muito exposto. Foi uma sensação muito ruim, como se, de repente, eu estivesse me enxergando de verdade, junto com todas as minhas cicatrizes. Fiquei com medo de que Amy também estivesse vendo tudo aquilo, mas, depois que fez amor comigo e me tocou com amor, entendi que, talvez, ela até pudesse ver, mas não me julgava, não me diminuía. Isso me deixou à vontade e, antes que eu pudesse me conter, já estava compartilhando com ela parte da dor que eu carregava na minha alma.

Não sabia que aquilo a afetaria tanto. Eu gostava de ver Amy sorrindo, alegre, falando comigo e não daquela forma, como se estivesse deprimida. Sem dizer nada, a puxei para mim e tomei seu rosto em minha mão. Seu corpo estava quente e se grudou ao meu.

— Não quero que fique triste — falei com a voz séria, olhando em seus olhos.

— Não tem como não ficar triste ao saber de tudo o que você sofreu, Rage.

— Já passou. Não quero que fique pensando nisso. Desculpa por ter contado.

— Não peça desculpas, você pode me contar tudo o que você quiser — disse ela. — Eu só queria ter o poder de tirar essas lembranças da sua cabeça, sabe? Queria poder diminuir a sua dor e o seu sofrimento.

— Mas você diminui, Amy. Quando estou com você, eu não sinto dor e nem solidão — falei, porque era verdade. — Parece que você cura tudo o que está machucado dentro de mim. Como na noite passada. Eu estava sofrendo, mas você entrou no banheiro, me abraçou e cantou baixinho no meu ouvido, até a minha dor diminuir.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela me olhou com uma expressão surpresa.

— Verdade?

— Sim. Eu jamais mentiria para você. Não gosto de mentiras.

Ela ofegou baixinho e me abraçou, escondendo o rosto no meu peito. Pude sentir que ela chorava, mas não sabia mais o que falar para fazer com que ela deixasse de ficar triste, por isso, apenas a segurei e acariciei o seu cabelo. Não era muito, mas era o que eu sabia fazer. Não sei por quanto tempo ficamos daquele jeito, mas, em algum momento, ela se afastou e secou as lágrimas com as pontas dos dedos.

— Não vou mais ficar triste, prometo — disse ela, me dando um sorriso um pouco mais verdadeiro do que o anterior. — O que você quer fazer agora? Já anoiteceu e está muito frio, então, não dá para irmos lá fora, mas podemos fazer alguma coisa legal aqui dentro de casa.

A primeira coisa que veio a minha mente foi “fazer amor”, mas não deixei que as palavras saíssem pela minha boca. Parecia que eu estava viciado naquilo e Amy certamente iria se assustar. Como não tive ideia alguma do que poderíamos fazer além daquilo, dei de ombros e Amy sorriu.

— Vou pegar uma roupa para você e depois a gente decide — falou, me

dando um beijo na boca antes de me deixar sozinho banheiro.

Enquanto esperava, evitei olhar no espelho, pois ainda era estranho enxergar cada detalhe do meu rosto com tanta nitidez. Eu realmente preferia ficar com a barba. Pude ouvir os passos de Amy pelo quarto silencioso e meu coração pulou no peito quando ouvi duas batidas na porta. O primeiro pensamento que me invadiu, foi de que poderia ser um daqueles homens que eu não gostava, mas fiquei tranquilo ao ouvir a voz grave de Hernandez. Segundos depois, Amy entrou no banheiro e me deu as roupas.

— Vou te esperar aqui fora.

Ela saiu e eu me vesti rapidamente, ouvindo a voz dela e de Hernandez, mas não conseguindo entender direito o que falavam. Penteei meu cabelo de qualquer jeito e logo saí do banheiro, encontrando Hernandez sentado na poltrona onde eu havia passado aquela tarde. Ele me olhou com surpresa e eu fiz o mesmo ao ver que seu braço não estava mais imobilizado.

— Rapaz, parece que você ficou cinco anos mais jovem! — Ele disse, levantando-se para me olhar, mas sem se aproximar. — Gostou dessa sua nova versão?

— Prefiro a barba — falei com sinceridade. — Seu braço já está bom?

— Quase. Preciso passar por umas sessões de fisioterapia, mas, em breve, ele estará como novo.

— Como novo é um pouco difícil, porque você já é senhor de idade — Amy brincou e eu não pude deixar de sorrir. Hernandez olhou para ela com uma sobrancelha arqueada.

— Você fala isso porque não sabe quantas namoradas eu tenho.

— Você tem namoradas, Hernandez? — perguntei um pouco chocado.

— Tenho. Por quê? Também acha que sou um senhor de idade? — Ele perguntou em um tom sério, mas pude ver que estava brincando.

Olhei para ele por alguns segundos. Hernandez não parecia, nem de longe, ser um senhor, apesar de aparentar ser pelo menos dez anos mais velho do que eu e muitos anos mais velhos do que Amy. Ele tinha os cabelos castanhos claros, uma cor mais fechada do que o de Amber e algumas rugas embaixo dos olhos.

— Não, mas eu nunca vi nenhuma namorada sua por aqui — respondi.

— É porque estamos isolados no meio de uma floresta. Me coloca em uma festa cheia de mulheres para ver se elas não caem aos meus pés.

A risada de Amy ecoou pelo quarto e eu senti meu coração inflar no peito. Era bom vê-la rir daquele jeito, depois de ter ficado tão triste com o que eu havia contado sobre o meu passado nas mãos do Mestre. Naquele momento, senti vontade de agradecer ao Hernandez por fazê-la sorrir e senti ele subir um pouco mais no meu conceito. Ele fazia bem a ela.

— Você acredita mesmo nisso, não é? — Amy perguntou.

— É a realidade, menina — ele disse, mas, por fim, sorriu e balançou a cabeça. Segundos depois, voltou a ficar sério, como de costume. — Rage, Amy comentou comigo sobre as lembranças que você tem da sua família e eu fiz uma pesquisa rápida com as informações que você passou a ela.

Senti meu coração disparar e Amy veio para o meu lado, pegando a minha mão.

— Falei com Hernandez, porque sabia que depois ele poderia passar as informações para o detetive. Deixei claro que você só queria que o detetive procurasse pela sua tia quando o Mestre fosse preso, mas Hernandez disse que poderia pesquisar e ver se encontrava alguma coisa.

— E encontrei — Hernandez disse, chamando a minha atenção.

— O que você encontrou? — perguntei.

— Pesquisei, primeiramente, pelo seu pai e pela sua mãe. Foster é um sobrenome muito comum, fiquei com medo de não achar nada, mas acabei descobrindo sobre uma pintora em ascensão, que foi brutalmente assassinada em sua própria casa, em Nova York, depois de uma tentativa de assalto, e teve o filho sequestrado — Hernandez disse. — O nome do filho dela era Rage Foster.

Hernandez tirou um papel do bolso e entregou a mim, mas as minhas mãos tremiam e eu quase deixei cair. Sem consegui ficar de pé, me sentei na cama e Amy sentou-se ao meu lado, acariciando o meu braço enquanto eu tentava ler o que estava escrito. Era uma reportagem de jornal, mas o papel era diferente em meus dedos e a impressão não era muito boa, mesmo assim, eu consegui ler por alto algumas coisas e senti meu coração travar na garganta quando vi a foto de uma mulher no canto da página.

— É ela — sussurrei, apontando para foto. — É a minha mãe.

— Oh, meu Deus, Rage! — Amy falou ao meu lado, passando a mão pelo meu peito. — Tem certeza?

— Sim, eu tenho.

Eu jamais esqueceria do rosto da minha mãe. Seus cabelos claros, os olhos azuis e delicados, seu sorriso doce... Estava tudo bem ali, naquela foto, embaixo de uma manchete que dizia que a nossa casa havia sido invadida por bandidos e que, ao descobrirem que minha mãe estava em casa, a assassinaram com um corte no pescoço.

"Eu sabia que precisava ter você. Sua mãe era só um obstáculo no meu caminho e sabe o que faço com obstáculos, menino? Eu os destruo. Foi o que fiz com a sua mãe. Ela ficou linda toda destruída e com o pescoço aberto, jorrando sangue. Foi uma das cenas mais bonitas que já vi."

Não consegui mais segurar a folha em minhas mãos e ela caiu no chão quando a voz do Mestre invadiu a minha cabeça. Por muitos anos, eu repeti as suas palavras para alimentar o meu ódio, mas, naquele momento, senti muito mais do que raiva, senti tristeza. A mesma tristeza que me invadiu quando ele me contou aquilo pela primeira vez.

— Rage... — Amy puxou o meu rosto e seus olhos úmidos entraram em meu campo de visão. — Eu sinto muito. Eu sinto muito, meu amor.

Eu assenti, sem saber ao certo o que falar. No jornal, eles diziam que tinha sido uma tentativa de assalto, mas era mentira. Era tudo mentira!

— Foi o Mestre, não foi um assalto — falei com a voz presa em um nó. — Ele me disse que matou a minha mãe com um corte no pescoço, porque ela era um obstáculo para que ele pudesse chegar até mim.

— Meu Deus! — Amy fechou os olhos e balançou a cabeça, como se não pudesse acreditar.

— Ele deve ter planejado muito bem para que isso parecesse uma tentativa de assalto, Rage. Foi como a polícia entendeu tudo o que aconteceu. Seu rosto também estampou vários jornais por meses e tinha até recompensa para quem achasse você. Foi por meio dessas manchetes, que eu descobri um pouco mais sobre a sua tia. O nome dela é Sabrina O'Neal e, depois que a mídia parou de dar atenção para o seu desaparecimento, ela começou a te

procurar sozinha. Pesquisando um pouco mais sobre ela, descobri que ainda está viva e que hoje é dona de uma das maiores galerias de artes em Nova York.

Hernandez me deu mais alguns papéis, novamente com matérias de jornais. Pude ver o meu rosto em um deles e, por muito pouco, não me reconheci. Eu era apenas uma criança. Foi difícil me ver naquele menino de olhos risonhos.

— Você era lindo, Rage — Amy murmurou ao meu lado, passando o dedo pela minha foto.

Eu não consegui dizer nada e, trêmulo, vi as outras folhas. Em uma delas, tinha a foto de uma mulher muito parecida com a minha mãe.

— É a minha tia — falei, olhando para Hernandez. — Como conseguiu descobrir tudo isso?

— Hoje em dia existe algo chamado internet, rapaz. A gente consegue descobrir quase tudo nela — falou. — E como o assassinato da sua mãe repercutiu na época, assim como o seu desaparecimento, não foi difícil achar matérias de jornais. Por sorte, sua tia também é uma mulher conhecida hoje em dia e foi fácil localizá-la.

— Está vendo, Rage? Achamos a sua tia — Amy disse, pegando a minha mão. — Eu disse para você que iríamos conseguir.

Eu assenti apenas, pois não sabia exatamente o que sentir. Uma parte de mim estava eufórica com a possibilidade de eu ainda ter algum parente vivo, mas a outra parte estava cheia de medo do que eu poderia encontrar lá na frente. E se a minha tia não me quisesse mais? Se achasse que eu estava morto? Se não acreditasse que eu realmente era o seu sobrinho? E o primordial: se eu não conseguisse me adaptar naquele mundo e não conseguisse criar laço algum com ela? Eram muitas perguntas, muitas possibilidades.

— Sobre o assassinato do seu pai, eu não consegui encontrar muita coisa, Rage. Apenas que ele era contador e foi encontrado morto, meses antes do assassinato da sua mãe, em um beco no Bronx. Parece que ele ficou desparecido por algumas semanas e que seu corpo estava praticamente irreconhecível, já em decomposição. Ele foi identificado por conta da arcada dentária.

Eu não sabia o que era pior, ouvir aqueles detalhes, ou continuar na ignorância, com a minha mente livre para criar diversas fantasias sobre a morte do meu pai e da minha mãe. Senti Amy apertar minha mão e entrelacei os meus dedos nos dela.

— Mestre disse que o meu pai o traiu e, bem, vocês sabem que ele não perdoa traidores — falei, olhando para a mão de Amy na minha. — Eu só não entendo o que o meu pai tinha a ver com o Mestre. Por que ele se envolveu com um homem tão ruim? O meu pai não era ruim para mim.

— Ele era contador, então, deve ter trabalhando para o seu pai na área de contabilidade ou algo do tipo. Talvez, possa ter começado a roubá-lo, desviar dinheiro... Há inúmeras possibilidades, Rage — Hernandez disse.

— Verdade, mas não se agarre a isso, Rage, se agarre ao fato de que a sua tia está viva e que ela passou muitos anos procurando por você. Ela queria te encontrar, talvez ainda queira.

— Deve achar que eu estou morto.

— Ou talvez ela não tenha perdido a esperança de te encontrar um dia — Amy disse. — Vai querer ir até ela depois que Maximus for preso?

Pensei que a minha primeira reposta seria sim, mas, a verdade, era que eu não sabia. Agora que tinha a certeza de que minha tia estava viva, que passou muito tempo me procurando, eu não sabia mais se queria que ela me achasse. Sentia uma espécie de medo, uma incerteza no peito, minha cabeça estava confusa. Meu maior receio, era o de desapontá-la. O que ela pensaria de mim quando soubesse de tudo o que eu havia passado?

— Não precisa responder agora, rapaz, você ainda tem tempo para pensar — Hernandez disse, chamando a minha atenção. — Ninguém vai pressioná-lo a nada. Vamos fazer o que você quiser que a gente faça.

— Isso mesmo — Amy concordou, apertando a minha mão.

— Vou passar tudo o que descobri para Juarez. Sei que você queria que ele investigasse sobre a sua tia depois que prendesse Maximus, Rage, mas acho importante que ele tenha em posse essas informações, justamente para que possa investigar sobre os assassinatos dos seus pais. Se ele descobrir alguma coisa que ligue as mortes ao Maximus, será mais um crime que ele pagará na cadeia.

— Juarez? Quem é?

— O detetive — Amy respondeu.

— Ah, tudo bem, pode passar tudo para ele — falei. — Espero que ele descubra alguma coisa, principalmente sobre a ligação do meu pai com o Mestre.

— Vamos torcer para que ele descubra — Hernandez disse. — Bom, vou deixá-los a sós. Qualquer coisa, é só me chamar.

Pegando seu kit de barbear, Hernandez acenou com a cabeça e saiu do quarto.

— Como você está se sentindo? — Amy me perguntou.

— Eu não sei. Estou muito confuso, na verdade. Não sei o que pensar.

— É compreensível, é muita coisa para assimilar ao mesmo tempo — disse ela, levantando-se de repente. — Tenho algo para te dar, espere só um minuto.

Ela foi até a mesa no canto do quarto e mexeu em uma sacola que eu não tinha visto antes. Segundos depois, voltou para perto de mim com uma pasta na mão.

— Você me disse que gostava de desenhar quando era pequeno, lembra?

— Sim.

— Então, Hernandez foi à cidade hoje para tirar a tipoia do braço e eu pedi para que ele trouxesse alguns lápis e papéis para você — disse ela, me dando a pasta. — Não é muita coisa, não sei exatamente de que tipo de lápis um desenhista precisa, mas achei que você fosse gostar.

Senti o nó intenso no meu peito abrandar com aquele presente e as palavras de Amy. Com medo de danificar a pasta com a minha ansiedade, abri devagar e encontrei vários papéis de tamanhos diferentes, bem como um kit com lápis de várias cores e tamanhos.

— Amy... — murmurei, mas eu não sabia o que dizer.

— Gostou? — Ela me olhava com ansiedade e expectativa.

— Eu amei. É... Desculpa, eu não sei o que falar. — Me sentia um bobo por não conseguir expressar como estava me sentindo naquele momento. Mesmo assim, eu tentei. — Seu presente acalmou a tempestade que as

últimas descobertas estavam causando aqui — apontei para o meu peito.

— Rage... — Ela sorriu e se sentou no meu colo. Com cuidado, coloquei a pasta ao meu lado na cama e a segurei pela cintura. — Eu só quero que você seja feliz. Pensei que voltar a desenhar te faria bem.

— Eu acho que vai fazer, mas não sei se eu ainda consigo desenhar alguma coisa.

— Você só vai descobrir se tentar — ela disse, encostando os lábios nos meus. — O que vai querer desenhar?

— Você. Nua. — Sorri e pude ver os seus olhos arregalados.

— Está brincando, não é?

— Por enquanto, sim, mas se eu conseguir desenhar alguma coisa, depois, vou querer desenhar você — falei, tocando o seu rosto. — Você vai deixar?

— Você ainda pergunta? É claro que sim!

Não pude deixar de sorrir quando ela me beijou e pensei, novamente, em como apenas Amy conseguia acalmar o meu coração, mesmo que o maior furacão do mundo estivesse dentro de mim.

Capítulo 29

Amber

Um mês se passou em um piscar de olhos.

Nesse meio tempo, Rage e eu ficamos mais próximos do que nunca, era como se não conseguíssemos ficar longe um do outro nem por um segundo. Com a certeza de que meu pai não chegaria de surpresa a qualquer momento, tomei a liberdade de mostrar a Rage os outros cômodos da casa que fossem além dos quartos, da sala e da cozinha. A mansão era enorme e tinha até mesmo uma piscina — que era impossível de ser usada naquela época do ano, por mais que fosse aquecida —, mas o que realmente aproveitamos, foi o salão de jogos e a sala de cinema.

Rage ficou encantado com o telão enorme e as oito poltronas confortáveis, de veludo vermelho. Também tinha uma pequena máquina de pipoca e comemos até não aguentarmos mais. Ele riu muito com o filme de comédia que escolhi e a cada vez que escutava a sua risada, sentia meu coração inflar no peito de tanto amor e alegria. Jamais conseguiria colocar em palavras tudo o que eu sentia por aquele homem e como ficava feliz por vê-lo feliz, mesmo que fosse com tão pouco. Quando o filme acabou, não consegui me segurar e fui pra cima dele com tudo, beijando a sua boca, tocando o seu corpo, muito emocionada para expressar com palavras o que eu estava sentindo. Fizemos amor no meio da sala escura do cinema, comigo cavalgando sobre o seu colo até me perder em prazer.

Fazer amor, aliás, era algo que estávamos viciados — Rage ainda mais do que eu, tinha que ser sincera. Parecia que ele não conseguia manter suas mãos longe de mim e, quando eu estava cansada ou dolorida demais para fazer amor de novo, ele não se sentia frustrado, simplesmente metia o rosto entre as minhas pernas e me fazia enlouquecer até chegar ao orgasmo, depois subia pelo meu corpo e gemia em minha boca até gozar por toda a minha barriga, enquanto eu o masturbava.

Nossos dias eram recheados de emoções e nenhum deles era monótono, principalmente agora que tínhamos liberdade para tocar um ao outro, para conversar sobre tudo e também sobre nada. Às vezes Rage simplesmente queria ficar quieto, passando a mão pelo meu corpo e sobre o meu rosto, outras vezes, ele queria conversar, me perguntava algumas coisas sobre o mundo lá fora ou me contava alguns detalhes sobre o seu passado doloroso nas mãos do meu pai. Nesses momentos, eu sentia minha alma se encolher de dor e de vergonha por ser filha daquele monstro e a cada vez mais eu me perguntava se havia feito a coisa certa ao mentir para Rage.

Meu maior medo, agora, era de que ele não conseguisse me perdoar ou que não entendesse o porquê de eu ter mentido. Nunca foi com o intuito de o enganar e, sim, de não o afastar. Ele estava aprendendo a confiar em mim, eu não podia arriscar. Agora que ele confiava totalmente, eu sentia medo de como ele poderia se sentir. Certamente, se sentiria traído, ficaria com raiva e eu entenderia e faria de tudo para que ele acreditasse que não foi por mal. Lutaria para ganhar o seu perdão.

Meu coração doeu com esse pensamento e tirei os olhos do livro que estava lendo para poder olhar para ele. Rage estava concentrado sentado na poltrona a minha frente, passando o lápis pelo papel. Ele vinha desenhando algumas coisas desde que eu dera a ele o kit de desenho há algumas semanas. Seus primeiros desenhos não fizeram sentido e ele se sentiu um pouco frustrado, mas, aos poucos, seus traços foram ganhando formas impressionantes. Seu primeiro desenho completo foi de um grande quintal com três árvores. Ele havia me dito que era a lembrança mais vívida que tinha da casa onde morava com os seus pais. O desenho era meio sombrio, pois ele havia feito os traços com o lápis preto e as árvores eram grandes e frondosas.

Depois desse desenho, ele foi aprimorando ainda mais e já restavam poucas folhas em branco na pasta. Fiz um lembrete mental para pedir a Hernandez que comprasse mais folhas quando fosse à cidade para a sua próxima sessão de fisioterapia.

— O que está desenhando dessa vez? — perguntei baixinho para que ele não se assustasse. Rage me olhou e arqueou uma sobrancelha.

— Você já vai ver.

— Não vai me contar? — perguntei um pouco chocada e ele balançou a cabeça de um lado para o outro, sorrindo de leve enquanto voltava a desenhar. — Por quê?

— Porque é surpresa.

— Agora eu estou morrendo de curiosidade.

Ele me deu um sorriso completo, com dentes e tudo e eu quase morri do coração. Estava lindo demais com a barba já completa, preenchendo todo o seu rosto, mas não o escondendo de mim. Infelizmente, eu sabia que teria que deixá-la crescer ao tamanho anterior, apenas por precaução, mas isso não fazia com que Rage ficasse feio. Nada no mundo poderia arrancar a beleza daquele homem.

— Não vou contar o que é só porque você está curiosa. Vai ter que esperar.

— Ok, artista, eu espero — sorri para ele, voltando a ler o meu livro.

Mergulhei no romance, mas, de tempos em tempos, eu olhava para ele para a expressão séria e intensa em seu rosto. Ele estava usando apenas o lápis preto novamente — já havia percebido que era o seu favorito —, mas tinha certeza que, mesmo sem cor, o desenho seria lindo, principalmente porque ele estrava trabalhando nele há mais de duas horas. Rage nunca havia demorado tanto para finalizar um desenho. Por fim, ele largou o lápis em cima da mesa do sofá vazio ao seu lado e me pegou no flagra olhando para ele.

— Ainda ansiosa?

— Muito — falei, fechando o livro. — O que você desenhou?

— Senta aqui para você ver — pediu, dando dois tapinhas na própria na coxa.

Ele nem precisou pedir uma segunda vez, logo corri e me acomodei em seu colo. Ao longo daquelas semanas, percebi que aquele era o meu segundo lugar favorito, o primeiro era me deitar entre os seus braços. Rage escondeu o desenho de mim quando tentei pegar.

— Ei, não vale! — reclamei em meio a um sorriso.

— Espera, me deixe falar algumas coisas antes.

— Está bem, eu seguro a minha ansiedade.

— Primeiro, quero que saiba que esse foi o desenho mais especial que já fiz até hoje — disse ele, me dando um sorrisinho. — E que lutei muito para conseguir ser fiel à minha memória. Não sei se consegui, mas espero que você goste.

— Já sei que vou amar — falei com sinceridade. — Agora, por favor, me deixe ver!

Com um sorriso, ele me entregou o desenho e eu peguei a folha da sua mão, sentindo meu coração disparar no peito. Por um momento, não acreditei que eu estava realmente olhando para um desenho e, sim, para uma foto. Uma foto minha. Enquanto observava os detalhes, a perfeição de cada traço, fui levada ao passado e entendi o momento que Rage retratou naquele pedaço de papel. Foi a primeira vez que ele me viu. Só tinha o meu rosto e a minha mão no desenho, era como se eu estivesse deitada de lado, com os olhos cheios de lágrimas e minha mão estava sobre o rosto de uma outra pessoa. Essa pessoa era Rage, mas ele não havia se desenhado, o rosto sob a minha mão era apenas uma silhueta. Nunca vi algo tão realístico e tão delicado.

— Rage... — murmurei o seu nome, mas me calei logo depois, pois eu estava completamente sem palavras. Não conseguia nem piscar.

— Nunca vou esquecer do que senti quando te vi pela primeira vez — ele disse baixinho ao meu lado. Tive que olhar para ele, por mais que o desenho estivesse me prendendo. Rage olhava diretamente para os meus olhos. — A primeira coisa que pensei, foi que eu tinha morrido e que estava no céu, olhando para um anjo. Você parecia um anjo, Amy, de tão linda que era. Meu coração deu uma guinada no peito, foi como se ele tivesse parado e, depois, voltado a bater com tudo. Eu não queria nem piscar, só queria olhar para você, mas quando você sussurrou o meu nome e eu percebi que eu não havia morrido, que aquilo era real, só consegui pensar que o Mestre havia enviado você para me enganar e que, assim como os homens maus, você era o inimigo. Foi por isso que agarrei o seu pescoço e tentei te matar — ele sussurrou ao final. — Nunca vou me perdoar pelo o que eu fiz.

— Rage, por favor, não se culpe. Você não sabia quem eu era, agiu para se defender.

— Eu deveria saber. Uma mulher como você, que me olhava com tanta gentileza, que me tocava com cuidado, não poderia ser má.

— Eu não culpo você por ter feito o que fez. Eu nunca culpei. Não quero que se sinta assim, por favor — falei, tocando em seu rosto. — Eu nem sei o que te dizer sobre esse desenho, ele é... Perfeito. Mas "perfeito" não parece ser um adjetivo bom o suficiente para descrevê-lo. É como se eu estivesse olhando para uma foto, tamanha a riqueza de detalhes. Tem noção do dom lindo que você tem?

Ele me deu um sorriso tímido.

— Você gostou mesmo?

— Gostar é muito pouco, eu amei. Quero emoldurar e olhar para ele para sempre — sorri.

— Ele é seu, pode fazer o que quiser — disse ele, tocando em meu cabelo. — Eu disse que, se eu realmente ainda conseguisse desenhar, eu iria desenhar você. E desenhei.

— Disse que iria me desenhar nua — lembrei, rindo.

— Mas eu vou desenhar mesmo, esteja preparada para isso — falou me dando um sorriso. — Eu sinto como se expressasse melhor os meus sentimentos no desenho do que em palavras, foi por isso que quis desenhar a primeira vez que te vi, pois, nem se eu tentasse, conseguiria descrever o que senti.

Fiquei emocionada ao ouvir as suas palavras e soube que ele tinha razão. Rage vinha usando os desenhos para colocar para fora tudo o que sentia. Quando me mostrou o desenho do quintal da sua casa, entendi que teve que desenhar aquilo, pois a saudade que sentia daquele tempo, a dor que carregava por ter tido a vida roubada, era grande demais para que ele suportasse sem colocar para fora. Depois ele desenhou a silhueta de uma mulher pintando um quadro e me disse que era sua mãe, também desenhou a silhueta de um casal abraçado e me disse que eram os seus pais. Essas lembranças borradas, mas vivas dentro dele, paravam na ponta do seu lápis sobre o papel descarregavam o seu peito cheio de emoções e sentimentos que ele não sabia ao certo como expressar.

— Seus desenhos mostram que, mesmo que o Mestre tenha roubado vinte anos da sua vida, ele não conseguiu roubar o seu talento e a sua sensibilidade. Se expressar em palavras é muito fácil perto disso aqui — falei, apontando para o desenho que ele havia acabado de fazer. — Isso aqui é um dom que

Deus dá para pessoas especiais e você é mais do que especial, Rage. Você é um homem forte, amoroso, corajoso e altruísta. Tem o coração mais bonito e gentil que eu já conheci — sussurrei, aproximando-me da sua boca. — Você é o homem que eu amo e que vou amar para sempre.

— Eu também vou te amar para sempre, Amy. Obrigado por ser tão boa para mim, mesmo quando eu não mereci — ele disse, encontrando a minha boca no meio do caminho.

Nem preciso dizer que o meu coração disparou quando ele me beijou, mas, sim... Ele disparou.



Acordei mais cedo do que o costume, sentindo-me um pouco enjoada. Rage estava me abraçando apertado pela barriga, ajudando a manter o embrulho estranho no meu estômago e precisei me desvencilhar dele com cuidado para poder me levantar da cama e respirar. Por um momento, pensei que eu fosse vomitar, mas consegui fazer o enjoo passar quando abri um pouco a janela e deixei a brisa gelada do inverno bater em meu rosto.

Já sem o embrulho no estômago, fechei a janela e observei Rage dormindo na cama. Estava tão lindo sem camisa, que, por um momento, pensei em acordá-lo para fazermos amor de novo, mas me contive e resolvi ir até a biblioteca pegar um livro. A casa estava coberta pelo silêncio e fui até a biblioteca sem encontrar ninguém nos outros cômodos. Depois de escolher um romance, sentei-me em uma das poltronas e comecei a ler.

Não sabia dizer quanto tempo se passou desde que comecei a leitura, mas só parei quando vi a porta da biblioteca se abrindo. John parou antes mesmo de entrar.

— Amber, me desculpe, não sabia que estava aqui — disse ele, finalmente já acostumado a me chamar pelo nome.

— Sem problema, John, pode entrar. Precisa de alguma coisa?

— Vim pegar um livro. Aprendi que a leitura faz o tempo passar mais rápido — falou, me dando um pequeno sorriso.

John e Peter estavam acostumados a ter bastante trabalho, mas a casa da montanha era muito tranquila e segura, por esse motivo, ficavam muito tempo sem fazer nada. Sabendo disso, deixei claro que eles poderiam pegar qualquer livro que quisessem na biblioteca ou até mesmo usar o salão de jogos. Apesar de nunca terem se aventurado por lá, a biblioteca andava bastante agitada ultimamente.

— Faz mesmo. Sobre o que anda lendo?

— Gosto muito de filosofia, sempre gostei, na verdade, mas acabei seguindo a carreira militar e, quando saí, me especializei em segurança... Nunca tive tempo para realmente estudar.

— Talvez você consiga estudar quando tudo isso acabar.

— É o meu objetivo. Nunca é tarde, não é mesmo?

— Exatamente — sorri.

Havia aprendido a gostar de John. Ele vinha me ajudando de verdade, enviava imagens antigas de Rage para o meu pai, sempre me chamava para ler os e-mails que Timothy lhe enviava e, o principal, não forçava sua presença quando Rage entrava em algum cômodo. Tanto ele quanto Peter sabiam que Rage não confiava neles, não gostava deles e ambos respeitavam isso.

— Bom, vou deixá-lo sozinho para que possa ler. Já tomou o seu café? — perguntei, me levantando.

— Sim, Hernandez preparou tudo. Aliás, ele foi lá em cima para chamar você e o Rage.

— Então vou lá falar com ele. Boa leitura, John.

— Obrigado, Amber.

Subi as escadas com o meu novo romance em mãos e consegui ouvir a risada de Hernandez assim que parei em frente à porta do meu quarto. Por um momento, não entrei e fiquei ali, só ouvindo, apesar de não entender muito bem o que ele e Rage conversavam. Quando ouvi a risada de Rage, senti meu coração disparar no peito e fiquei emocionada; ele poderia não confiar em John ou Peter, mas estava aprendendo a confiar em Hernandez. Ficava à

vontade no mesmo cômodo que ele, conversava um pouco e sorria. Mas essa era a primeira vez que o ouvia sorrir tão abertamente enquanto conversavam.

Quando ouvi meu nome ser citado, não aguentei mais e entrei, encontrando Rage sentado na cama e Hernandez em pé perto dele. Os dois estavam com um sorriso no rosto.

— O que é isso? Reunião só de meninos? — perguntei, fechando a porta atrás de mim.

— Sim, e você está atrapalhando — Hernandez brincou, aproximando-se de mim e me dando um beijo na testa.

— Mentira, a Amy nunca atrapalha — Rage disse, me dando um sorriso.

— Meu Deus, homem apaixonado fica muito bobo mesmo — Hernandez revirou os olhos.

Havia contado para Hernandez que Rage e eu estávamos juntos há algumas semanas. Não dava mais para tentar esconder e, quando o chamei para conversar e falei tudo, ele não ficou surpreso, disse que já desconfiava, pois era nítido o quanto gostávamos um do outro. Apesar de, bem antes, ele ter demonstrado receio de que eu acabasse me apaixonando, agora, estava feliz, porque confiava em Rage e sabia que ele sentia o mesmo por mim.

Rage riu do que Hernandez disse e eu fiquei como uma boba olhando para ele, sem ao menos conseguir piscar. Com pressa, me aproximei e sentei-me ao seu lado, beijando de leve a sua boca. Só consegui me afastar quando o toque de um celular soou no quarto. Hernandez me olhou seriedade.

— Amber, é o Juarez — falou, fazendo meu coração disparar no peito.

— Atenda — pedi.

Rage ficou um pouco tenso ao meu lado ao ver Hernandez atender o celular. A voz de Juarez soou pelo alto-falante:

— Hernandez, é bom falar com você. Desculpe a demora para telefonar.

— Sem problemas, Juarez. Sei que você só ligaria quando tivesse algo concreto para falar.

— Exatamente, foi por isso que liguei. Tenho notícias.

— Ótimo. Amber está ao meu lado e o celular está no alto-falante — Hernandez avisou.

— Como vai, Amber?

— Bem, Juarez. Ansiosa para saber o que você descobriu — falei. Era primeira vez que falava com ele e gostei do seu timbre sério.

— Vou colocá-los a par de tudo. Como sabem, estou trabalhando em conjunto com Nicholas, mas fiz questão de investigar sobre Maximus Bloom de maneira independente, usando os meus métodos. Sei que demorei mais do que o previsto para informar algo concreto, mas entendam que o que me pediram foi algo bem mais complexo do que o normal. Maximus Bloom é praticamente uma entidade no mundo dos negócios e o que quer que faça por debaixo dos panos, faz muito bem feito. Por isso foi tão difícil reunir provas e pistas, por mais que vocês tivessem me ajudado muito me dando um ponto de partida.

— E o que descobriu? — Hernandez perguntou.

— Descobri que suas suspeitas estavam certas. Maximus Bloom realmente chefia uma rede de exploração sexual infantil — Juarez disse e senti meu estômago se retorcer, apesar de já ter certeza disso há muito tempo. — É um negócio pequeno, que ele iniciou há pouco mais de dois anos, segundos os documentos a que tive acesso.

— Apenas há dois anos? Tem certeza? — perguntei.

— Sim, tenho. As informações a que tive acesso coincidem com a investigação feita inicialmente por Nicholas. Como sabem, ele está investigando um senador que está envolvido com exploração sexual infantil e tudo indica que Maximus e esse senador estão juntos. Sei que devem estar confusos, pois, como me disseram, Maximus mantêm um homem em cativeiro desde que era criança, mas tudo indica que esse homem, Rage, era o único que Maximus manteve cativo. Ele só iniciou essa rede de exploração em 2017.

Rage me olhou com certo espanto e um pouco de alívio e eu consegui entender o porquê, pois me sentia da mesma forma. Era assustador que ele tivesse sido mantido durante vinte anos em um quarto escuro, mas também era muito bom saber que nenhuma outra criança havia sofrido o mesmo tempo que ele.

— Também investiguei sobre os pais do Rage, mas, infelizmente, ainda não tenho nada para passar para vocês. Tive acesso ao relatório da polícia

sobre as duas mortes e, apesar de não concluído, o relatório sobre a morte de Richard Foster não dá nenhuma abertura para que possamos chegar até Maximus e o relatório de Hillary fala apenas sobre a tentativa de assalto, o que, realmente, é o que se pode concluir pela cena do crime. Objetos foram roubados, a casa estava revirada, havia sinais de luta corporal. Mas eu não desisti, vou continuar a investigar e só vou parar quando achar algo concreto — disse Juarez. — Nesses dois meses de investigação, segui os passos de Maximus, enquanto minha equipe se infiltrava em sua organização de forma digital. Infelizmente, não conseguimos achar muita coisa nos infiltrando em seus computadores e celulares, mas achamos documentos suficientes para reunir no dossiê que será entregue à Nicholas.

— Graças a Deus! — murmurei, apertando a mão de Rage na minha. — E quando esse dossiê vai para Nicholas? Agora?

— Não, não agora. O que tenho é uma prova substancial, mas ainda não é o suficiente. Precisamos de mais, Amber, porque Maximus é um homem influente, pode muito bem se safar dessa acusação, por mais que hajam provas concretas contra ele.

— Como ele poderia se safar? — perguntei. — Esse é um crime muito grave, Juarez.

— Sim, tem razão, é um crime muito grave, que pode manchar a imagem de Maximus para sempre, mas não o manter atrás das grades e vou explicar o porquê — disse ele. — Lembra do senador que citei anteriormente? Ele e mais pessoas do governo estão envolvidas até o pescoço nesse negócio sujo de Maximus Bloom.

— Então, Nicholas tinha razão em suas suspeitas... — Hernandez falou.

— Sim e mais algumas pessoas, como chefes de estados, secretários e empresários poderosos. Se Maximus for preso agora, antes que formemos uma teia em torno desses homens, ele vai se safar, porque os políticos e empresários vão entender que eles serão os próximos da lista a serem presos e, para não serem entregues por Maximus, vão livrá-lo da prisão. Infelizmente, há pessoas sujas que dizem trabalhar em nome da lei, mas que, na verdade, trabalham em nome do dinheiro. Dê o preço certo e eles vão libertar até o diabo. Por isso, antes que prendamos Maximus, precisamos ter provas suficientes para prender os homens mais poderosos do que ele.

Fiquei estarrecida ao perceber que o caso do meu pai era muito mais complexo do que eu imaginava. Eu sabia que seria difícil, mas não daquela forma.

— Nicholas disse que está perto de pegar o tal senador, sendo assim, não vai demorar muito para que consigam provas contra todos os envolvidos, não é? — Hernandez perguntou.

— Sim, falta bem pouco. Eu gostaria de contar muito mais para vocês sobre esse caso, mas, infelizmente, as informações são sigilosas. Só tive acesso porque já trabalhei para o FBI e Nicholas me incluiu nesse caso — Juarez disse. — Mas fiquem tranquilos, estamos muito perto de prender toda essa corja maldita. Só liguei para tranquilizá-los e também para dizer que Maximus, apesar de poderoso e conhecido, é novo nesse ramo. Felizmente, não foram muitas as crianças que sofreram nas mãos dele. Por falar nelas, meu próximo passo é descobrir onde ele as mantém. É de suma importância que tenhamos acesso ao cativeiro, para que possamos resgatá-las assim que ele for preso.

— Isso é o que mais quero, depois de ter Maximus preso, é claro. Quero que essas crianças sejam resgatadas e que fiquem seguras — falei.

— Acredite, Amber, é o que queremos também. Criança alguma merece passar por esse tipo de sofrimento — Juarez disse e eu senti Rage soltar um suspiro doloroso ao meu lado. Podia imaginar o que não deveria estar passando pela sua cabeça ao ouvir tudo aquilo. — Preciso desligar agora, mas volto a telefonar em breve.

— Está bem, Juarez. Aguardaremos o seu contato.

A linha ficou muda e, por alguns segundos, não falamos nada. O clima bom de outrora havia sido substituído por uma nuvem pesada e cinzenta, lembrando-nos da ameaça que ainda pairava sobre as nossas cabeças.

— Será que eles vão descobrir tudo antes de o Mestre voltar? — Rage perguntou, quebrando o silêncio.

— Eu tenho certeza que sim — falei cheia de esperança. Juarez havia dito que faltava muito pouco, então, queria acreditar que tudo acabaria antes que meu pai sequer pensasse em pisar nessa casa ou me mandar de volta para Chicago.

— Se eles não conseguirem, quero que faça o que eu pedi a você, Amy — Rage disse, virando-se para mim. Senti meu coração ficar apertado no peito.

— O que você pediu, rapaz?

— Pedi para que ela me colocasse no quarto escuro, caso o Mestre volte antes que a polícia consiga o prender — Rage falou, tirando rapidamente os olhos de mim. — Se ela não fizer isso, você faz, Hernandez. Apenas me prometa.

— Eu prometo — Hernandez disse sem sequer hesitar.

— Não vai ser preciso nada disso — falei, chamando a atenção dos dois. — Maximus vai ser preso em breve.

— Mas, se ele não for...

— Ele vai — interrompi Rage, me levantando da cama. — Ele vai ser preso. Eu não vou deixar que você volte para aquele quarto escuro, pois sei muito bem o que aquele monstro pode voltar a fazer com você.

— Eu passaria por tudo aquilo de novo, pois sei que, aqui fora, você estaria lutando para o prender.

— Não diga besteira, você não vai passar por aquilo de novo, Rage! Não vai! — Quase gritei, ficando nervosa. Rage se levantou e veio em minha direção.

— Amy...

— Escuta, eu sei que prometi a você que o colocaria no quarto escuro se fosse necessário, mas também prometi que você nunca mais iria sofrer nas mãos do Mestre e é nessa promessa que estou focada, Rage — falei, sentindo-me mais abalada do que eu realmente gostaria. — Eu não quero ter que cumprir a outra.

Quando senti que meus olhos estavam ficando cheios de lágrimas, pedi licença baixinho e corri para o banheiro, trancando a porta atrás de mim. Sem pensar muito, sentei-me sobre a tampa do vaso sanitário e deixei que as lágrimas corressem livres pelo meu rosto. Era como se meus sentimentos e emoções estivessem em ebulição, mas não quis segurar nada e chorei sozinha.

Era difícil ser forte o tempo todo, principalmente depois de ouvir com detalhes sobre a crueldade que meu pai era capaz de cometer. Pior ainda era

saber que, mesmo eu não querendo, havia uma possibilidade de ter que colocar Rage em suas mãos novamente. Não queria acreditar que aquilo realmente poderia acontecer. Será que era pedir muito que Rage e Hernandez parassem de pensar naquela possibilidade?

— Amy? Amy, por favor, me deixe entrar — Rage pediu minutos depois, batendo na porta. — Por favor.

Sua voz estava cheia de preocupação e me senti um pouco envergonhada pela forma como fugi dele e de Hernandez. Tentando controlar um pouco mais as minhas emoções, limpei minhas lágrimas e destranquei a porta do banheiro, abrindo para que ele pudesse entrar. Senti-me ainda pior quando vi a aflição em seu rosto.

— Amy, não chora — ele pediu, ajoelhando-se na minha frente.

— Desculpa. Eu não gosto pensar que você pode parar nas mãos daquele homem de novo — falei baixinho, desviando os olhos cheios de lágrimas. — Tudo o que eu mais queria era que você estivesse seguro, Rage. Queria poder te tirar daqui e te esconder daquele monstro, mas eu não posso. Se fugirmos, ele vai descobrir e, então, a polícia não vai conseguir o prender. Me mata por dentro saber que ele pode chegar aqui a qualquer momento e quando você e Hernandez ficam insistindo nessa história de te colocar novamente no quarto escuro, eu fico louca. Não gosto nem de pensar nessa possibilidade.

Ele segurou o meu queixo e limpou minha bochecha molhada com o polegar.

— Então, não pensa. Eu não vou falar mais sobre isso, está bem? — Eu assenti. — Sei que você está fazendo o máximo que pode, Amy. Não pensa mais nisso, não gosto de ver você triste.

— Não vou chorar mais — falei, limpando as lágrimas. — Tenho que ser forte para prender aquele monstro, não é?

— Você é muito forte, Amy. É a pessoa mais forte que eu conheço — disse ele, acariciando o meu rosto. — Nunca pensei que alguém teria coragem de lutar contra o Mestre, mas você teve. Esse é um dos motivos pelos quais eu amo você.

— Eu também amo muito você, Rage — falei, encostando minha testa na dele. — Vamos conseguir destruir aquele monstro, eu juro.

— Eu nunca duvidei disso, Amy, nem por um segundo. Nós vamos conseguir.

Capítulo 30

Amber

Passei o resto do dia me sentindo um pouco mal, com o peito pesado e recheado de emoções. Eu sabia que deveria sentir apenas alívio depois da ligação de Juarez, mas estava abalada demais depois de ouvir a promessa de Hernandez a Rage, pois sabia que, ao contrário de mim, ele não hesitaria em cumprir.

Rage sentia que eu estava para baixo, mas não disse mais nada, apenas me abraçou e ficou ao meu lado o dia inteiro. Foi ele quem deu a ideia de andarmos um pouco na floresta e, depois, de assistirmos algum filme na sala de cinema. Também foi ele quem escolheu o que iríamos assistir e confesso que seus gestos simples, mas atenciosos, aqueceram o meu coração e, em determinado momento da noite, já estava me sentindo melhor. A verdade, era que meus sentimentos pareciam estar tumultuados, sem controle algum, o que não era típico de mim.

Gostava de pensar que eu era uma mulher forte, que meu pai não havia me dominado como tinha feito com a minha mãe. Não ter controle sobre as minhas emoções me fazia pensar que eu estava sendo fraca e odiava essa sensação. Não era com fraqueza que eu conseguiria destruir Maximus Bloom. Por isso, depois de tomar banho e me deitar ao lado de Rage, resolvi que eu não deixaria mais que minhas emoções me dominassem. Precisava ficar firme e parar de sentir medo. Tinha confiança de que conseguiríamos prender o meu pai em breve e era a isso que eu iria me agarrar.

Rage me abraçou na cama e se deitou comigo de conchinha, dando um beijo carinhoso em minha nuca. Normalmente, a essa hora, ele já estava enfiando a mão dentro da minha calcinha e me enlouquecendo com os seus dedos, mas acho que ele estava tentando respeitar os meus sentimentos, o que me fez o amar um pouquinho mais. Ele sabia que eu havia passado o dia muito quieta e abalada e deveria estar pensando que eu não queria fazer amor. Engano o dele, pois, agora que havia decidido que não ficaria mais para

baixo, tudo o que queria era sentir o seu corpo sobre o meu.

Virei-me para e ele e encarei os seus lindos e expressivos olhos azuis, sentindo meu corpo e meu coração em sincronia. Sem falar nada, encostei meus lábios nos dele em um beijo delicioso, que me acendeu e me fez ficar cheia de desejo. Ele não tentou me afastar, nem perguntou o que estava acontecendo comigo, simplesmente correspondeu ao que eu pedi e me agarrou com força pela cintura, colando seu corpo ao meu, pressionando-me com o começo da sua ereção.

Enquanto o beijava e passava a mão pelas suas costas nuas, sentia meu coração se enfurecer no peito e inúmeras sensações me tomar. Eram *essas* sensações que eu gostava, minha calcinha ficando molhada, meus seios sensíveis, meu corpo implorando pelo o de Rage e a vontade quase insuportável de comer bacon.

Comer bacon?

Abri os olhos em confusão, encarando os olhos fechados de Rage e sentindo a sua língua se enroscar na minha. Não sabia de onde tinha vindo aquele pensamento maluco, mas a minha boca se encheu d'água só com a menção do bacon. Eu quase podia sentir o cheiro.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo?

Sem entender nada, me afastei um pouco do Rage e ele abriu os olhos, me dando um olhar confuso.

— Amy, o que foi? Não quer fazer amor?

— Quero comer bacon — constatei em voz alta, praticamente salivando. Rage franziu o cenho. — Quer dizer, eu quero fazer amor, mas também quero comer bacon. Eu *preciso* comer bacon. Agora.

Nem esperei pela sua resposta, simplesmente me levantei da cama e praticamente corri até a porta do quarto. Ele me alcançou um segundo depois, tomando minha cintura em sua mão e me parando no meio do corredor.

— Amy, você está doida?

Sua pergunta não tinha soado sarcástica e, sim, muito séria. Não me aguentei e comecei a rir, mas Rage não pareceu achar graça.

— Não estou doida, só estou com uma vontade incontrolável de comer bacon. Não me pergunte o porquê, pois também não sei — falei, pegando a

sua mão na minha. — Vem, vou preparar um monte de bacon para nós dois.

— Eu não quero bacon. É quase duas da manhã.

— Não tem problema, eu como tudo sozinha.

Ele não disse mais nada, simplesmente me acompanhou até a cozinha. Tirei o pote com bacons de dentro da geladeira, peguei uma frigideira e coloquei em cima do fogão, começando a preparar aquela delícia. O cheiro era tão maravilhoso, que eu quase dancei pela cozinha e meu estômago roncou em minha barriga, me fazendo rir baixinho. Rage também riu e me abraçou por trás, beijando o meu pescoço.

— Eu gosto de te ver sorrir. Mesmo que seja por causa do bacon — sussurrou ele em meu ouvido, me fazendo estremecer. Eu podia sentir a sua ereção em minhas costas.

— É por causa de você também.

— De mim?

— Sim. Você me faz feliz, Rage.

— Mas você estava triste hoje — ele murmurou, beijando o meu pescoço novamente. Minha mão tremeu ao virar o bacon na frigideira.

— Já passou. Não estou triste mais. — Virei-me um pouquinho para ele, apenas o suficiente para olhar em seus olhos. — Quando eu terminar aqui, quero fazer amor com você.

— Por que não podemos fazer agora? — perguntou ele, arrastando uma mão pela minha coxa. Gemi baixinho quando ele tocou em minha vagina por cima da calcinha. — Eu não sei cozinhar, mas acho que o bacon está quase queimando...

Acordei do transe em que entrei quando senti seu dedo pressionar bem em cima do meu clitóris e tirei o bacon de dentro da frigideira, colocando-o em um prato.

— Você está me distraindo — falei em um gemido, pois ele ainda me tocava por cima da calcinha. Pude sentir o seu sorriso contra o meu pescoço.

— Vou esperar você terminar, então.

Ele se afastou e eu quase pedi para que voltasse, mas a vontade de comer, naquele momento, era maior do que o meu desejo por sexo. Em poucos

minutos, enchi o prato com bacon suficiente para alimentar duas pessoas e me dei por satisfeita com a quantidade. Pegando o prato em minhas mãos, fui em direção à mesa e, ao invés de me sentar em uma das cadeiras, me sentei sobre ela e coloquei uma tira de bacon na boca, soltando um gemido longo de satisfação. Não aguentei e comi pelo menos mais umas cinco ou seis tiras antes de me virar para Rage e perguntar:

— Hum... Tem certeza que você não quer?

Ele me olhou e caminhou em minha direção, parando no meio das minhas pernas. Mesmo sendo alto, eu sabia que ele só precisava se abaixar um pouquinho para me penetrar e a ideia de fazer amor na cozinha me deixou insuportavelmente excitada. Comi mais bacon e ofereci um pedaço para ele.

— Está uma delícia.

— Prefiro provar o sabor na sua boca quando você terminar de comer — ele disse em uma voz rouca, demonstrando que estava tão excitado quanto eu. Nem parecia que eu havia passado o dia em meio à tristeza, pois, naquele momento, só conseguia pensar em como queria comer aquele bacon e em como queria Rage *me* comesse.

Sem tirar os olhos do meu, Rage correu as pontas dos dedos pelo interior das minhas coxas, arrastando a camisola para cima no processo. Gemi baixinho quando o senti colocar a minha calcinha de lado. Eu não sabia aonde ele estava aprendendo a ser tão ousado, mas eu estava adorando. Mordi o lábio com força quando ele tocou o meu clitóris com destreza.

— Você está molhadinha. — Ele se inclinou para sussurrar em meu ouvido.

Enquanto ele me tocava, enfiei mais um pedaço de bacon na boca, sentindo-me uma devassa por estar matando os meus dois desejos ao mesmo tempo. Gemi quando ele enfiou um dedo dentro de mim.

— Meu Deus, Rage...

— Está gostoso?

— Muito.

— O quê? O meu toque ou o bacon? — perguntou com um sorriso safado no rosto.

— Os dois — respondi, lambendo os meus dedos depois de comer tudo o

que estava no prato. Sentia que aquele meu desejo já estava satisfeito, agora, precisava satisfazer o outro. Puxei Rage pela cintura e comecei a desfazer o laço da sua calça de moletom. — Mas você é mais gostoso do que qualquer outra coisa que já experimentei.

Ele soltou um gemido rouco quando fechei as mãos em torno do seu pau duro e se abaixou para me beijar, acrescentando mais um dedo em minha vagina. Senti que eu poderia enlouquecer de tanto prazer e aumentei a velocidade da minha mão em seu pênis.

— Eu amo a sua bocetinha, Amy. Quero meter meu pau dentro dela e fazer você gozar — ele disse baixinho entre os meus lábios.

Jesus Cristo.

— Então, mete — pedi.

Ele tirou os dedos de dentro de mim e posicionou o pau na minha entrada, me penetrando rapidamente até o fundo. Agora que sabia que eu não sentia mais dor, Rage às vezes perdia o controle e começava a meter sem esperar por mais nada, o que eu adorava. Ele fazia isso quando estava no limite do desejo e eu me sentia da mesma forma naquele momento, completamente faminta, sedenta por ele.

Segurando-me pelo quadril, ele jogou o corpo por cima do meu, me fazendo deitar sobre a mesa. Sua boca encontrou a minha e seu pau foi até o fundo, marcando-me, me fazendo dele até eu não saber onde eu terminava e ele começava. Seus dentes se arrastaram pelo meu pescoço e minhas unhas percorreram as suas costas. Soltei um gemido quando ele prendeu meu mamilo na sua boca sobre a camisola.

— Eu amo você — sussurrei, jogando a cabeça para trás. Sentia que podia gozar a qualquer momento.

— Eu também amo você — ele disse, subindo até a minha boca. — Amo muito, Amy.

Sentindo que não aguentaria aquele prazer por mais tempo, beijei a sua boca e gemi entre seus lábios quando comecei a gozar. Meu corpo sofria leves espasmos, minha vagina o apertava dentro de mim e o mundo pareceu se calar para que existisse apenas nós dois. Rage logo me acompanhou, penetrando-me com força em meio ao orgasmo, gemendo meu nome entre

meus lábios até o tremor em seu corpo diminuir.

Quando terminamos, comecei a rir e Rage me acompanhou, escondendo o rosto no meu pescoço. Acho que, assim como para mim, a ficha do que havíamos acabado de fazer caiu para ele naquele momento também. Com delicadeza, ele saiu do meu corpo me ajudou a sentar sobre a mesa, colocando a minha calcinha no lugar.

— Isso foi loucura — sussurrei ainda rindo.

— Mas você gostou.

— Você também gostou — falei, puxando-o para me beijar.

Me perdi em seus lábios, em sua língua, em sua mão ainda no meio das minhas pernas. Por mim, ficaria ali para sempre, só curtindo aquele momento pós-sexo que eu havia aprendido a adorar, mas o som de uma xícara se quebrando soou no meio da cozinha e me fez dar um pulo. Em meio ao susto, Rage me agarrou pela cintura e me tirou da mesa, colocando-me atrás dele. Precisei ficar nas pontas dos pés para ver sobre o seu ombro e me deparei com Peter de olhos arregalados na porta da cozinha.

— Eu... Eu não sabia... Meu Deus, me desculpem — ele murmurou. Senti Rage ficar tenso.

— Fora! — Rage avançou, apontando para a porta da cozinha.

— Mas, eu... Eu preciso limpar essa bagunça... — Peter apontou para o chão, mas Rage o interrompeu.

— Eu disse para você sair! Fora!

— Rage, acalme-se, por favor — pedi, tocando em seu ombro, mas ele não se virou para mim. Acho que ele não havia percebido que os errados naquela história éramos nós dois e não Peter. Ele não podia imaginar que nós estávamos transando na cozinha no meio da madrugada. — Peter, você que precisa nos desculpar. Nós já estamos saindo. Vem, Rage. — Peguei a mão de Rage, mas ele não saiu do lugar. — Rage, vamos voltar para o quarto.

Olhei para ele, mas ele não tirava os olhos de Peter. Pensei em me desculpar de novo, mas, quando me virei, percebi que os olhos de Peter estavam correndo de mim para Rage. Fiquei mortificada, pois ele sabia exatamente o que estávamos fazendo minutos atrás.

— Rage. — O puxei novamente e, daquela vez, ele cedeu.

Quando estávamos passando por Peter, ouvi Rage rosnar baixinho em sua direção:

— Não olhe para ela, ou eu juro que vou arrancar os seus olhos com as minhas próprias mãos.

— Rage! — Exclamei assustada, virando-me para ele. A forma cruel como olhava para Peter enviou calafrios para o meu corpo. — Vamos embora!

Sem falar mais nada, Rage me seguiu, mas podia sentir pela sua postura, pelo jeito firme como andava, que estava com raiva. Subimos as escadas em silêncio e só voltei a falar quando fechei a porta do quarto atrás de mim.

— O que foi aquilo? Rage, você não pode ameaçar as pessoas desse jeito!

— Ele estava olhando para você! — acusou com raiva. — Ele estava olhando para você de cima a baixo! Ele sempre olha para você e eu não gosto disso!

— Rage, você está imaginando coisas...

— Não estou! Não gosto dele! Ele te olha como se quisesse fazer sexo com você!

Fiquei chocada ao ouvir aquilo, pois nunca senti que Peter me olhava daquela forma. Ele sempre foi educado comigo, sempre me respeitou e poucas foram as vezes que ficou no mesmo cômodo em que Rage estava. Balançando a cabeça, me aproximei de Rage e toquei em seu peito.

— Rage, Peter nunca olhou assim para mim.

— Ele sempre olha assim! O John não olha, nem o Hernandez, mas ele olha — falou com seriedade e muita certeza.

— Eu acho que você está com ciúmes — concluí. — Lembra que te expliquei o que era ciúmes quando estava lendo para você? — perguntei, querendo que ele puxasse na memória um dos livros que havia lido para ele durante aquelas semanas.

— Eu lembro. Estou com ciúmes sim, mas não sou maluco e nem estou imaginando coisas. Eu sei o que vi e ponto final! — Disse com o cenho franzido, afastando-se de mim.

Ele caminhou até a cama e se deitou em seu lugar, puxando o edredom até perto da cabeça. Parecia uma criança quando era contrariada, mas sabia que

era muito além disso. Ele estava certo do que tinha visto e eu não estava acreditando em sua palavra, para ele, era difícil lidar com aquele tipo de situação. Sem falar nada, fui ao banheiro, me limpei, pois estava melada depois de termos transado e escovei os dentes, em seguida, voltei para o quarto e me deitei ao lado dele, entrando debaixo do edredom e o abraçando pelas costas.

— Eu amo você, Rage, só você. Eu não me importo com nenhum outro homem, nem se eles olham para mim ou não, porque só quero você — falei, beijando a sua nuca. — Acredite em mim.

Ele se virou para mim de repente e me olhou nos olhos com intensidade.

— Você ficaria com o Peter se ele pedisse?

— O quê? Que tipo de pergunta é essa?

— Você ficaria com ele? — perguntou de novo. — Ele é um homem normal, que teve uma vida normal. Quando tudo isso acabar, ele vai apenas seguir em frente sem carregar um passado tortuoso nas costas, mas eu não. Eu nunca vou ser como ele. E se um dia você se cansar de mim e ele pedir para você ficar com ele? Você ficaria?

— Meu Deus, Rage... — murmurei com um nó imenso na garganta ao enxergar a sua insegurança, a sua fragilidade. — Eu nunca, nunca deixaria você. Eu nunca vou me cansar de você, meu amor. Eu amo você, Rage, apenas você.

— Mas ele...

— Eu não me importo com ele — falei, o interrompendo. — Eu não me importo com o passado dele, nem com o presente, muito menos com o futuro. É só com *você* que eu me importo, porque é só você que eu amo. Quando tudo isso acabar e aquele monstro estiver preso, eu vou estar ao seu lado e te ajudarei a recomeçar. Eu nunca vou te deixar. Por favor, acredite em mim.

Ele fechou os olhos e vi uma única lágrima descer pela lateral do seu rosto. Às vezes, ao ver Rage sorrir, ao sentir os seus beijos, o seu toque, o seu amor, era fácil esquecer que, por dentro, ele ainda era um homem quebrado e cheio de traumas. Doía muito saber que ele carregava aquele tipo de insegurança dentro do peito.

— Tenho medo de que você desista de mim — ele confidenciou em um

sussurro. Lágrimas tomaram os meus olhos.

— Nunca. Eu nunca vou desistir de você. Eu vou estar ao seu lado para sempre, Rage. Eu vou te amar para sempre.

Ele abriu os olhos e me deu um olhar comedido, doído, mas apaixonado.

— Eu também vou te amar para sempre, Amy.

Capítulo 31

Amber

Em algum momento da madrugada, depois que Rage dormiu, eu acabei pegando no sono. Tive uma noite agitada, com sonhos emaranhados e acordei toda suada, com um enjoo tão forte que só tive tempo de correr até o banheiro e vomitar tudo o que estava no meu estômago. Sentia em cada poro da minha pele o cheiro do bacon que havia fritado horas antes e isso me fez ter mais ânsia ainda, por mais que não tivesse mais nada para sair de dentro de mim.

Tonta, me levantei com dificuldade apoiando-me na bancada da pia e tirei a minha roupa, caminhando para o chuveiro. A água fresca me fez melhorar um pouco, mas a sensação de mal-estar era tão forte, que eu já sentia vontade de vomitar de novo. *"Comer todo aquele bacon não foi uma boa ideia"*, pensei, enquanto respirava fundo para controlar o enjoo.

Desliguei o chuveiro e me sequei, parando em frente ao espelho. Estava pálida, com cara de quem realmente estava passando mal, mas ignorei aquilo e peguei minha escova de dentes, procurando pelo creme dental. Não havia nenhum sobre a bancada, por isso, abri a gaveta para pegar um novo, mas minha mão esbarrou no meu pacote de absorventes fechado.

Fechado.

A realidade caiu sobre mim como se fosse um prédio de mil andares, impedindo-me de respirar. Sufocada, apoiei-me com força na bancada da pia e fechei os olhos, tentando me lembrar da última vez que eu havia menstruado.

Dias antes de transar com Rage pela primeira vez.

Não... Não, era possível, não era possível! Correndo até o closet, revirei minha gaveta de documentos e achei a pasta aonde guardava minha agenda com consultas médicas. Quase rasguei as páginas até achar a última vez em que consultei a minha ginecologista e um bolo se formou em minha garganta quando vi a data. *Quinze de outubro de 2018.* Foi o dia em que tomei a minha

última injeção de anticoncepcional. A validade da injeção era de três meses. Rage e eu transamos em fevereiro.

— Meu Deus... Meu Deus do céu... — murmurei, fechando a agenda com força.

Eu hiperventilava enquanto me dava conta de que transei com Rage *depois* da validade da injeção. E eu vinha transando com ele praticamente todos os dias, *sem* proteção.

De repente, entendi tudo o que vinha acontecendo comigo naqueles últimos dias. O descontrole emocional, os enjoos pela manhã, o desejo de comer bacon de madrugada. *Bacon*, pelo amor de Deus! Eu quase não comia bacon! Como pude não perceber? Como pude ser tão negligente?

— Estou grávida — murmurei para mim mesma, escorregando a mão até a minha barriga. Eu quase não piscava enquanto me tocava por cima da toalha. — Meu Deus do céu, eu estou grávida.

Não era uma dúvida, era uma certeza. Eu só precisava ter a prova física em minhas mãos. Mas como faria para comprar um exame de farmácia? Poderia pedir para Hernandez, mas o que ele pensaria de mim? Deus do céu, ele ficaria desapontado, desolado! Seria mais um lembrete de como eu havia sido irresponsável por engravidar no meio daquele caos. Não, ele não poderia saber, pelo menos não ainda.

Foi então que me lembrei de que John iria na cidade naquela manhã, pois precisávamos reabastecer a dispensa. Eu precisava arrumar um jeito de ir com ele, qualquer desculpa que fosse. Pensando rápido, corri até o banheiro, peguei o pacote de absorvente fechado, os remédios que eu tomava para cólica e os escondi no fundo do meu closet. Inventaria que eu precisava comprar algumas coisas pessoais e eles logo entenderiam o que eu queria dizer, não iria levantar suspeitas.

Com o plano formado em minha mente, coloquei uma roupa quente, penteei os cabelos e voltei para o quarto. Ainda estava muito cedo, sete da manhã, mas estava nervosa demais para tentar dormir, por isso, sentei-me em uma das poltronas, peguei o meu livro e tentei ler para ver se o tempo passava mais rápido, mas o relógio parecia andar a passos de tartarugas.

Não me permiti olhar para Rage, muito menos pensar em como ele iria reagir quando eu contasse. A última coisa que eu precisava, era ficar nervosa

ao ponto de começar a tremer como uma louca. Tentei de tudo para controlar os meus sentimentos, o bolo no estômago que parecia crescer junto com o meu nervosismo e me obriguei a ficar calma quando vi Rage acordar. Ele tateou o colchão, certamente procurando por mim, mas quando não me achou, se levantou e olhou sonolento pelo quarto. Um sorriso preguiçoso nasceu em seus lábios quando me encontrou.

— Bom dia — murmurou com voz de sono, se levantando. Demorei uns dois minutos só olhando para o seu corpo delicioso enquanto ele se espreguiçava.

"Parece que a gravidez está mexendo com a minha libido." A palavra "gravidez" foi como um balde de água fria em cima do meu tesão.

— Bom dia — respondi, abrindo um sorriso meio forçado. Ele não notou, pois se aproximou de mim e me olhou de cima a baixo.

— Por que está usando essas roupas?

— Vou à cidade com o John. Preciso comprar algumas coisas — falei, mas ele não entendeu. — Sabe, algumas coisas de menina.

— O que são coisas de menina?

— Absorventes para a menstruação — falei de uma vez só. Rage arqueou um pouco as sobrancelhas.

— Ah... — Ele parecia não saber o que dizer. — Dói?

— O quê?

— Menstruar?

"Ah, Rage... Se você soubesse como eu queria estar sentindo essa dor nesse exato momento..."

— Às vezes eu sinto cólica. É uma dor chata bem aqui, no pé da barriga — apontei para o meu corpo. — Mas têm mulheres que sofrem muito mais do que eu.

— Se você sentir dor, o que eu posso fazer para ajudar? — perguntou, agachando-se para ficar da minha altura. Senti tanto amor por aquele homem, que meu coração quase explodiu.

"Espero que o nosso filho venha com a sua doçura."

— Você pode me dar alguns remédios que vou deixar separado. Um pano

molhado com água quente sobre a barriga também ajuda muito — falei, tocando em seu rosto.

— Vou memorizar essas dicas. Não quero que você sofra muito, Amy.

— Se você estiver ao meu lado, eu não vou sofrer nada.

Ele sorriu com a minha resposta e deu um beijo na palma da minha mão, me deixando mais calma ao me dar aquele olhar cheio de amor. Era como se ele soubesse que era exatamente daquilo que eu precisava naquele momento. Como se fosse possível, eu o amei ainda mais.

Depois que Rage escovou os dentes e lavou o rosto, descemos juntos para tomar café da manhã. Hernandez ainda estava preparando tudo e ficou surpreso aos nos ver de pé um pouco mais cedo naquele dia. Deixei que Rage respondesse qualquer coisa, porque senti um enjoo terrível ao ver o prato de bacon em cima da mesa. Me dando um sorriso sacana, Rage perguntou:

— Quer um? — Apontou para o bacon.

— Não, obrigada — consegui sorrir, mas, por dentro, sentia meu estômago se revirar.

Só consegui tomar um copo de leite e comer uma banana. Hernandez e Rage estranharam, óbvio, mas falei que meu estômago estava enjoado naquela manhã e eles deixaram passar sem mais perguntas. Quando terminamos o café, falei com Hernandez que precisava ir à cidade para comprar algumas coisas e ele se prontificou em ir no meu lugar, mas entendeu que “coisas” eram aquelas quando insisti para ir.

— Então, Peter vai também. Não é seguro que vá só com o John — ele disse.

— Não, eu não gosto do Peter — Rage disse ao meu lado, fechando a cara.

— Rage, lembra do que conversamos ontem? Eu não me importo com o Peter — falei, tomando o seu rosto em minhas mãos. — Ele só vai para fazer a minha segurança, mais nada.

Por fim, ele acabou concordando e eu saí com John e Peter meia hora depois. O tempo de viagem até a cidade era de duas horas e meia e, durante a primeira hora, percorremos a trilha feita pelos empregados do meu pai até a estrada. O 4x4, apesar de ser um carro potente e propício para passar por

lugares difíceis como florestas, rios rasos e lama, chacoalhava um pouco e lutei com a náusea. Era por isso que meu pai só utilizava o helicóptero para chegar na casa da montanha.

Os meninos estavam quietos, mas depois de um tempo começaram a conversar. Mesmo assim, eu podia sentir o olhar curioso de Peter sobre mim pelo retrovisor e comecei a me perguntar se, talvez, Rage realmente não tivesse razão. Talvez ele me olhasse mesmo de forma mais intensa e eu nunca tenha percebido. Resolvi deixar isso para lá quando chegamos à cidade e John parou em frente à uma farmácia.

— Amber, acho que encontrará tudo o que deseja aqui. Eu vou ao mercado que fica no próximo quarteirão, mas serei rápido. Peter vai lhe acompanhar.

— Está bem.

Desci junto com Peter e ele me deu privacidade, ficando na porta da pequena farmácia. Peguei algumas das coisas que eu falei que precisava comprar, em seguida, fui em direção ao balcão. Uma atendente simpática me atendeu.

— Posso ajudar?

— Preciso de testes de gravidez. Os mais confiáveis que você tiver.

Ela me deu um olhar acolhedor, como se já tivesse estado no meu lugar e pediu licença para pegar os testes. Olhei rapidamente para a porta da farmácia e vi Peter de pé, sem olhar para mim. Minutos depois, a atendente voltou.

— Olha, essas são as duas melhores marcas que eu tenho. Quer levar um de cada?

— Sim, por favor.

Paguei por tudo e perguntei se poderia usar o banheiro e ela disse que sim. Acenando para Peter, apontei para o banheiro e pedi para que esperasse, em seguida, me tranquei e abri as caixinhas com as mãos trêmulas.

Demorei para fazer xixi porque estava muito nervosa, mas, quando consegui, usei os testes como era instruído e esperei os minutos indicado nas caixas. O relógio pareceu parar, meu coração pulava com força e eu ofeguei baixinho quando os minutos passaram e vi o resultado.

“Grávida +4”

O “+4” indicava que eu estava com quatro semanas de gravidez. Apesar de já ter a certeza, olhar aquele teste deixou tudo muito real, muito cru. Eu estava *grávida.* Grávida de um filho do Rage. Sem saber o que pensar, descartei os testes na lixeira e lavei as mãos, deixando o banheiro em meio ao choque de não ter mais nenhuma dúvida.

Os próximos minutos foram um borrão. Peter me pediu para esperar dentro da farmácia enquanto John saía do mercado e eu só assenti, sem ser capaz de dizer nada. Não sei quanto tempo se passou, mas logo John chegou e, depois de nos acomodarmos no carro, ele voltou a dirigir para casa. As próximas duas horas e meia eu passei pensando em como iria contar para Rage que ele seria pai.

“Quero ficar com você para sempre e, como o para sempre é muito tempo, eu acho que um dia vou querer ter filhos com você.”

“Um dia”, foi o que Rage disse. *“Um dia eu vou querer ter filhos com você.”* Um dia era muito relativo. Um dia poderia ser amanhã ou daqui a dez anos. Levando em conta o passado do Rage, eu sabia que o certo seria daqui a dez anos e não hoje. E eu havia engravidado hoje, *agora*.

Senti uma vontade imensa de chorar, enquanto inúmeras emoções me invadiam. A mais forte delas era o amor incondicional que, de repente, invadiu o meu coração quando me lembrei do resultado daquele teste. Havia uma criança sendo gerada dentro de mim, um fruto que era metade meu e metade de Rage, que havia sido feito com muito amor e muito carinho, provavelmente, em um dos dias mais emocionantes da minha vida, que foi quando me entreguei completamente para o homem que eu amava.

Mas, ao mesmo tempo que eu sentia esse amor, também sentia como se eu estivesse traindo Rage, pois ele confiou em mim quando eu disse que não engravidaria. Era verdade que usar qualquer tipo de proteção não havia passado pela cabeça dele, mas era compreensível que *ele* não se preocupasse com isso, não *eu*. Eu deveria ter sido mais cuidadosa, deveria ter me lembrado da data da injeção, deveria ter evitado que isso acontecesse.

E se tudo desse errado? Se meu pai não fosse preso, levasse Rage para longe de mim e acabasse descobrindo sobre aquela gravidez? Deus do céu, só de pensar naquela possibilidade eu já começava a passar mal. Discretamente, sequei as minhas lágrimas e olhei pela janela fechada enquanto entrávamos

na floresta densa, mal iluminada pelo céu cinzento e carregado. O silêncio no carro só era quebrado pelo som da rádio, mas nem a música conseguia me tirar daquele torpor. Era como se eu estivesse presa dentro da minha mente desde o momento em que descobri que os enjoos, o descontrole emocional, o desejo insano de comer bacon, não eram provenientes do acaso ou uma simples coincidência e, sim, de uma gravidez.

— Amber? Está tudo bem? — John perguntou, tirando rapidamente os olhos da direção para me fitar pelo retrovisor.

— Sim. Sim, está tudo bem — garanti.

John não insistiu mais e Peter me encarou pelo retrovisor, desviando o olhar alguns segundos depois. O resto da viagem foi feita em silêncio, com eles conversando esporadicamente sobre algum assunto que eu não tinha interesse em prestar atenção. Quando chegamos em casa, encontrei Rage e Hernandez na sala, sentados no chão, com um jogo de xadrez montado em cima da mesinha de centro.

— Não acredito, você acabou de comer mais uma peça minha? Rapaz, essa é apenas a nossa terceira partida, você deveria errar mais — Hernandez reclamou e Rage riu.

— O jogo é fácil.

— Xadrez não é fácil, você que é inteligente.

Vi como Rage ficou todo bobo e eu me aproximei mais um pouco, entrando no campo de visão dos dois. Rage foi o primeiro a se levantar e vir falar comigo, me dando um beijo na boca.

— Comprou tudo?

— Sim. Senti saudade de você.

— Também senti saudade de você — disse ele. — Olha, Hernandez está me ensinando xadrez.

— Eu o ouvi falando que você está o derrotando.

— Derrotando não, essa é uma palavra muito forte. Ele está apenas sendo um pouco mais esperto do que eu — Hernandez disse, nos fazendo rir.

— Quer nos ver jogar?

— Claro, eu só vou deixar essas coisas lá em cima — falei, apontando

para a bolsa que eu carregava. — Já volto.

Rage voltou a se sentar e eu subi as escadas, largando em qualquer lugar a bolsa da farmácia. Demorei alguns segundos para voltar para a sala, pois me sentia muito indecisa sobre o que fazer. Parte de mim queria contar logo a Rage que nós teríamos um filho, mas a outra parte queria esconder até eu achar o momento certo para falar, mas, que momento seria esse? Quando ele percebesse que o meu corpo estava mudando? Que a minha barriga estava ficando arredondada? Precisava tomar coragem e contar para ele ainda naquela noite e lidar com a sua reação, fosse ela qual fosse.



Não consegui dizer nada a Rage naquela noite. Como uma covarde, agi o dia inteiro como se eu estivesse tranquila, deitei-me ao seu lado na hora de dormir, me perdi de prazer em seus braços e fiquei boa parte da madrugada acordada, enquanto ele dormia tranquilamente ao meu lado, sem nem imaginar a fraca idiota que eu era.

Em algum momento acabei dormindo e acordei novamente com um enjoo terrível. Depois de vomitar, me levantei com cuidado, sentindo-me tonta e me apoiei na bancada da pia, sem coragem alguma de me encarar no espelho. Lavei o rosto e escovei os dentes, em seguida, voltei para cama, olhando no relógio digital que ainda era seis da manhã. Deitei-me devagar, com medo de que Rage pudesse acordar e me acomodei ao seu lado, passando o braço pela sua cintura. Ele se mexeu um pouco e me puxou para si, que fui de bom grado, deitando minha cabeça em seu peito.

Uma parte minha tentava achar uma desculpa para a minha negligência. Nunca antes tive de me preocupar com uma possível gravidez, pois tomava a injeção para controlar o meu ciclo menstrual, mas tendo relações com Rage, eu deveria ter ficado atenta. Agora era tarde demais. Como eu poderia contar

para o Rage que ele seria pai dali a mais ou menos oito meses? Meu Deus, *ele* ainda era como uma criança em muitos aspectos, como lidaria com outra criança? E ainda havia a ameaça de meu pai pairando sobre nossas cabeças.

Estremeci ao pensar em Maximus Bloom. Ele, de todas as pessoas no mundo, não poderia saber daquela gravidez, muito menos suspeitar que Rage era o pai, mas como eu iria esconder que estava grávida? Sobre a paternidade eu poderia inventar alguma coisa, mas jamais conseguiria esconder uma barriga de grávida. Pensar naquilo fez um novo bolo se formar em meu estômago. A cada minuto que passava eu me sentia mais angustiada. Agora que o investigador tinha provas concretas contra Maximus, nada poderia dar errado! Eu não sabia como, mas lutaria com todas as minhas forças para proteger Rage e o meu filho e venceria aquela guerra que eu mesma havia travado contra o meu pai.

Respirei fundo para me acalmar e me pressionei mais contra Rage, querendo enfrentar o mundo por ele e, ao mesmo tempo, querendo esconder nós dois — ou melhor, nós *três* — daquele mundo horrível em que vivíamos. Precisava ficar calma e me concentrar, ainda tínhamos um longo caminho a trilhar. Fechei os olhos, decidida a tentar dormir um pouco, mas duas batidas na porta fizeram meu coração acelerar. Olhei para Rage e, percebendo que ele ainda dormia, me levantei com cuidado e fui em direção a porta, encontrando Hernandez no corredor.

— O que houve?

— Precisa vir comigo.

Encostei a porta atrás de mim e desci as escadas ao lado de Hernandez com o coração pulando no peito, um nó se formando em meu estômago. Ao menos sabia o que havia acontecido, mas tinha certeza de que era algo muito sério. O semblante e a postura de Hernandez denunciavam isso. Fomos em direção ao escritório e fiquei surpresa ao encontrar Peter e John já vestidos em seus ternos, sentados em um dos sofás.

— O que aconteceu? — Perguntei novamente, olhando para os três homens dessa vez.

— Acho melhor você se sentar — Hernandez disse.

— Não, só quero que me digam o que aconteceu.

— O Senhor Bloom está vindo para cá — John disse de uma vez só e senti meu coração afundar no peito. — Ele me ligou há pouco mais de dez minutos, disse que já está na cidade, o helicóptero deve deixá-lo aqui daqui a meia hora.

Minhas pernas ficaram fracas e me apoiei em uma das poltronas, sentando-me rapidamente. Não... Não, aquilo não podia estar acontecendo. Era um pesadelo, só poderia ser. Senti Hernandez se ajoelhar na minha frente.

— Amy, você sabia que mais cedo ou mais tarde ele poderia vir aqui. Sei que está assustada, mas não era nenhuma surpresa.

— Por que ele não esperou mais um pouco? Apenas mais um pouco, Hernandez? — Perguntei em um fiapo de voz. Eu sabia que tinha que ser racional naquele momento, que deveria deixar as emoções de lado, mas era impossível. Temia tanto por Rage que sentia cada cantinho do meu corpo estremecer.

— Perdoe-me por me intrometer, mas o Senhor Bloom demorou até demais para vir aqui — John disse. — Ele nunca ficou tanto tempo sem ver o Rage.

— Sei que está com medo, mas precisamos agir com o que planejamos, Amy. Precisamos colocar o Rage no quarto escuro.

Acho que empalideci.

— Não... Não, Hernandez, por favor... — murmurei em desespero. A imagem de Rage acorrentado novamente, preso naquele quarto horrível, quase me causava uma dor física.

— Amy, precisamos fazer isso.

— Não, isso não...

— Eu vou para o quarto escuro — Rage disse, entrando de repente no escritório.

Virei-me tão rapidamente para vê-lo, que senti o ar me faltar. Ele ainda vestia a calça que havia colocado para dormir, seus cabelos estavam desgrenhados, o que combinava com o seu rosto fechado, lhe dando uma expressão selvagem. Tentei me levantar para ir até ele, mas sentia uma tontura horrível e me segurei com força nos braços da poltrona. Quando ele olhou para mim, senti meus olhos ficarem marejados.

— Rage... — murmurei seu nome com a garganta apertada.

— Me deixem conversar com ela.

Vi de soslaio Peter e John se levantarem. Hernandez apertou meu joelho antes de se levantar também e se encaminhar para a porta.

— Vocês têm apenas dez minutos, Maximus deve chegar em vinte. Precisamos agir rápido — Hernandez disse antes de fechar a porta e nos deixar a sós.

Assim que ficamos sozinhos, Rage desfez a expressão fechada e se ajoelhou entre as minhas pernas, olhando-me com ternura. Minhas mãos estavam trêmulas, mesmo assim, toquei em seu rosto, em seus lábios, com muito medo de aquela ser a minha última oportunidade de tocá-lo.

— Rage, você não pode voltar para aquele lugar, não pode... — murmurei, sem me importar se estava sendo irracional ou não. Naquele momento, não conseguia pensar com clareza, só conseguia sentir um medo assolador, que me avisava que algo muito ruim estava prestes a acontecer.

— Planejamos isso há muito tempo, lembra? Vai ficar tudo bem, Amy.

— Não, não vai...

— Vai sim — disse, tocando em meu rosto. — Eu te prometo que vai ficar tudo bem.

— Ele é muito ruim, Rage. Pode te levar para longe de mim, pode voltar a fazer aquelas coisas com você.

— Não me importo com o que ele vai fazer comigo, só me importo com o fato de que falta pouco para o pegarmos. Lembra do que o detetive nos disse?

— E se der tudo errado? Se não conseguirmos acabar com ele?

— Se não conseguirmos, eu vou acabar com ele, Amy. De uma forma ou de outra, o Mestre vai pagar por toda a maldade que já fez — disse com uma certeza que, ao invés de me acalmar, me deixou mais apavorada. Não era a possibilidade de ter o meu pai morto que me assustava; era o medo do que poderia acontecer a Rage no processo. Lágrimas grossas molharam as minhas bochechas e senti o meu mundo ruir. Era como se o nosso castelo de areia estivesse sendo engolido por uma onda enorme. — Não chora, meu amor, por favor.

— Estou com muito medo.

— Vai dar tudo certo — disse, secando as minhas lágrimas. — Eu amo você, Amy, amo mais do que tudo no mundo. Enfim eu sinto que todo o meu sofrimento valeu a pena, eu passaria por tudo mil vezes para conhecer você. E vou passar por mais mil vezes, se assim tiver que ser, para destruir o Mestre e ter você para sempre ao meu lado.

— Não fala isso, eu não quero que você sofra mais, Rage — falei, tocando em seu rosto, em seu cabelo, em todo o lugar que eu conseguia alcançar. — Não quero que você passe por tudo aquilo de novo.

— Só pense nos dias maravilhosos que tivemos aqui. É nisso que vou pensar em cada segundo do meu dia. Eu não estarei lá, Amy, eu estarei aqui com você. Esteja comigo também.

— Eu sempre estarei com você, sempre — falei, puxando seu rosto para mim. — Eu amo você, Rage. Eu te amo com tudo o que há em mim e nunca vou desistir de nós dois.

— Eu também nunca desistirei de nós dois.

— Promete que vai voltar para mim, por favor.

— Eu sempre voltarei para você, Amy. Sempre.

Ele me beijou com força, com amor, com desespero. Não era um beijo de despedida, era um beijo carregado de promessa e de futuro, mas isso não acalmou o meu coração. Eu ainda sentia que, quando ele entrasse naquele quarto escuro e meu pai chegasse em casa, tudo iria mudar. Não sabia como, mas iria. Ele deixou os meus lábios com cuidado, sugando o inferior para dentro dos seus, abrindo os olhos devagar para fitar os meus. Ficamos segundos daquele jeito, olhando um nos olhos do outro, conversando sem palavras, apenas com os nossos sentimentos.

Naquele momento, tive vontade de contar a ele que agora éramos três, que ele não precisava voltar apenas para mim, mas para o nosso filho também. Tive vontade de pedir perdão pelas minhas mentiras, de contar a ele que sentia nojo de mim mesma por ter o sangue de Maximus correndo em minhas veias. Tive vontade sair correndo com ele e fugir. Mas tudo o que fiz foi ficar parada, olhando em seus intensos olhos azuis, desejando que ele pudesse sentir tudo o que eu sentia, que pudesse me perdoar por minhas mentiras e omissões, que voltasse para mim sã e salvo.

Duas batidas na porta estouraram a nossa bolha. Hernandez apareceu no vão e nos olhou com seriedade.

— Você precisa ir para o quarto escuro agora, Rage.

— Está bem — Rage assentiu, voltando a me olhar. — Fique calma e segura, tudo bem? Por favor, não se coloque em risco, Amy. Confie em mim e no Hernandez, sei que ele vai te proteger de todo o mal.

— Tudo bem. Volte para mim, por favor.

— Voltarei. — Ele me beijou mais uma, duas, três vezes. — Eu te amo.

— Eu te amo.

Continuei sentada quando ele se levantou do chão e caminhou para perto da entrada secreta com Hernandez e John. Antes de entrar, ele me olhou uma última vez e sorriu, soprando-me um beijo. Essa foi a última imagem que gravei dele em minha memória e foi a que mais doeu, porque senti dentro de mim que, talvez, eu nunca mais fosse vê-lo. Foi como morrer, doeu tanto que me desesperei, me levantei e corri até a porta, mas Peter se colocou na minha frente e me segurou pelos ombros.

— Amber, não.

— Eu preciso ir lá, preciso tirá-lo de lá...

— Não, você não pode fazer isso — Peter disse com firmeza e senti meu peito se encher de raiva.

— Será que não entende? Maximus irá acabar com ele! Isso não pode acontecer!

— O Senhor Bloom acabará com vocês dois se você não se acalmar e voltar a pensar com clareza — disse com o semblante sério. — Sabíamos sobre a possibilidade de o Senhor Bloom aparecer de repente para ver ou levar Rage consigo e planejamos o que vai acontecer agora. Você precisa se acalmar e colaborar conosco. Pense no risco que Rage irá correr se o Senhor Bloom sequer desconfiar de tudo o que estamos fazendo. Não podemos nos colocar em perigo assim.

Eu sabia que ele tinha razão, era claro, mas como poderia falar isso para o meu coração? Para a minha alma desesperada? Como poderia calar a dor e o medo dentro de mim? Emoções violentas me tomavam, me deixavam desnorteada, sem controle algum sobre o meu corpo ou a minha mente,

mesmo assim, engoli em seco e sequei as minhas lágrimas com as mãos trêmulas, olhando mais uma vez para a porta entreaberta, sabendo que o amor da minha vida estava a poucos metros de mim, mas tão longe como se estivesse a um oceano de distância.

— Preciso sair daqui — murmurei. — Preciso sair daqui, ou vou cometer uma loucura.

— Vou te acompanhar até o seu quarto.

Peter me amparou pelo braço e subiu comigo até o meu quarto. Lá, me joguei na cama, deitando-me no lugar de Rage e me agarrei ao seu travesseiro, sentindo mais lágrimas se formarem em meus olhos.

— Pedirei para que Hernandez lhe faça companhia quando sair do andar debaixo — Peter disse, fechando a porta em seguida.

Assim que me vi sozinha, afundei meu rosto no travesseiro de Rage e chorei com força. Durante aquelas semanas, pensei que estaria preparada para esse momento, caso realmente acontecesse, mas, agora, eu via que nada no mundo poderia me preparar para a dor que eu estava sentindo. Era como se eu estivesse perdendo Rage para sempre; em meu coração, não havia a possibilidade de que ele fosse voltar para os meus braços, por mais que eu tentasse me agarrar a um fiapo de esperança. Como aquilo era possível? Que sentimento horrível era aquele que me assolava e me deixava quase morta?

Não queria ser fraca, não queria entregar os pontos, muito menos desistir. Sabia que eu precisava ser forte e seguir com o nosso plano, precisava destruir o meu pai e recuperar o Rage, mas, e se fosse tarde demais? E se Rage já não estivesse vivo para voltar para mim? E se meu pai destruísse tudo o que Rage conquistou ao meu lado? Sua esperança, sua independência, seu amor por mim? Eu não sabia se poderia suportar.

Com a cabeça quase explodindo de tanta dor, levei minha mão a minha barriga ainda lisa e fechei os olhos com força, acariciando meu filho. *Nosso filho*. E se Rage não conseguisse conhecer o nosso bebê? Meu Deus, apenas aquela possibilidade me deixava nauseada. Mesmo sem nada no estômago, corri para o banheiro e me ajoelhei em frente a privada, tendo ânsias, mas não conseguindo vomitar. Cansada, escorreguei no chão me encostei contra a banheira. Não sei quanto tempo fiquei assim — olhando para o nada, mas imaginando cenários horríveis em que eu perdia Rage para sempre —, até

que Hernandez apareceu em meu campo de visão.

— Meu Deus, Amy, levante-se — disse, me estendendo a mão. Foi com muito esforço que a segurei e me levantei. — Seu pai está chegando, você precisa agir com naturalidade, ou ele vai desconfiar de alguma coisa.

— Preciso agir com naturalidade? Meu Deus, não acredito que estou ouvindo isso... — ri.

— Amy...

— Como vou agir com naturalidade quando sei que ele vai desparecer com Rage daqui a algumas horas? Meu Deus, Hernandez! Ele vai voltar a fazer tudo aquilo com Rage e eu não vou poder fazer nada para impedir!

— Se você não se acalmar, ele vai fazer algo muito pior, Amber, e não só com Rage, mas com todos nós! Precisa pensar e agir com frieza, menina! Falta muito pouco para jogarmos o seu pai na cadeia, se você agir assim, tudo vai por água abaixo.

Olhei para Hernandez sabendo que, assim como Peter, ele estava coberto de razão. Mesmo assim, me parecia impossível sequer cogitar a ideia de olhar para a cara do meu pai e não cometer um assassinato. Pois sabia que eu poderia matá-lo sem pensar duas vezes.

— Sei que você tem razão — murmurei.

— Sim, eu tenho. Pense no futuro que você terá ao lado de Rage, se agarre a isso e tenha foco.

Assenti e segurei a sua mão na minha.

— Vou precisar muito de você Hernandez, como nunca precisei antes.

— E eu estarei aqui, Amy, você sabe disso — disse, apertando minhas mãos. — Eu te amo como se você fosse minha filha. Vou te proteger de todo o mal, eu prometo.

— Eu também te amo como se você fosse o meu pai. O pai que, de fato, eu nunca tive.

Vi como ficou emocionado, mas durão do jeito que era, logo fez questão de disfarçar.

— Então me deixa cuidar de você, menina. Vai tomar um banho, vou preparar o seu café da manhã.

Senti meu estômago dar um nó ao ouvir “café da manhã”.

— Não estou muito bem do estômago, vou deixar para comer mais tarde.

— Você precisa se alimentar, Amy. Vi que não jantou ontem.

— Comi alguma coisa que me fez mal — menti. Hernandez balançou a cabeça.

— Vai tomar pelo menos uma vitamina. Precisa ficar forte para enfrentar o seu pai — disse, indo até a porta do banheiro. — Tome um banho e me encontre lá embaixo, Maximus deve chegar em alguns minutos.

Estremeci visivelmente depois que ele saiu do banheiro. Não estava, de modo algum, preparada para ver Maximus, mas sabia que seria inevitável.

Capítulo 32

Amber

Tomei um banho rápido, me sentindo melhor depois de sair do chuveiro, em seguida, vesti uma roupa confortável. Sabia que meu pai gostava de me ver arrumada, mas, para todos os efeitos, eu seria pega de surpresa com a sua visita. Enrolei um pouco no quarto, arrumei a cama, mas logo me vi sem nada para fazer para poder retardar o encontro inevitável que teria com aquele monstro, por isso, desci as escadas e fui em direção a cozinha. Hernandez já tinha um copo de vitamina de banana, a minha favorita, em cima do balcão, apenas esperando por mim.

— Beba — pediu e eu tomei um gole, forçando-me a beber tudo, pois sabia que o que menos precisava naquele momento, era ficar fraca ou adoecer. Estava terminando quando ouvi, ao longe, o barulho das hélices de um helicóptero. — É o seu pai.

Meu estômago embrulhou na hora e nada mais passou pela minha garganta, que se fechou em um nó. Larguei o copo em cima da bancada e fui com Hernandez para a sala, encontrando Peter a postos perto da porta. John não estava por ali e me perguntei se ele estava lá embaixo com Rage ou se tinha ido de encontro ao meu pai. Descobri minutos depois, quando Maximus Bloom entrou na sala acompanhado por John e Timothy. Por um momento, o mundo pareceu parar enquanto eu olhava para aquele homem que, durante toda a minha vida, senti mais medo do que respeito. Agora, o meu temor se misturava ao ódio imensurável que eu sentia daquele que, certamente, não poderia ser chamado de ser humano. O diabo perto dele parecia um anjo.

— Amber — ele disse, olhando para mim. Um pai que havia ficado meses sem ver a filha, provavelmente, iria abraçá-la, beijá-la, perguntar como ela estava, mas não o *meu* pai. E eu me sentia aliviada por isso.

— Pai, que surpresa. Não sabia que o senhor estava na Carolina do Norte.

— Cheguei hoje pela manhã e resolvi lhe visitar — disse e eu assenti,

como se acreditasse. — Está tudo bem por aqui?

— Claro, não tinha como ser diferente. O senhor cuidou para que essa casa não fosse descoberta por ninguém.

Ele assentiu.

— Foi uma decisão sábia tê-la mandado para cá. Passei essas semanas atrás do filho da puta que tentou me matar e estive exposto demais... Eles poderiam ter chegado facilmente até você, se estivesse em qualquer outro lugar — disse, tirando o paletó e afrouxando a gravata. — Vou tomar um banho. Para o almoço, gostaria apenas de um salmão e uma salada, não quero nada pesado.

— Sim, senhor.

Sem mais uma palavra, Maximus passou por mim, seguido por Timothy e subiu as escadas. Quando ele sumiu do meu campo de visão, soltei o ar que nem sabia que estava prendendo e me sentei no sofá, sentindo minhas pernas trêmulas.

— Amber, Rage pediu para lhe avisar que ele está bem. Não precisa se preocupar com ele — John disse baixinho ao parar do meu lado.

— Obrigada, John. Vou fazer um sanduíche, por favor, leve para ele — pedi, já me levantando, mas Hernandez me empurrou gentilmente pelos ombros para que eu voltasse a me sentar.

— Já cuidei disso, Amy, não precisa se preocupar. Lembre-se apenas que precisa agir como se não soubesse de nada, certo? — Hernandez disse, olhando em meus olhos.

Apenas assenti, pois não sabia se eu tinha força suficiente para concordar em voz alta com aquilo. Era loucura ter que agir como se nada estivesse acontecendo ao redor do meu pai, quando tudo o que eu queria fazer era acabar com ele.

Mas eu teria de ser paciente. O tempo de Maximus Bloom estava contado... Pelo menos, era nisso que eu queria acreditar.



Fiz o almoço do meu pai com o coração na mão e lutando para não vomitar. O enjoo só piorava quando eu sentia o cheiro de qualquer tipo de comida e tive que fazer uma pausa, enquanto o peixe estava no forno, para poder jogar uma água no rosto e na nuca e tentar conter a náusea. Maximus só desceu novamente na hora em que servi a refeição e ordenou que eu me sentasse ao seu lado e partilhasse o almoço. Foi um dos piores momentos da minha vida; ter de me sentar ao lado do carrasco do homem que eu amava, tendo que comer com ele, estando enjoada e prestes a vomitar sobre a comida. E o pior de tudo isso era que o homem em questão, era meu pai.

A vida era uma tirana às vezes.

— Foi solitário passar essas semanas aqui? — Maximus perguntou, depois de minutos em silêncio. Bebi um gole d’água e me obriguei a responder com calma.

— Um pouco. Hernandez me fez companhia e também li muitos livros. Mas confesso que senti falta da nossa antiga casa e de Greta também... Ainda é difícil digerir a morte dela — menti. Greta não fazia falta alguma, muito menos a nossa antiga casa ou a minha antiga vida.

— Sei que você era muito apegada a ela e Greta também era apegada a você. Infelizmente, vivo em um mundo competitivo, Amber, onde as pessoas acham que têm o direito de matar as outras para poder chegar ao poder... Não queria que você estivesse envolvida nisso e tive que te proteger. Entende que tê-la mandado para cá foi necessário, não é?

— Sim, senhor. Sei que preza muito pela minha segurança.

— Fico feliz que pense assim. Sabe, Amy, fico contente em ver a mulher que você se formou. É centrada, bonita, sabe como se portar em todos os lugares, é obediente... Vai ser uma ótima esposa para o Harry.

Senti um calafrio passar pela minha espinha, mas consegui disfarçar a

minha reação e dei uma garfada no peixe, não sabendo o que era pior, meu nervosismo ou o embrulho no estômago. Durante aquelas semanas, sequer consegui me lembrar de Harry e do acordo firmado naquele jantar, tempos atrás. Se por um acaso eu não conseguisse destruir o meu pai, teria de me casar com ele. Mas, como, se eu estava grávida? O que iria falar? Como iria explicar? Senti minhas mãos tremerem e as escondi em meu colo, vendo que meu pai me observava atentamente. Engolindo em seco, assenti.

— Fico feliz por isso, papai.

— Não mais do que eu. Sua mãe era um desastre na maioria das vezes, fico contente por você ser melhor do que ela — disse com desprezo e meu ódio por ele aumentou consideravelmente, mas consegui disfarçar.

— O senhor conseguiu descobrir quem atacou a nossa casa?

— Sim, mas você não o conhece. O mandante foi um empresário espanhol, que não gostou quando falei que não iria juntar a minha empresa com a dele. O filho da puta achou realmente que poderia me pegar... Mas, agora, é ele quem está a sete palmos abaixo da terra — Maximus disse, me dando um sorriso sádico. — É isso que eu faço com traidores, Amber. Sei que pode ficar assustada, mas é bom que saiba que comigo não se brinca.

Sua ameaça velada me deixou paralisada no lugar, quase sem respirar. Por um momento, cheguei a pensar que, talvez, ele soubesse de tudo o que eu vinha fazendo pelas suas costas, mas nãos acreditava que fosse possível. Se ele soubesse, tinha certeza de que *eu* estaria a sete palmos abaixo da terra agora.

Depois disso, Maximus não disse mais nada e eu também não fiz questão alguma de puxar conversa. Terminamos a refeição em silêncio e assim que seu prato estava limpo, ele se levantou.

— Estarei no escritório pelas próximas horas, não quero ser importunado.

Meu coração despencou no peito e eu apertei o garfo com força em minha mão, vendo meu pai sair da sala seguido por sua fiel e protetora sombra. Não consegui nem piscar, quanto mais sair do lugar. Eu sabia muito bem o porquê de ele estar indo ao escritório e não era para revisar algum relatório. Ele iria ver Rage, faria alguma coisa com ele e eu não poderia fazer nada para salvá-lo.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas de dor, raiva e frustração. Com ódio do meu pai, taquei o garfo no prato e escondi meu rosto em minhas mãos, chorando baixinho e implorando perdão a Rage. Eu havia prometido a ele que meu pai nunca mais iria lhe fazer mal e havia falhado... Eu havia *falhado*. Pedi a Deus para que não me deixasse falhar mais uma vez.

Eu tinha que destruir o meu pai.



Rage

Girei meus pulsos, testando o aperto das correntes, sentindo que John havia cumprido com o prometido de não apertar demais, como fazia antigamente. A sensação de estar preso de novo era esmagadora, mas respirei fundo algumas vezes, obrigando-me a me controlar e lembrar de tudo o que havíamos planejado semanas atrás. Eu sabia que reencontrar o Mestre estando nessa posição não era apenas uma possibilidade e, sim, algo que com certeza aconteceria; confiava em Hernandez e no tal detetive que era seu amigo, mas sentia que ele não conseguiria provas suficientes para pegar o Mestre antes que este resolvesse me fazer uma de suas visitinhas.

De fato, estava surpreso por ele ter demorado tanto. Nunca, desde o dia em que fui capturado, ele ficou tanto tempo sem aparecer. Foram dias maravilhosos sem a sua presença asquerosa, ao lado de Amy. Pensar nela fez o meu coração bater forte no peito, pois, apesar do que eu havia falado, do que eu havia prometido, sentia medo do que o Mestre poderia fazer comigo. E se ele me levasse embora? E se eu nunca mais conseguisse encontrá-la? E se ela não me quisesse mais?

Eu amava Amy. Contra todas as possibilidades, no meio do caos que era a

minha vida, eu havia encontrado alguém que tinha se infiltrado em meu coração e em minha alma. Não poderia perdê-la de forma alguma, eu deveria lutar e voltar para ela, como havia prometido. Por isso, quando ouvi o barulho da porta sendo aberta, estampei em minha cara uma expressão de frieza e me agarrei a imagem de Amy em minha cabeça. Por ela, eu passaria por todo o inferno de novo, me transformaria no diabo e acabaria com o Mestre. Poderia demorar, mas eu ia cumprir com a minha promessa e iria voltar para ela.

Mestre entrou no quarto escuro com uma expressão indecifrável no rosto. Normalmente, ele me olhava com uma espécie de adoração, com um sorrisinho no canto dos lábios e uma sobrancelha levemente arqueada. Daquela vez, no entanto, ele estava sério, diferente. Não deixei aquela mudança me abalar. Com passos lentos, ele se aproximou de mim, mas parou a uma distância segura, onde sabia que eu não conseguiria o alcançar.

— Sentiu saudades de mim, cãozinho? — Sua voz soou alta e cristalina em meus ouvidos, me causando um arrepio de ódio. Trinquei o maxilar e fechei minhas mãos em punhos, lembrando-me de ter calma, quando tudo o que eu queria fazer era fechar minhas mãos em seu pescoço e matá-lo. — Está com raiva? Por quê? — Ele sorriu de lado, olhando-me de cima a baixo. — Sabe como sua raiva me deixa com tesão, não é? Amo um cãozinho bravo.

Senti tanto nojo dele, que pensei que iria vomitar. Imagens de tudo o que já havia feito comigo, voltaram a minha mente e me senti nocauteado. Era possível que eu passasse por tudo aquilo de novo e a ideia era simplesmente repugnante. Como conseguiria encarar Amy depois de tudo? Como conseguiria voltar a tocá-la ou beijá-la? Senti meu coração despencar no peito.

— Você parece tão atormentado, Rage... O que está acontecendo? — A voz do Mestre me despertou e eu voltei a colocar a expressão de fúria em meu rosto. Não havia percebido que meus pensamentos angustiados haviam tomado forma em minha expressão facial. Mestre olhou-me com mais atenção. — Eu te dou permissão para falar, Rage. Conte-me o que está passando pela sua cabeça.

“Nem fodendo, seu filho da puta”, o xinguei em pensamento, sentindo minhas unhas perfurarem as palmas das minhas mãos. Mestre balançou a

cabeça.

— Rage, não seja um cãozinho desobediente. Quero que me diga agora no que está pensando. Fale!

— Estou pensando em matar você — murmurei com todo o ódio que havia dentro de mim. Mestre gargalhou com vontade.

— Ora, Rage! Por que perde tempo pensando esse tipo de coisa? Sabe que isso jamais vai acontecer — disse ainda rindo de mim.

— Quer pagar para ver?

Ele parou de rir ao ouvir a minha ameaça e me olhou com uma frieza que, se eu não estivesse queimando de raiva, certamente teria me congelado. Mas há muito eu não sentia medo dele, pelo contrário; a cada vez que ele tentava me amedrontar, mais o meu ódio crescia.

— Acha mesmo que pode me matar?

— Eu tenho certeza. Chegue mais perto se quer comprovar.

Ele me olhou de cima a baixo novamente, me avaliando, como se estivesse medindo o tamanho do meu ódio.

— Sua ingenuidade me comove, Rage — ele disse, voltando a me fitar. — E me excita.

Quis dizer que o ingênuo ali era ele, que sequer poderia imaginar tudo o que estávamos fazendo pelas suas costas, mas fiquei quieto e me surpreendi ao vê-lo se aproximar um pouco mais de mim. Ainda não poderia o alcançar, mas franzi o cenho ao o avaliar. Mestre nunca se aproximava de mim sem eu estar drogado, só havia feito aquilo uma vez e eu quase o matei enforcado. Talvez a idade estivesse afetando o seu senso de perigo.

— Quer me falar mais alguma coisa? — Perguntou, olhando diretamente em meus olhos.

— Não tenho nada para falar para você.

— “Você”? Rage, acho que o tempo que passamos afastados lhe encheu de coragem, ou seria de burrice? Será que esqueceu o que pode lhe acontecer se me tratar com desrespeito? — Perguntou com o cenho franzido. — Peça desculpas!

— Nunca.

— Peça desculpas agora, seu cãozinho de merda! — Gritou, aproximando-se mais um pouco. — Quem você pensa que é para me desafiar? Eu acabo com você!

— Não, Mestre... Eu vou acabar com você! — Gritei de volta, aproximando-me dele em poucos segundos.

Vi quando seus olhos se arregalaram e consegui o puxar para mim pelo colarinho da camisa. Já tinha tudo em mente, iria o tacar no chão, em seguida, montaria em sua cintura e socaria sua cara até arrancar todos os seus dentes, mas não fui muito longe. Senti quando algo pontudo entrou em meu braço e cambaleei com força segundos depois, caindo no chão. Minha cabeça rodou e perdi a visão, enxergando tudo preto, enquanto um bolo se formava em minha garganta. Eu já conhecia cada uma daquelas sensações, mas, mesmo assim, fui pego totalmente de surpresa.

Havia me drogado. De alguma forma, o Mestre consegui me drogar, mesmo estando prestes a morrer pelas minhas mãos. Apertei os olhos com força, tentando enxergar novamente, mas só vi vultos e gemi quando senti meu cabelo sendo puxado com força na altura da nuca. O rosto do Mestre entrou em meu campo de visão, mas mal pude enxergá-lo de fato. Era como se ele fosse um vulto na minha frente.

— Está achando que pode me desafiar, seu merdinha? Perdeu o juízo? Você é só um cão, porra! É só isso que você é! Eu mando em você, você é todo meu, Rage, todo meu! E vou provar isso, já que parece que se esqueceu.

Ele me puxou pelo cabelo e, sem forças, caí de cara no chão. Senti o gosto de sangue em minha boca por conta do impacto dos meus dentes contra os meus lábios, mas não foi isso que me fez gelar por dentro; foi a certeza do que iria acontecer dali a alguns minutos. A droga amortecia meus movimentos, mas eu conseguia sentir tudo, por isso, fechei os olhos com força quando senti o Mestre arrancar o meu short e se posicionar atrás de mim. Suas mãos tocaram o meio da minha bunda e tentei me retesar, escapar, mas meu corpo não cooperava. Senti o vômito em minha garganta quando seus dedos molhados e pegajosos me penetraram por trás, causando-me dor.

— Não gosta disso, cãozinho? Não gosta do meu toque, dos meus dedos? Não gosta do meu pau no seu cu? — Ele perguntou em uma voz áspera e quis me virar para acabar com ele, matá-lo, mas não podia fazer nada. — Talvez

você não goste porque não sou uma mulher, não é?

Senti meu coração falhar uma batida e um frio aterrorizador tomar o meu estômago. Mesmo prestes a ser violado, não consegui parar de ouvir a sua voz. Mestre nunca tinha falado sobre mulheres para mim, nem uma única vez. O que ele queria dizer? Será que ele sabia? Como era possível? Senti quando puxou meu cabelo e encostou a boca em minha orelha, enquanto enfiava o pau em mim. Doeu, me rasgou por dentro, mesmo assim, só conseguia prestar atenção nas palavras que sussurrava em meu ouvido.

— Preferia que eu tivesse uma boceta, Rage? Preferia que fosse você metendo em mim? Ou só uma boceta serve para você?

Ele começou a meter com força, me fazendo gemer por conta da dor, enquanto puxava meu cabelo. Sempre sentia como se estivesse me punindo, mas, daquela vez, seu ódio parecia ter duplicado de tamanho. Ele estava me fodendo como um animal, sons estranhos escapavam de sua garganta.

— Por que não me responde, Rage? Acabou a sua coragem? — Perguntou. — Preferia uma boceta, Rage? — Gritou. — Seu cãozinho filho da puta! Preferia a Amber, porra? É ela que você quer, seu merda?

Ele sabia.

A constatação caiu sobre mim com a força de um meteoro. Tirou o meu ar, o meu chão, quase arrancou fora o meu coração. Já não me importava mais com a dor do que ele fazia com o meu corpo, mas, sim, com a dor que ele havia acabado de injetar em minha alma. De alguma forma, ele havia descoberto sobre mim e Amy, mas, como? Quem havia contado para ele? Quem havia nos traído? Os rostos de John e Peter brilharam com força em minha mente, mas nem o meu ódio por eles conseguiu ser maior do que a dor ou o medo que começou a me assolar. O que seria de Amy agora que o Mestre sabia de tudo? Ele iria matá-la!

— Não... — Consegui murmurar, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. Não sabia se chorava pelo medo ou pela frustração de não poder fazer nada para salvar a mulher que eu amava.

— Não o quê? Vai dizer que não a quer? Vai mentir para mim e dizer que não gostou de foder a boceta daquela vagabunda?

— Pare... — sussurrei.

— Parar? Ora, Rage, estou apenas começando!

Ele esfregou o meu rosto no chão e senti a pele da minha testa arder por conta dos arranhões, mas, de alguma forma, consegui desligar minha mente do meu corpo. Deixei que a imagem de Amy fluísse pela minha mente e me agarrei ao seu sorriso, a sua voz dizendo que me amava, ao seu cheiro que eu tanto adorava. Chorei mais, chorei com força, me sentindo um fraco, um idiota, um imbecil por não poder avisar a ela que o Mestre sabia sobre nós dois e pedir para que fugisse. Como iria protegê-la dele? Como?

Senti quando Mestre ficou tenso em cima de mim, em seguida, quando relaxou. Ele havia gozado, mas aquilo não trouxe o alívio que costumava me invadir antigamente. Eu esperava ansiosamente para que ele gozasse logo, pois, assim, me deixaria em paz, mas, agora, só senti pavor. E se ele fosse atrás de Amy quando saísse daqui? Meu Deus, o que ele iria fazer com ela? Senti meu corpo tremer. Ele se levantou e ajeitou a cueca e a calça, me olhando com desprezo.

— Por favor... — implorei, mas nem sabia pelo quê.

— O quê?

— Não... Não a machuque — Consegui sussurrar, mesmo sentindo minha língua dormente por conta da droga.

— Está implorando por ela? — Perguntou entredentes. — É isso mesmo que estou ouvindo?

— Por favor, Mestre...

— Seu cãozinho filho da puta! — Xingou, chutando-me com força na costela. Perdi o ar e senti a dor se espalhar pela lateral do meu corpo. Ele me chutou mais três vezes. — Ela não é nada, porra! Ela é só uma vadia, seu merda!

— Não...

— Sim! — Chutou meu estômago. — E você é um babaca por ter se apaixonado por ela! É um burro, um idiota e vai me pagar caro! Ela também vai me pagar caro, porra!

— Não... Eu faço qualquer coisa... Qualquer coisa...

Ele parou de me chutar ao ouvir minhas palavras, que haviam saído como gemidos. Vi seu olhar duro pesar sobre mim e engoli em seco, sentindo muita

dor. Meu corpo estava judiado, minha mente dava voltas e meu coração estava pesado.

— Qualquer coisa? — Perguntou.

— Sim... Só não a machuque, Mestre...

— Você não deveria barganhar comigo, Rage... Se acha que sou impiedoso com você, é porque nunca me viu à frente dos negócios. Sou implacável.

Não entendi o que ele quis dizer, mesmo assim, voltei a implorar.

— Por favor, Mestre... Deixe a Amy... Em paz.

Ele se abaixou ao meu lado e tocou em meu queixo com a ponta dos dedos. Seus olhos estavam frios, mas pareciam brilhar, como se uma ideia muito boa estivesse passando pela sua mente.

— Eu deixo a Amy em paz se você prometer que vai voltar a ser o cãozinho amável que era quando criança — disse, tocando em meu rosto com a ponta dos dedos. — Vai voltar a me chupar e a dar para mim de bom grado, sem precisar de drogas para ficar quieto ou excitado.

Sua proposta era nojenta, mas a ideia de ter Amy machucada ou morta, era insuportável. Talvez eu nunca mais a visse, nunca mais fosse tocá-la ou beijá-la, mas ter a certeza de que ela estaria bem e segura, já estava de bom tamanho para mim. Se precisasse viver no inferno para que ela fosse poupada, então, era isso que eu iria fazer.

— Ok — respondi apenas, sem desviar os olhos dele. Vi quando trincou o maxilar, mas seus olhos brilharam de excitação.

— Gosta tanto dela assim?

— Eu a amo — respondi com a voz fraca, mas com determinação. Seus dedos apertaram meu maxilar com força.

— Não deveria. Deveria amar apenas a mim, seu merdinha — disse com raiva, em seguida, me largou, me fazendo bater a cabeça no chão. — Mas me contento com o seu corpo, ainda mais agora, que vai me dar tudo de bom grado. Se me recusar uma vez, ao menos uma vez, eu corto fora a cabeça daquela vadiazinha e a penduro na parede do seu quarto, para que você possa olhar para ela todos os dias e se lembrar da sua fraqueza. Entendeu?

— Sim...

— Sim o quê?

— Sim, Mestre — sussurrei.

— Temos um acordo, Rage — ele disse, tocando em meus cabelos. — Você será meu em troca da vida daquela putinha. Até que você sabe fechar um bom negócio, estou orgulhoso — riu, levantando-se em seguida. — Volto mais tarde.

Mestre saiu do quarto e eu continuei deitado no chão, sem forças no corpo, com o coração sangrando e a alma doendo. Lembrei da esperança que nutri nas semanas que passei ao lado de Amy, dos nossos planos para o futuro, da minha vontade de conhecer o mundo ao seu lado. Mas nada doeu mais do que pensar em seu sorriso que eu nunca mais veria, no sabor dos seus lábios que eu nunca mais sentiria, no som da sua voz que eu nunca mais ouviria.

Cortou-me profundamente saber que nunca mais ficaríamos juntos.

Capítulo 33

Amber

Passei o dia trancada em meu quarto, angustiada, andando de um lado para outro, sentindo um peso terrível em meu coração. A maior parte de mim queria ir até o escritório, descer as escadas de pedra e ir até o quarto do Rage, onde eu sabia que meu pai estava. Queria entrar lá com uma arma, uma faca, qualquer coisa que pudesse tirar a vida daquele monstro e salvar o meu amor, mas sabia que não podia. Meus sentimentos duelavam com o meu lado racional, que me pedia para ter calma, para esperar o momento certo para atacar Maximus Bloom.

Mas, e se o momento certo fosse tarde demais? E se quando, finalmente, pudéssemos acabar com Maximus, Rage já estivesse destruído? Inúmeros cenários invadiam a minha mente e nenhum deles tinha um final feliz. Eu queria ter esperanças, mas alguma coisa dentro de mim me dizia que algo muito ruim estava prestes a acontecer. Eu só não sabia o que poderia ser.

Já havia anoitecido quando, enfim, decidi parar de pensar e tomar um banho. Mesmo assim, ao sentir o contato da água quente em meu corpo, minha mente foi novamente para Rage. O inverno era rigoroso nas montanhas e o quarto escuro não tinha nenhum tipo de calefação. Como ele deveria estar? O que não deveria estar sentindo? Meus olhos se encheram de lágrimas ao pensar nele encolhido naquele chão de cimento, passando frio, tentando se aquecer a qualquer custo. O banho quente só serviu para me deixar ainda pior e saí correndo do chuveiro, secando-me rapidamente.

Antes de sair do banheiro, parei em frente ao espelho encontrando uma Amy pálida, com os olhos vermelhos de tanto chorar e o rosto coberto pela agonia. Sabia que não podia aparecer assim na frente do meu pai, mas como poderia agir de forma diferente? Limpei minhas lágrimas e me enrolei na toalha, tentando controlar as minhas emoções, mas senti meu coração se acelerar quando saí do banheiro e encontrei meu pai em meu quarto, sentado na beirada da minha cama. Não consegui dizer nada, apenas olhei para ele e

ele me olhou de volta de cima a baixo, parecendo me analisar.

— Estava chorando? — Perguntou, olhando diretamente em meus olhos. Por um momento, não soube o que dizer, nada passava pela minha mente. Mesmo assim, engoli em seco e me obriguei a falar alguma coisa.

— Não, eu só... Estou ficando gripada, eu acho — falei, apertando a toalha com mais força em meu corpo. — O senhor precisa de alguma coisa?

— Sim — disse ele, levantando-se da cama. — Preciso que arrume suas coisas. Você vai embora amanhã de manhã.

Foi como tomar um soco no estômago, acho que cheguei a perder o ar e senti minhas pernas ficarem bambas.

— Co... Como? — Gaguejei baixinho, sentindo minhas mãos tremerem.

— Você vai embora amanhã — repetiu pausadamente. — A gripe está afetando a sua audição?

Desviei o olhar, sentindo meu coração bater forte no peito. Rage. Era só nele que conseguia pensar. Se eu fosse embora, como poderia encontrá-lo novamente? Para onde meu pai iria levá-lo? Senti minha mente dar voltas.

— Mas... É seguro voltar?

— Se estou mandando você voltar, é porque é seguro. Ou acha que sou idiota?

— Não senhor, eu só... Só fui pega de surpresa — falei. — Eu estava gostando de passar esse tempo aqui.

— Estava gostando de ficar isolada no meio do nada? — Perguntou com seriedade. — Pelo o que eu saiba, não há nada aqui para prender a sua atenção ou para te deixar chateada por voltar a sua realidade. Ou há?

Lutei para não arregalar os olhos e demonstrar medo diante da sua pergunta. Sempre senti que meu pai me testava, que gostava de me colocar em posições que me deixavam desconfortáveis, mas, daquela vez, senti que uma palavra em falso, poderia realmente me fazer cair. Era como se ele desconfiasse de algo, por mais que eu soubesse que era impossível que houvesse descoberto sobre mim e Rage.

— Essa casa me lembra muito a mamãe, é como se eu pudesse sentir a presença dela em cada cômodo, só por isso que estou um pouco chateada por ir embora — menti, mas lutei para que ele acreditasse em mim.

Vi como me olhou de cima a baixo novamente, como se quisesse descobrir o que havia de errado comigo. Por fim, apenas assentiu.

— O helicóptero virá buscá-la às sete da manhã — disse, em seguida, se virou para sair. Respirei aliviada por, enfim, ficar longe de sua presença esmagadora, mas ele parou no meio do caminho e se virou para me olhar. Disse em uma voz cortante: —Harry está ansioso para o casamento e deve jantar com você amanhã, para que possam marcar a data. Não esqueça de agir como a dama perfeita que eu te criei para ser, ou juro que acabo com a sua raça.

Meu coração gelou dentro do peito, não por causa da sua ameaça, mas por saber que, ao voltar, Harry estaria esperando por mim para que conversássemos sobre o casamento. Para marcar uma *data*. Meu Deus... Meu Deus! O que seria de mim? O que seria do Rage? O que seria do nosso filho?

— Você ouviu, Amber? — Perguntou, me fazendo despertar.

— Sim... Sim, senhor — sussurrei, querendo que ele sumisse das minhas vistas. Querendo que desaparecesse da minha vida e nunca mais voltasse.

— Ótimo.

Daquela vez, ele se virou e realmente saiu do quarto, deixando-me sozinha. Com as pernas trêmulas, caminhei até a cama e me sentei, olhando para o nada, mas vendo tudo dentro da minha cabeça. Se antes eu já não conseguia ver uma saída, agora, era como se o cerco tivesse acabado de se fechar. Marcaríamos uma data para o casamento. Eu estava grávida. Rage estava preso. Mesmo com o detetive bem adiantado em sua investigação, prometendo que meu pai seria preso em breve, eu não conseguia ver um cenário diferente do que estava se desenrolando na minha frente. Não conseguia imaginar um final feliz para mim ou para Rage. Não conseguia imaginar o que meu pai faria quando soubesse que eu carregava um bebê em meu ventre.

Colocando as mãos em minha barriga, fiz novamente as minhas contas. Provavelmente, estava grávida de quatro semanas, quase cinco. Em breve, minha barriga começaria a crescer. Como eu poderia disfarçar? O que eu poderia fazer? Como iria proteger o meu bebê? Naquele momento, mais do que em qualquer outro, me senti completamente sozinha, sem esperança alguma no futuro. Desolada, escondi meu rosto em minhas mãos e chorei,

sentindo-me desesperada.

— Amy, não chora... — A voz de Hernandez invadiu os meus ouvidos e senti sua presença ao meu lado. Ele me abraçou pelo ombro e encostei minha cabeça em seu peito. — Vai ficar tudo bem, menina, eu prometo.

— Ele disse... Disse que vou embora amanhã — murmurei em meio ao choro. — Como posso ir embora e deixar o Rage? Como?

— Você não irá deixá-lo, Amber. Ele sabe que a única opção que você tem no momento, é seguir as ordens do Maximus. Logo, logo você estará com ele de novo.

Balancei a cabeça e me afastei para poder olhá-lo. Hernandez era só um borrão em meio as lágrimas nos meus olhos.

— Maximus disse que Harry deve jantar comigo amanhã, para que possamos definir a data do casamento. Como posso seguir adiante com isso, Henrnadez? E se o detetive demorar demais? E se eu tiver mesmo que me casar com aquele homem?

— Ele não vai demorar, Amy, eu juro para você. Não terá de se casar com Harry e Rage não vai sofrer por muito tempo. Vamos pegar o seu pai antes disso.

— Vamos mesmo?

— Vamos — disse, limpando as minhas lágrimas. — Você precisa se controlar, precisa acalmar o seu coração e usar a cabeça. Sei que está abalada, mas não pode se entregar ao medo.

— Eu só quero que tudo isso acabe e que meu pai seja destruído, Hernandez. É só isso. Por que é tão difícil destruir o mal?

— Porque o mal tem uma força tremenda, mas jamais terá a mesma força que o bem — Hernandez disse, acariciando o meu rosto. — E você está fazendo um bem enorme, não apenas ao Rage, mas a todas as vítimas do monstro que é Maximus Bloom. Vamos conseguir derrotá-lo, Amy. Eu não tenho dúvidas disso.

Deixei-me cair contra o seu peito novamente, querendo dizer que eu também não tinha dúvidas de que iríamos derrotar o meu pai, mas não era isso que sentia dentro de mim.



Passei a noite em claro, olhando para o céu escuro através das janelas fechadas. Com as cortinas afastadas, conseguia ver as nuvens carregadas que escondiam as estrelas e quase impedia que a luz da lua tocasse a copa das árvores. De certa forma, eu me sentia como aquela lua; era como se Maximus fosse as nuvens e as árvores fossem o Rage. Maximus me impedia de chegar perto do homem que eu amava, assim como as nuvens impediam que a luz da lua chegasse às árvores.

A metáfora poderia ser ruim, mas não era pior do que o peso em meu peito. Mesmo assim, passar a noite em claro me deu a oportunidade de reavaliar o modo como eu estava agindo. Estava sendo fraca e estúpida e, no momento, estava me odiando por causa disso. Passei as últimas semanas sendo uma fortaleza, tendo a certeza de que seria boa o suficiente para acabar com o meu pai e, agora que o momento havia chegado, eu estava agindo como uma covarde. Sabia que era difícil controlar os meus sentimentos, mas essa não era a hora de agir com o coração e, sim, com a cabeça.

Por isso, levantei-me junto com o raiar do dia. Enquanto a escuridão dava lugar ao cinza no céu, eu terminava de arrumar as minhas malas, decidida a mudar a expressão em meu rosto. Sim, estava grávida, em breve a minha barriga apareceria, eu teria de ir embora e ficar longe de Rage, teria de fingir, pelo menos por algum tempo, que ainda era a filha submissa que obedecia às ordens do pai e, provavelmente, teria que demonstrar interesse em meu "casamento" com Harry, mas tudo valeria a pena. Não deixaria mais que aquela sensação de que algo iria dar errado, continuasse a me assolar. Se eu realmente quisesse acabar com o meu pai, teria que deixar a insegurança de lado e me agarrar à esperança de que os planos que havíamos feito, dariam certo.

Antes das sete da manhã eu já estava com as malas prontas e devidamente arrumada. Coloquei em meu rosto uma expressão neutra, como se não

estivesse sofrendo por deixar Rage “para trás” e saí do meu quarto, encontrando meu pai sentado em uma poltrona na sala, lendo um livro. Ele me olhou assim que me sentei em um dos sofás.

— Bom dia — saudei, vendo-me me olhar de cima a baixo.

— Bom dia. O helicóptero deve chegar em alguns minutos — ele disse. — Onde está Hernandez?

— Descendo com as minhas malas. Peter está o ajudando.

— Ótimo.

Ele voltou a ler o livro e eu me cocei para perguntar quando ele iria embora, mas consegui me conter. Não poderia demonstrar tanto interesse, pois temia que ele desconfiasse de algo. Maximus odiava que se intrometessem em sua vida e isso incluía a sua agenda. Antigamente eu não entendia o porquê de tanto sigilo, mas, hoje, eu sabia o motivo — um homem com a vida podre como a dele, realmente, precisava fazer tudo por debaixo dos panos.

Hernandez e Peter desceram com as minhas malas no mesmo instante em que Timothy entrou na sala, dizendo que o helicóptero havia acabado de pousar. Levantei-me, sabendo que não havia mais como enrolar e vi o meu pai fazer o mesmo.

— Usarei o jatinho amanhã de manhã, por isso, reservei dois assentos no voo para Chicago — meu pai disse, dando-me as passagens. Vi o meu nome e o nome de Hernandez impressos nos papéis, mas só olhei para fingir interesse, pois minha mente já estava processando o que ele havia acabado de me dizer. Ele iria embora no dia seguinte e, certamente, levaria Rage consigo. Senti meu coração parar na garganta, mas consegui disfarçar. — Wayne vai te pegar no aeroporto e te levar para a nossa cobertura. Acho que você ficará mais segura lá, pois dobrei a segurança no prédio. Assim que chegar, peça para que preparem um jantar, pois Harry chegará lá às oito da noite. Fui claro?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Faça uma boa viagem — desejou, voltando a se sentar e ler o livro.

Naquele momento, fiquei aliviada por Maximus não ser o tipo de pai que

dispensava falsos carinhos ou abraços, pois sabia que não iria conseguir retribuir o seu toque. Agradeci baixinho e saí da sala acompanhada por Hernandez, Peter e Timothy. Fiquei surpresa ao encontrar John do lado de fora e parei rapidamente para me despedir dele, enquanto os outros seguranças iam na frente.

— Por favor, me mantenha informada sobre Rage — sussurrei rapidamente em seu ouvido, enquanto lhe dava um rápido abraço.

— Pode deixar, Amber. O Senhor Bloom ainda não me deixou ir lá embaixo, mas assim que eu for, envio uma mensagem para você — garantiu.

— Obrigada, John. De verdade.

Ele apenas assentiu e eu me afastei, sentindo um pouco mais de segurança. John vinha se mostrando um grande aliado e sentia que podia confiar nele. Esperava, do fundo do coração, não estar enganada.

Entrei no helicóptero depois de me despedir de Peter e acenar para Timothy, em seguida, coloquei o cinto de segurança. O piloto disse que já estávamos prontos para partir e olhei pela janela, observando a casa onde passei as semanas mais intensas da minha vida, ficar cada vez mais distante. Foi impossível controlar a lágrima que deslizou pela minha bochecha, mas rapidamente a sequei, impedindo-me de entrar em desespero novamente.

“Vai dar tudo certo”, falei para mim mesma em pensamento. Foi a isso que me agarrei durante todo o caminho para casa.



Maximus Bloom sempre deixou claro a sua preferência por casas. Tinha mansões em Nova York, Paris, Londres, e até mesmo no Brasil, além da casa onde passei a minha infância, em Chicago. Por isso, podia contar nos dedos de uma mão as vezes em que fiquei em alguma de suas coberturas e foi com estranheza que entrei em seu gigantesco triplex, no final da tarde. Estava

cansada e com fome — o que era raro desde que havia descoberto a gravidez —, mas, mesmo assim, fiz questão de andar com Hernandez pelo apartamento, para poder conhecer melhor o lugar onde iria morar.

A decoração era sóbria e elegante, bem característica do meu pai, com quadros de artistas famosos na parede e esculturas que valiam alguns milhares de dólares. A cobertura contava com quatro suítes além da suíte master e tinha uma piscina aquecida no último andar. Acabei escolhendo o primeiro quarto que entrei e Hernandez pegou a suíte ao lado da minha.

Tomei um longo banho e saí já pegando o meu celular, esperando pela mensagem de John, mas até agora nada. Será que meu pai ainda não havia permitido que ele fosse ver o Rage? Estava com coração na mão, louca de preocupação, mas me segurei para não ligar para ele, pois tinha medo de que meu pai descobrisse. Duas batidas na porta me deixaram alerta e logo vi Rose, a governanta contratada por Maximus, entrar em meu quarto com uma bandeja em mãos.

— Seu segurança pediu que para que lhe trouxesse esse lanche, Senhorita Bloom — disse com um sorriso gentil, colocando a bandeja em cima da mesa próxima a janela. — Espero que goste do bolo de limão que fiz hoje cedo. Coloquei um pedaço para a senhorita.

— Obrigada, Rose.

— Disponha. Precisa de mais alguma coisa?

— Não, pode ficar tranquila.

— Está bem. Vou voltar para a cozinha e monitorar o preparo do jantar. Com licença.

Ela saiu do quarto e eu senti um leve enjoo ao me lembrar do encontro que teria com Harry dali a algumas horas. Mesmo assim, aproveitei o resquício da fome e comi a salada de frutas e o bolo que ela havia feito. Estava terminando o copo de suco de laranja, quando Hernandez apareceu entre a fresta da porta.

— Fico feliz que esteja comendo — disse ele, entrando em meu quarto em seguida.

— E você? Já comeu?

— Sim, acabei de comer um sanduíche, não se preocupe — disse, sentando-se na cadeira a minha frente. — Alguma notícia de Rage?

— Ainda não. John disse que me mandaria uma mensagem assim que fosse vê-lo, mas até agora nada. Estou com o coração apertado, Hernandez. Meu maior medo é que meu pai consiga sumir com Rage.

— John é o segurança de Rage e ele está ao nosso lado, Amy. Ele não nos deixará sem notícias, tenho certeza — disse ele. — Agora você precisa se preparar para esse jantar. Tente agir com naturalidade, pois Harry é quase um braço direito de Maximus. Os dois estão juntos nessa sujeira toda.

— Sim, eu sei. Espero conseguir passar por esse jantar sem vomitar em cima dele, apesar do desgraçado merecer — falei, sentindo raiva.

Como conseguiria olhar para a cara dele sem ter vontade de lhe arrancar os cabelos? Eu me lembrava nitidamente do que Rage havia me contado sobre aquele filho da puta, assim como tinha vívida em minha mente a cena dele estuprando Rage naquela sala secreta na boate em Nova York. Que Deus me desse forças para passar por aquele jantar sem perder o controle. Senti a mão de Hernandez por cima da minha.

— Você é forte, menina. Vai se sair muito bem, eu tenho certeza.

A confiança nos olhos de Hernandez me disse muito mais do que as suas palavras e senti meu coração se acalmar um pouco. Passei a noite em claro dizendo a mim mesma que precisava ser forte e saber que Hernandez — que era o homem que eu mais admirava no mundo — enxergava aquilo em mim, me deu um gás a mais para passar por tudo aquilo.



Olhei-me no espelho, alisando o vestido que havia escolhido para o jantar. Não sentia vontade alguma de me arrumar, mas sabia que, se eu realmente quisesse manter as aparências, precisaria agir como a Amber de antigamente, que não sabia de nada e fazia tudo o que o papai mandava. A maquiagem em meu rosto era simples, mas elegante e o toque de brilho vinha dos diamantes

em minhas orelhas e do anel de noivado, que eu tive que procurar em minha caixa de joias. Estava bem e preparada para reencontrar aquele homem que compactuava com as monstruosidades do meu pai.

Saí do quarto e desci as escadas, disposta a esperá-lo na sala, como a boa anfitriã que eu havia sido educada para ser. A campainha soou minutos depois de eu ter me acomodado em uma das poltronas e Hernandez se adiantou para abrir a porta, dispensando Rose com um olhar. Antes de deixar Harry entrar, me olhou com uma sobrancelha arqueada, perguntando-me silenciosamente se eu estava pronta para ver o monstro de estimação do meu querido e amado pai. Apenas assenti e engoli com certa dificuldade quando Harry entrou em meu campo de visão.

Senti vontade de vomitar e matá-lo ao mesmo tempo. Um bolo se formou em minha garganta, enquanto me lembrava perfeitamente das palavras de Rage sobre ele. Do modo como ele fazia questão de tratá-lo com violência nos encontros, que era sempre o primeiro a estuprá-lo. Senti que poderia chorar a qualquer momento, mas consegui me equilibrar em uma linha fina de frieza e me acalmar.

— Querida, como senti a sua falta! — Disse assim que me viu, caminhando em minha direção. Levantei-me para cumprimentá-lo e consegui conter a onda de enjoo quando ele beijou a minha mão. — Como você está?

“Estou com vontade de te matar, seu estuprador de merda.”

— Muito bem, querido. E você?

— Melhor agora que finalmente tenho você ao meu lado. As últimas semanas foram tensas.

— Tenho certeza que sim, mas poderemos conversar melhor na mesa de jantar. Rose já deixou tudo preparado para nós dois.

— Perfeito.

Ele me estendeu o braço e eu segurei, caminhando com ele até a extensa sala de jantar, com uma mesa para oito pessoas. O lustre pendurado no teto fazia as luzes refletirem nas paredes cor de marfim. Harry arrastou a cadeira para que eu pudesse me sentar, em seguida, ocupou a cabeceira. Estar no poder parecia ser tão comum para ele quanto era para o meu pai e, infelizmente, eu podia entender o porquê. Antes que pudéssemos retomar a

conversa, Rose e os outros empregados nos serviram o jantar e encheram nossas taças com água e vinho. Harry levantou a taça com a bebida alcoólica assim que fomos deixados a sós.

— Ao seu retorno e ao nosso reencontro — disse ele antes de brindarmos. Para que não estranhasse, tomei um gole pequeno da bebida, sendo acompanhada pelo seu olhar. — Como foram as últimas semanas na Carolina do Norte?

— Tediosas — sorri. — Não há muito o que fazer em uma casa isolada nas montanhas.

— Imagino que sim. Mas seu pai me disse que você pareceu triste em voltar.

Não me passou despercebido o seu olhar interessado em minha resposta, por isso, dei levemente de ombros e pus uma expressão melancólica em meu rosto.

— Apenas porque aquela casa lembra muito a minha mãe. Ela realmente adorava passar uns dias lá, decorou cada cômodo daquele lugar... Apesar de não ter muito o que fazer, me senti muito bem enquanto estive lá.

— Verdade. Não passei muito tempo com a falecida Senhora Bloom, mas lembro-me de ela ser uma mulher muito doce e amorosa. Tenho certeza que foi uma ótima mãe para você — disse ele, tocando em minha mão por cima da mesa.

Quis dizer que, apesar de seguir rigidamente cada regra do meu pai e, com isso, ter me criado como se eu fosse uma boneca de porcelana e não como uma criança, ela havia, sim, sido uma boa mãe. Mas, claro, omiti aqueles detalhes.

— Com certeza. Sinto muito a falta dela. — Isso realmente não era mentira.

— Tenho certeza que sim, mas, agora que iremos nos casar, você não estará mais sozinha. Em breve estará grávida e não quero parar no primeiro filho, como os seus pais e os meus. — Ele sorriu e, se eu não soubesse o monstro que ele era, jamais imaginaria que tudo o que saía de sua boca era mentira. — Não sei você, mas sempre me senti muito solitário sendo filho único.

— Eu também. Sempre pedi um irmão ou irmã, mas meus pais nunca realizaram o meu desejo.

— Os meus também não. Bem, pelo menos não iremos fazer isso com os nossos filhos — disse. — Estava pensando em marcar a data do casamento para daqui a um mês... O que acha?

Senti um embrulho no estômago, mas consegui engolir o peixe que estava mastigando. Fingindo que nada estava acontecendo, sorri e assenti.

— Acho ótimo.

— Que bom, achei que falaria que estava muito em cima — disse, me olhando com aquele sorriso imbecil nos lábios. — Dinheiro não é o problema, então, podemos fazer tudo do jeito que você quiser. O casamento dos seus sonhos.

"O casamento dos meus sonhos com certeza não te inclui, seu filho da puta", quis dizer, mas, claro, apenas voltei a sorrir.

— O casamento dos meus sonhos é algo intimista e reservado, mas sei que não é isso que o meu pai quer.

Ele me olhou com uma espécie de adoração.

— Você realmente admira muito o seu pai, não é?

"Você não imagina o quanto."

— Sim, muito. Ele é a única família que eu tenho e sempre cuidou muito bem de mim.

— Verdade, ele tem muito orgulho de você, assim como eu. Tenho certeza que será uma esposa exemplar — disse, esticando-se para tocar em meu queixo. Senti-me como uma criança que era elogiada por algum adulto idiota.

— Espero ser.

Terminamos de comer em meio a conversa sobre o casamento. Ele disse que tinha, em média, duzentas e cinquenta pessoas para convidar e que ainda naquela semana pediria para que sua secretária me enviasse a lista por e-mail, pois, provavelmente, teríamos convidados em comum. Também disse que sua mãe fazia questão de que o casamento fosse feito no jardim de primavera na sua mansão nos Hamptons, em Nova York, mas que a decoração, comida e bebida, podia ser do meu gosto. Demonstrei bastante interesse em tudo, apesar de, por dentro, sentir vontade de vomitar a cada vez que fitava o seu

sorriso ou que sentia o seu toque em minha mão e braço. Por fim, depois do que pareceram horas, ele terminou a sobremesa e se levantou da mesa, esticando a mão para mim.

— Tão lindo ver essa aliança em seu dedo. Sei que o meu pedido de casamento não foi nada romântico, seu pai tem um jeito muito prático de resolver determinados assuntos, mas, mesmo assim, fiquei muito feliz com o nosso enlace.

— Eu também fiquei. Sempre soube que papai iria escolher o homem com quem eu fosse me casar e fiquei muito feliz por ter sido você — menti.

— Querida... — ele tocou em meu rosto com a ponta dos dedos e eu lutei para não me afastar. — Mal posso esperar para que você seja toda minha.

O tom rouco em sua voz me deixou extremamente confusa. Ele parecia realmente estar cheio de desejo por mim, mas, ao mesmo tempo, conseguia me lembrar nitidamente do modo como estuprou Rage naquela noite. Talvez ele fosse um ótimo ator e, como eu não poderia ficar para trás e lhe causar qualquer tipo de desconfiança, dei um sorriso tímido, sentindo meu estômago enjoado.

— Depois do casamento — murmurei.

— Sim, depois do casamento. Jamais faltaria com respeito com uma dama como você.

Meu Deus, parecia que estávamos no século XVIII.

— Você é um cavalheiro, Harry.

Ele sorriu, parecendo estar satisfeito com o elogio, em seguida, se afastou. Precisei conter um suspiro de alívio, pois, por um momento, pensei que fosse me beijar.

— Preciso ir, amanhã tenho uma reunião logo cedo e ainda preciso ler alguns relatórios. Talvez possamos sair para jantar no final de semana.

— Eu adoraria.

Ainda mantendo o sorriso falso em meu rosto, fui com ele até a porta da cobertura e o esperei vestir o casaco. Assim que ele ficou pronto, abri a porta e senti o seu beijo em meu rosto ao se despedir.

— Até mais, Amber.

— Até mais, Harry.

Só voltei a respirar com tranquilidade depois que fechei a porta atrás de mim. Levei alguns minutos ali, encostada contra a madeira maciça, recuperando-me do desgaste que foi aquele jantar. Meu maxilar doía de tanto ter forçado o sorriso e minhas mãos estavam suadas com o resquício de nervosismo que me tomava. Apesar de tudo, eu sentia que tinha me saído muito bem.

— Amber, precisamos conversar — Hernandez disse, entrando em meu campo de visão de repente. Senti um aperto no peito ao notar a sua expressão séria.

— O que houve?

— Vamos até o seu quarto.

Fomos juntos para o segundo andar e, assim que entramos em meu quarto, questionei novamente:

— O que aconteceu? John ligou?

— Sim, ligou.

— E o que ele disse? Como Rage está? — Perguntei, aflita, com o coração batendo forte.

— Amber... John não é mais o segurança de Rage.

Senti minhas pernas ficarem moles e tudo o que enxerguei em seguida, foi a escuridão.

Capítulo 34

Amber

— Amber? Amber, querida, acorde...

Eu conseguia ouvir a voz de Hernandez ao longe, como se ele estivesse me chamando a quilômetros de distância. Contudo, quando consegui abrir os olhos, enxerguei, mesmo que de forma embaçada, que ele estava praticamente em cima de mim. Senti seu toque terno em meu rosto.

— Graças a Deus! Está me ouvindo?

— Eu... O que houve? — Perguntei, sentindo-me desorientada. Pisquei duas vezes, para que minha visão voltasse ao normal e senti uma pressão incomoda em minha nuca.

— Você desmaiou. Consegue se sentar? Peguei um copo d'água para você.

Com a sua ajuda, consegui me sentar na cama e me encostei rápido à cabeceira, pois sentia minha cabeça pesar. Tomei a água aos poucos, tentando me lembrar o porquê de ter desmaiado, mas minha mente estava confusa. Conseguia me lembrar do jantar com Harry, então, Hernadez e eu viemos para o meu quarto. Falamos algo sobre Rage, mas não conseguia lembrar o quê.

— O que houve com Rage? Era sobre ele que estávamos falando, não era?

Hernandez se sentou ao meu lado e tocou em minha mão com carinho.

— Sim, era. Desculpa, eu estava nervoso e acabei despejando a notícia em cima de você, mas, antes de falar sobre isso, quero te perguntar uma coisa, Amy. E você precisa ser sincera comigo, tudo bem?

— Tudo bem.

Ele me olhou por alguns segundos, como se estivesse me analisando e comecei a ficar nervosa. Querendo fugir do seu olhar, coloquei o copo vazio em cima da mesinha de cabeceira e, quando voltei a me virar, encontrei seus

olhos em minha barriga. Senti um calafrio na espinha quando ele voltou a me fitar.

— Você está grávida, não é?

Meus olhos seguiram para a minha barriga. Ela ainda não estava aparente, mas eu sabia que não era isso que tinha feito Hernandez chegar àquela conclusão. Ele me conhecia como ninguém, sabia o meu modo de agir, conhecia os meus sentimentos, então, era óbvio que perceberia que havia algo diferente comigo. Os enjoos, o descontrole emocional, a falta de apetite... Tudo isso era atípico de mim. Sem saber exatamente como responder, apenas assenti.

— Amy... — Voltei a fitá-lo a tempo de vê-lo balançar a cabeça de um lado para o outro. Senti muito medo de que ele sentisse desgosto por mim.

— Sinto muito — murmurei, sem saber o que dizer.

— Por estar grávida?

— Por desapontá-lo — respondi, sendo sincera. Jamais me arrependeria de carregar um fruto meu e de Rage, mas sentia muito por desapontar Hernandez, pois o admirava demais.

— Não estou desapontado, estou preocupado e um pouco descrente. Não sou idiota, sabia que você e Rage já... Bem, sabia que deviam estar transando, mas pensei que você tomasse cuidado! Ele eu entendo que não deveria saber como se proteger, mas você sabe, Amy.

— Eu pensei que a minha injeção contraceptiva estivesse em dia. Com tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, eu me perdi nas datas. Você sabe, até conhecer o Rage, eu não me preocupava muito com as injeções, pois só as tomava para regular o meu ciclo e não para realmente não engravidar — falei, querendo que ele entendesse o meu lado. — Sei que não justifica meu descuido, mas aconteceu e eu já amo essa criança com tudo de mim.

— Por que não me contou?

— Não tive coragem — murmurei, olhando para minhas mãos entrelaçadas em minha barriga.

— Rage sabe?

— Não. Eu ia contar a ele, mas, então, o meu pai chegou... Não queria que ele se preocupasse ainda mais comigo — falei, voltando a fitá-lo. — Estou

com muito medo, Hernandez. Tenho tanto medo do que pode acontecer com Rage, comigo, com o nosso filho... Eu preciso proteger o meu bebê. E preciso que Rage volte para mim.

Sem que eu esperasse, Hernandez colocou a mão sobre a minha em minha barriga e acariciou lentamente.

— Você precisa ser forte, Amy, muito forte — disse ele, olhando-me com certo pesar. Senti uma corrente fria passar pelo meu corpo.

— O que quer dizer?

— John me ligou e disse que não é mais segurança do Rage. Seu pai o colocou na equipe que cuida de sua segurança pessoal.

Por um momento, temi que eu fosse desmaiar de novo. Senti minha cabeça girar, minhas mãos ficarem suadas e o meu coração começou a palpitar, mas não apaguei, pelo contrário. Fiquei bem acordada, olhando para Hernandez sem realmente o ver. Em minha mente, imagens de Rage sendo estuprado e torturado até quebrar me fizeram sentir um enjoo tão forte, que não pude me conter. Correndo até o banheiro, ajoelhei em frente ao vaso sanitário e coloquei todo o jantar para fora, enquanto lágrimas de desespero escapavam dos meus olhos.

— Amy... Meu Deus, eu sinto muito... — Ouvi Hernandez murmurar atrás de mim, segurando o meu cabelo.

Levou apenas alguns segundos para que o vômito cessasse, mas não o enjoo, o desalento, a certeza de que o medo que eu vinha sentindo desde que o meu pai apareceu na casa da montanha, não era em vão.

— Não pode ser... Hernandez... Não pode ser — falei em um sussurro, pois, se minha voz soasse um pouquinho mais alta... Tudo seria real. — Por quê? Por que meu pai faria isso? Por que tiraria John do lado de Rage?

— Eu não sei, Amy. Ele não deu nenhuma explicação ao John, simplesmente ordenou que ele passasse a acompanhar a sua equipe de segurança pessoal. Quase como uma...

— Promoção — o interrompi, virando-me de leve para fitá-lo. — É como se ele tivesse sido promovido.

— Exatamente.

— Você acha que ele pode ter nos traído? Acha que ele pode ter contado

tudo para o meu pai?

— Apesar de parecer reticente no começo, com o passar do tempo, John pareceu ficar do nosso lado. Não sei se ele iria nos trair dessa forma. Mas não podemos descartar essa possibilidade, Amy.

— Meu Deus, Hernandez... Se ele contar para o meu pai, estaremos perdidos — falei, sentindo um tremor horrível passar pelo meu corpo. Hernandez notou, pois me segurou pelos ombros com cuidado.

— Não vamos nos precipitar, certo? Se ele tivesse contado algo ao seu pai, Maximus com certeza já teria dado um jeito de vir aqui para fazer alguma coisa contra você. Até agora, está saindo tudo como o previsto. Vamos nos agarrar a isso e não sofrer por algo que, talvez, nem tenha mesmo acontecido — disse ele, esperando que eu assentisse em concordância. Balancei a cabeça para cima e para baixo, mas, por dentro, continuava tão temerosa quanto antes. — John prometeu que vai ficar de olho no seu pai, e tentar saber algo sobre o Rage. Ele mesmo se ofereceu, não fui eu que pedi. Isso me dá esperança de que ele não tenha nos traído.

— Espero mesmo que não — murmurei e Hernandez apertou a minha mão.

— Agora vá tomar um banho e escovar os dentes, enquanto vou lá embaixo fazer um chá para poder passar o enjoo. Precisamos cuidar muito bem desse bebê e protegê-lo, Amy.

Dessa vez, assenti com vontade, sabendo que ele tinha razão. Com sua ajuda, me levantei e, antes de deixá-lo sair do banheiro, olhei em seus olhos. Como sempre, Hernandez me olhou com atenção, com cuidado, como se quisesse me proteger de tudo.

— Perdoe-me por não ter contado antes sobre a gravidez. Eu fiquei com muito medo de desapontá-lo... Fiquei com vergonha, pois sei que confia em mim e agora estou aqui, grávida, no meio dessa confusão toda...

— Você não precisa ter vergonha de mim, menina, nunca. E para me desapontar, precisa fazer muito mais do que ter um filho... Só ficaria desapontado se você fosse como seu pai, mas você é completamente diferente dele, Amy. Você é uma mulher incrível, que tem um coração enorme e um senso de justiça de dar inveja em muita autoridade por aí. Eu sinto muito orgulho de você, garota e vou cuidar desse bebê com o mesmo afinco que

cuido de você.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas, mas não foi de tristeza e, sim, de emoção. Sem poder me conter, abracei Hernandez com força e senti seus braços um tanto desajustados cobrirem os meus ombros.

— Eu te amo, Hernandez.

— Eu também te amo, menina.

— Obrigada por tudo.

— Você sabe que não precisa agradecer.



Depois de tomar banho e beber o chá que Hernandez me fez, deitei-me na cama e me cobri até o pescoço, olhando para o céu sem estrelas pela janela. Minha mente estava recheada com um monte de possibilidades, enquanto meu coração se apertava cada vez mais por conta de Rage. Sem John ao seu lado, ele voltaria a ser tratado como o "cãozinho do Mestre" e isso acabava comigo. O próximo segurança seria um carrasco e saber que Rage voltaria a sofrer tudo pelo qual eu jurei que iria livrá-lo, quebrava o meu coração.

Como ele poderia me perdoar? Como voltaria a me olhar com amor, sabendo que não fiz a única coisa que prometi a ele desde o momento em que nos olhamos pela primeira vez? Rage passou a confiar em mim, porque mostrei a ele que eu não era como os outros, que eu estava muito longe de ser como Maximus Bloom. Ele acreditou em cada uma das minhas promessas, principalmente naquela em que garanti que ele seria livre e que nunca mais voltaria a sofrer. Agora, no entanto, ele estava prestes a passar por tudo aquilo de novo... Isso se meu pai já não tivesse começado a sua tortura.

Senti um bolo em meu estômago, um aperto horrível no peito, mas não me permiti fraquejar. Agora, mais do que nunca, eu precisava ser forte. Sem John ao lado de Rage e sem ter como receber notícias suas, eu precisava agir ainda

mais rápido para acabar com o meu pai e libertá-lo. Assim que amanhecesse, pediria para que Hernandez ligasse para o detetive Juarez e cobrasse as provas que ele havia nos prometido em sua última ligação. O medo sempre estaria comigo, mas era dele que eu tiraria forças para chegar até Rage.

Acabei pegando no sono em algum momento da madrugada e acordei com o sol já alto no céu. Indisposta, me levantei e segui para o banheiro, preparando-me para mais um dia. Estava terminando de me de vestir, quando ouvi duas batidas na porta.

— Amy, tudo bem?

— Tudo sim, Hernandez, já estou saindo — falei, terminando de vestir minha blusa. Já arrumada, saí e o encontrei perto da janela. — Aconteceu alguma coisa?

— Liguei para Juarez agora a pouco — falou e eu senti meu coração disparar ao ouvir o nome do detetive.

— Meu Deus, eu pensei nisso ontem à noite. Iria pedir mesmo para que ligasse para ele. O que ele disse?

— Não pôde falar muita coisa, mas disse que vai me ligar hoje, no final da tarde. Disse que tem muitas novidades para nós dois.

— Ah, graças a Deus! Agora, mais do que nunca, precisamos de provas concretas, Hernandez. Não podemos dar tempo para o meu pai desaparecer com o Rage.

— Tem razão, foi exatamente por isso que liguei para ele. Vai dar tudo certo, Amy, tenho certeza que ele terá boas notícias — disse, dando-me um olhar confiante, em seguida, fitou o relógio de pulso. — Vamos descer, você precisa tomar café da manhã, em seguida, vamos sair.

— Aonde nós vamos?

— Marquei uma consulta com uma ginecologista-obstetra. Não a mesma que a sua, pois ela poderia ligar para o seu pai e contar sobre a gravidez, mas com uma outra que pesquisei na internet. Você precisa fazer os exames e começar o pré-natal o quanto antes, Amy. Se você não gostar dela, podemos pesquisar por outra médica.

Senti um baque por dentro ao ouvir as suas palavras. Em meio ao caos, sequer pensei em ir à uma consulta com uma ginecologista. Meu Deus, que

tipo de mãe eu seria? Senti-me péssima.

— O que foi? — Hernandez perguntou, aproximando-se de mim.

— Estou me sentindo horrível por não ter pensado em marcar uma consulta.

— Amy, por favor, não se cobre tanto. Você está no olho de um furacão, é normal não ter pensado nisso — disse ele, apertando o meu ombro. — O que importa é que agora você não está mais sozinha sobre a gravidez. Estou aqui para te ajudar.

— Não sei o que seria da minha vida sem você, Hernandez — murmurei, sem nem saber o que poderia fazer para começar a lhe explicar sobre o quanto eu era grata por tê-lo em minha vida.

— Não seria nada, eu sei disso — brincou, me fazendo rir um pouco. — Agora, chega de conversa, você precisa se alimentar antes de irmos para a consulta.

Descemos e consegui tomar um copo de vitamina e comer algumas torradas. Quando terminei, saímos juntos, dando uma desculpa qualquer para Rose — apenas por precaução, caso meu pai ligasse para interrogá-la — e seguimos para a consulta. O consultório da Doutora Whitney Cole era discreto, mas bem decorado e ficava no coração de Chicago. Além de mim, havia mais três mulheres na sala de espera, todas com as barrigas enormes, duas delas acompanhadas pelo marido. Foi impossível não pensar em Rage.

— Você acha que Rage ficará feliz quando eu contar sobre o bebê? — Perguntei baixinho a Hernandez ao meu lado.

— Tenho certeza que sim — ele disse.

— Quis tanto contar para ele assim que descobri, mas senti medo da sua reação. E, logo depois, o meu pai chegou... Não tive coragem de falar nada.

— Acho que você fez bem em não ter contado, Amy. Ele ficaria mais preocupado com você.

— Isso que pensei.

— Mas em breve ele estará livre e você vai poder contar essa novidade incrível para ele — Hernandez disse, tocando em minha mão. — Esse bebê irá uni-los ainda mais e vai ajudar Rage a superar tudo o que passou. Vai dar forças a ele.

— Espero que sim, Hernandez, de verdade — falei, acariciando minha barriga com a mão livre.

Ficamos alguns minutos em silêncio, até que a recepcionista chamou o meu nome e nos acompanhou até o consultório. A Doutora Whitney Cole era uma mulher negra, um pouco mais alta do que eu, com um sorriso simpático. Perguntou-me inúmeras coisas, desde quando descobri a gravidez, até os sintomas que eu vinha sentido. Deixei claro que o enjoo era o que mais me incomodava e ela disse que, infelizmente, era normal e provavelmente iria persistir até os três meses de gestação.

Depois de todas as perguntas, fomos até a maca, onde ela iria fazer o ultrassom. Estava um pouco nervosa e ansiosa e estremeci de leve com o toque gelado do gel em minha pele. Segundos depois, com um aparelho pressionando em meu abdome, uma imagem um tanto destorcida apareceu na televisão ao meu lado.

— Aqui está — ela apontou para uma mancha pequena no visor. — Este é o seu bebê.

— Como ele está, doutora? — Perguntei, sem conseguir tirar os olhos da tela.

— Muito bem e saudável para um bebê de cinco semanas. Quer ouvir o coração?

— Por favor.

Ela me deu um sorriso, como se entendesse exatamente o que eu estava sentindo, apesar de eu não saber colocar em palavras. Quando os batimentos cardíacos soaram pelo quarto, senti meu peito se apertar de tanto amor e meus olhos se encherem de lágrimas. Era real. Naquele momento, realmente me caiu a ficha de que, dentro de mim, uma criança estava sendo gerada. Uma criança que era metade minha e metade de Rage. Nós dois a fizemos. Senti tanto amor, que pensei que poderia explodir.

"Rage, como eu queria que você estivesse aqui...", pensei, enquanto uma lágrima escorria pelos cantos dos meus olhos.

— Ele é forte, Amy — ouvi Hernandez dizer ao meu lado, enquanto apertava minha mão. Quando me virei para ele, pude ver que também estava emocionado. — Na verdade, eles são fortes, Rage e o seu bebê.

— Ele vai voltar para mim, não é, Hernandez? Vai voltar para gente, não é? — Perguntei baixinho, precisando tanto daquela confirmação, quanto do ar para respirar.

— Ele vai voltar, Amy, nem que seja a última coisa que eu faça da vida — disse, inclinando-se para beijar minha testa. — Vocês serão felizes, menina, pois merecem muito.

Fechei os olhos e assenti, apegando-me a cada uma de suas palavras, enquanto começava a pedir a Deus para que tudo desse certo.



Voltamos para casa e passei o dia aflita, esperando ansiosamente pela ligação de Juarez. Tomei as vitaminas que a médica receitou e pedi para que Rose começasse a preparar as minhas refeições conforme o cardápio que a doutora havia receitado. Apesar de não ter demonstrado nenhuma estranheza ante o meu pedido, disse a ela que estava iniciando uma nova dieta. A última coisa que precisava, era que ela comentasse algo para o meu pai.

Já estava anoitecendo quando Hernandez e eu decidimos ir para o meu quarto para esperar pela ligação de Juarez. Nervosa, comecei a andar de um lado para o outro, mas parei no momento em que o celular que Hernandez havia comprado para se comunicar com o detetive, tocou.

— Atenda — pedi, aproximando-me e sentando-me ao seu lado na cama.

— Juarez — Hernandez atendeu, colocando o telefone no modo alto-falante, mas baixo o suficiente para que apenas nós dois ouvíssemos.

— Hernandez, como vai?

— Ansioso para saber o que você tem para me contar.

— Bom, espero que esteja sentado, pois não será algo fácil de se ouvir — disse ele, deixando-me ainda mais apreensiva. — Consegui me infiltrar nos encontros secretos.

Senti Hernandez ficar em alerta ao meu lado, quase em choque.

— Como conseguiu?

— Descobri que, em alguns encontros, você pode comprar uma espécie de pulseira VIP por um bom preço... Cem mil dólares, para ser mais exato. Não é em qualquer encontro, mas em um onde acontece um leilão.

— Um leilão? — Hernandez perguntou.

— Sim, um leilão. Quem pagar mais, tem o direito a passar a noite com... A criança que escolher — disse Juarez, parecendo tão desgostoso quanto Hernandez estava. Eu sentia tanto nojo, tanto pavor, que quase não conseguia respirar. — É um grupo de homens bem seletivos que participa desse leilão e só consegui entrar pois usei um dos meus documentos falsos e me apresentei ao organizador como um traficante do alto escalão do México. Você sabe como eles abrem as pernas rapidinho quando a palavra “tráfico” surge no assunto.

— Sim, eu sei — Hernandez disse. — Você já foi ao encontro? Ou esse encontro ainda vai acontecer?

— Já fui, o encontro aconteceu há exatamente uma semana, no La Blue, uma casa noturna em Chicago. Usei uma micro câmera escondida no broche que levava no bolso do meu terno e filmei tudo. Você ficaria surpreso com os tipos de homens que encontrei por lá. Inclusive celebridades.

— Meu Deus... — murmurei, sentindo-me tonta.

— Também descobri que é lá que as crianças são mantidas em cativeiro — ele continuou.

— Em uma casa noturna? — perguntei sem entender.

— Isso. Se formos pensar bem, é um lugar livre de qualquer suspeita. O La Blue é enorme e, para o resto do mundo, é realmente uma casa noturna, mas só os homens poderosos têm conhecimento do que realmente acontece lá dentro. Há um andar subterrâneo onde as crianças são mantidas. Descobri que a maioria são sírias, algumas são venezuelanas. Tive acesso a essas informações depois de ter conversado com o organizador do leilão. Ele pareceu gostar de mim e, claro, do valor que prometi investir quando voltasse no próximo encontro, que ainda será marcado. Só que não haverá um próximo encontro, Nicholas já está armando uma estratégia para salvarmos as

crianças.

— Isso é ótimo, Juarez! Creio que, então, já tem tudo pronto para podermos pegar Maximus Bloom?

— Eu poderia me dar por satisfeito com isso, se não tivesse tido acesso ao encontro principal, como eles chamam.

— Encontro principal? — Hernandez perguntou.

— Sim. É nesse encontro que o ato sexual realmente acontece. Sinto muito, Amber, mas é o encontro em que Rage é o protagonista — Juarez disse e senti meu coração se partir. Não... Ah, não, meu Deus... —, em seguida, eles abusam das crianças. — Ele voltou a falar. — Vou a esse encontro e filmarei tudo, principalmente depois da informação que eu recebi.

— Que informação?

— Tudo indica que o senador que Nicholas está investigando, participará. Se ele realmente for, será como matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Quando e onde esse encontro vai acontecer? — Hernandez perguntou, olhando atentamente para as minhas mãos. Segui o olhar dele e só então notei o quanto elas tremiam.

— Daqui a um mês, aí mesmo em Chicago.

— Meu Deus, é muito tempo... É muito tempo, Hernandez — murmurei, aflita.

Em um mês, muitas coisas poderiam acontecer. Meu pai poderia usar esse tempo para torturar Rage de todas as formas, para usá-lo de forma desumana. Harry havia dito que queria se casar no próximo mês e, por mais que ainda não tivéssemos definido a data, talvez, ele colocasse para uma data antes do encontro... Eram tantas possibilidades, que senti minha cabeça pesar.

— Vocês não já têm provas suficientes para prender o Maximus? Pelo amor de Deus, é mesmo necessário que Rage sofra mais? Que aquelas crianças sofram mais?

— Amber, essa gravação será a peça chave. Infelizmente, Maximus não estava no leilão que participei, mas nesse encontro, ele estará e o senador também. É tudo o que precisamos para colocá-los direto na cadeia, sem chance de conseguirem se safar.

— Ele tem razão, Amber. Vai demorar mais um pouco, mas vai valer a

pena — Hernandez disse, apertando a minha mão.

Não consegui falar mais nada. Vi que Hernandez continuou a falar com Juarez, mas não tive condições de acompanhar e fitei a parede a minha frente, tentando enxergar uma forma de não termos que esperar por todo aquele tempo. Assim que desligou o telefone, Hernandez puxou o meu rosto para me olhar.

— Amber, você precisa ter foco agora.

— Não! Hernandez, um mês é muito tempo, o que não vai acontecer a Rage enquanto ele estiver nas mãos do meu pai? E o casamento com o Harry? Pelo amor de Deus, tente convencer o Juarez, nós já temos provas suficientes dos crimes do meu pai, podemos usá-las e...

— Não, Amber, preste atenção. Ter a gravação desse encontro vai arruinar qualquer possibilidade do seu pai se safar, principalmente se esse senador estiver lá. Sei que é muito ruim ouvir isso, mas precisamos esperar.

— Mas, o Rage... Ele vai ter que passar por tudo aquilo de novo, Hernandez... E as crianças também — murmurei, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

— Ele já sabia dessa possibilidade, Amy, e você também.

— Mas eu prometi que ele nunca mais seria machucado!

— Sim, prometeu, mas quando conversamos, ele mesmo disse que passaria por tudo aquilo para podermos acabar com Maximus. Ele sabe que a culpa não será sua, Amy, ele confia na gente, sabe que estamos aqui, lutando para tirá-lo das mãos do seu pai.

— Eu não quero que ele sofra mais... Não quero que aquelas crianças sofram mais — falei, sentindo-me desolada enquanto as lágrimas caíam. Hernandez me amparou, colocando minha cabeça em seu peito.

— Será a última vez, Amy. Agarre-se a isso, será a última vez. Depois desse encontro, Rage estará livre e todas as vítimas do seu pai, também.

“Será a última vez... Por favor, Rage, aguente só mais essa vez. Eu vou te salvar, meu amor, eu juro”, prometi em pensamento, enquanto me debulhava em lágrimas de encontro ao peito de Hernandez.

Capítulo 35

Amber

As semanas se arrastaram e, com elas, eu fui junto. Era como se eu estivesse no meio do oceano, sem um bote de salva-vidas, sendo levada pelas ondas e, mesmo tendo se passado três semanas, era como se eu ainda estivesse muito longe da areia. Ou seja, era como se eu ainda estivesse bem longe de libertar Rage.

Nesse meio tempo, passei mais horas ao lado de Harry do que eu realmente gostaria. Soubemos por Juarez que o encontro aconteceria no dia 20 de maio e, talvez por causa disso — pois, depois de tudo o que eu havia descoberto, realmente não acreditava mais em coincidências —, Harry sugeriu que marcássemos o casamento para o dia 27 de maio. Aceitei sem objeções, sabendo que sequer chegaria ao altar; já estava tudo armado para que meu pai fosse preso um dia depois do encontro.

Mesmo assim, tive que mostrar um entusiasmo que estava muito longe de sentir. Para que Harry não suspeitasse de nada, escolhi toda a decoração do casamento ao lado de sua mãe, bem como o buffet e a lista de convidados. Também tive que escolher um vestido e essa foi realmente a parte mais complicada. A Senhora Voss, mãe de Harry, era fã de um estilista francês e insistiu para que eu aceitasse o vestido de noiva de presente, que ele iria desenhar para mim. Tentei fugir de todas as formas, pois sabia como o meu corpo estava mudando, mas ela foi irredutível e eu não tive como não aceitar.

O estilista voou para Chicago apenas para nos atender e marcamos o primeiro encontro na mansão Voss. Ele me mostrou alguns de seus modelos exclusivos e eu aceitei o primeiro que a Senhora Voss declarou que tinha amado, em seguida, ele tirou as minhas medidas. Minha barriga ainda não era nada, mas eu conhecia o meu corpo e sabia que meus quadris estavam mais largos e que meus seios estavam mais inchados. Claro que eles não notaram nada, mas quando tive que fazer a primeira prova, duas semanas depois, o estilista me olhou com estranheza. Eu ainda podia me lembrar com nitidez de

suas palavras.

— Engraçado, o vestido não quer fechar — disse em um sotaque forte. Vi como a Senhora Voss ficou envergonhada e deu um sorriso para amenizar.

— Ela deve ter engordado um pouco, não é, querida?

— Sim, estou tão ansiosa pelo casamento... Acabei descontando na comida — falei, querendo muito que eles acreditassem.

— Isso explica essa barriguinha. — O estilista riu e eu engoli em seco, sentindo o olhar atento da Senhora Voss sobre mim.

Vi como a sua expressão mudou, enquanto olhava para a minha barriga escondida sob o vestido. Não dava para notar nada por debaixo do pano, mas era como se ela pudesse enxergar o meu filho dentro do meu útero. Quando tive que me despir, ao invés de fazer isso na frente deles e das costureiras, pedi licença e fui ao banheiro, tirando o vestido com as mãos trêmulas e encarando-me rapidamente no espelho. Não sabia como era possível, mas a cada vez que olhava para minha barriga, ela parecia estar um centímetro maior. Minhas calças e shorts já não serviam mais e eu aproveitava o tempo frio do final do inverno para usar roupas mais largas. Torcia muito para que não notassem a gravidez antes de desmascararmos o meu pai.

Naquele dia, eu consegui escapar da Senhora Voss e do seu olhar. Quando deixei o banheiro, já vestida com as minhas roupas e o casaco largo, ela me deu um sorriso acolhedor, como se não tivesse me encarado com suspeita durante a prova do vestido e me deu um abraço quando me despedi, depois do estilista prometer que na prova seguinte, dali a uma semana, o vestido me serviria com perfeição.

Senti dor de cabeça ao me lembrar de tudo o que senti e meu estômago se retorceu, pois a segunda prova estava marcada para hoje e a minha barriga estava ainda maior do que naquele dia. Com quase nove semanas de gestação, ao ficar nua ou usar uma roupa mais justa, não dava mais para esconder que eu carregava um bebê em meu ventre. O que eu iria fazer? Desesperada, chamei Hernandez em meu quarto e fechei a porta assim que ele entrou.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele perguntou ao notar meu nervosismo.

— Hoje é a segunda prova do vestido e eu não posso ir, Hernandez —

falei.

— Mas, Amy, se você não for, vão desconfiar de que tem algo errado.

— Se eu for, eles terão certeza do que realmente está acontecendo, Hernandez — falei, levantando a minha blusa para que ele pudesse ver. Seus olhos se arregalaram.

— Meu Deus, Amy, eu não sabia que estava tão nítido assim.

— Consigo disfarçar ao usar os casacos ou roupas mais largas, mas não conseguirei disfarçar ao ficar nua para provar o vestido, Hernandez. Lembra do que te falei na semana passada? O vestido não fechou e a Senhora Voss ficou me olhando de um jeito esquisito quando estilista falou sobre a minha barriga.

Ele assentiu e ficou um tempo em silêncio, olhando para o meu ventre como se, de repente, meu filho pudesse lhe dar alguma resposta. Segundos depois, me olhou com uma expressão decidida.

— Vou ligar para a Senhora Voss e avisar que você pegou um resfriado muito forte e não poderá provar o vestido essa semana. No sábado já é o encontro e no domingo o seu pai será preso, então, você não terá mais que se preocupar com isso.

— Ótima ideia, Hernandez — falei, sentindo-me aliviada. — Mal posso esperar para que tudo isso acabe.

— Falta muito pouco, Amy. Agora, realmente falta bem pouco.

Assenti, sabendo que ele tinha razão. Pedindo licença, Hernandez se retirou para fazer a ligação para a Senhora Voss e eu voltei a me sentar na poltrona do meu quarto, sentindo-me, em partes, aliviada. Mas o alívio nunca durava, pois logo me lembrava de Rage. Com John trabalhando diretamente para o meu pai, eu não tinha notícia dele há semanas. Isso acabava comigo, me angustiava, me deixava arrasada. E minha mente não me ajudava, ela ficava repetindo, vezes sem conta, o que eu havia visto naquela sala na boate em Nova York.

Será que meu pai já havia levado Rage para algum desses encontros? Será que estava judiando muito dele? Meu coração ficava em pedaços e me sentia completamente de mãos atadas, com o peso da culpa e do medo. Por mais que Hernandez tivesse me dito que Rage sabia que, talvez, teria que passar

por toda aquela dor de novo, isso não diminuía a sensação de culpa que eu carregava por dentro. Sentia-me horrível por não ter cumprido com o que prometi a ele desde o começo, pelo detetive não ter sido rápido o suficiente para reunir provas contra o meu pai e por, mesmo sem querer, ter permitido que ele voltasse para as mãos do homem que havia o maltratado desde a infância.

— Espero que, um dia, você possa me perdoar, Rage — murmurei, passando a mão pela minha barriga. — Espero que possa me perdoar por não ter sido rápida o suficiente para acabar com Maximus, por ter mentido para você sobre ele ser o meu pai, por você ter voltado a ser torturado por esse monstro... Espero que o meu amor possa curar toda a dor que ele está te causando.

Meu maior sonho era poder em olhar em seus olhos de novo e dizer tudo aquilo diretamente para ele. O que mantinha a minha fé era ter a certeza de que, em breve, eu teria essa oportunidade e tudo acabaria bem.

Era nesse fio de esperança que eu me agarrava e me obrigava a sobreviver.



Sábado chegou e eu me obriguei a ficar calma, mas era muito difícil. Sentia em meu corpo as reações do meu nervosismo, estava enjoada, estressada, com uma dor de cabeça que se recusava a ir embora. Apesar de saber que todo aquele estresse não era bom para o meu bebê, era praticamente impossível controlar os meus sentimentos, minhas emoções, meus pensamentos.

E se descobrissem que Juarez era um detetive? Se desconfiassem de que ele não estava ali para se “divertir” e, sim, para recolher provas do que estavam fazendo? Se desconfiassem de que ele estava filmando tudo? Sentia minhas pernas tremerem só com esse pensamento.

— Amber, se você não se acalmar, eu vou te levar para o hospital — Hernandez disse ao me ver andando de um lado para o outro dentro do meu quarto.

Olhei para o meu relógio de novo; já passavam das duas da manhã. Certamente, o “encontro” já estava rolando e Rage já estava sendo... Meu Deus, eu nem conseguia terminar de pensar.

— Amber! Sente-se agora e se acalme! — Hernandez mandou, levando-me pelos ombros até a cama.

— Não consigo. As lembranças do que fizeram com Rage estão dominando a minha mente, porque sei que é exatamente aquilo que eles estão fazendo com ele agora... Meu Deus, Hernandez, não posso acreditar que ele está sofrendo tudo aquilo de novo... — murmurei com os olhos cheios de lágrimas.

— Será a última vez, Amy. Agarre-se a isso, será a última vez. Amanhã tudo isso vai acabar.

— Espero que sim. Meu Deus, é a isso que estou me agarrando para manter a sanidade.

— Agarre-se ao seu filho também. Não pode ficar nervosa desse jeito, ou vai acabar passando mal. Fique aqui, vou lá embaixo fazer um chá para você.

Hernandez me deixou sozinha e, desolada, deitei-me na cama e acariciei a minha barriga. De olhos fechados, deixei as lágrimas descerem e pedi a Deus para que Rage se mantivesse forte, que se agarrasse a mim em pensamentos, assim como eu estava me agarrando a ele. Queria que ele sentisse a minha presença ao seu lado, por mais que estivéssemos fisicamente distantes. Sentia meu coração apertado, porque sabia exatamente o que estava acontecendo a ele naquele momento e não podia fazer nada para impedir.

Eu soube que o amor era um sentimento poderoso no momento em que descobri que amava Rage, mas não sabia que ele era forte o suficiente para nos fazer sangrar por outra pessoa. Pois era assim que eu estava me sentindo, como se eu estivesse sangrando por dentro, principalmente quando minha mente me trazia imagens do que, certamente, estavam fazendo com Rage. Sentia como se tivessem cortando a minha alma em milhares de pedacinhos.

— Amy, por favor, beba — Hernandez pediu, tocando em meu ombro e

me ajudando a sentar. Minhas mãos estavam trêmulas, mas, mesmo assim, consegui segurar a caneca e tomar um gole do chá. — Estou preocupado com você.

— Desculpa.

— Não, menina, não se desculpe. Posso imaginar como está sendo difícil passar por tudo isso. Se está acabando comigo, imagina com você, que ama aquele rapaz.

— Dói muito, Hernandez. Nunca pensei que a incapacidade pudesse doer tanto.

— Não diga isso, você não é incapaz, muito pelo contrário. Você é forte e foi a sua força que nos fez chegar até aqui, Amber. Você é uma fortaleza, garota, uma heroína.

— Não sou uma heroína, só sou justa, Hernandez.

— Não, você é uma heroína por ser corajosa. Poucas pessoas fariam o que você se dispôs a fazer, Amy.

Olhei para ele ainda me sentindo péssima, muito longe de ser uma heroína ou algo do tipo, mas tive que lhe dar razão em uma coisa: poucas pessoas fariam o que eu fiz. Acabar com uma pessoa como Maximus Bloom não era para qualquer um, era preciso coragem e força, determinação. Por isso, limpei as minhas lágrimas e engoli o choro, lembrando-me da mesma força que eu senti quando tomei a decisão que me trouxe até aqui. Agora faltava muito pouco para acabar com aquele homem e eu não poderia fraquejar.

— Vai dar tudo certo — falei mais para mim mesma do que para Hernandez. Ele assentiu e segurou a minha mão.

— Sim, Amy, vai dar tudo certo.

Passamos a madrugada acordados, um fazendo companhia e dando força ao outro. Por mais que não demonstrasse, sabia que Hernandez estava nervoso, ansioso e preocupado. Talvez menos do que eu, mas estava. Por isso, tentei me controlar mais e consegui me acalmar quando os raios do sol começaram a invadir o céu.

— Por que não dorme um pouco? — Hernandez perguntou. — São seis horas da manhã, Amy, você precisa descansar.

— Não vou conseguir dormir até saber que meu pai está atrás das grades.

Na verdade, só vou ficar em paz quando Rage estiver ao meu lado.

— Já que não quer descansar, vou preparar algo para você comer — disse, já se levantando.

— Eu ainda estou um pouco enjoada.

— Mas precisa se alimentar. Venha comigo, sair deste quarto te fará bem.

Sabendo que não adiantaria discutir, fui com ele até a cozinha e encontramos uma das empregadas já preparando o café da manhã. Como queria cuidar de tudo, Hernandez a dispensou e começou a fazer ovos mexidos. Ele era um bom cozinheiro e, se não fosse segurança, talvez pudesse investir naquela profissão.

— O cheiro está bom — falei.

— Isso significa que o enjoo passou?

— Acho que sim — sorri um pouco. — Quando tudo isso acabar, o que você vai fazer, Hernandez?

Ele me olhou parecendo não ter entendido a minha pergunta.

— Como assim?

— Sem as ameaças, você estará livre. Não precisará mais ficar preso a mim.

— É isso que você acha? Que estou aqui por obrigação? — Perguntou franzindo o cenho.

— É o seu trabalho.

— Sim, é o meu trabalho, mas não estou aqui por causa disso. Estou aqui porque você é importante para mim, quase como uma filha e preciso te proteger.

Senti meu coração inflar de amor.

— Sei disso, você também é muito importante para mim, Hernandez, exatamente por isso que estou perguntando se você não tem planos para quando tudo isso acabar.

— Meu plano é continuar ao seu lado.

— Hernandez, você passou vinte anos da sua vida ao meu lado. Queria que você se dedicasse mais a si mesmo.

— O que quer dizer? — Perguntou, colocando os ovos mexidos na minha frente. O cheiro estava muito bom e, aproveitando que o enjoo tinha passado, comi um pouco.

— Você não tem nenhum sonho? Algo que queira fazer por si mesmo? Estudar, talvez?

Ele deu uma risadinha.

— Amy, olha a minha idade... Isso é ridículo.

— Claro que não, esse seu pensamento que é ridículo. Idade não quer dizer nada.

Ele me olhou por alguns segundos, antes de se virar para o fogão de novo e colocar o bacon na frigideira.

— Quando era mais novo, sei lá, com os meus dezesseis, dezessete anos, tinha o sonho de ser chef de cozinha. Minha mãe era uma ótima cozinheira e aprendi muito com ela, mas meu pai era um babaca e dizia que cozinha era lugar de mulher. Então, quando completei dezoito anos, fui para a vida militar e nunca mais pensei sobre isso. Saí do exército e me especializei em segurança, em seguida, comecei a trabalhar para empresários como o seu pai, até chegar aqui. Minha vida é isso, Amy, acho que é a única coisa que sei fazer de verdade.

— Não é isso que esses ovos me dizem — falei, ouvindo-o rir.

— São apenas ovos mexidos, Amy, qualquer um sabe fazer isso.

— São ovos mexidos perfeitos! Por que você não pensa em cursar gastronomia quando tudo isso acabar?

— Porque quando tudo isso acabar, eu ainda serei o seu segurança, a não ser que você me demita. E, se me demitir, vou continuar sendo o seu segurança, só que de graça — falou, me dando uma piscadinha e me fazendo rir um pouco.

— Vou te querer sempre ao meu lado, isso não está em discussão, mas quero que você pense no seu futuro, Hernandez. Já viveu demais pelos outros, está na hora de viver por você mesmo.

— Por que está me falando tudo isso? — Perguntou, colocando o prato com bacons na minha frente. Deixei passar, pois só de olhar para eles já sentia vontade de vomitar.

— Porque eu te amo e quero que você seja feliz fazendo o que realmente gosta. Quero que você viva, estude, se apaixone... Não é tarde para nada disso, por mais que você já seja um senhor de idade — brinquei, fazendo-o rir.

— Tenho cinquenta anos, não estou longe de ser um senhor de idade.

— Tenho certeza que nenhuma mulher em sã consciência concordaria com isso.

Ele se sentou em frente à bancada e me encarou depois de se servir. Tomando um gole no café, disse:

— Está bem. Quando tudo isso acabar, prometo pensar com carinho no seu conselho, mas, por hora, ainda sou o cara que cuida de você. Por isso, acho bom você parar de falar e começar a comer — disse, apontando para o meu prato e para as frutas ao meu lado.

— Sim, senhor — assenti.

Tomamos café juntos, conversando sobre tudo que pudesse nos distanciar das nossas preocupações. Enquanto ouvia sua voz grave, olhei para ele e senti um aperto no peito. Como eu amava aquele homem, talvez até mais do que antes de ter colocado em minha cabeça que iria destruir o meu pai. Hernandez sempre esteve ao meu lado, me apoiando, me segurando quando eu ameaçava cair, me impulsionando, puxando a minha orelha quando necessário. Por isso que sentia que precisava fazer o mesmo por ele, precisava impulsioná-lo para que ele perseguisse os próprios sonhos, para que não vivesse de forma tão solitária e, quem sabe, encontrasse um amor e fosse feliz. Era tudo o que eu desejava para ele, que ele fosse infinitamente feliz.

Depois do café da manhã, fomos juntos para sala e esperamos pacientemente pela ligação de Juarez. Já não me sentia tão fora de controle quanto de madrugada, pois, agora, estava concentrada em contar as horas para que tudo aquilo acabasse. Como não sabia aonde Rage estava — apesar de imaginar que ele ainda estivesse em Chicago por conta do encontro na noite anterior —, havia planejado com Hernandez que, assim que meu pai fosse preso, iria ligar para John e pedir a sua ajuda para chegar até Rage. Ele poderia não saber exatamente aonde Rage estava, mas deveria ter alguma noção, já que foi seu segurança por tanto tempo. Sem contar que, durante aquelas semanas, ele manteve contato conosco para nos atualizar de tudo o

que descobria. Não era muita coisa, mas provava que ele parecia estar mesmo ao nosso lado.

Por volta das oito e meia da manhã, eu já estava impaciente, quase não conseguindo me conter. Como estávamos na sala e, hora ou outra, Rose vinha saber se precisávamos de alguma coisa, eu tentava conter o meu nervosismo, mas estava cada vez mais difícil. Quando estava prestes a pedir para que Hernandez ligasse para Juarez e cobrasse uma posição, seu celular tocou.

— É ele?

— Não. É o John — Hernandez disse com o cenho franzido.

— Ele pode ter alguma notícia do Rage! Atenda, Hernandez!

— John? O que houve? — Hernandez perguntou. Como estávamos na sala, era arriscado colocar no alto-falante e olhei para ele apreensiva por não estar ouvindo nada. Vi como ele pareceu chocado. — Está bem! Escute, eu vou até você. Isso, agora... Espere por mim.

— O que houve? — Perguntei assim que Hernandez desligou. — Pelo amor de Deus, homem, fale alguma coisa!

— John descobriu aonde Rage está — ele disse baixo, mas consegui ouvir. Meu coração acelerou no peito e, por um momento, foi difícil respirar. — Eu vou ligar agora para Nicholas e encontrar com John. Nós vamos resgatar o Rage, Amber. Agora.

— Ah, meu Deus... Meu Deus do céu! — Eu tremia. — Me deixe ir junto com você! Eu preciso ir, preciso vê-lo, eu...

— Não, Amy, me escute! Rage vai ficar sob a proteção do FBI, assim como você quando o seu pai for preso. Fique aqui no apartamento e espere a minha ligação. Em breve vocês ficarão juntos.

— Está bem — murmurei, sabendo que ele tinha razão. — Vai logo, Hernandez, por favor! Pegue o Rage e o mantenha em segurança.

— Ele vai ficar seguro, Amy, eu prometo — ele disse, dando um beijo em minha testa. — Fique calma, certo? Pense no bebê. Qualquer coisa, me ligue.

Eu apenas assenti, sentindo-me incapaz de falar. Inúmeras emoções me invadiam, minhas mãos suavam, minhas pernas tremiam. Rage estava prestes a ser salvo. Meu pai seria preso. Era até difícil de acreditar, mas estava acontecendo, ou melhor, estava prestes a acontecer. *A destruição do meu pai.*

Sabendo que não ia conseguir ficar parada ali embaixo, e não querendo chamar atenção desnecessária, fui para o quarto e decidi tomar um banho quente para liberar a tensão do corpo e ficar pronta para quando pudesse encontrar com Rage.

Fiquei um bom tempo debaixo do chuveiro, acariciando a minha barriga, pensando no momento em que contaria a Rage, sonhando com a sua reação. Não sabia exatamente o que esperar, mas fantasiava que ele fosse amar a notícia, que fosse amar o nosso bebê tanto quanto eu.

— Falta pouco, meu amor — falei com o bebê. — Falta muito pouco para que o seu pai volte para gente.

Saí do banheiro e me sequei, vestindo um robe para poder me trocar no closet. Antes de sair, olhei-me no espelho e passei a mão pela barriga, sentindo o aperto no peito afrouxar um pouco ao saber que, em breve, não teria mais que escondê-la. Já conseguia sentir o medo dando lugar ao alívio.

Assim que pisei no quarto, soube que era melhor eu ter ficado trancada no banheiro e nunca mais saído, pois o alívio que senti lá dentro foi embora de vez quando vi Harry sentado na beirada da minha cama, vestido em um terno impecável. Fiquei completamente sem reação, estática no lugar, enquanto sentia o seu olhar descendo pelo meu corpo coberto pelo robe de seda, parando bem em minha barriga, protegida pelas minhas mãos. Seu sorriso se desfez e o meu peito se apertou, fazendo a minha garganta dar um nó.

— Que porra é essa? — Sua voz soou grave e agressiva em meus ouvidos. Engoli em seco quando ele se levantou e caminhou em minha direção. — Que merda é essa, Amber? Você está grávida?

— Eu... Eu...

— Tire o robe! — Ordenou, olhando-me com o semblante retorcido em ódio. Quando não fiz nada, ele gritou: — Eu mandei você tirar a porra do robe, sua puta!

Seu escândalo fez algo estalar dentro de mim e senti meu ódio por ele, finalmente, poder vir à tona sem que eu precisasse camuflá-lo. Cheia de coragem, dei um passo para trás, ergui o rosto e falei com seriedade:

— Não.

Não gritei, não me exaltei ou demonstrei parte do nervosismo que estava

sentindo, mas ele conseguiu sentir o desgosto em minha entonação, o ódio que eu não precisava mais mascarar. Vi quando um flash de surpresa passou pelos seus olhos, apesar da raiva em sua expressão.

— Como é que é? Eu mandei você tirar o robe!

— E eu disse não. Você ainda não está surdo, eu acho.

Ele franziu o cenho perante a minha atitude, mas não vacilei.

— Está com a língua solta hoje, querida. Cadê a educação que o seu pai te deu? — Sorriu de lado, dando-me um olhar maldoso. — Vou falar só mais uma vez e espero que me obedeça: tire o caralho do robe.

— Não vou tirar — falei pausadamente, com todo o ódio que estava sentindo.

Vi seu maxilar ficar tenso e seu rosto ficar vermelho de raiva. Por um momento, cheguei a pensar que ele tiraria o robe de mim à força, mas contive o suspiro de alívio quando ele deu um passou para trás e sacou o celular do bolso.

— Vamos ver se você vai continuar com essa rebeldia quando for o seu pai mandando você tirar essa merda — disse, já levando o celular à orelha. Senti meu coração disparar no peito quando, olhando para mim, ele começou a falar: — Maximus? Acabei de chegar em seu apartamento e encontrei com Amber, mas ela está tão... Estranha. Sim, isso mesmo, está estranha, arredia, me desobedecendo... Acho que você precisa vir aqui ver o que está acontecendo com os seus próprios olhos... Certo, não vou sair daqui. Estou te esperando. — Ele desligou e guardou o celular sem tirar os olhos dos meus. — Seu pai está a caminho.

Apenas olhei para ele, tentando pensar no que eu poderia fazer para escapar, mas só levei meio segundo para encontrar a resposta. Nada. Eu não poderia fazer nada para escapar. O prédio era do meu pai, Harry, apesar de ainda não ser da família, poderia muito bem ordenar os seguranças a não me deixarem sair. Hernandez estava fora, prestes a resgatar Rage e meu celular estava em cima da mesinha de cabeceira. Eu teria que passar por Harry para pegá-lo e ligar para Hernandez, mas o que ele poderia fazer por mim? Eu não poderia colocar em risco o resgate do homem que eu amava. Por isso, continuei parada no mesmo lugar, sem emitir um som ou me mover. Só conseguia torcer para que meu pai fosse preso antes de chegar ao

apartamento. Harry olhou para mim curiosidade.

— Não quer contar para mim como essa criança foi parar na sua barriga? Tenho certeza que serei bem mais maleável do que o seu pai.

— Não sabia que você tinha faltado às aulas de biologia a ponto de não saber como é que se faz um bebê.

— Amber, não sabia que você tinha essa língua tão afiada! A escondeu muito bem debaixo dessa cara de santinha — falou, voltando a se sentar em minha cama. — Quem é o pai? Algum dos seguranças? Hernandez? Não me surpreenderia se fosse ele, algumas vadias têm desejo por homens mais velhos.

— O que importa é que o pai não é você, o que, para mim, já está de bom tamanho.

Ele me olhou com tanto ódio, que senti um pouco da minha frieza ser abalada.

— Quero dar um tapa na sua cara a cada vez que fala comigo nesse tom, sua vagabunda — xingou, fechando a mão em punhos, mas sem sair do lugar. — O que esperava escondendo essa porra, Amber? Achou mesmo que se casaria comigo e eu não perceberia nada?

— Não acho que eu te deva alguma explicação.

— Ah, você me deve sim, porque estou gastando uma fortuna com a porra do nosso casamento, enquanto você estava mentindo para mim! — Se exaltou, aumentando o tom de voz. — Seu pai vai ter que me devolver cada centavo.

"Isso se sobrar algum dinheiro depois que ele gastar tudo com advogados para tirá-lo da prisão. Aliás, aproveite os segundos de liberdade, porque você também vai junto com ele", quis muito falar, mas fiquei quieta, apenas olhando para ele. Podia sentir sua raiva vir em ondas para mim, mas não me abalei.

Sentia nojo ao olhar para ele, agora ainda mais, pois tinha certeza de que ele havia participado do encontro na noite anterior. Provavelmente, havia estuprado Rage de novo. Senti tanta raiva, que precisei fechar as mãos em punhos para não correr até ele e esbofeteá-lo até sangrar. Nunca fui uma pessoa violenta, mas, naquele momento, só queria arrancar o seu coração

com as minhas mãos e pisar em cima. Poderia fazer o mesmo com aquela nojeira que ele carregava no meio das pernas.

Seu celular tocou e ele o pegou do bolso, lendo algo no visor. O sorriso que me deu ao me olhar foi frio e sádico.

— Seu pai acabou de chegar.

Senti um arrepio horrível passar pela minha espinha e meu estômago se revirou — e não era por causa da gravidez. Meu pai estava no apartamento... Ele ainda não havia sido preso. Eu estava grávida e ele estava prestes a descobrir. Tentei ficar calma, ele não teria tempo de fazer nenhuma maldade comigo, pois faltava muito pouco para ele ser pego. Mas tê-lo ali naquele momento me desestabilizou um pouco. Ele exigiria saber quem era o pai do bebê... O que eu iria contar?

A determinação que estava usando com Harry ameaçou ir por água abaixo quando ouvi os passos decididos do meu pai no corredor que levava aos quartos, mas engoli em seco e me obriguei a ser firme. Àquela altura, Hernandez já deveria estar a caminho do cativeiro do Rage e o FBI já deveria estar no encalço do meu pai. Talvez invadissem o apartamento a qualquer momento para pegá-lo. Daria tudo certo. Não iríamos falhar.

Maximus entrou em meu quarto sem bater na porta. Vestido em um dos seus inúmeros ternos, caminhou em minha direção, mas parou no meio do caminho ao descer o olhar pelo meu corpo e se fixar em minha barriga. Sabia que ele era um poço de frieza, nunca alterava a expressão facial, mas, naquele momento, tudo nele se alterou. Seu rosto foi coberto por uma careta de ódio, seu corpo ficou tenso e suas mãos se fecharam em punhos. Senti medo de verdade quando seus olhos alcançaram os meus e, sem que eu esperasse, ele se aproximou. Só tive tempo de dar dois passos para trás, antes de ele me alcançar, puxar o laço do robe e o abrir para os lados, deixando-me completamente nua.

— Sua puta desgraçada! — Ele gritou antes de me dar um tapa na cara, que me derrubou no chão.

Senti lado esquerdo do meu rosto ficar dormente pela dor. Antes que eu pudesse raciocinar, ele me puxou pelo cabelo, perto da nuca e olhou para a minha cara com o rosto coberto pelo ódio.

— Eu vou acabar com a sua raça, Amber... Eu vou acabar com você! —

Puxou meu cabelo com mais força, mas não abri a boca, não implorei para que parasse, pelo contrário. Deixei que enxergasse em meus olhos o ódio que eu sentia por ele. Sem que eu esperasse, largou a minha cabeça com violência e se afastou. — Levante-se e troque de roupa. Agora!

— Não — falei. Ele me olhou com o cenho franzido, um tanto incrédulo.

— O que disse?

— Não — repeti.

Eu não podia sair do apartamento e sabia que era isso que ele iria fazer assim que eu trocasse de roupa. Me levaria para algum lugar, mas eu não podia ir. Não agora, pelo amor de Deus! O FBI estava prestes a colocar esse monstro na cadeia... Nada poderia dar errado, nada!

— Se você não se levantar agora e me obedecer, eu vou te arrastar pelo cabelo do jeito que está — disse entredentes, com tanta raiva que quase não conseguia se conter. — Vá trocar de roupa, Amber!

Não tinha como fugir, sabia que ele cumpriria sua promessa, por isso, levantei-me do chão, sentindo minhas pernas trêmulas e me tranquei no closet. Peguei a primeira peça de roupa que vi, um vestido que nada fazia para esconder a gestação e passei a mão pelo cabelo, olhando-me no espelho. O lado esquerdo do meu rosto estava vermelho e o canto da minha boca estava inchado. Em meus olhos, eu conseguia enxergar o desespero que estava começando a me invadir e passei a mão pela minha barriga, agradecendo baixinho por ter caído de lado no chão e não ter acontecido nada com o meu bebê.

Pelo menos *ainda* não havia acontecido nada com ele. Eu não sabia o que poderia me esperar lá fora. Tomei um susto quando ouvi o grito de Harry.

— Eu não vou me casar com essa vagabunda! O acordo está desfeito, Maximus!

— Se eu fosse você, não faria isso — meu pai disse.

— E o que você quer que eu faça? Quer que eu me case com a puta da sua filha e ainda assuma aquele bastardinho? Está maluco, porra?!

— Quero que você se acalme e...

— Não vai acontecer, pode esquecer, Maximus! Acabou!

A próxima coisa que ouvi foi a porta do meu quarto sendo batida com

força. Engoli em seco, começando a sentir muito medo do que poderia acontecer comigo a partir daquele momento. Maximus deveria estar mais do que furioso agora. O que iria acontecer? Desesperada, pedi baixinho para que Deus protegesse a mim e ao meu filho, que Hernandez fosse rápido ao pegar o Rage e que a polícia aparecesse naquele momento para prender o meu pai.

— Amber! — Ouvi o seu grito e suas batidas estrondosas na porta do meu closet. — Coloque a porra do seu anel de noivado no dedo e saia! Agora!

Tentando conter o tremor em meu corpo, tirei o anel de dentro da caixa de joias e o enfiei com dificuldade em meu dedo, em seguida, destranquei o closet e saí. Assim que me viu, Maximus agarrou o meu braço e me arrastou para fora do quarto, seguido por Timothy. Sem conseguir me conter, perguntei:

— O que vai fazer comigo?

— Pode ter certeza que você não vai querer saber — disse quase em um rosnado, descendo as escadas com tanta pressa, que tive que me segurar no corrimão com a mão livre para não cair. — Onde está o Hernandez?

— Na rua. Ele foi à farmácia comprar algumas coisas para mim — falei a primeira desculpa que veio à minha mente.

— Ótimo. A última coisa que preciso agora é lidar com aquele traidor.

Senti medo de verdade depois do que disse. Era como se ele já soubesse de algo, mas, como? Assim que chegamos na sala, Rose, que estava colocando um buquê de rosas em um vaso de cristal, nos olhou com certo espanto e engoliu em seco.

— Os senhores precisam de alguma coisa? — Perguntou ela, olhando para os dedos do meu pai, que agarravam com força o meu braço.

— Preciso que você não nos dirija a palavra — meu pai disse grosseiramente, arrastando-me para a porta da cobertura.

Ainda consegui olhar para trás e ver Rose espantada, com a mão no peito. Quis pedir desculpas a ela e implorar para que ligasse para Hernandez, mas sabia que seria estupidez da minha parte e continuei calada, enquanto era empurrada para o elevador. Meu pai entrou logo depois de mim e me fitou com ódio e desgosto, descendo o olhar até a minha barriga. Se olhar pudesse matar, meu bebê certamente estaria morto. Com muito medo, pousei as mãos

na frente do meu ventre, como se eu pudesse protegê-lo de todo o mal e me encostei na parede do elevador, querendo desaparecer da frente daquele homem.

Comecei a orar baixinho e pedir por um milagre. Implorei para que o FBI estivesse lá embaixo assim que as portas do elevador se abrissem e que meu pai fosse preso imediatamente, pois só isso seria capaz de o conter, mas acho que Deus não me ouviu. As portas se abriram e Maximus voltou a me puxar pelo braço. Senti vontade de me jogar para trás e impedir que me levasse, mas sabia que seria inútil; meu pai me levaria de qualquer forma, comigo cooperando ou não.

Timothy abriu a porta traseira de um grande carro preto e meu pai me empurrou para dentro sem delicadeza, sentando-se ao meu lado. Vi quando me deu um sorriso frio.

— Acho que você não precisa acompanhar a paisagem lá fora — falou, puxando um capuz preto de não sei onde. Só tive tempo de arregalar os olhos antes de ele cobrir a minha cabeça e me deixar completamente no escuro.

Daquela vez, senti falta de ar de verdade e o medo foi tão grande, que temi desmaiar. Em meio à escuridão, senti meus olhos se encherem de lágrimas e, novamente, implorei a Deus:

“Por favor, por favor, proteja a mim e o meu bebê... Por favor, proteja o Rage e o Hernandez... Por favor, não nos abandone.”

Capítulo 36

Hernandez

John me deu o endereço um posto de gasolina que ficava há mais ou menos vinte minutos de distância da cobertura de Maximus Bloom. Enquanto dirigia para lá, fiquei ligando para Nicholas, mas o seu celular só chamava e caía na caixa de mensagens. O filho da mãe não me atendia e comecei a pensar que, talvez, John e eu teríamos que resgatar Rage sozinhos, pois não podíamos nos dar ao luxo de perder tempo algum, já que Maximus estava prestes a ser preso.

Cheguei no posto de gasolina e estacionei em uma área mais reservada, perto da loja de conveniência. Aproveitei aquele momento para verificar se minha Glock estava carregada e a escondi debaixo do banco do motorista, para que estivesse perto o suficiente de mim, caso eu precisasse dela. Duas batidas na janela do carro me fizeram sobressaltar e vi John acenar. Destravei as portas e ele entrou rapidamente, jogando uma mochila no banco de trás.

— Trouxe algumas mudas de roupa e também coloquei algumas garrafas de água e barras de cereais dentro da mochila — falou rápido, olhando para trás. — Melhor você dirigir, saí sem levantar suspeitas do hotel aonde o Senhor Bloom está hospedado, mas não dá para confiar muito. Pode ser que alguém tenha suspeitado de alguma coisa.

— Espere, estou tentando ligar para um amigo meu, mas ele não atende — reclamei entredentes, discando de novo. O celular voltou a chamar. — Escute, Maximus está prestes a ser preso.

— O quê? — John arregalou os olhos.

— O FBI estava na cola dele e descobriu tudo.

— Tudo o quê? Descobriu que ele mantém Rage em cativeiro?

— Também — falei, ouvindo o celular cair novamente na caixa de mensagens. Disquei mais uma vez. — A verdade é que os crimes de

Maximus vão muito além disso. Ele está envolvido com exploração sexual infantil.

— Como é que é? Puta que pariu! Eu estava trabalhando para um pedófilo, porra? — John gritou, ensandecido.

— Estava. Nunca ouviu nada sobre isso?

— É claro que não! Acha que eu estaria trabalhando para esse monstro se soubesse dessa merda? Cara, eu não posso acreditar! Ele é doente! Tem que morrer com um pau enfiado no cu.

Sua revolta era tão grande, que achei difícil que ele não estivesse sendo verdadeiro.

— Concordo — falei. — Como descobriu o paradeiro do Rage?

— O último encontro foi aqui em Chicago e, como o casamento de Amber está marcado para o próximo sábado, o próximo encontro seria apenas daqui a duas semanas. O Senhor Bloom deixou claro que não iria viajar, o que me levou a pensar que, talvez, não fossem tirar Rage da cidade. Apesar de falarem muito pouco sobre a vida do Senhor Bloom, Rage parece ser um assunto frequente entre os seguranças e um deles acabou deixando escapar que acompanhou o Senhor Bloom e Timothy até um prédio abandonado do outro lado da cidade. Disse que achava que o "cãozinho" do Mestre estava lá, mas não tinha certeza. Eu esperei um pouco, me aproximei dele e pedi para que tentasse descobrir.

— E ele aceitou?

— Parece que nem todos os seguranças de Maximus Bloom são fiéis como é dito por aí, pois só precisei prometer uma boa grana e ele aceitou. Conseguiu voltar até lá e, como era amigo de um dos seguranças que estão protegendo o prédio, descobriu que Rage está mesmo lá. Me disse que o prédio é pequeno, tem apenas três andares, por isso, apenas três seguranças ficam lá. Um toma conta da entrada, o outro faz a ronda e o terceiro toma conta de Rage — disse John.

— Ótimo, quanto menos segurança, menos atenção nós chamamos e mais fácil será para invadir e resgatar Rage. Porra! — Xinguei quando a ligação caiu mais uma vez na caixa postal. — Nicholas está de sacanagem com a minha cara!

— Hernandez, eu acho melhor você não esperar por ele, cara. É perigoso ficarmos aqui, estamos expostos demais, sem contar que, se eles estão prestes a pegar o Senhor Bloom, precisamos resgatar logo o Rage, antes que deem um jeito de sumir com ele.

Sabia que John estava certo, mesmo assim, tentei ligar uma última vez para Nicholas. Não era certo resgatar Rage sem ter a polícia ao meu lado, pois sabia como ele era uma peça importante naquele caso, uma vítima crucial. Estava quase desistindo, quando, enfim, ouvi a voz de Nicholas do outro lado.

— Porra, Nicholas, até que enfim! Deve ter mais cinquenta ligações perdidas no seu celular!

— Hernandez, eu não tenho tempo para falar agora. Vamos sair em cinco minutos para ir atrás de Maximus. Uma parte da minha equipe está indo resgatar as crianças e a outra parte está indo prender o Senador Jackson Colben.

— Puta merda, Jackson Colben? — perguntei um pouco chocado.

O Senador Colben era conhecido por apoiar projetos sociais, já havia até mesmo sido homenageado em Paris pelas causas humanitárias que liderava. Era um dos políticos mais conhecidos do mundo pela sua filantropia. Seria um escândalo mundial o seu envolvimento com exploração sexual infantil.

— Sim, ele mesmo. Nem todo bom samaritano é bom de verdade — disse Nicholas. — Preciso desligar, Hernandez.

— Não, espera! Eu sei aonde Rage está.

— Rage? O homem que Maximus mantém em cativeiro?

— Sim, ele mesmo. Precisamos resgatá-lo agora, pois tenho medo de que os seguranças sumam com ele quando estourar a notícia de que Maximus foi preso.

— Porra! — Ele xingou e pareceu falar com algumas pessoas do outro lado da linha. — Escute, vou mandar uma equipe agora para resgatá-lo. Me passe o endereço.

— Não, eu vou junto.

— O quê? Está maluco? É óbvio que você não vai!

— Sim, eu vou. Eu conheço o Rage, ele confia em mim, vai ser melhor se

vir algum rosto amigo por perto.

— Hernandez, eu não acho uma boa ideia...

— Ou será assim, ou não passarei o endereço.

— Quer mesmo barganhar comigo? Esqueceu que posso te prender, porra?

— Não, eu não esqueci. Mas quero que pare de pensar como um agente do FBI e pense como um homem, Nicholas. Sabe que posso ajudar.

— Você só vai me arrumar problema, isso sim! — Ele reclamou, soltando um suspiro de raiva. — Está bem, mas, de lá, vocês serão levados para um lugar seguro. Nada de inventar história, ouviu bem?

— Claro. E não se esqueça da Amber, por favor. Você prometeu que mandaria alguns homens para mantê-la segura.

— Iria mandar alguns homens para manter *vocês dois* seguros, mas você adora bancar o herói — reclamou de novo. — Venha para o Escritório de Campo do FBI, vou deixar alguns homens preparados esperando por você.

— Estou indo agora mesmo.

Desliguei o celular e dei partida no carro, notando o olhar ansioso de John em cima de mim.

— Esse pesadelo está prestes a acabar, John — murmurei, pois era naquilo que eu acreditava.

Capítulo 37

Rage

Pela primeira vez na vida eu quis que me drogassem.

Era só nisso que eu conseguia pensar desde o momento em que abri os olhos e enxerguei o nada em meio a escuridão daquele quarto gelado. Em minha mente, imagens horríveis do que havia acontecido na noite anterior se repetiam ininterruptamente, enquanto meu corpo sofria as consequências de cada ato.

A cada vez que respirava, conseguia sentir a dor em minhas costelas por conta dos chutes que alguns dos homens me deram para que eu voltasse a ficar na posição correta. Me mexer não era uma opção, pois meus braços e pernas pareciam congelados no lugar por conta da dor nos músculos. Meu maxilar estava dolorido pelo tempo que eles usaram a minha boca e o meu ânus... Ardia e doía tanto, que eu realmente não sabia como não estava chorando agora.

Quando me drogavam, pelo menos, eu não sentia a dor nos músculos e conseguia desligar a minha mente do que faziam com o meu corpo. Mas, ontem, foi diferente. Foi a primeira vez que fui usado por vários homens sem as drogas. Antes, o Mestre nem sonhava em me deixar naquela posição sem eu estar anestesiado — ele sabia o risco que todos corriam, pois eu poderia matar cada um em um piscar de olhos. Mas, agora, era diferente. Havíamos feito um acordo, eu me dava sem reservas e ele não fazia mal a Amy.

Não sabia quanto tempo havia se passado desde a última vez que a vi pessoalmente, mas era como se fosse anos. Desde então, eu vinha sendo usado pelo Mestre de uma forma que nunca fui antes. Todos os dias ele me visitava e, todos os dias, eu era obrigado a tocá-lo, chupá-lo... Era obrigado a me submeter e ficar excitado. Deixar o meu pau duro para ele era a pior parte, ele me estimulava com a mão e, quando eu não conseguia, espancava-me sem dó. A ereção só surgia quando eu fechava os olhos me lembrava de Amy, mas sempre me sentia sujo por pensar nela naquele momento, então, só o fazia quando tinha certeza de que meu corpo não aguentaria mais outra surra.

Nos momentos em que pensava nela, chegava a me permitir lembrar do seu cheiro, do som da sua voz, da textura da sua pele. Se Mestre notava que era ela quem estava na minha cabeça, nunca havia demonstrado. Ele ficava tão eufórico quando meu pau ficava duro, que acho que sequer pensava em outra coisa que não fosse me tocar, enquanto me comia por trás até gozar.

Quando terminava, ele puxava o celular e me mostrava uma foto dela. Sempre de longe, quase não podia ver o seu rosto, mas era a garantia que eu tinha de que ela estava bem. Aproveitava aquele momento para gravar cada nuance do seu corpo em minha mente, do lugar onde ela estava... Já não se parecia mais com a casa onde ficamos, era outro lugar, mas Hernandez sempre estava perto dela quando a foto era tirada, então, tinha certeza de que ela realmente estava bem. Depois que o Mestre ia embora, eu me encolhia em algum canto do quarto escuro, fechava os olhos e voltava a lembrar dos momentos que passamos juntos.

Lembrava-me do modo gentil como me olhava, do seu sorriso, do som da sua voz dizendo que me amava. Das vezes que me abraçou quando lembranças ruins vieram à minha mente. Lembrava-me dos momentos em que me deixou tocá-la, que me deixou entrar em seu corpo, beijar cada centímetro da sua pele. Ainda conseguia me lembrar com exatidão de cada detalhe dela, dos seios com os mamilos rígidos, da boca carnuda, os olhos cor de mel, a bunda empinada, a boceta delicada...

Esses momentos eram os mais difíceis. Meu corpo reagia como se não tivesse sido massacrado pelo Mestre e eu não me tocava, pois jamais desrespeitaria a memória de Amy em um lugar como aquele. Já me sentia culpado o suficiente por ter que, às vezes, usá-la para ter uma ereção para aquele monstro. Nesses momentos, respirava fundo e prometia a ela — mesmo sabendo que ela não tinha como ouvir a minha promessa — que sempre iria amá-la, não importava se nunca mais fosse vê-la ou tocá-la. Há muito já não rezava, mas, por ela, pedi a Deus para que a protegesse, para que o Mestre nunca colocasse as mãos nela. Eu faria qualquer coisa, daria o meu corpo por inteiro, seria usado todos os dias por mil homens, apenas para que Amy não fosse machucada e estava cumprindo com a minha promessa. Deixava-me aliviado que o Mestre estivesse cumprindo com a sua parte no acordo.

Às vezes, pensava no plano que ela e Hernandez haviam montado para

prender o Mestre. Mesmo não querendo, tinha dentro de mim uma pontinha de esperança de que eles conseguiriam colocar aquele monstro atrás das grades, não por mim, pois, depois que John foi substituído, perdi completamente a esperança de que, um dia, sairia deste lugar, mas por Amy e por todas as crianças que eu sabia que eram suas vítimas. Já que não poderia matá-lo — por mais que, todos os dias, essa fosse a minha vontade —, pois sentia medo de que, ao fazê-lo, Amy sofresse alguma consequência, eu torcia para que, pelo menos, a justiça conseguisse detê-lo.

No entanto, a cada vez que a luz amarelada era acesa e a porta rangia, revelando sua presença no quarto escuro, um pouquinho da minha esperança se esvaia. Eu acabava ficando dividido entre o alívio e a frustração; ficava aliviado por saber que, se ele estava livre, Amy estava bem e segura, e frustrado porque aquilo significava que eu ainda estava em suas mãos e ele ainda era o algoz de inúmeras vítimas. Será que, um dia, ele seria destruído? Será que alguém conseguiria detê-lo? Sabia que Mestre era perigoso, mas temia que fosse indestrutível.

O clarão da luz amarela encheu o quarto escuro de repente, obrigando-me a piscar por alguns minutos. Por mais que não fosse uma luz forte, ainda assim, me deixava cego por estar tão acostumado a ficar em meio a escuridão. Segundos depois, meu cérebro cansado se deu conta de que, se a luz estava acesa, era porque o Mestre estava chegando, então, com muita dor no corpo e na cabeça, me obriguei a ficar de pé e encostar as costas na parede. As correntes estavam presas com firmeza em meus pulsos e tornozelos e pareciam pesar uma tonelada, aumentando ainda mais a minha dor.

O barulho horrível da porta sendo aberta me fez ficar em alerta e olhei fixamente para frente. O som dos passos decididos do Mestre invadiu meus ouvidos antes mesmo que eu pudesse enxergá-lo. Assim que o vi, engoli em seco, sentindo a raiva em meu estômago, mas sabendo que não poderia colocar as minhas mãos nele.

— Como está se sentindo, Rage? — Perguntou sem o costumeiro sorriso sarcástico. Não respondi e pude sentir seu olhar bem em cima de mim, como se estivesse me analisando. — Está dolorido? Cansado? Pensei que iria te encontrar dormindo.

Como se fosse possível dormir com toda a dor que estava sentindo. Resolvi guardar aquela constatação apenas para mim. Ainda me olhando, Mestre andou lentamente pelo quarto, o barulho dos seus sapatos se chocando com o chão de concreto era a única coisa que eu conseguia ouvir.

— Você foi um bom menino ontem à noite, Rage. Confesso que me surpreendi bastante com a sua obediência e assistir à sua submissão foi a prova que eu precisava para ter a certeza de que você não mentiu para mim. — Ele se virou completamente e caminhou em minha direção, parando a poucos passos de distância. Seu semblante duro combinava com a frieza em seus olhos. — Realmente ama a Amber, não é?

— Mais do que qualquer coisa na minha vida — respondi, vendo-o apertar de leve o maxilar, antes de me dar um sorrisinho.

— Será que ela sente o mesmo por você?

— Eu tenho certeza que sim.

— Você tem certeza? Como pode afirmar algo assim, Rage? Não acha que é arriscado demais confiar tanto nos sentimentos de outra pessoa?

— Você não entenderia, pois tenho certeza que não ama ninguém.

— Amo a mim, isso já é o suficiente — disse, começando a andar de um lado para o outro. — Eu só fico me perguntando se, talvez, valha realmente a pena tudo o que você está fazendo por essa garota. Não que eu esteja reclamando, claro! Veja bem, estou me beneficiando muito com a sua rendição, mas não sei se ela realmente vale tanto esforço da sua parte.

— Não esperaria que você entendesse — respondi com o maxilar cerrado.

Doía ficar de pé, mas doía mais ainda vê-lo colocar em cheque o amor de Amy por mim, porque eu sabia, eu tinha sentido durante todo o tempo que passamos juntos, que era real. Sentia-me sujo por estar aqui, na frente dele, falando sobre sentimentos que só eu e Amy podíamos, de fato, entender. Ela era imaculada para mim. Ouvir seu nome na boca daquele monstro era degradante.

— Você parece colocá-la em um pedestal — ele disse de repente, parando na minha frente. — Acho que ficaria muito desapontado se descobrisse que ela não é tão perfeita assim.

— Pare de falar sobre ela! — Gritei por entredentes, querendo me

aproximar, mas sentindo as correntes me impedirem. Mestre não saiu do lugar. — Você não tem o direito de falar sobre Amy, de forma alguma! Eu já estou fazendo tudo o que você quer, por favor, deixe-a em paz!

Mestre me deu um sorriso frio e olhou-me de cima a baixo.

— Senti falta disso, Rage. Dessa sua violência. Isso me excita.

— Você é doente — cuspi, vendo seu sorriso aumentar.

— Talvez eu seja, mas vou provar para você que o que enxerga em mim não é, nem de longe, o pior que há em um ser humano. Existem pessoas que brincam com sentimentos como se eles fossem peças de um quebra-cabeça. Sabe por que estou dizendo isso, Rage? — perguntou, mas eu não respondi. — Porque sentimentos são provocados, instigados e usados da maneira como queremos. Exatamente como um joguinho de quebra-cabeça, nós vamos juntando peça por peça, encaixando uma na outra, até formar a imagem que queremos. E depois disso? A gente desmonta o quebra-cabeça, destrói a imagem, embaralhamos tudo, guardamos as peças em uma caixa e a deixamos esquecida dentro de um armário, até sentirmos vontade de brincar de novo. Hoje, eu senti vontade de brincar.

Não entendi nada do que ele quis dizer, mas o aperto em meu peito, o arrepio frio que desceu pela minha espinha, foram sinais eficientes para me fazer entender que Mestre estava prestes a cometer uma maldade. Uma maldade enorme. Sem querer, senti meu coração disparar, porque, por mais que eu tentasse, não conseguia pensar em nada que ele pudesse fazer para me machucar mais e isso me desesperava. *Não saber* o que iria acontecer era muito pior do que ter a certeza do que ele poderia fazer.

Aproximando-se completamente de mim, ele tocou em meu rosto e eu lutei muito para não cuspir em sua cara ou dar um chute no meio das suas pernas. Trinquei meu maxilar quando ele passou o polegar pelo meu lábio inferior.

— Trouxe uma surpresinha para você, mas, para que você possa aproveitá-la devidamente, vou ter que te soltar. Sendo assim, preciso que colabore comigo e não faça nenhuma gracinha, entendeu?

— Você sabe que eu não vou fazer nada.

— Isso não responde a minha pergunta.

— Sim, Mestre. Eu entendi — murmurei entredentes, vendo-o se afastar um pouco para me liberar das correntes.

Primeiro soltou os meus pulsos, em seguida, ajoelhou-se para libertar meus tornozelos. Sabia que eu podia simplesmente dar um chute em sua cara, derrubá-lo no chão e matá-lo antes mesmo que os homens maus pensassem em entrar por aquela porta para me deter, mas eu não faria isso por conta do meu acordo para que ele não fizesse mal a Amy. Mestre sabia disso também, e apenas por isso, confiava em mim ao ponto de me libertar das correntes e ficar sozinho comigo. Olhando-me mais uma vez, ele disse:

— Volto logo.

Ele saiu do quarto e senti meu corpo protestar, mas obriguei-me a ser forte. Não sabia qual era aquela “surpresa”, mas tinha certeza de que, o que quer que fosse, não seria algo bom. Não sei quanto tempo se passou, apenas fiquei escorado na parede, querendo reunir forças para o que quer que estivesse prestes a acontecer, mas nada no mundo me preparou para o que vi quando a porta de ferro se abriu.

Meu mundo entrou em câmera lenta e a cena se desenrolou devagar. Primeiro, ouvi o ranger da porta, logo depois, vi os sapatos lustrosos do Mestre, em seguida, tive a certeza de que eu estava delirando. Eu só poderia estar delirando. Era a única explicação para o fato de eu estar vendo Amy na minha frente, sendo empurrada sem delicadeza pelo Mestre. Pensei que meu coração fosse explodir, que minha mente fosse se apagar e apertei os olhos com força, sabendo que, ao abri-los, ela não estaria mais ali.

Mas ela estava.

Estava bem na minha frente e o seu soluço de desespero foi a prova de que eu precisava para acreditar.

— Rage...

Eu sequer pensei. Movido pelo choque, pela dor, pelo desespero de vê-la bem ali, corri em sua direção pronto para pegá-la em meus braços, mas antes que eu pudesse tocá-la, Mestre se colocou entre mim e ela. Senti tanta raiva, que enxerguei tudo turvo e o puxei com força pelo braço, querendo tirá-lo do meu caminho.

— Saia! Saia, porra! — Gritei, enfiando minhas unhas no tecido do seu

terno. Mestre cambaleou, mas não saiu da minha frente.

— Esqueceu do nosso acordo, cãozinho? Se tentar me puxar de novo, vou mandar um homem vir aqui e matar Amber na sua frente!

— Você descumpriu o acordo!

— Descumpri? Acho que não. Olhe bem, Amber parece machucada para você? — Ele se afastou e saiu da frente dela, deixando o caminho livre para que eu pudesse enxergá-la.

Tudo o que eu mais queria era me aproximar e pegá-la em meus braços, protegê-la com o meu corpo e nunca mais soltá-la, mas, antes disso, olhei minuciosamente para cada parte dela. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, seu rosto estava vermelho, provavelmente por conta do choro e seus lábios tremiam. Ela estava apavorada, porra, e eu não podia sequer tocá-la! Desci meus olhos por seu pescoço e braços, notando que, realmente, ela não tinha nenhum hematoma ou machucado aparentes, até que, por fim, meus olhos se detiveram em sua barriga.

Senti o ar escapar dos meus pulmões e minhas pernas tremerem. Abri a boca, mas percebi que eu não tinha voz. Acho que até o meu coração havia parado de bater.

— Amy... — murmurei, olhando para a sua barriga. Eu conhecia cada centímetro do seu corpo, eu já havia tocado e beijado cada cantinho da sua pele, memorizado cada curva em minha memória e tinha certeza de que aquela protuberância em sua barriga não estava ali na última vez que a vi. — Você... Meu Deus, você está grávida.

Não foi uma pergunta, pois não havia dúvidas, era só *olhar* para ela. Vi quando assentiu, quando mais lágrimas escaparam de seus olhos e quando sua mão trêmula cobriu a barriga. Senti minhas próprias mãos comicharem. Queria tocá-la, meu Deus, eu queria tocá-la mais do que tudo agora. Amy estava grávida. Grávida de um filho meu. Não sabia o que pensar, não sabia o que sentir... Meu coração pulava com uma emoção desconhecida por mim, sentia-me assustado, encantado... Sentia-me desesperado.

— Solte-a agora! — falei com uma seriedade que fez com que a minha voz ecoasse pelo quarto escuro. Mestre arqueou uma sobrancelha e olhou para mim com aquele ar superior. — Solte-a!

— Implore — ordenou, me dando aquele sorrisinho que eu tanto odiava. — Ajoelhe e implore.

Olhei para ele, em seguida, olhei para Amy. Ela parecia estar perdida, tão amedrontada que suas pernas tremiam. Acho que só estava de pé porque o Mestre a segurava pelo braço. Ela, que sempre demonstrou ser uma fortaleza, estava completamente apavorada e a culpa era daquele monstro. Eu já o odiava antes, com todas as minhas forças, mas o sentimento pareceu dobrar de tamanho, se expandir. Eu só não o matava naquele momento, porque Amy estava ali, se não, Mestre já seria um homem morto.

— Está surdo, Rage? Eu mandei você ajoelhar e implorar! Se não me obedecer, vou fazer questão de cuidar da Amber pessoalmente — disse ele, inclinando-se um pouco para ela, passando as costas das mãos pelo seu rosto. Amy estremeceu com força e eu tive que fechar as mãos em punhos para me segurar no lugar.

Eu sabia que ele não mentia. Já havia tido provas suficientes de que Mestre cumpria com o que dizia, por isso, mesmo morrendo de raiva, ajoelhei-me olhando para ele e implorei:

— Solte-a, por favor.

— Um pouquinho mais alto.

Trinquei o meu maxilar com força e falei com clareza:

— Solte-a, por favor.

Ele ainda demorou alguns segundos me olhando, como se estivesse me analisando, até se virar para Amber e dizer, ainda olhando em meus olhos:

— Você pode ir até ele.

Quando ele soltou o seu braço, senti medo de que Amber caísse no chão, mas ela conseguiu cambalear em minha direção e se jogou na minha frente antes que eu pudesse me levantar. Com os joelhos encostados aos meus no chão, ela me abraçou com força pelo pescoço, chorando alto, enquanto eu a puxava para o meu encontro com os braços em sua cintura. Naquele momento, a dor que eu sentia em meu corpo não era nada; tê-la contra mim era tudo o que eu precisava.

— Eu sinto muito, eu sinto muito, por favor, me perdoe... Me perdoe, meu amor... — ela murmurava sem parar de encontro ao meu pescoço, sem sequer

respirar.

— Amy, não... Por favor, não fale isso, não fique assim — falei, puxando seu rosto com as mãos para que eu pudesse olhar para ela. Seus olhos estavam tão inchados por conta do choro, que eu mal conseguia enxergar a cor deles. — Ele te machucou? O que ele fez com você?

— Não, ele não me machucou... Mas machucou você... Ele machucou você e a culpa foi minha... — disse com os lábios tremendo, tocando meu rosto, meu pescoço, meus braços. Eu não me via no espelho há muito tempo, mas sabia que haviam hematomas espalhados pelo meu corpo. — Por favor, me perdoe...

— A culpa não é sua, meu amor, a culpa não é sua — falei, descendo minhas mãos pelo seu pescoço, afastando-me só um pouco para olhar para ela, para sua barriga. Não consegui me conter, quando vi, minhas mãos já estavam sobre o seu ventre. Meu coração disparou no peito. — Quando descobriu?

— Na casa da montanha. Eu ia te contar, mas então ele chegou e eu... Eu não consegui, eu... Me desculpe — ela tremia e gaguejava enquanto chorava.

— Tudo bem, não chore — pedi, levando uma mão ao seu rosto para secar suas lágrimas, enquanto a outra ainda acariciava a sua barriga. Eu ainda não sabia exatamente o que estava sentindo, mas tinha certeza de que o amor era o que me preenchia naquele momento. Como se fosse possível, eu amei Amy ainda mais e amei aquela criança em sua barriga com uma força que quase me fez perder o ar. — Eu vou proteger vocês, eu prometo. Eu prometo, Amy, nem que seja com a minha própria vida.

Ela não disse nada, mas o tremor em seu queixo aumentou e suas lágrimas desceram com mais força. Senti algo dentro de mim se quebrar. Não estava acostumado com aquele desalento em seu olhar, com aquela desesperança... Eu sabia que a nossa situação não era favorável, ainda não tinha entendido qual era a intenção do Mestre ao levá-la até ali, mas vê-la novamente, grávida, foi o que eu precisava para ter a minha esperança renovada, foi o que eu precisava para criar forças para destruir aquele monstro e ficar livre para viver ao lado dela. Por que ela não parecia sentir o mesmo? Em que momento ela havia desistido?

— Amy, eu amo você — declarei, querendo que ela sentisse o meu amor,

querendo que ela não desistisse de mim, de nós. — Eu amo você mais do que qualquer coisa nesse mundo. Você me devolveu a vida, a esperança, me fez renascer e me transformar no homem que sou hoje. Sei que está assustada, sei que não está acostumada com esse monstro, mas nós vamos conseguir, meu amor. Vamos ficar juntos e cuidar do nosso filho, eu prometo a você.

— Eu também te amo, Rage... Meu Deus, eu te amo tanto, tanto... — ela tocou em meu rosto, em meu cabelo, em meu pescoço, em todo o lugar que sua mão conseguia alcançar. — Eu sinto muito, sinto muito...

— Pare de repetir isso! Nada do que está acontecendo é culpa sua...

— Se eu fosse você, não apostava nisso. — A voz do Mestre soou pela sala. Eu tinha até esquecido que ele estava ali, mas, ao me dar conta, puxei Amy com força para os meus braços, querendo protegê-la dele. Mestre me olhou com desgosto. — Essa linda cena de amor só não me comove mais do que a sua ingenuidade, Rage.

— Cale a boca! — gritei para ele, escondendo o rosto de Amy em meu pescoço. Sentia que ela chorava com força, estava muito assustada. — Saia daqui!

Ao invés de sair, ele se aproximou um pouco e ficou sob o foco da luz amarela que ficava no teto. Daquela forma, ele parecia maior do que realmente era, mas aquilo não me assustou, pelo contrário; só fez o meu ódio por ele crescer ainda mais.

— Eu só quero que você me olhe com atenção, Rage, só isso — disse ele, olhando para Amy em seguida. Segurei a cabeça dela de encontro ao meu pescoço, não querendo que ela olhasse para aquele monstro. — Preste atenção em mim, nas minhas características e, então, olhe para ela... Olhe para ela, Rage.

— Saia! — Minha voz saiu quase como um rosnado, mas ele não cedia. Ele não saía.

— Mesma cor da pele, mesma cor de cabelo, os olhos dela são cor de mel, os meus são verdes, mas os tons são quase parecidos... — A cada palavra que saía da sua boca, o choro de Amy se tornava mais estrondoso. Ela tremia com força entre os meus braços. — Isso não lhe diz nada?

Olhei para ele, em seguida, olhei para o corpo de Amy entre os meus

braços, para a cor de seus cabelos entre os meus dedos... Eram da mesma cor que o dele. Por mais que ele tivesse alguns fios brancos, ainda assim, eram da mesma cor.

Não...

— Me perdoe, me perdoe... — ela sussurrava em meu ouvido.

— Sei que só me chama de Mestre, mas acho que já teve tempo para gravar meu nome e sobrenome, não é, Rage? Me chamo Maximus Bloom. Quer saber qual é o nome todo da Amber?

Não... Não quero saber, não quero saber...

— Por que não conta a ele, Amber? — Mestre perguntou, olhando para as costas dela. A apertei ainda mais contra mim e ela fez o mesmo, puxando-me pelo pescoço. Eu podia sentir meu coração quase travar na garganta.

— Por favor, me perdoe, me perdoe... — ela ainda murmurava.

— Diga a ele! Ande, diga a ele, *filha*. — Ele deu tanta ênfase nessa palavra, que senti o ar faltar em meus pulmões. — Diga a ele que você se chama Amber Bloom.

Senti minhas mãos tremerem, mesmo assim, puxei o rosto de Amy e olhei em seus olhos.

— Diga que é mentira — implorei e ela apenas chorou mais. — Diga que é mentira! — gritei.

Ela não disse.

Ela não disse, porque era verdade. Ela era filha daquele monstro. Amy era *filha* do Mestre. Senti tanto nojo, tanta raiva, que a larguei com força no chão e me levantei. Ela cambaleou e se apoiou com as mãos no chão, antes de olhar para mim.

— Por favor, me perdoe, me perdoe, Rage, me perdoe...

— Cale a boca.

— Rage, por favor...

— Eu mandei calar a boca! — Gritei, aproximando-me dela, mas parando a centímetros de cometer uma loucura. Não me reconhecia. Não *a* reconhecia. A raiva e a decepção se misturavam com tanta força dentro de mim, que eu me sentia alucinar, prestes a explodir.

“É só um sonho, é só um sonho, só um sonho, Rage... Acorde agora!”, falava para mim mesmo por dentro, enquanto olhava para aquela mulher ajoelhada a minha frente, com uma mão na barriga e a outra no chão, chorando desesperadamente.

— Eu devo confessar que, quando contei a Amber todo o meu plano e ela aceitou, fiquei com receio. Claro, ela é uma Bloom, tem o meu sangue correndo em suas veias, tem o caráter moldado como o meu, mas não sabia que tinha tanto potencial — Mestre disse, chamando a minha atenção. Eu não queria ouvir mais nada, mas, ao mesmo tempo, eu queria ouvir tudo. Eu queria saber de tudo.

— O que está dizendo? — perguntei, desviando meus olhos dela.

— Eu estava cansado da sua desobediência, Rage. Com o passar dos anos, achei que, em algum momento, você fosse abrandar, que fosse desistir de ser uma besta selvagem e se transformaria no cãozinho que eu tanto queria, mas foi o contrário. Você apenas piorava. Foi quando pensei que colocar uma mulher em cena poderia ser uma boa opção e eu estive certo durante todo esse tempo. — Mestre começou a andar de um lado para o outro. — Assim como eu, Amber sempre foi forte, astuta, inteligente. Por mais que não soubesse sobre você ou sobre os meus negócios, sempre soube que ela seria a pessoa ideal para tomar conta de tudo quando eu não estivesse mais aqui. Foi exatamente por isso que pensei nela para seduzir você.

— O quê? Não... Não... — Amy balançou a cabeça, olhando para o pai. *Para o pai*. A constatação me deixou com um gosto amargo na boca.

— O plano era bem simples. Eu iria colocar vocês dois na mesma casa durante o inverno, ela iria se aproximar de você falando que trabalhava para mim, mas, como havia te descoberto no quarto escuro, iria libertar você. Ela iria seduzi-lo, fazer você cair de amores por ela e, quando isso acontecesse, eu iria entrar em cena e te trazer de volta para mim. Eu ameaçaria a vida dela e, como sei que você tem esse ideal romântico de não poder ver a sua amada em perigo, iria acabar aceitando qualquer coisa que eu lhe impusesse para que eu garantisse que não iria machucá-la.

— Não... — Amy murmurou, balançando a cabeça. Vi como estava pálida, como tremia. — Não, isso nunca aconteceu...

— Nunca aconteceu? Amber, por favor! Foi *exatamente* o que aconteceu.

Rage está aqui e pode confirmar tudo — Mestre disse, olhando para mim. — Não foi o que aconteceu, Rage?

Sim... Foi exatamente o que aconteceu e constatar isso foi como levar um soco no estômago, um chute direto na minha alma. Eu nunca pensei que algo intrínseco dentro da gente poderia doer, algo que eu nem sequer sabia que existia, mas estava doendo. Estava doendo ao ponto de me fazer querer deitar e chorar até aquele tormento passar, até aquele pesadelo acabar.

— Rage, por favor, por favor, meu amor, ele está mentindo... Eu nu-nunca faria isso com você, nunca... — Ela gaguejava enquanto falava, cruzando as mãos na frente do rosto. — Acredite em mim, eu nunca participei de plano nenhum... Ele es-está mentindo...

Ela falava com tanta dor, tanto desespero, que, se a situação não fosse tão óbvia, eu poderia acreditar, mas era filha dele, tinha o sangue daquele monstro correndo em suas veias... Quem poderia me garantir que ela não era como ele?

— Pense, Rage, por favor... Se eu fosse mesmo tudo o que ele diz, se eu tivesse mesmo participado desse plano, o que eu estaria fazendo aqui? Por que estaria aqui, chorando, implorando o seu perdão, se ele conseguiu tudo o que queria?

Senti um baque por dentro. Fazia sentido... Fazia sentido de verdade. A voz do Mestre minou as minhas esperanças:

— Porque você é uma sádica manipuladora que nem eu, filha — Mestre riu, balançando a cabeça. — Se excita com o sofrimento, com a dor do outro... Você é a minha cópia fiel, Amber, meu maior orgulho.

— Não, não... — Amy disse, voltando a chorar. Com as mãos trêmulas, ela envolveu a barriga e olhou em meus olhos. — Eu juro pelo nosso bebê, Rage, que eu não sou como esse homem, que eu nunca participei de plano algum... Ele está mentindo, ele quer enganar você, Rage, por favor... Eu só menti sobre ele ser o meu pai, pois sabia que você não conseguiria olhar para mim sem se lembrar dele, mas eu ia te contar... Quando todo esse pesadelo acabasse, eu ia te co-contar. — Ela soluçou em meio ao choro, parecendo perdida, desesperada. Eu quase podia sentir a sua dor, se não soubesse que era mentira.

— Nosso bebê? Meu Deus, Amber! — Mestre gargalhou, olhando para

ela com os olhos brilhando. — Querida, você quer mesmo continuar a enganá-lo sobre isso?

— Eu não estou o enganando, eu não estou...

— Amber, pelo amor de Deus! — Ele balançou a cabeça. — Olhe para o dedo dela, Rage. Vamos, olhe! — Indicou o dedo dela com a cabeça e eu olhei. Suas mãos ainda estavam na barriga, mas não foi nisso que minha visão focou, foi em seu dedo e no anel que estava ali, enorme, brilhando, esfregando na minha cara que eu ainda não tinha o notado. — Esse é o anel de noivado da Amber, ela se casa no sábado.

— Não... Não, Rage... — ela ameaçou levantar, mas acho que tremia demais para isso.

— Ela está noiva desde antes de vocês se conhecerem. — Mestre continuou.

— Eu não vou me casar com ele, eu não vou, Rage...

Dessa vez ela nem tentou mentir. Estava mesmo noiva de outro homem quando me conheceu, quando me enganou, quando mentiu para mim. Olhei para ela sentindo-me um nada, um cãozinho manipulável, um idiota.

— E você conhece o noivo dela, Rage... Ele esteve ontem no encontro — Mestre disse, chamando a minha atenção. — Na verdade, ele esteve em todos os encontros e é sempre o primeiro a te foder.

Olhei para ele, em seguida, olhei para Amy lembrando-me da conversa que tivemos uma vez, depois de termos feito amor. Eu me abri para ela sobre os encontros, eu falei sobre o que eu sentia e citei aquele homem. Falei que ele era um dos poucos que eu conseguia me lembrar, pois sempre era o primeiro e fazia questão de me tratar com mais violência do que os outros. E ele era seu *noivo*.

— Rage... — Ela murmurou, certamente, lembrando do mesmo momento que eu. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas não consegui sentir outra coisa que não fosse nojo. — Me perdoe, por favor... Acredite em mim e me perdoe.

— Também é óbvio que o filho é dele. Amber não seria burra de engravidar de um cãozinho feito você, quando pode ter um filho de um dos homens mais ricos do país.

— Não! Pare com isso, pare de mentir! — Ela gritou desesperada. — Rage, o filho é seu, eu juro...

— Tire-a daqui — pedi, sentindo-me, de repente, muito cansado. Muito triste, arrasado, com uma dor que surgia do fundo do meu ser e se espalhava por cada poro da minha pele.

Com os olhos arregalados e cheios de lágrimas, Amy se levantou de repente e cambaleou em minha direção, pegando meu rosto em suas mãos.

— Não! Não, Rage, por favor... Acredite em mim, meu amor, por favor... Eu imploro, por favor, eu não fiz nada disso, eu nunca enganaria você dessa forma, eu juro pelo nosso filho...

Ela continuava a falar, a me tocar, mas a única coisa que eu conseguia sentir era nojo e raiva. Uma raiva tão grande, tão devastadora, que me fez dar um passo para trás para não a machucar, mas ela me seguiu, me segurou e eu perdi completamente o controle. Não respirei, sequer pensei, quando vi, já tinha a arrastado até a parede e tinha o seu pescoço em minhas mãos. Não apertei, mas, mesmo assim, senti em minha boca o gosto potente de saber que, se eu apertasse só um pouco, poderia matá-la.

Mas jamais conseguiria fazer isso, porque eu a amava tão profundamente, que a dor de lhe fazer mal me machucava mais do que a dor que ela estava me infligindo naquele momento.

— Eu quero que você saia desse quarto e nunca mais apareça na minha frente. Você conseguiu o que queria, Amber, me enganou, me seduziu, me fez comer na sua mão, mas a diversão acabou — falei entredentes, com toda a raiva e a dor que estava sentindo. — Volte para o seu mundinho com o seu papai e o seu noivo e desapareça da minha vida.

— Não... Não, Rage, meu amor... — murmurou, tocando em meus pulsos com um aperto fraco. Eu não sabia como era possível alguém soar de uma forma tão verdadeira, mas por dentro ser tão frio. Ela chorava, tremia, engasgava, mas eu não iria cair naquele teatro. Nunca mais. — Acredite em mim, eu nunca...

— Eu acreditei em você, Amy, eu me doei para você, eu confiei — falei, sentindo minha garganta se apertar em um nó intenso. — Quando já tinha me convencido de que nunca mais seria livre, de que a única coisa que eu precisava era matar o Mestre e morrer em seguida, você apareceu. Você me

tocou de uma forma que me fez renascer de onde quer que aquele monstro tivesse me enterrado. Você me fez acreditar que havia enxergado o meu coração, a minha alma, debaixo dos restos que o Mestre havia me transformado e tudo isso para quê? Para que, Amy? Para me matar depois? Pois é assim que estou me sentindo, você me matou, Amber. Foi muito pior do que ter ficado preso em um quarto escuro por quase vinte anos, sendo estuprado e espancado, foi muito pior do que fazer um trato com o Mestre de me doar inteiramente a ele, para te manter segura. Foi muito pior do que o ter o meu corpo violado... Você violou minha alma. Você acabou comigo.

Ela ofegou, empalideceu sob as minhas mãos, suas pernas fraquejaram, mas conseguiu se manter de pé. Era como se ela pudesse desmaiar a qualquer momento e uma parte minha ficou preocupada com ela, com o bebê, mas obriguei-me a ser forte e não fraquejar. Senti meu coração se espatifar no peito quando ela disse baixinho:

— Eu te amo com tudo o que há dentro de mim. Você pode não acreditar, você pode me matar agora, mas eu te amo, Rage e nunca vou me perdoar por tudo o que aconteceu com você, por tudo o que meu pai fez com você. Eu só queria te salvar, mas em algum lugar eu falhei e nos trouxe até aqui. Por favor, espero que um dia você consiga acreditar em mim, eu nunca compactuei com nenhum plano daquele monstro, eu nunca faria algo assim. Tudo o que fiz foi tentar acabar com ele e salvar você.

— Tudo o que você fez, foi mentir para mim, me enganar, me colocar nas mãos do Mestre como se eu fosse um brinquedinho. Quando te vi pela primeira vez, foi exatamente nisso que pensei, que você poderia ser alguém contratado pelo Mestre para me fazer sofrer, mas você superou todas as minhas expectativas. Ser filha dele... Isso só mostra o tipo de monstro que você é — falei com o maxilar cerrado, aproximando meu rosto do dela até os nossos narizes se encostarem. — Meu maior arrependimento foi não ter te matado naquele primeiro dia. Estive muito perto, mas me tiraram de cima de você. Se não quer morrer agora, acho melhor desaparecer da minha vida.

Ela chorou mais, ao ponto das suas lágrimas escorrerem pelo maxilar até alcançarem as minhas mãos em seu pescoço.

— Eu não vou desistir, Rage. Eu vou salvar você e depois vou acabar com o meu pai. Eu te dou a minha palavra, juro pelo nosso filho — sussurrou.

— Não existe nosso filho e eu não acredito em nada que sai da sua boca — falei, afastando-me e tirando minhas mãos de seu pescoço. Apesar de não ter apertado, ele estava vermelho e me senti mal, o que me fez sentir ainda mais ódio. Eu não deveria sentir nada por ela que não fosse desprezo. — Tire-a daqui.

Sem lhe dar mais nenhum olhar, afastei-me e me sentei no chão, tão longe dela quanto possível. Pude ouvi-la me chamar em meio a um ofego, a soluços altos que ecoaram pelo quarto escuro, mas continuei olhando para a frente, sem me abalar, sem sentir nada que não fosse ódio ou raiva. Por fim, ouvi passos, o rangido alto da porta e soube que eles haviam ido embora. Pelo menos foi o que pensei, até ouvir a voz do Mestre:

— Agora entende o que eu disse sobre sentimentos, Rage? São ou não como peças de um quebra-cabeça? Amber montou esse jogo com a sua ajuda, mas quem comanda as peças sou eu e, agora, desmontei tudo e vou guardar bem no fundo de um guarda-roupa e esquecer para sempre. Uma pena que não posso dizer o mesmo de você. — Sem aguentar mais, olhei para ele. Amber já não estava mais no quarto e ele estava a uma distância segura de mim, perto da porta. — Sempre soube que você era um cãozinho fraco, brincar com os seus sentimentos só me provou isso.

— Espero que você saiba que não há mais acordo entre nós e que eu vou te matar — falei, olhando em seus olhos. — Agora, mais do que nunca, é bom você ter cuidado comigo. Um deslize e eu quebro o seu pescoço com as minhas próprias mãos.

— Parece que vamos ter que voltar ao velho método do remedinho... Mas não tem problema, vou continuar a te comer com gosto, sabendo que você pertence tanto a mim, que até os seus sentimentos eu consigo dominar.

Sem dizer mais nada, ele se virou e saiu. Pude ouvir a corrente sendo passada na porta, seus passos se distanciando, em seguida, o quarto caiu na escuridão. Fiquei imerso no silêncio, mas era como se mil vozes estivessem falando em minha cabeça, enquanto eu ficava muito consciente de cada batida do meu coração e da dor profunda que invadia a minha alma.

Em meio ao quarto escuro, a imagem de Amy veio em minha mente. Lembrei-me com exatidão da primeira vez em que a vi, deitada ao meu lado, passando a mão em meu rosto. Vi em seus olhos inúmeros sentimentos,

coisas que não consegui entender naquele momento, mas que, com o tempo, aprendi a compreender, pois aqueles mesmos sentimentos continuaram a acompanhá-la enquanto estivemos juntos. Era compaixão, compreensão, dor pela minha dor, e, depois, amor. Eu acreditei ferrenhamente em cada uma das emoções que ela quis me passar, eu me agarrei a elas como se estivesse em um oceano bravio e elas fossem a minha única opção de salvação.

Agora, eu me sentia afundar. Não havia mais sentimentos para me agarrar, não havia mais amor, pois tudo tinha sido uma mentira. Uma armação do pior homem que eu já havia conhecido, para terminar de dominar, junto com a mulher que eu pensei que havia salvado o meu coração, a minha alma. Senti vontade de gritar, de socar alguma coisa, de matar alguém, mas tudo o que fiz foi me deitar no chão frio, me encolher e fechar os olhos até que as lágrimas escorressem.

Amy havia sido a melhor coisa que já havia aparecido em minha vida. E a pior, também.

Capítulo 38

Hernandez

Assim que cheguei ao Escritório de Campo do FBI, a equipe comandada pelo agente James já estava a postos, me esperando. Depois de confirmarem quem eu realmente era, revistaram a mim e a John, tomando nossas armas, o que me deixou bem desconfortável, mas não reclamei. Só queria que tudo aquilo acabasse logo. Depois de vestirmos os coletes de proteção, os acompanhamos até o veículo que seria usado para chegarmos ao prédio.

Dentro da van, John informou a eles o endereço do prédio abandonado e repassou as informações que o segurança de Maximus havia passado a ele. Percorremos inúmeras ruas, até nos afastarmos completamente do centro de Chicago. No meio do caminho, mandei uma mensagem a Amy para dizer estava correndo tudo como o planejado, que em alguns minutos salvaríamos Rage e esperei pela sua resposta, mas minutos se passaram e nada da sua mensagem chegar. Mesmo sem querer, senti um aperto estranho no peito, como um pressentimento e resolvi ligar para ela. Sem resposta.

Algo estava definitivamente errado. A prova veio quando senti meu celular profissional tocar no bolso do meu terno. Pensei que poderia ser Amy, mas era Rose, a governanta da cobertura.

— Pode falar, Rose — atendi, já atento.

— Senhor Hernandez, estou tentando ligar para o senhor há quase quarenta minutos, mas seu celular só dava desligado — ela disse com rapidez. — Sinto muito pela insistência, mas aconteceu algo que me deixou muito preocupada.

— O que foi? Algo com a Senhorita Bloom?

— Sim. Ela recebeu a visita do Senhor Voss há pouco mais de uma hora, então, o Senhor Bloom chegou de repente e a levou embora com ele. Mas ela não parecia estar indo por boa vontade, pelo contrário... Ele estava a arrastando pelo braço e parecia estar furioso.

Senti meu corpo gelar e fiquei estático no lugar, quase sem respirar. O que eu mais temia havia acontecido, Harry e Maximus haviam descoberto sobre a gravidez. E algo me dizia que Maximus, talvez, soubesse sobre tudo o que havia acontecido entre Amber e Rage.

— Sei que não deveria agir dessa forma, pois o Senhor Bloom é meu patrão, mas fiquei muito preocupada e achei melhor informar ao senhor — Rose continuou parecendo aflita do outro lado da linha. — Fiz mal?

— Não, Rose, pelo contrário, você fez muito bem. Agora, me escute, preciso que você aja como se não tivesse me ligado ou entrado em contato comigo, tudo bem? Finja que essa ligação nunca aconteceu.

— Está bem, Senhor Hernandez.

— Se o Senhor ou a Senhoria Bloom voltarem para o apartamento, me ligue imediatamente.

— Sim, senhor — falou. — Só quero que a Senhorita Bloom fique bem. Eu não sabia que ela estava grávida e isso me deixou ainda mais preocupada.

— Vou fazer de tudo para que ela fique em segurança, Rose — falei, por mais que eu não soubesse como. — Até mais.

Desliguei o celular e, aflito, falei em alto e bom som.

— Maximus Bloom sequestrou a própria filha. James, você precisa passar isso para Nicholas, agora!

James assentiu comunicou a Nicholas pelo rádio. Minutos depois, ele parece ter recebido uma mensagem no ponto eletrônico em seu ouvido, pois me deu um olhar sério.

— Jackson Colben acabou de ser preso, mas Maximus Bloom está foragido. Nicholas me informou que os seguranças que estavam no hotel foram levados para prestar depoimentos.

— Ele vai fugir e vai levar a Amber, porra! — Xinguei, dando um soco no banco a minha frente. — Não acredito! Justo agora!

Como uma coisa daquelas poderia acontecer justamente no dia em que pegaríamos o filho da puta do Maximus? E o pior, como fui capaz de deixar Amy ser levada por ele? Deus do céu, o único objetivo que eu tinha na minha vida era proteger aquela menina e eu havia falhado. Eu havia *falhado*!

“Amy, me perdoa, eu sinto muito...”

— Hernandez, fique calmo, nós vamos achá-los — James disse. — Todos os aeroportos estão cientes de que Maximus não pode embarcar, assim como os policiais rodoviários. Ele não vai escapar.

Assenti, sem saber realmente o que dizer. Meu peito estava apertado e eu tinha um pressentimento muito ruim.

— Algo me diz que Maximus sabe sobre o envolvimento de Amber com Rage, eu só não sei como ele descobriu — murmurei mais para mim mesmo, mas John ouviu ao meu lado.

— Agora tudo faz sentido, Hernandez.

— O que quer dizer?

— Sabe quem foi promovido a segundo segurança pessoal do Senhor Bloom? — perguntou. — Peter! Ouvi alguns burburinhos, estavam achando que um tal de Hunter seria promovido, mas essa hipótese logo foi descartada quando Peter apareceu no início da semana passada. Fiquei sem entender nada, mas como eu mesmo fui promovido para a equipe de seus seguranças pessoais, achei que o mesmo pudesse ter acontecido com Peter, por mais que o pessoal da equipe tivesse deixado claro que Maximus não tinha o costume de colocar alguém de fora em um cargo tão importante, que exigia muito de sua confiança. Agora eu entendo o porquê dessa promoção. Ele com certeza contou tudo para o Senhor Bloom.

— Filho da puta! — Soquei o banco de novo, chamando a atenção dos agentes. Não me importei, sentindo o ódio se alastrar por cada veia do meu corpo. — John, se ele contou tudo, então Maximus sabe que você o traiu. Deve ter sido por isso que afastou você de Rage, para que não nos contasse aonde ele está escondido!

— Sim, e quis me manter sob suas vistas, para que pudesse me controlar — falou entredentes. — Mas eu fui mais esperto que ele e descobri aonde Rage está. Espero que o fim desse pedófilo filho da puta esteja perto. Quero assistir tudo de camarote.

— Também quero assistir à queda do Peter. Aquele merdinha nos traiu!

— Ele sempre foi tão quieto, tão gente boa... Eu nunca poderia imaginar — John murmurou, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Eu também não poderia, apesar de sempre ter mantido um pé atrás tanto

com ele, quanto John. Fiquei quieto, tentando imaginar para onde Maximus poderia levar a Amber, mas não consegui chegar a lugar algum. Desesperado e sem poder fazer nada, fechei rapidamente os olhos e fiz uma prece. Não era um homem religioso, mas acreditava em Deus e sabia que aquele era o momento para pedir um milagre: que Maximus não matasse a minha menina.

A van parou de repente e abri os olhos, vendo que havíamos chegado a uma rua deserta, com poucas casas e um pequeno prédio no final. Quem olhasse de fora, pensaria que era apenas um prédio antigo e abandonado, mas eu sabia exatamente o que se escondia dentro daquelas paredes de aço e tijolos velhos.

— Vamos repassar rapidamente tudo o que sabemos até agora — James disse. — Há três seguranças dentro do prédio, um fica monitorando o portão, um faz a ronda e o outro toma conta da vítima. Os seguranças pensam que John ainda trabalha para Maximus Bloom, sendo assim, ele vai servir como nossa isca. Vai falar pelo interfone que precisa entregar uma encomenda em nome de Maximus e, assim que o portão se abrir, nós entramos. Só vamos atirar caso eles atirem. É de suma importância que eles fiquem vivos, pois podem ter alguma informação importante sobre aonde Maximus possa estar.

Eu achava muito difícil que os seguranças soubessem de algo, mas não contrariei James, simplesmente assenti quando ele perguntou se havíamos entendido. O motorista seguiu com a van e parou alguns metros à frente do prédio, enquanto o carro que nos seguia foi para a parte de trás. Primeiramente, alguns homens saíram para cercar o prédio, em seguida, nós deixamos a van seguimos o comando de James, que apontou para que ficássemos depois dos portões altos de ferro e apontou discretamente para a câmera acima de sua cabeça. De onde estávamos, provavelmente, a câmera não nos capturava.

James e os outros quatro agentes que estavam conosco empunharam suas armas e me senti frustrado por não ter a minha Glock em punho. John apertou o interfone e a voz grossa de um homem saiu pelo alto-falante.

— Sou John Smith, segurança pessoal do Senhor Maximus. Trouxe uma nova remessa da ração de Rage. Preciso que abra o portão para que eu entre.

— Ninguém avisou que teríamos entrega hoje. — O homem disse.

— Bom, estou apenas cumprindo às ordens do Senhor Bloom. Se não me

deixar entrar, acho que sabe o que vai acontecer com você — John disse, aproximando-se da câmera e apontando seu crachá. — Leia, sou o segurança *pessoal* do Senhor Bloom. Acha mesmo que vai ficar impune se descumprir uma ordem dele?

O homem ficou em silêncio por alguns segundos, certamente olhando com atenção para o crachá de John. Segundos depois, a voz do homem soou novamente:

— Certo, pode entrar. — O homem respondeu e ouvi o clique do portão.

John se afastou um pouco, esperando que o portão abrisse e ficando na mira da câmera. James aproveitou esse momento para passar pela brecha estreita do portão e, antes que eu pudesse fazer o mesmo, o ouvi gritando:

— FBI, mãos para o alto, agora!

Dois agentes passaram por mim e o segurança se rendeu, arregalando os olhos e colocando as mãos para cima. Um dos agentes o puxou e o algemou segundos depois.

— Kevin e Jack vão atrás do segurança que está fazendo a ronda. Vou achar o Rage junto com Steven. Hernandez e John, venham comigo — James ordenou.

Kevin e Jack saíram em disparada e nós corremos da maneira mais silenciosa que conseguimos, passando pelo pequeno hall do prédio caindo aos pedaços. Ali não tinha nada, nenhuma sala ou corredor, por isso, subimos as escadas de ferro que levavam para o segundo andar. Goteiras molhavam o chão e o cheiro de mofo era quase insuportável, mesmo assim, prosseguimos, olhando com atenção para cada canto, James e Steven com as armas em punhos. O primeiro corredor estava completamente vazio, com todas as portas abertas, mostrando salas abandonadas e janelas sujas, que deixavam entrar pouca luz que vinha da rua.

Dobramos à direita, depois à esquerda, apenas para nos dar conta de que não havia nada no segundo andar. Subimos as escadas que nos levariam ao terceiro piso e fizemos praticamente o mesmo caminho, até que, antes de dobrar à esquerda, vimos um segurança sentado em uma cadeira de ferro, mexendo no celular. Ele não percebeu a nossa presença e James fez um sinal silencioso para Kevin, que deu a volta até parar do outro lado do corredor, apontando a arma em direção ao segurança. Com a sua própria arma em

punho, James anunciou:

— FBI, mãos para o alto!

A primeira reação do segurança foi pegar a arma e apontar para James, mas antes que ele pudesse disparar, Kevin o pegou por trás e o desarmou, algemando-o. James se aproximou e John e eu fomos logo atrás.

— Pegue as chaves da porta — James ordenou e Kevin tateou os bolsos do segurança até achar um molho de chaves. — Vou abrir.

— Não, por favor, deixe que eu faça isso. Rage me conhece, ele confia em mim — falei, estendendo a mão para que ele me desse a chave.

James abriu a boca, acho que para me contestar, mas ouviu algo no ponto eletrônico e pressionou os dedos contra o ouvido. Segundos depois, colocou as chaves em minha mão e disse:

— Seja rápido.

Assenti e parei em frente à porta onde o segurança estava sentado e testei chave por chave, até que uma abriu o cadeado grosso e permitiu que eu abrisse a porta.

Encontrei Rage sentado, encostado a parede, com a cabeça virada para cima. Por um momento, pensei que estivesse dormindo, mas logo ficou em alerta quando viu a claridade do corredor preencher o quarto. A luz fazia sombra em mim, por isso, levantei as minhas mãos e falei antes de me aproximar:

— Sou eu, Rage, Hernandez. Vim te tirar daqui.

Pensei que ele se levantaria, que ficaria agitado ou que fosse perguntar por Amy, mas ele não disse nada, sequer se moveu. Apenas voltou a olhar para o teto, como se não tivesse me visto ou me ouvido. Estranhando, me aproximei, mas sua voz forte e fria me fez parar no meio do caminho.

— Não ouse chegar perto de mim, ou juro que mato você.

Como é que é?

— Mas que porra é essa, garoto? Está maluco? — perguntei, mas ele não respondeu. — Acho que você não me ouviu direito. Falei que vim te *tirar* daqui.

— E eu falei que vou te matar se você se aproximar de mim!

— Qual é o seu problema? Está louco?

— Eu já sei de tudo.

— De tudo o quê?

Ele me olhou e vi uma sombra de sorriso em seus lábios. Mesmo sob a parca luz, eu conseguia ver a sua raiva, o seu ódio. Só não conseguia entender o porquê de eles estarem sendo dirigidos a mim.

— Não se faça de idiota, Hernandez.

— É você que está se fazendo de idiota, Rage! — falei, aproximando-me mais. — Vamos, não temos tempo para conversar agora. Eu explico tudo para você quando estivermos no carro.

— Eu falei para não chegar perto de mim! — Falou alto, levantando-se de repente. Eu já tinha visto aquela sua postura defensiva antes, ele chegou até mesmo a me atacar meses atrás, mas vê-lo daquela forma de novo me fez perceber que algo muito sério havia acontecido.

— Por que está agindo assim?

— Eu já sei que Amber é filha do Mestre! — falou com o cenho franzido em ódio. — Já sei que ela armou para mim junto com ele! Que os dois me usaram! E você, com certeza, sabia de todo o plano.

— O quê? Que plano? Do que você está falando, Rage?

— Mestre fez questão de vir aqui hoje me contar tudo e trouxe Amber junto com ele.

— Maximus trouxe a Amber aqui? — perguntei com desespero, fechando a distância entre nós, sem me importar se ele poderia me matar ou não. — Que horas foi isso? Para onde ele a levou? Ele disse alguma coisa? Ela estava machucada? O que ele fez com ela?

Vi como ficou ligeiramente confuso, a careta de ódio sendo substituída pela dúvida, mas logo voltou a me fitar com raiva.

— Tenho certeza de que ele a levou para a casa do *noivo* dela. Afinal, vão se casar no sábado, não é mesmo? E construir uma linda família juntos!

— Rage, você não sabe do que está falando...

— Eu sei exatamente sobre o que estou falando! Não adianta me enganar mais! Ninguém vai me usar de novo, ninguém!

— A única pessoa que te usa é o Maximus! Eu não sei o que ele disse, mas é mentira, Rage! Ele está te manipulando!

— É mentira que Amber é filha dele? É mentira que ela e você esconderam isso de mim?

— Não, isso não é mentira. — Fui sincero, vendo seu rosto ficar vermelho e sua mão se fechar em punho. — Mas o que quer que ele tenha dito além disso, é mentira, Rage. Amber ama você, ela...

— Cala a boca! — Ele gritou, pegando-me de repente pelo pescoço e me encostando contra a parede. Senti quando começou a apertar. — Você é um mentiroso, ela é uma mentirosa, vocês me enganaram! Todos vocês!

— Rage... — tentei falar, mas minha voz saiu esganiçada e o ar começou a me faltar. Sabendo que ele não iria me soltar e que os agentes poderiam entrar no quarto a qualquer momento, menti: — Eu tenho uma arma... Se... Não parar... Eu vou atirar...

— Atire! É um favor que você me faz! Mas faça logo, porque eu vou te matar! — Gritou na minha cara e comecei a ficar tonto. Mesmo assim, tentei falar.

— Não seja... Bu... Burro... Rage... Precisamos salvar...

— Cale a boca!

— A Amber... Precisamos sal-salvá-la...

— Salvá-la? Eu preferia que ela estivesse morta.

Foi depois que ele disse isso, que percebi que seu ódio era real. Ele não estava blefando, de alguma forma, Maximus havia conseguido mexer com a sua cabeça e com os seus sentimentos. Senti que eu poderia perder os sentidos a qualquer momento, mesmo assim, consegui pensar rápido e, com a última força que eu tinha, acertei um chute certeiro no meio das suas pernas.

Rage urrou de dor e me soltou, ajoelhando-se no chão. Aproveitei aquele momento e me afastei dele a passos trôpegos, caindo no chão no meio do caminho. Eu tossia e tentava puxar o ar ao mesmo tempo, vendo o quarto rodar e sentindo a bile em minha garganta. Não sei quanto tempo levei para me recuperar, mas quando consegui respirar sem sentir vontade de vomitar, vi John e Steven agachados na minha frente, apertando meus ombros.

— Hernandez? Está me ouvindo?

— Es... Estou — falei com dificuldade, pois a minha garganta parecia estar em carne viva.

— Escute, os agentes pegaram o terceiro o terceiro segurança e James está lá embaixo com ele e os outros dois que tinham sido algemados. Precisamos pegar o Rage e sair daqui.

Minha cabeça ainda rodava, me sentia um tanto desnorteado, mas me obriguei a ter foco e pensar. Com um pouco de dificuldade, virei-me e vi Rage ainda ajoelhado no chão, olhando para nós dois com o cenho retorcido em ódio. Mesmo com a garganta doendo e ainda com falta de ar, falei alto o suficiente para que ele pudesse ouvir.

— Rage... Nós cumprimos com o que prometemos a você... Eu estou aqui com a polícia... Era para o Maximus ser preso hoje, mas ele sequestrou a Amber e eu não faço ideia de onde ela possa estar... — Parei para respirar e engoli em seco. — Eu não sei o que o Maximus falou para você, mas a Amber é inocente. Nós precisamos sair daqui e arrumar uma forma de salvá-la... Precisamos encontrar a minha menina, porque ela está grávida, Rage. Está grávida de um filho seu e Maximus pode matá-la a qualquer momento, sem pensar duas vezes.

Meus olhos se encheram de lágrimas e meu peito se apertou ao falar aquelas palavras em voz alta. A única coisa que eu precisava fazer era proteger a Amy e eu havia falhado. Eu não poderia falhar novamente.

— Se você não aceitar vir comigo, James, que é agente do FBI, vai vir aqui e te pegar à força. Você vai ficar protegido, longe de todo mal, mas não vou atrás de você para tentar te convencer de que Amber é inocente. Eu vou ter que te deixar para trás, pois nada no mundo é mais importante para mim do que aquela garota. Eu a amo como se fosse minha filha e só vou parar de procurar por ela, quando eu estiver morto. Por isso, não vou insistir mais. Se não disser que eu posso me aproximar de você e te tirar das correntes, eu vou deixar que James faça o trabalho.

— Por que eu acreditaria em você? — perguntou em um sussurro que foi alto o suficiente para que eu pudesse ouvir. Senti meu sangue ferver nas veias.

— Por que você acreditaria no Maximus? Por que a palavra dele é mais relevante do que a minha ou a de Amy? Pois tenho certeza que ela negou

qualquer uma das mentiras que ele contou para você!

Vi quando olhou para o chão, como se estivesse perdido e não soubesse o que dizer. Eu sabia que, no fundo, Rage era apenas um garoto muito traumatizado, que, de alguma forma, conseguiu amar Amber com toda a sua alma e confiar nela. Qualquer coisa que pudesse abalar essa confiança ou esse amor, seria uma baque forte demais para que ele pudesse suportar, mesmo assim, não poderia admitir que acreditasse cegamente nas palavras de um homem que só o machucou e não acreditasse em Amber, a mulher que o salvou inúmeras vezes e que o transformou no homem que era hoje.

— Amber não fez nada mais do que te amar, Rage. Do que cuidar de você. Ela é a mulher mais gentil, amorosa e forte que eu conheço, ela lutou por você desde o princípio... Está na hora de você lutar por ela também. Por ela e pelo o seu filho.

Seus olhos encontraram os meus e ele ficou me olhando por vários segundos. Pude ver a dor predominando as suas emoções, mas também havia dúvidas, medo e desconfiança. Por isso, me vi obrigado a perguntar, por mais que já soubesse da resposta:

— Esqueça o ódio que Maximus o fez sentir pela Amber e me responda com sinceridade, Rage... Você a ama? Você ama a minha menina?

— Com tudo o que há dentro de mim — respondeu com uma certeza que fez o meu coração sofrer um estalo no peito.

— Então, você vai me deixar te desacorrentar, vai sair de dentro desse prédio abandonado e vai lutar conosco para salvarmos a Amber. Nós vamos atrás da nossa garota nem que seja no inferno.

Ele não disse nada por alguns segundos, simplesmente me olhou. Por um momento, pensei que diria não, pensei que me mandaria ir até o inferno sozinho, mas segurei um suspiro de alívio quando estendeu os pulsos em minha direção. Com um pouco dificuldade, aproximei-me dele e testei chave por chave na abertura das correntes, até que consegui soltá-lo. Em seguida, fiz o mesmo com as correntes em seus pés. Percebi que ele também estava com dificuldade para se manter de pé e lembrei-me de que o *encontro* havia acontecido apenas um dia antes.

“Pobre garoto... Vamos encontrar a Amber e fazer esse inferno acabar.”

Sem que ele esperasse, passei seu braço pelo meu ombro e John fez o mesmo do outro lado. Descemos as escadas, encontramos James e, minutos depois, deixamos o prédio para trás com a certeza de que encontraríamos Amber, nem que precisássemos morrer para isso.

Capítulo 39

Amber

Eu não conseguia respirar.

De volta ao carro, com um capuz preto na cabeça, eu sentia meu peito apertado e minha mente pesada com tudo o que havia acontecido no quarto escuro. Ainda podia sentir os braços de Rage ao meu redor, sua voz dizendo que me amava, seus olhos carinhosos em cima de mim e, então, a sua raiva. O seu ódio. A sua dor ao descobrir a verdade e acreditar na mentira do meu pai.

Quando Maximus me tirou de casa e me obrigou a entrar em seu carro, não tinha a mínima ideia de onde ele poderia me levar. Pensei em inúmeras possibilidades, inclusive, que ele poderia estar me levando para um lugar bem longe para poder me matar e sumir com o meu corpo, mas nunca imaginei que poderia estar me levando para ver Rage. Só me dei conta de que estava perto do homem que eu amava quando Maximus tirou o capuz da minha cabeça, me largou em um corredor longo e mal iluminado com Timothy em meu encalço e entrou no quarto escuro. Pude ouvir muito pouco do que acontecia lá dentro, mas quando ouvi a voz de Rage, senti uma parte de mim morrer. Pois soube, naquele exato momento, que, de alguma forma, meu pai sabia sobre nós dois e que não deixaria de usar o nosso romance contra mim e contra Rage.

Desesperei-me de tal forma, que senti que poderia desfalecer ali mesmo, naquele corredor frio. Nem consegui me agarrar a esperança de que Hernandez poderia estar a caminho para resgatar Rage, pois, naquele momento, eu me sentia completamente abandonada e apavorada.

Mil possibilidades do que poderia acontecer passaram pela minha cabeça, mas nada no mundo me preparou para tudo o que aconteceu dentro daquele quarto, para o golpe de misericórdia que aquele monstro havia jogado sobre mim. Inverter a minha história de amor com Rage foi uma das piores maldades que meu pai já cometeu na vida. Ele pegou algo puro e transformou em um rio de lama com pouquíssimas palavras. Conseguiu usar tudo o que

aconteceu entre mim e Rage para criar um roteiro de um filme de terror. Acabou, com um único golpe, com tudo o que Rage e eu havíamos construído.

A dor que eu sentia por dentro era tão grande, tão esmagadora, que sentia meu peito comprimido. Era difícil respirar, era difícil pensar. Parte de mim ainda estava dentro daquele quarto, agarrada a Rage, lutando para não o deixar, enquanto a outra parte tentava entender o que estava acontecendo, para onde eu estava sendo levada, qual seria o próximo passo do meu pai. Por mais que eu tentasse, não conseguia pensar no que ele poderia fazer a seguir. Será que me mataria? Será que me levaria de volta para a cobertura e daria um jeito de Harry continuar com o casamento?

Minha mente dava volta com inúmeras possibilidades, mas parei de criar hipóteses quando senti o carro parar. A porta ao meu lado foi aberta e uma mão agarrou o meu braço de forma grosseira, apertando ao ponto de eu sentir dor, obrigando-me a descer do veículo. O capuz escuro não me deixava enxergar nada, por isso, fui praticamente tropeçando atrás de quem quer que estivesse me segurando e, com medo de cair, cobri minha barriga com as mãos, orando em pensamentos, enquanto as lágrimas voltavam a molhar as minhas bochechas.

“Por favor, Deus, não desista de mim ou de Rage, nos proteja de todo o mal... Proteja meu bebê... Proteja Hernandez... Ajude o agente do FBI a prender o meu pai e a nos resgatar, por favor...”

O barulho de uma porta sendo aberta me despertou e eu pisquei com força para expulsar as lágrimas dos meus olhos. O homem voltou a me arrastar e demos mais alguns passos até ele parar completamente e me fazer parar também. Com as mãos nos meus ombros, ele me fez abaixar e soltei um gemido quando me sentei no chão frio. Não sabia aonde estava, mas, definitivamente, não era na cobertura.

— Prenda os pulsos dela. — Ouvi meu pai ordenar.

Senti meu coração afundar no peito quando algo frio, de metal, prendeu um pulso e depois o outro. Um bolo se formou em meu estômago quando a possibilidade de estar em quarto escuro e passar pelas mesmas coisas que Rage passava, tomou conta de mim. Meu Deus... Senti que eu poderia desmaiar a qualquer momento.

— Tire o capuz. — Meu pai ordenou novamente e, sem delicadeza alguma, puxaram o capuz pela minha cabeça. Demorei alguns minutos para poder me acostumar com a claridade e olhar em volta.

Eu não estava em um quarto escuro, mas tão pouco conhecia aquele lugar. Era um casebre de concreto, com apenas um cômodo. Ao meu lado esquerdo, havia uma cama de solteiro forrada com um edredom grosso, a minha frente havia uma espécie de cozinha, com um fogão pequeno, uma pia, um armário de madeira afixado na parede e uma mesa com duas cadeiras. Ao meu lado direito, tinha um cubículo fechado com uma porta de madeira, que pensei ser o banheiro. No teto, correntes grossas estavam presas. Era só isso. As correntes que me prendiam estavam afixadas na parede às minhas costas. Meu pai e Timothy estavam na minha frente.

— Espero que tenha gostado da sua nova casa — disse o meu pai, puxando uma cadeira para se sentar à minha frente. Ele me olhava com uma satisfação evidente, como se me colocar naquele lugar, presa, fosse a realização de um sonho. — Confesso que não pensei que precisaria chegar a esse extremo, Amber. Quando soube que você tinha dado uma de heroína e tirado Rage de dentro do quarto escuro, senti vontade de invadir a casa da montanha e te espancar até você morrer, mas a surpresa que senti pela sua coragem foi maior do que a minha raiva. Sempre te achei fraca, uma menininha estúpida que nem a sua mãe. Saber que estava agindo pelas minhas costas me deixou furioso, mas orgulhoso ao mesmo tempo. De alguma forma, você demonstrou a coragem de uma Bloom, mesmo que tenha sido da forma errada.

— Quem contou para você? — perguntei, ajeitando-me no chão. A corrente apertava muito os meus pulsos, mas ignorei a dor. — Quem me traiu?

— Quem *lhe* traiu? Acho que sou o único que tem direito de se sentir traído aqui, não? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Quem me contou não importa. Talvez eu tenha sido muito ingênuo por ter colocado você e Rage na mesma casa. Depois do atentado à mansão em Chicago, só pensei que precisava proteger os dois. Você, por ser uma Bloom e estar prestes a se casar com Harry Voss e me ajudar a aumentar a minha fortuna e Rage por ser o meu cãozinho favorito. A casa da montanha era o lugar mais seguro para os dois e nunca passou pela minha cabeça que a minha filhinha seria tão astuta

ao ponto de descobrir sobre o meu prisioneiro. Infelizmente, me enganei.

— Imagino que deve ter sido muito bom ter descoberto que Rage estava apaixonado por mim — falei, tirando coragem de onde eu nem sabia que existia. De alguma forma, eu queria atingi-lo, machucá-lo. — Quer saber os detalhes do que houve entre a gente? Acho que o seu informante deve ter lhe contado, por alto, que nós estávamos dormindo juntos, mas tenho certeza que ele não lhe disse o suficiente para fazer a sua imaginação aflorar.

— Quero que você cale a boca — falou entredentes.

— Ora, papai, nunca pensei que fosse tão fraco ao ponto de temer alguns detalhes sórdidos! — Ri, balançando a cabeça. — Foi tão bom sentir os lábios de Rage nos meus pela primeira vez. Parecia que eu ia voar, que meu corpo ia entrar em chamas, tamanho o desejo que senti. Principalmente porque senti o desejo *dele* por *mim* — falei, vendo-o ficar vermelho e fechar as mãos em punho. — Porque Rage me desejava, me desejava *muito*. Ele queria sexo toda hora, adorava me acordar no meio da noite com a boca nos meus seios, na minha boceta, lambendo-me até me fazer gozar...

— Eu mandei você calar a boca! – Gritou, se levantando. Não me intimidei.

— Ele ficava duro só em me olhar. Não precisava de drogas, nem ser coagido a transar, porque *ele* me *queria*. Ele me amava, ele ainda me ama, apesar de todas as mentiras que você contou hoje! — falei, olhando dentro dos seus olhos. — Deitar-se comigo não era um sacrifício para ele, era um prazer. E foi tão bom, foi tão gostoso, que ele fez um filho em mim. Um filho!

— Sua puta desgraçada!

Seu punho acertou em cheio o meu rosto, fazendo o sangue explodir dentro da minha boca. A dor foi tão grande que cheguei a gritar, apoiando-me rápido no chão para que eu não batesse com o rosto no concreto frio. Ele nem me deu tempo de respirar, puxou o meu cabelo com força, até me fazer encará-lo.

— Continue a falar e eu juro que mudo de ideia sobre te manter viva! — gritou na minha cara. — Não me irrite mais, Amber, ou juro que vou te fazer sofrer muito até finalmente morrer.

— Tenho certeza que você... Está sofrendo muito mais do que eu... Só por saber que eu tenho tudo o que você tanto tentou tirar de Rage durante os anos que o manteve preso... — falei com dificuldade, pois o lado direito do meu rosto estava começando a ficar inchado e meu maxilar doía muito. — Eu tenho o amor dele, o desejo dele, o coração, a alma, tudo. *Tudo*, papai.

— Depois de hoje você ainda acredita nisso? Acredita que ele ainda te ama? — perguntou, sacudindo a minha cabeça pelos cabelos. — Ele acha que você é uma puta mentirosa, acha que é um monstro, assim como eu. Tenho certeza que tudo o que ele sente por você, é ódio e desprezo.

Senti meu queixo tremer, minha garganta se fechar em um nó, porque sabia que era verdade. Rage me odiava agora, talvez até mais do que odiava meu pai. Mesmo assim, não fraquejei.

— Ele sempre vai me amar, diferente do que sente por você. Ele sempre te odiou e vai morrer odiando, não importa o que você o faça sentir por mim, não importa as mentiras que contar sobre mim.

— Pode até ser, mas, até ele morrer, vai continuar sendo meu e apenas meu — disse, soltando minha cabeça com violência. Fiquei tonta, mas logo me situei, cuspindo saliva com sangue ao meu lado. Quando voltei a o encarar, ele já tinha se sentado na cadeira novamente. — Usei você e esse amor estúpido para fazer Rage comer na minha mão. Durante o tempo que você ficou na cobertura em Chicago, Rage se entregou a mim de bom grado, enquanto eu o fazia acreditar que não iria machucar você. E eu realmente não iria, Amber. Meu plano inicial era fingir para você que eu nunca soube do seu envolvimento com Rage, realizar o seu casamento com Harry e continuar com o acordo com o meu cãozinho, mas, então, você me aparece grávida e fode com tudo — falou entredentes. — Harry nunca vai aceitar se casar com uma mulher que engravidou de outro enquanto ainda era sua noiva. Ele jamais sujaria o nome da família com uma merda dessa e todos os meus planos foram por água abaixo! Tem noção do que eu ganharia com esse casamento?

— Que pena estou sentindo de você — falei, dando de ombros. Senti ele ficar com mais raiva.

— Que pena eu estou sentindo de *você*, querida — falou, inclinando-se um pouco para me olhar. — Tem alguma noção do que vai te acontecer?

— Vai me matar?

— Ainda não. Percebi que você tem algo valioso, que vai me pertencer em breve.

Seus olhos desceram lentamente pelo meu corpo, até parar em minha barriga e ficar ali por incontáveis segundos. Foi com o coração na mão e um embrulho no estômago que eu acompanhei, como que em câmera lenta, a expressão de ódio em seu rosto se transformar em prazer, obsessão. Antes que eu pudesse me conter, pousei minhas duas mãos em minha barriga, protegendo meu filho daquele olhar.

— Continue e eu arranco a porra dos seus olhos — ameacei entredentes, vendo seus olhos encontrarem os meus.

— Estou morrendo de medo — sorriu. — Você vai ficar aqui, nesta casa, até dar à luz a essa criança. Quando o bebê nascer, virei pegá-lo e vou mandar matar você em seguida. Isso, claro, se você sobreviver ao dar à luz nessas condições — falou, olhando rapidamente ao redor do cômodo.

— Você nunca vai encostar um dedo no meu filho.

— Esse filho é do Rage. Acha mesmo que não terei nenhum interesse nele? — perguntou, me dando um sorrisinho de lado. — Rage tinha apenas dez anos quando veio para as minhas mãos. Foi uma delícia me aproveitar da sua inocência, do modo como o seu corpo reagia a mim, às minhas carícias. Ele estava prestes a entrar na puberdade, mas já reagia ao que eu fazia. Mas confesso que, apesar de ele ser o meu favorito, brincar com crianças menores sempre foi a minha parte preferida. Vou me aproveitar muito dessa criança que está em seu ventre, desde as primeiras horas de vida. Mal posso esperar.

Senti vontade de vomitar ao ouvir coisas tão doentias, mas minha raiva por aquele homem foi maior do que tudo. Olhando em seus olhos, senti meu sangue ferver nas veias, meu instinto protetor gritando dentro de mim para proteger o meu filho daquele monstro.

— Eu mato você antes, seu filho da puta doente!

— Não, você não mata — disse, se levantando. — Não sei se percebeu, mas você está presa, no meio do nada, completamente sob à minha mercê. Aqui, quem dita as ordens sou eu, Amber e não há mais nada que você possa fazer para tentar me deter.

— Você não vai vencer, Maximus. Eu não vou deixar.

Ele riu de mim, jogando a cabeça para trás.

— Realmente, eu não sei o que me faz rir mais, a sua coragem ou a sua ingenuidade — disse, voltando a me olhar. — Você não tem mais nada, Amber. Ficará aqui, presa, e eu estarei lá fora, livre, com Rage e, em breve, com essa criança que você carrega.

— É o que vamos ver.

— É o que vai *acontecer*. Mais certo do que isso, só o fim da vida de Hernandez, que é uma questão incomoda que eu vou resolver assim que sair daqui.

— Não ouse encostar em um fio de cabelo do Hernandez, seu filho da puta doente! — gritei, levantando-me, mas sentindo as correntes me deterem. — Ele não fez nada contra você!

— Ele me traiu, assim como você. E você sabe muito bem o que eu faço com traidores — disse. — Pode deixar que eu mandarei alguma parte do corpo dele para você, para que possa guardar de lembrança enquanto estiver viva. O que você vai querer? Um dedo? Um olho? A cabeça inteira? Olha como estou sendo bonzinho, ainda estou te dando a oportunidade de escolher.

— Eu quero ver você morto e ardendo no fogo do inferno, seu merda — falei, aproximando-me até onde as correntes permitiam.

Fiquei a pelo menos três passos dele, mas foi perto o suficiente para juntar uma grande quantidade de saliva e cuspir com tudo em sua cara. Vi como ficou surpreso, chegou a dar dois passos para trás e Timothy se aproximou, apoiando-o pelo ombro. Olhando para mim com raiva, Maximus tirou um lenço do bolso e limpou a bochecha com o rosto ficando vermelho de ódio.

— Você é uma vadiazinha abusada, Amber — falou com cautela. — Só não acabo com você por causa desse bebê, mas quando ele nascer... Eu vou fazer questão de tirar a sua vida.

— Vamos ver quem vai morrer primeiro, Mestre — cuspi, dando dois passos para trás. — Juro por tudo que é mais sagrado que eu ainda vou te ver morto e vou cuspir em cima do seu cadáver.

— Um pouco sanguinária, não acha?

— Prefiro ser chamada de justa — falei, voltando a me sentar. — Agora,

se já deu o seu recado, acho melhor sair da minha frente. Estou cansada de olhar para sua cara de pedófilo doente.

— Vai ser esse pedófilo doente que vai fazer questão de deflorar cada parte dessa criança que cresce na sua barriga — disse ele, parecendo sentir prazer em cada palavra pronunciada. Meu Deus, eu nunca senti tanta vontade de matar alguém antes. — Timothy, pode chamar o segurança que vai ficar com Amber.

Timothy saiu a passos largos e abriu a pequena porta de ferro. Só consegui ter um vislumbre da luz do dia do lado de fora, o que me fez ter ciência de que eu não estava em nenhum andar subterrâneo de nenhuma mansão. Não tinha noção do tempo em que ficamos no carro para chegarmos até aqui, pois me sentia muito desorientada depois da conversa com Rage, mas sabia que não tinha sido tanto tempo assim. Aonde será que eu estava? Certamente, ainda em Chicago, mas em que *lugar* de Chicago? Eu teria que arrumar algum jeito de descobrir.

Ouvi a porta sendo aberta de novo e tentei espiar melhor o que havia do lado fora, mas não consegui, pois meu olhar pausou em cima do homem que vinha logo atrás de Timothy. Senti meu coração sofrer um baque dentro do peito quando reconheci aquele cabelo loiro e os olhos castanhos claros.

— Peter? — murmurei, piscando duas vezes, torcendo para que eu estivesse enxergando errado. Mas eu não estava. A decepção me golpeou com força. — Então foi você... Foi você que me traiu!

— Às vezes a gente precisa escolher um lado, Amber. E eu escolhi o lado do Senhor Bloom, pois não podia admitir que continuasse a traí-lo — disse, parando ao lado do meu pai.

— Peter é um homem consciente, ele sabe que não se pode dar às costas para mim quando bem entender. Mostrou-se ser um homem leal, digno de trabalhar comigo. Foi ele que me manteve informado sobre tudo o que acontecia dentro da casa da montanha.

Senti meu estômago se revirar. Peter, desde o começo, havia sido gentil, compreensivo, estava sempre disposto a ajudar, havia jurado estar ao meu lado. Foi como levar uma punhalada pelas costas, literalmente.

Naquele momento, mais do que nunca, fiquei aliviada por nunca ter mencionado a investigação na frente dele ou de John. Sempre fui muito

cautelosa ao conversar sobre esse assunto na casa da montanha. Apesar de não ser uma garantia de que ele não houvesse ouvido algo atrás das portas ou que não desconfiasse de alguma coisa, o fato de o meu pai não ter mencionado sobre a investigação e o detetive, me levava a pensar que aquele assunto não havia chegado aos seus ouvidos. Maximus poderia descobrir sobre tudo, menos que o FBI estava atrás dele naquele exato momento.

— E John? Também me traiu? — perguntei.

— John é um outro traidor que estou mantendo sob os meus olhos. Vou cuidar dele em breve — respondeu Maximus, olhando rapidamente no relógio de pulso. — Bom, agora que já esclareci tudo, preciso ir. Peter ficará aqui com você pelos próximos meses, Amber. Ele tem permissão para usar violência se você não cooperar. Espero que seja prudente, pois está grávida e eu não quero que nenhum dano aconteça ao bebê.

Sem mais uma palavra, Maximus começou a ir em direção a porta, mas, antes que saísse, não pude deixar de perguntar:

— Por que esse interesse repentino no meu filho? Vi o modo como olhou para a minha barriga na cobertura, você sentiu muito ódio por ele, não afeição.

Maximus se virou devagar para me encarar e levou um tempo deslizando os olhos dos meus até o meu ventre, protegido pelas minhas mãos.

— Porque me dei conta de que essa criança é um pedaço de Rage e tudo o que é dele, é meu também — falou, voltando a me fitar. — Também me dei conta de que você precisa me dar algo mais do que desgosto, antes de eu acabar com a porra da sua raça, sua puta de merda.

Dando um último olhar para a minha barriga, ele se virou e saiu, acompanhado por Timothy. Ainda fiquei alguns minutos parada olhando para o lugar onde ele estava antes de sair, sentindo o ódio por ele correr lentamente pelas minhas veias, até me deixar com um gosto amargo na boca. Só voltei à realidade, quando Peter fechou a porta com um cadeado grosso e guardou a chave no bolso interno do paletó.

— Esse é o momento em que você fala que nunca esteve do lado do meu pai e que está aqui para me salvar — falei, vendo-o se sentar na cadeira antes ocupada por Maximus.

— Desculpe-me, Amber, mas isso não vai acontecer — falou, acomodando-se melhor na cadeira. — Olha, eu não sou um homem ruim, juro. Descobri há pouco tempo sobre o verdadeiro negócio do seu pai e quero deixar claro que não compactuo com esse lance de pedofilia, inclusive, acho nojento e doentio, mas você precisa entender que tudo o que eu fiz, foi por você.

— Como é que é?

Peter se inclinou para frente e me olhou de cima a baixo minuciosamente, como se quisesse guardar cada detalhe do meu corpo em sua mente. Senti-me nauseada ao perceber o desejo brilhando em seus olhos.

"Não gosto dele! Ele te olha como se quisesse fazer sexo com você!"

A voz de Rage soou em alto e bom som dentro da minha cabeça e precisei controlar a náusea. Ele me avisou, mas eu não quis escutar. Não quis acreditar nele.

Ah, não... Meu Deus, não...

— Eu não aguentava mais ver aquele selvagem te tocando, te beijando... Eu não aguentava mais ver o modo como você olhava para ele, como se ele fosse o seu mundo. Porra, ele era praticamente um animal! Não merecia tocar em você, não merecia estar no mesmo cômodo que você, porra, ele não merecia *respirar* o mesmo ar que você!

— Peter...

— Eu, sim, eu merecia estar com você! Desde a primeira vez que te vi, senti algo dentro de mim. No momento, achei que era besteira, você é a mulher mais linda que eu já vi e pensei que era só um desejo, mas não... Era mais, Amber, muito mais. Ver que aquela besta podia te tocar, te beijar, foder com você e eu não... Porra, aquilo me enlouqueceu! Eu precisava fazer alguma coisa, foi então que pensei em contar tudo para o Senhor Bloom. Confesso que achei que ele iria à casa da montanha na hora para acabar com aquela palhaçada, mas ele não foi e eu tive que esperar. Bem... A espera valeu a pena, olha aonde estamos — sorriu, olhando rapidamente em volta do cubículo. — Somos apenas nós dois aqui. Finalmente estamos juntos, Amber e vou poder te mostrar que sou o homem certo para você.

Ele me olhou com tanta devoção, que senti meu coração disparar. Meu Deus do céu... Eu havia ido parar nas mãos de um homem louco e obsessivo. Essa constatação caiu sobre a minha cabeça como se fosse chumbo, me fazendo ofegar e me arrastar até a parede, para que, de alguma forma, eu pudesse me proteger dele e de sua loucura. Vi quando Peter franziu o cenho.

— O que foi? Por que está assim? — perguntou, se levantando e se aproximando a passos rápidos de mim. Senti meus olhos se arregalarem quando ele se ajoelhou a minha frente.

— Não! Peter, fique longe de mim!

— Está com medo de mim? É isso? — perguntou, tocando em meu joelho. — Amy, eu não vou te machucar. Aquele selvagem do Rage que era perigoso, eu não sou.

— Então, por favor, se afaste de mim.

— Não, Amy, não vou me afastar de você! Justo agora que finalmente estamos juntos, a última coisa que quero, é manter distância.

Suas mãos escorregaram pelas minhas coxas e eu as apertei com força, com muito medo do que ele poderia fazer se continuasse com aquelas carícias. Seus olhos estavam vidrados nos meus, seus lábios estavam abertos em um sorriso que tentava ser sensual e suas mãos continuavam a avançar, tocando a barra do meu vestido.

“Pense, Amber, pense em algo para detê-lo...”

— Eu preciso de um tempo — falei, pousando as minhas mãos sobre as dele. — Eu... Eu estou muito assustada com tudo o que aconteceu, Peter, por favor... Preciso de um tempo para poder me entregar para você.

— Se entregar para mim?

— Sim. É isso o que você quer, não é? Quer que eu me entregue a você?

— Sim, eu quero. É o que eu mais quero, Amber — falou com um brilho esquisito nos olhos.

— Então, por favor, deixe que eu me acostume com essa situação. Nunca estive na posição de prisioneira antes e estou muito assustada.

Ele me olhou por alguns minutos, com as mãos paradas no mesmo lugar e os olhos me avaliando, até que, por fim, se afastou e se levantou. Segurei um suspiro de alívio.

— Você tem toda razão, Amber, me desculpe. Não quero que você me confunda com o animal irracional do Rage e ache que vou te tratar com violência, pois não vou. Não sou como ele. Quero ser bom para você — disse, me dando um sorrisinho. — Mas você vai precisar ser boa para mim também. Ouvi quando xingou o Senhor Bloom e o tratou com rebeldia. Não quero isso.

— Eu vou ser boa para você, eu juro.

— Isso me deixa muito feliz. — Seu sorriso dobrou de tamanho. — Deve estar com fome, não é? Vou preparar algo para você comer. Se sentir vontade de ir ao banheiro, não precisa me pedir. As correntes permitem que você chegue até lá — falou, apontando para a porta fechada do meu lado direito. — Vamos ser muito felizes aqui, Amber. Sei que está assustada agora, mas vamos fazer dessa casinha, o nosso ninho de amor.

Dando-me mais um sorriso, ele se virou foi em direção aos armários que ficavam em cima da pia a alguns metros de distância. Aproveitei para ir ao banheiro e encontrei um vaso sanitário, uma pia pequena e um chuveiro preso ao teto. Não havia box para separar a área de banho do vaso sanitário e a porta não tinha chave para trancar e ter privacidade. Mesmo assim, sentei-me sobre a tampa do vaso, usei o pé para manter a porta fechada e escondi o rosto em minhas mãos.

Ali, no meio daquele banheiro minúsculo, completamente à mercê de um homem louco, eu desabei. Chorei baixinho, até sentir as minhas forças se esvaírem.

Capítulo 40

Rage

Não saberia explicar o que aconteceu depois que Hernandez e John me ajudaram a sair do quarto escuro. A primeira coisa que vi, foram homens, muitos homens, todos vestidos de preto, com armas em punhos, três deles segurando os homens maus do mestre, que estavam algemados. Um deles, que parecia ser o chefe, gritava ordens e mandou que os homens maus fossem levados para o carro, em seguida, se aproximou de mim e me olhou de cima a baixo com seriedade.

— Vamos cuidar de você — falou, dando-me as costas.

Depois disso, fui colocado dentro de um veículo grande e Hernandez se sentou ao meu lado. Acho que ele não queria sair de perto de mim e uma parte minha agradeceu por isso, pois estava assustado. Não sabia o que pensar e olhei pela janela, vendo a paisagem passar pelos meus olhos feito um borrão. Minha mente estava confusa e meu peito estava recheado por sentimentos contraditórios, que eu não saberia nomear. Antes de Hernandez entrar no quarto escuro, eu só conseguia sentir raiva e dor, agora, no entanto, tantas emoções me engolfavam, que eu não sabia ao certo o que sentir primeiro.

Não sei quanto tempo ficamos dentro do carro grande, mas logo o veículo parou em frente a enormes portões, que se abriram para o que o carro pudesse entrar. Eu conseguia ver muitos prédios e muitos homens de preto andando de um lado para o outro. Não fazia a mínima ideia de onde eu poderia estar.

— Steven, acompanhe os três homens para a sede e me aguarde. — O homem, que eu pensava que era o chefe da equipe, disse em um aparelho que ficava em seu ombro. Assim que o carro parou completamente, ele abriu as portas e desceu. — Hernandez, John e Rage, me acompanhem, por favor.

Meu corpo doía muito, por isso, tive que receber ajuda de John e Hernandez novamente para poder andar. Os polícias tentaram me ajudar, mas eu fiz que não com a cabeça, pois a ideia de ser tocado por qualquer um deles

era nauseante. Já era terrível ter que depender da ajuda de homens que eu conhecia, imagina deles, que nunca havia visto na vida?

Entramos em um prédio e andamos por corredores vazios, até o chefe abrir uma porta e nos permitir entrar. Era uma sala com sofás e poltronas e Hernandez me ajudou a sentar. Continuei em silêncio, observando quando John se acomodou em uma poltrona e Hernandez se sentou ao meu lado. O chefe continuou de pé.

— Rage, eu sou James Gardner, terceiro em comando na operação Dark Explore, que acabou de desmantelar várias redes de exploração sexual infantil, inclusive a de Maximus Bloom, da qual você é uma das vítimas. A partir deste momento, você está sob proteção do Estado e receberá assistência do governo. Hernandez e John também estão protegidos e entrarão no Programa de Proteção a Testemunhas. Sei que são muitas informações para processar, mas o que realmente precisa saber, é que você não é mais um prisioneiro de Maximus Bloom. Você está livre agora.

"Eu quero te ajudar. Quero te libertar dessa vida horrível que te obrigaram a viver."

A voz de Amy soou bem clara em meus ouvidos e eu senti o meu coração se apertar. Ela havia me dito isso há muito, muito tempo, bem antes de me tirar do quarto escuro. Na época, eu não quis acreditar, depois, eu me agarrei as suas palavras — e a ela —, como se eu dependesse delas para viver e, então, o Mestre veio e acabou com tudo. Ele esfregou uma verdade na minha cara que eu não estava pronto para ouvir. E, agora... Agora eu estava *livre*.

"Eu não vou desistir, Rage. Eu vou salvar você e depois vou acabar com o meu pai. Eu te dou a minha palavra, juro pelo nosso filho."

Sua voz voltou a soar em meus ouvidos e senti uma pressão muito forte no peito e na cabeça, ao ponto de achar que poderia explodir. Ofeguei baixinho e apertei os olhos com força.

— Rage? O que você tem? — Ouvi Hernandez perguntar.

Eu não saberia responder. Podia sentir minha cabeça dar voltas e voltas, enquanto lembranças do dia de hoje me assolavam. As coisas que eu ouvi de Hernandez no quarto escuro batiam de frente com tudo o que o Mestre havia colocado em minha cabeça.

— Eu vou chamar a Doutora Claire Mitchell — pude ouvir o chefe dizer.

Eu não conseguia respirar. A pressão em meu peito se tornou maior e me curvei, tentando puxar o ar, mas não conseguia. Vozes se misturavam em minha cabeça, deixando-me completamente desorientado.

"Era para o Maximus ser preso hoje, mas ele sequestrou a Amber e eu não faço ideia de onde ela possa estar... Nós precisamos sair daqui e arrumar uma forma de salvá-la... Precisamos encontrar a minha menina, porque ela está grávida, Rage. Está grávida de um filho seu e Maximus pode matá-la a qualquer momento, sem pensar duas vezes."

"Você é a minha cópia fiel, Amber, meu maior orgulho."

"Acredite em mim, meu amor, por favor... Eu imploro, por favor, eu não fiz nada disso, eu nunca enganaria você dessa forma, eu juro pelo nosso filho..."

Eu não conseguia calar as vozes. Tampei meus ouvidos, mas elas continuavam dentro da minha cabeça, até que vi a imagem de Amy bem na minha frente, mesmo de olhos fechados. Ela chorava muito e minha mão estava no pescoço dela.

— Não... — Acho que falei em voz alta. — Não, Amy...

Eu não queria, mas, na minha cabeça, era como se eu estivesse apertando o seu pescoço. Meu peito doeu de tal forma, que pensei que eu fosse morrer. Pensei que eu fosse morrer porque estava *matando* a Amy na minha cabeça. Comecei a tremer descontroladamente, suor frio banhou o meu rosto e senti mãos me segurarem pelos ombros. Alguém tirou minhas mãos dos meus ouvidos.

— Olhe para mim. Vamos, olhe para mim.

Era a voz de uma mulher, mas eu não conseguia identificar quem era. O modo calmo como falou comigo pareceu expulsar um pouco as vozes dos meus ouvidos. Com muito medo, abri os olhos e a vi na minha frente, ajoelhada. Ela usava óculos.

— Preste atenção na minha respiração. Repita comigo. Inspire. — Ela puxou o ar e eu tentei fazer o mesmo. — Expire.

Consegui respirar e, enquanto olhava para ela, as vozes foram sumindo e a imagem de Amy também. Ficamos daquele jeito por muito tempo, até o meu

peito parar de doer e o tremor no meu corpo ir embora. No final, só restou uma dor de cabeça que fazia os meus olhos ficarem pesados.

— Muito bem — ela disse. — O meu nome é Claire Mitchell. Pode me dizer o seu nome?

— Rage — murmurei.

— É um prazer conhecer você, Rage. Eu sou médica e vamos nos encontrar algumas vezes. Sempre que sentir essa pressão no peito, lembre-se de respirar fundo, bem devagar, certo?

Eu apenas assenti. Pude sentir Hernandez perguntar atrás de mim.

— O que houve com ele?

— Crise de ansiedade. É muito comum quando se passa por uma situação traumática. Mas com ajuda psicológica, ele vai conseguir superar isso — disse a mulher, se levantando.

Mais calmo, consegui olhar para ela com atenção. Era negra e muito alta, parecia ser mais velha do que eu. Usava uma roupa toda branca e tinha um aparelho de médico pendurado no pescoço.

— Rage, vejo que você tem muitos hematomas. Está com dor? — Eu assenti. — Posso examinar você?

— Não. — Eu não queria que ninguém tocasse em mim.

— Rage, você está seguro. Ninguém vai te machucar — ela disse. — Só queremos te ajudar.

Amy já havia dito aquilo para mim e era uma mentira. Ela me machucou, me enganou.

"Mas, talvez, seja inocente. Mesmo sendo filha do Mestre, ela pode ser inocente, pois prometeu que iria te salvar e realmente te salvou", uma voz disse dentro da minha cabeça. Senti meu coração ficar apertado no peito.

— Posso examinar você? — A médica perguntou de novo.

— Não.

— Ele demora para confiar — Hernandez disse, voltando a se sentar ao meu lado.

— Posso pelo menos tirar essa coleira do seu pescoço? Acho que você não precisa mais dela.

Imediatamente levei a mão ao meu pescoço, sentindo o metal frio e as letras do meu nome. Foi impossível não pensar em Amy e na forma como ela sempre ficava triste ao fitar a coleira. Ela queria tirar, mas sabia que não podia, pois o Mestre podia aparecer a qualquer momento. Infelizmente, comecei a me perguntar se, talvez, ela não tinha tentado tirar porque, no fundo, não se importava comigo.

Não consegui responder em voz alta e apenas assenti.

— Vou pegar alguns instrumentos para poder tirar e vou lhe trazer um remédio para a dor no corpo, tudo bem? Sente dor em mais algum lugar?

— Na cabeça.

— Certo. Vou trazer um analgésico que sirva para os dois. Já volto.

A médica saiu da sala e Hernandez me olhou com atenção.

— Fiquei preocupado com você, rapaz. Que susto me deu — falou ele. — Quer conversar sobre o que aconteceu?

Uma parte de mim queria falar tudo, mas, a outra parte, sentia muito medo de confiar de novo. Por mais que eu estivesse ali, com a polícia ao meu lado, eu tinha plena consciência de que Hernandez havia mentido para mim também.

— Não.

Ele apenas assentiu e a médica voltou com um comprimido e um copo d’água, que bebi tudo. Depois, ela me pediu para que eu sentasse na cadeira e passou alguns minutos mexendo na coleira de ferro em meu pescoço. Eu não sabia como ela conseguiria tirar aquilo e só aguardei, sentindo medo de que me machucasse. Minutos se passaram e, por fim, ouvi o barulho de algo se rompendo e a coleira afrouxando até cair no meu colo. Foi com choque que olhei para ela em minhas mãos pela primeira vez.

— Agora você é livre, Rage — disse a médica, entrando em meu campo de visão. Ela estendeu a mão e eu coloquei a coleira em sua palma coberta por uma luva, sentindo uma espécie de comoção em meu peito. Queria que Amber estivesse aqui para ver isso, mas logo me repreendi. A médica se virou para James. — Ele precisa se alimentar e descansar.

— Vou levá-los para o apartamento. Vamos?



O apartamento ficava naquele mesmo prédio e tinha três quartos. James explicou que ficaríamos ali por um tempo, pois era um local seguro e teríamos toda a assistência necessária. Hernandez me ajudou a escolher um dos quartos e eu tomei um banho rápido com dificuldade no banheiro pequeno, antes de me sentar na cama. O quarto era simples, com uma cama de casal forrada com uma coberta azul. Não era nada parecido com o quarto aonde eu havia passado os melhores dias da minha vida ao lado de Amy.

Deitei-me na cama e constatei que pensar nela fazia o meu coração doer. Eu me sentia muito dividido, sem saber no que poderia acreditar ou não. A única certeza que eu tinha, era de que ela era *filha* do Mestre e *noiva* daquele homem que me machucava. Ela não negou essas duas coisas e admitiu que havia mentido para mim, me enganado. Mas ela também foi sincera quando disse que iria me libertar e, agora, segundo o policial, eu realmente estava livre.

Mas, e ela? Aonde ela estava? Será que podia acreditar na palavra de Hernandez? Por que o Mestre a sequestraria, se ela era filha dele? Eu sabia que ele era um homem ruim, mas será que seria ruim para a própria filha? Talvez os dois tivessem fugido, junto com o homem de quem era noiva e Amy tivesse enganado Hernandez também. Talvez ele não soubesse do verdadeiro plano dela e do Mestre.

Observei a noite chegar pela janela fechada e senti meus olhos se encherem de lágrimas. A verdade, era que doía muito saber que Amy não era nada daquilo que eu pensei que fosse. Ser enganado de maneira tão cruel, depois de ter dado a ela o meu coração, a minha alma, era semelhante a morte. Parecia que uma parte dentro de mim estava morrendo de tristeza. Havia sido muito ingênuo, muito burro. Me abri para ela, contei coisas que pensei que jamais falaria para alguém, entreguei tudo o que havia dentro de mim em suas mãos e tudo isso para quê? Para ela me enganar falando que

trabalhava para o Mestre, quando, na verdade, era *filha* dele? Ela era uma *parte* dele, quem poderia me garantir que não era como ele?

— Rage? — A voz de Hernandez me tirou dos meus pensamentos e me virei na cama, vendo-o entrar com uma bandeja com comida. — Trouxeram o jantar.

— Não estou com fome.

Hernandez colocou a bandeja em cima da mesa pequena que havia no quarto e se aproximou de mim, sentando-se na beirada da cama. Eu me sentei também, sentindo que a dor em meu corpo havia diminuído um pouco.

— Você precisa se alimentar.

— Já falei que não estou com fome! — Falei com certa aspereza, ficando irritado mesmo sem querer. Hernandez soltou um suspiro.

— Não quer conversar comigo sobre o que o Maximus falou para você?

— Se você não sabe o que ele disse, é porque a Amber deve ter te enganado também.

Hernandez riu um pouco e balançou a cabeça.

— Ainda está acreditando que ela é uma pessoa ruim?

— Por que eu não acreditaria? Ela é filha dele e mentiu para mim, me enganou.

— Estar aqui não conta? — Hernandez perguntou, apontando para o quarto. — Estar seguro e livre das mãos do Maximus não diz nada para você? Porque, para mim, isso diz muito, Rage. Vou te contar uma coisa, quando Amber te viu pela primeira vez, você estava sendo estuprado pelo Harry...

— Pelo *noivo* dela — corrigi entredentes.

— Um noivado que, para ela, nunca significou nada — disse ele com seriedade. — Na primeira vez que ela te viu, Amber teve a certeza de que precisava destruir Maximus e te libertar. Ela não te conhecia, não fazia ideia de quem você era, mas desde o primeiro dia, ela sonhou com isso aqui — falou e vi seus olhos se encherem de lágrimas. — Ela sonhou com isso, Rage, com a sua liberdade, com a sua segurança. Ela realmente mentiu para você, disse que era uma secretária ao invés de falar que era filha de Maximus e eu não estou aqui para passar a mão pela cabeça dela. Disse que ela havia errado quando me contou que mentiu para você, mas ela disse uma coisa muito

certa, se você soubesse a verdade, iria a afastar. E a única coisa que ela queria, enquanto estava na casa da montanha, era cuidar de você. E ela cuidou, não foi? Ela te tirou do quarto escuro, passou noites em claro cuidando da sua enfermidade, te apresentou o mundo e amou você. Amber *ama* você com tudo o que há dentro dela e isso não é uma mentira. Se você acha que é, é porque não conseguiu enxergá-la de verdade no tempo que passaram juntos.

Suas palavras fizeram um nó se formar em minha garganta e eu olhei para as minhas mãos unidas no meu colo, sentindo-me envergonhado de repente. Ele não havia mentido, Amy realmente cuidou de mim desde o dia em que a vi pela primeira vez e nunca cobrou nada em troca. Mesmo quando fui violento, mesmo quando a expulsei, ela voltou e *cuidou* de mim. Olhou por mim. Mas aonde isso se encaixava com o fato de ela ser *filha* daquele monstro? Talvez ela fosse tão falsa quanto ele, ou talvez pior, pois sabia mentir como ninguém.

— Quem me garante que ela não mentiu sobre isso também? Que ela não fingiu? Mestre disse que o plano dos dois era ela me enganar, fazer com que eu ficasse apaixonado, para, então, ele me pegar de novo e me fazer ceder para ele, para que ele não a machucasse por ter o traído — falei, voltando a olhar para Hernandez. — E eu cedi. Passei todo esse tempo sofrendo nas mãos dele, para que a Amber não sofresse, quando, na verdade, ela estava rindo de mim e planejando um casamento.

— Rage, não seja ingênuo, será que não percebe que isso é ridículo? Maximus descobriu que você e a Amber estavam juntos, porque Peter contou a ele. Só que, ao invés de chegar e acabar com tudo, ele achou um modo de se aproveitar da situação e enganar você — Hernandez disse.

— Mentira. Se Amber realmente tivesse traído o Mestre, ele não pensaria em uma forma de me enganar e, sim, de acabar com ela. Mestre não perdoa traidores.

— Tem razão, só que havia muito mais em jogo do que uma simples traição, Rage. O plano de Maximus era fazer com que a Amber se casasse com Harry, para que eles pudessem unir as fortunas. Só que, hoje de manhã, quando saí para resgatar você, Harry chegou no apartamento e descobriu a gravidez da Amber, em seguida, chamou o Maximus. Sei disso porque a

empregada ligou me contando. Provavelmente, Harry deve ter cancelado o casamento, pois não iria se casar com uma mulher grávida de outro e isso fez com que Amber perdesse a serventia que tinha. Agora, ela é realmente apenas uma traidora.

— Se tudo isso é verdade, por que o Mestre a levou para me ver hoje? Por que disse tudo aquilo para mim?

— Porque ele queria que você a odiasse. Ele é obcecado por você, Rage, imagina como deve ser para ele saber que você ama a Amber? Isso deve ser pior do que a morte — Hernandez disse. — Ele só inventou tudo isso para que você deixasse de amá-la.

Fazia sentido e uma parte dentro de mim, que estava cheia de esperança, queria acreditar, mas me contive.

— Será que eles não fugiram juntos? Talvez a Amber tenha enganado você também.

— Eu nunca acreditaria nisso, porque eu conheço a alma daquela menina, eu sei o coração de ouro que ela tem. Amber nunca faria algo do tipo. É triste ver que você não sabe disso também.

— Como você quer que eu acredite nisso? Ela é *filha* dele — praticamente cuspi.

— Sim, ela é filha dele, mas *não é* ele. Amber é uma pessoa completamente diferente, que está lutando há meses para colocar esse monstro na cadeia e que há muito tempo não o considera como pai — Hernandez quase gritou. — O sangue não quer dizer nada, Rage. O caráter não é moldado pela genética. Maximus é um homem ruim, mas Amber é uma mulher boa. Como consegue acreditar mais nele do que nela, rapaz? Um homem que sempre te maltratou tem mais credibilidade do que a mulher que salvou você? Por que, se Amber não tivesse se metido nessa investigação, você ainda estaria sofrendo nas mãos de Maximus e nem sei se conseguiria a liberdade.

Não soube o que dizer e fiquei com vergonha novamente, me sentindo mal pois, uma parte de mim, sabia que Hernandez tinha razão. Como eu conseguia acreditar mais no Mestre do que na Amber? A resposta brilhou em minha mente: porque a sua mentira havia abalado a minha confiança.

— Eu sei que foi um golpe muito duro descobrir dessa forma que Amber é filha do Maximus, mas ela não ia manter isso em segredo para sempre, Rage. Amber iria te contar quando Maximus estivesse preso e todo esse pesadelo tivesse acabado. Ela iria sentar com você e explicar o porquê de ter mentido, mas Maximus roubou dela essa oportunidade. E ele pode roubar muito mais, Rage, porque ele está com ela agora e eu nem consigo imaginar o que ela não deve estar sofrendo. Você mesmo disse que Maximus não perdoa traidores e Amber é mais do que uma traidora.

— Mais? — perguntei sem entender.

— Ela é a mulher que tem o seu amor, Rage. Maximus deve odiá-la de uma forma que nunca odiou alguém.

Senti um aperto horrível no peito e um medo avassalador gelou os meus ossos. Hernandez era um homem sério, mas vi que ele sentia o mesmo que eu e comecei a me perguntar se ele realmente não estava sendo sincero. Se ele estivesse... Meu Deus, se ele estivesse, eu não saberia o que fazer. Se Amy realmente estivesse nas mãos do Mestre, tudo o que lutei para que não acontecesse durante o tempo que fiquei à mercê dele, iria acontecer. Ele iria machucá-la. Poderia matá-la.

Senti que eu poderia enlouquecer e tentei procurar uma saída, inventar qualquer motivo para não acreditar naquela possibilidade.

— Tem certeza de que ela é tão boa assim? Talvez... Talvez ela possa ter fugido com o Mestre e com o noivo. Mestre disse que o filho é dele — falei, sentindo uma dor forte no peito. Pensar nisso era tão ruim quanto pensar que ela poderia realmente ter sido sequestrada.

— Isso seria impossível, pois você foi o único homem com quem Amber se envolveu — Hernandez disse com certa rispidez. — Ou não acredita nisso também?

— Eu não sei no que acreditar!

— Não sabe no que acreditar? Pelo amor de Deus, Rage! Não ouviu nada do que eu disse? Pense, se o filho fosse de Harry, Maximus não teria motivo algum para sequestrar a Amber, pois o objetivo dele era que ela se casasse com Harry para que as suas fortunas se juntassem. Será que não percebe que esse seu pensamento não faz o mínimo sentido? — perguntou com o cenho franzido. — E tem mais, o noivo, ou melhor, *ex*-noivo da Amber foi preso

nesta tarde. Havia provas contra ele também, mas, ao contrário de Maximus, ele não conseguiu fugir. É preciso enxergar os fatos, Rage. Amber foi sequestrada por aquele monstro e está grávida de um filho seu.

Fiquei com o coração na mão ao ouvir tudo aquilo, meu peito dando um nó em meio a tantos sentimentos, uma dor horrível o assolando.

"Ela está esperando um filho meu."

Um filho *meu*. Era verdade. Senti vontade de chorar ao me lembrar de seu desespero no quarto escuro, no modo como segurava a barriga e implorava em nome do *nosso* filho para que eu acreditasse que ela era inocente. Mesmo tendo o sangue dele correndo em suas veias e não negando que havia mentido para mim sobre isso, ela ainda gritava que era inocente e eu não acreditei. Será que poderia acreditar agora?

— Hernandez? — John chamou, colocando a cabeça entre o vão da porta. — Nicholas Thompson está aqui e quer falar com você.

— Já estou indo — Hernandez disse, se levantando. John saiu do quarto e ele me olhou. — Nicholas é o chefe da operação, deve ter vindo para falar sobre o desaparecimento da Amber e a fuga de Maximus.

Senti um baque por dentro, tomando ciência de que, se o chefe da operação estava ali, então, era verdade. Era *verdade*. Com o coração acelerado, levantei-me da cama, vendo a expressão surpresa de Hernandez.

— Vou com você.

— Acredita em mim agora?

Eu acreditava? No fundo, eu sabia a resposta. *Sim, eu acreditava*. Mesmo que fosse difícil de admitir, eu acreditava.

— Eu só quero que ela e meu filho sejam salvos, Hernandez. O quanto antes.

— Sempre soube que poderia contar com você, rapaz — Hernandez disse, apertando o meu ombro de leve. — Vamos resgatar a Amber, Rage, e vocês ainda serão muito felizes juntos.

Capítulo 41

Amber

Eu não tinha a menor ideia de que horas eram, ou se estava de dia ou de noite dentro daquele quarto, pois não havia uma janela sequer. Apesar disso, eu podia apostar que um dia já havia se passado, pois Peter me deu comida, tomou banho e se deitou na cama, falando que era hora de dormir.

Fiquei horas o observando, enquanto sentia frio e me enrolava o máximo que podia em uma coberta puída que ele jogou em minha direção quando saiu do banheiro. Ele dormia tranquilamente, roncando baixinho de vez em quando. Era como se não tivesse uma mulher inocente presa pelos pulsos por correntes grossas a alguns metros de distância.

Eu estava cansada, o chão era grosso e muito gelado, mesmo assim, minhas costas estavam me matando e precisei me deitar. A coberta era menor do que eu e dei preferência para cobrir os meus pés, que estavam congelando, do que os meus braços. Cochilei com muito medo, acordando sobressaltada o tempo todo, apesar de não ouvir nada e de Peter ainda estar pregado no sono. Fiquei assim pelo o que pareceram horas, até que o vi despertar.

Fingi que estava dormindo e o observei pela frestinha de um olho. Ele se espreguiçou ainda sentado na cama, coçou os olhos, o saco — o que me deu vontade de vomitar — e pegou um celular no bolso da calça fina que usava. Senti meu coração ficar acelerado. *Ele tinha um celular!* Eu não sabia como iria fazer, mas precisava pegar aquele celular e ligar para Hernandez. Por sorte, tinha o seu número gravado em minha cabeça. Peter ficou um bom tempo mexendo no aparelho, lendo alguma coisa que o fez franzir o cenho e parecer preocupado. Minutos depois, voltou a guardar o celular no bolso e foi ao banheiro.

Aproveitei esse momento para fingir que havia despertado e sentei-me no chão, encostando-me na parede gelada, girando os pulsos doloridos. Estava enjoada, mas sentia que precisava comer alguma coisa, pois não queria ficar fraca e acabar dando alguma oportunidade para que Peter se aproveitasse de mim. Ouvi o barulho da descarga e a porta se abriu, revelando os seus 1,80m.

— Bom dia, Amber! Dormiu bem? — perguntou ele, me dando um sorriso.

Ele estava *mesmo* me perguntando aquilo? Ao menos soube o que responder e fiquei em silêncio ao vê-lo caminhar até a "cozinha", onde encheu um copo de água e bebeu devagar, espiando-me pelo canto do olho.

— Eu te fiz uma pergunta, Amber. É falta de educação não responder — falou, aproximando-se um pouco de mim. Sem deixar de me observar, pegou uma cadeira e a colocou na minha frente, sentando-se com um sorrisinho maldoso no canto dos lábios. — Será que você perdeu a língua durante a madrugada?

Continuei em silêncio, apenas olhando para ele. Tinha medo de abrir a boca e começar a xingá-lo até despertar a sua raiva, pois essa era a minha vontade. Eu queria dizer em alto e bom som que ele era um filho da puta, um homem doente, que, infelizmente, conseguiu me enganar direitinho. Nunca suspeitei que, por trás da sua cordialidade, da sua gentileza, pudesse existir tamanha loucura e obsessão. Soltando um suspiro, Peter se levantou e revirou os olhos.

— Já percebi que você não vai facilitar a nossa relação. Isso é uma pena, Amber, pois só quem perde, é você — disse ele, voltando para a cozinha. No meio do caminho, parou e me olhou. — Não se esqueça de que eu controlo tudo aqui dentro. Controlo a hora em que você pode ir ao banheiro, controlo o que e *se* você vai comer, controlo se você vai sofrer muito ou pouco... Só não consigo controlar tudo o que eu sinto aqui dentro, Amber. — Apontou para o próprio peito. — É um sentimento que grita, que corrói e me deixa enlouquecido. Foi esse sentimento que nos trouxe até aqui, com a ajuda do Senhor Bloom, é claro — riu, me deixando enojada. — E sinto que esse sentimento pode me deixar agressivo se você não começar a colaborar.

— O que você quer que eu faça? — perguntei entredentes, sentindo raiva. Ele arqueou uma sobrancelha.

— Está nervosa? Por quê? Ter um teto sobre a sua cabeça, um cobertor para se cobrir e a garantia de que não será morta, pelo menos por enquanto, não te deixa aliviada? — perguntou, voltando a se aproximar. — Eu imagino que os hormônios da gravidez devem estar te deixando louca, mas, pense bem, Amber. Você teve muita sorte. Já ouvi coisas horríveis sobre o Senhor

Bloom e nós dois sabemos que ele não é um homem que espera antes de destruir um inimigo. Foi essa criança que te salvou, mas apenas *eu* vou poder te salvar quando você der à luz a ela.

— O que quer dizer?

— Se você colaborar comigo, eu vou arrumar um jeito de fugirmos juntos depois que você parir. A criança fica com o Maximus e nós dois caímos no mundo. Pense em como seremos felizes juntos, Amber! Vai ser maravilhoso! E não se preocupe, eu vou fazer questão de te encher de filhos, até você se esquecer desse animalzinho que a besta do Rage colocou dentro de você — sorriu, olhando-me com uma espécie de ternura e nojo.

Eu já tinha sentido vontade de bater em alguém antes, mas nunca com tanta intensidade como naquele momento. Eu queria me levantar e arranhar a cara daquele imbecil, enfiar os dedos nos seus olhos e esmurrar seu coração, tamanha a raiva que senti ao ouvir o modo como falou do meu filho.

— Nunca — falei entredentes, olhando-o com todo o meu ódio. — Isso nunca vai acontecer.

— Como é que é?

— Você ouviu! Eu nunca vou fugir com você, nunca vou ficar grávida de um filho seu! Você é um doente, um psicopata maluco! Eu tenho nojo de você, Peter!

Ele se aproximou tão rápido de mim, que só tive tempo de proteger a minha barriga antes de sentir o seu tapa ardido em minha cara, seguido por um chute certeiro na lateral da minha coxa. Doeu como o inferno, senti vontade de chorar, mas me segurei. Um gemido escapou dos meus lábios quando ele me segurou pelo pescoço, pressionando a minha cabeça contra a parede.

— O que você acha que vai acontecer, sua puta? Acha que vai conseguir sair livre daqui? Ou, melhor, acha que aquele animal do Rage vai vir te salvar? Maximus fugiu da polícia e levou o Rage consigo! Nesse momento, os dois devem estar do outro lado do oceano, muito longe de serem encontrados.

Senti um baque em meu coração e mal consegui respirar ao ouvir aquilo.

— Está... Está mentindo...

— Não estou, acabei de ler na internet. Pegaram um tal de senador Jackson Colben, vários empresários, mas não conseguiram pegar o seu pai — disse ele, largando o meu pescoço para apertar o meu maxilar. — O que você estava pensando, Amber? Que Maximus Bloom seria preso? Realmente acreditou que isso era possível? Acreditou que iriam chegar até Rage e o libertar? Você é muito burra!

Ele largou o meu maxilar e eu bati a cabeça contra a parede, ficando tonta por alguns segundos. Lágrimas escaparam dos meus olhos, mas não foi por causa da dor e, sim, por causa do medo. Hernandez havia saído do apartamento para *libertar* o Rage. Será mesmo que não havia conseguido? Será que John o havia enganado? Será mesmo que o meu pai tinha fugido?

"Meu Deus, por favor... Por favor, que ele esteja mentindo, por favor...", comecei a implorar em pensamento.

— Por causa da sua rebeldia, hoje, você não vai comer nada — Peter disse e eu o enxerguei a alguns passos a minha frente, com os olhos nublados pelas lágrimas. — Talvez a fome coloque um pouco de juízo na porra dessa sua cabeça oca.

Fiquei desesperada. Não! Eu não podia ficar sem comer, estava grávida! Não podia colocar o meu bebê em perigo.

— Não... Não, Peter, por favor — implorei com dificuldade, colocando o meu orgulho no chão. — Por favor, não faça isso. Eu estou grávida, você sabe, eu não posso ficar sem me alimentar...

— Isso é uma pena, Amber. Essa será a sua primeira lição: toda ação gera uma consequência. Você me desaponta e eu tiro as coisas mais importantes para você — falou ele, indo mexer no armário da cozinha. Vi quando pegou uma frigideira e a colocou sobre o fogão velho, acendendo a chama e colocando um fio de óleo. Quando quebrou o ovo na frigideira, eu salivei e chorei em silêncio. — Acho que, em algum momento, você vai entender que eu só quero o seu bem, Amber. Às vezes, a disciplina pode machucar, mas ela é essencial.

Fechei os olhos com força e mordi o lábio para não gritar, escondendo o meu rosto em minhas mãos, enquanto implorava a Deus para me ajudar.



Rage

Nunca imaginei que poderia sofrer com uma agonia maior do que ficar no quarto escuro e ser humilhado de todas as formas. Para mim, aquele era o ápice da tortura, mas nunca estive tão enganado. Agonia verdadeira era não ter ideia do que poderia estar acontecendo com Amy naquele momento.

Uma semana havia se passado desde que fui resgatado e que Maximus Bloom havia fugido da polícia. Como ele estava foragido e era o principal suspeito do desaparecimento de Amber, os rostos de ambos estampavam os jornais, bem como o meu rosto ainda criança e a minha história. Era estranho e muito difícil aceitar que o mundo inteiro sabia sobre o que eu havia passado. Enquanto eu só queria me esconder e encontrar Amy, jornalistas de vários países queriam ter acesso a mim e me entrevistar, o que era impossível no momento — mesmo se não fosse, eu jamais iria aceitar.

Nicholas e Hernandez se reuniam todos os dias para tentar traçar uma estratégia para resgatar Amber e eu estava com eles a todo o momento. Por mais que não soubesse o que fazer, eu queria participar de tudo, queria ajudar de alguma forma. Sentia-me muito incapaz por simplesmente não poder fazer nada para salvá-la, o que trazia um peso enorme ao meu peito e deixava a minha cabeça confusa.

Não era como se eu tivesse me esquecido da sua mentira, do modo como me enganou. Ainda estava muito magoado e repassava em minha mente os momentos que ficamos juntos, todas as vezes que ela me olhou nos olhos com amor, com carinho e tentava encontrar uma forma de encaixar a verdade de que ela era *filha* daquele monstro. Não parecia ser possível, pois Amber não tinha nada a ver com ele, nem uma mísera coisa, a não ser alguns aspectos físicos que, só depois da verdade, eu consegui enxergar.

Como era possível que, nas veias dela, corresse o mesmo sangue do Mestre? Como ele teve a capacidade de ter ajudado a fazer uma mulher como a Amber? As contas não batiam e, no fundo, eu sentia muito medo de estar sendo enganado de novo, de acabar acreditando que, apesar de ser filha dele, eles não eram parecidos e, na verdade, eles serem iguais.

"Não tem como, Rage. Na hora da raiva foi até compreensível você ter acreditado, mas, agora, com a cabeça fria, você consegue entender que ela não conseguiria mentir e fingir tanto sentimento. Amber é boa de verdade", uma voz dentro de mim sempre me falava isso, quando as dúvidas estavam prestes a me corroer por dentro.

A cada minuto, eu me via dividido entre o medo do que poderia estar acontecendo a Amy e o pavor de estar sendo enganado novamente. Era como se eu não tivesse nem um segundo de paz.

John estava assistindo ao noticiário na sala e eu fui até a cozinha tomar um copo d'água e tentar acalmar as batidas frenéticas do meu coração. Às vezes, respirava fundo como a doutora havia me ensinado dias atrás, mas sentia que meu problema não seria resolvido com aquilo e, sim, quando eu tivesse a certeza de que Amy estava bem e segura. Até lá, sentia como se eu pudesse enlouquecer a qualquer momento.

— Rage, está tudo bem? — Hernandez perguntou, entrando na cozinha. Ele foi até a geladeira e pegou uma garrafa de suco, servindo um pouco em um copo. — Quer?

— Não. E, sim, eu estou bem.

Claro que era mentira, mas não me sentia à vontade para conversar. A cada dia que passava, eu me isolava mais, passava muito tempo sozinho em meu quarto, pensando sem parar, até sentir a minha cabeça ficar pesada e pegar no sono. Dormir, por vezes, se mostrava ser pior do que ficar com a cabeça cheia de pensamentos, pois eu acabava tendo pesadelos horríveis em que Amy passava pelas mesmas coisas que eu havia passado durante anos. Acordava suado, tremendo, com o coração acelerado e uma vontade enorme de vomitar.

— Você não está bem, rapaz e não há problema algum em admitir isso — Hernandez disse, encostando-se ao meu lado na pia. — Eu também não estou bem. Não consigo parar de pensar no que Amy deve estar passando neste

momento. Sabe o que vem me ajudando a suportar tudo isso?

— O quê?

— Conversar com a psicóloga que trabalha aqui no FBI. Seu nome é Grace e comecei a me consultar com ela nessa semana. Ela vem me ajudando a controlar a ansiedade e o medo. Acho que fará muito bem a você se começar a se consultar com ela também, Rage.

— Não quero falar com ninguém — murmurei com certa raiva, deixando meu copo vazio em cima da pia, já preparado para me afastar.

— Eu também não queria. Sei o que deve estar pensando, que ninguém pode te ajudar, que se abrir com outra pessoa é inútil, mas, Rage, não é assim. Conversar com ela está me fazendo muito bem.

— Bom para você. Eu não quero.

— Rage...

— Já disse que não! A única coisa que eu quero, é que Amy seja encontrada! Só isso!

— E ela será, Rage! Só que, quando ela chegar, não acha que será mais fácil conversar com ela se você estiver entendendo os seus sentimentos? — perguntou, me fazendo ficar estático no lugar. — Pois sei como está magoado, como está confuso. A Doutora Grace pode te ajudar.

— Ela pode tirar a mágoa de dentro do meu peito? — perguntei com um pouco de arrogância, pois nós dois sabíamos a resposta.

— Não, ela não pode, mas sei que te ajudará a entender cada um dos seus sentimentos — disse ele, deixando o copo em cima da pia, ao lado do meu. — Confiar é um ato de coragem, Rage e você foi muito corajoso quando confiou em Amy. Sei que ela te machucou ao mentir, sei que isso manchou a confiança que você depositou nela e imagino como seus sentimentos devem estar confusos. É por isso que não há problema algum em pedir ajuda. Aliás, pedir ajuda também é um ato de coragem e sei que você não é e nunca foi um covarde. Se Amber é a mulher mais forte que eu conheço, você é o homem mais forte que já tive o prazer de conhecer. A única coisa que quero, é que você fique bem, rapaz e não tem como ficar bem, quando a mente e o coração estão sobrecarregados. Colocar esse peso para fora vai te ajudar a entender tudo o que vem acontecendo dentro de você.

Suas palavras me atingiram bem no fundo da alma, pois soube que ele estava falando a verdade. Eu estava mesmo sobrecarregado, confuso, com inúmeros sentimentos brigando dentro de mim.

— Não sei se estou preparado para me abrir para alguém que eu não conheço — falei baixinho, fugindo do seu olhar.

— Você só precisará falar sobre o que se sentir confortável, Rage. A Doutora Grace não vai tirar nada à força de dentro de você.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho. Se quiser, posso marcar um horário para você amanhã — ele falou e eu fiquei alguns segundos em silêncio, pensando se valeria a pena ou não arriscar. — Se você não gostar, não precisará voltar a se consultar, Rage. Você é livre agora, nunca mais será obrigado a fazer algo que não quer.

Foi a sua garantia que me fez balançar a cabeça para cima e para baixo, em um sim silencioso. Com um sorriso amigável, Hernandez apertou o meu ombro com carinho e olhou em meus olhos.

— Você é forte, Rage e muito corajoso. Fico muito feliz que Amy tenha um homem como você na vida dela.

Ele saiu da cozinha minutos depois e eu fiquei sozinho, repetindo suas palavras em minha mente como se cada uma delas fosse um bálsamo para toda a dor que eu carregava por dentro.



Entrei no consultório da Doutora Grace na manhã seguinte com o coração disparado e as palmas das mãos suando. Ela pediu para que eu me acomodasse em uma poltrona que era muito confortável e me pediu para ficar à vontade, me dando um sorriso calmo e um olhar bondoso. Ela começou me perguntando o meu nome e eu fui respondendo às suas perguntas de forma

meio mecânica, com medo de falar algo que eu não estivesse pronto para compartilhar. Acho que a doutora percebeu, pois me olhou por cima dos óculos de graus com um pouco mais de interesse.

— Rage, quero deixar claro que você não precisa ficar nervoso. Sei que esse é um momento novo para você, mas quero que se sinta confortável. Saiba que não irei pressioná-lo, quero que me conte apenas o que você realmente quiser contar.

— Eu não sei o que quero contar. — Fui sincero.

— Mas sabe o que não quer contar, não é?

— Sim.

— Então, faça uma lista do que não quer falar. O que você descartar dessa lista, tente me contar. Acho que assim você conseguirá se comunicar comigo.

Fiquei surpreso por não ter pensado daquela forma e segui o seu conselho. Enumerei na minha mente tudo o que eu não queria compartilhar com ela naquele momento. Pouca coisa restou para que eu pudesse contar, mesmo assim, falei:

— Tenho medo do que pode estar acontecendo com a Amy.

— Amy?

— Com a Amber.

— Quem é Amber?

— Você sabe. Ela está em todos os jornais.

Ela sorriu um pouco e me olhou de forma gentil.

— Desculpe, não me expressei direito. Quem é a Amber para você?

— Ela é a pessoa que eu mais amo no mundo — falei sem parar para pensar uma segunda vez, porque aquela era a verdade.

— Então, ela é muito importante para você.

— Sim, ela é. Ela está grávida de um filho meu — contei, sem saber ao certo o porquê. Como aquela informação não estava na lista de coisas que eu não queria contar, achei que seria bom compartilhar.

— E como você se sente em relação à gravidez?

— Eu ainda não tive muito tempo para pensar nisso, mas, quando soube,

eu senti muita alegria. Meu peito se encheu de amor por ela e pelo bebê, mas, agora... Agora os dois estão correndo perigo e eu não estou lá para protegê-los.

— Eu entendo os seus sentimentos, mas nem sempre temos controle sobre tudo, Rage. Algumas situações simplesmente não estão ao nosso controle, por mais que a gente queira. Não se frustre e nem se sinta incapaz por não estar ao lado deles agora, apenas se prepare para dar muito amor aos dois quando eles voltarem.

— Tenho medo de que eles não voltem — falei baixinho, sentindo um nó intenso na garganta.

— É comum sentir medo, mas não perca a esperança, Rage. Posso ver como você ama a Amber e como já ama o seu filho, mesmo que ainda não tenha tido tempo para assimilar a ideia de que será pai.

— Eu quero que tudo isso acabe, Doutora Grace. Quero olhar nos olhos da Amber e poder dizer que a amo. Quero conversar com ela e tentar deixar o passado para trás — falei, me calando em seguida, pois estava prestes a contar a ela coisas que eu *não* queria falar.

Pelo menos, achava que não queria falar.

Passei mais ou menos quarenta minutos conversando com a Doutora Grace e me surpreendi por ser tão fácil conversar com ela. Por mais de uma vez me peguei perto de comentar sobre algo do meu passado, mas consegui me segurar, pois senti muito medo de confiar. Quando terminamos, ela perguntou se eu voltaria no dia seguinte e, depois de pensar um pouco entendi que, de alguma forma, eu havia me sentido à vontade ao conversar com ela e, por isso, disse que sim.

Esperei com um pouco de ansiedade pela nossa próxima consulta.

Capítulo 42

Amber

O tempo foi passando e eu comecei a sentir muito medo de enlouquecer.

Todos os dias Peter tinha um ritual. Ele acordava, passava um tempo no banheiro, saía e me dava bom dia com um ótimo humor. Dependia apenas de mim se o seu humor continuaria bom ou se tornaria péssimo. Precisei ter muito sangue frio para aprender a agir com o mínimo de gentileza com ele, pois, se eu agisse da forma que realmente queria, passaria dias sem comer. Eu sentia que tinha emagrecido muito naqueles últimos dias — ou semanas, não sabia ao certo — e, por conta do meu filho, comecei a entrar no jogo de Peter e fingir que eu estava gostando de estar ali, mantida em cárcere à sua mercê.

Quando eu não aguentava mais e explodia, ele me batia na cara e chutava as minhas pernas. Nunca havia atingido a minha barriga — acho que ele tinha entendido que aquele era um limite rígido por causa de Maximus —, mas não media esforços em me machucar e me deixar roxa. Os hematomas não me incomodavam mais, apenas o medo do que ele poderia fazer depois de me machucar. Eu sentia como seu olhar em meu corpo estava se tornando cada vez mais constante e luxurioso. Ele parecia estar perdendo a paciência com mais facilidade e comecei a temer que ele fizesse algo muito pior do que me bater.

Por isso, comecei a armar um plano. Decidi que iria me empenhar para agir com cordialidade e o tratar bem, até ter a sua confiança e pedir para que me tirasse das correntes por pelo menos alguns minutos. Meu objetivo era pegar qualquer coisa perfurante no armário da cozinha na primeira oportunidade e esconder, depois, deixaria que ele me prendesse para não suspeitar de nada e esperaria algumas horas para poder atraí-lo para perto de mim. Então, o machucaria e pegaria as chaves, me libertaria, prenderia os seus pulsos, pegaria o celular que ele carregava no bolso da calça e ligaria para Hernandez, enquanto fugia.

Não sabia se era o melhor plano do mundo, mas era o único que eu achava que poderia dar certo. Peter era fácil de manipular, aprendi isso com o tempo, pois ele reagia ao modo como eu o tratava. Se eu fosse dócil, ele também seria e me aproveitaria desse momento para poder atacar.

Sentia muita fome, pois tinha o respondido no dia anterior e ele havia me deixado durante horas sem comer. Também sentia sede, mas resolvi que não iria reclamar. Às vezes, quando ele não me dava água, eu caminhava devagar até o banheiro, pois minhas pernas doíam muito e bebia a água da bica, sem me importar se era filtrada ou não. Ele não havia descoberto ainda, mas, agora que estava de olho em mim, muito atento em cada reação que eu tinha, eu era mais cautelosa.

Esperei que ele terminasse de jantar para poder colocar o meu plano em prática. Ele lavou a louça, guardou todos os talheres e observei o lugar onde deixou uma faca grande que havia usado para poder cortar o frango que havia cozinhado horas antes.

Segunda gaveta abaixo da pia. Fiz uma nota mental.

Depois que ele se sentou na cama e começou a mexer no celular, eu me encostei na parede e subi só um pouquinho o vestido sujo que usava, sem que ele percebesse. Com uma voz arrependida, pedi em voz alta:

— Peter, me desculpe.

Ele deixou o celular de lado e me olhou com um interesse vivo, que me deixou enojada.

— O que disse?

— Pedi desculpas.

— Pelo o que, especificamente? Você vem me tratando com muita rebeldia ultimamente. Será que não percebe que só quero o seu bem? Eu sou louco por você, Amber. Completamente louco.

"Sim, você é completamente louco mesmo, seu bastardo filho da puta."

— Eu sei disso, sei que gosta de mim e que quer o meu bem, mas você precisa me entender, Peter. É muito difícil estar aqui, presa e grávida. Essas correntes me machucam, eu sinto frio e também estou com fome. Qualquer pessoa no meu lugar perderia a cabeça.

— Mas eu sou bom para você! Se te deixei com fome, se não permiti que

tomasse banho, se te bati, foi porque você me irritou, Amber! Me magoa muito ouvir os seus xingamentos, ver a sua raiva. É difícil para mim.

— Eu sei que sim, sei o quanto é difícil para você. — Dizer aquelas palavras me deixou com um gosto amargo na boca e meu coração bateu de raiva. Filho da puta! Como poderia dizer que aquela situação era difícil para *ele*? — Por isso que estou pedindo desculpas. Eu prometo que vou me comportar melhor.

— Promete mesmo? Eu não quero mais brigar com você, Amber — disse com um olhar doce. Por um momento, lembrei que era assim que me olhava na casa da montanha e entendi que não tive culpa por não ter enxergado a loucura nele. Peter realmente mudava de humor e de sentimentos de uma hora para outra.

— Sim, eu prometo. Me perdoe.

— Eu perdoo. Não consigo ficar com raiva de você por muito tempo — disse, levantando-se. — Quer comer alguma coisa?

— Sim, mas, antes, posso te pedir um favor?

— O quê?

— Meus pulsos estão doendo muito, Peter, as correntes estão muito apertadas. Será que você pode me soltar? Apenas por alguns minutos?

— Não! — falou prontamente e eu engoli em seco. — Não vou te soltar.

— Peter, por favor. Venha aqui, veja como os meus pulsos estão vermelhos! Sinto que posso desmaiar a qualquer momento — falei em uma voz fraca. Talvez eu até desmaiasse mesmo, mas seria de fome.

Ele me olhou por alguns segundos e vi como estava indeciso. Por fim, veio em minha direção a passos largos e se ajoelhou a minha frente, pegando meus pulsos em suas mãos.

— Estão vermelhos mesmo — murmurou. — Vou te soltar, mas só por alguns minutos, entendeu? É o tempo de colocar a comida no seu prato e só!

— Tudo bem.

Vi quando tirou o molho de chaves de dentro do bolso da calça e segurei um suspiro de alívio quando desprendeu um pulso e depois o outro. Sequer me movi, com medo de que ele mudasse de ideia e lhe dei um sorriso quando fiquei completamente livre.

— Obrigada — sussurrei, erguendo a mão para acariciar o seu rosto. Senti vontade de vomitar. — Obrigada, Peter.

Ele me deu um sorriso e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Precisei de muito sangue frio para não o estapear naquele momento.

— Já volto com a sua comida.

Ele se levantou e foi em direção à cozinha, mas parou no meio do caminho quando seu celular tocou no bolso. Vi quando pegou o aparelho e atendeu, virando-se para mim em seguida.

— Espere só um minuto — disse para quem quer que estivesse do outro da linha, já se encaminhando para porta. Meu coração disparou no peito quando o vi abrir o cadeado que mantinha porta trancada. Antes de sair, ele me olhou e disse: — Eu não faria nenhuma besteira se fosse você.

Nem tive tempo de responder, pois ele saiu e trancou a porta segundos depois. Ainda esperei alguns segundos para ver se iria voltar, mas como nada aconteceu, corri em direção à pia e peguei a faca na segunda gaveta. Ela era grande, própria para cortar frangos e grandes pedaços de carne. Sem fazer barulho, fechei a gaveta e voltei para o meu lugar, escondendo a faca debaixo do meu cobertor.

Consegui! Consegui!

Vibrei por dentro e uni minhas mãos trêmulas em meu colo quando ouvi o barulho da porta se abrindo minutos depois. Ele me olhou um tanto desconfiado antes de vasculhar todo o cômodo com o olhar, mas pareceu relaxar ao ver que nada estava fora do lugar.

— Acho que já ficou livre por tempo suficiente — disse ele ao se aproximar de mim. Prendeu um pulso, depois o outro e olhou para o meu corpo daquele jeito que me deixava com o estômago embrulhado — Parece que teremos visita daqui a pouco.

— Visita?

— Sim. Timothy acabou de me ligar. Deve vir aqui para confirmar se você ainda está viva — sorriu, passando a ponta do dedo pelo meu maxilar. Quando tocou o meu lábio inferior, fiquei tensa e tive que me segurar para não o morder. — O que foi? Não quer o meu toque?

— Eu, eu só...

— Quietinha — ele mandou, descendo o dedo pelo meu pescoço e subindo de novo até a minha boca. —Você é tão linda, Amber... Não sei se vou conseguir esperar muito tempo até ter você. Fico de pau duro só de olhar pra essa sua boquinha.

Prendi um gemido de horror quando ele pressionou a ereção contra a minha coxa. Acho que ele viu o meu temor, pois seu sorriso sumiu e seus dedos pressionaram o meu queixo com força.

— O que foi? Vai dizer que não sente desejo algum por mim?

— Peter...

— Vamos, Amber, diga! Eu sei que você sente desejo por mim, eu vejo como me olha, eu sinto o seu desejo — falou, aproximando o rosto do meu. Senti meu coração bater como um louco contra o peito quando sua saliva atingiu a minha bochecha. — Eu sei que, se eu quiser, é só estalar o dedo e você dá essa boceta pra mim com um sorriso no rosto.

Senti muita raiva da sua ousadia e também muito medo do que ele poderia fazer naquele momento. Com as mãos trêmulas, tentei empurrá-lo pelo peito, mas ele pareceu ficar com mais raiva e suas bochechas brancas ficaram vermelhas.

— Para de me empurrar, sua vagabunda! Está achando o que, Amber? Que pode me dispensar?

— Não, Peter...

— Não o quê? Está maluca? — Gritou, tirando o rosto de perto do meu e se afastando o suficiente para poder apoiar as mãos em meus joelhos, começando a forçá-los para os lados. Senti tanto pavor que meus dentes começaram a bater um contra o outro.

— Não! Não, por favor, Peter!

— Se você foi a puta do Rage, vai ser a minha puta também. Chega de esperar — disse em uma voz rascante.

Ele afastou os meus joelhos com tanta violência, que minhas pernas doeram. Tentei fechá-las, tentei chutá-lo, mas ele se colocou entre as minhas coxas e levantou o meu vestido com uma mão, levando a outra ao botão da própria calça. Fiquei horrorizada quando vi seus dedos descerem o zíper, sua ereção marcando o tecido.

— Não — murmurei, sentindo o ar me faltar, meu corpo tremer, meu coração quase sair pela boca. Peter me deu um sorriso sádico e eu engoli a bile quando afastou a minha calcinha.

— Sonho em fazer isso desde o dia em que vi aquele animal do Rage te fodendo na cozinha — falou com um olhar demoníaco. — Até que esperei muito, Amber. Deveria ter feito isso bem antes.

— Peter...

— Não se preocupe, serei rápido na primeira vez, pois sei que Timothy deve estar chegando, mas, na próxima, eu vou bem devagar... Vou te deixar louca por mim, Amber.

Quando ele tirou o pau de dentro da calça e se inclinou, prestes a me penetrar, eu sequer pensei. Agindo no impulso, tateei pelo chão, encontrei a coberta e peguei a faca debaixo dela, sempre encarando os olhos de Peter dentro dos meus. E foi olhando em seus olhos que enfiei a faca com tudo no que pensei ser a sua barriga. Só entendi que havia sido em seu peito quando seus olhos se arregalaram e seu corpo tombou completamente em cima de mim.

Fiquei sem reação. Completamente em choque, olhei o teto e senti minhas mãos molhadas de sangue. O cheiro metálico me atingiu com tudo e, tirando forças de não sei onde, empurrei Peter de cima de mim e vomitei ao lado do seu rosto, vendo seus olhos esbugalhados, a boca aberta, seu peito cravado com a faca, jorrando sangue. Tremi tanto que pensei que fosse desmaiar.

— Meu Deus... Meu Deus... — ofeguei esticando a mão e tocando no pescoço dele.

Não consegui sentir nada.

Ele estava morto.

Eu o matei. Matei o Peter.

Não foi remorso que senti, nem arrependimento. Também não foi culpa. Eu estava completamente paralisada, assustada, com o coração batendo a mil enquanto olhava para o seu corpo que, minutos antes, estava em cima de mim.

Prestes a me estuprar.

A lembrança me despertou e eu senti o choque ser substituído pela

realidade. Eu o matei para me salvar. Não foi intencional, não tive culpa, eu apenas quis me proteger. Pensar dessa forma fez com que eu começasse a reagir e olhei em volta, pensando no que poderia fazer para fugir antes que Timothy aparecesse ali. Com as mãos trêmulas, tateei os bolsos de Peter e peguei o seu celular e as chaves. A primeira coisa que fiz foi tentar ligar para Hernandez, mas o celular estava bloqueado e pedia a digital para que eu pudesse fazer o telefonema.

Sem pensar muito, peguei a mão de Peter e testei seu polegar esquerdo no telefone, mas não obtive sucesso. Quando testei o polegar direito, o celular desbloqueou e eu demorei alguns segundos para achar o ícone aonde poderia fazer a ligação, mas, quando achei, teclei furiosamente o número de Hernandez, errando duas vezes porque tremia muito.

Quando finalmente consegui, ouvi o barulho da porta. O celular caiu das minhas mãos e eu arregalei os olhos ao ver Timothy entrar no cômodo, vestido em seu costumeiro terno preto, com meu pai atrás de si.

E foi justamente ao olhar para Maximus Bloom que eu soube que algo muito sério estava prestes a acontecer ali.

Algo que mudaria tudo para sempre.

Capítulo 43

Hernandez

Comecei a entender que esperar não era uma virtude com a qual eu fui agraciado. Os dias se transformaram em três semanas e ainda não tínhamos ideia de onde Amber ou Maximus poderiam estar. Os antigos telefones de Maximus estavam bloqueados, ele não havia tentado sair do país e o FBI já havia entrado em contato com a Interpol para pedir reforços, pois a possibilidade de ele e Amber terem embarcado usando passaportes falsos não poderia ser descartada.

Nesse meio tempo, eu sentia como Rage estava mudando, como o seu nervosismo e ansiedade estavam aflorando. Se ele tinha alguma dúvida de que Amber era inocente, os esforços da polícia em encontrá-la, a preocupação que Nicholas sempre demonstrava quando estávamos juntos, tinham a destruído. Ele pouco dormia ou comia e, apesar de ter passado a se consultar três dias por semana com a psicóloga, ele andava muito fechado, estressado. Estava preocupado com ele, mas sabia que aquele era o único jeito com o qual ele sabia lidar com a situação, então, o respeitava.

Deitei-me na cama, preparando-me para mais uma madrugada insone. Falava de Rage, mas estava igualzinho a ele, tinha pouco apetite, quase não dormia e, quando conseguia, tinha alguns pesadelos. A verdade era que, a cada dia que passávamos sem notícia, era um tempo a mais que Maximus tinha para torturar a Amy. Sim, torturar, pois me recusava a acreditar na possibilidade de que ela estava morta.

Revirei na cama, sentindo o coração acelerado pela preocupação e nervosismo. Pensei em me levantar e ligar a TV, mas os canais de notícias só repetiam sobre a operação Dark Explore e eu não aguentava mais ver a cara de Maximus estampada nos jornais, muito menos a de Amber. A cada dia um novo envolvido era preso, pessoas que eu sequer conhecia, mas que tinham envolvimento com o senador Colben e algumas das outras redes de exploração que ele financiava. Mas quem realmente tinha que estar atrás das

grades, estava solto por aí, judiando da minha menina.

Senti a fúria se apossar do meu sangue, mas não foi maior do que a sensação de impotência que se tornava cada vez mais forte, fazendo com que eu me sentisse um fraco. Pensei em como Amber deveria estar. Será que ainda tinha esperanças de que eu fosse salvá-la? Eu esperava que sim, pois só iria desistir quando estivesse morto.

O barulho do meu celular me despertou dos pensamentos e me sentei na cama, pegando o aparelho. Estava escrito “Sem ID do chamador” na tela, o que me fez ficar com o coração acelerado no peito. Sem pensar duas vezes, atendi:

— Alô?

— Hernandez! Como é bom falar com você.

Senti o sangue gelar em minhas veias.

— Maximus — grunhi, levantando-me da cama. — Aonde a Amber está, seu doente filho da puta?!

— Mas o que é isso? Você já teve mais respeito por mim, Hernandez — debochou com a sua voz fria.

— Aonde a Amber está? — perguntei de novo, controlando-me para não gritar. Pude ouvir uma movimentação no apartamento e, um segundo depois, a porta do meu quarto se abriu. Rage e John entraram. Fiz um sinal para que ficassem quietos. — Não vou perguntar de novo.

— Você está muito nervoso, Hernandez. Fique calmo. A Amber está bem aqui, na minha frente.

— Me deixe falar com ela, Maximus!

— Me dê o telefone — Rage exigiu, vindo pra cima de mim. — Me dê a porra do telefone!

— Rage, calma — John o segurou.

— Me solta! Eu quero falar com ele!

— Estou ouvindo a voz do Rage — Maximus disse do outro lado da linha. — É bom que ele esteja perto de você, assim, vocês não vão perder tempo para fazer o que eu vou mandar.

— Eu quero falar com a Amber! — Gritei, sentindo minha mão tremer. —

Agora!

— Eu vou explicar o que vai acontecer. Quero que apenas você, Rage e o tal do Nicholas venham para o endereço que vou te passar. Se vier mais alguém, um policial que seja, eu vou cortar a garganta da Amber e deixar ela sangrar até morrer.

— Com Nicholas? — perguntei sem entender nada.

— Isso. Acho que você ainda não está surdo.

Engoli em seco a minha confusão e trinquei o maxilar.

— Quero ouvir a voz dela ou nada feito! — Exigi, vendo John conter Rage pelos ombros.

— Ele quer ouvir a sua voz — Maximus disse.

Ouvi alguns passos e, por fim, a voz da Amber soou em alto e bom som nos meus ouvidos:

— Hernandez, não venha, por favor! Eu não quero que vocês corram perigo, eu...

Sua voz sumiu antes mesmo que eu pudesse responder alguma coisa. Senti uma espécie de alívio e pavor em meu peito.

— Satisfeito? Agora, anote o endereço que vou passar. Se não chegarem aqui até às duas da manhã, vou entender que descumpriram a minha ordem e vou matar a Amber.

Sem pensar duas vezes, peguei o primeiro pedaço de papel que vi e um lápis, anotando tudo rapidamente em uma letra horrorosa, mas legível. Assim que terminou de ditar o endereço, Maximus desligou o telefone e a linha ficou muda. Demorei alguns segundos para entender tudo o que estava acontecendo e estremeci ao sentir o puxão de Rage em minha blusa.

— Por que você não me deu a porra do telefone? — Gritou na minha cara.

— Por que o Maximus está com a Amber e, por enquanto, quem dita as regras é ele, porra! Eu não poderia arriscar! — Gritei de volta o empurrando para longe de mim.

— Acalme-se, Rage! — John pediu, apertando de novo o seu ombro. — O que foi que ele disse?

— Ele passou o endereço de onde Amber está e disse para que eu, Rage e

Nicholas irmos para lá — falei, procurando o contato de Nicholas no meu telefone. — E é isso que vamos fazer, vamos até lá resgatar a Amber e você vai manter a calma! — falei para Rage. — Não podemos colocar tudo a perder.

O telefone de Nicholas chamou e ele atendeu no primeiro toque. Sequer dei tempo de ele falar "alô".

— Escute, Maximus acabou de me ligar, me passou o endereço de onde Amber está e disse para irmos lá o encontrar. Temos até às duas da manhã para chegar lá e já são mais de meia noite. Você precisa vir para cá.

— Calma aí, o quê? — Nicholas perguntou em confusão.

— Venha para cá e eu explico tudo. Seja rápido.

— Estou hospedado no mesmo prédio que vocês, chegou aí em cinco minutos.

Assim que desliguei, mandei Rage trocar de roupa e fiz o mesmo, daquela vez, pegando a minha Glock e conferindo se estava carregada. Ninguém iria tirá-la de mim. Pronto, fui para sala e encontrei Rage já vestido, sentado no sofá com a expressão carregada. Não falamos nada um para o outro e quando a campainha tocou, John se prontificou de abrir a porta. Nicholas entrou usando seu uniforme.

— O que aconteceu?

Contei tudo a ele, deixando de fora a parte em que Amber pediu para que não fôssemos até lá. Nicholas ouviu tudo atentamente, com as sobrancelhas vincadas em seriedade.

— Ele disse que também quer que eu vá?

— Sim. Também não entendi o porquê. A única coisa que passou pela minha cabeça, é que ele vai nos matar. Só assim para querer que você vá junto.

— Se ele acha que vai conseguir nos matar, está muito enganado. — Nicholas disse. — É impossível irmos até lá sem um reforço. Não vou correr esse risco, precisamos armar uma estratégia — disse ele, já puxando o telefone, certamente para ligar para a sua equipe. Não permiti.

— Nicholas, me escute! Maximus tem Amber a sua mercê, se ele perceber que tem mais alguém conosco, ele vai matá-la!

— Eu não vou até lá sem um reforço! — Nicholas grunhiu. — Não adianta!

— Você não ouviu o que Hernandez disse? Ele vai matar a Amber! — Rage gritou, se levantando do sofá. — Você vai colocá-la em perigo!

— Cadê o endereço? Deixe-me ver se eu conheço o lugar.

Peguei o papel que havia colocado dobrado dentro do meu bolso e entreguei.

— Fica em Northbrook — falei.

— Conheço esse endereço, fica em uma parte mais reservada da cidade, onde só existem mansões. Confiscamos todos imóveis no nome de Maximus Bloom. Se ele for dono dessa casa, deve ter comprado no nome de algum laranja — Nicholas disse, colocando o endereço no bolso. — Prestem atenção, eu conheço muito bem essa área, é um lugar tranquilo. Vou levar parte da minha equipe e pedir para que eles fiquem próximos a esse endereço, mas só nós três vamos até a mansão. Não é prudente irmos sem um reforço, pois se algo acontecer, o risco de morrermos e de Amber morrer no processo, se triplica. Eu prometo a vocês que vamos agir com calma e que vai dar tudo certo.

Percebi que Nicholas não mudaria de ideia e não vi outra opção a não ser aceitar. Ele rapidamente reuniu seus homens, arquitetou um plano e saímos do apartamento rumo ao endereço que Maximus havia me passado.

Dentro do carro, fechei os olhos e orei baixinho, apegando-me a Deus mais do que nunca. Precisávamos resgatar a Amber e sairmos sãs e salvos daquele tormento, com Maximus preso.

Ou morto.

Capítulo 44

Rage

Chegamos em frente aos portões de ferro da mansão faltando dez minutos para as duas da manhã. Eu sentia comichões pelo meu corpo de tanta ansiedade e nervosismo e precisei apertar minhas mãos em punhos várias vezes para parar de tremer. Os portões se abriram e Nicholas entrou com o carro, falando baixinho para o ponto que havia escondido dentro do pingente de seu cordão, que estávamos dentro da mansão. Infelizmente, ele preferiu não usar um ponto no ouvido, pois não queria arriscar que Maximus e seus seguranças descobrissem que ele estava se comunicando com outros policiais.

Um homem alto acendeu uma lanterna e apontou para o carro, me deixando cego por alguns segundos. Consegui ouvir a sua voz grave:

— Deixem dentro do carro todas as armas que trouxeram.

— É o Timothy. Esse cãozinho de guarda filho da puta — Hernandez xingou, tirando a pistola de trás do cós da calça.

Vi Nicholas fazer o mesmo e, com eles desarmados, saímos do carro com as mãos para cima. Timothy se aproximou e eu o reconheci com o principal homem mau do Mestre, ele sempre o fazia companhia e prezava pela sua segurança. Revistou todos nós minuciosamente e precisei segurar o asco que senti ao ser tocado por ele.

— Andem e só parem quando eu ordenar — disse ele.

Começamos a caminhar pela trilha de pedras que nos levaria a mansão. Olhei cuidadosamente em volta, esperando por mais homens maus, mas não apareceu nenhum, o que estranhei. Não era do feitio do Mestre ficar desprotegido, mesmo que a maioria dos seus homens tivessem sido presos. Passamos em frente à mansão, mas Timothy não nos mandou parar. Minutos depois, nos mandou virar à esquerda e depois à direita, até que vi, bem ao fundo, uma casa muito pequena feita apenas de concreto. Nos aproximamos e ele ordenou que parássemos, tomando a nossa frente.

— Sejam bem-vindos.

Ele tirou o cadeado da porta de ferro e eu passei a frente de Hernandez e Nicholas, sendo o primeiro a entrar. Eu precisava colocar os olhos em cima de Amber e ter a certeza de que ela estava bem, mas fiquei paralisado ao encarar algo que, durante toda a minha vida, eu idealizei, mas pensei que jamais conseguiria ver.

Mestre estava jogado no chão, acorrentado pelos pulsos e tornozelos, usando uma focinheira e um short preto igual ao que usei durante quase vinte anos da minha vida. Por um momento, não consegui piscar ou respirar. Achei que eu estava delirando, sonhando talvez, mas o murmúrio de choque de Hernandez atrás de mim me fez crer que era real. Era *muito* real.

— Puta merda — Nicholas xingou baixinho.

— Rage.

A voz de Amber me despertou e eu a procurei pelo cômodo apertado, até encontra-la acorrentada perto de uma porta. Meu coração se partiu no peito ao vê-la. Estava muito magra, o lábio cortado, as pernas com hematomas roxos. Sua barriga de grávida estava maior do que a última vez que a vi. Uma emoção tão forte me tomou, que não pude mais me conter, corri em sua direção, mas Timothy entrou na minha frente e me segurou pelos ombros.

— Parado.

— Saia da minha frente! — O empurrei, pelos ombros, mas ele empunhou uma arma e apontou para Amber. Mesmo estando a poucos metros de distância, eu sabia que, se ele atirasse, ela seria atingida.

— Me empurre mais uma vez e eu vou meter uma bala na cabeça dela — ele grunhiu. — Para trás, agora!

Amy me olhou e vi como estava assustada, com os olhos cheios de lágrimas. Tremendo, ela colocou as mãos na barriga e implorou baixinho.

— Vá, Rage, por favor.

Foi muito difícil dar um passo para trás e voltar para o lugar onde eu estava. Olhei para Hernandez e vi que ele olhava para Amber com uma expressão de dor, acho que sentindo o mesmo que eu ao vê-la tão frágil. A voz de Timothy chamou a nossa atenção.

— Não olhem assim para ela, Amber é uma garota muito forte! Querem ver o que ela fez minutos antes de virmos para cá? — perguntou, nos dando

um sorriso ao caminhar para perto de uma cama de solteiro. — Achei que seria muito assustador se vocês entrassem e dessem de cara com algo assim. Iria ofuscar a surpresa de ver o Senhor Bloom acorrentado que nem ele fazia com os seus cãezinhos.

Ajoelhando-se, Timothy reuniu um pouco de força e começou a puxar algo debaixo da cama. Precisei conter um gemido de horror ao ver que era o corpo de Peter, com uma faca enfiada no peito. Sua blusa branca estava cheia de sangue.

— Amber fez isso — Timothy disse, levantando e limpando as mãos uma na outra. Pude ouvir o gemido baixinho de Amber e, quando olhei para ela, vi seu rosto banhado por lágrimas.

— Eu não tive escolha — ela explicou.

— Amber, eles sabem disso. Sabem que isso se enquadra em legítima defesa, até porque, Peter foi o seu algoz durante essas semanas. Você não será presa, não é, policial? — Timothy perguntou.

— Não será — Nicholas respondeu, olhando rapidamente para Amber.

Ela estava tão assustada, tão maltratada, quase irreconhecível. A mulher forte que eu conhecia parecia ter ido embora. Deus do céu, o que haviam feito com ela?

— Olhem para mim — Timothy ordenou, saindo de perto do corpo do Peter. — Sei que devem estar confusos e que, com toda a certeza, não esperavam encontrar tudo isso quando estiveram a caminho daqui. Também sei que, agora, mil e uma teorias devem estar passando pela cabeça de vocês, mas quero adiantar que todas elas estão erradas. Ninguém que está aqui sabe todos os porquês além de mim. Por isso, peço para que prestem atenção no que vou contar, porque direi apenas uma vez — falou ele, virando-se rapidamente para o Mestre. — E isso serve para você também, *Senhor Bloom* — praticamente xingou no final.

Olhei rapidamente para Amber e a vi secando as lágrimas com as mãos trêmulas e sujas de sangue seco. Antes que ela pudesse me olhar de volta, virei-me para Timothy, pois fiquei com receio de ser pego em flagrante e despertar sua ira. Não havia esquecido que ele tinha uma arma.

— Eu deveria começar pelo começo, mas acho importante pautar algumas

coisas antes — Timothy disse, começando a andar de um lado para o outro. — Comecei a trabalhar para Maximus Bloom em 2012. Eu era apenas um segurança comum, acompanhando-o em viagens e logo fiz questão de me destacar. Veja bem, eu sonhava alto, tinha objetivos e, para alcançá-los, eu não podia ser mais um homem usando um terno preto e seguindo uma equipe de segurança. Eu tinha que ser o melhor e eu me tornei o melhor. Fui crescendo. Passei da equipe de viagens para a equipe pessoal e fui me aproximando cada vez mais de Johnson Anderson, segurança pessoal do Senhor Bloom na época. Logo me tornei o seu braço direito e, finalmente, Maximus Bloom me notou. Viu em mim o potencial que eu queria que ele enxergasse e, quando, infelizmente, Johnson sofreu um infarto em 2014, eu tomei o seu lugar e me tornei o homem de confiança do Senhor Bloom.

Timothy parou e deu um sorrisinho para Maximus, que o olhava com uma expressão furiosa. Ele não havia saído do lugar, mas seus olhos acompanhavam cada passo do homem que, até aonde eu sabia, era a sua sombra.

— Eu era aquele que sabia e conhecia cada passo desse homem — Timothy disse, apontando para o Mestre. — E fiz questão de me tornar muito mais do que um segurança, mas, sim, alguém em quem ele poderia confiar cegamente e contar cada um dos seus segredos mais sujos. E, Rage, você sabe, Maximus tem uma coleção de segredos sujos — ele riu para mim. — Foi a partir do momento em que ele começou a me contar cada coisa perversa que fazia, que eu passei a arquitetar um plano para destruí-lo. Não foi fácil, tenho que admitir. Falhei algumas vezes, não executei direito os meus primeiros planos, mas tudo começou a dar certo quando ele e o senador Colben se juntaram para cometer mais maldades. Nicholas, você está aqui e não vai me deixar mentir, há quanto tempo vem investigando o senador Colben?

— Há quase dois anos — Nicholas disse.

— Exatamente! E foi há pouco mais de dois anos que Colben e Maximus começaram a sequestrar as primeiras crianças para poderem inaugurar uma nova casa de prostituição infantil em Chicago.

— O La Blue — Hernandez murmurou.

— Isso mesmo. Nicholas, vocês começaram a investigar o senador Colben

quando descobriram ele estava sonegando impostos usando o nome da ONG que abriu em 2009, certo?

— Sim.

— Pois bem, quando saiu essa notícia nos jornais em 2017, eu soube que não ficaria apenas nisso. O caso foi abafado pela assessoria de imprensa dele, lógico, mas algo me dizia esse caso era apenas um fio que logo seria puxado para acabar de vez com a teia de crimes que ele cometia — Timothy disse. — Foi por isso que comecei a pensar em uma forma de entregar alguma prova para o FBI, sem deixar rastros para chegar até mim, mas tive que ser cauteloso, pois qualquer passo em falso e essa besta — apontou para Maximus. —, poderia me massacrar. Quando finalmente consegui fotografar algum dos encontros e tirar cópia de alguns documentos para fazerem chegar às mãos da polícia, a Amber entrou em cena.

— Eu? — Amy perguntou baixinho.

— Sim, você e ele — apontou para Hernandez. — Eu vi você ouvindo aquele telefonema do seu pai, quase dois anos atrás. Sempre soube que você era uma menina boa, que, apesar abaixar a cabeça quando seu pai dava ordens, tinha um lado que não aceitava aquela vida completamente dominada por ele. Comecei a prestar mais atenção em você, ouvia suas conversas com Hernandez quando seu pai se afastava e percebi que você poderia ser minha aliada, por mais que não soubesse disso. Só nunca imaginei quão certo eu estava — sorriu. — Eu vi você nos seguindo em janeiro, Hernandez, quando tirou férias. E deixei que você descobrisse aonde aconteceria o próximo encontro. Eu sabia que você iria contar para a Amber e que iria arrumar um jeito de descobrir o que acontecia nesse tal encontro e eu estava certo. Vi vocês dois lá, os olhos espantados de Amber pela frestinha da porta. Estava todo mundo cheio de uísque e cocaína, inclusive o Maximus, mas eu estava tão sóbrio quanto o dia em que nasci. Soube que Amber não deixaria aquilo passar impune, sentia a raiva dela, o choque, quase vir em ondas para cima de mim e soube que precisava, de alguma forma, dar abertura para que ela agisse. Então, ataquei a mansão em Chicago.

— Hum... *Raaaan* — Maximus grunhiu por trás da focinheira, ficando vermelho e se debatendo. Timothy olhou para ele e riu.

— O que foi? Está com raivinha por que fui eu que destruí a sua casa?

Enganei você direitinho, não foi, *Senhor Bloom*?

— Mas você e Maximus já tinham saído da mansão, eu lembro disso — Hernandez disse.

— Subornei alguns dos seguranças de Maximus para que deixassem os meus homens entrarem. Depois que a casa foi atacada e que convenci Maximus de que alguém muito poderoso estava disposto a matá-lo, dei a ideia de mandar Amber e Rage para a casa da montanha. De início, ele não aceitou, imagina se ia querer ficar longe de Rage por muito tempo, mas consegui o convencer de que seria melhor que Rage ficasse em um lugar seguro, para que não corresse nenhum tipo de risco. E, assim, vocês dois ficaram praticamente sob o mesmo teto — Timothy apontou para mim e para Amber. — Claro que não planejei que vocês dois ficassem juntos e se apaixonassem, isso foi realmente obra do destino. Mas queria, sim, que Amber descobrisse que Rage estava na casa e que se juntassem contra Maximus. Por isso, aliás, que deixei John continuar como seu segurança, Rage, porque, primeiro, ele tem um coração mole e tentou te ajudar duas vezes e, segundo, sei que ele pode ser bem descuidado e sabia que, de alguma forma, ele ia acabar dando brechas para que Amber descobrisse você.

Fiquei chocado ao ouvir tudo aquilo. Timothy havia planejado cada passo cuidadosamente, de um jeito que nem o Mestre conseguiria descobrir.

— Enquanto isso, eu me certificaria de que Maximus ficasse ocupado procurando o mandate de seu "quase assassinato" e que Amber tivesse tempo suficiente para poder armar algum plano contra ele. Mas aí o filho da puta do Peter ligou para o Maximus e contou que o Rage e a Amber estavam juntos. Ele ainda teve a audácia de enviar algumas fotos que tirou de vocês se beijando. Maximus só faltou enlouquecer. Deu um chilique horrível, destruiu o quarto todo do hotel aonde estávamos, disse que ia fazer e acontecer — Timothy revirou os olhos. — Mas, novamente, consegui o acalmar e o convencer a não fazer nada por enquanto. Coloquei na cabeça dele que seria mais inteligente da sua parte se ele esperasse antes de atacar, pois eu sabia que a Amber já tinha um plano contra ele àquela altura.

— Como sabia disso? — Amber perguntou.

— Porque eu planejei tudo. Como tenho acesso a todas as residências de Maximus, aproveitei a única folga que tive durante o mês, para ir à casa da

montanha e colocar escutas em cada cômodo, antes de vocês irem para lá. — falou. — Você é uma garota inteligente, Hernandez também e eu sabia que ele tinha alguns contatos poderosos, contatos, aliás, que eu mesmo não tinha. Então, ouvindo o plano de vocês, eu sabia que precisava esperar um pouco mais antes de deixar que Maximus partisse para cima de vocês dois. Esperei e o contive o máximo que consegui, mas, então, Peter me fodeu de novo e enviou um vídeo de vocês dois transando na cozinha. O velhote enlouqueceu.

Timothy disse, apontou para o Mestre e pude ver como estava odiando ouvir tudo aquilo. Não podia mentir, apesar de chocado, eu estava sentindo um certo prazer em ver a sua reação ao descobrir que havia sido enganado pela pessoa que mais confiava na vida.

— Como já tinha assassinado o tal empresário espanhol em quem coloquei a culpa pelo ataque em sua casa, Maximus não quis mais esperar e disse que acabaria com a história de vocês. Agora, sério, não tinha um lugar mais reservado para vocês transarem? Foi impossível conter a fúria desse imbecil depois disso e a única coisa que consegui fazer foi o convencer a não te matar — falou, olhando para Amber. — Fui eu que o ajudei a inverter a história de amor de vocês dois a favor dele. Aliás, sinto muito pelo sofrimento que causei, mas foi necessário. Amber não podia morrer àquela altura do campeonato.

— Espere um segundo — Amber pediu e eu me virei para ela. — Se o seu objetivo era ter o meu pai preso, por que o ajudou a se esconder quando a polícia finalmente iria colocá-lo atrás das grades?

— Quem disse que o meu objetivo era ter o seu pai preso? — Timothy perguntou com um sorriso.

— Então, qual é o seu objetivo? Por que arquitetou isso tudo? O que o Mestre fez para você? — Perguntei.

Timothy me olhou por alguns segundos, antes de ir para perto do Mestre e se agachar. Eu conseguia ver como o Mestre estava com raiva, seus músculos estavam retesados, o rosto vermelho, a pele suada. Seus olhos cheios de ódio colidiram com os olhos sérios e sádicos de Timothy.

— Ele fez com o meu irmão o mesmo que fez com você, dez anos atrás — Timothy disse em um grunhido e eu senti um aperto dentro do peito. — Você se lembra dele, Maximus? Zack Layne, de apenas seis anos. Ele foi arrancado

dos braços da minha mãe e estuprado por você até morrer.

— Hum... HUUUUM... HUM — Mestre começou a gritar e a se agitar, mas parou quando Timothy apertou o seu pescoço e pressionou a sua cabeça contra a parede.

— O que foi? Quer falar? É isso? — Perguntou e Mestre assentiu com dificuldade. Por um momento, pensei que Timothy o mataria ali, naquele momento, mas tirou a mão do pescoço dele e arrancou a focinheira com violência. — Aproveite enquanto você ainda tem a língua dentro da boca, seu doente filho da puta!

— Sua mãe... Sua mãe era uma prostituta drogada — Mestre começou a falar em uma voz rouca e esganiçada. — Ela estava devendo uma fortuna para um grande amigo meu e eu comprei a dividida dela. Em troca, ele me deu o menino.

— Ele te *deu* o menino? O meu irmão era uma *coisa*, seu pedófilo de merda? — Timothy perguntou, dando um soco na cara dele. Mestre cuspiu sangue no chão. — Eu estava prestes a tirar o meu irmão das mãos da minha mãe! Faltava muito pouco, eu havia arrumado um emprego bom, tinha conseguido alugar um apartamento pequeno, eu ia salvá-lo, mas você o pegou! Você o matou, porra!

Timothy se levantou e andou de um lado para o outro. Vi quando Mestre o acompanhou com o olhar.

— Como você descobriu que o menino veio parar nas minhas mãos? — Mestre perguntou.

— O dinheiro compra tudo, esqueceu? Os homens da porra do traficante que é seu amigo, contaram tudo para mim — falou. — Me disseram que você pagou a dívida da minha mãe e, em troca, levou o meu irmão. Também me falaram que ele não ficou vivo por muito tempo, que morreu nas suas mãos. Depois que descobri isso, consegui documentos falsos para que você não me identificasse pelo meu sobrenome, comecei a planejar o modo como iria me aproximar de você e finalmente, *finalmente*, Maximus, estamos aqui. Chegou a hora de acabar com você.

— Por que não me matou antes? Não seria mais simples?

— E deixar vivo o seu legado? A sua fama de homem íntegro e honrado?

Nunca. Por isso que demorei essas semanas para colocar em prática tudo o que acontecerá nesta noite. Novamente, Amber, peço desculpas pelo que sofreu, mas foi necessário. O prazer que senti durante esses dias ao assistir o seu desespero de ver os seus negócios ruírem, Maximus, só não me satisfaz mais do que o prazer vou sentir de te ver morrendo lentamente — disse Timothy, virando-se para nos encarar. — E foi por isso que obriguei Maximus agir como se ainda estivesse no poder, para poder ligar para vocês e tê-los aqui. Sua presença é importante, Hernandez, porque sei que quer assistir a essa morte tanto quanto eu. A sua, Nicholas, é porque quando tudo isso acabar, o seu trabalho vai começar e a sua, Rage, é porque sei que você tem muito mais direito de acabar com a vida desse homem do que eu. Desde que te vi pela primeira vez, você deixou claro que mataria Maximus e aqui está a sua chance. Cumpra a sua promessa.

Olhei para Timothy, em seguida, olhei para o Mestre sentado no chão, acorrentado como por muitos e muitos anos eu fiquei. Ele me olhou de volta e pude sentir a sua raiva, o seu ódio por estar naquela posição e algo como fogo lambeu as minhas veias, enquanto imagens de tudo o que ele fez comigo, dançavam em minha mente, alimentando o ódio que nutri por aquele monstro desde o primeiro dia em que o vi.

— Não! É óbvio que Rage não vai matar ninguém! — ouvi a voz de Nicholas atrás de mim, mas me virei e olhei dentro dos seus olhos.

— Você sabe o que é ser sequestrado aos dez anos de idade e ouvir da boca de um monstro que os seus pais estão mortos? Sabe como é ter o seu corpo violado, tocado e penetrado desde criança? Sabe o que é ser torturado por simplesmente dizer “não”? Por tentar negar que alguém toque no *seu* corpo? Sabe o que é ser compartilhado com vários homens, surrado e estuprado por horas, enquanto está preso pela porra de uma coleira e tem os seus membros paralisados por uma droga? — Perguntei até parar bem perto dele. Pude ver os seus olhos arregalados, a postura tensa. — Não, você não sabe. Você *nunca* saberá, pois teve a sorte de não ter parado nas mãos de um monstro. Mas eu sei, o irmão de Timothy soube, inúmeras crianças souberam. Então, sim, eu vou *matar* esse filho da puta agora, porque eu tenho esse direito! E não será você que vai me impedir.

Pude ouvir um soluço e soube imediatamente que era de Amber, mas não olhei para ela pois fiquei com receio de fraquejar.

— Ele tem razão, Nicholas — Hernandez disse ao lado dele. — Você sabe disso.

Nicholas engoliu em seco e deu um passo para trás, puxando Hernandez consigo pelo braço.

— Faça o que tem que ser feito — falou com decisão.

Eu assenti e me virei para o Mestre, pronto para colocar para fora todos os anos de ódio que reuni contra ele, mas a voz de Amber me deteve. Ela chamou o meu nome e, sem poder ignorá-la, olhei para ela e senti um pouco da minha determinação abalar. Seu rosto estava banhado em lágrimas e seus olhos estavam cheios de dor.

— Vem aqui, por favor — ela pediu baixinho e, sem poder me conter, fui até ela.

De perto, ela parecia pior e muito mais magra, os hematomas em sua perna pareciam mais escuros e o sofrimento em seus olhos beirava ao desespero. Morto de saudade, de amor por aquela mulher, me ajoelhei a sua frente e a puxei para os meus braços sentindo meus olhos se encherem de lagrimas. Ela me abraçou pelo pescoço, as correntes parecendo pesar em seus pulsos, o barulho sendo muito comum para mim, mas me destroçando por saber que eram feitos por ela. Porque ela esteve presa durante *semanas*. A apertei com força, beijei seus cabelos oleosos e sujos e puxei o seu rosto contra mim.

— Você não quer que eu mate o Mestre porque ele é seu pai? — Tive que perguntar.

— Eu não me importo com ele, eu só me importo com você. Eu não quero que você faça algo que vai te marcar para sempre — falou com os olhos cheios de lágrimas. — Não quero que você conviva com o peso da morte dele.

— Não vou conviver com um peso, vou conviver com a liberdade, Amy. Fazer isso vai me libertar — falei baixinho para que só ela ouvisse.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho — falei, limpando suas lágrimas. — Por favor, não chore.

— Você me perdoa? — perguntou em um fiapo de voz. — Perdoa as

minhas mentiras? Tudo o que sofreu depois que voltou para as mãos dele? Porque eu sei que foi por minha causa, eu sei disso, mas eu...

— Escute — pedi, tocando em seus lábios. — Eu já te perdoei há muito tempo. Nada disso importa mais. Eu amo você, Amy, sempre amei e sempre vou amar — falei e ela ofegou, seus ombros tremeram em meio ao choro compulsivo. Senti muito medo pelo seu nervosismo, pelo bebê, por tudo. — Eu amo vocês — sussurrei tocando a sua barriga.

— Ah, Rage, nós também amamos muito você. Para sempre.

Ela me puxou pelo rosto e me beijou na boca, fazendo meu coração inflar no peito, quase explodir. Atrás de mim, pude ouvir um grito furioso e soube imediatamente de quem era. Mestre se debateu, soube por conta do barulho das correntes e a risada de Timothy ecoou pelo cômodo apertado.

— Parece que ver os dois se beijando é o pior tipo de tortura — Timothy disse e Maximus grunhiu.

Não dei atenção a nenhum dos dois e beijei Amy por mais alguns segundos antes de me afastar e secar as suas lágrimas.

— Hernandez, pode vir aqui, por favor? — Pedi e ele veio no mesmo instante. Conseguia ver em seus olhos como estava ansioso para ficar perto de Amy. — Fique com ela.

— Claro — falou, se abaixando para ficar perto de Amber.

— Não quero que você veja o que vai acontecer — falei, puxando o rosto dela com as minhas mãos. — Feche os olhos e tampe os ouvidos, está bem?

— Sim.

— Eu te amo — falei mais uma vez antes de me afastar.

Hernandez a abraçou pelos ombros e Amy se encolheu contra o seu peito, fechando os olhos e tampando os ouvidos da maneira que pedi. Ao ver que estava segura, voltei a me aproximar do Mestre e olhei bem dentro dos seus olhos, antes de murmurar:

— Pronto para morrer pelas mãos do seu cãozinho, *Mestre*?

Capítulo 45

Rage

A primeira coisa que fiz foi chutar o seu estômago com força, pois foi dessa forma que comecei a sofrer nas mãos dos seus homens. Mestre grunhiu e tentou se curvar, mas eu chutei de novo e mais uma vez, sentindo um prazer indescritível ao ver o seu rosto vermelho e franzido em dor. Ele começou a tossir e ofegou ao tentar puxar o ar para dentro dos pulmões.

— Está doendo? Ora, Mestre, nunca pensei que você fosse tão fraco! — Gritei, puxando o cabelo próximo a nuca. — Eu tenho algumas perguntas para fazer antes de matar você e quero que responda a cada uma delas, entendeu? — perguntei, sacudindo a sua cabeça. — Entendeu, porra?

— Sim — grunhiu.

— Por que matou o meu pai? Responda!

— Por que... Ele me traiu...

— Ele trabalhava para você?

— O amigo dele era meu contador... Ele desviou meu dinheiro e depositou na conta do seu pai... Eu... Eu matei os dois — falou com dificuldade. — Quando fizeram o enterro, eu fui disfarçado e vi você... Eu me apaixonei, Rage. Nunca entendi o que você tinha de diferente, mas você sempre foi especial. Os outros eu usava e matava, mas não você. Eu queria você vivo, porque você é meu... Só meu.

Senti vontade de vomitar na cara dele.

— Não sou seu, seu doente! Seu monstro! — Soquei a sua cara com força, sentindo os ossos do seu nariz se partirem contra os meus dedos. — Você roubou vinte anos da minha vida! Me usou, machucou, estuprou, fez o que quis! Mas chegou a hora de você pagar e eu estou apenas começando, Maximus Bloom.

Afastei-me e ele conseguiu colocar a mão no chão antes que sua cabeça batesse contra o concreto. Limpando o suor da minha testa, olhei para Timothy.

— O coloque de pé — ordenei. Timothy sorriu.

— Com prazer.

Timothy mexeu nas correntes e o corpo do Mestre foi erguido até seus pés ficarem a centímetros de tocar o chão. Ele gritou, pois seus braços foram esticados até o limite e eu adorei ver aquilo, pois conhecia muito bem aquela dor. Vi que parecia estar zonzo, demorou a focar os olhos em mim, mas quando senti que me fitava, fui com tudo contra o seu corpo e dei uma joelhada bem firme no meio das suas pernas. Seu gemido foi tão alto que meus ouvidos doeram.

— Não é boa a sensação de estar à mercê de alguém que você sabe que está aqui com o único intuito de te machucar? — Perguntei, vendo-o respirar com força.

— Às vezes, a dor é... Necessária — ele falou de forma ofegante. Não acreditei no que ouvi.

— Como é que é? — perguntei ao me aproximar. Com raiva, apertei o seu maxilar com os meus dedos. — Às vezes a dor é o quê?

— Ne... Nece...

Ele não conseguiu terminar de falar, pois apertei o seu maxilar até quase sentir os ossos trincarem. Pude ouvir o grito vir do fundo da sua garganta e aquilo só injetou mais adrenalina e ódio em meu sangue. Ele merecia mais do que aquela dorzinha, muito mais. Cheio de raiva, larguei seu maxilar e desci seu short, deixando-o completamente nu. Seu pau mole e enrugado ficou à vista, mas não foi para ele que olhei, foi para os seus olhos. E observei a mudança neles quando peguei seu pau e suas bolas com a minha mão e apertei até o sangue subir para o seu rosto e ele gritar com força.

— A dor é o quê? — perguntei, apertando mais. — A dor é o que, Mestre? Responda!

— Pa... Pare... Pare...

— Parar? Você está me pedindo para parar? Seu fraco, inútil! Você não passa de um cãozinho de merda! — Gritei na sua cara, puxando as suas bolas e o seu pau para baixo com força, até quase o limite. Ele abriu a boca, mas som algum saiu e me afastei a tempo do seu vômito cair aos meus pés. Comecei a rir. — Você é patético! Olhe para isso, olhe para essa sujeira!

Você não disse que a dor é necessária? Por que agora está dando esse showzinho?

Ele ofegou e tossiu, a cabeça pendendo entre os ombros, como se estivesse sem forças. Minutos se passaram até ele conseguir me olhar.

— Você... Você é um ingrato...

— O quê?

— Um ingrato! — Falou entredentes. — Você foi o único... O único, Rage, que eu fiz questão de manter, de cuidar... Os outros não tiveram a mesma sorte e olha o que você está fazendo comigo... — Ele parou para tossir e cuspiu sangue no chão. — Olha o que você *fez* comigo. Me traiu com a vagabunda da minha filha...

Ele não conseguiu terminar de falar, pois meu punho acertou em cheio a sua boca, virando o seu pescoço de lado com tanta violência, que eu pude ouvir o barulho dos ossos estalando. Senti uma fúria tão grande por ele falar mal da Amber, que não consegui parar. Por minutos, enchi sua cara de porrada e dei ao menos três chutes em suas bolas. Sua virilha começou a sangrar.

— Nunca mais xingue a Amber, seu monstro filho da puta! — Gritei, puxando sua cabeça para que ele me olhasse. — Ela me salvou de você! Sem ela, eu não seria nada!

— Sem... Sem mim, você não seria nada — ele conseguiu murmurar. — Eu deveria ter matado você quando tive... Oportunidade. Eu tive várias, mas não matei... Não matei porque eu sou completamente louco por você. Eu sempre fui. Por que você não gosta de mim também?

Por um momento, pensei que ele estivesse debochando da minha cara, pois não conseguia acreditar que ele estava mesmo falando sério, mas estava. Tive a certeza quando uma lágrima escorreu pelo seu olho inchado. Nunca senti tanto nojo em toda a minha vida.

— Porque você é um pedófilo cruel e doente, um louco sádico. Você roubou vinte anos da minha vida, matou os meus pais, me fez conhecer apenas a maldade. Não há a mínima possibilidade de alguém no mundo gostar de um monstro como você. Creio que nem mesmo Deus te suporta.

Ele ofegou baixinho, como se minhas palavras tivessem o atingido e

machucado muito mais do que toda a violência que estava usando contra ele. Aquilo só serviu para me fazer encerrar aquela conversa idiota que estávamos tendo e comecei, de verdade, a o matar lentamente.

Meus punhos acertaram seus olhos, seu nariz e sua boca, abrindo a carne, tirando sangue, partindo os ossos. Meus pés chutaram sua barriga, suas pernas e seu pau. Cada golpe transferido contra aquele corpo que tanto judiou de mim, que tanto me machucou, me fez renascer. Foi como se eu tivesse deixando aquele menino que ele abusou para trás e trazendo à tona o homem que me tornei quando prometi a ele que iria o matar.

Fiquei cansado, ofegante e suado, seu sangue sujando as minhas mãos, mas não parei. Chegou um momento em que ele nem gemia mais, só soltava alguns sons esquisitos, a cabeça tombada para baixo, as pernas completamente moles. Quando achei que tivesse desmaiado, me afastei e Timothy se aproximou dele, puxando seu cabelo para manter seu rosto para cima. Os olhos dele não se abriram.

— Ainda está vivo — Timothy disse. — Acho que agora ele está pronto para o golpe final.

Não entendi o que ele quis dizer, mas também não tive tempo de perguntar. Largando a cabeça do Mestre, Timothy deu alguns passos para perto de uma pia que ficava aos fundos do cômodo e pegou um cabo de vassoura.

— Acho que você sabe o que fazer com isso — me disse quando fechou a nossa distância, estendendo-me o pedaço de pau.

Mestre levantou a cabeça com dificuldade e cuspiu sangue, abrindo um pouquinho o olho esquerdo. Ficou tenso e se retesou quando viu o cabo na minha mão.

— Não... — murmurou quase sem voz. — Não, Rage, por favor...

— Quantas vezes eu falei “não, por favor” para você? — perguntei, aproximando-me devagar. — Inúmeras! E você nunca me ouviu.

— Rage... Rage... Por favor...

— Vire-o de costas — ordenei a Timothy e ele prontamente atendeu.

Quantas vezes eu tinha ouvido aquela frase saindo da boca daquele monstro? Eu não saberia responder, mas pronunciá-la em alto e bom som me

fez sentir um gostinho doce de vitória na boca. Com ele de costas para mim, com a cara colada na parede e os shorts abaixados, eu me aproximei o suficiente para sussurrar em seu ouvido:

— Eu disse que iria te matar, *Mestre*.

Sem pena, dei dois passos para trás, Timothy separou as suas nádegas e eu meti o cabo de vassoura com tudo, ouvindo seu grito alto e poderoso, vendo o sangue escorrer de seus ânus. Enfiei e enfiei mais, até ter a certeza de que seus órgãos tinham sido perfurados e que a vida tinha deixado o seu corpo. Parei quando o vi tombar e seus ombros pararem de subir e descer com a sua respiração.

Estava feito.

Eu havia acabado de matar o Mestre.

Tinha certeza de que ele havia se arrependido de ter sequestrado o diabo.

— O que aconteceu aqui foi o seguinte, agente — Timothy disse, interrompendo o silêncio sepulcral que tomou conta do cômodo por alguns minutos. — Quando vocês chegaram, me encontraram enfiando esse cabo no rabo de Maximus Bloom — falou, empurrando o cabo ainda mais, com bastante força. O sangue do Mestre escorreu pelas suas mãos e seus braços, sujando sua roupa. Em seguida, voltou a nos encarar. — Rage tentou me conter, por isso se sujou de sangue, mas não conseguiu, então, você me deu voz de prisão, mas eu peguei essa arma — ele disse, tirando a pistola de trás da calça. —, apontei para a minha cabeça e me matei.

— O que você...

— Simples assim — Timothy interrompeu Nicholas e se virou para mim. — Rage, peço perdão por eu ter demorado tanto para dar esse momento a você. Em nome da alma do meu irmão, que era apenas uma criança e sofreu nas mãos desse bastardo, eu agradeço pela sua força, por ter sobrevivido a tanta crueldade. Espero que você seja feliz ao lado da Amber e que tenha uma vida tranquila. Quanto a mim, já não há mais nada para fazer aqui. Cumpri com a promessa que fiz ao meu irmão e destruí esse homem. Agora, eu posso descansar em paz.

— Timothy...

Eu só tive tempo de falar o seu nome, pois, no próximo segundo, ele já

tinha pressionado a arma contra a própria cabeça e puxado o gatilho. O barulho do tiro ecoou pelo cômodo e seu corpo caiu com um baque seco no chão, espalhando sangue para todos os lados.

Chocado, olhei para Nicholas, que estava boquiaberto e pera Hernandez, que tinha os olhos arregalados e segurava a cabeça de Amber contra o seu peito. Ela parecia não chorar mais, porém, seu corpo tremia sem controle algum.

— Eu... Eu vou seguir com o plano dele — Nicholas disse, parecendo atordoado. Eu imaginava que, mesmo para um homem tão experiente, aquele era um cenário atípico.

Ele começou a falar algo pelo ponto que havia no pingente de seu colar e olhei para aquele cenário de destruição, com Peter morto de um lado, o corpo do Mestre pendendo pelas correntes e o corpo de Timothy praticamente aos meus pés. Não soube exatamente o que sentir. A satisfação de ter acabado com a vida do homem que me manteve a sua mercê por quase vinte anos era maior do que o choque de, finalmente, entender que tudo aquilo havia acabado.

Aquele pesadelo havia acabado. Eu realmente estava livre.

— Rage.

Amy me chamou e eu olhei para ela com o coração pulando no peito. Sem dizer nada, fui em sua direção e a ajudei a se levantar, tomando-a entre os meus braços em um aperto forte. Fechei os olhos e escondi meu rosto em seu pescoço, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

— Acabou, Amy — sussurrei baixinho.

— Acabou, meu amor — respondeu, chorando baixinho contra a minha pele. — Acabou.

Capítulo 46

Amber

Eu quase desmaiei de exaustão no momento em que pisei do lado de fora daquele casebre de concreto. Rage rapidamente me pegou no colo e, depois disso, só consigo me lembrar de alguns flashes. O barulho alto da sirene da polícia, pessoas gritando, meu corpo deitado em uma maca, o rosto preocupado de Rage em cima de mim. Acho que me colocaram em uma ambulância, mas apaguei no momento em que senti a agulha perfurar o meu braço.

Depois disso, só lembro da escuridão.

Minha cabeça estava muito pesada e a língua parecia áspera quando despertei. Eu sabia que estava acordada, mas meu corpo doía muito e a sonolência estava ameaçando me vencer, quando ouvi um sussurro baixinho em meu ouvido, que me fez desejar ficar acordada.

I'd go hungry, i'd go black and blue
(Eu passaria fome, eu ficaria triste e deprimida)
I'd go crawling down the avenue
(Eu iria me arrastando avenida abaixo)
No, there's nothing that I wouldn't do
(Não, não há nada que eu não faria)
To make you feel my love
(Para fazer você sentir o meu amor)

Era Rage. Ele estava cantando para mim. Senti meus olhos se encherem de lágrimas quando seus lábios pressionaram em minha bochecha e sua mão acariciou a minha barriga.

— Eu amo você, Amy... Acorda logo, por favor.

— Eu também amo você. — Só consegui sussurrar, pois minha garganta doía e estava muito seca. Abri os olhos e minhas lágrimas escorreram pelas laterais do meu rosto quando, finalmente, olhei para o homem que eu amava. Parecia que anos haviam se passado desde a última vez que coloquei os meus olhos sobre ele.

— Amy, graças a Deus! — Ele apertou algo acima da minha cabeça e tocou em meu rosto. — A enfermeira pediu para que eu apertasse a campainha quando você acordasse — explicou. — Fiquei muito preocupado, você desmaiou e eu... Eu pensei que você fosse morrer...

— Acha mesmo que eu morreria logo agora, depois de tudo o que enfrentamos? — Sorri e seu olhar de preocupação abrandou. — Nunca, meu amor. Se Deus viesse me chamar, eu ia me agarrar em você e ficar aqui.

Ele riu um pouquinho e o som da sua risada preencheu o meu coração de amor. Havíamos passado por muita coisa, ainda precisávamos conversar, mas, naquele momento, eu só queria olhar para ele e me certificar de que tudo aquilo era real e não um sonho louco. Maximus estava morto e nós estávamos livres de toda a sua maldade. Por quanto tempo sonhamos com algo assim? Eu nem sabia mais.

A porta do quarto se abriu e duas mulheres vestidas de branco entraram. Uma usava um jaleco e a outra um uniforme de enfermeira.

— Bom dia, Amber. Eu sou a Doutora Lauren Stuart e essa é a enfermeira Mary Gordon. Como você está se sentindo?

— Com muita dor no corpo e muita sede.

— Isso é comum. Você tem alguns hematomas pelo corpo e também está desidratada e com um leve quadro de desnutrição — ela disse, chegando perto de mim para checar meus reflexos, enquanto a enfermeira aferia a minha pressão arterial. — Também está abaixo do peso e com anemia, o que, no seu caso, é arriscado.

— E o bebê? Como está o meu bebê? — Aquela era a minha maior preocupação. Não comia bem há dias e havia passado por muito estresse.

— O seu bebê é forte, Amber. Está abaixo do peso, mas vai se recuperar junto com você. Vai ficar tudo bem — ela disse, me dando um sorriso. —

Mary vai te dar água e daqui a meia hora trará o seu café da manhã. Precisa se alimentar muito bem a partir de agora, para poder ficar saudável novamente, certo?

— Sim, vou fazer tudo direitinho.

Mary colocou um copo cheio d'água na minha frente, com um canudinho e pediu para que eu bebesse em pequenos goles. Era difícil me controlar, pois estava com muita sede, mas obedeci e bebi aos poucos, até terminar tudo. Logo depois, ela e a médica pediram licença depois de anotarem algo no meu prontuário e fiquei sozinha com Rage de novo. Ele parecia preocupado enquanto me olhava.

— Ouviu a médica? Vai ficar tudo bem — falei, pegando a sua mão para tranquilizá-lo.

Ele assentiu e apertou a minha mão.

— Eles fizeram vários exames em você ontem à noite e disseram que você não foi estuprada — ele disse, me pegando um pouco de surpresa. — Eles estão certos, não estão? Seja sincera comigo, Amy, por favor.

Senti meu coração ficar apertado no peito, mas decidi ser sincera, pois não queria mais nenhuma mentira entre nós dois.

— Ele tentou — falei, vendo-o trincar o maxilar. — Mas não conseguiu, Rage. Eu não deixei.

— Filho da puta! — Ele xingou, levantando-se com tanta raiva, que a poltrona chegou a ser empurrada para trás.

— Rage, eu...

— Desgraçado! Minha cabeça não parava de criar cenários horríveis do que poderia estar acontecendo com você e eu não conseguia parar de pensar se ele não vinha fazendo com você a mesma coisa que o Mestre fez comigo por tantos anos. E ele quase fez! — Falou com raiva, andando de um lado para o outro.

— Rage, por favor, me escute — pedi, mas ele não parou de andar de um lado para o outro. — Rage, olhe para mim. Olhe para mim!

Ele parou de andar e se virou, me dando um olhar consternado. Podia sentir como estava sofrendo com a possibilidade de eu ter sofrido o mesmo que ele.

— Eu enfiei a faca no peito dele — falei. — Foi por isso que o matei. Eu... Não planejei o matar realmente, eu peguei a faca e tentei acertar sua barriga, mas ele se deitou por cima de mim e acabei enfiando a faca em seu peito. Ele não conseguiu o que queria.

Rage ficou alguns segundos parado olhando para mim, sem demonstrar nada. Senti medo de que ainda estivesse com raiva, mas, um segundo depois, ele correu em minha direção e me abraçou com força, encostando minha cabeça em seu peito.

— Amy... Eu não queria que você tivesse passado por nada disso. Eu sinto muito.

— Eu sei disso, mas já acabou, Rage. Agora eu estou aqui, com você — falei, sentindo-o beijar a minha testa. Ficamos daquele jeito por minutos sem fim, até ele se afastar um pouco e se sentar na beirada da minha cama.

— Senti muito medo. Essas foram as piores semanas da minha vida — confidenciou, entrelaçando os nossos dedos. — Cheguei a pensar que não conseguiríamos te resgatar com vida, Amy, por mais que eu lutasse para não perder as esperanças.

— Também foram as piores semanas da minha vida, pois Peter me enganou. Ele lia notícias do jornal pelo celular e me falava que você não tinha sido encontrado, que a polícia estava a sua procura. Também me dizia que tinha certeza de que você ainda estava nas mãos do meu pai. Eu ficava desesperada, Rage, com muito medo, porque, ao mesmo tempo em que não queria acreditar no que ele me dizia, eu sabia que era possível. Sabia que, talvez, meu pai tivesse mesmo sumido com você.

— Não, eu fui resgatado no mesmo dia em que o Mestre te levou para me ver. Vocês saíram do quarto escuro e, pouco tempo depois, Hernandez chegou com a polícia. Eu ainda estava com muita raiva de você, Amy — ele disse baixinho, como se estivesse com vergonha. — E, por muito pouco, não fiz uma maldade com o Hernandez e coloquei tudo a perder. Me perdoe por isso, por favor, mas quando o vi ali, eu só consegui me lembrar que vocês dois tinham mentido e me enganado. Pensei que ele estava ali para fazer alguma maldade comigo, para me enganar de novo, mas ele foi com a polícia e me convenceu a confiar nele mais uma vez. Quando ele me disse que o Mestre tinha te sequestrado, eu não acreditei.

— Eu entendo você, Rage, eu realmente menti, mas não foi por maldade, eu juro. Eu tinha muito medo de contar que eu era filha daquele monstro e acabar afastando você. Se eu soubesse que tudo isso iria acontecer, eu teria arriscado e lhe falado a verdade.

— Agora eu entendo porque você mentiu, apesar de não concordar. Você deveria ter me falado a verdade quando eu perguntei quem você era, Amy — ele disse com os olhos brilhando com um resquício de mágoa. — Eu tinha que ter tido o direito de escolher se iria continuar a confiar em você ou não. No começo eu poderia mesmo te afastar, ficar com raiva, decepcionado, mas eu acho que, com o tempo, eu enxergaria a verdade em você. Porque, sem ter a raiva me cegando, eu consigo enxergar que você é muito diferente do Mestre, mesmo tendo o mesmo sangue que ele.

Sua consciência e maturidade me fizeram sentir muita vergonha por não ter confiado nele, por ter optado pelo caminho mais fácil, por ter mentido. Rage tinha razão em tudo o que estava me dizendo, eu tinha mesmo que ter dado a ele a opção de confiar em mim ou não com base na verdade, não na mentira.

— Eu sinto muito — murmurei cheia de vergonha, com um nó na garganta. — Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo diferente, eu juro, Rage. Principalmente porque sei que tudo isso que aconteceu foi culpa minha.

— Não, não foi culpa sua...

— Foi, sim. Meu pai usou a nossa história e inverteu tudo, inventou um monte de mentiras, fez com que você acreditasse que eu era como ele. Depois me sequestrou e me deixou nas mãos do Peter — falei. — Passamos por tudo isso por causa da minha mentira.

— Não, nós passamos por tudo isso por causa do Mestre e do Timothy — Rage falou. — Timothy nos usou como peças de um jogo para poder chegar à noite de ontem, Amy. Ele não se importou com os nossos sentimentos. Não vou ser injusto, eu agradeço a ele por ter me dado a chance de matar aquele monstro, mas o caminho que ele usou não justifica o fim. Foi como a frase que ouvi uma vez: “os fins não justificam os meios”.

Dessa vez, sua consciência e maturidade me cobriram de surpresa. Com um sorriso, puxei a sua mão para a minha boca e beijei várias vezes, sentindo meu coração bater mais de pressa.

— Você tem razão, eu não tinha pensado por esse lado — falei.

— Eu venho me consultando com uma psicóloga — ele disse, me surpreendendo. — No começo eu não quis, mas Hernandez me convenceu de que seria bom para mim. Ela me ajudou a não enlouquecer durante esse tempo que você ficou em cativeiro e também vem me ensinando muitas coisas.

— Rage, como estou feliz em ouvir isso! Você nem imagina — falei, me emocionando.

— Você deveria se consultar com ela também depois de tudo o que passou — ele disse, acariciando o meu rosto. — Eu quero que você fique bem, Amy. Quero que nós dois fiquemos bem.

— Nós vamos ficar.

— Só se você me perdoar — ele disse baixinho. Não entendi.

— Perdoar você? Pelo o quê?

— Por tudo o que falei para você no quarto escuro, por ter acreditado nas mentiras do Mestre e não em você. Era só olhar nos seus olhos e eu conseguiria ver a verdade, mas fiquei tão cego pela raiva, pelo sentimento de ter sido enganado, que eu não consegui. Se eu tivesse acreditado em você, eu teria pegado o Mestre de surpresa e o matado antes que ele percebesse, mas eu não acreditei.

Fiquei muito surpresa por ouvir tudo aquilo vindo dele. Como ele poderia acreditar que *eu* deveria o perdoar, quando tudo aquilo havia acontecido por causa da minha mentira?

— Rage, eu não tenho que te perdoar por nada. Maximus conseguiu inverter tudo muito bem, se eu estivesse no seu lugar, com certeza também teria acreditado nele.

— Isso não justifica o fato de eu ter visto o seu desespero, a sua dor, de ter ouvido você implorar e não ter acreditado. Eu acreditei nele, que era um monstro, que me maltratou por quase vinte anos, mas não acreditei em você, que sempre me tratou bem, que me amou, que me ensinou a ser o homem que eu sou hoje — falou, tomando as minhas mãos nas suas. — Por favor, Amy, me perdoe.

— Rage...

— Por favor — implorou.

— Claro que eu perdoo você — falei, apertando a sua mão. — Eu amo você, Rage. Amo muito você.

— Eu também amo muito você, Amy e amo muito o nosso filho — disse, tirando uma mão da minha para passar em minha barriga. — Eu prometo que serei o melhor pai do mundo, por mais que eu não saiba como é ser pai.

— Eu também não sei como é ser mãe — ri, fazendo-o rir junto comigo. — Mas vamos aprender juntos, Rage. Assim como aprendemos a nos amar.

— Vai dar tudo certo, não é?

— É claro que vai — falei, puxando-o pela mão para que se sentasse ao meu lado. Assim que ele se acomodou melhor na cama, corri para os seus braços e encostei minha cabeça em seu peito, sentindo suas mãos sobre a minha barriga. Ficar daquele jeito ao seu lado era a glória na Terra. — Como você está se sentindo depois de tudo o que aconteceu ontem?

— É como se um peso tivesse saído das minhas costas.

— Eu fiquei com muito medo de como você poderia se sentir depois de matar o meu pai. Sei que, na hora da raiva, parece que não sentiremos peso algum na consciência, mas as consequências só aparecem depois.

— A única coisa que sinto é alívio por ter acabado com a vida daquele monstro, por ter cumprido com a promessa que fiz a ele no dia em que me sequestrou — falou, puxando meu rosto para que eu pudesse olhar em seus olhos. — Não há culpa dentro de mim, Amy nem remorso. Eu sei que ele era seu pai, mas...

— Eu fui sincera com você, Rage, eu não me importo com ele. Maximus nunca foi um pai de verdade. O único homem que considero como meu pai, é o Hernandez. Por mim, Maximus pode e deve arder no fogo do inferno.

Ele ficou alguns segundos me olhando, enquanto acariciava o meu rosto com ternura.

— A única coisa que aquele homem fez de bom em toda a sua vida, foi ter ajudado a te trazer ao mundo, Amy. Agradeço a Deus por você não ter nada a ver com ele.

— Eu também — falei. — Tenho nojo de saber que o sangue dele corre em minhas veias, mas gosto de pensar que vim para esta Terra para fazer

justiça e que a minha missão era provar para mim mesma que, apesar de ser filha dele, nada tenho a ver com o seu caráter doentio.

— Realmente, não tem. Você é boa, Amy. É forte, gentil, altruísta — falou, repetindo a palavra que ensinei a ele meses atrás. — E eu te amo. Sei que jamais conseguiria amar alguém como aquele homem.

— Eu também te amo muito, Rage. Eu vou te amar para sempre.

— Eu também vou te amar para sempre — disse ele, encostando o rosto no meu. —Vamos ser felizes, não é?

— Sim, muito felizes



Tive alta dois dias depois e só quando saí do hospital foi que tive a real dimensão dos crimes do meu pai e, principalmente, do senador Colben. A frente do hospital estava tomada de jornalistas e a equipe de Nicholas precisou montar uma estratégia para que eu saísse sem chamar a atenção. Em um comunicado oficial, eles disseram à mídia que eu estava bem, apesar de abalada com o sequestro e que não daria entrevistas. Eu realmente não me imaginava falando qualquer coisa com os jornalistas.

Fui levada para o apartamento aonde Rage, Hernandez e John estavam morando nas últimas semanas e foi lá que tive acesso ao que realmente vinha acontecendo. A imprensa havia descoberto sobre a minha gravidez e sobre o meu romance com Rage e, apesar de nenhum de nós dois termos dado detalhes, eles especulavam e criavam cenários sobre como o nosso romance havia nascido. Era um prato cheio para o sensacionalismo que a filha do carrasco tivesse se envolvido com a vítima. Poucos jornais abordavam com seriedade o que havia entre nós dois.

Soube, também, que Harry havia sido preso no mesmo dia que fui sequestrada por meu pai. Os agentes do FBI o prenderam em casa e o

escândalo havia sido tão grande, que sua mãe se isolou da sociedade de Chicago e viajou para Paris. Era fácil se esconder do mundo quando se tinha dinheiro. Uma parte minha sentia vontade de ir lhe fazer uma visita e o confrontar, rir da sua cara, dar um chute no meio das suas pernas, mas resolvi que não valeria a pena. Mofar na cadeia e ter a certeza de que não sairia impune dos crimes que havia cometido eram castigos suficientes.

O senador Colben estava envolvido até o pescoço com exploração sexual infantil há mais de vinte anos, bem antes de entrar para a política. Ele financiava diversas redes de prostituição e, nos últimos anos, sequestrava crianças que entravam ilegalmente nos Estados Unidos, a maioria delas vindas da Síria.

Os crimes do meu pai eram apenas a pontinha frágil do *icebarg*. Apesar de ele ter em suas costas diversos crimes de pedofilia — o de Rage era o maior deles —, ele só havia entrado de cabeça nesse mundo quando se juntou ao senador e, juntos, abriram o La Blue, a casa noturna que era usada de fachada para poder abrigar os crimes cruéis que cometiam.

As crianças que foram resgatadas estavam sob a tutela do governo e a maioria não tinha pai ou mãe, pois eram imigrantes. Eu só conseguia imaginar o terror que aquelas crianças vivenciaram, tiveram que sair fugidas de seu país por conta da violência e da guerra, foram separadas de seus pais, que provavelmente tinham sido mortos pelo senador e, em seguida, caíram nas mãos de homens como Maximus Bloom.

Rapidamente, aquele se tornou o crime mais cruel já cometido contra crianças no mundo todo. O mundo inteiro estava choque, comovido de verdade, principalmente com a história de Rage, que teve amplo destaque internacional. Seu rosto, ainda criança, estampava milhares de jornais pelo mundo e a briga, agora, era para terem acesso a uma foto sua atualmente. Soube que, durante as semanas que estive em cativeiro, ele havia negado inúmeros convites para entrevistas e, mesmo assim, a mídia não parava de insistir.

Eu sabia como a imprensa era cruel quando queria, que dessecava até o fim o assunto mais discutido no momento, mas, pelo menos daquela vez, ele estavam fazendo um bom trabalho, expondo todos os crimes do senador e de inúmeros empresários que, assim como o meu pai, se juntaram a ele. Outros

políticos também foram presos por envolvimento, bem como alguns artistas. E a cada dia, um novo criminoso era pego. Ninguém estava saindo impune.

A morte de Maximus Bloom também chocou o mundo, não por pena, mas pela violência usada para o matar. Nicholas seguiu com o plano de Timothy e a mídia espalhou pelos quatro cantos a história do segurança traidor, que havia arquitetado um plano durante anos para vingar a morte de seu pequeno irmão. Timothy — que, na verdade, se chamava Duncan Layne — foi pintado como um herói.

Algumas semanas se passaram desde que saí do hospital e me recuperei completamente. Ainda estava alguns quilos abaixo do peso para uma mulher com uma gestação de quase dezessete semanas, mas estava me encaminhando para chegar ao peso ideal. Também comecei a me consultar com a mesma psicóloga que atendia Rage e entendi o porquê de ele se sentir à vontade com ela. A Doutora Grace Portman era uma mulher de cinquenta e quatro anos, com um sorriso simpático e ouvidos atentos, também tinha ótimos conselhos e vinha me ajudando muito a superar o trauma de ter sido sequestrada e tudo o que passei nas mãos de Peter.

Às vezes eu tinha pesadelos à noite, principalmente com o momento em que ele tentou me estuprar. Em alguns deles ele quase conseguia, em outros, eu sentia tanta raiva, que começava a o esfaquear. Acordava suada e tremendo, tendo palpitações e Rage me acalmava, respirava fundo junto comigo, me ajudava da forma que podia, depois, me abraçava e dizia que me amava até eu pegar no sono.

Ele havia feito aquilo na noite passada e, agora, deitada na cama, esperando-o sair do banho, eu sentia o meu peito inflar de amor. Se antes a nossa relação era de companheirismo e confiança, agora, era ainda melhor, sem mentiras entre nós dois e sem o peso da ameaça pairando sobre as nossas cabeças.

Rage saiu do banheiro com uma toalha enrolada na cintura e os cabelos molhados chegando aos ombros. A barba cobria o seu rosto, mas estava bem aparada e ele estava lindo morrer. Desde que eu havia voltado, ele vinha sendo muito cuidadoso comigo, só me beijando e acariciando, tratando-me como se eu fosse uma boneca de porcelana, por mais que eu insistisse para que fôssemos além. Eu podia sentir o seu desejo, a forma como ficava

excitado, mas depois de me fazer gozar com os dedos, ele corria para tomar um banho frio. Conversando com a Doutora Grace, chegamos à conclusão de que o fato de Peter ter quase me estuprado havia acendido nele um senso muito grande de proteção, ao ponto de achar que fazer amor comigo poderia, de certa forma, me machucar ou acender as memórias do que passei em cativeiro.

De certa forma, eu o entendia, pois lá atrás, quando começamos a nos envolver, também tivesse essa mesma sensação. Tinha muito medo de que o meu toque despertasse nele as lembranças, ou até mesmo as sensações, do que ele havia passado nas mãos do meu pai. Doutora Grace me aconselhou a sentar e conversar com ele e era isso que eu iria fazer naquela noite. Ele ficou de costas para mim e se vestiu com um short, deixando a toalha pendurada nas costas de uma cadeira. Quando terminou de se vestir, se virou para mim e eu não pude conter o meu olhar guloso sobre o seu peitoral.

Deus do céu, estava morta de saudade.

— O que foi? — Ele perguntou, sentando-se ao meu lado na cama.

— Temos que conversar — falei, tocando em seus cabelos úmidos. Ele franziu um pouco o cenho.

— Sobre o quê?

— Sobre nós dois.

Seus olhos se arregalaram.

— Eu fiz alguma coisa de errado?

— Não, claro que não, meu amor — sorri, indo para cima dele. Eu adorava me sentar em seu colo e sabia que ele também gostava, pois se aproveitava para me segurar pela bunda. — Você não fez nada de errado.

— Então, sobre o que quer conversar?

— Sobre o porquê de você se recusar a fazermos amor.

Vi a surpresa nos seus olhos por eu ter sido tão direta, mas, segundo a Doutora Grace, era melhor que eu não fizesse rodeios. Ele ficou alguns segundos em silêncio, até que disse baixinho:

— Tenho medo de machucar você.

— Me machucar? Mas você nunca me machucou antes, por que acha que

me machucaria agora?

— Porque, antes, você não tinha passado pelo trauma de quase ser estuprada — falou com sinceridade. — Eu sei como é ruim ter a sensação de que o seu corpo será violado. É uma lembrança que a gente não esquece nunca, só aprende a conviver com ela. Não quero que você se sinta assim, Amy, nunca mais.

Suas palavras e a forma como foram ditas fizeram o meu coração se apertar.

— Você se sentia assim quando fazíamos amor?

— Não. Claro que não! — Falou com decisão. — Eu nunca me senti mal ao ser tocado por você, muito menos quando fizemos amor.

— Eu também não vou me sentir mal ao fazer amor com você — falei. — Eu sei o medo que você está sentindo de despertar emoções e lembranças ruins em mim, pois foi o mesmo medo que senti quando começamos a ficar juntos. Eu temia que meu toque despertasse em você, as mesmas sensações que aquele monstro havia lhe causado no passado.

— Verdade?

— Sim. Mas, conforme fomos nos envolvendo, eu entendi que o que há entre nós dois é amor, Rage. E nada do que aconteceu antes vai conseguir se interpor entre esse sentimento — falei, tocando em seu rosto. — Eu amo você, eu confio em você, sei que você não é o Peter, assim como você sabe que eu não sou o Maximus e sei que, quando eu me deitar nessa cama e você vier para cima de mim, eu estarei com *você*, apenas com você. Assim como você sabia que era eu que estava contigo em todas as vezes que ficamos juntos.

Ele ofegou baixinho e vi como ficou emocionado com o que eu disse. Suas mãos lentamente subiram pelas minhas costas, até chegarem em minha nuca.

— Eu quero fazer amor com você — sussurrei quando nossos lábios quase se tocaram.

— Quer?

— Sim, muito. Você não quer?

— Amy, eu sempre quero fazer amor com você. Eu só estava com medo

de te machucar.

— Você nunca me machucaria — falei, lambendo seus lábios devagarzinho. — Nunca.

Ele acreditou em mim, pois me beijou com uma intensidade que fez o meu corpo pegar fogo. Minha mente se desligou de qualquer pensamento ruim, lembrança ou receio e focou apenas em Rage e no modo como ele me fazia sentir.

Nossas roupas foram parar no chão e seu corpo veio para cima do meu. Apesar de estar claramente excitado, com um desejo que deixava a cabeça do seu pau molhada, ele estava se contendo, sendo carinhoso ao me beijar, ao escorregar a mão pelo meu corpo e enfiar o dedo em minha vagina. O prazer era tão forte, que sentia que cada parte de mim estava viva, sedenta, pulsante.

Seus lábios tocaram os meus seios, sua língua se arrastou pela minha pele, seus beijos se espalharam pela minha barriga e eu fui ao céu quando sua boca tocou a minha boceta, sua língua rodeando o meu clitóris. Eu sabia que não podia gemer muito alto, pois o apartamento era pequeno e Hernandez e John poderiam ouvir, mas não consegui me controlar. Chamei por Rage de forma quase ensandecida, sentindo suas mãos pelo meu corpo e sua boca me sugando lá embaixo, deixando-me a ponto de gozar.

Quando sentiu que eu não estava mais conseguindo me controlar, ele subiu pelo meu corpo e beijou a minha boca, me fazendo sentir o meu gosto em seus lábios e língua. Abri as minhas pernas e minhas pálpebras tremeluziram quando a cabeça do seu pau se encostou em minha entrada. Esperei que ele entrasse com o meu coração pulsando a mil por hora, mas ele se afastou um pouco e perguntou ofegante:

— Amy... E o bebê?

— O que tem o bebê?

— A gente pode fazer amor com ele dentro de você? Não vai o machucar?

Achei a sua preocupação tão linda, que nem consegui me sentir frustrada por ter seu pau tão perto e tão longe de mim ao mesmo tempo.

— Não, nós não vamos machucá-lo.

— Tem certeza?

— Sim, confie em mim — falei, puxando seu rosto para perto do meu. —

Pode vir, Rage.

Ele me beijou e entrou em mim com cuidado, quase como a nossa primeira vez, mas quando foi até o fundo, deve ter sentido o mesmo prazer que eu, pois não se controlou mais e meteu com tudo. Jamais conseguiria colocar em palavras o que senti. Foi amor puro, verdadeiro, irracional, que me tirou de órbita e encheu o meu coração. Depois de tanto tempo, tanto medo, tanta dor e ameaças, finalmente estávamos livres para nos amarmos daquela maneira, sem barreiras e sem preocupações com mais nada além de nós dois.

Rage me tocou, me beijou, me amou e me fez gemer o seu nome em alto e bom som, até sentir que eu não aguentava mais e comecei a gozar. Ele me acompanhou, prendendo meu rosto entre as suas mãos, olhando bem fundo nos meus olhos e me chamando em meio a um gemido rouco, entrecortado, cheio de emoção. No final, com os nossos corações batendo juntos e no mesmo ritmo, ele sussurrou baixinho em meu ouvido.

— Eu amo você, Amy. Eu vou te amar para sempre.

Capítulo 47

Amber

Os próximos dias foram corridos.

As ações da empresa do meu pai despencaram completamente e seus sócios decretaram falência. Com a ajuda de Hernandez, contratei um advogado que era seu amigo e pedi para que ele declarasse que eu não queria nada que fosse do meu pai. Queria distância de seu dinheiro sujo. Ele me explicou que, como os bens de Maximus estavam bloqueados antes de ele morrer, a justiça usaria seu dinheiro para pagar as dívidas da empresa, os funcionários que foram demitidos e os impostos que meu pai vinha sonegando há muitos anos. De qualquer forma, seria muito difícil que eu tivesse acesso a qualquer um de seus bens, mas, mesmo se eu tivesse, não iria querer nada.

Eu tinha a herança da minha mãe, que vinha de uma família rica e muito conceituada. Meus avós, falecidos antes de eu nascer, tinham muitas posses e, apesar de o meu pai ter se aproveitado dessa fortuna quando se casou com a minha mãe, ela havia deixado uma quantia enorme para mim, que me sustentaria pelo resto da vida. Eu sabia que não precisaria trabalhar, a menos que eu quisesse, mas já estava começando a planejar o meu futuro, agora que era completamente livre para decidir sobre a minha própria vida.

Sem mais ameaças e com o processo contra o senador Colben encaminhado, Nicholas permitiu que tanto eu como Rage, Hernandez e John começássemos a planejar os nossos próximos passos. Todos nós teríamos proteção do governo, principalmente Rage, mas já estávamos livres para "caminharmos com as nossas próprias pernas". Sendo assim, comecei a conversar com Rage sobre o nosso futuro. Em breve teríamos o nosso filho e eu queria estar em uma casa só nossa quando esse momento chegasse.

Rage vinha desenhando muito e estava se abrindo cada dia mais com a ajuda da Doutora Grace, o que era ótimo. Na casa da montanha, quando conversávamos sobre o futuro, ele tinha muita insegurança e receio com o mundo exterior, o que era compreensível, mas, com a ajuda da doutora, ele

estava ficando mais forte e mais decidido, propenso a conhecer a vida que meu pai havia roubado de si.

Sentamo-nos juntos em frente ao laptop que Nicholas havia nos emprestado e começamos a pesquisar sobre casas. Não sabíamos ao certo o que queríamos, até Rage se virar para mim e falar com um certo brilho no olhar:

— Por que não moramos perto de uma praia?

— Você gosta de praia?

— Quando eu era criança, meu pai me levou na praia uma vez — ele disse. — Eu não me recordo muito bem do que fizemos juntos, eu era pequeno, mas lembro que fizemos uma viagem muito longa de carro, eu, ele e a minha mãe. Me lembro com mais nitidez da sensação da areia morna nos meus pés e da cor azul do mar.

Era muito difícil ver Rage tendo uma lembrança e estampando uma expressão saudosa no rosto ao mesmo tempo, pois, a maioria das suas recordações, eram tristes. Naquele momento, no entanto, ele estava se recordando de algo bom, de um tempo feliz. Tudo o que eu mais queria no mundo, era que ele só tivesse momentos felizes agora que estávamos livres.

— Podemos procurar uma casa perto da praia — falei, vendo seus olhos brilharem. — Vamos pesquisar... Hernandez já viajou para muitos lugares, tenho certeza de que ele poderá nos ajudar.

Chamei Hernandez e ele se sentou ao nosso lado, dando-nos dicas de cidades litorâneas. Haviam muitas, mas a maioria era badalada demais, com muitos hotéis, resorts e turismos, coisas que Rage e eu não queríamos. Claro que o nosso objetivo não era viver isolados do mundo, mas queríamos calma e tranquilidade naquele momento da nossa vida. Depois de tanta agitação, de tanto perigo, queríamos paz e sossego.

Hernandez, então, nos falou sobre Lake Bluff, uma vila que ficava no Condado de Lake, ali mesmo, em Illinois. Rage e eu começamos a pesquisar e eu me apaixonei completamente pelas fotos que vi na internet. Era um lugar calmo, com casas lindas e uma praia praticamente reservada para os moradores. Rage ficou encantado ao olhar as fotos, apontando para as casas mais bonitas que via.

Decidimos que era ali que iríamos morar. Era pouco mais de uma hora de distância de Chicago, ainda poderíamos nos consultar com a Doutora Grace e eu seria capaz de continuar a fazer o meu pré-natal com a Doutora Whitney Cole, com quem eu havia voltado a me consultar. Era o lugar perfeito.

— Eu posso procurar por algum corretor de imóveis local, se vocês quiserem — Hernandez disse.

— Por favor, faça isso. Ah, estou ansiosa! — falei, quase pulando no sofá. Rage riu ao meu lado e segurou a minha mão.

— Fique calma, não pode se estressar. Lembre-se do bebê — disse ele, cheio de cuidados.

— Bem óbvio que temos um papai babão aqui — Hernandez disse.

— Só me preocupo com a minha mulher e com o meu filho — Rage disse, dando um beijo na minha bochecha. — A doutora disse que Amy não pode ficar estressada.

Ele vinha me tratando com um cuidado ainda maior desde a minha última consulta com a Doutora Whitney. Ela ficou muito assustada com tudo o que havia acontecido comigo nas últimas semanas e me pediu uma bateria de exames, que, graças a Deus, haviam dado normais. Porém, apesar de estar me consultando com a psicóloga e de a minha saúde estar ótima, ela ainda tinha receio de que o estresse pós-traumático mexesse com a minha pressão arterial e, com isso, eu desenvolvesse pré-eclâmpsia.

Rage não entendeu quase nada do que ela nos disse, mas pediu explicação e ficou assustado ao descobrir o que "pré-eclâmpsia" queria dizer. A partir daquele momento, prometeu a doutora que eu não iria me estressar com nada e, agora, vinha me tratando como se eu fosse quebrar a qualquer momento. Era fofo, apesar de eu deixar claro que, às vezes, tanto cuidado era um pouco desnecessário. Eu estava bem, me *sentia* bem. As consultas com a Doutora Grace vinham me ajudando muito e a certeza de que não havia mais ameaças contra todos nós, também. Os pesadelos haviam diminuído e a nossa relação ficava mais forte a cada dia. Tinha certeza que nada mais poderia me abalar.

— Nosso bebê terá o melhor pai do mundo — falei, olhando para ele com todo o meu amor.

— Espero mesmo ser o melhor pai do mundo.

Hernandez riu baixinho ao ver como praticamente babamos um pelo outro e pareceu que ia nos falar mais alguma coisa, quando duas batidas na porta o interromperam. John colocou a cabeça entre a fresta.

— Nicholas está aqui na sala. Disse que precisa conversar com vocês.

Estranhando o fato de Nicholas ter ido ao nosso apartamento naquela hora da tarde, quando sabíamos que ele estava trabalhando, nos levantamos e deixamos a conversa sobre a nossa casa para outro momento. O encontramos na sala e ele nos olhou com o costumeiro semblante sério.

— Aconteceu alguma coisa? — Hernandez perguntou.

— Sim. Um advogado chamado Harlan Lane entrou em contato com o nosso departamento falando em nome de Sabrina O'Neal. Esse nome é conhecido para vocês?

Rage me olhou com os olhos arregalados e eu fiquei boquiaberta.

— Rage... É a sua tia — falei, em choque. — Sabrina O'Neal é a tia de Rage.

— Foi o que o advogado nos disse — Nicholas falou. — Ele nos forneceu inúmeros documentos que comprovam que Sabrina é irmã de Hillary Foster. Sua mãe, Rage.

— Sim. Sim, Sabrina é minha tia — Rage disse meio atordoado. — Eu... Eu tinha falado com Amy que procuraria por ela quando tudo isso terminasse.

— Mas ela te achou primeiro — falei, chamando a sua atenção. — Rage, se ela te achou, é porque esteve procurando por você.

— Harlan Lane disse que Sabrina procura por você há anos. Que nunca desistiu de te encontrar — Nicholas falou, fazendo meu coração ficar acelerado no peito. — Ela quer muito te ver, Rage.

— Meu Deus, Rage! — Apertei a sua mão na minha, muito animada. — Sua tia quer ver você, meu amor.

— Rage, eu deixei bem claro para Harlan Lane que esse encontro só iria acontecer se você quisesse. Também falei que precisa ser aqui, no departamento do FBI. É mais seguro — Nicholas disse.

— Você quer vê-la, rapaz? — Hernandez perguntou.

Ele nos deu um olhar chocado, como se a possibilidade de ver a tia o

deixasse assustado. Segurei a sua mão na minha e entrelacei os nossos dedos.

— Rage, se você não estiver se sentindo preparado, Nicholas pode conversar com a sua tia e explicar que esse não é um bom momento.

— Eu acho que quero vê-la — disse baixinho, apenas para que eu ouvisse.

— Tem certeza?

— Sim — falou um pouco mais alto, virando-se para Nicholas em seguida. — Eu quero vê-la.

— Está bem. Sabrina mora em Nova York, mas Harlan disse que ela está aqui em Chicago há alguns dias, hospedada em um hotel. Se quiser, podemos marcar o encontro para amanhã de manhã.

— Eu quero.

— Certo. Vou ligar para ele agora mesmo e combinar tudo — Nicholas disse, levantando-se do sofá. — Fico muito feliz que você tenha algum parente vivo, Rage. Eu mesmo iria me encarregar de fazer essa busca para você, mas, se sua tia chegou até nós, é porque realmente nunca desistiu de te encontrar.

Rage pareceu emocionado ao ouvir as palavras de Nicholas e apenas assentiu, virando-se para mim com os olhos brilhando com lágrimas rasas. Como sabia que palavras naquele momento eram dispensáveis, o puxei para mim e o abracei bem forte, sabendo que seu coração deveria estar dividido entre a ansiedade e o medo de, finalmente, estar cara a cara com alguém da sua família depois de tantos anos.

— Vai dar tudo certo, meu amor.



Naquela noite, depois de tomar um banho, encontrei Rage deitado em nossa cama, olhando fixamente para o teto. Ele parecia estar perdido em pensamentos e sabia que deveria estar imaginando sobre o encontro com sua

tia na manhã seguinte. Depois de passar um hidratante em meu corpo, deitei-me ao seu lado e apoiei meu rosto em seu peito, vendo seus olhos caírem sobre mim.

— Quer conversar?

Ele ficou alguns segundos em silêncio, seus dedos encontrando meu cabelo, até que falou baixinho:

— Tenho medo do que pode acontecer amanhã.

— Medo de quê?

— Não sei... De muita coisa. De não conseguir interagir com a minha tia, de desapontá-la de alguma forma. Ela leu os jornais, deve saber tudo o que aconteceu comigo durante esses anos... O que deve pensar de mim?

— Deve pensar que você é um homem forte, corajoso, que passou por coisas horríveis e, mesmo assim, está aqui, vivo e prestes a reconstruir a própria vida — falei, tocando em seu rosto. — Sei que deve estar assustado, mas não ache que ela pensará mal de você, Rage. Você foi vítima de muita crueldade, não foi o culpado.

— Hoje eu entendo que fui vítima de tudo aquilo, mas tenho medo de ela não entender.

— Rage, claro que ela vai entender. Não tem como pensar diferente, meu amor — falei, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Lembra do que Nicholas disse? Ela nunca parou de procurar por você. Ela veio *atrás* de você, Rage. Se fez tudo isso, é porque te ama e sente muito a sua falta.

— Eu não sei se a amo — falou com sinceridade.

— Isso é compreensível, você era apenas uma criança quando foi sequestrado e não a vê há mais de vinte anos. É por isso que vocês vão se conhecer de novo e construir uma relação. Nada vai acontecer de uma hora para a outra.

Ele assentiu e ficou alguns segundos em silêncio, como que refletindo sobre o que eu havia falado, até perguntar baixinho:

— E se ela deixar de me amar ao me conhecer? Eu não sou mais aquele menino com quem ela conviveu. Não quero desapontá-la, pois ela sempre procurou por mim, veio aqui só para me reencontrar.

— É impossível deixar de amar você, pelo contrário, Rage. Depois de te conhecer, ela vai te amar ainda mais — falei, ficando um pouco emocionada. — Não se preocupe com isso.

Ele acariciou o meu rosto antes de me puxar de leve pela nuca para que eu encostasse minha testa na dele. Senti seus lábios resvalarem sobre os meus.

— O que seria da minha vida sem você, Amy? — perguntou baixinho. — Todos os dias eu agradeço a Deus por Ele ter cruzado os nossos caminhos, pois sei que eu não estaria aqui, reconstruindo a minha vida, se não fosse por você.

— Ah, Rage... — murmurei toda emocionada, sem palavras. — Eu também não sei o que seria da minha vida sem você. Deus nos presenteou com o nosso amor e deve estar muito contente por ver que estamos assim, juntos e felizes.

— Vamos ser felizes para sempre — disse com suavidade antes de me beijar.

Enquanto sua língua se enroscava a minha e começávamos a nos amar, fechei os olhos e agradeci a Deus por ter reservado um espacinho em seu tempo para cuidar de nós dois, pois sabia que, sem Ele, nada do que estava acontecendo em nossas vidas seria possível.

Capítulo 48

Rage

Mal dormi à noite. A ansiedade me corroía, apesar de não estar tão preocupado como antes de conversar com Amy. Não conseguia parar de me perguntar o que iria acontecer quando eu me encontrasse com Sabrina, como ela iria reagir, como *eu* iria reagir. Será que iria me recordar de alguma coisa ao vê-la? Talvez alguma memória que estivesse presa no fundo da minha mente? No fundo, estava com muito medo de criar expectativa demais e acabar frustrado.

Assim que o dia amanheceu, me levantei e tomei um banho, preparando-me para o encontro que aconteceria dali a algumas horas. Arrumado, sentei-me na poltrona do quarto e fiquei intercalando o olhar entre Amy e a janela a minha frente. O dia estava bonito com a chegada da primavera e eu me sentia ansioso não só com o reencontro com a minha tia, mas também com o meu futuro. Amy e eu iríamos morar em uma casa perto da praia, em breve eu seria pai, formaríamos uma família.

Ela havia dito que eu não precisava me preocupar com dinheiro, pois era muito rica por conta da herança da sua mãe, mas eu sentia que precisava fazer alguma coisa, ganhar o meu próprio dinheiro, ser independente, como a Doutora Grace havia me falado. Ela vinha me ajudando a me encontrar em diversas questões e me tornar alguém independente era uma delas. Eu amava desenhar, então, ela me aconselhou a, talvez, estudar artes e me aperfeiçoar, mas não me sentia preparado para encarar os estudos ainda.

Amy, por outro lado, dizia que meus desenhos eram maravilhosos e que, talvez, eu pudesse os expor algum dia. Apesar dos meus desenhos serem partes de mim, pessoais demais, eu gostava da ideia de um dia eles estarem em algum lugar bem grande, sendo admirado por outras pessoas. Não sabia se estava preparado para que isso acontecesse agora, mas, quem sabe, algum dia da minha vida. Era uma ideia que eu gostava e que sentia que poderia dar

certo.

De qualquer modo, essas questões se tornavam pequenas perto do que a vida tinha me presenteado. Eu estava livre, amava uma mulher maravilhosa, tinha a sorte de ter o amor dela também e tinha um filho prestes a chegar. Um *filho*. Nunca, em todos os anos que fiquei preso sob o poder cruel do Mestre, eu imaginei que seria pai algum dia. Essa ideia era tão distante quanto a possibilidade de me envolver, amar e confiar em alguém. Mas havia acontecido. Em algum momento, Deus achou que eu era merecedor de algo tão especial e reservou para mim a oportunidade de formar uma família, de ser feliz e eu iria valorizar esse presente. Nada no mundo destruiria o que Amy e eu havíamos construído juntos.

Observei quando ela se mexeu na cama, procurando por mim e abrindo os olhos sonolentos ao não me encontrar. Demorou alguns segundos para poder despertar completamente e se sentou na cama com os cabelos bagunçados, o cenho meio franzido e a alça da camisola caída no ombro, revelando um mamilo para mim. Senti um arrepio passar pelo meu corpo ao ver o seu seio nu, maior agora por conta da gravidez. Seu corpo estava mudando para abrigar o nosso bebê e eu estava adorando apreciar tudo de pertinho. Amy me encontrou com o olhar e eu sorri, levantando-me da poltrona para poder me sentar ao seu lado na cama. Não levantei a alça da camisola, pois adorava observar cada detalhe do seu corpo.

— Bom dia — murmurei, esticando-me para passar o nariz pelo seu pescoço. Senti quando ficou toda arrepiada e sua risadinha alcançou o meu ouvido.

— Bom dia. Por que acordou tão cedo?

— Perdi o sono — falei, passando meu nariz pelo seu ombro para fazer a outra alça da camisola cair pelo seu braço. Afastei-me para poder ver os seus seios completamente nus para mim e senti meu pau sofrer um espasmo dentro da calça. Nem parecia que havíamos feito amor naquela madrugada.

— Poderia ter me acordado — ela disse, indo levantar a alça da camisola, mas não deixei. Segurei seu seio direito na minha mão e acariciei o mamilo com cuidado, porque ela havia me alertado que estava sensível demais para que eu apertasse como fazia antigamente. Vi como ofegou baixinho. — Rage...

— Quero você — falei, ficando completamente duro. Aproximei-me mais um pouco e afastei o lençol das suas pernas, passando minhas mãos pela sua coxa.

— Mas você vai encontrar com a sua tia daqui a pouco — falou, abrindo as pernas quando cheguei perto da sua boceta com os meus dedos. Sentia que ela queria ser racional, mas estava tão perdida de tesão quanto eu. — E você já está arrumado...

— Eu preciso de você antes de fazer qualquer outra coisa — falei, colocando a sua calcinha de lado. Ela estava começando a ficar molhada. — Por favor.

Eu estava ansioso e precisava de Amy para me acalmar. Precisava dela para tudo em minha vida. Ela soltou um gemido e me puxou pela gola da camisa, assaltando a minha boca em um beijo cheio de necessidade, gemendo entre os meus lábios quando empurrei um dedo para dentro do seu canal apertado. Suas mãos começaram a me despir e eu fiz o mesmo com ela, jogando a camisola e a calcinha para longe, comtemplando seu corpo nu, a barriga redonda com o nosso filho, os seios maiores e cheios de leite, a bocetinha molhada e toda minha.

A cada dia que passava, eu me sentia mais territorial sobre ela, tinha mais consciência de como Amy era maravilhosa e como eu era sortudo por tê-la ao meu lado, por ter o seu amor, por ter a oportunidade de amar o seu corpo. E como eu *adorava* o seu corpo. Podia passar horas e horas simplesmente o tocando, beijando, lambendo, sentindo seu cheiro, a delicadeza da pele. O venerava porque tinha sido ele a me ensinar que sexo não era dor, humilhação ou raiva. Sexo era amor, tesão e prazer. Ficava feliz e orgulhoso por saber que conseguia fazer com que Amy sentisse o mesmo que eu, pois ela me olhava com devoção, com amor, como se também não pudesse ficar muito tempo longe de mim.

Eu sabia que eu tinha traumas, que meu passado não seria apagado ou esquecido, que, às vezes, ele poderia me visitar em meio a um sonho ou a alguma situação que despertasse minhas lembranças. Tinha plena consciência de que o Mestre tinha marcado uma parte da minha alma. Mas estar com Amy, amá-la, confiar nela, me mostrava que eu poderia me reerguer a cada vez que o passado quisesse me derrubar. Eu poderia vencê-lo e eu iria. Eu

sempre iria vencer o meu passado e os traumas que vinham com ele.

Foi pensando nisso que, completamente nu, desci pelo corpo de Amy e a enlouqueci com a minha boca. Amava sentir o seu sabor, penetrá-la com a minha língua e dedos, rodear o seu clitóris — enfim eu havia aprendido o nome daquele nervo pulsante que fazia com que ela delirasse. Fazê-la gozar era sempre a melhor parte do sexo para mim, me dava alegria, prazer, me enlouquecia. Por isso, lambi sua bocetinha, suguei o clitóris para dentro dos meus lábios e mandei ver com os meus dedos bem fundo nela, ouvindo seus gemidos, a forma como se contorcia sobre a cama e agarrava os seios em meio ao prazer.

Quando senti que iria gozar, lambi seu clitóris com pressa, abri bem os lábios com os dedos de uma mão e continuei a meter os outros dedos dentro dela, até sentir seu orgasmo explodir. Ela gemeu até ficar sem voz, estremecendo, ficando ofegante e com o rosto vermelho, seus cabelos espalhados no travesseiro. Queria parar de chupá-la só para poder desenhar esse momento, capturá-lo para sempre em um pedaço de papel, mas guardei a imagem no fundo da minha mente para poder reproduzir depois. Quando senti que meu toque estava se tornando agonizante, subi com beijos pelo seu corpo, espalhei minhas mãos em sua barriga e a beijei na boca.

Ela gemeu baixinho e segurou meu pau entre as mãos, masturbando-me e me deixando louco. Senti quando colocou a cabeça em sua entrada, mas me afastei um pouco e olhei em seus olhos. Ela estava linda com as bochechas coradas, as pupilas dilatadas, os lábios entreabertos e inchados. Toquei neles com o meu polegar e ela o lambeu, fazendo meu pau pulsar.

— Quero entrar aqui — falei com a voz rouca. Ela pareceu não entender e franziu um pouco o cenho.

— Onde?

— Na sua boca.

Eu vinha fantasiando com isso há alguns dias. Não sei como e nem porque, mas a ideia de ser chupado por ela não me deixava agoniado como antes, com medo de acontecer o mesmo que havia acontecido na primeira vez. Talvez fossem as conversas que eu vinha tendo com a Doutora Grace, ou, como eu acreditava, o fato de não ter mais a possibilidade de o Mestre me tocar novamente e me machucar. Mas eu sentia que queria aquilo, *precisava*

daquilo. Necessitava vencer aquele trauma. Amy me olhou com os olhos arregalados.

— Rage... Você quer mesmo?

— Sim. Quer dizer, só se você quiser também.

— Eu quero. Eu sempre quis — disse ela, passando o polegar pela cabeça molhada do meu pau. Precisei agarrar o lençol com uma mão quando o prazer atacou o meu corpo. — Tem certeza?

— Sim.

Ela me deu um sorriso enorme antes de capturar os meus lábios e enfiar a língua na minha boca. Me perdi no seu beijo, no seu gosto, na sensação de estar tomado por ela e *apenas* por ela. Não havia espaço para mais nada ali, muito menos para o Mestre.

— Como você quer? Se quiser, pode ficar em pé e eu fico sentada na cama — disse ela em uma voz ofegante. Balancei a cabeça.

— Não, quero que você faça como fez da primeira vez.

— Tem certeza? Daquela vez, você acabou se lembrando do...

— *Shiu*, não fale nada — pedi, tocando seus lábios com os meus dedos. — Preciso que seja assim, Amy. Quero exatamente como da primeira vez.

— Está bem — ela sorriu e eu a beijei mais uma vez antes de sair de cima dela.

Deitei-me na cama e abri as pernas, vendo-a se ajoelhar entre elas sem demonstrar incômodo algum com a barriga. Seus seios tocaram as minhas coxas e eu gemi baixinho quando a vi ficar de quatro com a bunda para o alto e os cabelos espalhados pelas costas. Meu Deus, como podia ser tão linda? Senti um tesão tão forte, que meus quadris sofreram um espasmo, resvalando meu pau em sua boca.

— Desculpa — pedi, tentando me controlar. Amy sorriu e beijou a minha virilha.

— Se não se sentir bem, é só pedir para parar e eu paro, tá bom?

— Vou me sentir bem — garanti, pois eu já estava me sentindo bem, *muito* bem, apesar de estar tão excitado que doía.

Na primeira vez, bastou para que Amy ficasse nessa posição para que

memórias ruins me alcançassem e acabasse com tudo. Eu estava nervoso, não me sentia muito confiante sobre o que estava prestes a acontecer. Agora, era diferente, pois eu *queria* aquilo, eu desejava. Não tinha como dar errado. Olhar para Amy naquela posição, ver o meu pau em sua mão me encheu de tesão. Quando sua língua passou pela cabeça do meu pau, fiquei completamente enlouquecido. Só não joguei a cabeça para trás e gritei pelo seu nome, porque precisava ver aquilo. Precisava gravar aquela imagem em minha memória.

Amy me masturbou um pouco e me lambeu de novo, antes de fechar os lábios sobre a cabeça vermelha e sensível. Um arrepio percorreu o meu corpo e desceu diretamente em minhas bolas, deixando-me cego por alguns segundos. Quando voltei a enxergar, vi o momento em que ela desceu a boca e chupou com vontade até onde conseguia.

Foi como alcançar o céu. Só perdia para a sensação de estar dentro dela. Sua boca era quente, escorregadia, molhada, me sugava e não consegui me controlar quando senti sua língua em um lugar específico bem abaixo da cabeça. Gemi alto e agarrei seu cabelo com uma mão, apoiando meu corpo em um cotovelo para poder acompanhar tudo com o olhar. Sem querer, meti em sua boca e Amy gemeu, olhando-me com os lábios cheios pelo meu pau.

Que visão, meu Deus do céu!

— Amy... Não para... Porra! — Trinquei o maxilar quando ela chupou só a cabeça e masturbou a base.

Minhas pernas tremeram e ela me chupou com vontade, abocanhando o máximo que conseguiu antes de me lamber e levar a boca as minhas bolas. Precisei agarrar o lençol ao sentir seus lábios sugando uma bola e depois a outra, antes de subir e me abocanhar de novo. Senti que poderia gozar a qualquer momento e penetrei sua boca sem delicadeza, ficando maluco de tanto prazer.

— Amy... — Tentei avisar o que estava prestes a acontecer, mas senti minha voz falhar em um gemido rouco, sentindo seus movimentos ficarem mais rápidos.

Ela me sugou com fome e quando enfiou as mãos no meio das pernas para se tocar, não aguentei. Comecei a gozar com força em sua boca, enchendo-a com a minha porra. Os olhos dela se reviraram e vi que gozou junto comigo

pois seu corpo estremeceu e seu gemido soou abafado com o meu pau em sua boca. Segundos depois, ela deixou o meu pau e lambeu os lábios, recolhendo um pouco da minha porra que escorreu. Nunca vi nada tão erótico em toda a minha vida e a puxei para cima de mim com as mãos trêmulas e o meu pênis sofrendo espasmos.

— Meu Deus... — murmurei passando a mão pelos seus lábios vermelhos e muito inchados. — Amy...

Eu não tinha palavras, simples assim. Era como se eu ainda não tivesse voltado para o meu corpo. Amy sorriu e se acomodou com cuidado ao meu lado por conta da barriga. Não conseguia parar de olhar para a sua boca.

— Você gostou? — perguntou.

— Você ainda pergunta? Foi uma das melhores sensações da minha vida — falei com o coração acelerado. — Eu nem sei o que dizer.

— Eu também não. Depois daquela vez, pensei que nunca conseguiria fazer isso por você — disse ela, tocando em meu rosto.

— Daquela vez eu não estava preparado, Amy... Estava muito confuso com tudo, não entendia direito o meu corpo e as minhas emoções. Hoje, não. Hoje eu sou muito consciente sobre mim mesmo, sobre o que eu quero, sobre os meus limites... Hoje eu sei que posso lutar contra os demônios do meu passado e vencer todos eles.

— Você não precisa lutar sozinho. Vamos lutar juntos, sempre.

— Sim, eu sei que você nunca me deixaria sozinho. Nada disso seria possível sem você.

— Tem razão, porque só eu tenho o direito de colocar a boca aqui — disse ela, me dando um sorriso travesso ao colocar a mão sobre o meu pau. Não pude conter a minha risada.

— Sim, só você. Assim como só eu tenho o direito de colocar a boca sobre você. Em todos os lugares — falei baixinho no final, arrastando meus lábios sobre os dela. — Obrigado por tudo.

— Eu te amo.

— Eu também te amo. Muito.



Nicholas bateu em nosso apartamento minutos depois de Amy e eu tomarmos café da manhã com John e Hernandez. Ele havia separado uma sala para que minha tia e eu pudéssemos conversar e ela já estava a minha espera. Senti minhas mãos ficarem suadas quando me levantei do sofá e Amy perguntou baixinho ao meu lado:

— Quer que eu vá com você?

— Claro — falei, entrelaçando os nossos dedos. — Quero você ao meu lado, Amy. Sempre, em todos os momentos.

Ela me deu um sorriso emocionando e saímos juntos depois de John e Hernandez nos desejarem sorte. Nicholas nos levou até um outro prédio e parou em frente à uma porta de madeira escura.

— Vou deixá-los a sós. Qualquer coisa, é só me chamar.

Ele se afastou e eu respirei fundo, tocando na maçaneta e girando até a porta se abrir. Assim que entramos, vimos uma mulher de cabelos loiros virada para a janela. Ela se virou ao ouvir a porta se fechar e eu fiquei estático no lugar, olhando-a de cima a baixo. Por um momento, pensei estar vendo uma versão mais velha da minha mãe. A cor dos cabelos das duas era igual e os olhos também. Como era possível?

— Oh, meu Deus... — ela murmurou em choque, olhando-me com os olhos arregalados. Vi quando deu dois passos em minha direção e parou no meio do caminho. — Meu Deus, Rage...

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela não fez nada para contê-las quando começaram a molhar as suas bochechas. Amy apertou a minha mão, como se me desse força e eu dei um passo à frente junto com ela, dando mais outro e outro, até parar perto da mulher a minha frente. Minha *tia*. Eu ainda não conseguia acreditar que aquilo realmente estava acontecendo.

— Você... Meu Deus, você se tornou um homem lindo — disse ela com a

voz apertada, olhando-me de cima a baixo. — Está tão diferente! Mas seus olhos... Seus olhos continuam os mesmos. São idênticos aos da sua mãe.

— Os seus também — falei baixinho. Ela sorriu em meio as lágrimas.

— Sim. Apesar de eu ser três anos mais velha do que a sua mãe, muitas pessoas falavam que parecíamos gêmeas — ela disse, limpando as bochechas molhadas. — Eu... Me Desculpe, eu estou sem palavras. Acho que ainda estou em choque. E nem falei com você. Amber, não é? — Ela perguntou ao se virar para Amy e estender a mão.

— Isso mesmo, mas pode me chamar de Amy. E você é Sabrina — Amy respondeu, apertando a mão dela.

— Sim. Eu nem sei por onde começo a te agradecer, Amber. Acompanhei tudo pelos jornais, sei o que fez para salvar o meu sobrinho e aquelas crianças das mãos do seu pai — disse Sabrina, ficando emocionada de novo. — Me desculpem, eu estou muito emotiva. Sonho com esse momento há anos.

— Não se preocupe com isso — Amy respondeu. — Por que não nos sentamos?

Sabrina assentiu e nos acomodamos nos sofás que haviam na sala. Era como se minha tia não pudesse tirar os olhos de mim e eu me sentia da mesma forma sobre ela. Não sabia ao certo como agir, o que falar, mas não conseguia desviar o olhar.

— Rage, eu venho tentado entrar em contato com você desde o dia que esse caso explodiu na mídia e o seu nome foi citado, mas não consegui. Você era uma das principais vítimas e estava protegido até o limite. Fiquei muito ansiosa, quase morri de preocupação, mas meu advogado me aconselhou a esperar a poeira abaixar e deixar que os principais suspeitos fossem presos. Não imagina como fiquei durante esse tempo, foi a maior agonia que já passei na vida.

— Sinto muito — falei com sinceridade, principalmente porque sabia da sua existência e não quis procurá-la. Uma parte de mim achava que, talvez, ela não se importasse mais se eu estivesse vivo ou não, mesmo depois de Hernandez ter me dito que ela havia passado anos me procurando. Saber que havia sofrido tanto por minha causa me trazia uma sensação esquisita no peito. — As últimas semanas foram difíceis, mas depois que Amy voltou, tudo se acalmou.

Sabrina olhou para nós dois e deu um sorriso.

— Eu fico feliz que estejam juntos e fico mais feliz ainda pelo bebê — falou, olhando rapidamente para a barriga de Amy. — Acompanhar tudo de longe foi um martírio, mas saber que você não estava sozinho me aliviou muito, principalmente depois de saber os detalhes de tudo o que você passou. — Seus olhos ficaram cheios de lágrimas de novo e ela não conseguiu contê-las. — Eu nunca parei de procurar por você, Rage. Eu prometi no túmulo da sua mãe que não descansaria até te encontrar. Os anos foram passando, a imprensa pareceu se esquecer do seu caso, pois outros surgiram e a polícia, apesar de dizer que estava se esforçando ao máximo para te encontrar, acabou perdendo o interesse, mas eu não desisti. Contratei detetives, rodei várias cidades do país, lancei campanha na internet, até recompensa eu prometi para quem te achasse e me desse alguma informação concreta, mas nunca consegui nada. Parecia que você havia evaporado do mapa. Agora eu sei porque era praticamente impossível te achar. Eu sinto muito, sinto muito mesmo por não ter conseguido te salvar antes... Eu fiz de tudo, mas nunca consegui te encontrar.

Ela chorava muito agora, se sentindo muito culpada e eu olhei para Amy sem saber o que fazer. Vi como Amy estava emocionada também e senti um nó se formar em minha garganta ao perceber que durante anos, eu nunca estive sozinho de fato. Alguém se preocupou comigo, alguém *quis* me achar, mas nunca conseguiu. Sem saber ao certo o que dizer, me levantei e caminhei até a minha tia, sentando-me ao seu lado no sofá. Tomei suas mãos nas minhas e senti como estava gelada, como ela tremia.

— A culpa não foi sua — falei, sentindo seu aperto em minha mão. — O Mestre... O Maximus, ele me prendeu e nunca me deixou ver a luz do dia. Sei que era impossível me encontrar.

Ela assentiu e secou as lágrimas, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha em seguida.

— Algumas amigas me disseram para perder a esperança, porque muitos anos haviam se passado e eu não conseguia descobrir nada, mas nunca acreditei que você tivesse morrido, Rage. Sempre senti aqui dentro que você estava vivo — falou, apontando para o próprio peito. — E eu tinha certeza de que um dia eu iria te encontrar, que eu iria olhar para você e dizer que nunca

desisti. Você sempre foi como um filho para mim, era a criança mais doce e gentil que eu já havia conhecido, sempre me recebia com um sorriso e um abraço quando eu chegava na sua casa e me chamava para assistir filmes com você. Infelizmente, eu viajava muito por conta do trabalho, mas, sempre que podia, ia te visitar. Eu não sei se você se lembra de mim ou não, eu vou entender se não se lembrar, mas éramos muito próximos.

— Não tenho muitas memórias, mas, quando Amy me perguntou se eu tinha algum parente além dos meus pais, eu me lembrei de você — falei, vendo a sua surpresa.

— Verdade?

— Sim. Inclusive, eu iria te procurar depois que todos os culpados fossem presos e eu não corresse mais perigo, mas você me achou primeiro.

— Rage, quando vi seu nome e as suas fotos nos jornais, eu sequer pensei, corri atrás de você. Eu jamais ficaria de braços cruzados ao saber que você estava vivo.

— Eu fiquei com medo de você não querer saber de mim — falei com um pouco de vergonha. — Principalmente depois do que saiu nos jornais.

— Querido, você foi vítima daquele monstro! Quando soube de tudo o que você sofreu, a única coisa que quis, foi te encontrar, te dar um abraço e pedir perdão por não ter sido capaz de te salvar antes — falou com lágrimas nos olhos. — Eu só posso imaginar o que você sofreu. Não queria que nada disso tivesse acontecido, Rage.

— Posso imaginar como foi difícil para você — Amy disse, chamando a nossa atenção.

— Foi muito difícil. Durante esses anos, vivi para trabalhar e te procurar. Sua mãe tinha um acervo enorme de quadros... Não sei se você se lembra, mas ela era pintora.

— Sim, eu me lembro disso — falei.

— Então, eu e sua mãe sempre trabalhamos juntas. Eu sou curadora e levava os quadros dela para serem avaliados por especialistas em artes, pois sabia que ela tinha um talento enorme e merecia ser exposta em galerias de renome. O nome dela já estava circulando entre pessoas importantes, alguns quadros tinham sido vendidos para participar de algumas exposições, mas,

depois que ela foi assassinada, o interesse em seu trabalho duplicou. Aproveitei esse momento para expor os quadros dela, primeiro, porque ela tinha um dom sem igual e merecia ter o seu trabalho reconhecido e, segundo, porque pensei em você, Rage. Sabia que, quando te encontrasse, você precisaria ter uma expectativa de futuro. Abri uma conta especialmente para guardar o dinheiro dos quadros da sua mãe, e, finalmente, posso olhar nos seus olhos e dizer que esse dinheiro é seu.

Fiquei um pouco chocado ao ouvir tudo aquilo e olhei para Amy em busca de ajuda, pois não sabia o que dizer. Ela também parecia estar tão chocada quanto eu.

— Não... Esse dinheiro não é meu. Você teve o trabalho de cuidar dos quadros da minha mãe, esse dinheiro é seu — falei.

— Não, Rage, esse dinheiro é seu. Escute, eu cresci muito profissionalmente, hoje tenho uma grande galeria de artes em Nova York, muito conceituada. Sou rica. E você também é.

— Eu sou... Rico?

— Sim. Alguns quadros da sua mãe foram avaliados em milhões de dólares, Rage — ela disse. — E todo esse dinheiro eu guardei para você. Era isso que a sua mãe iria querer.

Não sabia o que dizer, acho que sequer conseguia pensar. Passei aquelas semanas imaginando o que faria para ser independente, para ter o meu próprio dinheiro e, agora, eu era rico. *Rico*. Era muita coisa para processar.

— Olha, eu sei que você não esperava ouvir nada disso, sei que estou enchendo você com um monte de informações, mas é porque sou ansiosa e quero falar tudo logo — ela riu um pouco. — Mas teremos tempo para conversar, para nos conhecermos melhor e, principalmente, para você conhecer todo o trabalho da sua mãe. Vai entender o porquê de ter tanto dinheiro quando puder olhar para um quadro dela. Sua mãe era uma artista única, Rage. Era muito talentosa.

— Eu tenho algumas lembranças dela pintando — falei. — E também me lembro que você trazia lápis para que eu pudesse desenhar.

— Sim! Meu Deus, sim, eu levava mesmo. Você adorava desenhar, era muito talentoso também, mesmo para um menino de tão pouca idade. Lembro

de pensar que você tinha puxado o talento da sua mãe.

— Eu ainda desenho — falei me sentindo um pouco tímido. — Não é uma obra de arte, mas desenho.

— Ele está sendo humilde. Rage desenha como ninguém, tem um talento maravilhoso — Amy disse com um sorriso. — Quando me disse que desenhava quando criança, tratei de arrumar lápis e papel e dar para ele. Nem consigo expressar o que senti ao ver os seus desenhos criarem formas.

Sabrina me olhou com um sorriso enorme e os olhos brilhando.

— Querido, que coisa maravilhosa! Meu Deus, sua mãe estaria tão orgulhosa!

Senti um aperto no peito e um frio na barriga.

— Você acha?

— Eu tenho certeza. Ela te amava muito, Rage. Você era o mundo dela — falou, ficando emocionada. — Tenho certeza de que ela nunca te deixou sozinho. Sempre esteve ao seu lado, querido.

— Eu também a amava muito. Ainda amo — falei.

Ficamos alguns minutos em silêncio, acho que ambos pensando em minha mãe e senti muita saudade e um pouco de vontade de chorar. Esperava que ela estivesse feliz por saber que, depois de tantos anos, minha tia e eu estávamos juntos outra vez.

— Obrigado por não ter desistido de mim — falei, quebrando o silêncio. — Sei que deve ter sido muito difícil passar esses anos a minha procura e nunca ter me encontrado.

— Eu nunca desistiria de você, Rage. E, agora que nos reencontramos, vai ter que se acostumar comigo em sua vida, pois não vou embora nem se me expulsar!

Não pude deixar de rir e Amy riu também, olhando para nós dois com emoção.

— Quero que fique, tia Sabrina — falei, apertando a sua mão.

— Ah, meu Deus! Como eu sonhei com esse momento — falou com um sorriso enorme. — Posso te dar um abraço?

— Pode.

Não hesitei quando ela me puxou para um abraço apertado e me surpreendi por ter me sentido tão bem. Nos braços de Amy eu me sentia em casa, mas nos braços de Sabrina, eu me senti acolhido, como se tivesse esperado muitos anos por isso. E havia mesmo. Havia esperado *vinte anos* por esse momento, mesmo que, conscientemente, eu não soubesse. Quando nos afastamos, nós dois chorávamos.

— Estou muito feliz, Rage. Você nem pode imaginar.

— Eu também, tia, Sabrina. Eu também.

Capítulo 49

Amber

CINCO MESES DEPOIS

— Não, Rage, um pouco mais para a esquerda... Hum... Espere um pouco. — Afastei-me um pouco mais para olhar melhor. — Um pouquinho mais para a direita... Isso! Isso, bem aí, não mexe mais!

— Está bem, não vou mexer — ele riu, descendo da escada.

Olhei novamente para o quadro na parede e constatei que estava perfeito, centralizado. Senti seus braços atrás de mim e me arrepiei com o seu beijo em meu pescoço.

— Ficou bom, não é? — perguntei.

— Sim, esse perfume ficou muito bom em você... — sussurrou em meu ouvido. Não pude deixar de rir.

— Estou falando do quadro na parede, seu safado!

Ele riu e lambeu o lóbulo da minha orelha.

— Sim, ficou muito bom. Eu o adorei aí.

Eu também tinha adorado. Era um quadro da sua mãe, que sua tia Sabrina havia nos dado de presente. Coincidentemente ou não, no quadro, Hillary havia pintado uma praia, com um menino correndo na areia branca. Gostava de pensar que ela havia retratado o Rage na primeira e última vez que o levaram a praia.

Eu havia decidido colocar o quadro na sala da nossa nova casa. Havíamos pegado as chaves há dois meses e, no começo, tínhamos apenas a cama como o único móvel. Era bom o bastante para a nossa primeira noite e não queríamos esperar um minuto a mais para nos mudarmos e começarmos a nossa nova vida. Agora, nossa casa estava se tornando um lar. Compramos sofás, fogão, geladeira, mesas e cadeiras, tudo o que tínhamos direito e cada cômodo estava preenchido com o nosso gosto, com o nosso amor.

Nossa casa era linda e nos apaixonamos por ela assim que a vimos. Ficava a poucos metros da praia, que era a primeira coisa que olhávamos quando abríamos as janelas do nosso quarto. Tinha quatro suítes, uma cozinha ampla, uma sala confortável e um jardim enorme, com uma piscina e uma árvore frondosa.

— Vou construir uma casa da árvore para o nosso filho bem ali — disse Rage assim que assinamos os papéis da casa, apontando para um galho grosso da árvore. — Acha que Hernandez vai me ajudar?

— Eu tenho certeza — sorri.

Hernandez acabou embarcando na nossa ideia e também comprou uma casa em Lake Bluff, a algumas quadras da nossa residência. Ele disse que estava mais do que na hora de se aposentar, apesar de afirmar que seria sempre o meu segurança. Era a sua forma de dizer que sempre estaria ao meu lado. Mesmo assim, voltei a insistir para que ele fosse investir em seu sonho de estudar gastronomia e podia sentir que ele estava começando a pensar em levar o meu conselho a sério.

Agora que estávamos em paz, eu queria que Hernandez desse mais atenção a si mesmo, a sua vida, aos seus sonhos. Queria que encontrasse alguém, que se apaixonasse e fosse feliz. Gostava até de pensar que esse "alguém" poderia ser uma pessoa que havia se tornado muito especial para mim. Sabrina também era solteira e, apesar de morar em Nova York, estava pensando em comprar uma casa pequena perto da nossa para quando viesse nos visitar, o que prometeu que iria fazer com mais frequência quando nosso bebê nascesse. Ela e Hernandez viviam conversando quando vinha para cá e haviam até mesmo trocado números de celular. Vi que ele ficava trocando mensagens com ela às vezes, o que me deixava animada e cheia de esperança.

Naquele meio tempo, enquanto curtíamos a nossa vida em família, o processo contra o senador Colben se desenrolava na justiça. Hernandez e John eram uma das testemunhas e precisavam ficar à disposição para prestarem mais depoimentos. John também havia saído do apartamento cedido pelo FBI e comprado uma casa no norte de Illinois. Ainda mantínhamos contato de vez em quando, mas não era como se fôssemos amigos de fato. Eu era muito grata a ele por ter nos ajudado quando mais precisamos, mas sentia que, quando o processo tivesse acabado, nossas vidas

se separariam para sempre. O que era bom, pois queria deixar qualquer coisa daquele passado tenebroso para trás.

Ouvi o toque da campainha e despertei dos meus pensamentos, sentindo Rage me dar um beijo nos lábios antes de se afastar.

— Deve ser o entregador. A loja ligou confirmando a entrega do berço — disse ele ao se encaminhar para a porta.

Berço. Ai, meu Deus! Fiquei com o coração na boca quando o entregador chegou e o montador se apresentou. Rage os acompanhou até o quarto que havíamos escolhido para o nosso bebê e eu fiquei toda boba ao ver o bercinho tomando forma. Faltava muito pouco para terminarmos de decorar o quarto. Rage fez questão de decorar tudo, pintou as paredes de branco, desenhou nuvens, o sol e uma árvore. No centro, escreveu o nome do nosso filho em um tom azul-claro.

Ian.

Assim que descobrimos que teríamos um menino, quando completei vinte semanas de gravidez — o bebê não queria de jeito nenhum que descobríssemos o seu sexo —, Rage e eu começamos a pensar em um nome. Não chegamos à conclusão nenhuma e partimos para a internet — Rage estava encantado com a internet e com a facilidade que era achar tudo pela tela do computador, sendo assim, ele tinha certeza de que encontraríamos o nome perfeito para o nosso filho. E não estava errado. Depois de muito procurar, encontramos Ian, um nome de origem escocesa, que significava "presente de Deus". Soubemos naquele momento que Ian seria o nome do nosso filho, pois Deus havia mesmo nos presenteado com ele. Ian era o resultado nosso amor.

O montador terminou de montar o berço e Rage o ajudou a posicionar a cama do nosso bebê no lugar que eu havia escolhido. Com tudo pronto, ele o acompanhou até a porta e eu fiquei namorando o quarto, os móveis, os brinquedinhos que havia comprado e ganhado de Hernandez e Sabrina, as roupinhas dentro do guarda-roupa. Estava tudo perfeito e eu estava morrendo de ansiedade. Estava com 38 semanas de gestação e Ian poderia chegar a qualquer momento.

— Amor? — Rage me chamou e eu me virei no momento em que entrou no quarto. — Está sentindo alguma coisa?

Nem preciso falar que seu cuidado comigo agora estava redobrado. Eu não podia respirar um pouco mais forte e ele já achava que eu estava prestes a parir e o pior, ele havia feito com que Hernandez também entrasse em sua paranoica. No fundo, era a coisa mais fofa que eu já havia visto no mundo todo.

— Eu estou bem, só estou encantada com o quarto do nosso filho — falei, sentindo seus braços ao redor da minha cintura. Era difícil me abraçar agora, com a barriga enorme entre nós dois, mas, mesmo assim, era muito gostoso estar em seus braços. — Está ansioso para a chegada dele?

— Muito. E preocupado também. Tem certeza de que não quer fazer uma cesariana? Estou com medo de você sentir muita dor.

— Não, eu quero que o nosso filho venha no tempo dele, quando estiver preparado. E eu não me preocupo com a dor.

— Mas eu vi uns vídeos na internet e...

— Rage, eu falei para não assistir àqueles vídeos — ri um pouco, o interrompendo. — Alguns partos podem ser assustadores, apesar de eu achar que todos são lindos.

— Não quero que o seu seja assustador.

— Não será. Não se preocupe com isso.

— Está bem. Promete que vai me falar se sentir alguma coisa? Qualquer coisa mesmo? — perguntou pela sexta vez naquele dia.

— Eu prometo — falei, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Pensou na proposta da sua tia?

Sabrina havia ido embora ontem à tarde, mas, antes que Hernandez pudesse levá-la ao aeroporto, Rage a chamou e finalmente mostrou os seus desenhos a ela. Podia sentir como ele era inseguro com a própria arte — apesar de ser nítido o seu talento — e que sentia um pouco de vergonha de mostrá-los para sua tia, mas depois de ela muito insistir, e eu também, ele resolveu que tinha chegado a hora de ela ver. Sabrina ficou encantada, emocionada e disse que seus desenhos dariam uma linda exposição.

Sabia que ela estava certa. Seus desenhos eram realistas, mas também sombrios, instigavam quem quer que estivesse vendo. Alguns eram imagens minhas em uma forma mais abstrata, outros eram imagens de um menininho

calado, com o olhar triste e assustado. Alguns não tinham ninguém, eram apenas imagens soltas, mas que se conectavam. Ele não mostrou a ela os desenhos nus que havia feito de mim, pois disse que eram íntimos e só nossos.

Ela insistiu para que ele expusesse e ele prometeu que iria pensar, mas parecia indeciso. Amava desenhar, era algo que ele poderia ficar fazendo durante horas, sem se cansar e eu adorava ver a sua paixão. Queria que ele mostrasse ao mundo, mas apenas se sentisse essa mesma vontade.

— Eu ainda não sei se quero expor — disse ele. — O que você acha?

— Eu acho que, por mais que o seu talento tenha que ser exposto para o mundo, você tem que fazer o que o seu coração mandar.

— Meu coração está pedindo para esperar.

— Então, espere. Sua tia vai entender.

— Ela é muito boa para mim. Ainda não acredito que guardou todo aquele dinheiro e me deu... Sei que já se passaram alguns meses desde que abrimos a conta no banco, mas eu ainda acho difícil de acreditar.

— Meu amor, pela lei, aquele dinheiro tinha que ser seu, pois você é o único filho da sua mãe, único herdeiro direto. Mas a sua tia não fez isso por causa da lei e, sim, porque sabia que, quando você voltasse, teria esse dinheiro para recomeçar a sua vida.

— É tanto dinheiro, que acho que vai dar para o Ian bancar os bisnetos dele — ele riu, me fazendo rir também.

— Sim, Ian vai ter bastante dinheiro quando crescer, mas vamos educá-lo para ser honesto, leal e justo com todos. O dinheiro pode destruir muitas vidas, nós sabemos muito bem disso.

— Verdade. Acho que vamos fazer isso direito, não é, Amy?

— Isso o quê?

— Educar o nosso filho — falou, tocando a minha barriga. Ian se mexeu lá dentro, como se soubesse que era a pauta da nossa conversa. — No começo, eu tinha muito medo de não saber o que fazer e estragar tudo, mas, agora, eu acho que vou conseguir. Que nós dois vamos conseguir.

— Sim, nós vamos conseguir. Eu nunca tive dúvidas disso. Vai dar tudo certo, meu amor.

— Já deu tudo certo. — Ele sorriu antes de me beijar.



Ian chegou uma semana mais tarde, depois de cinco horas de parto. Comecei a sentir as dores de madrugada e, quando me levantei na cama de manhã, a bolsa estourou. Rage ficou nervoso, ligou correndo para Hernandez e os dois me levaram para o hospital.

Rage ficou ao meu lado durante todo o momento, me dando a mão, secando a minha testa, beijando os meus lábios, me passando força, mesmo quando eu dizia que estava tudo bem — por mais que a dor fosse insuportável. Por diversas vezes ele pediu para que eu reconsiderasse e fizesse a cesariana, mas eu não quis. Eu queria que o meu filho viesse no momento escolhido por ele, da forma escolhida por ele. Quando, finalmente, ouvi o seu choro estrondoso e olhei para ele nos braços de Rage, senti que tudo havia valido a pena. Exatamente tudo.

Às vezes, a dor e o sofrimento podem fazer parte da nossa vida de uma forma tão intensa, que chegamos a pensar que nunca mais seremos felizes. Mas, então, o amor vem com uma força tão poderosa, tão avassaladora, que destrói qualquer semente do mal. Ver o meu filho nos braços do homem que eu amava era a prova da força daquele amor. Do meu amor por Rage, do seu amor por mim e do amor de Deus por nós dois.

— Ele é lindo, Amy — Rage disse ao se aproximar de mim com Ian em seus braços. Ele chorava sem vergonha alguma enquanto sorria. — Olha só. Olha como ele é lindo.

Peguei Ian em meus braços e olhei para o seu rostinho corado. Ele não chorava mais e tinha os olhos abertos. Pude ver que seus olhos eram azuis.

— Ele tem os seus olhos — falei, olhando para ele.

— E o seu nariz — Rage falou. — Ele não é lindo?

— É a coisa mais linda que já vi na minha vida — falei toda emocionada.

— E nós dois que o fizemos, Amy. Como isso é possível? Não parece real.

Sorri em meio as lágrimas e vi quando acariciou a cabecinha de Ian com delicadeza.

— Nós o fizemos porque nos amamos, Rage. Ele é o nosso presente.

— Sim. Nosso presente enviado por Deus.

Horas mais tarde, terminei de amamentar Ian e vi Hernandez entrar devagarzinho no quarto. Ele sorriu de orelha a orelha ao ver o bebê em meu colo e Rage aproveitou aquele momento para ir comer alguma coisa. Sozinhos, Hernandez ninou Ian e me olhou com um sorriso bobo.

— Ele é muito lindo, Amy — falou baixinho, cheio de medo de acordar o neném.

— É, sim. Daqui a pouco estará te chamando de vovô.

— Estará mesmo, pois o tempo passa rápido. Parece que foi ontem que peguei você em meu colo — disse me olhando com ternura. — Você era um bebê lindo também.

— Eu sei que o sangue não quer dizer nada, mas queria muito que você fosse o meu pai de verdade — falei, vendo como ficou emocionado. — Tem certeza que você e minha mãe nunca tiveram nada e, por acidente, você não a engravidou?

Era apenas uma brincadeira, mas eu torcia para que tivesse um fundo de verdade. Sempre suspeitei que Hernandez fosse apaixonado pela minha mãe. E se, por um acaso, eles não tivessem se envolvido em algum momento antes de ela engravidar de mim? Eu sabia que seria possível, já que Maximus vivia viajando.

— Eu sempre amei a sua mãe, Amy, desde o primeiro dia que a vi — Hernandez disse. — Comecei a trabalhar como segurança da equipe pessoal do seu pai uns dois anos antes de você nascer e ficava muito indignado com a forma como ele a tratava. Nunca a agrediu fisicamente ou algo do tipo, mas ele era estúpido demais, ignorante... Bem, você o conhecia, sabia como ele era. Uma parte minha quis interferir diversas vezes, mas sempre soube que seu pai era mais perigoso do que se mostrava ser, por isso, resolvi ganhar a

confiança da sua mãe. Nos tornamos amigos de verdade, ela parecia sentir o mesmo que eu, mas nunca me deu brechas e eu nunca a desrespeitei. Não tivemos nada, Amy, juro a você.

— Não precisa jurar, eu confio na sua palavra.

Com cuidado, ele colocou Ian no bercinho e se sentou na poltrona ao lado da minha cama. Segurando a minha mão, ele disse:

— Se, por um acaso, sua mãe e eu tivéssemos tido um caso e eu suspeitasse que você era minha filha de sangue, eu teria tirado você das garras de Maximus há muito tempo. Jamais permitiria que ele te criasse como filha, que você carregasse o nome dele, se fosse minha. Você não é minha filha, não de sangue, pelo menos, mas no meu coração você sempre foi, desde o dia em que nasceu — falou, deixando algumas lágrimas escaparem de seus olhos. Também comecei a chorar. — O sangue não quer dizer nada, Amy, nunca quis dizer nada. Você pode não ter vindo de mim, mas veio *para* mim no momento em que te vi pela primeira vez. Nada no mundo poderá mudar isso.

— Você também sempre foi o meu pai em meu coração. O único pai que eu tive, o único que eu poderia sonhar em ter. Tenho muito orgulho por ter tido você ao meu lado e terei ainda mais de ensinar o meu filho a te chamar de avô. Eu te amo muito, Hernandez. Tanto que você nem pode imaginar.

— Você que não pode imaginar o tanto que eu te amo, menina e como me orgulho de você — falou, inclinando-se para secar as minhas lágrimas. — Agora, chega de chorar. Quero que você seja feliz.

— Eu já sou. Quero que você seja muito feliz também.

— E eu sou, Amy. Sou muito feliz.

— Pode ser ainda mais e sabe disso — falei, vendo-o sorrir.

— Você não desiste mesmo, não é?

— Só agora que você percebeu isso?

Começamos a rir juntos e Rage voltou, me olhando com toda aquela intensidade que me tirava o fôlego. Logo começou a conversar com Hernandez e quando Ian chorou, um pouco mais tarde, ele o pegou e o colocou em meu colo, ajudando-me a amamentá-lo. Enquanto alimentava o meu filho, olhei para Rage e Hernandez, sentindo-me completa e muito feliz

ao lado dos três homens da minha vida.

Epílogo

Rage

CINCO ANOS DEPOIS

— Está nervoso? — Amy perguntou, ajeitando a minha gravata.

— Um pouco. Você acha que terá muita gente?

— Sim. E fotógrafos também, jornalistas — falou. — Mas vai dar tudo certo, meu amor.

— Claro que vai, pois você estará comigo.

— Eu sempre estarei com você.

Ela sorriu e eu a puxei para beijá-la, ouvindo o barulho da TV sendo ligada um segundo depois. Rindo, Amy se afastou e eu encontrei Ian em cima da cama, segurando controle remoto e apertando todos os botões. Aproximei-me dele e o peguei em meu colo.

— Ian, o que falei sobre não ligar a TV?

— Papai, quero ver desenho — falou, olhando-me com aqueles olhos enormes e azuis. — Por favor.

Ele sabia que eu nunca resistia ao seu “por favor”. Mesmo com quatro anos, o menino me tinha nas palmas das suas mãos. Mesmo assim, neguei e tirei o controle da sua mão.

— Agora, não. Vamos sair, esqueceu?

— Vamos na praia?

Seus olhos quase brilharam e eu sorri, beijando a sua testa.

— Não, filho. Estamos longe da praia agora, mas prometo que, quando voltarmos para casa, vou te levar para nadar no mar, tudo bem?

— Tá bom, papai — falou, encontrando logo algo para colocar as mãos. Dessa vez, foi a gravata em meu pescoço. Amy veio quase correndo e o tirou

dos meus braços.

— Nada disso, mocinho, acabei de arrumar a gravata do seu pai. Sabe quanto tempo demorei para fazer esse nó? — Amy disse, rindo baixinho. — Estou pronta, vamos?

— Sim, vamos.

Saímos juntos e eu tomei Ian de seus braços para que Amy não amassasse o vestido ao entrar no carro. O motorista nos deu boa noite e começou a dirigir pelas ruas movimentadas de Nova York. Já tinha vindo a essa cidade umas duas vezes desde o nascimento de Ian, mas nunca me acostumava com tanta gente junta, tantas luzes e tanto barulho. Era por isso que amava a minha casa, era calma, sossegada e, de noite, dava para ver o brilho das estrelas.

Amy entrelaçou nossos dedos e Ian deitou a cabeça em meu ombro, um tanto sonolento, mas acabou despertando quando o carro parou e o motorista abriu a porta. Assim que saímos, Sabrina nos encontrou com mais uma moça de sua equipe.

— Meu Deus, vocês estão lindos! Ah, Ian, vem dar um beijo na titia — pediu e Ian se jogou em seus braços em meio a uma risada. Ele amava a Sabrina. — Que saudade, garotão! Você está lindo.

— A mamãe disse que estou usando roupa de homem adulto, que nem o meu pai — falou.

— E está mesmo. Você é um homenzinho.

— Um dia eu vou ser um *homenzão* que nem o meu pai e o vovô Hernandez, não é, tia Sabrina?

— Vai sim, meu amor. E vai ser lindo que nem eles dois — falou ela, ficando vermelha ao dar um elogio a Hernandez. Mesmo que tivessem começado a namorar há pouco mais de um ano, que morassem juntos a poucas quadras da minha casa — pois, agora, ela só vinha para Nova York quando precisava cuidar de uma exposição muito importante — ela ainda ficava envergonhada. — Estão prontos?

— Sim, estamos — falei com confiança, pegando Ian novamente em meus braços.

— Então, vamos lá.

Com um sorriso, Sabrina nos pediu para acompanhá-la e eu senti meu coração bater forte no peito. Finalmente, depois de quatro anos, senti que era o momento certo para que os meus desenhos ganhassem o mundo e aceitei os expor em sua galeria de artes. No começo, planejei usar um pseudônimo e não ir à exposição, pois, desde que fui resgatado das mãos do Mestre, não aceitei que me fotografassem, muito menos dei entrevistas. Queria ser invisível ao mundo no momento em que a minha história estava na boca de todos. No entanto, duas coisas me fizeram mudar de ideia.

A primeira foi Amy. Ela não tentou me convencer a me expor, pelo contrário, me apoiou totalmente quando pensei em usar um pseudônimo, mas senti que eu precisava fazer isso por ela, por mim e por todas as crianças que Amy vinha ajudando ao longo dos anos. Depois de dar luz ao Ian, ela começou a pensar em seu futuro e decidiu que não iria desperdiçar a sua vida cuidando apenas de si mesma e de suas prioridades, quando sabia que milhares de crianças sofriam no mundo. Por isso, ela se formou em Psicologia e criou a Fundação Esperança, uma organização não-governamental que apoiava e dava suporte para crianças em situação de vulnerabilidade, pobreza extrema e abusadas sexualmente.

Sentia tanto orgulho daquela mulher, que quase não cabia em mim. A ajudava na ONG com tudo o que ela precisava e adorava dar aulas de desenhos para as crianças. Aproveitei aquele tempo para voltar a estudar e, por mais que não tivesse pretensão cursar uma faculdade, sentia que era importante pelo menos concluir a fase básica de estudos. Agora eu tinha um diploma de Ensino Médio e dividia o meu tempo entre cuidar do meu filho, da minha esposa e da ONG e desenhar.

A ONG foi o segundo motivo para me fazer mudar de ideia e não usar um pseudônimo ou me esconder. Amy havia me dado coragem através da sua força e a ONG havia me incentivado a usar a curiosidade que o mundo ainda tinha sobre mim, para poder divulgá-la, pois a venda de cada desenho iria diretamente para a ONG, que, apesar de receber apoio de empresas privadas e de Amy e eu tirarmos dinheiro do nosso próprio bolso para mantê-la, ainda precisava de mais. A crianças *sempre* precisariam de mais.

Passei a mão pelos meus cabelos e senti a mão de Amy sobre o meu braço.

— Eu te amo e tenho muito orgulho de você.

Nem sabia que precisava ouvir aquelas palavras naquele momento, mas Amy parecia saber tudo o que eu necessitava, mesmo que eu não soubesse. Sorri e me inclinei para beijá-la, sentindo Ian se remexer em meu colo.

— Eca! — Disse ele, me fazendo rir baixinho.

— Eu também te amo e tenho muito orgulho de você.

Entrelaçamos os nossos dedos e Sabrina fez um sinal para que as portas se abrissem. Entramos em sua galeria, que estava lotada e senti inúmeros flashes em minha cara, ficando um pouco assustado, mas consegui me controlar. As pessoas começaram a bater palmas e Sabrina as acalmou minutos depois. Com cuidado, passei Ian para os braços de Amy e a vi se afastar, enquanto minha tia me levava para o pequeno palco que havia montado para que eu pudesse discursar.

Eu iria *discursar* na frente de várias pessoas. Ainda era meio surreal. Limpei a garganta e o ouvi as pessoas se calarem até a galeria ser tomada pelo silêncio.

— Boa noite. Meu nome é Rage Foster e hoje estou aqui para falar em nome de milhares de crianças que têm as suas vozes caladas e as infâncias destruídas por adultos que deveriam saber que elas precisam apenas de proteção e cuidado, não de dor e sofrimento. A exploração e o abuso sexual de crianças e adolescentes são problemas graves, que atingem o mundo e que, por muitas vezes, são negligenciados. Sei que sabem da minha história e é justamente por isso que estou aqui, senhoras e senhores, para falar com todos vocês. Há cinco anos, fui libertado das garras de um homem que me manteve em cárcere privado por quase duas décadas. Fui sequestrado aos dez anos de idade e, em suas mãos, fui agredido, abusado e explorado sexualmente. Como uma criança, me senti sozinho e indefeso, acuado e apavorado. Hoje, como adulto, entendo que tive sorte de não ter morrido e de ter encontrado amor nos braços da mulher da minha vida.

“Mas sei que muitas crianças não têm a sorte que eu tive e, quando finalmente conseguem a liberdade, ainda precisam enfrentar um longo caminho para, talvez, se recuperarem e terem uma vida digna. Hoje, ao lado da minha esposa, cuido de uma ONG chamada Fundação Esperança, onde damos apoio e suporte a crianças que passaram por diversos tipos de

situações, inclusive como a minha. E o valor total de cada quadro vendido será revertido para a Fundação Esperança, pois, o nosso objetivo, é expandir a ONG e ajudar crianças no mundo todo. Por isso, peço a ajuda de todos essa noite e imploro para que olhem com mais cuidado para as nossas crianças, pois o abuso sexual é silencioso, mas causa traumas e fissuras na alma que serão carregadas pelo resto da vida."

Quando terminei, a galeria foi tomada por palmas novamente, ao ponto de eu me sentir surdo para o resto mundo. Muito tímido, acenei para todas as pessoas e desci do palco pequeno, encontrando Amy pelo caminho. Ian não estava com ela, mas logo o vi no colo de Hernandez, a alguns metros à minha frente. Fiquei orgulhoso de ver como ele ficava contente no colo do avô, que agora era formado em gastronomia e tinha aberto um restaurante pequeno em Chicago.

— Meu amor, estou tão orgulhosa de você! — Amy disse, tomando meu rosto em suas mãos. — Sabrina me disse que oitenta por cento do acervo já foi vendido.

— Como assim? A exposição começou tem menos de uma hora.

— Sim e já é um sucesso — falou, me dando um sorriso. — Obrigada por isso. Pela sua força, pela sua coragem de se expor desse jeito para ajudar a nossa causa.

— Não, Amy, obrigado pela *sua* força, pela *sua* coragem, pois sei que se lá atrás, você não tivesse tido coragem de enfrentar o seu pai, eu provavelmente não estaria aqui nesta noite. Eu não estaria vivendo essa vida maravilhosa ao seu lado, ao lado do nosso filho e da nossa filha que está por vir — falei, descendo a mão pela sua barriga inchada. — Nada disso seria possível se não fosse por você.

— Se não fosse por nós dois. — Ela me corrigiu, emocionada. — Eu te amo muito, Rage.

— Eu também te amo muito, Amy. Vou te amar para sempre.

[i] Make You Feel My Love – Adele